

L.F. GONÇALVES

[QUANDO

a queda
quebra

A ALMA]





PERIGOSAS NACIONAIS

QUANDO A QUEDA QUEBRA A ALMA

L.F.GONÇALVES

PERIGOSAS ACHERON

Copyright© 2018 por L.F.Gonçalves

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser utilizada, transmitida ou reproduzida sem a autorização prévia por escrito do autor.

Revisão, diagramação e capa:
L.F.Gonçalves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G635Gonçalves, L. F.

Quando a queda quebra a alma [recurso eletrônico] / L. F. Gonçalves. — Belo Horizonte : L. F. Gonçalves, 2019.
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-85-906759-1-4

1. Ficção. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.3

Todos os direitos reservados a L.F.Gonçalves.
PERIGOSAS ACHERON

Mande um e-mail:

fale.com.lfgoncalves@gmail.com

Siga no Instagram:

insta.lfgoncalves

*Não sabendo que era impossível, foi lá e
fez.*

Jean Maurice Cocteau

*Pior do que não tentar é passar o resto da
vida imaginando como teria sido.*

L.F.Gonçalves

Eternamente grato à minha mãe e ao meu pai pelo apoio incondicional. Embarcaram comigo desde o princípio nessa loucura pelo mundo da literatura. Amo vocês!

Prezado Leitor,

Se um dia desses viéssemos a nos encontrar numa dessas esquinas do mundo e você por curiosidade me perguntasse como foi a experiência de escrever este livro, eu certamente começaria lhe contando o quão prazerosa foi a minha convivência com esse projeto: a concepção da ideia, a criação dos personagens, o desenvolvimento da trama, a oportunidade única de deixar a imaginação correr solta, as deliciosas e inacabáveis brigas com os parágrafos...

Sim... Sem sombra de dúvidas foi uma experiência ímpar! Porém, eu também precisaria compartilhar com você o quanto que esse processo todo foi desafiador e trabalhoso... Desde o pontapé inicial até o ponto final do manuscrito, foram pouco mais de dois anos de muito empenho e dedicação, de persistência e muita transpiração, anos estes de incontáveis dúvidas, de várias e várias horas de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estudos e pesquisas, de noites mal dormidas, de reler e não gostar do que escreveu e de por vezes apagar um capítulo inteiro pra começar tudo de novo... (Sim... as detestáveis e intermináveis brigas com os parágrafos! Acho que já comentei algo sobre isso um pouco mais pra cima, né? ☺)

E se pensa que acabou, está muito enganado! Depois desses pouco mais de dois anos, ainda vieram as numerosas revisões do texto, o moroso registro de direitos autorais, a diagramação do livro, a definição do título, a elaboração da capa e uma infinidade de outras pequenas etapas...

Bom, acho que já deu pra ter uma ideia do esforço e do tempo envolvidos numa tarefa desse tipo!

Dito isso, caríssimo Leitor, gostaria de pedir a você apenas um favor:

♥♥♥ Gostou do livro? Recomende a um amigo!



PERIGOSAS ACHERON

Ah! E se for possível, não se esqueça de deixar um comentário positivo nas redes sociais ou na loja virtual em que adquiriu o seu exemplar.

(Tá bom, tá bom... Eu sei que no final das contas acabei pedindo dois favores, mas foi por uma boa causa! ☺ ☺ ☺)

Viu só? Nem é tão difícil assim ajudar!

Então é isso! Prestigie os autores, indique os trabalhos que você curtiu e contribua para o crescimento da literatura no Brasil!

Agradeço muitíssimo por comprar este livro e por me permitir contar essa história a você!

Boa leitura!

L.F.Gonçalves

Apesar de retratar um mundo bastante verossímil, este livro é uma obra de ficção sem nenhum compromisso com a realidade. Personagens, seus respectivos nomes e características físicas, bem como as situações vivenciadas por eles, são completamente fictícios. Qualquer semelhança entre os

acontecimentos aqui narrados e os fatos da vida real terá sido mera casualidade.

Em nenhum momento o texto contido neste livro expressa a opinião do autor acerca de quaisquer assuntos.

Contents

[QUANDO A QUEDA QUEBRA A ALMA](#)

[Copyright](#)

[Citações de Abertura](#)

[Dedicatória](#)

[Carta do Autor](#)

[Avisos](#)

[Título](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1 – ARTHUR](#)

[CAPÍTULO 2 – VIDA NORMAL](#)

[CAPÍTULO 3 – MAL SÚBITO](#)

[CAPÍTULO 4 – CHOQUE INICIAL](#)

[CAPÍTULO 5 – O GRANDE DIA](#)

[CAPÍTULO 6 – EMPREGANDO O TEMPO](#)

[CAPÍTULO 7 – SUBINDO O NÍVEL](#)

[CAPÍTULO 8 – MAIS CEDO QUE O](#)

[ESPERADO](#)

[CAPÍTULO 9 – VIDA QUASE NORMAL](#)

[CAPÍTULO 10 – SURPRESA](#)

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 11 – TIRANDO OS PLANOS DO PAPEL

CAPÍTULO 12 – ANO NOVO, VIDA NOVA

CAPÍTULO 13 – MAU PRESSÁGIO?

CAPÍTULO 14 – NEGAÇÃO

CAPÍTULO 15 – RETOMADA

CAPÍTULO 16 - RAIVA

CAPÍTULO 17 – INTERNAÇÃO

CAPÍTULO 18 – LONGA RECUPERAÇÃO

CAPÍTULO 19 – NEGOCIAÇÃO

CAPÍTULO 20 – DANÇANDO COM O DIABO

CAPÍTULO 21 – EM BUSCA DE AJUDA

CAPÍTULO 22 – RESGATE DO ESPÍRITO

CAPÍTULO 23 – INESPERADO

CAPÍTULO 24 – PRECIPITADO

CAPÍTULO 25 – DIAS NUBLADOS

CAPÍTULO 26 – RESULTADO

CAPÍTULO 27 – ACEITAÇÃO?

CAPÍTULO 28 – REVELAÇÃO

CAPÍTULO 29 – BRILHO NO OLHAR

CAPÍTULO 30 – PREPARAÇÃO

CAPÍTULO 31 – EVASÃO

CAPÍTULO 32 – PRIMEIROS CONTATOS

CAPÍTULO 33 – DO VIRTUAL AO REAL

CAPÍTULO 34 – VINTE E POUCOS DIAS

CAPÍTULO 35 – BECO SEM SAÍDA

CAPÍTULO 36 – VIRADA DA MARÉ

CAPÍTULO 37 – O GRANDE ENCONTRO

CAPÍTULO 38 – ACORRENTADO

CAPÍTULO 39 – ANTES DE PARTIR

CAPÍTULO 40 – ESCALA EM ANCARA

CAPÍTULO 41 – BUM!

CAPÍTULO 42 – TRAVESSIA

CAPÍTULO 43 – NOVO LAR

CAPÍTULO 44 – ADAPTAÇÃO

CAPÍTULO 45 – FECHANDO O CICLO

CAPÍTULO 46 – INTERSTÍCIO

CAPÍTULO 47 – CARRASCO

CAPÍTULO 48 – REGALO

CAPÍTULO 49 – À ESPERA DO
INEVITÁVEL?

CAPÍTULO 50 – O PEDIDO

CAPÍTULO 51 – A HORA DA VERDADE

CAPÍTULO 52 – BEIJO DE JUDAS

EPÍLOGO (TERROR AO TERROR)

FIM

(Gostou do Livro?)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

QUANDO A QUEDA
QUEBRA A ALMA

L.F.Gonçalves

PERIGOSAS ACHERON

PRÓLOGO

Acordou mais uma vez naquele quarto apertado e abafado. Desejou que essa fosse a derradeira vez que tivesse dormido ali. E realmente seria se tudo o que estava planejado para aquele dia desse certo. Também seria a última se tudo desse errado...

No cubículo de quatro metros quadrados, cabiam a cama de alvenaria, que ocupava toda a extensão de uma das paredes do aposento, uma mesinha de cabeceira provida de duas gavetas, uma bacia cerâmica colocada sobre um tamborete alto de madeira, que juntamente com um jarro d'água não muito avantajado, feito em barro, deixado sob o tal tamborete, fazia as vezes de um lavatório meio improvisado, e, pegado à porta do quarto, um armário em chapas de aço, ao estilo daqueles roupeiros frequentemente encontrados em vestiários, bem mais alto do que largo, uma porta em cima outra embaixo, no qual podia guardar seus

poucos pertences.

Apesar das condições aparentemente modestas, apenas uns poucos indivíduos dentre todos os residentes daquela unidade de instrução tinham o privilégio de não dividirem os alojamentos coletivos com outros integrantes do grupo.

Ainda faltavam alguns minutos para o nascer do sol. Do lado de fora, os autofalantes já entoavam o melodioso e usual chamado para a oração.

Desabrigou-se das cobertas que resguardavam seu corpo do frio ainda meio imoderado que acometia as primeiras noites da primavera naquela região.

Sentou-se no colchão, plantou os pés sobre o chão.

Em vez de fazer funcionar a lâmpada elétrica que pendia do teto por um par de fios, optou por abrir a primeira gaveta do móvel contíguo e valer-se de uma caixa de fósforos para acender o pavio de uma vela. Feito isso, com o lume numa das mãos, andou em direção à pia improvisada.

Já de frente para o conjunto formado por bacia e tamborete, olhou para o espelho diante dele, pendurado na parede por um prego e um pedaço de

arame.

Não mais reconhecia a pessoa ali refletida. Era um rosto magro, de olhos cansados e rodeados por olheiras pronunciadas, de barba alongada e mal cuidada que não via havia pouco mais de cinco meses um aparador ou uma navalha, rosto que em nada lembrava o homem que já tinha sido um dia. Estava tão mudado que não ficaria surpreso se sua própria mãe não o reconhecesse mais. Sua aparência definhada indicava que o fim de fato estava próximo...

Tinha que agir de imediato! Não haveria outra chance! Se não agarrasse aquela oportunidade, se resolvesse adiar por qualquer razão a última etapa de sua empreitada, correria o risco de a sua estada naquele local não ter valido de nada...

Os autofalantes externos àquele cômodo emudeceram.

Despejou então uma boa quantidade de água na bacia. Devolvida a jarra ao lugar de onde a havia retirado, inclinou o corpo para o lado, deu três pingos de cera quente sobre uma das quinas da mesinha de cabeceira e afixou ali a base da vela num movimento rápido.

Molhou o rosto e em seguida os cabelos,

penteando-os para trás com as pontas dos dedos.

Nesse instante percebeu que a luz do sol começava a entrar pela pequenina janela basculante que havia quase junto ao teto do diminuto aposento, mais precisamente a uns oitenta centímetros acima do espelho.

Como tinha abandonado sua toalha de banho no vestiário na noite passada, secou as mãos ainda úmidas na blusa que usava.

Diferentemente dos outros dias, não se encaminhou para o pátio a fim de participar da prece da alvorada. Seguindo as ordens de seu comandante, apenas colocou-se mais ao centro do cômodo e iniciou por ali mesmo, dentro do quarto, quase que por força do hábito, a reza inerente àquele horário.

Vinha desenvolvendo meio que mecanicamente todo o ritual de oração, até que de repente, quando prostrado sobre o piso, substituiu as súplicas que se acostumou a proferir pelas imagens das pessoas que outrora deixara para trás e que foram, e de alguma forma continuavam sendo, tão importantes para ele: o pai e a mãe, o irmão e a irmã, os sobrinhos, os amigos, a noiva tão querida... Sabia, desde que embarcara nessa loucura, que

jamais os veria novamente, que aquele era um caminho sem volta.

A saudade, que andava reprimida pela violência que protagonizara algumas semanas antes, e também pelo pesaroso estado de espírito experimentado por ele nos últimos dias, libertava-se das amarras e agora regressava com tudo! Sentiu os olhos lacrimejarem debaixo das pálpebras, mas segurou a vontade de chorar...

Ali curvado no meio do aposento, viajando nas lembranças e completamente absorvido pelos seus pensamentos, chegou a perder a noção do tempo. Dez, quinze minutos ou talvez até um pouco mais tivessem se passado sem que ele notasse.

Foi quando batidas na porta o trouxeram de volta à dura realidade.

– Tá na hora! – disse alguém pelo lado de fora.
Levantou-se em silêncio.

Vestiu seu agasalho bege de detalhes camuflados.

Calçou suas botinas e, enquanto amarrava os cadarços, ouviu novas batidas na porta.

– Já tô saindo. – respondeu ele.

Sem se apressar, abriu o armário.

Arregaçou para cima a barra direita da calça

que vestia.

Pegou a faca que repousava numa das prateleiras do minguado guarda-roupa, aquela mesma faca que pelas mãos dele já tinha visto algum sangue em sua lâmina, e escondeu-a, inserida em sua bainha de nylon, por dentro do cano da botina, na parte interna do pé. Ato contínuo, cobriu o cabo da arma branca com a barra da calça que havia suspenso.

Tirou do interior do roupeiro o capuz preto, utilizado uma única vez por ele, e ficou ali por alguns segundos segurando-o entre seus dedos. Largá-lo para trás ou levá-lo junto consigo? Não sabia muito bem o que fazer com aquilo...

Sem querer perder mais tempo com uma decisão tão sem importância, simplesmente tacou o tal objeto de tecido que tinha nas mãos dentro do bolso lateral de sua calça.

Tudo pronto para partir!

Catou então sua mochila do chão, abarrotada com suas tralhas, e dependurou-a nas costas.

Imediatamente depois de apagar a chama da vela com a ponta dos dedos, seguiu em direção à porta.

Pousou sua mão sobre a maçaneta, fechou os

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos. Respirou profundamente, como se estivesse a ponto de pular em um abismo.

Vencido o breve momento de autoencorajamento, ciente de que se sacrificaria pelo bem maior, destravou o trinco e puxou a porta.

Mas antes que essa porta seja aberta, é preciso saber quem é esse indivíduo bem como conhecer toda a história que o fez chegar até aqui...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 1 – ARTHUR

Vivia na segunda maior cidade da região sudeste de seu país, capital da província, mas não a da nação. Arthur tinha uma rotina intensa e movimentada, na qual as atribuições de arquiteto consumiam boa parte do seu tempo.

Trabalhava em uma empresa na sua área de formação, com certa liberdade para desenvolver seus projetos em casa. Mesmo assim, frequentava bastante o escritório da firma, principalmente para algumas reuniões semanais que garantiam que ele e todos os seus colegas de setor remassem na mesma direção.

Homem mediano, com pouco menos de um metro e oitenta de altura e de olhos escuros, quase pretos, que no alto de seus trinta e um anos via despontar em seus cabelos lisos, castanhos e sempre muito bem cortados os primeiros fios brancos.

Como não tinha saco para se barbear todos os

dias, seu rosto, com traços retos e bastante masculinos, permanecia tomado por uma barba não muito densa, mantida num tamanho aceitável pelo controle de qualidade a que era submetido nos últimos tempos: as reclamações de Amanda, a namorada. Sempre que ouvia alguma queixa, já sabia que era hora de reduzir o comprimento dos pelos faciais com a maquininha que havia ganhado dela para esse fim.

Tinha o corpo firme, resultado das atividades físicas que fazia questão de encaixar no seu dia a dia “para aliviar a tensão”, como costumava dizer.

Corria pelas ruas do bairro de duas a três vezes na semana, normalmente após as aulas de Krav Maga, que frequentava assiduamente havia mais de uma década. Nem mesmo o frio impiedoso, o calor desanimante ou uma chuva torrencial eram capazes de afastá-lo dessa aula. Passara recentemente à faixa preta de 2º Dan, feito que o deixou ainda mais entusiasmado com essa técnica de combate corpo-a-corpo. Após tantos anos de dedicação, desvencilhava-se sem hesitação dos ataques dos outros alunos, que consideravam sua técnica quase tão apurada quanto a do mestre que lhes ensinava.

Nos demais dias da semana, quando havia

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo e disposição, frequentava a academia para os treinos de musculação. Porém, nada muito intenso... O objetivo não era nem de longe ficar parrudo como um Mister Universo, mas sim manter o corpo são e, principalmente, sentir a endorfina tomar conta de seu organismo logo que encerrada toda a série de exercícios. Realmente gostava da sensação de bem-estar que tal hormônio lhe trazia...

Na grande maioria das vezes, respeitava as sagradas oito horas de sono, sem as quais não se sentia plenamente recuperado do dia anterior. Não era muito preguiçoso, mas não tinha dificuldades para dormir nos finais de semana por nove ou dez horas seguidas.

Preocupava-se sim com a alimentação, porém não a ponto de deixar de comer a carne vermelha ou uma ou outra besteira de que tanto gostava. Tentava evitar frituras e doces em excesso, além de outros alimentos que eventualmente figuravam como vilões da saúde em reportagens da televisão, contudo sem radicalismos. Chegava a se orgulhar dos resultados de seus *check-ups* médicos, que lhe confirmavam anualmente que a glicose, o colesterol, os triglicerídeos e outros tantos nomes complicados estavam dentro da faixa esperada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

De um modo geral, dava-se muito bem com seus pais, apesar das eventuais discórdias passageiras que acometem todas as famílias.

Era o caçula do total de três irmãos. Gabriel, o mais velho, e Teresa, a do meio, já tinham saído da casa dos pais anteriormente para construírem suas próprias biografias. Ambos eram casados, entretanto apenas a irmã havia lhe dado sobrinhos até então, um menino, mais novinho, e uma menina.

Arthur só resolveu abandonar o ninho mais recentemente, quando os pais dele decidiram se mudar para um condomínio fechado um pouco mais afastado do centro da cidade em busca de uma vida menos agitada. Considerando que já tinham criado os filhos e que já se encontravam ambos aposentados, era uma tranquilidade aliás mais do que merecida.

Mas a longa distância que Arthur teria que enfrentar quase todos os dias para manter a rotina com a qual estava acostumado não foi o principal motivo para que quisesse morar só... Sentia ele que era hora de testar sua capacidade de cuidar do próprio nariz, separado dos olhos protetores do pai e dos mimos da mãe.

PERIGOSAS ACHERON

E desde então passou a residir num pequeno apartamento locado, um *loft* para ser mais exato, bem próximo ao endereço em que vivia anteriormente com seus pais. Quarto e banheiro no andar de cima; sala, lavabo, cozinha americana e lavanderia espremidos no andar de baixo. De fato pequeno, no entanto de um tamanho mais que adequado para cumprir aquela aspiração de romper definitivamente o cordão umbilical que perdurava até pouco tempo atrás.

Alguns dias após iniciar essa experiência de sobrevivência, descobriu que as cuecas deixadas no banheiro lá permaneceriam enquanto ele não se dignasse a recolhê-las e jogá-las no cesto de roupas sujas. E o que era pior: as roupas sujas depositadas no referido cesto não mais apareciam como num passe de mágica dobradas e perfumadas dentro do armário... Passou então a dar mais valor aos cuidados da mãe, invisíveis noutras ocasiões e que de repente se tornaram tão evidentes.

O salário de Arthur, que antes podia ser quase totalmente economizado ou gasto com as viagens que tanto gostava de fazer, agora tinha boa parte destinada às suas despesas mensais: aluguel, taxa de condomínio, água, luz, telefone, internet,

alimentação... Daí também ficou bastante claro o esforço do pai, que sacrificou por vários e vários anos um convívio mais próximo com a família para que os filhos pudessem ter uma vida sem maiores dificuldades.

Quis, é verdade, em alguns momentos retornar para o conforto e para as mordomias da casa de seus genitores, mas isso foi só no começo... Estava ele agora completamente adaptado: sabia que não podia mais comprar tudo aquilo que desejasse com a mesma facilidade de outros tempos, dominava com certa desenvoltura as tarefas de limpeza do apartamento e já conseguia passar a ferro uma camisa social em menos de quarenta minutos.

Quando mais novo, Arthur se sentia especial, como se soubesse que algum dia faria algo extraordinário, algo realmente notável que ficaria marcado na história da humanidade: encontrar a cura definitiva de alguma doença, acabar com a fome no globo terrestre, dar fim às guerras ou fazer desaparecer miraculosamente o ódio, o medo e outros sentimentos igualmente dispensáveis...

E quem nunca sonhou quando criança em realizar algo grandioso assim?

Desejos como estes são próprios da juventude,

período da vida em que a imaginação é fértil, corre solta, e frequentemente traz consigo ideias utópicas e devaneios de mudar o planeta.

Entretanto, o passar dos anos lentamente se encarrega de tornar essas vontades fantasiosas em pensamentos cada vez menos recorrentes dentro das mentes. Com o tempo, a inocência dá lugar à coerência, e com Arthur não foi diferente... Todavia, apesar disso, ele sentia em seu íntimo que um dia ainda seria capaz de desempenhar algo verdadeiramente grandioso e transformador. Bastava o momento certo aparecer...

E enquanto esse momento certo não surgia, enquanto aguardava sua oportunidade de revolucionar a história da humanidade, ia ele se contentando com pequenas, porém corretas, atitudes no seu dia a dia. “Fazendo minha parte pra mudar o mundo, mesmo que só um pouquinho de cada vez.” era o que costumava dizer.

Bom... para esse início de conversa, falta apenas relatar como Arthur, o protagonista deste livro, veio a conhecer sua atual namorada, a já citada Amanda.

O encontro dos dois se deu por meio de um ato impulsivo, intrépido e temerário de Arthur que

poderia ter resultado numa verdadeira tragédia, mas que por uma boa dose de sorte acabou por ajuntar o destino dele ao dela...

Foi mais ou menos assim:

Num certo dia, mais precisamente numa terça-feira, coincidência ou não naquele exato dia, Arthur ficou preso no escritório da empresa em que trabalhava até bem depois de encerrado o horário de expediente. Seu chefe raramente lhe solicitava horas-extras, no entanto a combinação de prazos apertados com excesso de serviço exigiu tal excepcionalidade naquela terça-feira específica.

Como se já não bastasse o período adicional no serviço, saindo de lá em sua moto, descobriu ele alguns quarteirões para frente que o trânsito de volta pra casa, que já era ruim na grande maioria dos dias, estava simplesmente caótico! Tudo culpa de um acidente que bloqueou quase que totalmente o principal acesso para a região onde morava, represando os veículos naquele setor de cunho mais comercial da cidade.

Fazer o quê, né? Teve que aguardar pacientemente por mais de quarenta minutos a sua vez de passar. Se estivesse de carro, com certeza gastaria mais de uma hora para vencer o tal

gargalo.

Pelo menos o restante do caminho se achava mais esvaziado de tráfego. Menos pior...

Apesar do esforço para abreviar ao máximo o tempo de retorno, acabou chegando tarde em sua residência. Passava e muito das nove e meia da noite e, pelo horário, sabia que havia perdido o seu treino de luta. Normalmente frequentava a turma de Krav Maga que se iniciava às dezenove horas, e a última aula, opção a que recorria em dias mais apertados como aquele, encerrava-se por volta das vinte e uma. Chateado, decidiu ao menos manter a corrida de rua, mesmo com o céu meio fechado e indicando que poderia vir por aí uma boa chuva.

Enquanto comia um pedaço de pão com margarina, trocou a roupa de trabalho por uma mais adequada, e, assim que ficou pronto, prendeu seu *MP3 Player* na cintura da bermuda, passou os fios dos fones de ouvido por dentro da blusa e saiu de casa.

Fones plugados nos ouvidos, ao som de uma *playlist rock-and-roll* com sucessos do final dos anos 1990, vinha Arthur atravessando já havia algum tempo as ruas do bairro que conhecia tão bem. Embora sentisse os primeiros pingos de chuva

atingindo o seu corpo, resolveu continuar firme com seu exercício pela avenida em que se achava, como se tivesse a obrigação de compensar sua ausência no Krav Maga.

Devido ao horário, não havia mais o costumeiro alvoroço: lojas fechadas, calçadas desérticas e pouquíssimos carros trafegando pelas vias públicas. Arthur gostou da sensação de ser o “dono da rua”, pois não tinha que se preocupar com o zigue-zague constante que era obrigado a fazer para se desviar das pessoas que invariavelmente bloqueavam o seu caminho em outras horas mais movimentadas.

E, para a felicidade do corredor solitário, o pé-d'água que ameaçou cair acabou que não vingou. A nebulosidade que reinava no céu aos poucos se dissipou. O leve borrifo que veio a se desprender das nuvens cessou rapidamente e nem sequer chegou a umedecer as roupas que Arthur trajava ou a molhar os passeios por onde ele transitava.

Minutos mais tarde, quando as pernas começaram a ficar cansadas, iniciou o trajeto de volta para casa.

E daí, coincidência ou não, uns bons quarteirões depois, já nas adjacências de seu

apartamento, Arthur percebeu, a cerca de cem metros à frente de onde estava, uma moça que ia caminhando no mesmo sentido no qual ele se deslocava. Daquela distância, notou nela apenas os longos cabelos que ultrapassavam o meio das costas, uma bolsa apoiada no lado direito do corpo, sustentada por uma longa alça colocada sobre o ombro do lado oposto, e o andar apressado.

Arthur constatou logo em seguida que aquela mulher não era a única criatura a quebrar a solidão de sua corrida. Outras duas pessoas, dois homens melhor dizendo, também seguiam pelo outro lado da rua.

Subitamente, estes dois indivíduos atravessaram a faixa de asfalto e alcançaram a calçada por onde caminhava a figura feminina.

Nesse momento, Arthur teve o pressentimento de que algo muito ruim estava para acontecer, pressentimento esse que seria confirmado instantes depois pelo grito da moça ao ser abordada.

O brado alto e estridente foi rapidamente abafado pela mão de um dos abordantes.

Arthur não podia simplesmente dar meia-volta e ignorar o fato que adiante se desenrolava! Tinha plena consciência de sua desvantagem numérica,

por outro lado estava cansado da violência que volta e meia interrompia a mansidão daquela região da cidade e que vinha comprometendo a segurança do bairro.

Tinha que fazer alguma coisa! E fez...

Embalado pela música “*My Hero*” da banda Foo Fighters que começava a tocar em seus ouvidos, Arthur acelerou sua passada para vencer os quase cinquenta metros que ainda o separavam da donzela em perigo.

Estava aberta uma espécie de contagem regressiva!

Quarenta e cinco metros restantes. Enquanto um dos malfeitores segurava a vítima por trás com o braço esquerdo e tapava a boca dela com a mão direita, o outro, pela frente, tentava se apropriar da bolsa. Trinta metros. A mulher se debatia e segurava instintivamente os seus pertences; o homem esbravejava que a bolsa lhe fosse cedida. Vinte metros. A moça solta a bolsa, mas a alça continua presa ao seu corpo; o bandido da frente, bastante afobado com o prolongar da situação, saca da cintura uma pequena faca. Dez metros. O homem corta a alça da bolsa e levanta a lâmina em direção ao rosto de sua vítima. Cinco metros! Os

PERIGOSAS NACIONAIS

marginais finalmente escutam a aproximação de Arthur e giram suas cabeças rumo ao barulho proveniente das passadas rápidas do interventor.

Mas não havia tempo para mais nada!

Arthur, na velocidade em que vinha, saltou e esticou as duas pernas na direção do portador da faca, acertando contundentemente a região do tórax daquele camarada.

TUM!

O homem atingido voou por aproximadamente dois metros e seguiu rolando sobre a calçada.

O ruído da arma branca batendo contra o piso de cimento chamou a atenção do outro bandido, que imediatamente empurrou a moça para o lado e pegou do chão, caído próximo à bolsa da vítima, o objeto cortante.

– Resolveu dar uma de herói? Agora vai sair furado! – alertou o segundo assaltante.

Ofegante, Arthur se virou para o novo oponente e adotou uma posição defensiva. Mãos espalmadas na altura do queixo, braços ligeiramente flexionados, olhou fixamente para o bandido, concentrando-se na postura corporal daquele indivíduo.

Após estudarem-se por alguns instantes, o

PERIGOSAS ACHERON

meliante repentinamente deu um passo à frente, girando o braço de fora para dentro na tentativa de fazer um rasgo no peito de seu adversário.

Numa reação instantânea e quase automática, Arthur deu um passo lateral, esquivando-se daquela primeira investida.

Na sequência, veio o segundo ataque do assaltante, agora no sentido contrário, que foi bloqueado por ambas as mãos de Arthur.

Ato contínuo, Arthur segurou o punho do sujeito com a sua mão direita e trançou o seu membro superior esquerdo em volta do braço do adversário até alcançar e segurar o próprio pulso direito: a alavanca estava pronta. Forçou então o sujeito para trás com um ágil movimento de corpo até derrubá-lo de costas no chão.

Seguiu fazendo força até tornar insuportável a dor causada pela tal alavanca, o que obrigou o bandido a soltar o cabo da lâmina. Desarme concluído, Arthur soltou uma de suas mãos e golpeou duramente o rosto do oponente, que prontamente restou desacordado.

O primeiro homem, que acabava de se colocar de pé, ao presenciar a destreza de Arthur, não pensou duas vezes: deixou para trás o seu comparsa

e fugiu em disparada.

– Nossa! Você é maluco! – exclamou a moça ao seu defensor, ainda atônita com a situação. – Você poderia ter se machucado com essa faca!

De fato Arthur sabia que tivera muita sorte ao desarmar aquele homem. Apesar de tantos anos de treinamento de luta, numa circunstância como essa tudo realmente poderia acontecer, inclusive acabar com um ou mais novos buracos ao longo de seu corpo.

Arthur se reergueu esbaforido, desplugando a ponta direita do *headphone* que milagrosamente, depois de toda aquela ação, ainda remanesceu em seu ouvido. Após chutar a faca para o meio da rua, declarou ele trazendo na voz um tom levemente arrependido:

– Acho que quebrei o braço desse aqui...

– Estou certa de que esse vagabundo merecia muito mais que isso! – disse ela tentando confortá-lo. – Aliás, meu nome é Amanda... Muito obrigada pela ajuda!

– Aposto que faria o mesmo por mim se eu estivesse nessa mesma situação... – brincou ele. – Meu nome é Arthur, prazer em conhecê-la. – anunciou oferecendo a mão à donzela que ainda

estava sentada no chão.

Enquanto a ajudava a se levantar, Arthur pôde reparar mais detalhadamente na airosa moça que acabara de salvar.

Ficou encantado com o que via: olhos de um castanho claro ornados por sobrancelhas bem desenhadas, nariz levemente arrebitado, boca delicada. Pele alva, mas nem tanto. Cabelos ligeiramente ondulados, também acastanhados, algo desarrumados em decorrência da situação extraordinária, partidos ao meio e parcialmente presos atrás das orelhas.

De pé, a jovem mulher de vinte e três anos de idade e um metro e sessenta e cinco de altura, que trajava uma blusa branca de decote discreto e estampa abstrata, calça jeans justa, acinzentada, e sandália rasteirinha prateada, aparentava ter um corpo esbelto, de formas graciosas, capaz de atíçar a imaginação de qualquer marmanjo.

Se a bravura de Arthur nesta feita se comparava à dos príncipes mais audazes dos desenhos animados da Disney, a beleza de Amanda certamente se equiparava à das princesas desses mesmos contos de fadas...

Vencido o breve momento de

deslumbramento, Arthur recomendou:

– Vem, Amanda... Vamo embora daqui! – disse ele ciente de que o meliante nocauteado sobre o piso não levaria muito para recobrar os sentidos.

Bolsa recuperada do chão, escafederam-se do lugar.

Num ato de cavalheirismo, Arthur acompanhou Amanda até em casa, local para o qual a moça se encaminhava antes de ser atacada.

Defronte ao prédio onde ela morava, que a propósito ficava bastante próximo ao edifício em que ele residia, após alguns segundos de um silêncio desconcertante, Arthur deu um sorriso que logo se transformou numa exuberante e demorada gargalhada.

– O que foi? – perguntou Amanda diante daquela cena, sem entender direito o que se passava.

– Acabou que não perdi meu treino de Krav Maga...

Coincidência ou não, foi assim que se conheceram...

E no dia seguinte a todo esse acontecimento, um telefonema tímido de agradecimento. Quatro dias depois, durante o fim de semana, um convite

despretensioso feito por ela para um cafezinho no meio da tarde, meio que num clima de retribuição, como se Amanda se sentisse na obrigação de recompensar Arthur de alguma maneira por ele ter intervindo tão heroicamente no destino dela.

E o que era despretensioso foi aos poucos mudando de figura... Mensagens cada vez mais frequentes entre eles, encontros toda semana. Interesses florescentes, brilho nos olhos, vontade crescente de estarem juntos. Resumindo, engajaram-se num namoro que segue firme há mais de dois anos. Arthur, mesmo após tanto tempo de relacionamento, ainda se envergonhava quando a namorada, após um suspiro orgulhoso, referia-se a ele por “meu herói” na frente dos outros, numa clara referência à música que Arthur já confidenciara a ela tocar em seu *MP3 Player* na ocasião do valoroso salvamento e, preponderantemente, num eterno e reiterado gesto de gratidão pela intervenção propriamente dita. Sinceramente, ele até não se importava com essa forma carinhosa pela qual era tratado por ela, desde que não houvesse por perto nenhum tipo de plateia...

Pronto! Agora que o relato deste tão corajoso

PERIGOSAS NACIONAIS

ato foi finalizado e que alguns dos principais personagens já foram apresentados, é hora de iniciar a epopeia de Arthur.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 2 – VIDA NORMAL

Ficou em casa naquela quinta-feira, assim como havia combinado com seu chefe no dia anterior. Queria um pouco da quietude do lar para adiantar o projeto a que vinha se dedicando nas últimas semanas: um hotel de alto padrão a ser construído na região mais valorizada da cidade. Não que no escritório da empresa não conseguisse certa tranquilidade, mas lá acabaria sendo interrompido mais do que gostaria, principalmente por um de seus colegas que adorava jogar conversa fora e xeretar as suas atividades.

Tinha uma prancheta de desenhos em um dos cantos do quarto, na qual gostava de dar os primeiros rabiscos de cada trabalho em que se envolvia. Na verdade, não só os primeiros... Mantinha cada um de seus projetos ali até encontrar uma forma que lhe agradasse.

Arthur sabia que esse processo era muito mais trabalhoso... Poderia economizar um bom tempo se

fizesse seus esboços direto na tela do computador! Nada porém substituíra a sensação de liberdade que lhe proporcionava o contato do grafite com as folhas de papel.

Após várias horas seguidas de empenho, interrompidas apenas para fazer um lanche ligeiro e também para algumas visitinhas ao banheiro, teve certeza de que finalmente obteve o desenho perfeito. Não tinha como aquela proposta ser recusada! Tudo que havia sido solicitado nas intermináveis reuniões com os clientes estava lá: “imponência, modernidade e arrojo”.

Admirou por alguns instantes o resultado de seu esforço...

Era chegada a hora de acionar o seu computador de última geração, comprado especialmente para manipular imagens e rodar softwares de modelagem 3D. Não que Arthur se ligasse em equipamentos sofisticados e dispendiosos, mas aquela máquina, juntamente com seu monitor gigante que lhe custou os olhos da cara, realmente tornava a tarefa mais suave e agradável, diferentemente do antigo PC que travava constantemente, sobrecarregado com os programas pesados que precisava utilizar. Decerto não tinha

mais saudade das frequentes reinicializações do velho companheiro.

Logo que colocou os papéis sobre a escrivaninha onde ficava o computador, escutou seu celular tocando. Pelo som de sirene de polícia que o aparelho emitia, já sabia quem era, mas mesmo assim conferiu o visor do telefone: “AMANDA”.

Atendeu a ligação:

– Oi, meu amor! – disse ele todo meloso.

Aparentemente desinteressada na etapa inerente aos cumprimentos, e deixando transparecer em sua voz uma dose de zanga e uma pitada de pressa, a moça foi logo tratando de abreviar a conversa:

– Cadê você? – indagou ela.

Só então Arthur percebeu que horas eram...

Estava mais que atrasado! Quando se concentrava demais em alguma atividade, ele frequentemente perdia a noção do tempo. Aliás, não se desligava apenas do tempo, mas também do mundo todo à sua volta. Não raro, chegava até mesmo a se esquecer de beber água ou de se alimentar em situações como aquela...

– Vou só calçar o tênis e já tô saindo de casa.

Daqui a pouquinho tô aí! – retrucou ele todo afobado.

Mentira. Arthur estava sentado em frente ao computador de pijama, o mesmo pijama com o qual acordara e tinha passado o dia inteiro se sujeitando ao trabalho.

Encerrado o telefonema, deu ele um pulo da cadeira e correu para se arrumar.

■ ■ ■ ■ ■

Ao chegar de carro em frente ao prédio da namorada, Arthur percebeu prontamente que ia levar uma bronca daquelas caprichadas: a cara de Amanda, que já aguardava por ele junto ao portão, refletia todos os seus vários minutos de atraso. Daí, enquanto a moça dava a volta por trás do automóvel, Arthur, na esperança de amolecer o coração da donzela embravecida, e quem sabe ganhar um beijinho ainda por cima, virou o rosto na direção do banco do carona, fechou os olhos, fez um biquinho com a boca e aguardou o embarque da namorada.

Escutou a porta do carona se fechando e nada de lábios nos lábios. Continuou Arthur por alguns

segundos ali parado feito uma estátua e... nada! Abriu então um dos olhos e viu Amanda ostentando uma feição enfuriada.

– Aposto que não ia só calçar o tênis! – esbravejou ela.

– Amor, o trânsito tava muito intenso no caminho pra cá... – explicou ele já sabendo que a desculpa não ia colar.

– Mesmo que todos os carros da cidade estivessem parados entre os quatro quarteirões que separam as nossas casas, você, ainda assim, não teria demorado tanto!

Arthur seguiu tentando domar a fera, dessa vez com um elogio:

– Nossa! Você está linda hoje!

– E você tá muito atrasado! Todos já devem ter chegado lá! – continuou ela com a bronca, ignorando os enaltecimentos meramente distrativos do namorado.

Arthur às vezes não conseguia entender o que se passava na cabeça da namorada. Quando chegavam aos compromissos nos horários marcados, bronca: “somos sempre os primeiros a chegar e agora teremos que esperar os outros”. Daí quando iam chegar atrasados, mais bronca!

Mulheres...

Seguindo firme com a estratégia da distração, Arthur perguntou:

– Será que esse bar é legal?

Depois dessa, Amanda até tentou sustentar a fachada zangada, mas não conseguiu. Após escutar um questionamento tão descarado do namorado, um sorriso imediatamente surgiu.

– Você tá tentando mudar de assunto, né!

– Eu? Imagina! – retrucou Arthur na maior cara de pau. – Como pode concluir uma coisa tão absurda dessas?

– Primeiro porque você sempre tenta mudar de assunto pra se livrar dos meus discursos... Segundo porque já fomos nesse bar mais de mil vezes e você já sabe que é legal, seu sem-vergonha!

Caíram então os dois na gargalhada.

E era essa uma das coisas que Arthur mais admirava na namorada. As pouquíssimas desavenças que ocorriam entre eles eram rapidamente superadas por uma boa risada. Ele fazia suas brincadeiras para interromper as brigas e ela acabava se deixando contagiar pelo bom humor que o namorado aventava.

Arthur finalmente ganhou seu beijo.

– Vamo, amor. Arranca esse carro aí!

■ ■ ■ ■ ■

Chegando ao local combinado, logo avistaram um casal acenando para eles de uma das mesas. Retribuíram o gesto e dirigiram-se até lá.

O lugar estava cheio como de costume. Além das mesas completamente tomadas, várias pessoas estavam de pé próximas ao balcão do bar. Uma coletânea de sucessos musicais do início dos anos 1980 tomava conta do salão, acompanhada do burburinho de dezenas de vozes e do som de algumas gargalhadas menos comedidas. De tempos em tempos, ainda era possível escutar o barulho das bolas de bilhar batendo umas contra as outras, som proveniente das mesas dispostas no fundo do recinto para o referido jogo.

Várias televisões distribuídas pelas paredes completavam o ambiente. Como naquela noite não seriam disputados jogos da primeira divisão do campeonato nacional de futebol, eram exibidos nos aparelhos canais diversos da TV a cabo.

– Oi, gente! Tudo bem? – disse Amanda assim que ela e Arthur se aproximaram dos amigos. –

Desculpem o atraso... – completou fuzilando o namorado com os olhos.

Todos se cumprimentaram alegremente, como grandes amigos que realmente eram. Arthur conhecia Daniel desde as épocas de colégio. Já Amanda conhecia Michele desde criancinha. Moraram as duas no mesmo prédio durante anos, até que Michele e os pais tiveram que se mudar para o outro lado do país.

Arthur e Amanda eram os responsáveis por aquele casal existir. Tempos atrás, quando Michele voltou a morar na cidade, apresentaram-na para Daniel num encontro meticulosamente planejado para essa finalidade.

– Onde estão Barbara e Victor? – perguntou Amanda.

– Ainda não chegaram, mas já devem estar quase aqui... – respondeu Michele.

Arthur aproveitou a deixa:

– Viu só, amor? Tem mais gente que se enrola com os calçados na hora de sair de casa! – brincou ele.

Amanda fez uma cara de deboche acompanhada de uma língua para o namorado.

– Pode ser o trânsito também, né? – continuou

Amanda com a zombaria.

Sentaram-se todos.

– E aí, o que vão beber? – perguntou Daniel.

– O mesmo que a Michele. – respondeu Amanda, após analisar o drinque da amiga, que parecia uma mistura de frutas vermelhas com vodka.

Arthur olhou para a caneca do amigo e não gostou do que viu: cerveja. Não entendia como que uma pessoa podia ter prazer em beber algo tão ruim quanto aquilo. Tinha convicção de que aquela bebida amarga só fazia sucesso por causa do teor alcoólico nela contido.

– Vou de refrigerante mesmo. Afinal de contas, estou de carro. – disse Arthur referindo-se à proibição de dirigir alcoolizado.

– Como Michele e eu estamos de táxi, não teremos esse problema hoje! – retrucou Daniel levantando a caneca para o ar.

De fato, Arthur se esforçava bastante pra fazer sempre a coisa certa, e não se embriagar enquanto dirigia era uma delas. Frequentemente tomava parte quando alguém, mesmo que com pequenas atitudes, não contribuía para uma vida harmoniosa em sociedade, como parar o carro indevidamente em

vagas destinadas a pessoas com deficiência ou atirar uma simples bituca de cigarro no chão. Valores como honestidade, moralidade e respeito ao próximo eram suas características marcantes, resultado da boa educação que recebeu de seus pais. Não raro, porém também não muito frequente é verdade, era possível vê-lo ajudando seus semelhantes, engajado em uma ou outra ação de voluntariado. Claro que não era nenhum santo, porém se empenhava ao máximo para servir de exemplo positivo e inspirar outras pessoas a também viverem de forma íntegra e reta. Não tinha o hábito de julgar, mas costumava se colocar no lugar do outro antes de fazê-lo. E se após um exame mais abrangente da situação chegasse a um veredicto condenatório, lá ia ele interferir de novo... E o mais importante: tudo isso, sem perder a simpatia e o bom humor que sempre trazia com ele.

– Meu namorado não é lindo, gente? Tão certinho! Ele é incapaz de fazer alguma coisa errada. – elogiou Amanda toda orgulhosa.

Não satisfeita, a moça continuou com a rasgação de seda:

– Fazendo sua parte pra mudar o mundo, né, meu bem? – disse ela em alusão ao lema que com

bastante frequência ouvia da boca do seu namorado. – Por isso que você é o meu herói!

Arthur sabia que Amanda realmente valorizava a conduta correta dele, mas pensou que ela poderia ter economizado a última frase. Às vezes chegava a se perguntar se a namorada não usava esse lance de “herói” na frente dos amigos só para deixá-lo sem graça...

Nesse exato instante, chegou o casal mais atrasado da noite para salvar Arthur do constrangimento: Victor, que por alguns anos foi colega de trabalho de Arthur, e sua esposa Barbara. Reiniciou-se então o ritual de abraços, beijos, sorrisos e apertos de mãos.

Sentaram-se todos.

– Agora que estamos todos aqui, o que acham de pedirmos um negócio diferente pra comer dessa vez? – propôs Daniel.

– Ótima ideia! Vamos variar um pouco hoje! – respondeu Victor já levantando a mão para chamar a garçonete.

“Um negócio diferente pra comer”... Esse era o código secreto daquelas pessoas naquele bar. Não importava quantas vezes fossem àquele local, sempre pediam a mesma coisa após esse

comentário: costelas de porco assadas com o molho especial da casa e batatas fritas para acompanhar. Não se cansavam nunca de comer tal iguaria do cardápio.

Pedidos feitos, puseram-se a jogar conversa fora...

A televisão que pendia próximo à mesa do grupo de amigos passava o noticiário internacional de um renomado canal dedicado ao jornalismo. A imagem que nela surgiu chamou a atenção de Amanda.

– Amor, você viu o que esses caras fizeram hoje? – perguntou ela ao namorado, enquanto apontava para a TV.

O gesto de Amanda chamou a atenção de todos na mesa, que imediatamente se calaram e voltaram seus olhares na direção da tela do aparelho.

Arthur ainda não sabia a o que ela se referia. Não teve tempo de se colocar a par do que acontecia no planeta naquela quinta-feira, pois passara o dia inteiro enfurnado dentro de casa, desconectado, dedicando-se exclusivamente às linhas do seu projeto arquitetônico.

As imagens mostravam três homens

totalmente vestidos de branco e com as mãos aparentemente amarradas nas costas sendo colocados de joelhos, de frente para a câmera que registrava a cena. Outras três pessoas vestidas com camisas pretas, calças de motivos camuflados, ao estilo militar, e rostos cobertos por toucas também na cor preta, que deixavam à mostra apenas seus olhos, permaneciam de pé logo atrás dos homens ajoelhados.

— Fizeram de novo, né? — complementou Daniel deixando de olhar para o aparelho televisor.

Sim, de novo... Daniel estava coberto de razão! Não era a primeira vez que vinha a público algo do tipo. Aliás, no último quinquênio, esse mesmo modo de agir já esteve presente em diversos outros vídeos divulgados através da internet e dos jornais televisivos.

Entretanto, apesar de retratar um ato um tanto frequente, os vídeos mais recentes eram um pouco diferentes. Os protagonistas não eram mais os de sempre. Tratava-se agora de uma facção terrorista que, pelo abuso da violência, ganhava destaque na mídia internacional naquele ano corrente. Um grupo fundamentalista mais ativo e ainda mais agressivo que seus predecessores, que se aproveitou

do enfraquecimento de outros organismos radicais na região do levante, principalmente no Iraque e na Síria, para insurgir e se estabelecer por ali. Nada mais daquelas afamadas e temidas organizações extremistas de cunho religioso de outras épocas. Depois que tiveram suas principais fontes de renda cortadas e líderes presos ou executados, estas se achavam decadentes e praticamente superadas. O foco agora era outro, o nome a suscitar o medo à mente das pessoas dessa vez era Ofensiva Radical Islâmica ou simplesmente IRON, sigla derivada da língua inglesa pela qual o grupo ficou conhecido no mundo todo.

Ao contrário dos demais amigos que já retomavam os assuntos anteriores entre eles, Arthur permaneceu olhando fixamente para a tela. Ele já podia prever o que estava por vir, mas, mesmo assim, não deixou de acompanhar o desenrolar das imagens. Não conseguia ficar indiferente nem ignorar o que seria exibido a seguir: mais três execuções impiedosas perpetradas por aquela nova organização fundamentalista.

O homem que estava de pé no centro do vídeo tirou uma faca da cintura e apontou-a em direção à câmera. Pelo movimento de seu maxilar, por

debaixo da touca que encobria seu rosto, percebia-se que o sujeito dizia alguma coisa. Em uma tarja vermelha posicionada no canto inferior da imagem, lia-se: “Países que não atenderam às exigências da IRON veem seus cidadãos serem executados nesta quinta-feira”.

O indivíduo seguia firme com o seu discurso. Em um dado momento, a faca que era apontada para a câmera, posicionou-se junto ao pescoço do indivíduo ajoelhado bem à sua frente. Ao mesmo tempo, os outros dois homens de capuz fizeram o mesmo.

Os prisioneiros não demonstravam qualquer reação.

Mais algumas palavras do encapuzado e, num movimento sincronizado, iniciaram a degolação.

Nesse momento, a imagem foi propositalmente desfocada pelo canal de notícias, no entanto ainda foi possível perceber os três corpos caindo sem vida no chão.

Ao notar o fim da reportagem, Amanda não se aguentou:

– Como podem fazer algo tão brutal assim, né? – comentou ela com Arthur, fazendo uso de um tom levemente indignado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Como eram capazes de tamanha crueldade? Aqueles prisioneiros friamente assassinados certamente tinham famílias! Tentou ela imaginar em seguida o sofrimento das mães dos degolados quando vissem aquela carnificina, se é que já não tinham visto.

– Será que ninguém vai parar esses caras? – rematou ela na sequência.

Sim... Isso de fato tinha que acabar. Mas como?

Um conjunto de países até já vinha empreendendo uma série de ações militares para levar a cabo essa que era atualmente a principal organização a semear o terror no cenário internacional. Todavia, apesar dos esforços realizados, apesar das baixas causadas ao inimigo, parecia que a ameaça crescia irrefreavelmente, como a escuridão que avança célere pelo céu com o pôr do sol e a chegada da noite. Um maluco se explodia com uma bomba e dois novos surgiam em seu lugar dispostos a fazerem o mesmo.

Como que tanta gente podia ser atraída por uma causa que não dialoga e que impõe seus objetivos através do sangue de inocentes?

Por mais que não fosse a primeira vez que

PERIGOSAS ACHERON

presenciasse esse tipo de atrocidade, Arthur ficou extremamente impressionado com o que viu. Tão impressionado que, embora as imagens da tevê houvessem sido desfocadas, conseguiu ele enxergar nitidamente através de sua imaginação o sangue abandonando às golfadas os pescoços daquelas três vítimas...

E a tal ilusão lhe foi tão vívida, que Arthur, pouco depois, chegou a se sentir ligeiramente nauseado... Ou teria essa náusea alguma outra explicação? Vai saber...

Certo é que, importunado pela odiosa sensação, decidiu jogar uma água no rosto para se recuperar.

Levantou-se e, sem falar nada com Amanda, dirigiu-se ao banheiro, que ficava nos fundos da casa próximo às mesas de bilhar.

Entrou pela porta do toalete e caminhou até uma das pias que havia por lá. Abriu a torneira, molhou as mãos e esfregou-as contra o rosto.

Ficou olhando por alguns segundos a água escoando pelo ralo enquanto respirava pausadamente.

Queria apagar da memória tudo aquilo que vira e também o que imaginara ter visto minutos

antes, porém sem sucesso. As imagens das execuções, que insistiam em ecoar na sua mente, juntaram-se a outras igualmente apavorantes: aviões mergulhando em arranha-céus, explosões em templos de oração, fuzilamentos de pessoas em pontos turísticos, bombas em transportes coletivos...

De repente, Arthur foi afrontado pela dúvida da namorada de instantes atrás: *Como poderiam fazer algo tão brutal assim?*

Ele não compreendia o que motivava alguns homens, e também mulheres, a agirem daquela forma. Como que um sujeito podia em sua consciência passar uma faca tão impiedosamente na garganta de outro? Poderia existir no mundo uma razão que justificasse tamanha desumanidade?

A única explicação que veio à mente de Arthur era a de que a maldade, em maior ou menor grau, fazia parte da natureza das pessoas. Em alguns indivíduos era possível percebê-la mais a florada, incontida, incontável; noutras, permanecia escondida, muito bem guardada, manifestando-se de maneira mais velada, porém sempre lá, sempre presente, latente, pronta para no momento oportuno dominar o ser racional e

transformá-lo num verdadeiro animal.

Incomodado com essa conclusão, questionou-se Arthur se chegado esse momento seria ele próprio capaz de tornar-se irracional...

Preferiu não seguir com o raciocínio. Jogou mais um pouco de água no rosto e fechou a torneira da pia. Puxou duas folhas de papel toalha do *dispenser* pregado na parede bem à sua frente. Secou primeiramente suas mãos, e, logo em seguida, aproveitando as folhas parcialmente umedecidas, enxugou sua face.

Já se sentindo um pouco melhor, embolou o papel molhado e jogou-o no lixo. Deixou o banheiro e retornou para a namorada e os amigos.

Amanda, com uma expressão de preocupação, encarou Arthur se aproximando da mesa.

– O que foi, amor? – questionou ela.

– Nada...

– Mas você está pálido! O que houve? – insistiu a moça.

– Nada de mais, não se preocupe. – respondeu o namorado após sentar-se ao lado dela.

Amanda apoiou a mão sobre a de Arthur, deu-lhe um beijo no rosto e completou:

– Então vamos comer! Nosso pedido acabou

de chegar!

■ ■ ■ ■ ■

Assim que a garçonete deixou a conta sobre a mesa, Victor prontamente colocou-se a conferir a fatura. Fazendo uma careta ao ver o valor total, ativou a calculadora do seu celular para saber o valor devido por cada um dos casais.

E toda vez era assim... Victor, que tinha a fama de mão de vaca da turma, sempre fazia as divisões para garantir que não pagaria um centavo a mais do que ele e Barbara houvessem consumido.

Os amigos habituados àquilo, já se divertiam com a situação.

– Não se esqueça de considerar o número de costelas que cada um comeu! – zombou Daniel.

Os companheiros riam sem moderação enquanto Victor fazia uma cara de compenetrado.

– Isso eu vou fazer. Só não conseguirei mesmo é considerar o número de batatas fritas que cada um comeu porque perdi a contagem no meio da noite...
– respondeu Victor mostrando um guardanapo todo rabiscado.

O silêncio imediatamente tomou conta da

PERIGOSAS NACIONAIS

mesa e todos voltaram seus olhares curiosos para o pedaço de papel, no qual podia-se ler o título “Batatinhas”, as iniciais dos nomes dos três casais ali presentes de um lado e vários riscos de caneta enfileirados do outro.

Ficaram todos perplexos, boquiabertos por um instante admirando o nível de controle a que chegara Victor conduzido pelo seu pão-durismo característico. Não podiam acreditar naquilo que viam!

Victor seguiu com o ar de seriedade enquanto pôde, até que não se aguentou mais:

– Tô brincando! Fiz esses escritos lá em casa e trouxe o guardanapo no bolso pra fazer hora com a cara de vocês! – disse ele caindo na gargalhada.

Barbara deu um tapinha no braço do marido. Ela já estava ficando meio que sem graça com a atitude sovina e extremada perpetrada pelo seu esposo. Conhecia bem esse jeitão unha de fome do cônjuge, mas anotar secretamente a quantidade de batatas que cada um comeu seria constrangimento de mais para ela suportar!

– Seu bobo! Quase acreditei nesse seu guardanapo! – disse ela com um tom de certa forma aliviado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Após encerrada a última risada coletiva da noite, deixaram o dinheiro dentro da caderneta da conta e dirigiram-se para a saída do estabelecimento.

Do lado de fora, despediram-se todos.

Barbara e Victor logo se encaminharam para o carro deles que estava estacionado do outro lado da rua.

Ao se lembrar que Daniel e Michele estavam de táxi, Arthur estendeu o braço e puxou o amigo pela blusa.

– Vamo gente, deixo vocês em casa!

Os quatro se dirigiram para o carro de Arthur que estava parado praticamente em frente ao bar.

Arthur tirou do bolso o controle remoto do veículo e desativou o alarme. Ato contínuo, deu uma corridinha para abrir a porta para a namorada.

Ao ver a cena que se desenrolava diante dele, Daniel não se aguentou e teve que debochar:

– Não parou até hoje com essa “breguice” de abrir a porta do carro pra Amanda?

– Você sabe, né... – respondeu Arthur aproveitando a deixa. – Esses dedos cheios de anéis e unhas compridas sempre acabam arranhando a pintura do carro. Melhor não arriscar!

PERIGOSAS ACHERON

Amanda e Michele fecharam a cara simultaneamente ao perceberem que o príncipe de modos tão educados tinha virado sapo após aquela piada sem graça. Já os dois companheiros das épocas de escola riram como dois adolescentes daquela bobagem.

Com os dois casais já dentro do carro, Arthur deu a partida no motor. Porém, antes de liberar o freio de mão, virou-se para os outros três e disse com um sorriso no canto da boca:

– Não sei o que vocês pensaram lá na mesa do bar, mas eu tenho quase certeza que aquela contagem de batatas do Victor não era brincadeira...

■ ■ ■ ■ ■

No dia seguinte, Arthur acordou mais cedo que o habitual. Queria, naquela sexta-feira, construir boa parte da maquete eletrônica do seu projeto no computador. Se fizesse isso, ficaria com o final de semana totalmente livre das chateações do trabalho.

Desceu as escadas que ligavam o quarto até a sala e seguiu para a cozinha. Lá, abriu a geladeira e

percebeu que ela estava ainda mais vazia do que o de costume.

Droga... Supermercado hoje à noite!, pensou.

Tirou o leite de dentro do refrigerador e misturou-o numa tigela a uma quantidade generosa de seu cereal matinal favorito. Era o melhor e mais rápido café da manhã que sabia preparar. Não tinha tempo a perder. Quanto antes começasse, maiores as chances de cumprir as tarefas que planejava para aquele dia.

Enquanto comia, aproximou-se do seu celular, que repousava sobre a bancada cinza-chumbo de quartzo polido que separava a cozinha da sala. Acionou a tela do aparelho para verificar a quantidade de notificações que recebera durante a madrugada: trezentas e sessenta e sete novas mensagens no aplicativo de bate-papo virtual!

Será que esse povo não dorme nunca?

Eram tantas mensagens que a preguiça fê-lo ignorá-las por ora...

Terminou a refeição matutina, deixou o prato dentro da pia da cozinha, subiu as escadas e ligou o computador.

Conferiu rapidamente os *e-mails* de seu endereço pessoal: propaganda, oferta imperdível,

PERIGOSAS NACIONAIS

spam, spam, pare de perder cabelos, propaganda, propaganda... Nada importante, pra variar.

Passou à caixa de *e-mails* do trabalho. Duas mensagens do seu chefe.

– Pelo visto o cara também não dorme... – falou Arthur consigo mesmo ao verificar os horários dos *e-mails*.

Sexta, 01:14 AM

“Arthur, o cliente estará na cidade no início da semana que vem e quer adiantar a apresentação do projeto. Será na terça-feira, pela manhã.”

Terça de manhã?, questionou-se Arthur internamente. *São três dias a menos em relação ao cronograma inicial! Como que esse cara aceita uma redução dessas?*

Sexta, 02:53 AM

“Em tempo, quero a apresentação pronta até o fim da tarde pra eu dar uma olhada. Sem desculpas.”

Putá merda! Tudo pronto até o fim da tarde?

Numa questão de dois *e-mails*, Arthur passou

PERIGOSAS ACHERON

da situação de adiantado no projeto para a de extremamente atrasado.

Ainda bem que acordei mais cedo..., concluiu ele em seus pensamentos.

Respondeu ao *e-mail* do chefe com um simples “OK” e, sem mais demora, colocou-se a transplantar os traços do seu esboço do papel para o computador.

■ ■ ■ ■ ■

Já passava das duas da tarde quando Arthur chegou à empresa. Ficara até aquele momento, sem interrupções, dedicando-se ao bendito projeto. Como percebeu que não conseguiria concluir uma apresentação até o final daquela tarde, decidiu subir em sua moto e ir até o escritório para angariar alguma ajuda. Arthur não estava disposto a ouvir um sermão do seu chefe, que era daqueles que ganhavam o dia ao dar broncas em alguém...

Estacionou bem em frente ao edifício onde trabalhava e amarrou seu capacete junto ao banco da motocicleta com a ajuda de um cadeado. Entrou apressadamente pelas portas de vidro do prédio, carregando sua mochila nas costas e um daqueles

canudos compridos de plástico, usados para transportar as imensas folhas de projetos, pendurado ao corpo por uma alça.

Acenou para a recepcionista com um sorriso educado no rosto e passou o crachá pelo leitor da catraca para liberar seu acesso ao *hall* dos elevadores. Sentiu-se com sorte ao perceber que um deles já se encontrava no andar térreo como que aguardando a sua chegada pois, apesar de existirem quatro elevadores no edifício, por vezes esperava-se mais do que um prazo razoável pela oportunidade de entrar em um deles.

Sétimo andar.

Percorreu com passos acelerados os corredores que o conduziriam até sua sala. Passou pela mesa da secretária, que ficava a poucos metros da porta de seu gabinete, e cumprimentou a mulher ali sentada.

– Bom dia, Maria!

Maria era a encarregada por assessorar e secretariar toda a equipe que trabalhava com Arthur.

– Que surpresa! Não esperava ver o senhor por aqui hoje. – respondeu a mulher de meia-idade.

Arthur já tinha perdido a conta de quantas

vezes havia dito àquela colega de trabalho que não era necessário tratá-lo por “senhor”, mas desistiu de insistir nisso depois das inúmeras recaídas da secretária.

– Pois é... mudança de última hora. O cara aqui de cima resolveu antecipar a apresentação do projeto do hotel em alguns dias. – respondeu ele referindo-se ao chefe, cuja sala ficava bem acima dali, no andar superior.

Arthur continuou:

– Por favor, se o estagiário não estiver muito ocupado compartilhando besteiras nas redes sociais, peça a ele a gentileza de vir até aqui.

A secretária concordou com a cabeça.

Arthur seguiu para sua sala, mas antes que fechasse a porta foi interrompido por Maria.

– Senhor?

Arthur virou-se para a assistente.

– É mais um daqueles dias sem almoço? – indagou ela.

– Como pode saber disso?

– Da última vez que o senhor me deu “bom dia” nesse horário, tinha ficado sem almoçar... – disse a observadora secretária. – Vou providenciar algo para o senhor encher a barriga.

Arthur fez um formato de coração juntando as duas mãos e falou:

– Eu te amo, Maria!

Finalmente Arthur adentrou sua sala e fechou a porta.

Retirou as folhas do projeto de dentro do canudo plástico e desenrolou-as sobre a mesa. Colocou sua mochila sobre o pequeno gaveteiro ao lado e, ainda de pé, ligou o computador da empresa.

Enquanto aguardava o sistema se inicializar, despiu-se da jaqueta de poliamida preta com detalhes vermelhos e cinzas, própria para minimizar ferimentos em caso de um eventual acidente motociclístico, e vestiu-a no encosto da sua cadeira a fim de ficar mais à vontade.

Computador pronto, inseriu nele sua senha para desbloqueá-lo. Pegou, de dentro da mochila, o *pen drive* que trouxe de casa, com o arquivo que continha sua maquete virtual, e plugou-o numa das entradas USB do computador.

Nesse instante, o estagiário abriu a porta.

– Fala, Arthur! O que você manda?

– Fala, cara! Tá muito ocupado hoje jogando campo minado e paciência?

– Nada! Não tenho coragem de gastar meu tempo com distrações aqui no trabalho. Gasto meu tempo por aqui apenas adquirindo conhecimentos que sejam úteis para o meu futuro... – disse o rapaz de vinte e poucos anos.

Arthur, surpreso com a madureza do rapaz, fez cara de impressionado, afinal de contas a juventude daqueles dias demonstrava cada vez menos comprometimento com assuntos relacionados a trabalho.

O jovem seguiu com o raciocínio:

– ...Eu tava era jogando pôquer na internet enquanto imprimia meu trabalho de conclusão de curso.

Arthur substituiu a feição positiva por uma ligeiramente frustrada. Não sabia se o estagiário estava brincando ou sendo incrivelmente sincero. Preferiu ficar com a primeira opção...

– Bom... lembra-se daquela apresentação que você me ajudou a fazer há uns dois meses atrás pra reunião de diretoria? – indagou Arthur.

– Lembro sim.

– Pois bem, preciso que você monte outra naquele mesmo modelo para o meu projeto atual. Vou te mandar tudo o que precisa agora por *e-mail*.

Consegue fazer isso até as quatro da tarde?

– Tranquilo. Não vou nem precisar interromper a jogatina na internet! – afirmou o rapaz.

É... talvez o estagiário estivesse sendo incrivelmente sincero mesmo..., concluiu Arthur.

– Então ótimo! Será o tempo de eu aplicar umas cores e texturas pra finalizar minha maquete no computador. Quando tiver acabado a apresentação, pode trazer aqui, por favor?

– Deixa comigo.

– Ok. Muito obrigado!

Tão logo o jovem saiu da sala e fechou a porta, Arthur sentou-se de frente para o computador e enviou o recém-prometido *e-mail* para o estagiário. Depois disso, respirou fundo e retomou o trabalho do ponto em que tinha parado.

■ ■ ■ ■ ■

Arthur olhou para o relógio: quinze minutos para as quatro da tarde. Sobre a mesa, faziam companhia ao computador, ao telefone e às folhas do projeto uma embalagem de papel pardo da lanchonete da esquina, uma caixa de hambúrguer

amassada e um copo grande de refrigerante pela metade. Ele já havia terminado a sua modelagem 3D e agora posicionava sua maquete eletrônica em diversas vistas para gerar as imagens que seriam acrescentadas em seguida à apresentação.

Três batidinhas e a porta do gabinete se abriu parcialmente. Era Maria.

– Senhor, o lanche estava do seu agrado? – perguntou a secretária com a mesma atenção de sempre.

– Matou a pau, Maria! Não poderia estar melhor. Aliás, não sei o que faria sem você, né!

– Que isso! Só tentei escolher algo que fosse lhe servir bem. – respondeu a mulher. – Olha só, o estagiário acabou de chegar.

– Então peça para ele entrar, por favor.

Maria prontamente terminou de abrir a porta e deu um passo para trás, permitindo que o rapaz entrasse na sala. Sorriu ela discretamente e fechou a porta pelo lado de fora.

– E aí, tudo certo? – perguntou Arthur.

– Tudo pronto! Já deve estar aí no seu *e-mail*...
Dá uma verificada!

Arthur atualizou a caixa de entrada e encontrou a referida mensagem em seu correio

eletrônico.

– Vamos dar uma olhada nisso aqui... – disse ele ao abrir a apresentação.

Passou rapidamente os *slides* e concluiu que aparentemente estava tudo certo.

– Muito bom! Ficou do jeito que eu precisava. Obrigado!

– Não foi nada de mais... só não se esqueça de mim se ganhar um aumento por conta dessa apresentação!

– Não se preocupe! Se eu ganhar um aumento de trabalho, divido tudo com você... – retrucou o sempre bem-humorado Arthur.

Arthur despachou o estagiário e imediatamente tirou do gancho o telefone de sua mesa, discando em seguida para um ramal interno da empresa.

– Alô... Chefe? Dentro de dez minutos estarei aí com o que me pediu!

■ ■ ■ ■ ■

Terminada a exibição do projeto, Arthur já esperava pelas críticas do chefe.

Era quase inevitável! Aquele homem era

capaz de encontrar defeitos até mesmo em traços nascidos das mãos de grandes arquitetos da história mundial... Nem mesmo Frank Lloyd Wright, Oscar Niemeyer ou Frank Gehry passariam ilesos pelas censuras daquele sujeito.

O chefe, cotovelos apoiados sobre a mesa, mãos entrelaçadas, e olhar pensativo, seguia sentado em sua cadeira, observando em silêncio o último slide da apresentação.

Os segundos iam se passando e a expectativa crescia dentro de Arthur, que permanecia de pé ao lado do amplo monitor pendurado na parede, usado por ele em sua apresentação, aguardando um veredicto do patrão.

Será que ele achou tão ruim que não sabe nem por onde começar?, matutou Arthur meio inseguro.

Após mais alguns instantes de apreensão, o chefe franziu a testa, respirou profundamente e finalmente começou a falar:

– Considerando a redução de prazo, até que não ficou ruim.

“Até que não ficou ruim”. Para um homem incapaz de fazer um elogio, aquelas palavras eram como um troféu de funcionário do ano!

– Obrigado, chefe. – respondeu Arthur ainda

sem acreditar no que acabara de escutar.

– Tenho um compromisso agora. Analisarei com calma o seu projeto durante o fim de semana e te mando minhas considerações por *e-mail*, caso sejam necessárias.

Naquele momento, Arthur não soube ao certo se o chefe havia omitido suas críticas apenas para não se atrasar para o tal compromisso, mas o que importava era que o projeto, ao menos por ora, estava aprovado. Arthur já podia respirar mais tranquilamente.

O chefe ao perceber que seu funcionário permanecia parado ali à sua frente, tratou de apressá-lo:

– Vai me deixar ir pro meu compromisso ou vai ficar aí plantado me olhando com esse sorriso na cara?

Agora que tinha certeza de que seu chefe não precisava mais dele, Arthur recolheu seus pertences, despediu-se do patrão e saiu da sala.

Ao fechar a porta já do lado de fora, Arthur enfiou a mão no bolso, pegou o celular e, radiante, enviou uma mensagem para Amanda:

“Oi, amor! Aquele meu projeto acaba de ser

aprovado (eu acho)! E para comemorar, tenho um programa romântico e irrecusável para nós dois nessa noite de hoje... SUPERMERCADO! ☺ ☺ ☺”

■ ■ ■ ■ ■

Passada uma hora e meia de passeio entre as gôndolas, o carrinho de compras já estava cheio de produtos essenciais para a vida: ketchup, mostarda, cereais matinais, vários litros de leite, pizzas congeladas, desodorante, papel higiênico, sabonetes e um tubo tamanho família de pasta de dentes. Só com isso, um homem solteiro seria capaz de sobreviver por várias semanas a fio. Dentre outros, também estavam lá dentro do carrinho: pão de forma, margarina, queijo branco, peito de peru defumado fatiado, geleia, pacotes de biscoito integral e frutas diversas.

Amanda também aproveitava a oportunidade para separar dentro do carrinho alguns itens aos quais ela simplesmente não conseguia resistir: xampus e esmaltes. Uma verdadeira compulsão! Apesar de ela já possuir esmaltes de todas as cores imagináveis e xampus de mais de uma dúzia de marcas diferentes, sempre havia lugar para mais

PERIGOSAS NACIONAIS

um...

– Sei que ainda tá faltando alguma coisa... – disse Arthur olhando para o interior do carrinho.

– Não é possível... já rodamos o supermercado todo praticamente duas vezes! – respondeu a namorada já um pouco impaciente.

– Lembrei! Macarrão instantâneo!

Amanda não resistiu ao comentário:

– Não sei como que você consegue comer essas coisas cheias de sódio e continuar vivo...

– Ah! Você sabe que não como isso todo dia. É só mesmo pra situações de emergência, tipo quando a padaria da esquina já fechou e não tem mais nada na despensa. E você sabe que não uso aquele sachê de tempero onde mora quase todo o sódio, né! – justificou Arthur. – Fica praquele lado. Vamo lá que agora tenho certeza que não falta mais nada!

Amanda voltou-se para a direção apontada por Arthur e saiu andando na frente do namorado, batendo os pés como uma criança fazendo uma birra desnecessária.

Quase chegando ao corredor das massas, Amanda percebeu que não ouvia mais o barulho do carrinho que era empurrado por Arthur.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabia que ele ainda se lembraria de outra coisa!, pensou ela.

Ao virar-se, viu Arthur parado a alguns metros de distância olhando para baixo, com os braços apoiados sobre o carrinho.

– Vamos, Arthur. Assim não acabaremos nunca!

Ao notar que o namorado permaneceu estático na mesma posição, Amanda se deslocou até ele.

– Tá bom, tá bom... o que tá faltando dessa vez? – perguntou ela.

Chegando ao lado de Arthur, ela finalmente constatou que algo estava errado.

– Amor, o que foi? Tá tudo bem? – indagou Amanda preocupada.

Ele permaneceu calado.

– Fala comigo! O que tá acontecendo? – disse ela agora com a voz mais exaltada.

– Acho que preciso me sentar um pouco. – respondeu ele sem a usual firmeza nas palavras.

Amanda olhou ao redor e, tão logo localizou um engradado vazio, buscou-o para o namorado.

– Anda... Senta aqui. – determinou a moça.

Arthur sentou-se com a ajuda da namorada e ficou ali em silêncio por alguns instantes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– E aí? O que foi? – insistiu Amanda.

– Não sei. De repente fiquei meio tonto... – respondeu ele ainda tentando encontrar uma explicação.

– Ontem você ficou com essa mesma cara lá no bar quando voltou do banheiro. – recordou-se Amanda. – Não vai me dizer o que tá acontecendo?

– Realmente não sei o que é... – reafirmou ele.

– Espera aí que vou buscar ajuda. Deve ter alguém por aqui que possa nos socorrer.

Arthur esticou o braço e segurou a mão de Amanda.

– Não precisa. Fique aqui comigo um pouquinho que já vai passar.

Arthur respirou vagorosamente na tentativa de se recompor, sob o olhar preocupado de Amanda. Ficaram os dois ali parados por mais um minuto, até que Arthur finalmente decidiu se levantar.

Amanda o ajudou a se colocar de pé e mais uma vez buscou uma explicação com seu namorado:

– E então?

– Acho que já tô melhor. Deve ter sido apenas uma indisposição momentânea...

A namorada ainda estranhando a situação

PERIGOSAS ACHERON

seguiu com o interrogatório:

– Arthur, você se alimentou direito hoje?

– Ah... normal. Tomei café da manhã e almocei por volta das duas e meia da tarde.

– Mas já são quase oito horas da noite! Não é bom ficar tanto tempo assim em jejum... – observou Amanda. – Vem, vamo pegar o seu macarrão, pagar essas compras e arrumar alguma coisa pra você comer.

■ ■ ■ ■ ■

Após alguns argumentos de Arthur, Amanda acabou convencida de que o caso de seu namorado não era grave e de que o melhor seria irem direto para casa em vez de buscarem algo para ele comer na praça de alimentação do shopping em que ficava o supermercado.

Entraram pela porta do *loft* de Arthur carregando as sacolas de compras.

– Viu só? Não falei que eu não ia morrer até chegar em casa?

– Ainda bem, porque eu não ia aguentar a sua mãe me dizendo o resto da vida que matei o filho caçula dela por uma negligência da minha parte!

Imagina que carma? – rebateu Amanda num tom descontraído.

Seguiram até a cozinha e deixaram as sacolas no chão, ao lado da geladeira.

A namorada puxou um banquinho para Arthur.

– Senta aqui que vou preparar uns sanduíches pra gente. Já, já estará com suas energias restabelecidas!

Arthur obedeceu sem questionamentos e ficou ali observando os movimentos da moça.

Após guardar as pizzas no congelador, Amanda ligou o forno a gás na temperatura mais alta. Lavou as mãos ali mesmo na pia. Separou queijo, peito de peru e algumas fatias de pão sobre a bancada da cozinha. Passou uma camada de margarina em cada um dos pães e agrupou-os dois a dois. Adicionou duas fatias de peito de peru a cada um dos sanduíches e finalizou-os com uma generosa lasca de queijo branco.

– Ah! Quase me esqueci do toque especial... – disse ela.

Amanda acrescentou uma fio de azeite e uma pitada de manjerição desidratado em cada um dos sanduíches e exclamou:

– Agora sim prontos para o forno! Daqui a uns

cinco minutos estarão na mesa!

Engana-se quem pensa que aquele cuidado era só porque ele tinha se sentido mal momentos atrás... Não era! Arthur podia sentir o carinho que Amanda tinha por ele a todo instante, a todo tempo, até mesmo em pequenos detalhes que poderiam passar despercebidos a olhos menos atentos, como o leve sorriso que Amanda esboçou no rosto ao se virar para Arthur no meio daquele processo todo e se certificar de que continuava tudo bem com o seu amado namorado. Esse sim era “o” toque especial, o ingrediente secreto capaz de alimentar a alma de Arthur e responsável por deixá-lo cada vez mais fascinado com aquela mulher.

Atos simples como aquele sorriso faziam aumentar em Arthur a vontade de estar junto a Amanda, de passar o resto de sua vida ao lado dela, tratando-a da mesma maneira e retribuindo todo aquele zelo, toda aquela atenção, todo aquele bem-querer... Como poderia ele viver sem ela?

■ ■ ■ ■ ■

Quinze minutos depois, dos sanduíches não havia sobrado nem uma migalha.

– Sentindo-se melhor? – questionou Amanda.

– Sendo tão bem tratado assim, não tinha como piorar, né! – respondeu Arthur limpando a boca com as costas de uma das mãos.

– Então por que você não vai lá pra cima e toma um banho enquanto termino de organizar essas compras aqui? – disse ela um pouco menos preocupada. – Mas olha só: não vá se acostumando com essa mordomia, hein? Tô quebrando seu galho hoje só porque você tá aí meio debilitado! – alertou Amanda com um sorriso no rosto ao mesmo tempo que balançava o dedo indicador na direção de Arthur.

– Tem certeza de que não quer ajuda aí?

– Já pro banho! – ordenou a moça.

– Ok, ok! Já entendi!

Arthur se aproximou da namorada, que já guardava alguns itens dentro da geladeira, e deu-lhe um abraço seguido de um beijo no pescoço.

– Obrigado por tudo, meu amor! – disse ele antes de subir para o segundo piso.

Entrou ele no banheiro, pendurou sua toalha sobre o boxe de vidro jateado, tirou a roupa e entrou debaixo do chuveiro. Deixando a água um pouco mais quente que o normal bater contra a sua

nuca, decidiu ficar ali por alguns instantes. Arthur não costumava fazer muita hora no banho, mas naquela noite abriria uma exceção.

Quatro ou cinco minutos depois, quando finalmente pegou o sabonete para se ensaboar, escutou três batidinhas na porta do cômodo que tinha deixado entreaberta.

– Arthur?

– Oi, Amanda! Veio lavar minhas costas?

Silêncio total.

Diante daquela ausência de resposta, abriu ele parte da porta do box e olhou para o lado de fora.

Amanda estava parada na entrada do banheiro, completamente nua, ostentando um sorriso arteiro nos lábios.

– Não, Arthur. Vim ver se você tá realmente recuperado...

CAPÍTULO 3 – MAL SÚBITO

Era um sábado de temperatura extremamente agradável. Não lembrava em nada os últimos dias, nos quais uma onda de calor elevava demasiadamente os marcadores dos termômetros da cidade.

Arthur dormiu muito bem e sentia-se bastante disposto naquela manhã de poucas nuvens.

Sem compromissos antes do horário do almoço, decidiu deixar a preguiça de lado e encarar uma aulinha de luta.

■ ■ ■ ■ ■

Chegou um pouco adiantado ao ginásio onde aconteciam as suas aulas de Krav Maga. O portão já estava aberto, porém resolveu sentar-se um pouco na pequena escada que dava acesso ao lugar para aguardar o treino de luta se iniciar.

Devidamente acomodado num dos degraus de

cimento, começou a reparar na ampla praça que havia à sua frente. Aquele espaço público, muito bem preservado por sinal, costumava ficar cheio aos finais de semana, e naquele dia não era diferente.

Gente por todo lado aproveitando o sábado ensolarado... Algumas pessoas se alongavam para iniciarem suas atividades físicas, outras já passavam apressadas com suas roupas de corrida, reflexo da crescente preocupação da população local com a saúde.

Crianças zanzavam por entre os brinquedos ali montados. Umas gozavam de certa autonomia para ralarem seus joelhos e sujarem as próprias roupas, outras eram acompanhadas de perto pelos pais mais afobados.

Uma menina de uns sete ou oito anos de idade, coleira à mão, passou pela calçada da praça sendo praticamente arrastada por um cachorro desproporcionalmente grande para o tamanho dela, fato que arrancou um sorriso de Arthur.

Depois deste cômico episódio, desviou sua atenção para as enormes árvores que compunham a paisagem. De posse de sua vasta ignorância dendrológica, soube ele identificar apenas algumas

delas: os eucaliptos. Quanto às demais não fazia ideia do que eram, todavia podia afirmar que todas se mostravam igualmente altas, imponentes e belas.

Perante tudo aquilo, ficou feliz por estar vivo. Quando Arthur parava para observar os detalhes do mundo, frequentemente surgia nele esse sentimento de gratidão pela vida... Mas não só isso! Tal sentimento vinha normalmente acompanhado da quase convicção de que algo maior tinha que estar por trás de toda aquela complexidade e perfeição que desfilavam diante de suas vistas.

Fixou o olhar no movimento suave dos galhos de uma das árvores. As folhas pareciam dançar uma coreografia minuciosamente ensaiada pelo vento que passava entre elas.

E essa valsa das copas das árvores foi esvaziando vagarosamente sua mente.

Com pouco mais de um minuto, já totalmente hipnotizado, Arthur não pensava em mais nada. Desligou-se completamente do tempo e do espaço. As preocupações do dia a dia haviam se dissipado...

Desfrutou ao máximo esse instante de leveza.

Respirou fundo...

Arthur sentia-se pleno e seguro. Sentia que absolutamente nada poderia alcançá-lo naquele

exato segundo... exceto o seu mestre de Krav Maga que, saindo do ginásio, se aproximou sorrateiramente por trás de seu aluno e deu-lhe dois tapas sobre o ombro com a sutileza de um rinoceronte.

– Bom dia! – disse o mestre com o entusiasmo de sempre.

Arthur deu um pulo e olhou por cima do ombro com a fisionomia assustada. Estava ele de volta ao mundo real.

– Puta merda, mestre! Assim você ainda me mata do coração!

– Arthur, Arthur... só leva susto assim quem deve dinheiro pra agiota ou quem tá fugindo da polícia! – respondeu o homem em meio a uma gargalhada.

– Belas palavras para um para-choque de caminhão... – replicou o aluno recuperando-se do susto.

– Diga-me, caiu da cama hoje? Você não é de chegar assim tão cedo quando resolve aparecer pras aulas de sábado!

– Pois é... Vim um pouco antes do horário para ver se achava alguma mãe solteira e bonitona dando bobeira aqui na praça, mas hoje só tem

marmanjo! – respondeu Arthur bem-humorado.

– Não fale besteira! Só tem uma coisa que você gosta mais do que essa aula aqui: a sua namorada. – retrucou o professor. – Você seria incapaz de fazer algo pra desapontá-la...

No embalo do assunto, o mestre continuou:

– Aliás, quando que você vai parar de enrolar sua namorada? Moças como ela são uma espécie em extinção...

– É. Você tem toda a razão... Mas não tô enrolando! Conversei outro dia sobre isso com ela e já temos tudo mais ou menos combinado: ela ficou de escolher o dia e o mês pro nosso casório... e eu fiquei de escolher o ano! – brincou Arthur.

O homem de cinquenta e poucos anos de idade e cabelos curtos e grisalhos riu por alguns instantes e completou:

– Vê se agiliza essa data aí! Quero ser padrinho de vocês ainda nessa década...

– Mestre, só tem um porém... você sabe que os presentes dos padrinhos são os mais caros, né! – replicou Arthur em meio a uma risada.

– Não se preocupe! Pra uma ocasião tão ilustre quanto essa, quebro o meu porquinho com o maior prazer! – respondeu o homem com o mesmo bom

humor de seu aluno. – Venha, vamos entrar! Alguns de seus colegas já estão lá dentro.

Arthur concordou imediatamente com seu mestre e acompanhou-o porta adentro.

Assim que entraram, ouviu-se um grito do fundo do recinto:

– Fala, herói!

Sim... Amanda também já o tinha chamado dessa maneira na frente do pessoal do Krav Maga. Graças a ela, a história do corajoso salvamento já era conhecida por todos ali.

Arthur, sem graça, deixou o celular, a carteira e as chaves de casa sobre um banco próximo ao tatame e, com um sorriso amarelo, partiu para cumprimentar os companheiros de treino.

Imediatamente após encerrados os apertos de mãos, iniciaram um leve aquecimento. Algumas sessões de alongamentos e de abdominais depois, dada a hora do começo da aula, colocaram-se a correr em volta do tatame.

O ambiente estava leve e descontraído. Além do som dos passos sincronizados, era possível escutar um dos caras presentes naquele ginásio contando vantagem em voz alta sobre as aventuras amorosas vivenciadas por ele na noite anterior.

Várias gargalhadas surgiam sucessivamente dos demais alunos e também de Arthur, que ouviam quase que incrédulos os fatos narrados pelo palhaço da turma. Até o mestre, sentado com as pernas cruzadas no centro do tatame, ria disfarçadamente de tamanhas bobagens.

Mas daí, de repente, os sons do ambiente começaram a se embaralhar dentro da cabeça de Arthur.

Algo estava errado! O barulho dos pés batendo contra o piso e as risadas dos companheiros de treino agora eram uma coisa só. Arthur não podia mais distinguir as palavras que eram ditas ali!

Estranhamente, aquilo tudo seguiu se misturando no interior de sua mente, sinalizando que algo pior estava por vir...

Subitamente, ainda correndo, suas pernas pareceram mais pesadas que o normal. Desequilíbrio-se momentaneamente, mas conseguiu evitar a queda e manter-se de pé.

Arthur se afastou lateralmente para não ser atropelado pelos colegas que vinham logo atrás e desacelerou o ritmo das passadas até que parasse completamente.

Curvou-se então para frente, apoiando as mãos

sobre os joelhos, e começou a respirar profundamente numa tentativa de se recuperar. Sentiu o mundo girando ao seu redor, como se tivesse acabado de dar diversas voltas seguidas em torno de si mesmo ou como se houvesse tomado sozinho uma garrafa inteira de vodca nos últimos trinta minutos.

– Tudo bem aí? – questionou o professor ao perceber a situação.

Arthur acenou positivamente com a cabeça e movimentou uma das mãos como quem diz que não era nada importante. E realmente achou que não era, visto que já começava a se sentir um pouco melhor.

Encheu os pulmões de ar mais uma vez e decidiu tomar um gole d'água. Dirigiu-se lentamente em direção ao bebedouro mais próximo, mas, quase na metade do caminho que os separava, percebeu sua força esvaindo-se do corpo.

Foi quando a visão escureceu de vez e Arthur desabou de costas sobre o chão.

■ ■ ■ ■ ■

Abriu os olhos e viu um teto não familiar. Lá

do alto, duas lâmpadas compridas fluorescentes iluminavam o quarto.

Olhou para a direita e pôde ver uma agulha fincada em seu braço e presa naquela posição por um pedaço de esparadrapo. Seguiu com os olhos a mangueirinha que saía da agulha até uma bolsa plástica pendurada na parede, da qual pingava periodicamente gotas de um líquido transparente numa espécie de dosador. Bem ao lado, também na parede, um bocal onde podia-se ler a palavra “oxigênio”. Era o suficiente para Arthur deduzir que estava deitado num leito de hospital...

Olhou para a esquerda e viu um rosto familiar.

– Acordou! – disse a mãe de Arthur se desfazendo, ao menos parcialmente, do semblante de preocupação. – Como está se sentindo, meu querido?

A mãe se levantou do sofá contíguo e aproximou-se da cama.

Ligeiramente confuso, Arthur questionou:

– O que houve?

– Filho, você desmaiou em sua aula de artes-marciais e caiu de cabeça no chão... – esclareceu ela. – O pessoal te trouxe pro hospital. Ficaram algumas horas aguardando, mas como você não

acordava, precisaram ir embora.

Após esse breve relato da mãe, Arthur finalmente sentiu a dor que vinha da parte de trás de sua cabeça. Passou a mão pelo local e pôde notar o imenso galo que se formou naquela região da cachola.

– Algumas horas? – perguntou espantado logo na sequência.

– Sim, filho. Você desmaiou hoje pela manhã. Agora são quase onze e meia da noite. – disse ela consultando o relógio.

– Nossa! Apaguei esse tempo todo? – indagou ainda meio desorientado. – Parece que fechei os olhos por apenas um minuto...

Arthur que dava tanto valor aos seus finais de semana, agora tinha total consciência de que metade da folga semanal já tinha se passado.

– Seria bom se avisasse aos meninos da sua aula de luta que você está bem. Eles foram muito atenciosos com você hoje. – recomendou a mãe em seguida.

– Vou mandar uma mensagem lá no grupo. – concordou Arthur. – Por falar nisso, meu celular tá aí? – questionou ele ao finalmente dar falta de seus pertences.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Tá sim... seu celular, suas chaves, sua carteira... tá tudo guardado na prateleira aqui atrás junto com suas roupas...

Foi quando ele notou que trajava camisa e calça de um verde bem clarinho, daquelas típicas de hospital.

– Você não se recorda de nada, meu filho?

Nesse momento, Arthur começou a forçar a memória para tentar reaver as lembranças do que havia acontecido, contudo foi interrompido por uma voz feminina que vinha da porta do recinto.

– Olha só, tá aí a “Bela Adormecida”!

Arthur reconheceu imediatamente aquela voz. Aliás, poderia reconhecê-la em qualquer lugar. Era a voz de sua namorada...

– Amanda! – exclamou ele.

– Oi, meu amor! Que susto você deu na gente! Tá tudo bem aí? – questionou a moça.

Amanda se achegou e segurou a mão de seu namorado.

– Acho que tô bem. Deve ter sido um piripaque de leve. – respondeu Arthur já mais animado. – Nossa... você também aqui a uma hora dessas? – complementou ele agora ciente de que comprometera não só o próprio sábado, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também o de muito mais gente...

– Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença... – replicou Amanda sorrindo. – Além do mais, amanhã é domingo. Nada de acordar cedo, nada de compromissos importantes...

– Meu filho, até insisti para que ela fosse para casa, mas Amanda também fez questão de ficar aqui até que você acordasse. Estive o tempo todo sentada ao seu lado... Saiu do quarto pela primeira vez há poucos minutos atrás só para ir até a lanchonete. – interveio a mãe.

– Por falar em lanchonete, aqui está um sanduíche para a senhora. – disse Amanda entregando uma sacolinha de papel para a sogra.

– Meu filho, ela não é um amor? Sempre tão preocupada com tudo!

Arthur fez uma cara de poucos amigos.

– Às vezes acho que minha mãe gosta mais de você do que de mim! – resmungou Arthur olhando para Amanda sem conseguir esconder o ciúme.

– Mas é claro que ela gosta mais de mim... Você ainda tem alguma dúvida disso? – falou Amanda abraçando a mãe de Arthur com a intenção de provocar de leve o seu namorado recém-chegado do mundo dos desacordados.

PERIGOSAS ACHERON

A mais experiente dentre as pessoas naquele quarto riu da disputa de atenção protagonizada pelo jovem casal.

Após fulminar a namorada com os olhos por um segundo, Arthur mudou de assunto:

– E aí, quando vamos pra casa? Tô ótimo depois dessa soneca!

– O médico de plantão disse que gostaria de dar uma verificada em você assim que acordasse. – comentou a namorada. – Vou chamá-lo agora mesmo para que possamos ir embora pra casa.

Amanda saiu do quarto e retornou instantes depois com o médico de plantão.

– E aí, campeão? Como está se sentindo? – perguntou o homem que se vestia todo de branco e que aparentava beirar os sessenta anos de idade.

– Me sinto pronto pra ir embora! – respondeu Arthur sem demora.

O médico se aproximou do leito do paciente e, no intuito de examiná-lo, disse:

– Vamos dar uma olhada... Por favor, suspenda a manga da sua blusa.

O homem posicionou no braço esquerdo de Arthur um instrumento aferidor da pressão arterial.

– Muito bom. – constatou o médico após

terminar o procedimento. – Agora sente-se na cama e respire profundamente.

Arthur atendeu ao pedido tomando o cuidado necessário para não arrancar a agulha de soro do braço nem o aparelhinho pregado ao indicador da mão direita que monitorava alguns de seus sinais vitais.

Já sentado, com as pernas pendendo do leito hospitalar, Arthur encheu e esvaziou os pulmões de ar várias vezes enquanto o médico posicionava o estetoscópio em diversos lugares do peito e das costas de seu paciente.

Seguindo adiante com a avaliação, o doutor tirou uma pequena lanterna do bolso e pediu que o internado mantivesse os olhos parados. Puxou a pálpebra inferior do olho esquerdo de Arthur para baixo e passou o fecho luminoso sobre a pupila do paciente para verificar sua reação à luz. Repetiu o processo no outro olho.

– Acho que não devo ter me alimentado direito antes do treino. – disse Arthur buscando uma explicação para o ocorrido.

Enquanto testava outros reflexos percutindo um martelinho de pontas emborrachadas em pontos específicos do corpo de Arthur, o médico iniciou

uma série de perguntas:

– É diabético?

– Não.

– Tem alguma doença cardíaca ou algum histórico familiar? Toma remédios controlados?

Arthur continuou negando com a cabeça.

– Faz uso de drogas?

– De jeito nenhum! – respondeu ele quase que ofendido.

– Anda muito estressado?

– Não muito... Apenas a pressão habitual do trabalho...

– Teve outros episódios recentes de desmaio?

– Negativo.

Nesse momento, Amanda interrompeu os questionamentos do clínico:

– Não teve mas ele andou se sentindo mal nesses últimos dias... – anunciou ela.

– Mas nada sério. Só mesmo um ou outro mal-estar momentâneo. – tentou Arthur se justificar. – E então, já podemos ir para casa? – questionou ele em seguida deixando transparecer um pouco da ansiedade que nele surgia.

– Meu jovem... por precaução, devido ao estado prolongado de falta de consciência que

experimentou, considero bastante prudente que passe essa noite aqui conosco em observação. Daí amanhã bem cedo, de posse dos laudos definitivos de todos os exames que fizemos em você, poderemos avaliar melhor a situação.

– Mas já tô ótimo! – argumentou Arthur. – Não posso ir embora e voltar depois para pegar esses resultados?

– Sinto muito. Terá realmente que ficar. – asseverou o médico.

Estava decretado... Arthur, que nunca antes em toda a sua vida havia sido internado, teria que ficar preso por uma noite inteira àquele leito hospitalar e ainda aguardar na manhã seguinte por um parecer favorável acerca de sua saúde. Ele até tentou não demonstrar a decepção ao escutar aquele papo de pernoite, mas a angústia estava evidente em sua cara.

O plantonista continuou:

– Depois que você comer alguma coisa, vou providenciar algo para que durma bem. Ao acordar se sentirá ainda melhor. – disse o médico instantes antes de deixar o quarto.

Àquele momento, o receio foi tomando conta dos pensamentos de Arthur:

Será que estão escondendo alguma coisa?, cogitou ele consigo mesmo. *E se for alguma coisa mais grave?*

A genitora de Arthur percebeu a aflição do filho e tentou consolá-lo:

– Não se preocupe, meu filho. É só uma noite! Ficarei aqui com você e amanhã cedo já receberá alta...

A mãe do paciente seguiu com a palavra:

– Seu pai está lá embaixo tomando um ar. Vou chamá-lo para que ele se despeça de você. Vou pedir também para que dê uma carona pra Amanda até a casa dela.

– Não prefere que eu fique aqui com o seu filho para que a senhora possa descansar? – prontificou-se Amanda.

– De jeito nenhum! Já fico bastante tempo dentro da minha casa. – disse a mãe de Arthur ao se encaminhar para a porta do aposento. – Uma noite fora não vai me fazer mal algum... Obrigada, querida! – concluiu ela antes de se ausentar do quarto.

Amanda aproveitou esse instante a sós com seu namorado para tentar confortá-lo. Aproximou-se ainda mais e deu um beijo na face

desassossegada de Arthur.

– Não vai ser nada, você vai ver! – profetizou ela.

Com o semblante ainda ligeiramente perturbado pelo pernoitamento forçado, Arthur consentiu com a namorada.

– Amanhã cedo volto pra cá pra fazer companhia a vocês dois. – completou Amanda.

Arthur, já bastante chateado por estar dando tanto trabalho aos outros, tratou de dissuadir a namorada:

– Não precisa se preocupar com isso, amor. Você ouviu o médico... Amanhã bem cedo já devo ir pra casa.

– Tem certeza que não quer que eu venha?

– Não é que eu não queira... é que não precisa mesmo... Obrigado! Te mando notícias quando sairmos daqui.

Após a confirmação dada por Arthur, os dois se abraçaram.

E diante da total impossibilidade de alta ainda naquele sábado, Arthur aceitou a situação e tentou se animar um pouco:

– Pelo menos terei direito àquelas enfermeiras que dão banho nos pacientes, né? – riu ele.

Amanda instantaneamente deu um beliscão na barriga de seu assanhado namorado.

– Você vai ver a o que terá direito se continuar engraçadinho desse jeito!

CAPÍTULO 4 – CHOQUE INICIAL

Domingo, nove horas da manhã.

Arthur, já trajado com suas roupas pessoais, andava de um lado para o outro incansavelmente dentro do quarto à espera dos prometidos laudos que o libertariam da prisão hospitalar.

Sua mãe, já incomodada com aquela inquietude toda, comentou:

– Assim você vai acabar abrindo um buraco no revestimento do piso!

– Só quero ir embora pra casa... – retrucou o filho.

– Entendo perfeitamente, meu bem, mas percorrer dois quilômetros ao redor da cama não vai apressar os resultados dos seus exames.

Arthur assentiu com a observação e sentou-se ao lado da mãe no sofá que também servia de cama para os acompanhantes dos internados.

Pegou ele o celular no bolso de sua calça e acessou o aplicativo de conversas virtuais. Três

PERIGOSAS NACIONAIS

mensagens de Amanda e dezenas outras de diversos contatos. Priorizou a leitura dos recados da namorada:

AMANDA

Amor, ainda estão no hospital?

08:22AM

???

08:27AM

?!?!?!?!?

08:59AM

Arthur respondeu logo em seguida:

ARTHUR

Oi! Desculpa a demora! O celular tava no silencioso... Ainda estamos aqui esperando os resultados para irmos embora...

09:05AM

A réplica, ou melhor, as réplicas de Amanda foram quase que imediatas:

PERIGOSAS ACHERON

AMANDA

Imaginei que ainda estivessem
no hospital... ☹

09:05AM

Se quiser, podemos almoçar
juntos hoje mais tarde. ☺

09:06AM

Me avisa quando saírem daí!

09:06AM

E vê se manda notícias dos
exames pra eu saber que deu
tudo certo por aí! ☺ ☺ ☺

09:06AM

Sim... Amanda era uma verdadeira metralhadora de mensagens! Além de digitar assustadoramente rápido, ela, na grande maioria das vezes, não conseguia enviar uma única mensagem que englobasse tudo aquilo que queria escrever...

O quase sempre econômico Arthur respondeu:

ARTHUR

Ok!
09:07AM

Mais uma avalanche de mensagens da moça:

AMANDA

Ok = almoço juntos?
09:07AM

Ok = aviso de saída?
09:07AM

Ok = notícias dos exames?
09:08AM

Quando começava a responder, Arthur foi interrompido por uma enfermeira que adentrou o recinto para recolher a bandeja do café da manhã que havia sido servido cerca de uma hora atrás.

– E então, alguma novidade? – questionou Arthur à senhora de uniforme branco.

– Sinto muito, senhor. Apenas os médicos saberão te passar uma posição... Em pouco tempo um deles estará aqui com vocês.

Arthur agradeceu a funcionária do hospital e colocou-se novamente a responder a namorada. Foi

mais uma vez econômico com as palavras, porém colocou uma carinha feliz no final pra disfarçar a preguiça que geralmente tinha de mensagens de celular:

ARTHUR

Ok = Tudo 😊 09:08AM

Batidas na porta do quarto.

– Não te disse que o médico logo estaria aqui?
– comentou a funcionária do hospital após ver o membro do corpo médico abrir a porta e invadir o recinto.

Enquanto a enfermeira deixava o aposento, uma outra doutora, até então desconhecida de Arthur, adentrou apressadamente o local trazendo um grande envelope debaixo do braço.

O paciente e a sua mãe se colocaram de pé.

– Prezados, bom dia! – disse Dr. Willian, o médico plantonista que já acompanhava Arthur desde a noite passada. – Gostaria de apresentá-los à Dra. Julia, chefe do setor de oncologia do hospital.

Arthur gelou.

Oncologista? Como assim?, pensou ele

tentando não relacionar a especialidade daquela profissional à sua passagem pelo hospital.

– Bom dia, Arthur. – disse Dra. Julia. – Gostaria de trocar algumas palavras com você a respeito dos seus exames.

O coração de Arthur disparou.

A médica, esguia, de cabelos lisos e meio alvoroçados, pintados num tom levemente avermelhado, e que devia regular em idade com o colega que se colocava bem ali ao seu lado, segurou o envelope com as duas mãos e começou o seu relato:

– Bom... Serei bastante direta... – alertou a oncologista antes de continuar. – Analisei agora há pouco as imagens da ressonância magnética que fizeram em você ontem no começo da noite e pude constatar a presença de um pequeno tumor localizado no seu cérebro, com pouco menos de um centímetro e meio de diâmetro.

Mãe e filho se entreolharam assustados.

A médica prosseguiu:

– Ainda é cedo para afirmações, mas consigo adiantar que podemos estar diante de duas situações mais prováveis: um tumor benigno que por ora não exigirá intervenções, mas que poderá demandar

uma retirada cirúrgica no futuro caso venha a crescer e a comprometer alguma estrutura importante do seu cérebro, ou um tumor maligno que exigirá atenção imediata...

Chocado, Arthur interrompeu a explicação da médica:

– Câncer? – interpelou ele sobressaltado.

– Veja bem, Arthur, como eu disse, ainda é cedo para afirmações. Só poderemos ter certeza do seu quadro depois de realizada uma biópsia do material tumoral.

– Como pode ser isso? Me sinto muito bem! Até ontem, nunca tinha desmaiado na minha vida! – contraditou o paciente.

– Arthur, tumores em estágios precoces podem apresentar poucos sintomas ou até mesmo serem totalmente assintomáticos dependendo da região do corpo que atinjam. No seu caso mais especificamente, dependendo da região do cérebro em que se localizem.

O plantonista, Dr. Willian, acrescentou:

– Devo dizer inclusive que tivemos muita sorte de encontrar esse tumor num estágio tão inicial, pois o objetivo dessa ressonância era, a princípio, avaliar possíveis lesões decorrentes de

sua queda ontem.

– Sorte? Como pode falar em sorte? – inquiriu Arthur com a voz bastante alterada. – A sua colega acabou de dizer que tenho um tumor na minha cabeça! Qual é a chance disso acontecer com uma pessoa da minha idade: uma em um milhão?

A oncoлогista-chefe rebateu os questionamentos com o tom bastante sereno:

– O Dr. Willian tem toda a razão. Você nunca teria passado por uma ressonância se não tivesse desmaiado, batido a cabeça e ficado tanto tempo desacordado. Ao se falar de tumores, quanto antes forem descobertos, maiores são os recursos de tratamento disponíveis e maiores também as chances de cura. Daí acredito que a palavra adequada para a sua situação seja sorte mesmo... – disse a médica. – Realmente, tumores na cabeça não são muito frequentes em alguém da sua idade, mas também não são tão raros assim. – complementou ela.

Após uma breve pausa, a doutora continuou:

– O próximo passo seria marcarmos uma biópsia, para que possamos ter um diagnóstico preciso e traçar uma abordagem específica para o seu caso.

Ao perceber que acabara de despejar toda a sua frustração com a notícia em cima daquelas pessoas, Arthur tentou se aquietar. Caminhou até a janela do cômodo e observou por entre as finas persianas horizontais o movimento da rua que passava doze andares abaixo.

– Me desculpem... – disse o paciente compungido do que havia dito.

Dra. Julia, que já tinha experimentado diversas ocasiões penosas como aquela, rematou:

– Olha, sei como essa informação pode ser difícil de aceitar. Vamos deixá-lo sozinho com sua mãe para que possa digerir a novidade e se acalmar um pouco, ok? Se necessário, temos uma equipe de psicólogos treinada para suportá-lo e também estaremos, eu e o Dr. Willian, a sua inteira disposição... Tem alguma coisa que já queira perguntar?

Alguns segundos de silêncio se sucederam.

A mãe de Arthur, ao constatar a falta de ação do filho, agradeceu a atenção da dupla de profissionais:

– Não. Acho que por ora é só... Obrigada.

Dra. Julia deixou o envelope com os resultados dos exames nas mãos da mãe de Arthur

e, em seguida, encaminhou-se juntamente com seu colega de trabalho à porta do quarto.

Antes de sair porém, a oncologista considerou oportuno dizer mais algumas palavras:

– Nem sempre é o fim do caminho. Eu mesma já passei por um câncer e hoje estou curada...

A porta se fechou.

Mais um doloroso e interminável instante de silêncio tomou conta do local.

A mãe de Arthur, desolada, olhava fixamente para Arthur, que ainda seguia virado de frente para a janela e de costas para o restante do aposento.

A insegurança começou a se proliferar na mente daquela mãe:

E se for um tumor maligno? E se ele sentir dor? Será que ele vai precisar fazer quimioterapia?

A sucessão de pensamentos indesejados trouxe à tona a situação mais temida por uma mãe: a de cogitar a possibilidade, ainda que vaga, de viver mais do que um de seus sucessores, de participar do enterro de um de seus rebentos.

E se o tratamento não for eficaz? E se a doença não tiver cura? E se meu filho... Meu Deus, não!

Um calafrio atravessou o corpo daquela

senhora. Nenhuma mãe deveria ter que sentir esse frio na espinha, esse aperto no peito, mesmo que por apenas um milésimo de segundo! Esse mísero lapso de tempo já era, por si só, cruel demais para qualquer uma delas enfrentar...

Um filme sobre a vida do filho caçula começou a passar diante das vistas daquela mãe. O ser que esteve por intermináveis nove meses dentro de sua barriga e que num piscar de olhos se tornara um homem, estava ali à sua frente indefeso, frágil, esfacelado.

Ela tinha que se manter firme. Arthur precisava dela mais do que nunca! Ela não podia se entregar assim tão facilmente àquelas vozes que seguiam gritando pensamentos alarmantes e obscuros em seus ouvidos...

Reuniu ela então as forças que lhe faltavam e iniciou a marcha em direção ao filho.

Os passos, hesitantes a princípio, tornavam-se cada vez mais desembaraçados e decididos. As vozes que a assombravam diminuía gradativamente dentro de sua cabeça no transcorrer do caminho.

Parou logo atrás de Arthur e valeu-se da mais poderosa arma de que dispunha para rechaçar a

PERIGOSAS NACIONAIS

tristeza profunda que se apoderava de seu filho: um apertado e afetuoso abraço.

O efeito foi imediato, tanto naquela senhora que oferecia conforto quanto em quem por ela era confortado.

As vozes que àquele instante eram apenas sussurros nos ouvidos da mãe, emudeceram completamente.

Arthur, que ainda procurava o chão que lhe faltava, ao sentir o carinho de sua mãe, soube que estava protegido, ao menos momentaneamente.

Daí não teve mais jeito... As lágrimas que o filho equilibrava nos olhos enfim transbordaram para o rosto. Segurou ele com as duas mãos os braços de sua mãe que o rodeavam na altura do peito, baixou a cabeça e chorou silenciosa e copiosamente.

■ ■ ■ ■ ■

Mãe e filho já estavam no táxi, a caminho do *loft* em que Arthur morava.

Por motivos óbvios, ele não ficou tão feliz quanto imaginava com a tão almejada alta hospitalar.

PERIGOSAS ACHERON

A mãe, que conhecia profundamente sua cria, sabia que Arthur precisaria de um tempo consigo mesmo para colocar a cabeça no lugar e, por esse exato motivo, nem sequer se opôs à vontade do filho de ficar sozinho em sua própria casa, no entanto, com a doçura inerente de uma mãe, fez questão de segurar a mão de seu caçula durante todo o trajeto.

Quando enfim chegaram ao prédio de Arthur, com o coração amargurado, a genitora se despediu de seu filho usando de poucas palavras: “Fique bem, meu querido. Conte com a gente.”.

Arthur beijou a mão que estava pousada sobre a dele e olhou diretamente para a sua mãe. Deu um breve, porém sincero, sorriso e desceu do carro, munido dos exames e de uma caixinha de comprimidos, obtida no hospital e recomendada por Dra. Julia para auxiliar no sono.

Enquanto o táxi se afastava, os olhares de mãe e filho permaneceram conectados pelo tempo que foi possível. Apenas quando perdeu o veículo de vista, Arthur entrou pelo portão e subiu para o seu apartamento.

■ ■ ■ ■ ■

Já fazia algumas horas que Arthur se encontrava em casa. Sozinho, seguia sentado no sofá da sala. Bem à sua frente, sobre um pufe, estava o envelope que continha o resultado do seu exame de ressonância magnética. Olhava fixamente para ele.

Após algum tempo encarando-o, resolveu finalmente enfrentá-lo.

Pegou o envelope nas mãos e abriu-o em seguida. Dali de dentro retirou seis grandes folhas, feitas de um material plástico meio azulado, muito semelhantes àquelas utilizadas em radiografias.

Em cada uma das folhas, era possível visualizar duas dezenas de imagens aparentemente monocromáticas, alinhadas quatro a quatro, exibindo diversos cortes horizontais e verticais da cabeça de Arthur, mas tudo muito escuro.

Levantou-se e se aproximou da janela da sala para colocá-las, uma a uma, contra a luminosidade que atravessava o vidro.

Ergueu a primeira folha no ar...

De repente, uma infinidade de detalhes foi revelada a Arthur pela claridade. Passou o olho por toda aquela película plástica e ficou impressionado com a altíssima definição presente nas figuras ali

gravadas. Percebeu seu nome, sua data de nascimento e o nome do hospital em cada uma das imagens, além de outras tantas sequências de letras e números que formavam códigos indecifráveis.

Todas aquelas curvinhas características do cérebro estavam lá, tudo muito nítido!

Tentou Arthur imaginar a complexidade por trás daquele tipo de exame e toda a pesquisa necessária para se atingir resultados assim tão pormenorizados. Como podia alguém desenvolver algo assim tão extraordinário?

Abismou-se com a genialidade humana... Quando motivado, o homem realmente era capaz de feitos grandiosos, conseguia alcançar o que em outros tempos parecia simplesmente impensável.

Quão maravilhoso poderia ser o mundo se toda essa genialidade fosse utilizada apenas para fazer o bem, não é verdade?

Sim... Certamente seria incrível! Entretanto, Arthur precisava voltar a se concentrar em seu objetivo. Tamanha divagação seria o medo de topiar de frente com a inevitável realidade registrada naquelas folhas de exame?

Arthur, que nunca foi homem de fugir da raia, respirou fundo e retomou a análise das imagens em

busca do seu mais novo desafeto.

Fixou o olhar momentaneamente em cada uma das figuras em busca de algo discrepante. Não sabia ao certo o que procurar... Não era ele um especialista em cérebros, muito menos em tumores, e suas habilidades de arquiteto definitivamente não eram as mais indicadas para aquele instante.

Supostamente, nada na primeira folha...

Levou a segunda lâmina plástica contra a luz e, sem demora, veio o frio na barriga. Segunda linha, terceira figura. O maldito realmente estava lá! E o pior: destacado na cor laranja.

Quanto atrevimento daquele hóspede indesejado! Além de não ter sido convidado a estar ali, ainda se exibia num tom bastante chamativo para que não corresse o risco de passar despercebido.

Desgraçado!, xingou Arthur em seus pensamentos.

Arthur, apesar de chocado e ligeiramente revoltado, observou minuciosamente o tumor.

Tinha a forma arredondada e parecia muito pequeno quando comparado ao todo da imagem.

Nesse momento exato, recordou-se ele das palavras da médica: “menos de um centímetro e

meio de diâmetro”.

Arthur não resistiu à vontade de entender o tamanho do seu inimigo. Juntou então todas as folhas do exame nas mãos e subiu rapidamente as escadas para o segundo piso.

Chegando lá, jogou envelope e películas plásticas sobre a cama e dirigiu-se para a sua prancheta de desenhos. Deslocou a régua horizontal para cima, até posicioná-la mais ao centro da prancheta. Colocou a ponta do polegar esquerdo sobre a marca de sessenta centímetros e deslocou o outro polegar até obter a medida desejada.

– Um centímetro e meio... – falou consigo mesmo.

Pegou a lapiseira e, na folha branca de papel que ali já estava colocada, fez um risco da dimensão do seu problema. Retornou a régua para a margem inferior da prancheta e olhou por alguns segundos aquele pequenino traço.

Subitamente, tirou a carteira do bolso da calça e despejou todas as moedas que lá se achavam em cima da cama. Catou-as nas mãos e comparou-as uma a uma ao centímetro e meio recém-riscado.

Cinquenta centavos, vinte e cinco centavos, dez centavos... todas que tinha ali disponíveis,

apesar de pequenas, tornavam-se grandes demais quando confrontadas àquele traço...

Foi quando Arthur se lembrou de sua moeda da sorte, moeda esta que havia ganhado de seu pai quase três décadas atrás e que fazia questão de guardar até os dias atuais.

Deu a volta em sua cama e abriu a gaveta do criado mudo. Retirou dali uma caixa na qual conservava coisas que tinham alguma relevância em sua vida. Até a própria caixa em si tinha seu significado: era um presente de sua avó por parte de pai, já falecida àquela data.

Sentado na cama, apoiou o objeto de madeira sobre o colo e abriu sua tampa. Tirou de dentro dela um punhado de cacarecos: alguns chaveiros velhos, um relógio de pulso que já não funcionava, uma correntinha de prata, um pingente em forma de prancha de surfe preso a um barbante de nylon preto que costumava usar no pescoço quando adolescente, um trevo de quatro folhas plastificado, uma fotografia bastante antiga e meio desbotada na qual era possível ver seus pais, seus irmãos e ele sobre uma toalha de piquenique e rodeados por um gramado esverdeado...

Ateve-se por alguns segundos naquele registro

familiar.

No retrato, seus pais estavam bem mais novos, seus irmãos ainda eram crianças e ele, o caçula dos três filhos, era apenas um bebê. Todos bastante sorridentes, exceto ele próprio, que se distraía com um brinquedo nas mãos. Curtiu a nostalgia que tomou conta dele enquanto olhava aquela foto...

Superado o lance de abstração, seguiu esmiuçando o conteúdo da caixa e enfim encontrou o que procurava. Como tudo o mais que guardava ali dentro, era uma moeda de pouquíssimo valor financeiro, apenas um centavo, porém de incalculável valor sentimental.

“Guarde muito bem essa moedinha...”, disse o pai de Arthur ao lhe entregar o suposto amuleto. “Parece pequena, sem importância, mas seu poder é enorme! Já me trouxe muita sorte pelo tempo em que esteve comigo, e agora é hora de passar essa sorte para você... Está pronto para a responsabilidade de guardá-la?”.

Arthur não sabia ao certo se aquele objeto cor de cobre realmente havia lhe trazido a sorte mencionada por seu pai.

É... Arthur podia até não saber, porém também não tinha como negar que até aquela altura de sua

existência havia ele experienciado muito mais ocasiões alegres do que tristes em sua vida...

A fim de preservar a superstição e o significado afetivo imbuídos naquele amuleto, preferiu acreditar àquele instante que a tal moedinha de fato contribuía de alguma maneira para que tivesse topado bem mais vezes com o júbilo e a boa-venturança...

De posse do centavo, retornou até a prancheta e posicionou-o sobre o traço que havia desenhado. Nem maior, nem menor... era do tamanho exato! A moeda favorita de Arthur se ajustava perfeitamente ao diâmetro do seu mais novo problema. Ironia do destino ou infeliz coincidência?

Sentou-se de frente para a cama na banqueta que acompanhava aquela prancheta e colocou o pequeno objeto metálico entre o indicador e o polegar da mão direita.

Então você é desse tamanho?, raciocinou Arthur.

E nesse minuto, enquanto ele ainda ponderava acerca da dimensão do tumor que se formou em sua cabeça, um barulho de porta se fechando veio do andar inferior. Ouviu-se em seguida uma voz feminina bastante afobada:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Arthur? Arthur, cadê você?

Era Amanda.

– Aqui em cima... – respondeu ele sem muito entusiasmo.

A moça subiu os degraus num ritmo acelerado.

Ao chegar ao topo da escada, deparou-se com Arthur ainda sentado, com o rosto ligeiramente voltado para baixo e segurando a moeda na direção dos olhos.

– Pelo amor de Deus, Arthur! Por que sumiu assim? Te liguei várias vezes no celular!

Arthur não esboçou reação.

– Por que não me atendeu? – Insistiu Amanda ainda desassossegada. – Se não te encontrasse aqui, minha próxima providência seria ligar pra sua mãe!

Ao se dar conta de que não teria respostas, ela caminhou até ele e sentou-se na cama o mais perto possível do seu namorado. Só então Amanda percebeu a feição esmorecida de Arthur.

– O que houve, meu bem? – questionou a moça agora com a voz bastante suave.

Amanda estendeu os braços e segurou as mãos de seu amado.

– O que é isso que tem aí? – perguntou ela.

PERIGOSAS ACHERON

Só então Arthur levantou o rosto e retribuiu o olhar de sua namorada.

– Amanda, quero te apresentar o meu novo companheiro...

■ ■ ■ ■ ■

Amanda ouviu perplexa toda a explicação. Ficou chocada sim com a notícia, mas se esforçou para não deixar transparecer seu espanto. Não queria contagiar seu namorado com qualquer tipo de sentimento negativo ou deixá-lo ainda mais desalentado e abatido com a já duríssima realidade.

Pegou ela novamente a folha de exame e observou a pequena área alaranjada ali destacada.

Na sequência, passou o olho pelo restante do exame e constatou que o tumor também era visível em outras duas folhas, porém apresentado em ângulos diferentes.

Amanda até tentou seguir com a dissimulação, mas, afrontada pelas imagens, acabou permitindo que a apreensão que reinava em sua mente ficasse evidente em suas próximas palavras:

– Você tem que voltar lá e marcar a biópsia o quanto antes!

Amanda se levantou, puxou Arthur pelo braço com a intenção de colocá-lo de pé, e concluiu seu raciocínio:

– Vamo voltar lá no hospital e falar com essa oncologista agora mesmo!

Ele resistiu à força feita pela namorada para erguê-lo.

Estranhando a inércia do namorado, Amanda seguiu quase que indignada com sua argumentação:

– Acorda, Arthur! Com essas coisas não dá pra perder tempo!

Ele finalmente resolveu se manifestar:

– Amanda, já entendi mais do que ninguém a urgência da situação... mas amanhã, tá bom? Hoje eu só quero...

Interrompido pelo nó na garganta, Arthur nem sequer conseguiu concluir a frase que articulava.

Foi quando Amanda percebeu a tristeza abarcar as feições de Arthur. Os olhos do namorado subitamente tornaram-se marejados. Estava ele ali, diante dela, como uma criança indefesa que pedia colo. Vendo-o assim tão vulnerável, Amanda logo compreendeu que agora era o herói intrépido e destemido de outrora quem precisava ser salvo...

Agachou-se ela em frente a Arthur e limpou a

lágrima que já escorria pelo rosto do namorado.

E então, diante de toda aquela desolação, Amanda acabou concordando que um único dia não deveria fazer tanta diferença assim para marcar a biópsia.

Puxou-o novamente, desta vez com a intenção de abraçá-lo e completou:

– Sim, Arthur... Amanhã...

■ ■ ■ ■ ■

Amanda passou o resto do domingo segurando as pontas ao lado de Arthur. Tentou transformar, o quanto pôde, aquele fatídico dia em um outro qualquer.

A tarefa não era nada fácil... Tinha plena consciência de que não seria capaz de afastar completamente dos pensamentos do namorado uma notícia tão arrasadora e inesperada quanto aquela, no entanto empenhou-se ao máximo.

Pediu almoço pelo telefone para os dois, ficou ao lado dele assistindo a vários episódios seguidos do seriado favorito do casal na Netflix, fez-lhe carinho quando notava seu namorado meio ausente, segurou sua mão enquanto ele chorava ao falar no telefone com o pai...

Quando já bem tarde, Amanda insistiu em ficar e seguir fazendo companhia ao seu amado. Ela desejava passar a noite por ali mesmo, velar o sono de Arthur e se certificar de que pensamentos obscuros não o impediriam de repousar.

Arthur já estava de certa forma embaraçado por ocupar tanto o tempo de Amanda, mas, ainda assim, aceitou a proposta da namorada. A noite seria muito longa e as preocupações que cresciam dentro dele já eram grandes demais para que ele as enfrentasse totalmente sozinho e sem nenhum tipo de auxílio. A solidão tão desejada logo após o recebimento da notícia do tumor agora era estranhamente temida...

Amanda convenceu-o a tomar os tais comprimidos indutores de sono obtidos no hospital para que ele pudesse pregar os olhos e realmente descansar durante a noite.

Remédios tomados, iniciaram os preparativos para dormir.

Momentos depois, ele já estava de banho tomado e deitado na cama com seu pijama.

Mais alguns instantes e ela enfim fechou o chuveiro. Enxugou-se, escovou os dentes e saiu do banheiro. Solto os cabelos, presos antes do banho

para que não se molhassem, vestiu uma blusa emprestada de Arthur e, em seguida, deitou-se ao lado do namorado, virada para ele, com a mão apoiando o rosto e o cotovelo escorado no travesseiro.

Olharam-se por alguns poucos minutos até que as pálpebras de Arthur finalmente se fecharam.

Eficientes os tais comprimidos..., pensou ela.

Vendo a aparente tranquilidade no rosto de seu amado, pediu aos céus que os fantasmas recém-descobertos não assombrassem a noite de Arthur... nem a dela também.

– Boa noite, meu amor! – sussurrou ela.

Beijo na testa, abajur apagado, olhos cerrados.

■ ■ ■ ■ ■

Manhã seguinte.

A noite que prometia grandes surpresas passou praticamente despercebida. Apesar de terem acordado mais cedo que o habitual, o mata-leão medicamentoso permitiu algumas horas de tranquilidade a Arthur.

Cama arrumada, louças do café da manhã lavadas, roupas trocadas...

Antes de dirigir-se ao hospital, Arthur, de carro, levou Amanda até a casa dela.

– Tem certeza que não quer que eu vá com você? Posso ligar no trabalho e avisar que chegarei um pouco mais tarde. – disse ela.

– Não precisa, meu amor. Você já fez muito por mim ontem... não tenho nem coragem de te amolar mais.

– Que cerimônia é essa, Arthur? Gosto muito de cuidar de você, de estar ao seu lado... Você não me atrapalha em absolutamente nada!

Arthur passou a mão pelo rosto de Amanda, colocando o cabelo por trás da orelha da namorada.

– Sei muito bem disso... – retrucou ele sorrindo. – Obrigado por tudo, mas agora deixa comigo...

E depois do beijo de despedida, a moça desceu do veículo.

■ ■ ■ ■ ■

Já no hospital, Arthur, de posse dos exames, aguardava Dra. Julia encerrar uma reunião. Ainda não sabia se seria recebido pela oncologista-chefe, pois o encontro que tentava conseguir com a

médica não estava previamente agendado.

Sentado no *hall* do gabinete da doutora, braços cruzados, olhava ele fixamente para o relógio dependurado na parede à sua frente.

O ponteiro dos segundos parecia não se importar com a inquietude de Arthur e seguia firme em suas agora incontáveis voltas.

Exatamente às oito horas e trinta e dois minutos daquela manhã de segunda-feira, a porta da sala se abriu e de dentro saíram três pessoas, todas vestidas de branco. A última delas fechou a porta após passar entre seus marcos. A reunião havia aparentemente acabado.

Imediatamente, a secretária tirou o telefone do gancho, teclou alguns botões e trocou breves palavras com a médica que ela assessorava.

A chamada mal foi encerrada e a porta se abriu novamente.

— Estou feliz que tenha voltado tão rapidamente! — disse Dra. Julia, que gentilmente atenderia Arthur entre seus compromissos. — Venha, vamos conversar.

Arthur cumprimentou a médica ali diante da porta e entraram em seguida.

Dra. Julia fechou a porta após a passagem de

PERIGOSAS ACHERON

Arthur e pediu para que ele se sentasse. Deu ela a volta em sua mesa e acomodou-se defronte a Arthur.

– E então, decidido a enfrentar a situação? – inquiriu a doutora.

– Primeiramente, obrigado por me receber. – agradeceu ele. – Vou tentar ser breve para não tomar muito do seu tempo... Suas palavras de ontem sobre a urgência de um diagnóstico ficaram martelando na minha cabeça e resolvi procurá-la para ver se marcamos a tal biópsia. – acrescentou o até então convicto Arthur.

– Ótimo! Excelente decisão! – respondeu a médica toda satisfeita. – Deixe-me dar uma olhada novamente na sua ressonância. – disse ela solicitando os exames que o paciente trazia nas mãos.

A doutora retirou as folhas semitransparentes de dentro do envelope, selecionou duas delas e colocou-as sobre um quadro retroiluminado, pregado na parede ao lado da mesa.

Após alguns instantes analisando as imagens, começou a passar suas impressões:

– A posição desse tumor não é das mais complicadas que já vi, porém impõe um elevado

grau de complexidade a uma eventual cirurgia de remoção. Assim, considero interessante utilizarmos uma técnica chamada “biópsia estereotáxica” para avaliarmos melhor o seu caso antes de uma intervenção mais drástica... Basicamente, trata-se de uma agulha que é guiada através de um pequeno orifício feito no seu crânio até o local do tumor com a ajuda de um dispositivo de imagem. A agulha então recolhe uma amostra do tumor para que seja analisada.

Arthur, a essa altura, já estava com os olhos mais que arregalados.

– Um buraco na minha cabeça? – disse ele todo assustado.

– Apesar de soar um tanto chocante, é um procedimento pouco invasivo quando comparado a uma cirurgia e relativamente tranquilo de ser realizado. Você estará sedado e não sentirá nada. – respondeu a médica logo na sequência tentando tranquilizá-lo.

É... poderia até não vir a sentir nada durante o tal procedimento, no entanto, naquele momento exato, Arthur sentia-se acuado.

– E o risco envolvido? – indagou o paciente.

– Veja bem, Arthur... O maior risco agora é

justamente o de você não fazer a biópsia. Estamos em um centro de referência no diagnóstico e no tratamento de tumores, benignos e malignos. Minha equipe é altamente especializada e já efetuou esse tipo de procedimento diversas vezes aqui neste hospital... O risco do procedimento é mínimo. Não há o que temer.

Por um lado, as palavras firmes da médica passavam muita segurança, por outro, o medo daquele procedimento desconhecido semeava incertezas nos pensamentos de Arthur.

Também pudera, né... Para alguém como Arthur que tendo em vista uma probabilidade baixíssima conseguiu a proeza de ser agraciado com um tumor no cérebro, qualquer risco, mesmo que mínimo, agora parecia ganhar proporções astronômicas!

Daí aquela certeza que ele tinha no início do dia quanto à realização da biópsia parecia que havia desaparecido após a explicação da doutora. Arthur, intimidado com o procedimento, temeu por sua vida pela primeira vez.

Fazendo uso do computador que existia sobre sua mesa, Dra. Julia, pró-ativa, ignorando a hesitação daquele paciente, acessou a agenda de

exames do hospital e verificou que havia uma janela no dia seguinte perfeita para encaixá-lo.

– E estamos com sorte: se optar pela biópsia conosco, poderemos realizá-la amanhã mesmo. Correndo tudo bem durante o exame, poderá deixar o hospital no mesmo dia. É possível que, em pouco menos de uma semana, já tenhamos o seu resultado em mãos. – completou ela.

“Sorte”. Mais uma vez esse termo cruzava o caminho de Arthur num contexto de certa forma diferente. Não se tratava daquela sorte eventualmente desejada por Arthur, e talvez até simplória, de jogar na loteria e faturar um prêmio milionário, mas sim uma sorte num sentido mais amplo, mais abrangente, em que o universo parecia intervir em favor dele, permitindo não somente que o tumor fosse descoberto precocemente como também conspirando para que aquela biópsia se consumasse o mais rápido possível.

E aí? Submeter-se ao pavoroso buraco na cabeça ou arriscar-se a seguir sem um diagnóstico? Entregar-se definitivamente ao medo e recuar ou aceitar aquela sorte e dar-se uma chance de lutar pela própria vida?

Vacilação à parte, a verdade é que esse temor

de Arthur quanto à realização da biópsia não residia apenas no procedimento em si. O problema estava longe de se restringir àquele abominável buraco na cabeça ou à execrável agulhada na massa cinzenta... O difícil mesmo para ele seria ter que encarar posteriormente o resultado de mais aquele exame...

Estava ele com um mal pressentimento... Já podia até antever no laudo da biópsia a palavra “câncer” escrita em letras garrafais, negritadas e sublinhadas!

– Podemos marcar pra amanhã? – insistiu a doutora na data.

Arthur sabia exatamente o que deveria responder, qual era a decisão correta a se tomar, porém tal pressentimento pessimista meio que o travava e o impedia de continuar.

Buscando contornar o cagaço, tentou imaginar como seus pais e irmãos o aconselhariam naquele momento. Não precisou pensar muito... a resposta era mais que óbvia, mas, mesmo assim, seguiu irresoluto por mais um instante.

Olhos vidrados em seu paciente, a médica continuava aguardando uma definição. Do outro lado da mesa, passava e muito da hora de Arthur

proferir sua decisão...

E aí? Tumor benigno ou maligno? Saber ou não saber? Marcar o exame ou não?

Foi então que a figura de Amanda irrompeu na mente dele e tudo ficou mais claro. A lembrança do doce sorriso daquela moça desentranhou completamente qualquer dúvida que poderia existir em Arthur.

Naquele exato minuto, reconscientizou-se do que já sabia, do que considerava um irrefutável lance de sorte em sua vida: o fato de ter topado com Amanda durante uma de suas corridas...

Não importava mais o resultado da biópsia! Mesmo que o laudo do exame não fosse dos mais favoráveis, Arthur faria o que fosse preciso para desfrutar ao máximo e pelo maior tempo possível o grande bilhete premiado que tinha consigo havia pouco mais de dois anos. Cirurgias, quimioterapia, radioterapia... Enfrentaria qualquer diagnóstico e venceria qualquer doença pela oportunidade de estender sua permanência ao lado de sua tão amada Amanda.

Esse sim era um risco que valia a pena correr. Tinha que encerrar esse assunto de uma vez por todas!

– Perfeito. Amanhã! – confirmou Arthur com a confiança plenamente restaurada.

Com um sorriso no rosto, a doutora bloqueou pelo computador o horário para Arthur.

Depois de tudo acertado, a médica passou alguns cuidados e restrições que deveriam ser observados pelo paciente a fim de permitir a realização do exame no dia seguinte.

Arthur agradeceu mais uma vez a disponibilidade da Dra. Julia em recebê-lo sem hora marcada e em seguida deixou a sala.

Do lado de fora, celular à mão, tinha que contar a novidade para Amanda.

Calculando que àquele instante a namorada já devia ter chegado ao serviço, optou por enviar a notícia por mensagem de texto a fim de não atrapalhar com uma ligação telefônica durante o expediente de trabalho:

“Biópsia amanhã. Depois te conto os detalhes... :S”

■ ■ ■ ■ ■

Chegando ao escritório da empresa, Arthur foi direto à sala de seu superior hierárquico para

informá-lo do exame recém-marcado.

Como a secretária do chefe estava ausente, resolveu bater diretamente à porta do seu gerente.

– Pode entrar! – gritou o homem lá de dentro.

Arthur obedeceu o comando e invadiu o recinto.

No interior da sala, encontrou seu patrão sentado à mesa de trabalho, caneta à mão e óculos pendurados no rosto, debruçado sobre algumas folhas de papel.

– Chefe? – disse Arthur logo após fechar a porta.

O homem levantou o olhar enquanto ainda rabiscava alguma coisa nos documentos, com o intuito de identificar quem vinha lhe roubar seu precioso tempo.

– Arthur! Enfim apareceu. Já ia te ligar se não desse sinal de vida nos próximos trinta minutos... Leu meu *e-mail* no fim de semana?

Xiii... Arthur havia esquecido completamente de consultar o *e-mail*. Também, né... Como lembrar disso diante do acontecido? Pelo jeito, o projeto recém-apresentado não passara ileso pelo segundo crivo daquele indivíduo.

– Não tive a oportunidade, chefe.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não tem problema! Nem foram tantas observações assim... Estou certo de que você rapidamente colocará tudo conforme solicitado na sua apresentação de amanhã. – respondeu o patrão com um estado de espírito mais leve que o usual.

– Chefe, justamente sobre esse assunto, tenho algo muito importante para te falar.

– Então pare de enrolar e fale logo de uma vez, criatura!

E ali de pé, sem rodeios, Arthur anunciou:

– Chefe, amanhã vou precisar me ausentar.

E nisso o vaporoso e atípico estado de espírito do sujeito sentado à mesa começou a se dissipar.

– Como assim? – disse o patrão usando de um tom de voz um pouco mais ríspido.

– Terei que realizar um exame meio delicado e acabei de conseguir uma vaga pra amanhã...

– Impossível! Amanhã é o dia da sua apresentação para o cliente! – esbravejou o chefe interrompendo o raciocínio de seu subordinado. – Não podia ter marcado isso pra outro dia? – completou o homem já cego de irritação, inconformado com a suposta falta de comprometimento de seu funcionário com o importante projeto do escritório.

PERIGOSAS ACHERON

Arthur, apesar do aparente descontrole do chefe, serenamente expôs os acontecimentos do final de semana e o teor de sua conversa com a oncologista ocorrida momentos antes.

Feito isso, o patrão de Arthur prontamente percebeu a cagada que acabara de cometer:

– Nossa, Arthur... Sinto muito... Eu não sabia!
– disse o homem extremamente sem graça. – Ando muito pressionado pela diretoria quanto a esse projeto... Pra piorar, meu filhinho pequeno tem me deixado acordado a noite inteira! Minhas oscilações de humor andam mais frequentes do que nunca... – continuou ele tentando se justificar.

Um instante de silêncio se fez enquanto o chefe balançava a cabeça de um lado para o outro, visivelmente arrependido de seu ato. Após alguns segundos, o patrão acrescentou:

– Olha só: apenas faça as alterações que solicitei no *e-mail* e vá pra casa, tá? Nós daremos um jeito por aqui amanhã com a apresentação. Saúde em primeiro lugar...

– Obrigado pela compreensão, chefe. Vou fazer isso.

Arthur deixou o gabinete do gerente e se encaminhou para o andar imediatamente abaixo.

Não esperou pelo elevador, preferiu usar as escadas. Já no pavimento inferior, atravessou os corredores até chegar à sua própria sala. Cumprimentou Maria, sua secretária, desprovido da alegria no olhar de sempre.

Fechou a porta e sentou-se à sua mesa, junto ao computador. Ligou-o. Digitou seus dados de *login* e, na caixa de entrada do programa de correspondências eletrônicas, não demorou para localizar o *e-mail* com as correções do chefe.

Domingo, 04:33 AM – Considerações para o Projeto 150.

É... Não sei se é por conta do filhinho pequeno, mas ele realmente tem ficado acordado durante a noite..., concluiu Arthur ao verificar o horário de envio da mensagem.

Fez a leitura do *e-mail*...

De fato não eram grandes as alterações solicitadas pelo superior hierárquico e não levaria muito tempo para concluí-las. Porém, consumir rapidamente aquelas demandas ali descritas era tudo o que Arthur não queria... Precisava mesmo era se ocupar com a tarefa pelo maior período

PERIGOSAS NACIONAIS

possível, do contrário acabaria tendo muitas horas livres para ficar antecipando mentalmente os acontecimentos previstos para o dia seguinte e, conseqüentemente, encher sua cabeça de minhocas.

E assim, vagarosamente o fez. Tudo com bastante capricho.

Alguns traços gerais deletados, outros reposicionados. Disposição da piscina e arranjo das mesas e cadeiras na área de lazer levemente alterados.

Pouco antes do meio-dia, atendeu a uma ligação da namorada e deu a ela uma breve explicação acerca da tal biópsia.

No horário habitual de almoço, não sentia uma fome que o obrigasse a parar o que vinha fazendo. Na verdade, nenhuma fome sentia naquele momento...

– Algo para comer, senhor? – perguntou a solícita secretária pelo telefone sessenta minutos mais tarde.

– Hoje não, Maria. Obrigado! – respondeu Arthur tendo em vista a total ausência de apetite que perdurava.

Letreiro luminoso com o nome do empreendimento redimensionado, mais destacado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cores ligeiramente mais claras e mais alguns pequenos detalhes na fachada...

Outras duas horas se passaram até que não houvesse mais o que Arthur mexer ali. Todas as modificações requisitadas pelo patrão estavam terminadas.

E-mail para o chefe contendo o arquivo revisado e... pronto! Arthur desligou o computador, pegou suas coisas e deixou a sala.

Acenou para Maria, que sentada à sua mesa continuava sem entender o porquê de todo aquele desânimo naquele que era um dos mais descontraídos membros da equipe.

– Senhor, está tudo bem?

Arthur concordou com a secretária e ironicamente respondeu:

– Não se preocupe, são apenas coisas da minha cabeça...

– Senhor, sabe que estou à sua disposição para resolver qualquer problema, né? Pode contar comigo sempre!

Arthur se comoveu com a prontidão da colega de trabalho.

– Eu sei, Maria... Obrigado!

Antes de deixar o prédio, passou novamente

PERIGOSAS ACHERON

na sala do chefe para informá-lo de que já estava tudo finalizado.

O chefe que havia se comportado quase como um ogro mais cedo, desta vez demonstrou em suas palavras uma dose maior de respeito pelo seu funcionário:

– Boa sorte amanhã, Arthur!

■ ■ ■ ■ ■

Dez para as quatro da tarde.

Arthur parou o carro na garagem do seu prédio, mas não subiu para o apartamento. Como tinha ficado enfurnado dentro de casa por praticamente todo o domingo, resolveu dar uma volta na rua.

Saiu pelo portão do prédio e caminhou sem pressa pelo quarteirão.

Olhou em detalhes cada um dos edifícios e casas pelos quais passava: proporções, cores, estilo, harmonia... Conseguia perceber claramente a época em que foram erguidos apenas pelas suas características construtivas. Algumas edificações eram mais recentes, a exemplo do prédio em que vivia, outras bem mais antigas.

A arquitetura, assim como se vê em diversas áreas, tem dessas tendências que, de tempos em tempos, vão se substituindo sucessivamente. Por vezes, algumas dessas tendências até retornavam ao uso corrente, todavia com algumas sutilezas que as diferenciam da ocorrência original.

Nessa análise pormenorizada, levou mais ou menos uma hora para percorrer a quase totalidade do quarteirão. Antes porém de completar os poucos metros que o levariam de volta ao ponto em que iniciou a caminhada, sentou-se em um dos bancos de madeira existentes em frente ao comércio da esquina.

Ficou ali espiando o vai e vem das pessoas por um tempo até ser interrompido pelo vibrar do celular em seu bolso.

“Mãe” indicava o visor do aparelho.

Que boa coincidência... Arthur, que estava em vias de ligar para a casa dos pais para informá-los do exame a que seria submetido, atendeu o telefonema:

– Oi, mãe... Tudo bom?

– Tudo, meu filho. E você?

– Tudo bom também. – respondeu ele preferindo não se lamentar com a mãe sobre os

fatos recentes.

– Estava pensando se você não gostaria de vir lanchar aqui em casa essa noite... O que acha?

Arthur percebeu imediatamente que esta seria uma excelente oportunidade para contar aos pais sobre a “bendita” biópsia sem o distanciamento e a impessoalidade inerentes a uma ligação telefônica. Dessa forma, aceitou ele o convite sem mencionar nada sobre o procedimento a ser feito no dia seguinte:

– Pode contar comigo.

– Ótimo, filho! Traga a Amanda com você, se ela puder vir. Aguardamos vocês às sete da noite.

– Combinado, mãe. Adeus, até mais tarde.

■ ■ ■ ■ ■

Às sete e dez da noite, Amanda finalmente mandou uma mensagem avisando que estava pronta e que Arthur já poderia sair de casa para buscá-la.

Pelo horário, Arthur calculou que estavam pelo menos meia hora atrasados, já que levaria uns vinte minutos para chegar até a residência de seus pais depois que apanhasse a namorada.

Sem mais demora, desceu até a garagem,

entrou no carro e seguiu rumo ao prédio de Amanda.

Quatro quarteirões depois, a namorada de Arthur embarcou no carro.

– Meu amor, desculpe o atraso!

Beijinho para selar o encontro do casal.

– Não se preocupe... foi até bom que deu tempo de o trânsito diminuir um pouquinho. – respondeu Arthur olhando a demora de Amanda para se arrumar pelo lado positivo. – Coloque o cinto. – solicitou ele na sequência.

– Sim, senhor!

Cinto de segurança afivelado, Arthur arrancou o carro.

Nos primeiros cinco minutos do percurso, vinha Amanda analisando disfarçadamente a fisionomia de Arthur. Não parecia triste, mas sim conformado. Percebeu naqueles poucos instantes dentro do automóvel que ele se comportava de modo mais seco que o normal, o que era plenamente esperado às vésperas de um momento tão decisivo na vida do namorado: além de encarar a biopsia, que por si só já era um procedimento apavorante, ainda estaria iniciando a contagem regressiva para conhecer a verdadeira natureza

daquele tumor.

– Então... conte-me mais sobre a biópsia... – pediu Amanda imaginando que seria bom para Arthur versar um pouco sobre o assunto.

■ ■ ■ ■ ■

Chegando ao condomínio onde moravam os pais de Arthur, identificaram-se na portaria aos seguranças que controlavam a entrada e a saída de pessoas e veículos àquele lugar. Após receberem a devida autorização, prosseguiram ao seu destino.

Carro estacionado, saltaram do automóvel cinza-chumbo e andaram até a porta da frente.

Arthur girou a maçaneta.

– Ué... a porta tá trancada! – estranhou ele.

Tocou a campainha e aguardou. Instantes depois, a mãe abriu a porta:

– Olá, queridos!

Cumprimentaram-se todos.

– Seu pai está na cozinha, vamos lá pra você falar com ele. – disse a mãe ao filho.

Arthur entrou pela porta. Logo atrás veio Amanda, que ao passar ao lado da sogra deu-lhe uma discreta piscadinha de olho.

Atravessaram a sala de visitas, a de jantar e, enfim, estavam de frente para a porta que dava acesso à cozinha. O som da TV vinha alto de lá de dentro.

Elegantemente, Arthur permitiu que as damas entrassem primeiro para só então passar pela porta.

E assim que adentrou o recinto, defrontou-se com o inesperado: não só o seu pai, mas também seus irmãos, Gabriel e Teresa, e seus sobrinhos estavam ali, de braços abertos, sorrindo para ele! Até mesmo Sophia, a esposa do irmão, estava presente.

As crianças logo correram para abraçá-lo.

Arthur se transformou. Seu olhar, que até então parecia apreensivo, subitamente foi iluminado por aquela agradável surpresa. Foi como uma injeção de ânimo aplicada diretamente na veia!

Ainda atônito, Arthur olhou para o lado e viu a alegria estampada no rosto daquelas que provavelmente eram as responsáveis pelo encontro: sua mãe e sua namorada.

Amanda, visivelmente emocionada, já trazia lágrimas nos olhos.

Os sobrinhos ainda se agarravam às pernas do tio. Aos poucos, pai, mãe, namorada, irmão, irmã e

PERIGOSAS NACIONAIS

cunhada também se aproximaram e formaram em torno de Arthur um demorado abraço coletivo.

Após a demonstração de carinho familiar, Arthur quebrou o seu silêncio enquanto enxugava os olhos molhados com as costas das mãos:

– Mas vocês, hein? Me enganaram direitinho!

Antes mesmo de Arthur questionar como tudo aquilo havia sido planejado, a sua mãe começou a confessar:

– Sua namorada teve a ideia do encontro e me ligou. Achei a ideia muito boa e falei para os seus irmãos.

Amanda acrescentou:

– E eu ainda tive que inventar aquele atraso pra dar tempo de a sua irmã Teresa chegar com as crianças!

– Seu sobrinho aqui conseguiu fazer um xixi nas calças quando estávamos pra sair de casa! – exclamou a irmã de Arthur pegando o menino de dois anos no colo. – Mas acabou que deu tudo certo...

– Não vi os carros de vocês lá fora! – exclamou Arthur.

– É porque paramos todos na rua de trás para não estragar a surpresa... – retrucou Teresa.

PERIGOSAS ACHERON

Arthur, que não era bobo nem nada, já desconfiava da razão para tal reunião em plena segunda-feira.

– Só existe um motivo para estarem todos aqui... – falou ele. – Já estão sabendo do procedimento de amanhã, né? – completou coçando a barba com as unhas.

– Sim, Arthur... já estamos sabendo. – respondeu Gabriel ao colocar a mão sobre o ombro do irmão. – E estaremos todos com você para o que for necessário, amanhã e sempre!

Arthur sorriu ainda mais e brincou:

– Estarão todos vocês comigo amanhã? Não sei se o hospital permitirá a presença de todos vocês na sala de biópsia... é capaz de faltar espaço para os médicos!

Logo em seguida, Arthur continuou:

– Aproveitando essa disponibilidade toda, realmente precisarei de alguém para ficar comigo lá no hospital.

– Não se preocupe, meu filho. Sua mãe e eu podemos ir com você amanhã. – respondeu o pai.

Arthur agradeceu a disponibilidade de seus pais com um movimento positivo de cabeça.

Como já estavam cientes da situação toda,

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur resolveu então aproveitar a noite para se lembrar do quanto gostava de estar com aquelas pessoas e para se esquecer momentaneamente de sua condição de saúde. Tratou portanto de retirar da conversa o tal assunto que tanto o enfadava nos últimos dois dias:

– E aí? Vamos comer?

Todos concordaram prontamente.

Dispuseram copos, pratos e talheres sobre a mesa da sala de jantar. Bolo, pães diversos, salgadinhos, leite, sucos, iogurtes e salada de frutas também estavam ali. O exagero nas quantidades denunciava inegavelmente que a tarefa de comprar tudo o que seria servido naquela noite havia ficado por conta do pai de Arthur. “Antes sobrar do que faltar...”, dizia ele sempre.

Comeram e beberam. Conversaram bastante, porém, nada mais foi dito sobre o dia seguinte no tempo em que estiveram sentados à mesa. Era como se todos quisessem transmitir um certo clima de normalidade àquela noite, e provavelmente foi o melhor a ser feito... Afinal de contas, o único resultado possível de uma chuva de perguntas àquela altura seria inundar a mente de Arthur com uma ansiedade inteiramente desnecessária.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Num dado momento, dentre as piadas, as gracinhas e as risadas que costumeiramente tomavam conta do ambiente nos encontros da família, Arthur separou um instante para observar toda aquela gente ali presente.

Logo à sua esquerda, Amanda conversava com a esposa do seu irmão Gabriel. À cabeceira, seus sobrinhos mais se sujavam do que comiam. Do outro lado da mesa, sua irmã, seu pai e seu irmão comentavam algo aparentemente engraçado entre eles. Completando a mesa, bem à sua direita, sua mãe olhava fixamente para ele com um singelo sorriso nos lábios.

“Tudo vai dar certo!”, diziam manifestamente os olhos dela.

Arthur apoiou sua mão sobre a de sua mãe e retribuiu-lhe o sorriso.

Ali, rodeado por seus entes queridos, Arthur sentiu-se revigorado e pronto para enfrentar o que estivesse por vir. O brilho que ele habitualmente carregava nos olhos quando diante de um grande desafio já se fazia plenamente perceptível.

Mas se ele soubesse de fato o que o destino lhe reservava, talvez não tivesse se sentido tão preparado assim...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 5 – O GRANDE DIA

Manhã de terça-feira.

– Chegou a hora. – disse Dra. Julia.

Ao ouvir essas palavras, Arthur, deitado no leito do hospital, vivenciou mais uma mistura de sentimentos. Agora, a vontade de acabar logo com aquele mistério caminhava lado a lado com o receio de receber dentro de alguns dias uma tenebrosa notícia.

Semblante angustiado, apertou ele ainda mais as mãos de seus pais, que, conforme prometido, o acompanhavam desde cedo.

Um ímpeto de sair correndo daquele quarto chegou a passar pela mente de Arthur, mas sabia ele que procrastinar o exame não lhe serviria de nada.

Deixando-se contaminar pela sensação de segurança que experimentou quando sentado à mesa na noite imediatamente anterior junto a Amanda e aos seus familiares, despediu-se ele de

seus progenitores:

– Então, até breve!

– Boa sorte! – respondeu o pai.

– Vá com Deus, meu filho, e que Ele o abençoe! – rogou a mãe.

Logo que as mãos se soltaram, o enfermeiro puxou a cama onde Arthur se deitava e manobrou-a para fora do quarto.

Corredor. Várias luminárias passaram presas ao teto. Curva à direita e, alguns metros adiante, entraram no elevador.

Portas fechadas. “Desce”, disse a ascensorista eletrônica. Instantes depois, a mesma voz computadorizada interrompeu a agradável música que tocava na cabine: “Terceiro andar”. Portas abertas.

Outro corredor. Após cerca de um minuto de caminhada, Arthur e sua comitiva atingiram o fim da linha.

“Ressonância Magnética” lia-se sobre o vão da parede numa plaquinha. Naquele recinto, à esquerda, quatro pessoas que utilizariam o mesmo aparelho de ressonância para os mais diversos diagnósticos aguardavam sentadas a sua vez de entrar na sala de exames.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao passar ao lado dos demais pacientes, Arthur percebeu que o seu caso deveria ser o mais grave dentre todos ali... Além de ser o único deitado em uma cama sobre rodas, também estava furando aquela fila de espera.

Isso que é uma vantagem indesejada..., pensou ele.

Um pouco mais à frente, à direita, uma parede separava um minivestiário do restante do ambiente, local no qual os pacientes podiam vestir as roupas adequadas ao exame e também guardar os seus pertences. Arthur, que já descera do quarto trajando a vestimenta apropriada, não precisaria fazer uma escala por ali para trocar de indumentária.

Transpuseram uma última porta.

Dentro da sala havia um equipamento cilíndrico enorme, que de frente lembrava uma rosquinha gigante. Alinhada ao buraco central daquela máquina, existia uma maca móvel usada para conduzir os pacientes até o interior do aparelho.

Arthur não se lembrava, mas já estivera ele naquela mesmíssima sala três dias atrás, enquanto desacordado no último sábado.

Dra. Julia, que acompanhou todo o trajeto do

PERIGOSAS ACHERON

quarto até a sala de exame, chegou-se um pouco mais de Arthur e trouxe as últimas informações:

– Nossa equipe está pronta para começar. Iremos fixar um sistema de coordenadas tridimensional em sua cabeça que, juntamente com a ressonância magnética, nos auxiliará a guiar a agulha até o tumor, possibilitando a coleta de uma amostra para análise.

Arthur já sabia daquilo tudo. Já tinha pesquisado tudo sobre o assunto na internet, na noite anterior, logo que chegou do lanche realizado na casa dos pais... Tempos modernos...

A oncologista continuou:

– Fique tranquilo pois já realizei esse tipo de exame inúmeras vezes e hoje acompanharei pessoalmente todo o procedimento... Alguma dúvida?

Mais de uma centena de perguntas transitavam na mente de Arthur, porém o paciente exteriorizou à médica apenas aquela que mais o importunava naquele instante:

– Vai doer, doutora?

– Não vai doer nada! Vamos colocá-lo para dormir e a próxima coisa que sentirá será o beijo de sua mãe lá no quarto quando acordar.

Arthur fez que entendeu com a cabeça.

A cama, que servira de meio de transporte pelos corredores do hospital, foi posicionada mais ao fundo da sala para darem início ao processo de sedação.

Com a ajuda do enfermeiro, o médico anestesiolologista, que já estava por ali, ligou Arthur aos equipamentos de monitoramento.

– Respire normalmente. – disse o doutor ao colocar uma máscara sobre o rosto do paciente.

Arthur seguiu a orientação daquele sujeito e sentiu o torpor tomando conta do seu corpo. Poucos segundos depois, já não conseguia mais lutar contra o peso de suas pálpebras. Seus olhos estavam, enfim, fechados.

■ ■ ■ ■ ■

Horas mais tarde, Arthur recobrava a consciência dentro de um dos aposentos do hospital. Abriu os olhos lentamente, vencendo a letargia que até então se apoderava dele. Apesar da pequena desorientação mental, lembrava-se do motivo que o trouxera até ali.

Ainda meio grogue, enxergou um mundo

confuso. Já tinha plena noção de que estava dentro do hospital, mas, em decorrência da vista ligeiramente desfocada, não conseguia diferenciar os objetos à sua volta.

Notou um vulto vindo em sua direção. Forçou as vistas para tentar identificá-lo, porém sem sucesso. A figura indistinta seguiu se aproximando, até que Arthur sentiu um beijo em sua testa.

A visão continuava desordenada, no entanto conseguiu distinguir nitidamente as palavras ditas na sequência:

– Oi, meu querido! – disse a voz feminina.

Um leve sorriso surgiu no rosto de Arthur ao reconhecer o timbre de sua mãe.

Quase como uma profecia, as últimas frases ditas pela Dra. Julia antes do procedimento se iniciar tornaram-se realidade. De fato, Arthur não sentiu dor nenhuma durante a biópsia e, além disso, teve a felicidade de retornar do mundo dos sedados com aquela doce e suave recepção materna.

– Oi, mãe... – respondeu Arthur com certa dificuldade.

– Tudo bem por aí?

– Ainda não sei direito nem quem eu sou... como vou saber se tá tudo bem? – respondeu com a

PERIGOSAS NACIONAIS

fala arrastada de um bêbado e mantendo o sorriso nos lábios.

– Pelo visto o exame não afetou a parte da sua cabeça responsável pelo bom humor... – retrucou a mãe um pouco mais tranquila ao perceber a brincadeira do caçula.

Arthur apertou mais uma vez os olhos, franzindo as sobrancelhas:

– Tá tudo meio engraçado... meio embaçado... – noticiou ele.

– Isso é natural, meu filho. Em breve estará completamente recuperado da anestesia...

As palavras, que a cada segundo ficavam mais claras, de modo repentino começaram a se embaralhar novamente nos ouvidos de Arthur. Fechou os olhos e apagou de novo.

■ ■ ■ ■ ■

Quase uma hora depois, mais uma tentativa de despertar.

Arthur abriu os olhos novamente, agora com maior vivacidade. Dessa vez, reconheceu com facilidade seu pai e sua mãe, que estavam sentados logo ao lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Deu tudo certo? – perguntou Arthur surpreendendo aos pais que se distraíam assistindo à pequena televisão fixada na parede.

O pai se levantou prontamente para saudar seu descendente:

– Bem-vindo, Arthur!

No mesmo embalo, a mãe se pôs de pé respondendo à indagação do filho:

– Sim, querido! Foi tudo muito bem! A amostra foi colhida com sucesso. Dra. Julia esteve aqui e nos falou que em mais ou menos uma semana deve sair o resultado da sua biópsia.

Nossa... Uma semana!, repetiu Arthur mentalmente o prazo de que já era ciente anteriormente. *Uma semana será quase que uma eternidade...*

Arthur conhecia muito bem a maneira particular com que o tempo se comportava. A mesmíssima semana que passaria num segundo se desfrutada na praia ou esquiando na neve tinha o potencial de durar o mesmo que uma década ao se aguardar um resultado de tamanha importância.

Tão mais agradável seria o tempo caso resolvesse se comportar justamente da maneira inversa...

PERIGOSAS ACHERON

– Uma semana... – repisou Arthur o prazo para a emissão do resultado, dessa vez em voz alta. – O jeito então é esperar e manter o pensamento positivo... – completou na sequência.

– Isso mesmo, filho! Pensamento positivo! – concordou a mãe.

– Está se sentindo bem, Arthur? – questionou o pai.

– Normal... Sem dor... E não me sinto mais como se tivesse tomado sozinho duas garrafas de vinho.

Pai e mãe se entreolharam e respiraram mais aliviados com a declarada normalidade do filho. Não tinham falado nada com Arthur, mas aquela história de agulha no cérebro também os havia deixado meio apreensivos.

Subitamente, o pai de Arthur, que adorava registrar a tudo e a todos por meio de fotografias, deu a volta para o outro lado da cama, sacou o celular do bolso e comunicou:

– Já que correu tudo bem, então todos sorrindo para guardarmos para sempre o primeiro passo de mais uma caminhada de Arthur rumo à vitória!

O pai de Arthur esticou o braço segurando o aparelho e, assim que conseguiu um bom

enquadramento na tela do celular, clique!

A ocasião estava registrada para a posteridade: de um lado o pai sorrindo, do outro a mãe abraçando carinhosamente o filho e Arthur entre eles com uma cara de estranheza por perceber no momento exato do retrato, através do *display* do *smartphone*, uma área careca com um curativo bem no alto de sua cabeça...

■ ■ ■ ■ ■

Após uma avaliação clínica e algumas breves orientações de como manusear e tratar de seu pertuito na cabeça, Arthur estava pronto para ir pra casa.

“Vida quase normal, sem excessos. Hoje e amanhã de molho, mas quinta já pode até trabalhar se estiver disposto.”, disse a médica ao autorizar a saída de Arthur do hospital.

Como o pós-exame não exigia cuidados tão extraordinários assim, Arthur recusou o convite dos pais para passar uns dias com eles na casa do condomínio. Preferiu exercitar a independência de que tanto prezava e tomar conta de si mesmo em seu próprio apartamento. Além disso, não gostava

nem um pouco de dar trabalho aos outros... Já bastava toda a amolação e, principalmente, a preocupação que proporcionara aos pais nos últimos dias.

No caminho para o *loft* de Arthur, a música “*Blowin’ in the Wind*”, de Bob Dylan, tocava quebrando o silêncio que imperava dentro do carro.

Fã de carteirinha do artista, o pai de Arthur fazia questão de manter dentro de seu automóvel o CD que continha tal melodia. Volta e meia essa coletânea de grandes sucessos do cantor figurava no sistema de som daquele veículo e ali permanecia até ser ouvido do início ao fim por mais de uma dúzia de vezes seguidas.

A mãe de Arthur já havia desistido de se perguntar como que aquele disco ainda não havia furado de tanto ser escutado pelo seu esposo... Já Arthur não se importava com a obsessão do pai com o artista, pois tinha herdado de seu velho o gosto por aquele tipo de música e por outras vertentes do *rock* dos anos 1960 e 1970.

O filho, sozinho no banco de trás, vinha observando as paisagens que passavam pela janela do carro, iluminadas pelo sol do fim da tarde.

Arthur sempre admirou a transformação que o

horário impunha ao colorido do mundo. Agradava-lhe o modo com que as cores suavemente tomavam tons alaranjados e o aparente embate destas com o céu do entardecer, que a cada segundo mergulhava num azul mais escuro e profundo. Pessoas, árvores, montanhas, ruas, prédios, casas... tudo isso em sua opinião ficava mais belo quando ornado por aquelas nuances douradas.

Desligado, meio que hipnotizado por aquele *dégradé* alaranjado, Arthur só notou a chegada à porta do seu prédio com a parada total do automóvel.

“Não se preocupem, vou ficar bem!”, falou ele tentando tranquilizar seus pais momentos antes de descer do carro.

Desembarcou, bateu a porta e, em seguida, viu o veículo se afastar até sumir no final da rua.

Ali parado de frente para o asfalto, os versos de Bob Dylan ainda reverberavam em seus ouvidos:

“...how many times must a man look up, before he can see the sky?...”

Sim... Quantas vezes um homem precisaria olhar para cima antes de conseguir enxergar verdadeiramente todo o esplendor do céu?

PERIGOSAS NACIONAIS

Impelido por esse questionamento, Arthur dirigiu seu olhar para o alto e despendeu algum tempo observando o firmamento e as primeiras estrelas que despontavam nele com o cair da noite. Nuvens afiladas e avermelhadas cortavam a abóbada celeste compondo delicadamente a cena.

Os minutos foram se passando até que num dado instante ele se conectou animicamente a toda a resplandecência daquela imensidão azul, já mais escurecida com o pôr do sol e arreada de pequeninos pontos cintilantes, e concordou com a necessidade de às vezes parar tudo e simplesmente apreciar a beleza do céu logo acima da cabeça, beleza essa sempre tão disponível a todos os seres humanos e tão pouco admirada, que por vezes podia ser totalmente ignorada durante toda uma existência, perdida na correria sem sentido do dia a dia ou nos imbróglios de uma rotina vazia.

A verdade é que, olhando para o infinito, Arthur conseguiu colocar em perspectiva a insignificância de seu problema em relação à vida, ao planeta, ao universo... Decidiu então levar a próxima semana com leveza e plenitude, sem se deixar guiar pela ansiedade de conhecer o diagnóstico, sem ocupar a mente com inquietações

PERIGOSAS ACHERON

desnecessárias que no fundo só serviriam para antecipar um futuro ainda não desenhado.

E assim, tão logo percebeu que obteve uma resposta, ou melhor, a sua versão pessoal de resposta aos versos daquela melodia, Arthur sorriu. Pôde ele finalmente virar-se e subir para o seu apartamento, quer dizer, pôde momentaneamente dar as costas para as preocupações e seguir com sua vida.

“The answer, my friend, is blowin’ in the wind... the answer is blowin’ in the wind...”

■ ■ ■ ■ ■

Após fechar o chuveiro, Arthur se enxugou com a toalha e enrolou-a na altura da cintura. De frente para o espelho do banheiro, divertiu-se com a imagem ridícula ali refletida, afinal de contas não era todo dia que se via usando uma touca de banho. Superado o momento de descontração, retirou cuidadosamente a referida touca de cima de sua cabeça e colocou-a sobre a pia.

Ainda não acostumado ao novo corte de cabelo, surpreendeu-se mais uma vez com o seu reflexo.

É... talvez fosse melhor manter a touca na cabeça..., pensou.

Em seguida, avaliou o curativo e constatou que não se havia molhado, conforme a recomendação que recebeu de sua médica um pouco mais cedo. Deu uma ajeitada com as mãos no que sobrou dos cabelos e saiu para o quarto.

Antes de se vestir, pegou o celular na escrivaninha, ao lado do computador, e acessou o aplicativo de bate-papo virtual para conferir se havia alguma coisa interessante por ali.

Como tinha ficado *off-line* praticamente por um dia inteiro, acumularam-se dezenas de mensagens... Daí, tomado mais uma vez pela sua já mencionada “preguiça virtual”, Arthur buscou na lista do aplicativo apenas pelos recados das pessoas mais próximas a ele.

Achou um do seu velho:

PAI



Clicou para ver do que se tratava.

Era o retrato tirado um pouco antes no hospital

PERIGOSAS NACIONAIS

acompanhado de uma legenda: “Estamos com você para o que der e vier!”.

Arthur nunca duvidara disso, do que estava ali escrito. Sabia que podia contar sempre com seus pais, assim como seus pais podiam contar a todo momento com ele.

Respondeu imediatamente a mensagem:

ARTHUR

Obrigado! ☺
A foto ficou ótima!
Quer dizer... Só essa
minha cara que não
ficou muito boa!
Hahahahaha

06:29PM

Havia também duas sequências de mensagens da namorada:

AMANDA

Falei agora com sua mãe no
telefone e ela me contou que
foi tudo bem no seu exame.

01:20PM

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Graças a Deus!

01:20PM

Só falta agora vc acordar
da sedação...

01:20PM

Acordou e dormiu, hein?
Sem-vergonha! ☺
Falei com sua mãe de novo...

03:01PM

Desculpe o tanto de
mensagens... é que fico
querendo saber se tá
tudo bem...

03:02PM

Mande notícias assim
que se sentir melhor!

03:02PM

Logo que leu essa última mensagem,
encaminhou para Amanda a foto que acabara de
receber de seu pai, junto a um par de palavras:

PERIGOSAS ACHERON

“Estou bem!”

Enquanto digitava mais algumas informações para Amanda, a sirene do celular começou a soar.

Ligação da namorada. Deslizou o dedo sobre a tela do aparelho para aceitar a chamada.

– Alô?

– Oi, meu amor! – exclamou Amanda do outro lado da linha. – E esse penteado novo aí? – perguntou ela se referindo à foto recém-recebida.

– Pois é... viu só? Já estou praticamente pronto para virar um daqueles frades franciscanos... o cabelo tá quase igual!

Amanda não se aguentou e riu bastante do comentário do namorado.

– Ficou até simpático... – disse ela tentando animá-lo.

– Ficou? Então por que você não corta o seu cabelo assim também? – resmungou Arthur.

– Não tão simpático assim para eu adotar esse visual... mas não se preocupe que daqui a pouco cresce de novo!

Passado o momento descontraído da conversa, Amanda quis saber como tudo aconteceu e como o namorado estava se sentindo.

– E aí, amor, como que foi?

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ah... A médica disse que o procedimento foi bem-sucedido e que, pela avaliação clínica feita um tempo depois que acordei, eu já tava em condições de vir pra casa. Tenho que ficar com esse curativo por uns dias.

– E como você tá?

Arthur aproveitou para encaixar uma de suas piadas:

– Tô seminu, meio molhado, enrolado na toalha...

– Tô falando sério, Arthur! Como você tá se sentindo? – replicou a namorada em meio a uma risada.

– Tô bem... – respondeu ele. – Só me sinto meio lerdo, sabe? – complementou em tom interrogativo. – Deve ser o tal sedativo...

Arthur continuou:

– E por falar em sedativo, o engraçado é que, apesar de ter ficado dormindo quase que a tarde inteira, tô me sentindo meio exausto.

– Então, amor, coma alguma coisa e vá se deitar. – recomendou Amanda. – Eu tava até pensando em te fazer uma visitinha, mas acho melhor deixarmos pra outro dia.

– Eu acabei de sair do banho e tava justamente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pensando em descer para fazer um lanche. Se quiser passar por aqui, não tem problema nenhum! Mesmo cansado, acho que não consigo dormir por agora...

– Negativo! Você mesmo disse que tá exausto. Hoje vou preferir que você descanse... Qualquer coisa me liga!

Despediram-se na sequência e encerraram a chamada.

Sem terminar de conferir os recados dos demais contatos no aplicativo de mensagens, Arthur jogou o celular em cima da cama. Vestiu uma roupa confortável com a certeza de que ficaria o resto do dia dentro de casa.

Pendurou a toalha de banho molhada sobre o vidro do box do banheiro e desceu as escadas.

No andar de baixo, na cozinha, adicionou uma colherada de achocolatado em pó num copo de leite e preparou algumas torradas com geleia e requeijão. Levou tudo para a sala e sentou-se no sofá de frente para a televisão. Andava muito alienado dos últimos acontecimentos e queria aproveitar a hora da refeição para se inteirar das notícias nacionais e internacionais. Prato e copo em cima do pufe, ligou o aparelho de TV no jornal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Entre uma mordida e outra, e após algumas reportagens sobre desentendimentos políticos no governo, escândalos de corrupção e o fraco desempenho econômico do país, mais do mesmo: mortes, desastres, homicídios, acidentes... Em resumo, assuntos quase idênticos aos de outros dias, recorrentes. A violência era a mesma de sempre, apenas os personagens das tragédias eram diferentes...

Parecia que somente a desgraça ganhava destaque na grade do noticiário. Era como se os responsáveis pela seleção das matérias que iam ao ar fossem exaustivamente adestrados até que só tivessem olhos para tais temas.

E será que as emissoras de tevê estavam certas? Será que só essa violência tinha o poder de prender a atenção do público de casa e gerar audiência?

Não que Arthur achasse que esses assuntos deveriam ser banidos dos noticiários. As pessoas tinham sim que ficar a par do que se passava no mundo, mas pensava que muito melhor seria se reportagens amenas e construtivas também frequentassem as telas dos telejornais, apresentando o outro lado da moeda, mostrando a aptidão da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

humanidade para fazer o bem, inspirando telespectadores a pensarem e a agirem proficuamente.

A “moda” da vez era o drama dos refugiados, que conseguia reunir de uma só vez vários assuntos trágicos em uma única reportagem. Assombrados pelo temor da guerra e pela ação de grupos extremistas, homens, mulheres e crianças abandonavam para trás o pouco que tinham em busca de um lugar para viverem em paz. E no trajeto para essa sonhada utopia, eram muitas vezes enganados ou roubados por atravessadores, que em troca de pequenas fortunas prometiam passagem segura até o destino almejado. Não muito raro, eram largados à própria sorte, no meio do nada, no meio do mar. Naufrágios de embarcações hiperlotadas tornaram-se comuns.

Fome, frio, sofrimento... Milhares morriam pelo caminho tentando conquistar um novo lar. A parcela que conseguia chegar frequentemente encontrava fronteiras fechadas e, rejeitada pelos países de destino, acabava alocada e esquecida em campos de refugiados ou devolvida a nações vizinhas. Já alguns deles, um pouco menos desafortunados, que além de chegar conseguiam

PERIGOSAS ACHERON

vencer os bloqueios montados nas fronteiras, por vezes passavam a experimentar episódios xenofóbicos e situações de humilhação extrema.

Apesar de todas essas adversidades, mais e mais pessoas arriscavam-se à travessia rumo à Europa, saindo principalmente do Oriente Médio ou do norte da África. Parecia-lhes mais vantajoso morrer tentando do que permanecer vivendo com medo... e realmente devia ser.

Quando sem opção, o ser humano é capaz de medidas extremas e desesperadas...

E onde você apostaria suas fichas: fugir e manter acesa a esperança de um futuro melhor para os seus filhos ou passar o resto de sua vida escondido debaixo da cama aguardando uma rajada de balas de fuzil bater à sua porta e ceifar parte de sua família?

Quase terminadas as torradas, assistiu chocado à matéria que relembrava a morte na semana anterior de um menino sírio de três anos de idade que tentava, juntamente com seus pais, chegar até a Grécia via Mar Mediterrâneo. A foto de um homem uniformizado recolhendo numa praia da Turquia o corpo sem vida do pequeno garoto rodaria o mundo e se transformaria num dos símbolos da tragédia

humanitária que assolava o planeta. Arthur não tinha acompanhado nada daquilo, devido aos últimos dias severamente atribulados.

Nos derradeiros minutos do telejornal, e antes que se arrependesse de ter assistido a tanta desgraça, chamaram-lhe a atenção o depoimento de um europeu que, sem cobrar absolutamente nada, abriu as portas da própria casa para abrigar uma família de imigrantes e o bom exemplo de outros tantos que se voluntariavam para ajudar os recém-chegados.

Encheu os olhos de Arthur a conduta acolhedora e despretensiosa daqueles indivíduos que se mobilizavam em prol de seus semelhantes apenas pelo prazer de serem úteis e de fazerem a diferença junto aos que não tinham culpa alguma de estarem naquela condição. Isso sim devia ganhar mais destaque na imprensa de um modo geral, isso sim era bonito de se ver.

Arthur não sabia se a veiculação continuada de atos edificantes como estes seria capaz por si só de alavancar a benevolência das pessoas ou da sociedade como um todo, mas tinha plena convicção de que mal certamente não iria fazer...

Acabado o lanche e o noticiário, Arthur sentiu

o sono chegar com força.

É... No final das contas, Amanda estava certa em deixar a visita ao namorado para outra oportunidade. Caso tivesse ido naquele dia, teria encontrado Arthur deitado diante da televisão ainda ligada e babando no sofá da sala.

CAPÍTULO 6 – EMPREGANDO O TEMPO

Conforme combinou consigo mesmo, Arthur levou os dias que se seguiram com extrema leveza. Em vez de perder seu tempo pensando no diagnóstico que estava por vir, gastou os minutos ocupando a mente com o que lhe fazia bem e também aproveitando para botar algumas pendências em dia.

A quarta-feira foi usada pra colocar a casa em ordem, literalmente. A meta era exercitar o desapego. Abriu todas as portas e gavetas do apartamento e avaliou se precisava de tudo o que mantinha ali dentro. Separou várias bugigangas que acumulara durante anos, dentre elas uma pequena coleção de selos e outra de caixas de fósforos, aquelas encontradas em hotéis, que carregava desde os tempos de criança. Muitas das coisas que encontrou, nem sequer se lembrava de tê-las guardado. Surpreendeu-se ao resgatar de dentro de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um dos armários o seu antigo aparelho de som, o mesmo que equipava o seu quarto na época da adolescência, quando ainda morava com os pais. Uma pilha de roupas que não usava mais formou-se sobre a cama, roupas estas que, juntamente com todas as outras coisas que julgou prescindíveis ou desnecessárias, seriam destinadas a quem mais do que ele precisava delas. Ainda houve tempo para trocar o curativo da cachola e para uma visita da namorada antes de o dia acabar.

Na quinta-feira retornou ao trabalho, apesar da orientação em contrário do chefe que gentilmente o havia liberado para folgar o resto da semana. No escritório da empresa, adotou uma resposta padrão bastante esdrúxula para as inúmeras vezes em que foi questionado acerca do curativo e do descampado no alto da cabeça: “cirurgia de doação de cabelo”, dizia ele. Informou-se sobre os últimos acontecimentos do projeto em que trabalhava e alegrou-se com a aprovação sem ressalvas feita pelos clientes. Participou do planejamento das próximas etapas arquitetônicas do hotel e definiu prazos numa reunião com toda a equipe envolvida. Em casa, permitiu-se a alguns momentos de descontração jogando *videogame*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Valeu-se da sexta-feira para se ocupar com a parte interna do hotel, definindo áreas, *layouts* de quartos, disposição de corredores, restaurante, lobby, salas de convenções e de tudo aquilo que deveria constar num empreendimento daquela natureza. Depois do expediente de trabalho, tomou algumas horas para refletir sobre o futuro.

Sim... o futuro! Independentemente do resultado da biópsia, Arthur tinha que revisar algumas decisões de cunho pessoal já tomadas por ele antes dessa história toda de tumor e confirmar consigo mesmo se deveriam ser adiadas, mantidas ou sumariamente descartadas.

Dedicou especial atenção a uma definição da mais alta relevância e que o acompanharia pelo restante de seus dias, ou que, pelo menos, assim pensou que seria...

E após um longo período de reflexão, Arthur não só corroborou todas as suas deliberações anteriores como também resolveu antecipar aquele que poderia ser considerado um dos mais importantes passos de sua vida...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 7 – SUBINDO O NÍVEL

“Passeio no nosso lugar secreto hoje à tarde?

☐ Sim

☐ Não

PS: Não aceitarei um ‘não’ como resposta...”

Essa foi a mensagem com que Arthur acordou sua namorada logo cedo naquele sábado. A resposta veio logo em seguida:

AMANDA

☒ Sim!!!

08:15AM

Mais uma mensagem de Arthur para acertar os últimos detalhes:

ARTHUR

PERIGOSAS ACHERON

Então te busco aí na sua
casa umas 3 e meia! ☺
Adeus!

08:16AM

O lugar secreto do casal na verdade não tinha nada de secreto. Era até muito conhecido e bastante frequentado pelos demais moradores do município. Tratava-se de um parque público muito bem conservado, situado no extremo norte da cidade, provido de uma infinidade de árvores, diversos animais silvestres, belos gramados verdes, que mais pareciam tapetes, e mirantes que proporcionavam as mais deslumbrantes vistas que se podia ter naqueles arredores.

Ao final do encontro com os pais, que se estendia desde a hora do almoço num restaurante próximo ao *loft* em que morava, Arthur ouviu um pedido de sua mãe: “Depois nos conte como foi!”. O filho fez sinal de positivo com a cabeça e após um “Nossa! Deixa eu ir que tô atrasado!”, correu em disparada para o carro.

Chegou em casa. Tomou um banho rápido e arrumou-se em menos de quinze minutos para o compromisso vespertino com sua amada. Entulhou

uma mochila com algumas coisas que já estavam pré-separadas e partiu para buscar a namorada.

■ ■ ■ ■ ■

Buzinadinha na porta do prédio.

Amanda apareceu na janela e com a mão fez um gesto de que já estava descendo.

Minutos depois, logo que a moça entrou no carro, cumprimentaram-se com um beijo.

– Está se sentindo bem, Arthur? – questionou Amanda.

– Sim! Tudo sob controle.

– Não, você só pode estar passando mal... Você nunca usa perfume!

Ao entender o real sentido da pergunta da namorada, Arthur desconversou imitando um antigo e famoso comercial de televisão:

– “Não é perfume... É meu desodorante!”

Encerrada a palhaçada do namorado, seguiram para o logradouro previamente combinado.

Chegando lá, pararam o veículo no estacionamento do parque.

Saltaram do carro.

Arthur pegou a mochila no porta-malas.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Mochila pra quê? – perguntou a sempre curiosa Amanda.

– Água, barra de cereal e essas coisinhas, para o caso de uma emergência nutricional.

Alarme do automóvel acionado, mochila dependurada nas costas de Arthur, iniciaram a perambulação pelo local.

Andaram por entre as árvores centenárias do lugar, observaram pássaros e esquilos, riram das travessuras dos cachorros correndo uns atrás dos outros...

Passada mais de uma hora de passeio, enquanto caminhavam tranquilamente sobre um amplo e vistoso gramado, Amanda deu o primeiro sinal de fome:

– A barrinha de cereal é daquelas com chocolate?

Era a deixa que Arthur tanto aguardava!

– Não sei... Vou dar uma olhada... – respondeu ele apoiando a mochila sobre o impecável carpete esmeraldino.

Arthur se agachou, abriu um dos zíperes da mochila e de dentro puxou, de uma só vez, uma toalha de mesa vermelha com a qual forrou o chão.

Amanda ficou olhando para o namorado ainda

PERIGOSAS ACHERON

sem entender direito o que ele estava fazendo.

Ato contínuo, Arthur retirou do interior da mochila alguns potes plásticos e distribuiu-os sobre a toalha.

Cada um deles continha uma comida diferente: sanduíches preparados por ele próprio, maçãs, uma fatia generosa de bolo e biscoitinhos diversos. Havia ainda, no compartimento mais externo da mochila, duas garrafinhas, daquelas de água, nas quais ele tinha preparado uma limonada.

– Ops... Me desculpe! – disse Arthur conferindo a mochila já vazia. – Acho que esqueci as barrinhas de cereal... Mas o bolo também é de chocolate!

A namorada, que não desconfiara de nada, não conseguiu disfarçar a alegria que se apoderou dela.

– Piquenique surpresa, hein? Bem que estranhei essa sua mochilona aí...

– Mas não repara não, porque não tem nada de mais. Só trouxe mesmo aquele bolo da padaria que você gosta e umas coisas que já tinha lá em casa...

Amanda agachou-se ao lado do namorado e beijou-lhe os lábios. Com suas próximas palavras, ela deixou claro que a última fala de Arthur estava completamente equivocada:

– Meu amor, só de estar aqui com você já é especial!

E tais palavras de Amanda soaram tão sinceras que tocaram fundo o coração de Arthur, que então sorriu. Tamanha foi a satisfação proporcionada pela declaração, que ficou ele ali paralisado, extasiado, observando a namorada se sentar bem no meio da toalha improvisada de piquenique.

Para não quebrar a magia do momento, Arthur até tentou conter a vontade de fazer uma piadinha, mas acabou não resistindo:

– Se eu soubesse que bastava eu estar aqui, teria economizado o dinheiro que gastei no bolo... – anunciou ele rindo.

■ ■ ■ ■ ■

Já tinham comido tudo que Arthur trouxera para o parque, à exceção do bolo de chocolate, do qual restavam os últimos pedaços.

– Nossa! Esse bolo é perfeito! – suspirou Amanda.

De fato, o bolo era sensacional. Até mesmo Arthur, que não era muito fã de chocolate, concordava com o adjetivo empregado pela

namorada e também se deliciava com a iguaria.

Quando restava apenas uma última garfada, Arthur olhou fixamente por cima do ombro direito de Amanda e, com uma cara de dúvida, perguntou em seguida:

– Amor, não é aquela sua amiga de faculdade ali empurrando o carrinho de bebê?

Amanda se voltou para trás imediatamente.

– Ué... onde? – indagou ela sem localizar qualquer mulher que se enquadrasse na descrição feita por Arthur.

Foi quando ela sentiu o potinho de plástico que segurava numa das mãos ser levemente empurrado para baixo.

Pela gargalhada de Arthur, Amanda já sabia que tinha caído novamente na mais sórdida artimanha do namorado...

Retomou ela a posição anterior a tempo de ver Arthur levando, na ponta do garfo, o último pedaço de bolo em direção à própria boca.

Arthur nem se utilizava tanto assim dessa manobra traiçoeira, mas sempre que a empregava em desfavor da namorada, era bem-sucedido...

– Ah não, Arthur! Sacanagem, viu? Isso é golpe baixo! – choramingou efusivamente Amanda.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tocado pelo sofrimento e pela cara de dor ensaiada pela namorada, Arthur interrompeu de imediato o movimento do braço.

– Tá bom, vai! Pode ficar com o último pedaço... Mas tá me devendo uma! – deixou ele bem claro. – Abre a boca...

Amanda obedeceu ao comando do namorado, que fez um aviãozinho com o garfo até a boca dela, assim como alguns pais fazem ao dar papinha aos rebentos de pouca idade. Ela ficou tão satisfeita com a benignidade de Arthur que bateu palminhas de felicidade.

Enquanto Amanda ainda saboreava o derradeiro bocado, tocou o celular de Arthur. Ele então conferiu o visor do aparelho, desligou o alarme pré-programado e exclamou:

– Tá na hora!

Amanda, mais uma vez perdida no planejamento que Arthur bolou para o passeio, perguntou:

– Hora de quê?

– Hora do pôr do sol... Vamo, me ajuda a recolher tudo! Temos pouco tempo pra chegar ao mirante!

Tamparam todos os potes, embolaram a toalha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que cobria o chão, jogaram tudo de qualquer jeito dentro da mochila e iniciaram a caminhada a passos rápidos.

Pouco depois, chegaram ao mirante preferido do casal, de onde era possível observar um imenso vale cercado por diversos montes e tomado por uma relva de um colorido exuberante, na qual era possível identificar todos os tons de verde existentes, desde os mais vivos e brilhantes aos mais baços e fechados. Rochas nuas e acidentadas cortavam a paisagem em pontos esparsos e tentavam subjugar a vegetação local com o seu marrom-acinzentado. Adornando toda a cena, uma cadeia de montanhas longínquas... Em suma, mais uma daquelas vistas magníficas impossíveis de se ignorar e para as quais nunca se cansa de olhar.

Para a sorte do casal, pouquíssimas pessoas tiveram a mesma ideia de acompanhar o ocaso daquele ponto do parque.

Andaram os dois, Amanda e Arthur, até o parapeito de madeira e nele se apoiaram bem juntinhos para apreciarem o espetáculo que estava por vir. Ainda tinham alguns minutos até que o astro mor começasse a se esconder por trás do horizonte.

PERIGOSAS ACHERON

Enquanto esperavam o pôr do sol acontecer, Arthur aproveitou o momento para admirar um outro espetáculo, esse sim já bem disponível ali ao seu lado, um espetáculo que atendia pelo nome de “Amanda”.

A luz do fim da tarde, tão apreciada por Arthur, conseguia torná-la ainda mais bela. Tudo nela parecia brilhar em contornos dourados: os longos cabelos ondulando ao vento, pele, lábios... Mesmo aquilo que não se podia enxergar com os olhos também reluzia e se tornava ainda mais palpável: a doçura e a pureza da alma, o amor sem limites, o caráter inabalável...

O instante revelou o que já era do conhecimento de Arthur, uma verdadeira menina de ouro, aquela que um homem em sã consciência não poderia em hipótese nenhuma deixar escapar de sua vida.

Aparentemente sem motivo, Arthur puxou mais um de seus assuntos inesperados:

– Amanda, sabe aquela vez que deixei escapar um arroteio bem na frente dos seus pais e que você brincou que tínhamos aumentado o nosso nível de intimidade no namoro?

– Claro que me lembro! Foi logo no começo

do namoro! Você ficou todo sem graça por causa desse seu deslize... Fiquei rindo da sua cara por mais de uma semana! – divertiu-se Amanda com a lembrança. – Mas por que essa pergunta logo agora?

– Sabe... estive pensando que já faz tempo que não subimos o nível do nosso namoro...

Amanda, preocupada com a imprevisibilidade das brincadeiras do namorado, olhou para os lados e murmurou quase que suplicando aos ouvidos dele:

– Pelo amor de Deus, Arthur! Não vá me soltar um arrote aqui no meio desse povo! Vai todo mundo olhar pra gente! Ai, que vergonha...

Amanda chegou a ficar vermelha antecipando mentalmente a situação extrema.

– Você tem razão... Melhor eu não fazer isso... Péssima ideia! – retrucou ele fingindo abandonar o assunto.

Arthur olhou para o horizonte e aguardou por alguns segundos o exato instante em que o sol tocou as montanhas para continuar:

– Mas quem sabe se a gente subisse o nível de uma outra maneira? – disse ele ao levar o braço para trás e tirar do bolso lateral da mochila que

carregava nas costas uma pequena caixa de veludo preto.

Vendo o que ele tinha na mão, Amanda ficou desnorteada. Será que ali dentro estava o que ela imaginava?

– Quer se casar comigo? – completou Arthur ao abrir a caixinha e apresentar a ela uma aliança feita em ouro e ornada com um brilhante na parte de cima.

Amanda colocou as duas mãos sobre a boca aberta ao perceber que a sua dúvida de instantes atrás tinha sido respondida por aquele pequeno objeto metálico e pela proposta recém-apresentada por Arthur.

– Nossa! – exclamou ela ainda atordoada. – Tô até sem palavras!

As lágrimas surgiram nos olhos de Amanda e refletiram os últimos raios de sol daquele sábado. Sua expressão era um misto de total surpresa e de extrema felicidade.

Arthur, tentando ajudá-la a responder, passou algumas rápidas instruções:

– Olha só, você agora nem precisa de tantas palavras assim! Respire fundo... Vou repetir a pergunta e você só precisa me dizer uma única

palavra. E reforçando a dica que te enviei hoje mais cedo por mensagem, não aceitarei um “não” como resposta...

Arthur ajoelhou-se aos pés de Amanda e levantou na direção dela a mão que portava a caixinha de veludo.

– Amanda, quer se casar comigo? – repetiu ele.

Um breve silêncio se fez presente.

Arthur começou a suar frio com a demora. Podia sentir seu coração batendo acelerado dentro do peito. A expectativa crescia exponencialmente em seu íntimo com o passar do tempo. As pupilas dilatadas miravam a boca de Amanda e aguardavam inquietamente seus próximos movimentos.

A cena chamou a atenção das pessoas que estavam por ali. O silêncio, que até então estava restrito apenas ao casal, agora já arrebatava todo o lugar.

Os lábios de Amanda finalmente começaram a se mexer e deles se originou apenas uma sílaba:

– Sim!

Arthur tirou então a aliança de dentro da caixa e deslizou-a pelo dedo anelar direito de Amanda.

Flagrantemente aliviado após receber a réplica esperada, colocou-se de pé e desabafou:

– Pra que tanto suspense? Quase me matou do coração!

Amanda, incomodada com o falatório de Arthur justo naquele minuto tão significativo, fez sua primeira reivindicação após obter o *status* oficial de noiva:

– Vai ficar aí tagarelando ou vai me beijar?

Amanda segurou Arthur pela gola da blusa e puxou-o para selarem o pedido de casamento.

Os olhos se fecharam e os lábios enfim se tocaram, sob o som das palmas e dos assovios vindos da plateia que acompanhava o desenrolar daquele inusitado episódio e o seu jubiloso resultado.

Findado o beijo, o mais novo casal de noivos, ligeiramente embaraçado, agradeceu os aplausos de seu diminuto público.

E sendo filho de quem era, Arthur não poderia deixar passar o momento sem registrá-lo. Tirou portanto o celular do bolso, ativou a câmera e, feita a pose romântica, apertou diversas vezes o botão que acionava o obturador.

E assim surgiu uma maravilhosa sequência de

retratos para ser guardada de lembrança: a silhueta escurecida do casal se beijando no primeiro plano emoldurada pela luz do crepúsculo ao fundo... E o melhor de tudo: na série de fotografias, a falha no cabelo de Arthur oriunda da biópsia passava praticamente despercebida!

– Eu sabia que tinha alguma coisa por trás desse seu perfume! – disse ela se referindo àquela atitude suspeita do agora noivo.

O comentário bem-humorado de Amanda desencadeou uma risada do casal.

Encantada com a proposta de Arthur, Amanda apreciou por alguns instantes em seu dedo o símbolo dourado do compromisso há pouco assumido.

Logo na sequência, intrigada com a recorrente capacidade demonstrada por Arthur de suplantar naquela e também noutras oportunidades os tormentos que o acometiam, Amanda não resistiu à vontade de entender os mecanismos de que ele se utilizava para realizar esse tipo de proeza:

– Como você consegue ignorar todos os seus problemas e simplesmente se ajoelhar à minha frente como se nada estivesse acontecendo, com a melhor cara do mundo, para me tornar a mulher

mais feliz do planeta?

Arthur não precisou pensar muito para responder:

– Eu já tinha planejado tudo isso antes disso tudo acontecer. A aliança já tava comprada bem antes dessa confusão toda de desmaio, de hospital e de exames... Só decidi não parar minha vida por causa de um detalhe tão pequeno... – declarou ele numa evidente menção ao tamanho do tumor alojado em sua cabeça.

Amanda realmente admirava essa aptidão que Arthur tinha de impedir que as suas aflições, por piores que fossem, aumentassem dentro dele a ponto de tomarem proporções paralisantes.

Não era a primeira vez que ele demonstrava esse dom, e possivelmente não seria a última, dada a sua atual situação. Num primeiro momento, Arthur podia até parecer perdido, acuado, frágil, assim como a maioria das pessoas também ficaria diante de quadros tão complicados... porém, de um modo inexplicável, era como se de repente lhe surgisse uma força que o permitisse minimizar suas preocupações, diminuí-las, a ponto de conseguir confiná-las momentaneamente dentro de um cofre mental, tolhendo-as assim de bloquear seus

pensamentos e ações, para apenas as destrancar quando as fosse solucionar num momento mais oportuno. Quisera ela um dia também aprender essa habilidade que ele tinha, ou que, pelo menos, ela imaginava que ele tivesse.

– Diante de dias tão turbulentos, nunca me passaria pela cabeça que me faria um pedido desses! – confidenciou Amanda ainda meio sem acreditar na proposta de matrimônio.

Arthur segurou as mãos de sua amada e, fitando o fundo dos olhos da moça, repetiu ele mais ou menos a mesma lógica que apresentara aos seus pais mais cedo naquele mesmo dia:

– Amanda, eu te amo. Independentemente do que vier pela frente, quero que seja ao seu lado. Sei que podemos vencer qualquer desafio juntos.

– Sim, podemos e vamos vencer qualquer desafio juntos! – concordou ela sem pestanejar.

Após um longo suspiro, Amanda abriu seu belo sorriso e declarou:

– Sua maneira de encarar a vida me fascina! E esse é apenas um dos motivos para eu te amar tanto!

Bastante emocionados com a sinceridade contida em suas últimas frases, com a noite já

praticamente dominando o céu, os pombinhos protagonizaram um abraço demorado. Em seguida, afastaram-se apenas o suficiente para que pudessem se entreolhar. Arthur passou gentilmente os polegares no rosto de Amanda enxugando as marcas de alegria deixadas ali pelas lágrimas incontidas.

Foi quando Arthur se lembrou de que havia concordado, ao final do almoço com seus pais, de contar a eles como tinha transcorrido a proposta de casório.

Pegou ele novamente o celular em suas mãos, desbloqueou a tela do aparelho e posicionou-o de modo que ambos pudessem apreciar a sucessão de imagens registradas minutos antes. Satisfeito com o excepcional resultado dos retratos oficiais do noivado e, principalmente, com o desfecho feliz de seu plano, pressionou por um instante o dedo sobre a fotografia que mais agradou o casal até que surgisse o menu de ações.

Compartilhar imagem → Via mensagem → Selecionar contatos: Pai, Mãe → Adicionar legenda...

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ah! Manda pra mim também! – interrompeu a noiva ao verificar que seu nome não constava na lista de destinatários.

– Tá bom, vai... – respondeu Arthur fingindo um certo aborrecimento.

Adicionar contatos → Amanda → Adicionar legenda: “Ela disse ‘sim’!” → Enviar

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 8 – MAIS CEDO QUE O ESPERADO

Arthur e Amanda passaram a noite juntos no apartamento dele, comemorando os acontecimentos felizes do dia anterior. Já fazia algum tempo que estavam acordados, entretanto seguiam deitados na cama curtindo a preguiça.

O celular de Arthur começou a vibrar em cima do criado-mudo. Ele desconectou o fio do carregador e pegou o telefone para verificar quem o incomodava logo cedo naquela manhã de domingo. Não reconheceu o número mostrado no visor do aparelho.

– Meu Deus! aposto que é um daqueles caras de telemarketing... – disse ele deixando cair o celular sobre a cama, quase que indignado com a insistência desses profissionais em tentar lhe empurrar produtos que não lhe interessavam, inclusive aos finais de semana, num verdadeiro “*spam* telefônico”.

– Não vai atender? Pode ser importante... – argumentou Amanda.

Arthur, contrariado, pegou o aparelho dentre os lençóis e deslizou o dedo indicador sobre a tela para aceitar a ligação.

Amanda ficou acompanhando as respostas do noivo ao interlocutor que estava do outro lado da linha.

– Alô?... Sim, eu mesmo... Bom dia...

Arthur olhou para Amanda e fez cara de aborrecido. Pelo início do papo, já imaginava que tipo de promoção imperdível iriam lhe apresentar em seguida.

A conversa continuou:

– Pois não... – disse ele sentando-se na cama e empregando um tom mais sério em sua voz. – Sei... Entendi... E falo diretamente com ela por aí?... Ok, muito obrigado... Tchau.

Arthur devolveu o celular ao criado-mudo.

– O que foi? – perguntou Amanda quase explodindo de curiosidade.

Arthur respirou fundo, virou-se para a sua noiva e revelou:

– Era do hospital. A Dra. Julia pediu que entrassem em contato comigo. O exame ficou

pronto...

■ ■ ■ ■ ■

Em menos de uma hora o casal já estava no hospital, defronte ao gabinete da oncologista-chefe, aguardando o retorno iminente de Dra. Julia à sala dela, o que se daria tão logo a médica concluísse mais uma de suas inúmeras rondas diárias.

Sentado, Arthur transparecia sua ansiedade com o balançar incontrollável de suas pernas. Os cotovelos apoiados sobre as coxas transmitiam numa reação em cadeia o tremelique ascendente e descendente dos membros inferiores para o restante do corpo.

Numa tentativa de acalmá-lo, Amanda, sentada bem ali ao lado, sorriu e repousou sua mão delicadamente sobre o joelho do noivo.

Arthur então, conscientizando-se dos movimentos involuntários de suas pernas, decidiu trocar de posição para interromper aquele desagradável ciclo que só servia para incrementar sua inquietação. Entrelaçou os dedos com os de Amanda, recostou-se na cadeira e devolveu um sorriso efêmero e meio forçado à noiva.

O relógio que pendia por trás da mesa da secretária, aquele mesmo que lhe tinha feito companhia na semana anterior, indicava que passava um pouco das dez horas da manhã quando Dra. Julia regressou de seus afazeres.

– Olá! – disse a médica cumprimentando o casal.

– Oi, doutora... – respondeu Arthur ao se levantar. – Essa é a minha namorada... digo, minha noiva, Amanda. – corrigiu-se ele, ainda não habituado ao *status* recém-alterado do relacionamento. – Amanda, essa é a Dra. Julia.

– Muito prazer! – exclamou Amanda.

– Nossa, Arthur! Que moça bonita! – retrucou a médica. – Aliás, que casal bonito, não é mesmo? – comentou ela olhando para sua secretária, que concordou com a opinião da chefe.

A oncologista continuou:

– Por favor, vamos entrar e conversar.

Dito isso, Dra. Julia e Arthur começaram a se deslocar para dentro do gabinete, porém Amanda, querendo dar um pouco de privacidade a Arthur, anunciou:

– Amor, vou ficar por aqui te esperando.

– De jeito nenhum! – replicou Arthur

imediatamente. – Não existe nenhum motivo para você me esperar aqui do lado de fora. Venha com a gente! – completou ele puxando-a pela mão.

– Se prefere assim, vamo lá então. – rendeu-se Amanda.

Seguiram então os três para dentro do recinto contíguo.

Já no interior do gabinete, Arthur acomodou-se na cadeira junto à parede, tendo Amanda sentada logo à sua esquerda.

Dra. Julia aproveitou a oportunidade para avaliar a cicatrização da cabeça de seu paciente.

– Vamo dar uma olhada nisso aqui. – disse ela ao se aproximar de Arthur, após esfregar um produto próprio para a assepsia nas mãos.

Desfeito o curativo, e após alguns segundos de verificação, a médica proferiu seu veredicto:

– Me parece que está indo muito bem... A partir de hoje não precisa mais usar curativo. Continue com os demais cuidados que te passei que estará pronto para a retirada dos pontos nessa semana.

Encerrada a análise, a doutora deu a volta por trás de Amanda para tomar seu assento do outro lado da mesa.

Todos acomodados, sem mais demora, a médica abriu o envelope que repousava sobre sua mesa, retirou de dentro uma pasta de papel com o nome do hospital, que continha o laudo da biópsia de Arthur, e iniciou o assunto que motivava o encontro:

– Como já lhe foi informado, seus exames chegaram hoje mais cedo. Tentarei explicar da maneira mais clara e direta possível.

Arthur, vivendo a expectativa de conhecer seu diagnóstico, buscou a mão de sua noiva.

Claro que Arthur torcia para que a biópsia indicasse um tumor benigno, de preferência um que não exigisse qualquer tipo de intervenção e que pudesse até mesmo ser esquecido para sempre inerte e adormecido lá dentro de sua mente. Mas como sabia que contos de fadas não existiam e que não podia moldar o mundo nem aquele diagnóstico de acordo com suas vontades, buscou ele nos últimos dias também se preparar psicologicamente para o pior cenário que pôde imaginar.

Dra. Julia continuou:

– Estamos diante de um tumor maligno... Além disso, a biópsia indicou que o tecido analisado não possui as características da região

onde se encontra o tumor, ou seja, esse que está instalado na sua cabeça certamente é decorrência de um outro tumor, um tumor primário, existente em alguma outra parte do seu corpo.

– Outro tumor? – pasmou-se Amanda.

Se a confirmação da malignidade do tumor da cabeça já era por si só aterrorizante o bastante, imagina descobrir que poderiam ser dois...

Após fazer a pergunta, Amanda olhou assustada para Arthur. Naquele instante, não soube ela definir com exatidão se o noivo estava extremamente atordoado com aquela terrível notícia ou simplesmente compenetrado acompanhando o discurso da especialista.

A resposta de Dra. Julia ao questionamento de Amanda veio na sequência:

– Sim. Outro tumor... Algumas células podem ter se desprendido de um tumor inicial e viajado até o cérebro através da corrente sanguínea, alojando-se lá e dando origem a uma nova lesão, processo chamado de metástase.

Aparentemente, o autopreparo psicológico de Arthur não havia sido suficiente para suportar aquela revelação. À medida que a oncologista desenvolvia o raciocínio, apertava ele cada vez

mais a mão de sua noiva...

E com dezenas de perguntas pipocando ao mesmo tempo em sua mente, Arthur externou apenas a que mais o perturbava naquele momento:

– Tem tratamento?

A médica escolheu com muito cuidado suas próximas palavras. A ideia era passar a informação que lhe fora solicitada na medida certa, sem omitir a realidade, porém também sem assustar demasiadamente o jovem casal de noivos.

– Como pela biópsia só foi possível definir que a amostra analisada não combinava com o tecido cerebral adjacente, o próximo passo será realizar um estadiamento da doença, ou seja, uma investigação mais completa do seu corpo para localizar algum outro tumor, permitindo identificar com precisão a origem dessas células, avaliar a extensão da doença e estabelecer a abordagem mais adequada para o seu caso... A medicina de hoje dispõe de diversos tratamentos para o câncer, com resultados bastante animadores, mas só poderei responder definitivamente a essa questão de posse da sua real situação... e Arthur, gostaria que essa investigação fosse iniciada agora mesmo, sem demora.

Mesmo desorientado, Arthur não queria repetir a atitude de ir para casa ruminar a notícia para em outra oportunidade retornar com a resposta, postura adotada por ele há exatos sete dias, quando tomou conhecimento do tumor da cabeça, postura essa que só resultaria na perda de um tempo que ele talvez não tivesse. E sendo assim, decidido, Arthur concordou com a continuidade imediata dos exames:

– Ok... Vamos começar logo com isso!

– Ótimo, Arthur! – exclamou a médica enaltecendo a decisão acertada de seu paciente. – Vou providenciar o pedido e o seu encaminhamento para a sala de exame. Aguardem só um pouquinho que eu volto em alguns minutos... Fiquem à vontade enquanto isso.

Arthur, ainda sentado, foi acompanhando com os olhos a médica se levantar e se deslocar para fora da sala, até que, mais ou menos na metade do caminho a ser percorrido pela oncologista, o seu olhar desiludido cruzou com o olhar de compaixão de Amanda.

Entreolharam-se silenciosamente por um segundo: ela, dó estampada no rosto, sofrendo pelos infortúnios de seu noivo; ele, cara de derrota,

carregando em seu semblante a decepção com o resultado da biópsia e também o fim de uma esperança que inconscientemente alimentava até então.

Os passos da doutora iam progressivamente se tornando mais distantes dentro do gabinete. O som da porta se fechando atrás da médica funcionou como um gatilho que disparou a explosão de sentimentos que Arthur vinha contendo dentro de si. A tristeza ruborizou o nariz e o entorno dos olhos do paciente, a boca se apertou. O queixo trêmulo denunciava que ele não seria capaz de represar por muito mais tempo todo o seu desalento.

Amedrontada com a possibilidade real de perder o grande amor da sua vida para aquela doença maldita, Amanda estava sem rumo. Não sabia muito bem como proceder naquele momento ou o que fazer para aliviar o martírio do homem abancado logo ao lado.

Arthur, perdido, desnorteado, parecia tentar encontrar na noiva a própria salvação, como um navio que em meio à tempestade busca nos lampejos do farol o caminho para o porto seguro.

Amanda não podia se deixar afundar num

pântano de desespero, não podia largar Arthur na mão justamente quando ele mais precisava de esteio.

Foi então que Amanda reviveu mentalmente os momentos felizes e o sentimento de completude experimentados no mirante do parque na tarde anterior. E num lampejo, em meio a esse devaneio, lembrou-se de uma das frases proferidas por Arthur naquela ocasião enquanto o sol desaparecia no horizonte: “Podemos vencer qualquer desafio juntos!”.

Embalada por essas palavras tão confiantes, sentiu a coragem progressivamente substituir o medo que a afligia.

Sim! Podemos vencer qualquer desafio juntos!, repetiu ela mentalmente.

Não era uma doença qualquer que seria capaz de aterrorizá-la ou de separá-la daquele homem, o homem da sua vida!

Amanda inclinou-se então em direção a Arthur e carinhosamente envolveu-o em seus braços.

– Podemos vencer qualquer desafio juntos! – sussurrou ela ao pé do ouvido do noivo.

Arthur, ao escutar aquele verdadeiro pacto firmado horas antes entre eles, sorriu sutilmente, e,

ao fechar os olhos, derramou as lágrimas sobre o ombro de sua amada.

■ ■ ■ ■ ■

Arthur estava confinado mais uma vez dentro da “rosquinha gigante”.

Já era a terceira ocasião nos últimos dias que ele entrava naquele dispositivo de diagnóstico, mas como nas outras duas oportunidades esteve desacordado ou sedado, ainda não tinha experimentado a sensação claustrofóbica que o interior da máquina de ressonância magnética proporcionava.

Deitado no leito do equipamento, Arthur calculou que da ponta do seu nariz até a superfície superior do apertado túnel cilíndrico em que ele estava inserido devia ter no máximo um palmo de distância.

Preso ali dentro, meio apertado, teve a quase certeza de que entrar em um caixão funerário deveria ser bem menos desagradável que aquilo... Todavia, como Arthur não era vampiro e nunca havia provado um ataúde em toda a sua vida, não dispunha ele àquele momento de argumentos

suficientes para confirmar sua teoria.

Tinha na mão direita um botão de pânico, que poderia ser pressionado a fim de interromper o procedimento caso a tal impressão de clausura, ou qualquer outro desconforto, viesse a se tornar insuportável. No braço esquerdo, um cateter plástico enfiado na veia estava pronto para injetar em sua corrente sanguínea o contraste, líquido que auxilia a identificação de tumores durante a realização do exame.

– Ok. Vamos começar. – disse Dra. Julia através dos fones colocados nos ouvidos de Arthur.
– A partir de agora, tente se manter o mais parado possível. Qualquer problema, aperte o botão de pânico na sua mão.

Pois é... para piorar a situação, ainda havia esse pequeno detalhe: Arthur tinha que se manter o mais estático possível para não atrapalhar a formação das imagens nos monitores do aparelho de ressonância. Qualquer movimento seria capaz de arruinar parte do procedimento, tornando necessária a repetição do processo até que se obtivesse a representação correta de cada fração de seu organismo, o que prolongaria a duração do exame e, conseqüentemente, o suplício psicológico

dentro daquele estreito túnel cilíndrico.

Um ruído leve e ininterrupto, que lembrava o de um fatiador de frios de uma padaria, indicava que a máquina estava pronta para começar seu trabalho. E subitamente, tão logo iniciado o procedimento, uma série de estrondos incomuns e recorrentes passou a ser emitida por aquele equipamento.

Cinco... dez... quinze minutos decorridos com Arthur ali dentro...

– Vamos ministrar o contraste agora, Arthur. Você poderá sentir uma leve ardência a princípio, mas será passageira. – alertou Dra. Julia.

E de fato, Arthur percebeu uma discreta queimação em seu braço esquerdo logo que o contraste foi injetado, mas nada que o incomodasse muito. O que realmente o molestava naquele instante era a superfície côncava logo acima dos seus olhos que, a cada segundo, parecia se aproximar dele e aumentar progressivamente a já terrível e quase insuportável sensação de confinamento.

Arthur nunca havia sofrido com ambientes fechados antes desse dia... Inclusive, certa vez, já tinha ficado encarcerado por mais de uma hora

dentro do elevador do seu edifício devido a uma pane elétrica sem pensar em nada com a situação.

Mas o cenário atual era bem diferente... Além de estar retido num espaço muito mais restrito, ainda estava impedido de se movimentar livremente!

Querendo vencer a agonia que dominava sua mente, fechou os olhos e tentou se imaginar deitado na cama de sua casa. A estratégia até teria dado resultado, não fossem os tais sons esquisitos e repetitivos que a máquina de ressonância magnética persistia emitindo.

Seguiu se enganando e se concentrando enquanto pôde na imagem mental do conforto de seu lar, contudo os barulhos característicos do exame continuamente o arrastavam de volta à realidade, a de que estava na verdade preso dentro de um equipamento hospitalar, o que tornava bastante frágil a ilusão que tentava criar.

Ciente de que a tática da mentalização não funcionaria por muito tempo, teve então que buscar uma forma diferente de se esquecer do confinamento. No entanto, enquanto inventava outra distração, Arthur cometeu o erro de reabrir os olhos...

Deparou-se ele novamente com a maldita superfície sufocante!

E sufocante na literalidade da palavra, pois a partir desse segundo teve a impressão de que o ar que respirava não mais transportava a quantidade adequada de oxigênio para dentro dos pulmões. Pior que isso: Arthur percebeu ainda toda a força que fazia com os seus músculos para permanecer tão parado quanto uma estátua.

Ofegante e agoniado pela obrigação de ter que se manter completamente estático, chegou a surgir nele o impulso de apertar o botão de pânico e acabar instantaneamente com aquele tormento.

— Arthur, vou precisar que você respire mais calmamente. Pode ser? — solicitou a chefe da oncologia através dos fones de ouvido.

Vai ter que ser!, pensou ele. *Controle-se, Arthur! É apenas um exame!*

Resolveu ele então retomar as rédeas da situação. Tinha que superar essa batalha pessoal e conhecer de uma vez por todas a real extensão de sua doença. Sabia que podia ser mais forte do que isso e decidiu persistir firme no exame.

Fechou portanto os olhos e canalizou sua concentração para a sua respiração, para o ar que

entrava e saía de seus pulmões. Inspiração, expiração.

Aos poucos, Arthur foi reconquistando o controle sobre si mesmo. O ímpeto de interromper o procedimento já não existia mais em seus pensamentos. A tensão que ele provocava em seus próprios músculos para manter-se completamente parado foi gradativamente desaparecendo.

Inspira... Expira...

Sentiu um relaxamento profundo tomar conta de seu corpo. Tamanho foi o seu poder de concentração que, um a um, também foram deixando de existir os estímulos externos que o afligiam. O silêncio era tudo o que conseguia escutar e o vazio de seus pensamentos era tudo o que conseguia enxergar.

Ficou transitando nesse mundo subconsciente por vários e vários minutos até que a plataforma em que estava deitado se movimentou, conduzindo-o para o exterior da máquina de ressonância e de volta ao estado consciente. Foi como se não tivesse sentido o tempo passar durante o restante do exame.

Arthur abriu os olhos no momento em que a enfermeira gentilmente retirou os fones de ouvido

que recobriam suas orelhas.

– Só mais um pouquinho e já te libero... – disse ela logo antes de puxar o fino cateter para fora da veia do paciente e de colar um pequeno curativo circular sobre a picada no braço.

A funcionária do hospital pegou o botão de pânico da mão de Arthur e completou:

– Prontinho! Já pode ir!

Arthur agradeceu a ajuda e encaminhou-se para o vestiário ao lado para retirar a camisola de hospital e recolocar suas roupas. Ao deixar a sala de exame, defrontou-se com Dra. Julia.

– Arthur, me aguarde lá no meu gabinete. Só vamos terminar de analisar tudo por aqui e já te encontro lá daqui a pouco. – anunciou a médica.

Arthur assentiu com a cabeça.

No vestiário, abriu a porta do escaninho em que havia largado seus pertences. Trocou-se numa das cabines. Jogou a camisola usada durante o exame dentro de um enorme cesto, seguindo a orientação do cartaz pendurado na parede. Retornou até o pequeno armário de madeira e resgatou o resto de suas coisas: celular, chaves, carteira...

Encontrou-se com Amanda, que o aguardava

sentada do lado de fora do setor de ressonância magnética.

– E aí? – perguntou ela levantando-se de uma das cadeiras, ansiosa por uma boa notícia.

– Ainda não tive o resultado. A Dra. Julia me pediu para aguardar lá na sala dela. Ela vai terminar a análise e nos encontrar lá em seguida... Vamos?

Iniciaram então a caminhada pelo corredor em direção ao elevador.

– Exame demorado, né? – comentou Amanda puxando assunto.

– Você nem imagina... Os primeiros minutos são sofridos, viu... Depois piora um pouco...

■ ■ ■ ■ ■

Não demorou muito para Dra. Julia retornar da ala de ressonância e se encontrar com o casal de noivos em sua sala. Acomodados nas mesmíssimas posições de mais cedo, a médica iniciou a hora da verdade:

– Arthur, o laudo completo do seu exame, contendo um parecer detalhado e as folhas de imagens, só ficará pronto amanhã, porém já posso adiantar a vocês o que nós encontramos... quer

dizer, o que não encontramos.

– Como assim não encontramos? – questionou Amanda.

– É exatamente isso. – continuou a doutora. – A princípio, não identificamos nenhum outro tumor no seu organismo.

Tomando a primeira conversa do dia como base, Arthur simplesmente não entendia como aquilo era possível.

– Mas e toda aquela história de metástase e de tumor primário? – retrucou ele.

A doutora respondeu prontamente à pergunta:

– O tumor no seu cérebro é realmente metastático, disso não há dúvidas, pois as células tumorais e as células do entorno são incompatíveis. Fomos extremamente cuidadosos e minuciosos, porém o exame de hoje não identificou nenhum outro tumor que pudesse ter dado origem à lesão na cabeça... Pode ter acontecido de o tumor primário ter regredido espontaneamente até desaparecer completamente, mas, antes disso acontecer, ter lançado as células que deram origem ao tumor no cérebro. Existem diversos casos como o seu relatados pela medicina, no entanto não é muito comum se deparar com um desses.

Sem saber se ficava mais aliviado, ou melhor, menos aflito com a notícia, Arthur, ainda confuso com todas aquelas informações, preocupou-se com o que deveria ser feito dali pra frente:

– E agora?

Dra. Julia respirou fundo e, inesperadamente, confidenciou a motivação que teve para a escolha de sua profissão:

– Sabe, Arthur... Quando eu tinha dezesseis anos de idade, passei por uma batalha contra um câncer de mama, o que é extremamente raro pra essa idade. Naquela época, a medicina não tinha tantos recursos como hoje e, mesmo assim, venci a doença. Me encantei com a oncologia e soube desde então que queria ajudar outras pessoas a também vencer esse mal... O tratamento não foi fácil, assim como o seu também não será, mas é plenamente possível vencer. Tanto é possível que hoje estou aqui, conversando com vocês, com meus cinquenta e oito anos... Daí você me pergunta: “E agora?”...

Desejando passar confiança aos seus interlocutores, a médica estendeu os braços sobre a mesa, cada um em direção a um deles, como quem pede que lhe sejam dadas as mãos, o que de fato foi

feito por Arthur e Amanda.

Dra. Julia então sorriu e exclamou:

– E agora nós vamos vencer esse câncer!

CAPÍTULO 9 – VIDA QUASE NORMAL

Depois de oito dias e de mais alguns exames complementares, que ajudaram a determinar as condições fisiológicas de Arthur e, por conseguinte, a terapêutica mais adequada para o seu caso, ele já passava pela primeira sessão do tratamento.

Tendo em vista a anteriormente mencionada complexidade envolvida numa eventual cirurgia de remoção do câncer, e apesar de não muito usual num quadro de tumor cerebral, optou-se inicialmente pela quimioterapia. Não muito usual até então, pois o protocolo quimioterápico recomendado pela oncologista se baseava no que de mais recente havia no mercado: fármacos estruturalmente modificados, desenvolvidos especificamente para suplantar a barreira hematoencefálica protetora do sistema nervoso central e que, de acordo com os últimos estudos e resultados, mostravam-se surpreendentemente

PERIGOSAS ACHERON

eficazes em cenários similares ao de Arthur.

Os objetivos eram ousados porém plenamente factíveis: a destruição total do tumor já identificado e a prevenção de um outro possível processo de metástase.

Arthur continuou com sua rotina e suas responsabilidades, dentro do possível, observando as orientações de sua médica de evitar os excessos. Manter a cabeça ocupada com o trabalho do escritório de arquitetura era essencial para que ele não ficasse pensando o tempo todo na doença.

As atividades físicas também tinham relevância nesse processo e seguiram presentes, porém com alguma moderação. Até certo ponto, academia, corridas e treinos de Krav Maga eram bem-vindos para manter o ânimo lá em cima e a autoestima elevada, mas a exaustão e o exagero poderiam levar à diminuição das defesas do corpo, facilitando a instalação de infecções. Ficar longe de bebidas alcoólicas não foi nenhum desafio, pois já não gostava tanto assim delas. Uma vida quase normal, com leves ressalvas.

Ao final da terceira semana de tratamento, teve que começar a despender especial atenção à alimentação, para não pular refeições nem comer

menos que o necessário, visto que os encontros semanais com a quimioterapia diminuíram significativamente o apetite de Arthur. Esse efeito colateral, um dos mais comuns da quimioterapia, pode levar o paciente a uma severa perda de peso e a quadros indesejados de desnutrição. Arthur havia perdido dois quilos até então.

A solução proposta por Dra. Julia de fracionar as refeições, comendo pequenas porções várias vezes ao dia, acompanhada de suplementos alimentares específicos, acabaria sendo razoavelmente bem-sucedida no controle da massa corporal. Arthur não recuperou seu peso anterior, mas, pelo menos, não viu o ponteiro da balança continuar a cair com tanta velocidade.

Arthur teve ainda que praticamente reaprender a comer, vagarosamente, mastigando bem os alimentos, o que ajudou a driblar a sensação de enjojo, que se tornara bastante frequente, e a diminuir os vômitos, que aconteciam eventualmente.

Dentre mal-estares, exames de acompanhamento e indisposições, mais dois meses se passaram num piscar de olhos. Alguns dias eram menos difíceis que outros, porém sempre

imprevisíveis. Quando acordava animado, não sabia se terminaria o dia contagiado pelo mesmo sentimento. Arthur ia tentando contornar as dificuldades do tratamento com doses homeopáticas de bom humor, como quando viu seus cabelos sendo raspados por Amanda, usando uma daquelas maquininhas de cabeleireiro, e comentou: “Pelo menos vou economizar uma grana com xampu...”. A barba também deixou de fazer parte do visual no momento em que as falhas tornaram-se grandes demais para serem ignoradas.

Claro que por vezes o desânimo batia forte em Arthur, de um jeito que nem todo o bom humor do mundo seria suficiente para enfrentar, ou ao menos disfarçar, o seu abatimento. Mas, quando isso acontecia, podia contar com o amparo daqueles que lhe queriam bem, pessoas que, aliás, estavam sempre por perto. Pais e irmãos revezavam-se para acompanhá-lo em grande parte das sessões de quimioterapia. Raramente ia sozinho. Os amigos mais próximos fizeram-se mais presentes, trazendo com eles boas gargalhadas.

E o que dizer de Amanda? Ela se desdobrava para estar junto a Arthur o quanto pudesse, porém tomando cuidado para não o sufocar. Arthur carecia

de atenção, mas também sentia eventualmente a necessidade de ficar sozinho, e ela conseguia de alguma forma fazer essa leitura com certa precisão. Quando seu noivo mais precisava, Amanda estava presente, pronta para lhe oferecer a doçura e o carinho de sempre, e saía de cena tão logo ele dava os primeiros sinais de querer estar acompanhado apenas por seus pensamentos.

Todos tinham a sua importância, todos tinham o seu papel na jornada, mas Amanda tornara-se a peça fundamental na luta de Arthur contra a doença. Ela era o colo para acolhê-lo, a rota alternativa quando a estrada parecia tortuosa ou acidentada demais, a amiga pronta para ouvir suas amarguras e para dizer as palavras certas de incentivo, a luz para iluminá-lo e resgatá-lo de uma eventual escuridão de espírito.

Em meio a essa dura rotina repleta de altos e baixos, um ano acabou e um novo começou.

A quimioterapia vinha evitando com sucesso o surgimento de novos tumores no corpo de Arthur, porém não resultou em reduções significativas àquele que se encontrava em sua cabeça. Assim, o quinto mês de enfrentamento do câncer chegou com algumas novidades no tratamento. A

radioterapia também estaria presente a partir desse momento, ministrada por uma máquina diretamente na cabeça de Arthur em sessões diárias, exceto aos finais de semana. Já a quimio passaria a ser aplicada quinzenalmente e em dosagens mais brandas.

A nova abordagem causou certo alívio aos enjoos. Por outro lado, trouxe consigo um efeito colateral ainda não experimentado por Arthur: o cansaço. A fadiga no dia a dia passou a se revelar mais facilmente do que antes. Não que se manifestasse muito severamente, porém foi o suficiente para obrigá-lo a reduzir a carga de treinos e de exercícios físicos. Era como se diariamente parte de seu condicionamento cardiorrespiratório fosse abduzido pela radiação à qual vinha se expondo...

Essa mesma radiação ainda lhe acarretou uma leve irritação no couro cabeludo, uma radiodermite, caracterizada por uma vermelhidão e por uma sensibilidade aumentada da pele diretamente atingida no tratamento. Mas nada muito grave, tanto que não chegou a sentir nenhum tipo de ardência ou dor na pele da região. Só tinha que evitar a exposição de sua careca ao sol e se policiar

PERIGOSAS NACIONAIS

para não ceder à tentação de coçar a área afetada, o que poderia agravar a situação.

E o planeta não parou de girar enquanto Arthur encarava o tratamento.

Durante todo esse período, a humanidade viu países emergentes, que nos últimos anos seguravam as pontas da economia mundial, desacelerando o ritmo de crescimento, alguns deles até mergulhando em crises políticas e econômicas mais profundas, ao passo que outros mais desenvolvidos voltavam aos poucos a ostentar indicadores menos conturbados. Testemunhou também milhares de pessoas desesperadas continuarem a cruzar fronteiras num fluxo sem fim, fugindo de guerras civis e conflitos armados. Presenciou ainda o grupo extremista IRON conquistando mais espaço na mídia, amedrontando o Oriente Médio e o mundo com execuções bárbaras e ataques cada vez mais atrevidos e frequentes, acrescentando outras centenas de inocentes à já interminável lista de mortos e feridos decorrentes de suas investidas, e, em contrapartida, nações diretamente atingidas ou inconformadas com tal selvageria formando novas alianças e se engajando no combate ao terrorismo... Um verdadeiro círculo vicioso no qual as ações de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um lado alimentavam as reações de outro.

Violência gerando mais violência. Ódio causando mais ódio... Os atentados, quando não eram impedidos a tempo, repercutiam no mundo inteiro, principalmente quando ceifavam crianças ou resultavam num número considerável de vítimas.

Arthur foi tocando o barco, um dia após o outro, uma batalha de cada vez, almejando a vitória em sua guerra pessoal. Vida quase normal...

E assim foi levando até que, às vésperas de completar seis meses e meio de tratamento, os exames periódicos trouxeram uma notícia difícil de acreditar...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 10 – SURPRESA

Sexta-feira, final da tarde, hospital.

Após mais uma sessão de radioterapia, era hora de reavaliar a evolução do tumor da cabeça. Arthur já tinha perdido as contas de quantas vezes havia passado pelo aparelho de ressonância magnética nos últimos meses, desde que iniciada a terapia contra o câncer.

Os encontros com a “rosquinha gigante” tornaram-se tão frequentes que agora encarava o procedimento com extrema naturalidade. Mal podia acreditar que havia passado tamanho aperto, literalmente, no interior do aparelho numa outra oportunidade, a ponto de achar graça quando se recordava desse episódio...

Terminada a ressonância magnética, saiu da sala de exame e deu de cara com uma Dra. Julia séria e, ao mesmo tempo, inquieta.

– Arthur, por favor, chame seus pais aqui. Precisamos conversar. – disse ela com um tom não

usual.

Xiiii... ferrou!, pensou Arthur ao ouvir as palavras secas da médica.

Ele, ainda vestindo a roupa usada no exame, foi até a sala de espera atender ao pedido que lhe foi feito, retornando instantes depois acompanhado de seus pais.

Ao vê-los todos ali, Dra. Julia abriu a porta que dava acesso à sala de comando da ressonância e fez um gesto para que todos entrassem.

Lá dentro, ela apontou para um dos monitores que lá existiam e falou na sequência:

– Antes de mais nada, gostaria que vissem isso...

Os três leigos, Arthur, seu pai e sua mãe, aproximaram-se da tela e ficaram ali imóveis sem saber direito o que procurar nas complexas imagens que eram para eles exibidas.

– Isso o quê? Não vejo nada aqui! – comentou Arthur incomodado com o suspense que se estendia inoportunamente através do tempo.

– Exatamente isso! Não há nada para se ver aqui! – respondeu a doutora abrindo um largo sorriso, tão largo que era possível ver todos os dentes que havia em sua boca.

– Como assim? – retrucou o pai de Arthur ainda meio perdido.

Inesperadamente, a médica deu um abraço apertado em Arthur e, depois que o soltou, exclamou:

– Nenhum sinal do tumor nessas imagens! Ou regrediu completamente ou está tão pequeno que não pôde ser detectado!

– Ai, meu Deus! – murmurou a mãe de Arthur agarrando firme a mão de seu esposo.

Incrédulo, Arthur não conseguiu conter as palavras dentro de sua boca:

– Doutora, com todo respeito, se isso for uma brincadeira de primeiro de abril, terá sido uma brincadeira muito sem graça... – disse ele se referindo à data em que se encontravam, na qual, tradicionalmente, amigos se enganam uns aos outros contando histórias mirabolantes e fantasiosas só por diversão.

Ainda com o sorriso escancarado no rosto, Dra. Julia complementou:

– Não se trata de nenhuma brincadeira de primeiro de abril! De acordo com o exame de hoje e com as ressonâncias de dias anteriores, não há mais nenhum sinal do tumor em sua cabeça ou de

outros tumores em outras partes do seu corpo!

– Espera aí... Tá dizendo que tô curado? – indagou Arthur.

– Estou dizendo que ainda há muito para se fazer, mas que um imenso passo foi dado rumo ao seu pleno restabelecimento. – esclareceu a oncologista. – O câncer é uma doença por vezes imprevisível... Ainda existe o risco de surgirem novos tumores ou de uma recaída, mas, por enquanto, estamos bem encaminhados. – acrescentou ela em seguida.

Nesse instante, o filho foi abraçado por trás e chacoalhado pelos seus pais.

O paciente olhava fixamente nos olhos de sua médica quando irrompeu no rosto dele um belo e sincero sorriso de agradecimento. Depois disso, Arthur finalmente se permitiu entregar à intensa e calorosa comemoração que estava em andamento.

■ ■ ■ ■ ■

A notícia veio como um sopro de vida e não poderia ser mais bem-vinda.

De repente, a sensação de cansaço, a sensibilidade da careca, as náuseas, os vômitos, os

quilos a menos e a ausência de barba e de cabelos valiam a pena. O efeito psicológico dessa importante novidade foi quase que instantâneo em Arthur, renovando as energias e o ânimo do paciente e contribuindo para que ele seguisse em frente.

Não que tivesse passado pela cabeça de Arthur desistir da terapia e sucumbir à doença, mas nada poderia ser melhor naquele momento do que saber que todo o sofrimento inerente ao tratamento realmente servia para alguma coisa.

Após mais umas poucas sessões, a radioterapia foi completamente interrompida. O tratamento a partir de então se resumiria apenas à quimioterapia adjuvante, com a finalidade de impedir uma recaída da doença, sendo mantida a frequência de aplicação de quinze em quinze dias.

Um mês após a boa-nova, os exames de acompanhamento continuaram indicando que Arthur estava limpo. O mesmo se constatou outros trinta dias depois. Aos poucos, a desconfiança de que o tumor poderia estar escondido ali em algum lugar ia se extinguindo.

A frequência da quimio passou a ser mensal, enquanto as ressonâncias tornaram-se trimestrais.

PERIGOSAS NACIONAIS

O cabelo e o apetite voltaram a crescer. Vagarosamente, o amor-próprio e os quilos perdidos na longa jornada iam sendo recuperados. A barba não tinha mais tantas falhas e figurou novamente no rosto de Arthur. Já estava ele bem mais disposto para enfrentar a rotina.

Apesar de as náuseas e os enjoos persistirem por dois ou três dias após a aplicação dos quimioterápicos, vomitar virou raridade nesse período. Como era bom sentir que a vida aos poucos retomava seu rumo...

Se tudo continuasse dando certo, se os exames seguissem zerados, muito em breve Arthur deixaria de dar tanto trabalho para seus familiares e para Amanda...

De certa maneira, Arthur até gostava de estar rodeado de cuidados e, principalmente, de ver como sua família se tornou mais unida para superar a adversidade dos últimos meses, porém agradar-lhe-ia muito mais deixar de ser um fardo, uma pedra no sapato ou a principal razão de preocupação para todos eles.

A primeira ressonância trimestral confirmou a tendência positiva, libertando-o mais ainda do medo de uma recidiva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais confiante na cura, Arthur, que andava muito ligado ao presente, vivendo um dia de cada vez, voltou a levantar os olhos em direção ao futuro.

E nisso, detido nesse processo de ponderação do porvir, Arthur percebeu que algo havia mudado dentro dele...

Após ser afrontado por uma experiência tão extrema e traumática quanto essa, compreendeu a fragilidade da vida e a brevidade de sua passagem pela Terra. Aquela quase certeza da imortalidade, sentimento tão comum em jovens adultos, e que de certa maneira também se manifestava em Arthur, foi substituída em questão de meses pela convicção de que ninguém é eterno e de que não há tempo a se perder quando se trata de tirar projetos do papel e colocá-los em prática.

Vivendo e aprendendo...

Daí, de posse de seu novo entendimento acerca do mundo, soube Arthur que era hora de acertar a vida com a sua tão amada Amanda.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 11 – TIRANDO OS PLANOS DO PAPEL

Amanda concordou com a ideia de dividir o *loft* com Arthur.

Seria como um período de experiência, um *test drive* da vida compartilhada, até que viessem a oficializar tudo tão logo Arthur encerrasse o tratamento. Ela só precisava de alguns poucos dias para dar a notícia aos seus pais, juntar suas coisas e partir para a nova etapa do relacionamento.

E menos de uma semana depois de acertados, Amanda chegou para ficar, de mala e cuia.

Já sabiam que acondicionar os pertences deles dois dentro daquele imóvel seria uma tarefa árdua, devido às dimensões reduzidas do apartamento.

O primeiro desafio foi entulhar as roupas de Arthur em apenas uma metade dos guarda-roupas do quarto, para que Amanda pudesse acomodar suas coisas na outra metade. Um quebra-cabeça dos mais complicados... Ainda bem que Arthur havia

executado uma verdadeira “sessão desapego” tempos atrás e doado uma boa quantidade de calças, blusas e outros artigos de que não precisava mais... Do contrário, teria sido uma legítima missão impossível arranjar tudo no interior dos armários!

No banheiro, a divisão de espaços não foi tão complicada. Arthur tinha apenas um punhado de coisas nesse aposento, dentre elas: escova de dentes, pasta de dentes, pente de cabelo, desodorante e a maquininha de aparar a barba. Sorte de Amanda, que pôde dominar o ambiente com sua interminável coleção de maquiagens, produtos diversos para cabelo, cosméticos e cremes. Para cada parte do corpo, um troço diferente. Pés, mãos, cotovelos, rosto, entorno dos olhos... tudo tinha um produto específico! Para Arthur, bastava o sabonete que usava no banho e olhe lá... E a quantidade de xampus e condicionadores de Amanda? Dava pra usar um a cada dia da semana, sem repetir.

Arthur não mais reinava absoluto no apartamento. Adaptar-se à presença de outra pessoa no ambiente nem foi tão difícil quanto imaginava. Ele já não era muito de assistir televisão, então terem apenas uma TV disponível não foi motivo de

discórdia. Se o banheiro do andar de cima estivesse ocupado, dava pra quebrar o galho no lavabo do andar de baixo. Quando um preparava a refeição, o outro lavava as louças, e quando os dois preparavam, os dois lavavam juntos, sem crise. A cama já era grande o suficiente para os dois e sempre dava pra dividir o chuveiro numa boa. O restante dos acertos necessários à convivência harmônica do casal dentro do espaço reduzido viria com o tempo.

Os primeiros meses mostraram que a decisão de juntarem os trapos era acertada. Parecia que eram feitos um para o outro. Ele, a metade da laranja dela. Ela, a tampa da panela dele.

O casal vivia momentos de plena felicidade, uma verdadeira lua de mel. Nem mesmo os dias que se seguiam à quimioterapia eram capazes de quebrar a magia do momento. O mal-estar experimentado por Arthur nesses dias era inteiramente compensado pela atenção dispensada por Amanda. Era como se os efeitos colaterais e as dificuldades do tratamento servissem para aproximar ainda mais o casal.

Passado mais um *check-up* trimestral, encaixaram entre as sessões de quimio uma viagem

PERIGOSAS NACIONAIS

de dez dias às montanhas, para celebrar a vida e a nova fase a dois.

Lindas paisagens, belos passeios, ótimas fotos. Chalé aconchegante, lareira. Vinho para Amanda, suco de frutas para Arthur. Dias frios ao ar livre, noites quentes entre quatro paredes. Descanso do corpo, paz de espírito.

Pouco mais de uma semana após o retorno para casa, as luzes coloridas e a família reunida para trocar presentes denunciavam a chegada do Natal e prenunciavam o encerramento de mais um ano, ano esse que findaria testemunhando um Arthur assintomático, praticamente reabilitado, renovado de forças, motivado para seguir na guerra contra a doença, preparado para crescer no trabalho e ávido por novos desafios.

Rico de amor, cercado pelo carinho de seu tesouro chamado Amanda e ladeado por pais, irmãos e alguns bons amigos, o que mais poderia Arthur desejar para si mesmo?

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 12 – ANO NOVO, VIDA NOVA

O ano novo chegou trazendo com ele a proliferação do câncer do terrorismo sobre a face da Terra, impulsionada notadamente, e quase que exclusivamente, pela atuação do grupo fundamentalista IRON.

Não tinha como alguém deixar de enxergar essa infeliz realidade, que podia ser vista com cada vez mais frequência em qualquer jornal, impresso ou televisivo, manchando continuamente as reportagens de vermelho com o sangue derramado nessa rixa sem fim.

Diante disso, a aliança mundial encarregada de combater esse mal reagia visando a destruição de alvos primordiais do inimigo, como refinarias de petróleo tomadas pela IRON e que serviam como geradoras de recursos financeiros para o grupo extremista, e a desativação de centros de treinamento de soldados, onde os aliciados pelo PERIGOSAS ACHERON

terror eram familiarizados ao manuseio de armas de todo o tipo e adestrados exaustivamente em técnicas de guerrilha. A estratégia era a de minar e acuar, de atuar como uma radioterapia pontual contra essa doença que se alastrava irrefreavelmente pelo globo terrestre.

Às vezes não tão pontual assim, já que algumas das investidas da aliança mundial acabavam por atingir equivocadamente alvos civis não relacionados à referida organização fundamentalista, vitimando pessoas que só queriam viver em paz e cuidar de suas próprias vidas.

Entretanto, em vez de intimidado, o citado grupo terrorista se tornava mais obstinado. Era como se essa tática empregada em desfavor da IRON acabasse por jogar mais combustível na já imensurável fogueira do ódio, alimentando as labaredas do radicalismo e do rancor profundo e duradouro contra o ocidente. E assim a bola de neve ia só aumentando... Homens-bomba e atiradores-suicidas tornavam-se mais frequentes e audaciosos, volta e meia manifestando-se em locais improváveis.

Já numa realidade mais próxima de Arthur, o novo ano vinha marcando nove meses sem sinal do

tumor em sua cabeça.

É verdade que Arthur e Amanda tinham combinado entre si de providenciar uma oficialização da união, e de comemorá-la com a família e os amigos, somente quando finalizada definitivamente a quimioterapia a que Arthur vinha se submetendo, entretanto o sucesso do tratamento era tamanho que acabou impelindo-os a queimar a largada e a iniciar desde já alguns dos preparativos.

Mas nada muito avançado... coisa pouca mesmo. Sem compromissos. Era mais uma pesquisa geral de preços, para que o casal conhecesse as centenas de opções disponíveis no mercado casamenteiro e tivesse certa noção do tamanho daquela facada matrimonial.

Recusaram, Arthur e Amanda, a generosa oferta feita pelos seus pais, tanto os dele quanto os dela, de arcar com os custos das festividades, pois não era lá muito a cara dos noivos realizar suas próprias aspirações com o dinheiro dos outros... Os pombinhos podiam até ter fechado a porta para o patrocínio dos pais, todavia mantiveram-se abertos a palpites e sugestões da família, desde que condizentes com a proposta de as celebrações não se tornarem desnecessariamente grandiosas ou

extravagantes. Combinava mais com os dois um evento mais simples, sem firulas, fato que ainda contribuiria para que a solenidade coubesse no bolso.

Nessa altura do campeonato, em virtude dessa tal pesquisa geral de mercado, a rotina mensal de Arthur poderia ser assim resumida: trabalho, visita aos salões de festa, academia; escolha das cores dos arranjos de flores, degustações em bufês, corrida; Krav Maga, listas de convidados, quimioterapia... Isso, claro, sem contar as várias e várias “buquezadas” na cabeça que Arthur ganhou ao bisbilhotar, por trás das araras das lojas especializadas, Amanda provando algumas opções de vestidos para subir ao altar: “Dá azar!”, gritava ela.

Azar? Arthur ria desse tipo de crendice popular. Na verdade, ria em partes: para o bem, aceitava; para o mal, rechaçava. Não via problema algum em se apegar a um amuleto ou em cruzar os dedos para trazer boa sorte, porém não acreditava que passar debaixo de uma escada, ver um gato preto atravessar seu caminho ou quebrar um espelho pudessem influenciar de uma maneira desfavorável a sua vida. Se uma “sexta-feira 13”,

dia mundial da má sorte, não era tabu para ele, quem diria então ver a noiva coberta de tecidos, rendas e bordados brancos antes do casamento.

É... Arthur podia até não acreditar em urucubaca, no entanto melhor não abusar. Vai que a ziquizira pega...

Bom... Se ele soubesse que nos próximos dias enfrentaria um azar sem precedentes, talvez não tivesse insistido na brincadeira de ver Amanda experimentando os tais vestidos brancos...

CAPÍTULO 13 – MAU PRESSÁGIO?

Arthur já acordou sabendo que não era outro dia qualquer. O primeiro dia do mês era mais longo que os demais, pois trazia com ele a obrigação de visitar o hospital para outra sofrível sessão de quimio. E pra piorar, como já haviam se passado três meses desde a última ressonância, teria ainda que se submeter a um novo exame de imagem... Dia longo ao quadrado.

Tá certo que por conta dessa chatice, ele acabaria deixando de lado as obrigações do trabalho um pouco mais cedo que o normal para se encaminhar para o tratamento, o que podia ser muito bom dependendo do estado de nervos do seu chefe. Porém, não tão bom assim... Arthur trocaria, sem pensar duas vezes, toda essa experiência do câncer que viveu nos últimos dezoito meses por ter ficado preso todos esses mesmos dias até mais tarde no escritório do trabalho acompanhado de seu

PERIGOSAS ACHERON

querido chefe TPM...

Aquela quarta-feira seria uma das raras ocasiões em que Arthur não teria companhia no hospital. Seus pais estavam curtindo alguns dias fora da cidade e Amanda não conseguiria acompanhá-lo devido a compromissos profissionais inadiáveis. Melhor assim, pois Arthur já estava com a consciência pesada de tanto atrapalhar a vida daqueles que se desdobraram tanto para assisti-lo nesses últimos tempos. Fora que ele já se sentia muito bem-disposto nos dias atuais, bastante diferente daquele Arthur do auge do tratamento, quando as aplicações conjuntas de quimioterapia e radioterapia consumiam grande parte de suas forças.

Então, deixou o escritório às quatro horas da tarde com a mochila nas costas, tomou o metrô e, depois de uma breve caminhada, sozinho chegou ao hospital, praticamente meia hora depois.

Arthur já havia sido informado de que, por conta de um congresso internacional de oncologia, Dra. Julia não acompanharia o seu exame àquela data. Uma pena, pois ele realmente apreciava os *feedbacks* pós-exame que a médica lhe proporcionava.

Identificou-se na portaria, colocou no punho esquerdo uma pulseira amarela de papel que o assinalava como paciente da oncologia e seguiu para a ala onde costumava receber sua terapia. Instantes depois, já estava sentado na poltrona observando a enfermeira acertar a agulha em seu braço para outras três longas horas de medicações.

Após tantas sessões, Arthur não mais se importava com o desconforto provocado pelos quimioterápicos ganhando suas veias. Pegou sua mochila do chão, logo ao seu lado, e de dentro tirou um livro para se distrair: *Moby-Dick*, de Herman Melville.

Recostou-se em seu assento e, setenta e poucas páginas depois, viu a mesma enfermeira de antes retornar, dessa vez para libertá-lo de seu castigo mensal. Agulha fora do braço, curativo sobre o furo da pele, livro na mochila... Hora de seguir para a sala de exames.

Percorreu os corredores do hospital tentando não pensar na preguiça que estava sentindo de ainda ter que passar pela ressonância magnética antes de poder ir-se embora pra casa. Como a sede era muita, interrompeu seu trajeto apenas para beber três copinhos d'água. Aguardou alguns

minutos na sala de espera antes de ouvir seu nome ser chamado. Deixou a mochila dentro do escaninho, trocou as roupas no vestiário, entrou no recinto da rosquinha gigante e deitou-se na plataforma móvel do aparelho. Fones nos ouvidos, botão de pânico na mão, início do exame. Entediado e impossibilitado de seguir com a leitura, simplesmente fechou os olhos e pensou na vida...

■ ■ ■ ■ ■

Abriu os olhos. Deitado atravessado no sofá de casa, Arthur sentia um frio anormal para a época do ano. Olhou para a esquerda e viu Amanda sentada junto aos seus pés, lendo o mesmo livro que o acompanhava nos últimos dias. Convenientemente, sobre o pufe bem à sua frente, havia um cobertor vermelho de microfibra impecavelmente dobrado. Esticou o braço para pegá-lo, estendeu-o e cobriu-se com ele.

Quando ia apoiar sua cabeça novamente sobre a almofada, vislumbrou com sua visão periférica que algo se movimentava veementemente no canto direito da sala. Olhou para aquele canto e percebeu que a cortina da janela tremulava intensamente,

denunciando a origem do vento gelado que invadia o ambiente em que Arthur estava.

– Tá frio, né? – comentou ele com Amanda.

Sem parar o que fazia, ela concordou com a cabeça.

Arthur levantou-se e, enrolado no cobertor, caminhou descalço até a janela. Depois de fechá-la, olhou através do vidro e viu o dia feio que fazia do lado de fora. O céu estava tomado por nuvens densas e escuras, as copas das árvores balançavam freneticamente com a furiosa ventania e os clarões intermitentes dos relâmpagos anunciavam uma tempestade daquelas caprichadas prestes a cair.

Enquanto retornava para o sofá, sentiu que sua bexiga estava a ponto de explodir. Tomou o rumo do lavabo, mas foi interrompido pelo som da campainha vindo da porta da frente.

– Ué... quem será? – questionou ele.

– É o serviço de entrega do hospital. O porteiro avisou agora há pouco pelo interfone que o rapaz estava subindo pra cá com os resultados do seu último exame. – respondeu a noiva.

Devido à importância da visita, Arthur concluiu que o xixi poderia aguardar um pouquinho mais... Abortou então a ida ao banheiro e seguiu em

direção à entrada do apartamento.

Amanda colocou-se de pé e veio logo atrás dele.

Ao abrir a porta da frente, deram de cara com um jovem de dezoito ou dezenove anos de idade que usava a camisa do uniforme do hospital, bermuda xadrez e uma prótese de metal reluzente em sua perna esquerda, daquelas em que era possível calçar o tênis em sua extremidade.

– Sr. Arthur? – perguntou o entregador.

– Eu mesmo!

– Por favor, assine ao lado do seu nome.

Arthur pegou a prancheta e a caneta que lhe eram oferecidas e atendeu à orientação do rapaz. Enquanto dava seu autógrafo, Amanda recebeu o grande envelope das mãos do entregador.

– Como conseguiu uma dessas? – indagou Arthur apontando com os olhos para a perna de metal.

– Que tipo de pergunta é essa, Arthur? – indignou-se Amanda, que aplicou um discreto beliscão na nádega do noivo.

Esbanjando simpatia, o jovem respondeu sem nenhum pinga de constrangimento:

– Não tem problema! Não me importo com

essas perguntas... O pessoal do hospital me doou essa prótese após um acidente que sofri numa pescaria em alto-mar.

Arthur estranhou as coincidências enquanto devolvia ao entregador seus instrumentos de trabalho:

– Perna amputada, pescaria em alto-mar... Só falta dizer que se chama Capitão Ahab!

Outro beliscão na bunda.

Amanda agradeceu o rapaz com o ar ligeiramente sem graça e, ato contínuo, fechou a porta.

Na tentativa de não receber de sua noiva um sermão de cunho moral por conta de suas brincadeiras com o funcionário do hospital, Arthur mudou imediatamente o assunto:

– E então? O que temos aí? – disse ele encorajando a noiva a abrir o envelope.

– Ok, vamos dar uma olhada...

Ela respirou fundo, rasgou a ponta do envelope e de dentro retirou a pasta com os resultados. Abriu-a e passou os olhos pelos papeis, saltando todo o blá-blá-blá metodológico e buscando unicamente o diagnóstico.

Alguns segundos se passaram até que ela

arregalou os olhos, vindo a abrir a boca logo em seguida. E mantendo no rosto a expressão de espanto, levantou ela o olhar em direção ao noivo.

– Fala logo o que tá escrito! – exigiu Arthur ao presenciar a péssima reação de Amanda.

Ela engoliu em seco num primeiro momento. Depois de poucos instantes de silêncio, tomou fôlego e, gaguejando levemente no começo, proferiu o resultado em voz alta:

– Me... metástase atingindo diversos órgãos do corpo. Sobrevida estimada de um a três meses!

Arthur ficou paralisado por um minuto, com o olhar perdido.

– O quê? – gritou ele quando se recuperou do impacto inicial. – Eu tô morrendo?

Amanda largou tudo no chão e o abraçou. Na expectativa de consolar o amor de sua vida, falou suavemente no ouvido do noivo:

– Arthur, tente não se mexer tanto.

Sem saber se entendeu corretamente as palavras que saíram da boca de Amanda, Arthur a afastou de si apenas o suficiente para que pudesse olhar dentro dos olhos da moça e rebateu:

– Como é que é?

Ela se aproximou novamente do ouvido de

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur e repetiu:

– Tente não se mexer tanto...

■ ■ ■ ■ ■

Abriu os olhos assustado e ligeiramente desorientado. À sua frente, uma superfície branca abaulada.

– Arthur, estamos quase acabando, mas tente não se mexer tanto. – disse a voz feminina através dos fones de ouvido.

Aos poucos, Arthur ia reorganizando as ideias dentro de sua cabeça. Lentamente ia compreendendo onde estava e assimilando o que tinha ocorrido.

Ele ainda se achava no hospital, no interior da máquina de ressonância magnética, e acabou por pegar no sono meio sem querer durante a realização do exame.

– Só mais cinco minutos e acabamos aqui. – comentou a integrante da equipe de diagnóstico fazendo novo contato pelos fones.

Arthur achou graça dos acontecimentos malucos que experimentou durante aquele breve cochilo.

PERIGOSAS ACHERON

Porteiro... nunca tivemos porteiro no prédio!, riu ele por dentro, tomando cuidado para não se movimentar demasiadamente.

Sentiu-se aliviado pela situação ter se tratado apenas de um sonho bizarro.

Tomara que não tenha sido algum tipo de mau presságio..., pensou.

Bom... Mau presságio ou não, as únicas coisas deste evento que se confirmavam até então eram o frio que Arthur de fato sentia, devido ao ar-condicionado aparentemente mais forte que o usual dentro da sala de exame, e a terrível vontade de urinar que o acometia.

A essa altura, Arthur já estava amargamente arrependido por ter bebido tanto líquido logo antes de entrar naquela máquina.

Pra que aqueles três copinhos d'água?, repreendeu-se mentalmente.

Tentou não pensar em cachoeiras ou no som de torneiras abertas, a fim de não agravar a já torturante tarefa de prender o xixi e, principalmente, não ter que passar pelo vexame de molhar as calças, mesmo que fossem aquelas emprestadas do hospital. Arthur já era grandinho demais para se submeter a uma humilhação tão

gigantesca quanto essa...

Assim sendo, concentrou-se para ficar o mais parado possível e não atrapalhar a etapa final do exame, do contrário a ressonância poderia se estender por além dos cinco minutos que lhe foram prometidos.

Terminado o procedimento, e antes mesmo de trocar as roupas, foi direto para o banheiro mitigar o seu tormento. Quase quinhentos mililitros mais aliviado, podia agora buscar suas coisas no vestiário.

Carente da prévia de resultado que Dra. Julia lhe passava quando encerrados os trabalhos da ressonância, Arthur trocou suas roupas, caminhou para fora do hospital e tomou um táxi para casa. Assim como aconteceu nas duas outras oportunidades em que a doutora esteve ausente, agora era aguardar o regresso de sua médica ou a ligação do hospital informando que o laudo estava pronto, o que ocorresse primeiro.

CAPÍTULO 14 – NEGAÇÃO

Aproveitaram a tarde do sábado subsequente para conhecerem o cardápio de um dos bufês da cidade. Essa era uma das poucas atividades pré-casório que Arthur participava sem torcer o nariz. Na verdade, ia feliz da vida, pois, nesse caso, tratava-se de encher a pança com diversos salgadinhos e docinhos dos mais diferentes tipos. E o melhor: inteiramente de graça!

O casal de noivos não almoçou antes do compromisso, porém com objetivos bem distintos: ela para conseguir provar e avaliar os comes que gostaria de ver servidos na festa, ele para salvar o máximo de espaço na barriga e poder comer a maior variedade possível de quitutes até entalar. Afinal de contas, de que adiantava estar praticamente livre dos enjoos do tratamento se não pudesse aproveitar?

No meio dessa penosa tarefa, o celular vibrou no bolso de Arthur. Era Dra. Julia.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Oi, doutora! Já voltou do seu congresso? – disse ele ao atender a chamada.

– Olá, Arthur! Sim, cheguei ontem no final da tarde... – replicou a médica sem muito entusiasmo. – Estou te ligando por duas coisas: para avisá-lo de que já tive a chance de avaliar sua ressonância feita no meio da semana e para saber se você tem disponibilidade de passar aqui hoje para pegar o resultado comigo... Fico no hospital até o comecinho da noite.

– Acho que dá sim! Deixa eu ver aqui...

Arthur cutucou Amanda, que provava os últimos salgadinhos antes de partir para os doces, e consultou a programação para o restante da tarde:

– É a Dra. Julia. Temos mais compromissos depois daqui ou dá pra gente passar lá no hospital?

– Queria passar em outra loja de arranjos para ver algumas opções, mas isso pode ficar para outro dia... O seu resultado é mais importante. – respondeu Amanda.

Arthur deu um beijo na bochecha da noiva, já quase empanturrada depois de tantos salgadinhos diga-se de passagem, e retornou ao celular:

– Dá sim, doutora... Passamos por aí ainda hoje.

PERIGOSAS ACHERON

- Combinado, Arthur. Até mais tarde.
- Até!

■ ■ ■ ■ ■

Chegaram ao hospital por volta das cinco e quinze da tarde. Recepção, identificação, elevador... No andar do gabinete da oncologista-chefe, mesa da secretária vazia e porta da sala da médica entreaberta.

Arthur enfiou a cabeça pelo vão da porta e, ao verificar que a oncologista estava no recinto, deu três batidinhas com os dedos no marco de madeira.

Dra. Julia interrompeu a leitura de alguns relatórios e buscou com o olhar a origem do barulho. Tão logo viu o rosto sorridente de seu paciente, convidou-o a se juntar a ela.

- Oi, Arthur. Entre, por favor.

Ele adentrou o gabinete e fez sinal para que Amanda viesse junto.

- Estamos atrapalhando?

– Nada... Eu estava só adiantando alguns assuntos enquanto esperava por você.

A médica cumprimentou os dois com um aperto de mão.

– Sentem-se, por favor. – disse Dra. Julia.

Arthur gentilmente puxou a cadeira para Amanda se sentar e, em seguida, tomou o outro assento disponível para si.

– E então, doutora, quais as novidades?

Dra. Julia espremeu os lábios e buscou numa pilha de pastas sobre a sua mesa aquela que continha o nome de Arthur. Assim que a localizou, separou-a das demais. A médica passou as mãos sobre o rosto, como se quisesse espantar o cansaço, ou outra sensação igualmente desagradável, e parou por um segundo.

– Vamos lá. – disse ela abrindo sobre a mesa a pasta com o laudo. – Sabe, Arthur, não existe um jeito fácil de dar essa notícia.

O ambiente ficou subitamente pesado ao ecoar as frases recém-ditas pela médica. Com uma introdução como essa, algo muito grave certamente estava por vir...

O semblante do casal se transformou imediatamente. As feições que já eram sérias porém serenas deram lugar a uma mistura de apreensão e insegurança.

Dra. Julia seguiu com a conversa:

– Como já te falei várias vezes, o câncer pode

ser uma doença muito imprevisível...

Angustiado com as palavras desanimadoras que não paravam de sair da boca da oncologista, Arthur interrompeu o discurso preparatório:

– Doutora, só diga o que tem pra dizer, sem rodeios. – requereu ele de forma estranhamente ríspida.

Dra. Julia concordou com seu paciente e foi direto ao ponto:

– Arthur, seu último exame constatou o surgimento de três tumores no seu corpo. Um no pulmão direito e outros dois no abdômen. Os tumores são bem pequenos, mas preocupa o fato de terem surgido nesse intervalo de três meses entre seus exames mesmo com o tratamento quimioterápico adjuvante.

Arthur e Amanda foram pegos de surpresa. Nunca esperariam por uma notícia dessas após uma sequência tão positiva de resultados do tratamento. Depois de tão árduas batalhas e justo quando tudo parecia voltar ao seu lugar, vinha uma bomba dessas jogar tudo para o alto mais uma vez.

Sorrateiramente, o câncer havia retomado a liderança do jogo...

Um abismo profundo se abriu sob os pés de

Arthur, que naquele momento temeu por sua vida pela segunda vez. Seria o princípio do fim?

A certeza da derrota era tão grande que Arthur foi capaz de sentir a presença da Morte dentro da sala àquele instante, de posse de capuz negro, capa esvoaçante e foice cortante. O sentimento de fracasso era tão forte e inevitável que Arthur não se surpreenderia se o ser mítico de olhos vermelhos e abrilhantados apoiasse a mão a qualquer hora sobre o seu ombro.

Mesmo atônita, Amanda não queria vacilar novamente. Eles já tinham passado por uma situação igualmente devastadora naquela mesmíssima sala e, dessa vez, ela não pretendia deixá-lo desamparado, mesmo que por um mísero segundo. Ao perceber o precipício psicológico se formando em Arthur, ela reagiu rapidamente para socorrê-lo. Entrelaçou os dedos de sua mão com os da mão de Arthur, como se tentasse segurá-lo, impedindo assim que o noivo fosse atraído irreversivelmente para dentro do enorme buraco negro mental.

Tudo em vão...

Tão rápido quanto Amanda segurou a mão dele, Arthur se desvencilhou, e, com a voz mais

elevada que o necessário, contestou o resultado:

– Você tá errada! – disse ele uma primeira vez. – Você só pode estar errada! – repetiu ele praticamente gritando.

Amanda se assustou com o comportamento do noivo. Em raríssimas ocasiões tinha ela visto uma reação tão drástica por parte de Arthur, que se portava na maioria esmagadora das vezes de modo sereno e comedido.

– Calma, Arthur... – pediu Amanda desconcertada com a atitude de seu amado.

– Como posso ficar calmo? Ela tá me dizendo que o câncer voltou! – persistiu Arthur com o protesto.

A médica tentou argumentar:

– Arthur, essas coisas acontecem, mas ainda não é motivo para desespero.

– Ora! Não estou fazendo o tratamento exatamente do jeito que me passaram? Então como que o meu exame poderia mostrar esse resultado? – prosseguiu ele ainda alterado.

Amanda tentou entender o lado de Arthur e o quanto seria difícil receber tal novidade. Realmente era uma notícia apta a tirar do sério até o mais centrado dos seres humanos, era muita informação

para ser processada de uma só vez. Segurou ela novamente a mão do noivo, agora com mais firmeza, procurando evitar que ele voltasse a se soltar.

Arthur continuou:

– Temos que repetir esse exame! Esse resultado só pode estar errado... Vocês vão ver que tá errado!

– Arthur, infelizmente os resultados estão corretos... – retrucou Dra. Julia.

– Mas não sinto nada de anormal comigo. Não tenho nenhum sintoma dessa maldita doença! Só sinto o mal-estar decorrente da quimio... só isso! Temos que repetir o exame! – insistiu ele.

– Olha só, Arthur... Já conversei com a equipe que realizou o exame e eles me confirmaram o diagnóstico. Além disso, as imagens aqui nessa pasta não deixam dúvidas. O que temos agora é que encarar a situação e não desistir da luta!

– Olha só, você! Tenho certeza absoluta de que esse exame tá errado. É completamente impossível um laudo desses! Não sei se a máquina que fez o exame tá quebrada ou se vocês não souberam operá-la... Se não querem refazer o exame, vou procurar quem o refaça pra mim... –

disse Arthur se levantando de seu assento e puxando seu braço para trás forçando Amanda a soltá-lo.

Arthur deu as costas para as duas. Seguiu em direção à porta do gabinete e de lá insistiu em sua transtornada linha de raciocínio:

– Agora, se por um acaso você não estiver errada nesse resultado, só resta uma possibilidade: você errou no meu tratamento!

E após esse infausto comentário, Arthur deixou a sala.

Amanda, já de pé, e chocada com o desenrolar dos fatos, tentou se retratar em nome de seu noivo:

– Nossa, Dra. Julia! Sinto muito por tudo isso! Não sei o que deu nele!

A médica, que aparentemente não se espantou muito com a reação do seu paciente, usou de sua experiência para responder a moça à sua frente:

– Pois eu sei, minha filha... É a negação chegando com tudo. A negação é uma das fases que formam o processo de aceitação da doença. Alguns reagem dessa maneira já no primeiro contato com o câncer, outros só quando têm uma recaída, como pudemos presenciar agora... Depois da negação vêm a raiva, a negociação, a depressão e, enfim, a

PERIGOSAS NACIONAIS

aceitação. Alguns pacientes podem demorar um pouco mais que outros para superar cada uma dessas fases... depende de cada pessoa. Certo é que, em maior ou menor grau, e no seu devido tempo, todos passam por esse processo quando enfrentam uma doença tão implacável quanto essa. Então, não precisa se desculpar, pois essas reações são normais e simplesmente acontecem... – respondeu a oncologista enquanto fechava a pasta com os exames. – Agora pegue isso e vá atrás dele. Não o deixe sozinho nesse estado.

Amanda apanhou a pasta com os ingratos resultados que lhe era oferecida e partiu com passos acelerados atrás de Arthur.

Ao ver a moça cruzar a porta de seu gabinete, Dra. Julia apoiou os cotovelos sobre a mesa e esfregou as mãos novamente contra o rosto, repetindo o movimento feito momentos antes de dar aquela desventurosa notícia. Agora estava claro que não era o cansaço que ela desejava afastar com tal gesto, mas sim a decepção de ver a doença progredir inesperadamente sobre um de seus pacientes e, principalmente, de presenciar a tristeza e a desilusão brotando dentro dos olhos deles quando tinha o dever de informá-los disso.

PERIGOSAS ACHERON

Equivoca-se quem pensa que o médico também não sofre com essa situação...

Frustrada, olhando para o vazio da porta, a doutora pensou consigo mesma:

Quisera eu estar enganada com esse resultado, meu querido Arthur... quisera eu...

■ ■ ■ ■ ■

Amanda percorreu apressadamente os corredores e alcançou Arthur ao lado do elevador, testa apoiada na parede, ainda transtornado com a notícia que acabara de receber.

– O que foi isso, Arthur? – perguntou Amanda abismada com os atos perpetrados pelo noivo alguns instantes atrás.

Arthur se virou para ela.

– Ué, você não viu? Como que ela teve coragem de me apresentar um resultado ridículo desses? É óbvio que tem algo muito errado aí! – respondeu Arthur apontando o indicador direito para a pasta que sua noiva trazia debaixo do braço.

Visivelmente incomodado, Arthur começou a andar de um lado para o outro.

– Arthur, você foi muito estúpido com a Dra.

Julia! Não precisava agir dessa forma com ela... Você devia voltar lá e se desculpar pela sua postura. – recomendou Amanda.

Embora não admitisse, Arthur sabia disso. Mesmo que eventualmente enganada, nem a médica nem qualquer outra pessoa mereceriam um tratamento tão ríspido quanto aquele de sua parte. O que ele não sabia explicar era o porquê de ter procedido daquela maneira... Foi mais forte do que ele, sem aviso. Simplesmente aconteceu.

No entanto, mesmo ciente de que não agiu do modo mais adequado, algo ainda o impedia de se acalmar totalmente. Alguma coisa impossibilitava Arthur de retornar ao gabinete e se redimir perante a doutora.

Orgulho? Medo? Perda de confiança?

Seria essa notícia suficiente para abalar o elo médico-paciente que se formou a tão duras penas durante os longos meses de tratamento?

Por ora, do ponto de vista do paciente, parecia que sim. E as próximas palavras de Arthur ratificaram esse entendimento:

– Agora só quero ir embora daqui...

Amanda parou por um instante e analisou a atitude que seu noivo continuava a manifestar bem

ali à sua frente. Percebeu claramente a o que se referia Dra. Julia logo depois que Arthur as deixou a sós no gabinete: a tal fase da negação estava presente. Retomando em sua cabeça a lição de psicologia ministrada pela médica, a de que todos passam de alguma forma por isso e que cada um tem o seu próprio tempo para atravessar essa e as demais fases subsequentes, Amanda entendeu que o melhor a se fazer agora seria dar o tempo necessário para que Arthur se resolvesse com a notícia. De nada adiantaria seguir com a bronca ou insistir na ideia de reconciliação imediata com a oncologista.

Então, querendo apaziguar a situação e, especialmente, conter os ânimos de seu noivo, Amanda se aproximou dele e acomodou-o em seus braços. Dando leves batidinhas com uma das mãos nas costas de Arthur, encerrou ela o assunto empregando um tom conciliador:

– Ok, meu bem... Vamos pra casa.

Plim! O sinal sonoro indicou que o elevador acabava de chegar àquele andar e que estava pronto para levá-los até o pavimento da recepção do hospital.

Amanda desfez o abraço apenas o suficiente

PERIGOSAS NACIONAIS

para que pudessem, ela e o noivo, caminhar e entrar no elevador. Dentro da cabine, ela apertou o botão ao lado da palavra “saída”.

Portas fechadas.

Durante o breve trajeto até o andar térreo, Arthur acabou se lembrando do estranho sonho que teve quando cochilou dentro da máquina de ressonância alguns dias antes.

É, parece que realmente se tratava de um mau presságio..., pensou.

E a breve ponderação conseguiu alimentar ainda mais o sentimento de inconformismo que ele vinha experimentando.

Ótimo! Em vez de ter premonições com os números da loteria, fico sonhado com o fim dos meus dias...

Arthur imaginou o quanto seria bom se tudo aquilo que vivenciara minutos atrás não se passasse apenas de outro sonho...

Nossa! Como seria deleitoso acordar de frente para a televisão de casa, deitado, babando na almofada do sofá da sala e perceber que nada disso tinha de fato acontecido. Viajando nos pensamentos, Arthur não se conteve e acabou por dizer em voz alta a conclusão a que foi conduzido

PERIGOSAS ACHERON

pelo seu raciocínio:

– Se esse for mais um dos meus sonhos, tá aí uma boa hora pra acordar...

■ ■ ■ ■ ■

Nos dias que se seguiram, a tal fase da negação motivou Arthur a correr atrás das respostas que tanto queria ouvir. E a busca que fez por conta própria lhe trouxe boas referências de outro centro especializado no tratamento do câncer, localizado numa cidade próxima, a cerca de trezentos quilômetros ao norte de onde ele morava.

Por coincidência, comentando esse assunto com seu amigo Daniel, soube que um tio do companheiro de infância, que morava naquela cidade vizinha, havia se tratado de um tumor maligno justamente naquele mesmo hospital. Daniel deu seu jeito e conseguiu para o amigo o contato telefônico e ótimas recomendações do médico que tratou e curou seu tio alguns anos atrás, o Dr. Takahashi.

E por telefone, explicando a urgência da situação, Arthur acabou conseguindo uma vaga na mesma semana com o referido especialista.

Arthur não tinha nada a perder com essa jogada. Na pior das hipóteses, escutaria apenas a repetição do diagnóstico da Dra. Julia que se recusava a aceitar até então. E, mesmo que isso acontecesse, uma segunda opinião sobre a doença poderia ser bem-vinda.

Arthur pediu uma folga no trabalho e, na data marcada, simplesmente entrou no carro e foi. Seus únicos companheiros de viagem naquela manhã eram um punhado de exames que acumulou durante os últimos meses, o celular preso ao para-brisa com um aplicativo de GPS para indicar o caminho correto, um pacote de biscoitos para enganar a fome e algumas garrafinhas d'água pra matar a sede.

Recusou a companhia de Amanda com a justificativa de que não queria atrapalhá-la em sua rotina de trabalho, mas a realidade é que ele desejava enfrentar sozinho essa autêntica “jornada da verdade”. Não teve que inventar desculpas para se desvencilhar de seus pais, já que ainda continuavam fora da cidade e nada sabiam sobre os últimos acontecimentos relacionados à saúde do filho caçula.

Sem fazer nenhuma parada na estrada e sem

imprevistos no trajeto, chegou à cidade de destino próximo ao meio-dia. Como ainda tinha algum tempo ocioso até o horário do encontro com o novo oncologista, buscou um local para almoçar através do mesmo aplicativo de celular que o guiara por boa parte da manhã até aquele lugar.

Encontrou um restaurante agradável e bem-arrumado, onde pediu omeletes e suco de laranja. Barriga cheia, usou o banheiro para aliviar a bexiga, pagou a conta e partiu para a consulta.

Pelo nome, como era de se esperar, Dr. Takahashi tinha ascendência japonesa. Homem de meia-idade, bem mais baixo que Arthur, cabelos grisalhos e óculos pendurados no bolso do jaleco branco. Aparentemente simpático em uma primeira impressão.

Arthur explicou-lhe com detalhes todo o histórico da doença e do tratamento ministrado até aquele momento, apresentando-lhe ainda os respectivos exames de acompanhamento, omitindo apenas a ressonância realizada na semana anterior, sendo ouvido com bastante atenção pelo doutor.

Após um pormenorizado exame clínico, Dr. Takahashi encaminhou-o em seguida para o tão desejado exame de imagem, um verdadeiro tira-

teima na concepção de Arthur. O oncologista monitorou todo o procedimento para poder passar suas impressões de imediato para o novo paciente, e o resultado, como era de se esperar, foi tão desanimador quanto o outro, na mesmíssima medida.

O médico, que pela conversa com Arthur dentro do consultório já tinha uma leve suspeita de que a real intenção do paciente era contestar o resultado negativo de algum exame recente pela realização de um novo, viu a sua desconfiança se transformar em certeza ao presenciar a reação de seu paciente, ou melhor, a ausência dela, ao revelar a existência dos tumores nas regiões abdominal e torácica...

Foi quando o especialista disse algumas coisas que contribuíram, e muito, para que Arthur pudesse superar a fase que até então enfrentava:

– Pela sua maneira de se portar diante do diagnóstico que te passei, acredito que você já soubesse previamente da existência desses três tumores...

Desmascarado, a Arthur só restou concordar balançando a cabeça para a última afirmação do médico de olhos puxados. E foi o que ele fez.

O doutor continuou após uma breve pausa:

– Sabe, Arthur... é comum e bastante natural procurar por uma segunda opinião em situações de evolução do quadro da doença. O que posso te assegurar, com base em nossa conversa e nos exames que me mostrou, é que o seu tratamento foi muito bem prescrito e conduzido pela oncologista que os assina, a Dra. Julia... Se decidir trazer o seu tratamento para cá, terei prazer em ajudá-lo. Caso contrário, saiba que você está muito bem assessorado pela sua médica atual... Ela é uma profissional renomada em nosso meio, além de muito estudiosa e comprometida.

Nesse instante, Arthur voltou seu olhar para baixo. Nos poucos segundos de silêncio que se sucederam, tratou o paciente de realizar mais um exame. Só que o exame em questão não era mais o que se obtinha através de equipamentos caros e sofisticados e sim o da própria consciência... Já tinha ele plena noção da estupidez com que tratara Dra. Julia dias atrás, e agora o discurso do Dr. Takahashi começava a abrir um caminho de limpidez através da névoa da negação que se apoderava de seu juízo e que tornava nebulosos seus pensamentos e sua capacidade de julgamento.

O Dr. Takahashi completou:

– Às vezes, por motivos alheios à nossa vontade, mesmo com a abordagem correta, o câncer pode nos pregar esse tipo de peça. Mas, apesar dessas adversidades, o importante mesmo é seguir em frente, mantendo o foco no tratamento e a fé na cura.

Pronto. As palavras que encerravam a fala do especialista eram exatamente as que Arthur precisava ouvir. O túnel de sensatez finalmente se consolidou em sua mente, permitindo a ele enxergar com certa nitidez a resposta que buscava em sua jornada pessoal.

Tudo se tornava muito claro agora. Arthur balançou portanto a cabeça novamente, dessa vez como se confirmasse consigo mesmo o raciocínio que acabava de concluir.

Arthur já sabia o que tinha que fazer. Estava pronto para voltar pra casa. Ergueu então a vista alcançando os olhos de seu interlocutor, levantando-se da cadeira logo em seguida. Estendeu a mão para o oncologista e com um aperto firme selou a consulta ao som de um “muito obrigado”.

Dr. Takahashi retribuiu o agradecimento com

um sorriso agradável. Soube o médico naquele momento que não veria Arthur novamente. Não pelo fato de o sorriso ter-lhe sumido os olhos que já pareciam completamente fechados, mas sim porque sentiu naquela breve despedida que tinha conseguido recolocar na trilha certa aquele paciente momentaneamente desnortado. Atuara aquela tarde como o oncologista competente que efetivamente era, e também como uma espécie de conselheiro espiritual, apontando a direção a ser seguida àqueles que estão aparentemente sem rumo na vida. Sua função nessa história estava cumprida.

E quase no final da tarde, Arthur entrou em seu carro para iniciar a viagem de volta para casa. Celular reposicionado no para-brisa do carro, selecionou o seu destino no aplicativo GPS e pegou a estrada.

Atravessou as horas e os quilômetros remoendo e repetindo em sua mente todo o discurso do Dr. Takahashi, principalmente, os vocábulos que encerraram o seu encontro com o médico: “...seguir em frente, mantendo o foco no tratamento e a fé na cura.”.

Pouco depois das nove da noite, Arthur entrou em seu apartamento. Foi recepcionado com um

abraço apertado de Amanda, que já começava a se preocupar com o adiantado da hora.

– E então, como foi? – perguntou ela ansiosa e de certa forma esperançosa por um resultado diferente do anterior.

Claro que ela tinha ciência de que dificilmente haveria uma mudança no diagnóstico, mas igualmente difícil foi evitar de alimentar, mesmo que inconscientemente, essa falsa esperança.

Arthur respondeu o questionamento de sua amada resumindo num punhado de palavras todo o desenrolar de sua jornada:

– Devo desculpas à Dra. Julia.

CAPÍTULO 15 – RETOMADA

Arthur seguiu em frente. Não havia tempo a se perder. Com a vontade renovada, procurou pessoalmente por Dra. Julia logo no dia seguinte.

Não podia ser por telefone. Adentrou o hospital sem marcar hora e aguardaria o tempo que fosse necessário para conversar com sua médica. Mas erra feio aquele que pensa que a aludida vontade era a de retomar sem demora o tratamento e impedir que o adversário ganhasse ainda mais terreno.

Nesse caso, a urgência era outra... A saúde residia em segundo plano e a humildade em primeiro. A vontade era a de retratação.

Quando o momento chegou, o olhar de um lado denunciava a soberba quebrada, o de outro revelava a remissão outorgada. Tudo resolvido num instante através das janelas da alma.

Nada precisava ser dito. Porém, mesmo assim, ouviu-se um “me desculpe o ocorrido” tímido e

carregado de remorso percorrendo o espaço existente entre o paciente e a médica. Nada precisava ser respondido, no entanto, escutou-se um “não foi nada” totalmente desprovido de ressentimento tentando encerrar qualquer constrangimento pelo caminho inverso. Simples assim. Sem a necessidade de justificativas embaraçantes ou de sermões moralizantes...

Todavia, apesar de toda a sinceridade empenhada na réplica da oncologista, um leve encabulamento por parte do paciente relutou em permanecer no ar.

Então, desejando impedir que a situação retraísse Arthur por completo e que o pejo instalasse nele um silêncio desnecessário, Dra. Julia, usando da simpatia e do jogo de cintura que lhe eram inerentes, tomou a iniciativa e convidou, com o sorriso aberto no rosto, o homem arrependido a se sentar.

Era hora de Arthur aceitar o convite e deixar para trás o acanhamento e o sorriso sem graça que trazia consigo no cenho. Sentado, respirou fundo, e, ao expelir o ar para fora de seus pulmões, permitiu que fosse levado embora definitivamente todo o peso e toda a culpa que ainda carregava dentro do

peito.

O famigerado episódio vivido dias atrás por aqueles dois finalmente estava superado. O elo ora rompido entre eles já estava plenamente restaurado. Página virada.

Mais leve ao cumprir a prioridade do dia, Arthur sentiu-se livre para tratar do segundo item de sua lista de tarefas. Passava da hora de a dupla se concentrar no que realmente importava, de retomar a guerra de onde havia sido interrompida.

Assim, apossou-se a médica da pasta de exame trazida pelo paciente, abrindo-a em seguida sobre sua mesa. Após uma breve análise do documento e de uma espiadela nas anotações que tinha no computador sobre o caso, Dra. Julia estava pronta para abordar as estratégias de combate.

Arthur recebeu sem medo ou qualquer desconfiança a terapêutica recomendada pela médica que o acompanhava desde a descoberta da doença mais de um ano e meio atrás. O tratamento se daria basicamente por uma cirurgia, para a retirada dos tumores, e pela readequação da quimioterapia, através de maiores frequências e dosagens. A quimio porém só voltaria a ser aplicada quando Arthur estivesse suficientemente

restabelecido da mencionada cirurgia.

“O quanto antes, melhor.”, respondeu ele quando indagado a respeito de sua preferência de data para a intervenção cirúrgica. O foco e a determinação dele em vencer a doença cresceram tanto nas últimas vinte e quatro horas que não aceitaria qualquer prazo superior ao mínimo necessário para a realização da operação, respeitados os requisitos imprescindíveis à total segurança do tal procedimento.

Concordando com a pressa de Arthur, Dra. Julia mexeu seus pauzinhos e conseguiu conciliar as agendas da equipe a ser envolvida com a disponibilidade de um dos centros cirúrgicos do hospital.

Tudo esquematizado e combinado. Dentro de dez dias Arthur subiria mais um degrau na longa escada da reabilitação.

“Seguir em frente, foco no tratamento, fé na cura”. Arthur havia internalizado as duas primeiras partes dos dizeres do Dr. Takahashi sem maiores dificuldades. Já a fé na cura, atingida em cheio pelos acontecimentos mais recentes, seguia seriamente abalada...

Mas isso não podia continuar assim. Arthur

tinha que fazer alguma coisa pra mudar essa situação. Sabia ele muito bem a razão pela qual o Dr. Takahashi havia mencionado a fé na cura em sua fala. Arthur já tinha lido pesquisas e até mesmo visto algumas reportagens de jornal que reforçavam a tese de que pacientes que acreditavam na cura alcançavam melhores resultados no tratamento de doenças comparativamente àqueles que não acreditavam, uma verdadeira autossugestão que seria capaz de ativar mecanismos internos do corpo humano e que de alguma forma contribuía no processo de restabelecimento. O problema era que o surgimento dos novos tumores estremeceu severamente a convicção de Arthur na plena recuperação, e reavê-la acabaria por se tornar uma tarefa bastante árdua... Árdua sim, mas não impraticável, tarefa essa que Arthur estava disposto a enfrentar, e os dez dias até a cirurgia seriam um bom período para que ele trabalhasse e reconquistasse a última e mais desafiadora dessas três partes.

Tão logo os pais de Arthur retornaram à cidade, foram informados da nova realidade do filho, assim como da cirurgia que estava por vir.

Quanto aos preparativos para o casamento,

que até aqui se limitavam às pesquisas de preços que o casal vinha conduzindo entre as milhares de opções de produtos e serviços matrimoniais disponíveis no mercado, por sugestão de Amanda, e de comum acordo, foram colocados de molho. Como ainda não havia uma data definida para a celebração, não faria mal postergar esse assunto por mais algum tempo. A prioridade dos dois agora seria a saúde de Arthur.

CAPÍTULO 16 - RAIVA

Os dias custavam a passar. Arthur andava mais irritável que o normal, distribuindo por vezes palavras mais ásperas do que as situações demandavam, da mesma forma como involuntariamente fazem algumas mulheres quando atacadas pela tensão pré-menstrual. Mas Arthur não era mulher, muito menos sofria de TPM. Alguma outra coisa o estava tirando do sério... Seria a proximidade da cirurgia ou poderia existir alguma outra explicação?

Pelo sim ou pelo não, Arthur e Amanda decidiram sair de casa na sexta-feira à noite para encontrar os amigos. Essa pequena dose de distração poderia ser uma boa maneira de contornar a exaltação de Arthur e a ansiedade experimentada não só por ele, mas também por Amanda.

Dessa vez resolveram inovar. Deixaram de lado o bar favorito da turma e foram conhecer um *pub* recém-inaugurado no bairro mais badalado da

cidade.

Arthur, que estava praticamente proibido de consumir bebidas alcoólicas desde o começo do tratamento, serviria de motorista da vez. De carro, acompanhado de Amanda, buscou Daniel e Michele em casa, de onde seguiram para o destino escolhido.

Passando em frente ao local designado para o momento de descontração, surpreenderam-se com a quantidade de gente que aguardava para entrar no *pub*, fato que confirmava os boatos de que o estabelecimento andava lotado desde a sua abertura. Devido ao grande número de automóveis nas redondezas, tiveram que dar várias voltas nos quarteirões até encontrarem uma vaga. Carro estacionado, desceram todos e foram enfrentar a quilométrica fila de espera.

Ao tomarem os últimos lugares da fila, Arthur comentou meio aborrecido:

– Agora é torcer pra este ser o melhor programa da cidade, pra fazer a espera valer a pena...

– Vai ser ótimo, meu amor! Tenha só um pouquinho de paciência... – disse-lhe Amanda tentando contagiá-lo com sua animação.

Papo vai, papo vem, e, trinta minutos depois, ainda havia um batalhão de pessoas à frente dos amigos. Apesar de toda a demora, não se deixaram abater e seguiram firmes aguardando sua vez de entrar.

Foi quando três marmanjos, de cabelos raspados nas laterais da cabeça e extensas tatuagens pelas partes visíveis do corpo, dando uma de malandros, foram se infiltrando disfarçadamente e, devagarinho, furaram a fila uns poucos metros à frente de onde estavam Arthur, Amanda e o outro casal de amigos.

– Vocês viram isso? – disse Michele indignada com a caradura dos três. – E o pior é que ninguém fala nada com eles!

– Claro, né! Olha só o tamanho deles... o mais fraquinho deve ter o braço igual ao do Schwarzenegger! – respondeu Daniel se referindo ao porte avantajado dos rapazes que trajavam camisetas regatas...

Tá certo que ele exagerou um pouquinho na comparação, mas os caras realmente eram fortes.

Arthur fixou o olhar sobre os três e aguardou um tempinho para verificar se tudo não se passava de um mal-entendido. Esgotado o prazo

mentalmente estabelecido por ele e confirmada a falta de educação, soltou a mão de Amanda e caminhou em direção aos espertalhões.

– Aonde vai? – perguntou Amanda logo que notou os primeiros passos do seu noivo.

Arthur se virou para sua amada e calmamente respondeu:

– Só vou ali falar com eles.

– De jeito nenhum! – disse ela segurando o noivo pelo antebraço, prevendo o embate que estaria por vir. – Esse tipo de gente só quer confusão!

Com o mesmo ar sereno, Arthur se aproximou de Amanda, deu-lhe um beijinho nos lábios e tentou tranquilizá-la:

– Não se preocupe! Serei educado.

Arthur retomou a caminhada rumo aos três furões. Passos firmes, respiração pausada. Parou imediatamente atrás de um deles e iniciou a conversa:

– Amigos, desculpem o incômodo. Não sei se perceberam, mas tem bem mais gente esperando na fila.

O homem olhou por cima do ombro para Arthur, vindo a ignorá-lo em seguida.

Persistente, Arthur cutucou as costas do cidadão e fez nova abordagem, dessa vez impondo um pouco mais a voz:

– Com licença, amigo. Estou falando com você.

Sem acreditar na insistência daquele desconhecido, o homem mal-encarado se pôs de frente para Arthur e, com o tom agressivo, perguntou:

– O que você quer mesmo?

– Oi, boa noite. – cumprimentou Arthur mantendo a promessa que fez a Amanda de ser civilizado. – Só queria dizer que seria legal se entrassem no final da fila e esperassem pela vez de vocês assim como todo mundo tá fazendo. Só isso.

– Como que é, meu irmão? – retrucou o homem dando um empurrão com uma das mãos contra o peito de Arthur.

Os outros dois fortões riam debochadamente da situação.

Desequilibrado, Arthur deu dois passos para trás. Ele não esperava por isso, já que estava ali apenas tentando convencer educadamente os três homens a se dirigirem ao final da fila.

E não foi apenas um simples empurrão... Era

também a prova de que Amanda tinha toda a razão: aqueles caras estavam de fato atrás de confusão.

Arthur não ia ganhar nada encarando aqueles homens. Era hora de ele voltar para o seu lugar na fila, ao lado de sua noiva, e esquecer o ocorrido, honrando sua fama de sujeito pacífico.

Mas não foi o que aconteceu... Arthur se recompôs do empurrão e continuou em frente ao homem. Estático, cabeça ligeiramente voltada para baixo, travou seu olhar sobre o brutamontes. Calado por alguns segundos, concentrou-se em sua respiração, desejando manter o sangue frio. Tinha que conter o inusual ímpeto que crescia em seu peito de ceder à agressão daquele sujeito.

Arthur vinha sendo bem-sucedido, até que não se aguentou. Jogou por terra todo o esforço que empenhara em se acalmar ao reformular a sua frase com uma certa pitada de provocação:

– Vou repetir pela última vez o que você já entendeu: o final da fila é bem mais pra trás, e o melhor que você faz agora é ir pra lá, “meu irmão”.

Enraivecido com o atrevimento, o homem esbravejou:

– E vai fazer o que se eu não for pra lá?

Arthur, que andava com os nervos à flor da

pele, entendeu a pergunta que lhe foi feita como uma autorização para partir pra cima. Porém, quando daria o primeiro passo na direção do indivíduo, Amanda interveio naquela discussão que na opinião dela já durava tempo de mais.

Colocou-se ela na frente do noivo e praticamente implorou a ele:

– Vem, Arthur! Vamo embora daqui! – disse ela alterada com a situação, agarrando os braços de seu amado.

– E quem te chamou aqui, sua puta? – bradou o homem com quem Arthur discutia, empurrando-a para o lado pelo ombro.

As mãos de Amanda se soltaram dos membros superiores de Arthur, que arregalou os olhos ao vê-la caindo sentada bem ao seu lado. Surpreendido pela atitude desnecessária, ele se agachou, segurou-a pelos braços e ajudou-a a se colocar de pé.

– Pega sua namoradinha e vai chorar em casa, mané! – zombou um dos outros tatuados.

Percebendo que Amanda não se machucara com a queda, Arthur pegou-a pela mão e conduziu-a para trás de seu corpo, tentando tirá-la da linha de fogo.

Agora não tinha mais volta. No momento em

que o homem tocou o ombro de Amanda, havia ele se transformado irreversivelmente em um oponente. Mais que isso: aquele cara se tornara quase que um arqui-inimigo!

Arthur retomou a posição anterior, de frente para o adversário, com a diferença de que agora era possível notar a fúria em seu rosto. A chama do ódio ardia dentro dos seus olhos. O sangue, que há pouco tentou manter frio, agora borbulhava em seus vasos sanguíneos, fazendo estufar as veias existentes em sua testa.

Assustada, Amanda recuou mais alguns metros. O mesmo fez a multidão que estava nos arredores ao perceber que a briga era iminente.

– E então, vai fazer o quê? – repetiu o homem meio que gritando.

Diante da aparente inércia de Arthur, o valentão preparou novo empurrão, dessa vez com ambas as mãos, e veio com tudo, mirando novamente o peito de quem apareceu ali só para importuná-lo.

Percebendo o movimento do oponente, Arthur posicionou as duas mãos para frente, entreabertas na altura do queixo, para se defender da investida. E antes que fosse atingido, golpeou com força suas

PERIGOSAS NACIONAIS

palmas sobre os antebraços do rival, jogando-os para baixo, e, num movimento rápido, acertou o adversário bem no meio do rosto valendo-se de novo das palmas de suas mãos.

POW!

O barulho seco proveniente do contra-ataque de Arthur ecoou pelo lugar.

O vozerio espantado emitido pela plateia em decorrência daquela bordoadada bem dada foi imediato.

O sorriso zombador dos outros dois fortões perdurou até o instante em que seu amigo caiu apagado no chão. Desacreditando que o companheiro tivesse sido nocauteado tão rapidamente por um adversário fisicamente bem mais fraco, entreolharam-se por um minuto sem saberem o que fazer.

A coragem, ou talvez o desespero, impulsionou um dos encenqueiros que ainda estava de pé a avançar na direção de Arthur, que diante disso retomou prontamente sua postura de defesa.

Afoito, aquele segundo homem tentou alvejar o rosto de Arthur com um soco cruzado de direita.

Arthur bloqueou o ataque movimentando seu

PERIGOSAS ACHERON

braço esquerdo de dentro para fora. Avançou um passo à frente com a perna esquerda e, ao mesmo tempo, cerrou o punho direito e golpeou o gogó do oponente.

Nesse momento, foi possível escutar uma mistura de tosse e engasgo saindo da boca do sujeito.

Ato contínuo, Arthur apoiou as mãos sobre os ombros do cidadão e, puxando-o contra si, aplicou uma joelhada caprichada nas partes baixas daquele camarada.

BUM!

Nova reação da plateia, dessa vez exprimindo a dor aguda que suscitava aquela joelhada.

Agora já eram dois no chão: um desmaiado e outro encolhido, deitado de lado, tentando recuperar a respiração.

Arthur se voltou para o último dos moicanos.

O terceiro homem, flagrantemente amedrontado, não tinha como fugir. Estava completamente rodeado pelas pessoas que acompanhavam o desenrolar do confronto, algumas delas com o celular em mãos registrando toda a ação. Encurralado e sem opção, sobrou ao indivíduo levantar os punhos fechados e caminhar

em direção ao adversário.

– Cara, tem certeza? – perguntou Arthur tentando desencorajá-lo a entrar na briga. – Você não precisa acabar como os seus amigos aí...

Ao notar que suas palavras não surtiram nenhum efeito, Arthur se preparou para o último enfrentamento.

Mais cauteloso, ou talvez receoso de que viesse a ter o mesmo fim de seus dois companheiros, o terceiro homem manteve certa distância de Arthur, aguardando uma oportunidade para atacar.

Desejando acabar logo com a briga, Arthur tomou a iniciativa dessa vez. Aproximou-se um pouco mais do cidadão e fez um movimento rápido com o tronco, simulando que entraria com um soco. Porém, para a surpresa do oponente, o que veio na realidade foi um chute forte entre suas pernas.

TUM!

O indivíduo se curvou para frente sofrendo os efeitos do golpe.

Arthur, já decidido a encerrar a luta com uma joelhada no meio das fuças daquele infeliz, segurou a cabeça do seu adversário.

Sem esboçar piedade nenhuma, trouxe sua

perna direita ligeiramente para trás preparando o golpe final. No momento exato em que encerraria a luta, Arthur foi agarrado por trás por um dos seguranças do local.

– Chega dessa bagunça! – disse o funcionário do *pub*, que trajava terno, gravata e sapatos pretos e camisa social branca.

Tão logo compreendeu que não se tratava de um novo rival, Arthur não mais reagiu. Preso pela cintura pelo homem elegantemente vestido, soltou a cabeça do oponente e levantou os dois braços para cima num claro gesto de rendição.

O homem que escapara de ter o rosto reconfigurado pelo joelho de Arthur, ao ser solto, colocou as mãos sobre suas partes baixas e caiu de lado.

Daniel e Michele, boquiabertos com a desenvoltura de Arthur diante dos três brutamontes, aproximaram-se um pouco mais do local da briga. Agora sabiam que a história tão repetida por Amanda, sobre a forma como o casal se conhecera, era a mais pura da verdade, sem nem um pinga sequer de exagero.

Um outro segurança surgiu logo em seguida do meio da multidão para ajudar a controlar a

situação, mas não havia mais nada a ser controlado: Arthur já se afastava espontaneamente em direção à sua noiva e os encenqueiros permaneciam caídos no chão. Sem ter mais o que apaziguar naquele lugar, tratou de verificar o estado dos subjugados no combate.

— Você derrubou esses três sozinho? — perguntou pasmado o segundo funcionário engravatado, após verificar os sinais vitais do fortão desacordado.

E, acreditem, não se tratava de uma pergunta idiota, dado o porte avantajado dos caras que estavam nocauteados na calçada. Para quem não acompanhou o desenrolar da briga, era bastante difícil crer que um único indivíduo tinha causado tanto estrago em tão pouco tempo. Ainda mais um indivíduo tão franzino em relação aos três brutamontes.

Arthur, já ao lado de Amanda, desprezou o questionamento do segurança e iniciou uma pormenorizada inspeção em sua noiva para se certificar de que nada realmente havia acontecido a ela.

— Ele só se defendeu desses aí! — disse Daniel em favor de seu amigo, apontando o dedo na

direção dos encenqueiros.

A multidão ao redor também se manifestou no mesmo sentido.

Enquanto era avaliada, Amanda olhava com certa estranheza para o seu noivo. Não reconhecia os atos praticados por ele. Essa atitude desproporcional, violenta e despropositada recém-protagonizada não condizia com a personalidade do seu herói, nada tinha a ver com o Arthur que se achava na maioria esmagadora do tempo “fazendo sua parte pra mudar o mundo, mesmo que só um pouquinho de cada vez”. Ela nunca o tinha visto perdendo o controle daquela maneira, nunca o tinha visto usando suas técnicas de luta para dar uma surra em alguém, senão quando salva por ele no momento em que se conheceram, mas eram situações completamente diferentes. Uma foi obra de extrema coragem e nobreza em auxílio de uma donzela indefesa, a outra se mostrou uma ação descontrolada, desmotivada e absolutamente desnecessária.

Assim que teve certeza de que Amanda não sofrera nenhum arranhão, Arthur ironizou:

– Se queriam tanto aquele lugar na frente da fila, agora vão ficar lá por algum tempo...

A preocupação dele por ela obviamente ainda estava presente, mas seu caráter estava mudado. Em outros tempos, Arthur jamais permitiria que um desentendimento fútil como aquele tomasse proporções tão grandes a ponto de chegar às vias de fato. Ele sempre foi adepto da turma do “deixa disso”, nunca jogava lenha na fogueira, e quando os ânimos começavam a esquentar por algum motivo alheio à sua vontade, tratava logo de se retirar da contenda, levando consigo a certeza de que a conversa é o único caminho a ser seguido para se resolver qualquer tipo de circunstância. Ou melhor, “era” o único caminho a ser seguido. Parecia que Arthur acabava de descobrir um certo atalho para solver os seus problemas que viessem a extrapolar o âmbito das palavras educadas.

O encontro com os amigos daquela noite, que teria a função de servir como uma válvula de escape para diminuir a ansiedade do casal de noivos com a proximidade da cirurgia e de frear a inexplicável irritabilidade de Arthur, acabou tendo o efeito contrário.

Vendo o tiro sair pela culatra, Amanda não tinha mais clima para retomar a noitada, nem ali nem em outro lugar. Então, por ora, restava a ela

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas cancelar o programa e pedir para voltarem pra casa.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 17 – INTERNAÇÃO

Véspera da cirurgia, dia da internação. Nervosismo em alta.

Porém, diversamente do que se poderia pensar, o nervosismo não era muito pela ida de Arthur à tarde para o hospital como parte dos preparativos para a operação de remoção dos tumores em si, mas sim pela inexplicável deflagração de um atentado terrorista na capital de seu país, que ficava a cerca de quatrocentos e cinquenta quilômetros a noroeste dali. Era menos que uma horinha de voo de avião! E mesmo que a capital não fosse tão próxima assim, o ataque já seria igualmente assustador para Arthur, e também para seus demais conterrâneos, só por ter acontecido dentro das fronteiras de sua terra natal.

Por volta das onze e meia da manhã, dois homens fortemente armados invadiram um museu bastante movimentado e abriram fogo, vindo a matar quatro pessoas e a ferir outras dez.

Contabilizadas nessa lista de feridos, duas crianças que participavam de uma excursão escolar e que lamentavelmente se tornaram vítimas dos disparos. Na fuga pelos fundos, os atiradores ainda atropelaram um policial que tentou impedir que eles se evadissem do local do massacre, elevando a contagem de feridos para onze. Os elementos foram interceptados pela polícia quase duas horas mais tarde numa estrada interestadual e mortos na intensa troca de tiros que se seguiu. Rolavam boatos de que a IRON, grupo terrorista mais ativo da atualidade, teria assumido a autoria do atentado...

A população estava em choque. Nunca antes aquela nação havia sido alvo de investidas desse tipo. Então como que, de uma hora pra outra, um país historicamente partidário do pacifismo e conhecido internacionalmente por sua neutralidade em relação a guerras e a confrontos armados podia sediar tamanha brutalidade? Improvável que fosse uma espécie de represália por parte dos extremistas, já que aquele país específico nem sequer figurava entre os que se engajavam na aliança internacional de enfrentamento ao terrorismo. Tendo em vista que grande parte desses ataques encontra seu

fundamento na intolerância religiosa, dificultava ainda mais a identificação da verdadeira motivação o fato de aquele ser um país laico, onde as mais diversas religiões conviviam harmoniosa e respeitosamente.

Todos esses argumentos eram mais que suficientes para classificar o acontecimento como inexplicável... Não havia razão aparente para tal ato!

Teria sido aquele um atentado completamente aleatório ou parte de uma estratégia de levar o terror a locais antes inimagináveis, criando a sensação de que não haveria mais lugares seguros no mundo e de que todos seriam um alvo em potencial? Seria essa uma ação isolada ou haveria outras igualmente estarrecedoras? A ação estava realmente relacionada ao grupo que reivindicara sua autoria ou a IRON estaria apenas tentando assinar oportunamente uma obra planejada e executada por dois sujeitos desequilibrados? Ainda era muito cedo para se saber ao certo...

Em pronunciamento, o presidente do país tentou responder a essas questões a fim de tranquilizar a população. Em nenhum momento pediu para que as pessoas ficassem em casa, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

solicitou alguma cautela quanto a locais aglomerados. As únicas medidas adotadas de imediato foram suspender as aulas nas escolas da capital, por precaução, e colocar os órgãos de segurança pública em estado de alerta máximo. Os sistemas de inteligência do governo não indicavam a iminência de novos ataques, o que fez com que a tese da aleatoriedade ganhasse alguma força.

O país não chegou a parar, porém nem o discurso do presidente nem a análise dos órgãos de inteligência tinham sido suficientes para acalmar por completo os corações da nação. Se a intenção do ataque era trazer o sentimento de que ninguém estaria seguro, deu certo.

Na cidade de Arthur, as avenidas ficaram mais vazias que o normal e era possível ver a desconfiança gravada no rosto daqueles que se arriscavam a sair de casa. Pessoas caminhavam mais apressadamente pelas ruas e assustavam-se com qualquer coisa. O som de uma freada mais brusca ou um mero latido de cachorro bastavam para os olhos se arregalarem.

Excesso de zelo, apreensão, medo... efeitos colaterais imediatos de um ataque desse tipo...

Mesmo diante de toda essa situação, a cirurgia

PERIGOSAS ACHERON

de Arthur foi confirmada para a manhã seguinte.

Dentro do quarto do hospital, Arthur e seus pais acompanhavam embasbacados o desenrolar das notícias pela TV enquanto monitoravam pessoas queridas por telefonemas e mensagens de texto. Nenhum dos membros da família residia na cidade atingida, porém tinham por lá alguns amigos e conhecidos, todos bem aparentemente. Pelo visto, ninguém envolvido diretamente. E mesmo sabendo que nenhum dos familiares estava na zona de perigo, não custava nada àqueles três confirmarem de tempos em tempos que seguia tudo certo com cada um de seus parentes.

No caso de Arthur, além de acompanhar irmãos, primos e amigos pelo celular, ele ainda verificava constantemente o bem-estar daquela por quem seu coração batia: Amanda, a noiva tão querida.

Aqueles três, pai, mãe e filho, não conseguiriam nem se quisessem assistir a outra coisa no televisor, uma vez que todos os canais disponíveis no aparelho, oferecidos exclusivamente por emissoras locais ou nacionais, repetiam incessantemente o ocorrido. Entradas ao vivo mostravam repórteres atualizando as informações

relativas ao ataque, incluindo as tentativas de identificação das vítimas e de seus executores.

Até então, tudo que se sabia, ou que havia sido divulgado, era que entre os mortos havia dois homens e duas mulheres. Três dos feridos já tinham sido tratados em hospitais da capital e liberados. O policial atropelado passava bem, mas seguia internado. Os outros sete, mais gravemente atingidos, demandavam cuidados especiais, dentre eles as duas crianças da excursão escolar, sendo que uma delas, em estado crítico, passava por uma série de cirurgias. Quanto à identidade dos perpetradores, ainda nenhuma novidade ou notícia.

Vídeos gravados pelas câmeras de segurança do próprio museu e de estabelecimentos próximos eram reprisados exaustivamente, exibindo o desespero das vítimas e a sorte de quem conseguiu escapar com vida do local. A todo momento novas imagens disponibilizadas na internet, registradas por quem esteve nas imediações da tragédia, juntavam-se ao noticiário e eram comentadas assim que entravam no ar pelos apresentadores dos telejornais. Exaltava-se a rápida ação da polícia no museu, o que forçou os suspeitos a recuarem e impediu que a carnificina tomasse proporções ainda

maiores.

“Que horror!”, extravazava a mãe de Arthur de tempos em tempos.

Difícil conceber que quatro seres humanos não retornariam para casa naquele dia por conta de uma violência absolutamente desnecessária e desmedida e que outros sete, um pouco menos desafortunados, continuavam hospitalizados, lutando bravamente pela chance de seguirem com suas vidas. Das quinze pessoas atingidas, umas não mais poderiam regressar ao seio de suas famílias, outras resistiam o quanto podiam perseguindo a oportunidade de fazê-lo.

Sim... Provavelmente todas aquelas vítimas tinham suas próprias famílias ou ao menos alguém que com elas se importasse. Em algum lugar nesse exato instante, pais, mães, irmãos, filhos, esposas e maridos choravam as suas perdas ou suplicavam a graça de terem restabelecidos os seus entes queridos.

“Quatro mortos e onze feridos”, refrisava a legenda na tela da televisão.

Poderia ser alguém que eu conheço!, pensava Arthur sempre que reapresentado aos números da tragédia.

Poderia, de fato, um daqueles quinze infelizes destacados na citada legenda do noticiário ser um conhecido de Arthur. Mais que um mero conhecido, poderia figurar nesta aterradora lista de mortos e feridos alguma das pessoas mais queridas e estimadas por Arthur. Daí, em vez de se achar ali pasmo acompanhando o desenrolar do dia sangrento, estaria ele lamentando suas perdas ou rogando aos céus por clemência... Imagina?

Pois Arthur não queria nem sequer imaginar tal cena. Ele, que já se encontrava incrivelmente sensibilizado apenas pela dor alheia, simplesmente não se consolaria se um dos seus houvesse sido um dos diretamente atingidos naquela investida. Até lutou consigo mesmo para que seus pensamentos não o conduzissem a tão terrível raciocínio, porém, num relance, a imagem que ele a todo custo tentava evitar acabou por tomar por completo a sua mente: sangue cobrindo o rosto de Amanda, balas cravejadas no corpo de cada um de seus parentes...

Foi inevitável. Dada a proximidade geográfica do evento e sua exaustiva repetição nos telejornais, impossível não idear a cena ou se colocar no lugar das famílias de um daqueles pobres coitados... E quando isso aconteceu, um calafrio subiu

irrefreavelmente pela espinha de Arthur.

■ ■ ■ ■ ■

Passados alguns minutos das dezenove horas, Amanda chegou ao hospital para substituir seus sogros na tarefa de fazer companhia ao ilustre internado. Conforme previamente ajustado, ela passaria as noites no hospital até que seu noivo tivesse alta, enquanto os pais de Arthur ficariam com ele durante o período do dia.

Mesmo assustada com o tiroteio no museu, Amanda nem ao menos chegou a cogitar a possibilidade de descumprir esse combinado. Ela não podia prever os desdobramentos do atentado de horas atrás ou predizer se um novo ataque estaria para acontecer, mas jamais abandonaria Arthur. Os dois juntos seriam mais fortes, unidos seriam capazes de vencer qualquer desafio, inclusive o medo de outras investidas contra o país em que viviam.

Chegada a hora de seus pais irem embora, Arthur desejou profundamente que eles também pudessem passar a noite ali ao seu lado. Mas não para se sentir acolhido e protegido pelo maior

número de pessoas queridas possível quando o medo da cirurgia tomasse seus pensamentos nem para se tornar o centro das atenções nas últimas horas antes de encarar o bisturi. Queria mesmo era ter a possibilidade de abrir os olhos durante a noite e saber que todos estavam seguros ou ter a chance de defender aqueles três com unhas e dentes se um outro lunático resolvesse, dessa vez na cidade dele, aparecer distribuindo tiros a esmo.

No entanto, não tinha jeito. A restrição imposta pelo hospital quanto ao número de acompanhantes para o pernoite era bastante rígida. Dois dos três ali teriam que partir. Não adiantava chorar nem insistir. Apenas um deles poderia ficar com Arthur até o dia seguinte.

Com certa angústia, Arthur viu seus pais se despedirem, mas ciente de que, diante das possibilidades existentes, essa era a única solução disponível para que nenhum deles enfrentasse sozinho as próximas horas. Dessa forma, seu pai estaria junto à sua mãe e Amanda não ficaria por si só no *loft*. Menos mau assim.

Jantas comidas, banhos tomados, o casal de noivos se preparou para dormir.

Já deitados, televisão ligada, aguardaram o

PERIGOSAS ACHERON

sono chegar embalados pelas últimas repercussões do atentado no noticiário.

■ ■ ■ ■ ■

Trá-trá... Trá... TRÁ!

Arthur abriu os olhos assustado.

Penumbra dentro do quarto. A pretidão da noite era atrapalhada apenas pela claridade vinda do televisor, que ainda estava ligado.

A meia-luz emitida pelo aparelho de TV, preso a um suporte no alto da parede, permitia a Arthur ver Amanda cochilando no sofá-cama, à esquerda do leito onde ele próprio repousava. A fim de consultar as horas, o paciente apanhou seu celular sob o travesseiro em que sua cabeça estava apoiada. Acionou o *display* do telefone a tempo de testemunhar o 03:23AM se transformar em 03:24AM e, na sequência, devolveu o *smartphone* ao lugar em que se encontrava.

Desceu da cama. Alguns passos mais tarde, achava-se Arthur de pé, descalço, ao lado da noiva adormecida.

No intuito de localizar o controle remoto da tevê para desligá-la, forçou suas vistas.

Só pode estar com ela..., pensou.

Nada numa mão de Amanda, nada na outra.

Onde será que ela largou esse bendito controle remoto?, resmungou Arthur mentalmente em seguida.

Deu então uma olhada sobre o lençol branco que parcialmente a cobria, todavia não encontrou o que queria. A sucessão de imagens geradas pelo televisor, ora brilhantes, ora mais escurecidas, não ajudava em coisa alguma a pretensão de Arthur. Ia ele até empreender uma busca mais aprofundada no sofá-cama, mas se conteve com certo receio de despertar sua amada.

Tinha que haver outra solução para desligar a televisão...

Desafiando o sono, matutou um pouco e, com uma ideia em mente, virou-se e caminhou até o tal televisor. Dados meia dúzia de passos, esticou os braços para cima e começou a apalpar o aparelho na esperança de localizar algum botão dando sopa por ali. Nada numa lateral, nada na outra, partiu assim para a parte de baixo da tela.

Porém, antes que pudesse concluir a tateação da parcela inferior do equipamento, algo lhe chamou a atenção...

Trá!

Estampido meio abafado, supostamente vindo de trás. Parecia o mesmo que o acordara pouquíssimos minutos atrás.

Coração quase saindo pela boca, olhos arregalados! Arthur virou o pescoço rapidamente e, sobre o ombro direito, tentou avistar a origem do estralo. A oscilação de luminosidade, mais uma vez não contribuía em nada.

Que merda de barulho foi esse?

Olhos inquietos, continuou varrendo a escuridão daquele flanco do quarto. Cama, janela, chão, armário...

Ainda com o tronco de frente para o televisor e de costas para o resto do recinto, Arthur girou o pescoço para o outro lado.

Amanda seguia em sono profundo nesse outro canto do recinto.

Sem identificar de imediato a origem do ruído ou alguma circunstância que pudesse tê-lo produzido, voltou-se Arthur de frente para o aposento.

Que estranho... Certamente não tinha fantasiado tal estardalhaço. Foi um barulho bastante evidente!

Será que Arthur estava de alguma forma impressionado com os acontecimentos recém-ocorridos na capital de seu país e agora ouvia ruídos que não existiam? Teria ele repentinamente atravessado a fronteira da mediunidade e conseguido escutar o som gerado por alguma entidade do além-túmulo? Era só o que faltava... Certo é que se Arthur tivesse que optar por uma dessas duas justificativas, instantaneamente descartaria a segunda, já que não acreditava em manifestações sobrenaturais no plano material.

Sei lá... Talvez estivesse realmente ouvindo demais, porém Arthur ficaria encucado se não conseguisse identificar alguma explicação para o ocorrido antes que voltasse a se deitar.

Partiu então para uma busca mais minuciosa naquele cômodo.

Brilho e breu se alternando ciclicamente dentro do ambiente. Passeou por todo o lugar, iniciando a procura pela região em que a noiva dormia. Nada escondido nas imediações do sofá-cama ou caído no chão.

Prosseguiu com sua pesquisa. Pressionou com a mão a ampla porta do quarto e verificou que não tinha folgas nem sacolejava de nenhuma forma

enquanto fechada.

Dirigiu-se ao outro lado do aposento, dando a volta no leito em que ele descansava momentos antes. No caminho, realizou o mesmo teste de firmeza na porta do banheiro. Nenhuma frouxidão detectada ali também.

Seguiu seu caminho e alcançou a outra metade do recinto. Nada de suspeito perto do armário que servia de abrigo para os pertences de paciente e acompanhante, assim como de anteparo para o frigobar.

Chegou então à janela do quarto.

A-há!, exclamou Arthur por dentro.

A persiana horizontal que cobria completamente a fenestra e parte da parede logo abaixo desta ainda balançava. Avistando a greta deixada aberta na janela, calculou que o vento que passava por ali, quando suficientemente forte, empurrava a persiana que, no retorno do movimento, acabava se chocando contra a parede.

Só pode ser isso!, concluiu ele.

Arthur cerrou completamente a ventana e tirou a pulga de trás da orelha. Com o mistério presumidamente resolvido, podia ele voltar a dormir tranquilamente, bastando para isso apenas

encontrar o bendito botão de *power* na TV para desligá-la.

Virou-se de costas para a janela e, no momento em que iniciaria o trajeto que o levaria de volta ao referido aparelho, foi interrompido.

Trá!

O barulho novamente! Dessa vez o estrondo vinha de algum lugar à sua frente!

Como podia isso? Cada hora a desgraça do barulho parecia vir de uma localidade diferente!

Arthur gelou. Feição espantada, olhos ainda mais arregalados! Definitivamente não se tratava da combinação de janela aberta e persiana! Arthur havia se enganado redondamente!

Trá! Trá!

De novo! Mais alto, mais forte!

Arthur escancarou a boca amedrontado. Pôde ele agora identificar que o som vinha do lado de fora do quarto!

A repetição do susto fez a adrenalina invadir sua corrente sanguínea. Não sabia ele o que esperar!

Pressão arterial elevada, batimentos cardíacos acelerados! Apesar de o seu corpo estar se preparando para o enfrentamento de uma eventual

ameaça, estava ele sem reação, completamente paralisado.

Não mais que alguns instantes se passaram até que a porta do aposento se abrisse arrebatada e fizesse com que o tempo transcorresse vagarosamente, quase como numa tomada de cinema filmada em super câmera lenta. Um segundo agora equivaleria facilmente a mais de um minuto, e um minuto não decorreria completamente em menos de uma hora.

Com os fragmentos da madeira da porta voando pelos ares, era a vez de Amanda abrir os olhos assustada.

Quase nenhuma luz do lado de fora do cômodo. Pupilas dilatadas ao máximo! De onde estava, Arthur conseguia ver um vulto se materializando lentamente debaixo do marco da porta, à medida que escutava o som característico de passadas firmes e pausadas.

Amanda, segurando a ponta do lençol com as duas mãos, colocava-se sentada sobre o sofá-cama onde estava e buscava a porta do aposento com seus olhos.

O que tá acontecendo?, ela se perguntava.

Do ponto de vista de Arthur, a sombra que

adentrava o quarto tomava contornos mais definidos, porém ainda inidentificáveis.

Trá! Trá!

Perfeitamente sincronizados aos ruídos, dois clarões intensos e fugazes se fizeram no corredor do lado de fora do quarto. Numa fração de segundos, os tais lampejos possibilitaram a Arthur reconhecer uma silhueta humana naquilo que há pouco era apenas um vulto.

Gradativamente, enquanto cruzava a porta, aquela figura indistinta ia se deixando atingir pelo brilho precário, azulado e inconstante proveniente da televisão.

Botina... calça... blusa escura de mangas compridas... braços completamente esticados e apontados para baixo... O visitante inesperado estava agora um pouco mais definido, porém a escassa iluminação do local não permitia determinar com precisão as cores de suas vestimentas.

Mais um passo e revelou-se uma touca cobrindo o rosto e uma pistola na mão direita do intruso.

Ao avistar touca e arma, Amanda logo deduziu que aquele sujeito não tinha intenções

amistosas.

Sabia ela que se aquele sujeito de rosto coberto resolvesse fazer uso de tal instrumento bélico, nada poderiam arranjar, ela e o noivo, para se defenderem de pólvora e chumbo! Pijama e lençol certamente não eram armadura e escudo!

A moça sentiu que o fim estava muito próximo! Nem mesmo seu herói seria capaz de interceder por ela dessa vez! Nem por ela nem por ele também, aliás... Seu noivo era sim muito habilidoso no Krav Maga, mas isso terminantemente não fazia dele um homem à prova de balas.

Arthur não teve a mesma perspicácia que sua noiva para analisar tão rapidamente a situação. Ainda não entendia muito bem o que estava ocorrendo... Quem era aquele indivíduo? Amigo ou inimigo? Policial ou bandido? Algum agente encapuzado das forças especiais verificando o perímetro ou um simpatizante do terrorismo? Estático no mesmíssimo lugar de antes, e enquanto tentava processar todo aquele fluxo de informações, Arthur deslocou o olhar para sua amada.

Vivendo uma apreensão extrema, Amanda já sabia o que fazer com seus supostos últimos

suspiros. Desejava ver pela última vez aquele que era seu grande amor na face da Terra. Assim sendo, a fim de cumprir seu derradeiro objetivo de vida, olhou ela para a sua direita, mas só encontrou num primeiro instante uma cama vazia.

Como assim? Arthur não estava deitado onde deveria! E então o receio de não conseguir dizer adeus à sua alma gêmea fez o terror emergir no rosto da moça.

Antes que voltasse novamente o olhar em direção àquele que seria o seu provável algoz, Amanda conseguiu o que queria ao achar o noivo junto à janela do outro lado do recinto.

Os olhares do casal se cruzaram.

A paz surgiu e o medo sumiu, ainda que por um ínfimo intervalo de tempo. Amanda agora estava preparada para partir ou para qualquer outra coisa que estivesse por vir.

Arthur ainda não tinha conseguido inferir o feto daquele homem armado naquele reduzido intervalo de tempo, porém identificou imediatamente o tom de despedida no olhar da noiva assim que o viu. E nisso, veio o calafrio, idêntico ao que sentira horas antes naquele mesmo quarto. Seria um sinal de que tinha que agir?

Depois desse brevíssimo instante de conexão do casal, as atenções dos noivos convergiram mais uma vez ao terceiro ocupante do quarto.

O invasor logo percebeu Amanda assentada no sofá-cama, bem ali ao seu lado direito. Iniciou-se então o movimento de seu braço armado.

Pouco a pouco, a pistola foi sendo empunhada em direção à moça indefesa.

A luz azulada da televisão reluzia sobre o metal enquanto a arma ia se erguendo dentro do recinto, pondo fim às dúvidas de Arthur. Não se tratava de amigo, policial ou agente especial, mas sim de alguém disposto a mandar bala contra eles!

Arthur tinha de fato que fazer algo... e sem demora! Se mero criminoso ou integrante de grupo terrorista não fazia a mínima diferença àquela hora... bastava apenas saber que o potencial homicida tinha uma pistola e que colocava Amanda sob sua mira.

Encerrava-se a imobilidade. As pernas de Arthur enfim se destravaram!

E naquele exato segundo era dada a largada para a até então mais importante corrida da vida de Arthur.

Pés descalços contra o chão frio, herói contra

bandido, Arthur tentando ser mais rápido que o acionar de um gatilho!

Um... dois passos! O metal na mão do malfeitor cortava a escuridão da noite, o braço esticado seguia impetuosamente seu curso. Arthur se afastava da janela e ganhava o espaço existente entre a lateral de sua cama e o armário. Terceiro passo! A ponta da pistola alcançava a base do sofá-cama e Arthur a porta fechada do banheiro. A sensação de morte se concretizava na mente de Amanda. Quarto passo! Metade do caminho de Arthur já estava superado! A mira da arma já passava pelos pés de Amanda, que desesperada vinha puxando o lençol com as duas mãos até a altura de seu pescoço. Quinto passo! Arma apontada diretamente para a face de Amanda, que num reflexo involuntário fechou seus olhos e virou seu rosto para o lado. O tiro parecia inevitável...

Dada a aparente falta de tempo, tentou Arthur retardar o disparo iminente com a força de seus pensamentos! Ele estava quase lá... precisava apenas de um pouco mais de prazo!

Só que a prorrogação do prazo não veio. A força do pensamento de Arthur não se mostrou suficiente.

Gatilho pressionado... Dois tiros disparados...
TRÁ! TRÁ!

A luz emitida pela pólvora deflagrada iluminou por duas vezes o ambiente, como fariam *flashes* de uma máquina fotográfica.

Nesses míseros instantes de claridade, revelou-se de um lado aquele que estava a descarregar a arma, de outro o efeito trágico de tal ato, aquilo que Arthur tanto queria evitar. À direita, um carrasco com os olhos fixos na vítima. Botinas ao estilo militar pretas e calças camufladas em tons de cinza. Igualmente na cor preta, camisa de mangas compridas e a touca que ocultava o rosto do autor dos disparos. À esquerda, uma Amanda fatalmente ferida, desabando sem vida sobre os lençóis que a cobriam, lençóis ora brancos e que agora estavam tingidos de vermelho pelo sangue que dela aspergia.

O mesmo clarão que permitiu a Arthur identificar por completo o inimigo que deveria encarar também mostrou a ele uma das coisas que ninguém gostaria de presenciar: a interrupção brutal da vida de uma pessoa tão querida.

– Não! – berrou o noivo de modo automático.

O brado atraiu imediatamente a mira da arma

PERIGOSAS NACIONAIS

para Arthur, que, com lágrimas de ódio brotando em seus olhos, atravessava os metros finais que o separavam do atirador desalmado.

Último passo. Amanda ensanguentada e já completamente desmoronada por cima do sofá-cama. Arma alinhada à cara de Arthur.

Era o fim... Corrida definitivamente perdida, gatilho novamente acionado.

PLEC!

O barulho choco indicou que na agulha da pistola não havia mais nenhuma bala!

Que sorte de Arthur! Ou melhor... que sacanagem com Arthur! Por que não quis o destino que Amanda também fosse agraciada pela ausência de munição dentro daquela arma? Não estava certo! Não era justo!

Seria essa a sina de Arthur, a de ter que seguir pelo resto de seus dias longe de Amanda? Pior que isso: teria ele que carregar no peito o remorso eterno de não ter conseguido chegar a tempo de interceder por sua amada?

Fato é que se Arthur tivesse algum tempo para pensar a respeito desse deboche enfadonho do destino, consideraria muito mais adequado ter morrido de uma vez! De desgraça em sua vida já

PERIGOSAS ACHERON

bastava o câncer que o acometia nos últimos meses... Agora imagina ter que viver com uma doença traiçoeira, sem Amanda e ainda com todo esse peso na consciência? Por que as balas tinham que acabar justo na vez dele?

Menos ruim se houvesse sobrado um tiro de misericórdia para que Arthur não tivesse que passar por mais esse carma... E se assim tivesse ocorrido, tudo estaria resolvido: a dor dessa tão trágica separação e o suplício da neoplasia maligna definitivamente interrompidos. Dois coelhos com uma única cajadada, quer dizer, dois tormentos com um único tiro...

Quanta ironia... Amanda, saudável, partia e Arthur, doente, sobrevivia! Ao menos por enquanto...

Por que tinha que ser assim? Por que tinham que se separar desse jeito? O que Arthur teria feito de tão grave para fazer jus a tamanho castigo?

O mais novo homem em luto do mundo não saberia responder.

E talvez nem houvesse uma resposta ou um motivo específico que justificassem tal acontecimento. Talvez não se tratasse de punição ou de simples merecimento... Talvez o fato de

alguém ser ou não atingido por um louco que entra num hospital abrindo fogo nos outros fosse mera obra do acaso.

E já que tinha que ser assim, já que quis esse acaso que Amanda se fosse e que ele permanecesse ali bem vivo e sem nenhum buraco de tiro, restava agora a Arthur ir à forra, aproveitar a chance que lhe era apresentada de revidar aquele ato covarde com todo o seu ímpeto! Se a vingança, como dizem por aí, é um prato que se come frio, dessa vez seria diferente... Arthur faria questão de saboreá-la ainda bem quente!

Nada mais daquele efeito de super câmera lenta... O tempo tornava a correr na velocidade de sempre.

Transferindo a energia da corrida para o pé que estava apoiado sobre o piso, Arthur se impulsionou em direção ao seu mais novo inimigo. Enquanto levantava o joelho para acertar em cheio o homem encapuzado, Arthur martelou com a mão esquerda, de dentro para fora, o antebraço que lhe apontava a arma, antebraço esse que veio a se chocar na quina formada pelo marco lateral da porta do quarto. A conjunção da força desmedidamente empregada por Arthur neste golpe

com o tranco do antebraço no marco da porta fez quebrar ao meio ulna e rádio de modo imediato.

Arma solta no ar.

Ato contínuo, Arthur atingiu o abdômen do sujeito com o joelho e trombou o restante de seu corpo no adversário, com toda a sua vontade, do jeito que veio, num verdadeiro atropelamento.

Atravessaram voando o vão da porta e caíram na escuridão do corredor, do lado de fora do aposento, Arthur por cima, assassino de Amanda por baixo. Deslizaram meio metro no chão até serem bruscamente freados pelo balcão, feito de madeira compensada e recoberto por uma camada de fórmica num tom de bege bem claro, onde funcionava um pequeno centro de apoio às atividades do corpo de enfermeiros do hospital. O tranco das costas do homem encapuzado contra o tal balcão foi tão forte que chegou a empurrar o referido móvel para trás, deslocando tudo que sobre este se encontrava. Monitor de computador tombado, telefone e calendário de papel arremessados sobre o chão, vaso de flores espatifado em mil pedaços logo ao lado dos dois sujeitos que se engalfinhavam.

Arthur, valendo-se da posição vantajosa em

que se achava, montou sobre seu adversário, como visto frequentemente em lutas de MMA, e, empurrando-o com a mão esquerda para baixo pelo pescoço a fim de mantê-lo deitado, começou a desferir uma sequência enérgica de diretos de direita na face encoberta do adversário.

Arthur estava cego devido à ira que o dominava! O oponente que inicialmente se debatia e que tentava improficuamente se defender com o único braço íntegro de que dispunha, agora combalia. Os golpes contínuos no rosto e na cabeça drenavam paulatinamente a consciência do atirador.

Mesmo com o rival praticamente desacordado, Arthur não conseguia se conter. A cena dos disparos contra Amanda estava impressa em sua mente e nela se repetia ininterruptamente. Embora sua mão já estivesse doendo, continuava batendo incessantemente! Um grito de revolta escapou dele.

Quando Arthur enfim terminou de empenhar sua fúria sobre as fuças do indivíduo, inclinou seu corpo um pouco mais para frente. A mão que batia se juntou à mão que mantinha o inimigo junto ao piso. A ânsia agora era de esganá-lo até a morte!

Enquanto apertava o pescoço do miserável, uma sucessão de prazerosas lembranças em

companhia de Amanda tomou os pensamentos de Arthur: gargalhadas incontidas, beijos inesperados, passeios de mãos dadas, rostos colados, sorvetes na praça, declarações de amor ao pé do ouvido, Amanda e seu sorriso... tudo isso subitamente lembrado.

Olhos vermelhos e inundados de lágrimas, rosto rubro de raiva! A doce imagem de Amanda fê-lo derramar das vistas as gotas do choro amargo. Pressionou ainda mais os dedos contra o pescoço do aspirante a defunto usando toda a sua força remanescente.

– Morre, desgraçado! Morre! – urrou Arthur.

No entanto, antes que Arthur pudesse acabar com o infeliz, sobreveio o som de cacos de vidro sendo pisados à sua direita. Não deu tempo nem de olhar para o lado e verificar do que se tratava...

Ponta do pé bem no meio do estômago, chute certo acertando em cheio a barriga de Arthur...

O noivo da falecida rolou sem fôlego pelo assoalho e parou com as costas voltadas para baixo. Mãos sobre o abdômen, pálpebras contraídas pela dor. Enquanto se esforçava para retomar a respiração, Arthur descerrou as vistas tentando buscar seu agressor.

PERIGOSAS NACIONAIS

E lá estava, de pé, outro maluco de touca preta sobre a face, blusa preta e calça camuflada. O assassino de Amanda não estava sozinho e tinha pelo menos mais um comparsa.

Uma nova arma para a cara de Arthur foi apontada. Parece que ele não teria que seguir por muito mais tempo sem sua noiva tão amada. Estava ele a um milésimo de segundo de se libertar completamente do recém-adquirido carma, a um instante de se livrar de vez dessa sufrença desnecessária. Fechou os olhos em paz.

TRÁ!

Arthur abriu os olhos assustado.

Penumbra dentro do quarto. A pretidão da noite era atrapalhada apenas pela claridade vinda do televisor, que ainda estava ligado... *Déjà-vu* total!

Mas as coincidências aparentemente paravam por aí. Dessa vez, Arthur estava deitado sobre o leito do hospital ofegante e todo suado.

Ergueu o tronco e colocou-se sentado sobre a cama.

Encontrava-se ele naquela linha tênue entre o

PERIGOSAS ACHERON

dormindo e o acordado, repassando os fatos experimentados no pesadelo dramático e procurando discernir o sonho da realidade.

Foi quando lhe veio à mente a imagem da noiva toda ensanguentada...

Amanda!, bradou ele dentro de si.

Com o coração apertado, girou a cabeça imediatamente para a sua esquerda e... Amanda estava bem ali repousando deitada no sofá-cama.

Que alívio! Dada a verossimilidade dos fatos há pouco vivenciados, Arthur poderia jurar que viraria o rosto para o lado e se depararia com o pior...

Entretanto, felizmente, não foi o que aconteceu. Sua noiva, pelo visto, se achava intacta, serena, segura.

Um pouco mais tranquilo, apoiou a mão esquerda sobre a cama e girou seu torso nesse mesmo sentido para, com a mão direita, buscar o telefone celular deixado debaixo do travesseiro. E logo que ligou o visor do *smartphone* para consultar as horas, surpresa... 03:23AM convertendo-se em 03:24AM! *Déjà-vu* novamente!

Que apavorante coincidência! Depois disso, Arthur não sabia mais se mantinha em si a sensação

de alívio ou se permitia que a inquietude se apoderasse de seus pensamentos. Simples sonho banal ou prenunciação cabal? Pesadelo ilógico ou profecia a se validar nos próximos instantes?

Sentado do jeito que estava, Arthur voltou seus olhos para a porta fechada que separava aquele recinto do restante do hospital.

Os segundos iam se passando, expectativa crescente!

Aguçou a audição para tentar captar qualquer ruído que fosse incoerente com um ambiente hospitalar ou que denunciasse uma aproximação furtiva pelo lado de fora daquele aposento.

Tensão no ar.

Arthur conseguia escutar apenas as vozes baixas provenientes da televisão e as batidas apressadas e pronunciadas do seu coração.

Mais de um minuto se passou com Arthur ali parado... Seus ouvidos não interceptaram nada de diferente nesse intervalo. Mas, apesar da aparente quietude, seguia ele com a quase certeza de que não levaria muito tempo para aquela porta ser arrombada por um sujeito encapuzado de posse de uma arma.

Que sentimento desagradável! Se para Arthur

já estava quase que insuportável enfrentar essa apreensão de poucos segundos, imagine pelo que não passam aqueles que são obrigados a encarar essa mesma apreensão vinte e quatro horas por dia, aqueles que vivem em zonas de conflito ou em regiões constantemente atingidas por atos terroristas, que acordam pela manhã sem saber se estarão inteiros ao pôr do sol e que torcem pela chance de ver o astro rei surgir no horizonte mais uma vez quando vão dormir... De repente ficava mais fácil compreender o que levava milhões de pessoas nos últimos anos a deixarem tudo para trás e perseguirem para si mesmas o *status* de refugiado.

Sensação de vulnerabilidade exacerbada. Desassossegado, e ainda tomado pela confusão mental do pós-despertar, Arthur pousou seus pés sobre o piso gelado e caminhou ressabiado até a porta do quarto. Cautelosamente, girou a maçaneta para abri-la.

Pela fresta que se formava, via-se um exterior de luzes reduzidas. As lâmpadas que estavam acesas eram apenas as necessárias para permitir que pessoas se deslocassem em segurança pelo local. Nenhum movimento detectado inicialmente pelos

olhos de Arthur.

Cabeça colocada para o lado de fora. Tudo muito calmo. Logo à frente e em seu devido lugar, o balcão dos enfermeiros vazio e intacto. Nada de monitores, telefones ou vasos de vidro derrubados... À esquerda e à direita, nenhum sinal de invasores armados.

Ufa! Ainda bem...

A ausência de ameaças concretas comprovava algo que já se sabia: que Arthur não detinha o poder de prever o futuro e muito menos o dom de profetizá-lo. Tudo aquilo que lhe aparentou tão real não se passava de um sonho, de uma peça pregada por seu cérebro traumatizado, cérebro esse que removia inconscientemente os eventos do dia trágico. Podia voltar a dormir despreocupado.

Fechou a porta silenciosamente e por trás dela respirou fundo, já um pouco menos perturbado.

Tomando o cuidado necessário para não acordar Amanda, que até então seguia incólume ali dentro do aposento, Arthur deu uns poucos passos para se posicionar bem ao lado dela.

Conferiu, agora mais de perto, a integridade física de sua amada. Nenhum sinal de sangue ou de buracos de bala!

PERIGOSAS NACIONAIS

Nesse processo de checagem, Arthur localizou o controle remoto da TV, que se achava em uma das mãos desacordadas da noiva. O que estava perdido no mundo dos sonhos não demandou muito esforço para ser encontrado no mundo real.

Delicadamente, Arthur se apossou do objeto repleto de botões e apontou-o para a televisão. E depois de uma última olhada para se certificar de que não havia nenhum extremista escondido no interior do aposento, pressionou o *power*.

Televisor enfim desligado.

E assim Arthur foi mais diretamente apresentado ao terrorismo. Sim, ele até já conhecia a palavra, mas apenas pelo noticiário. A partir de agora passava a entender melhor o seu real efeito sobre as pessoas e o seu verdadeiro significado.

■ ■ ■ ■ ■

Apesar do clima de insegurança que pairou sobre a noite, o sol chegou iluminando um novo dia. E o melhor: sem novos incidentes nesse intervalo, se é que o pesadelo da noite passada podia não ser considerado um incidente.

Era chegada a hora da intervenção para a

PERIGOSAS ACHERON

remoção dos tumores. Os pais de Arthur retornaram ao hospital cedo o suficiente para terem a chance de desejar boa sorte ao filho caçula. Amanda se despediu de seu noivo com um beijo na testa e tentando disfarçar as lágrimas nos olhos.

Antes de deixar o cômodo, deitado na cama que era manobrada por dois enfermeiros, Arthur levantou a mão direita e deu um tchauzinho seguido de um sorriso. À medida que se afastava do quarto, pôde ele ver as pessoas mais especiais de sua vida ficando para trás, diminuindo de tamanho sob o marco da porta. Seus pais abraçados, Amanda retribuindo-lhe o aceno com uma mão e limpando o líquido que escorria dos olhos com a outra.

Igualmente sem incidentes transcorreu a cirurgia em suas três horas e cinquenta minutos de duração.

No trabalho, Amanda respirou aliviada quando pegou o celular e viu a mensagem de sua sogra: “Graças a Deus, a operação foi bem-sucedida! Arthur já está na sala de recuperação.”

■ ■ ■ ■ ■

Os dias imediatamente após a cirurgia

mostraram a Arthur o quanto ele era querido. Além de seus pais e de Amanda, que se revezavam para acompanhá-lo durante a internação, irmãos, sobrinhos, sogros e alguns amigos fizeram questão de passar pelo hospital para acompanhar a sua melhora. Isso sem contar as dezenas de mensagens que chegavam sem parar em seu celular, desejando-lhe uma boa recuperação.

Pode até parecer besteira, mas essas demonstrações constantes de carinho foram fundamentais para o processo de cura de Arthur, não só de seu corpo, mas principalmente de sua alma. Os abraços amáveis, os beijos reconfortantes e os sorrisos espontâneos dispararam um processo subconsciente que, aos poucos, faziam-no superar a raiva e livravam-no da agressividade que vinha manifestando. Progressivamente, a gentileza e a paciência habituais eram restabelecidos. Aos poucos, o Arthur de sempre, herói de Amanda, filho brincalhão, cidadão pacato, resurgia das cinzas depois de ter sido consumido momentaneamente pelas chamas do ódio.

O transcorrer do tempo também servia para amenizar a desconfiança da população em geral quanto à possibilidade de novas investidas

terroristas. Tudo lentamente parecia retornar à sua normalidade.

Setenta e duas horas depois de encerrado o procedimento cirúrgico, sem complicações no pós-operatório e sentindo menos dores, Arthur deixava o hospital. Ele estava pronto para continuar a recuperação em casa. Não carecia mais de tanto monitoramento ou da presença constante da equipe de médicos e de enfermeiros. O que precisava agora podia ter em seu próprio apartamento: repouso quase absoluto e algumas doses de remédios em intervalos pré-definidos.

Licenciado do trabalho, era tempo de aplicar a lei do “mínimo esforço” pelos próximos trinta dias e de se fortalecer para encarar a quimio que viria logo em seguida.

CAPÍTULO 18 – LONGA RECUPERAÇÃO

Arthur fez grandes amigos durante o período de prisão domiciliar: filmes, anti-inflamatórios, seriados, analgésicos e *videogame*. Porém, logo de cara, Arthur também descobriu um inimigo digno de menção: a escada do *loft*.

Aquela escada, que antes parecia tão charmosa, repentinamente se transformou num verdadeiro tormento. Subi-la ou descê-la era um desafio doloroso e inevitável. Doloroso por motivos óbvios: a combinação de uma cirurgia tão recente com o esforço necessário para vencer aqueles dezoito degraus era suficiente para gerar a sensação de que uma faca atravessava seu abdômen. Inevitável pois mesmo que decidisse por passar as noites no sofá da sala, seria obrigado a enfrentá-la pelo menos uma vez ao dia na hora do banho, porque chuveiro só no banheiro do andar superior. Chegou a ter inveja quando, num filme que assistia,

PERIGOSAS ACHERON

viu um velhinho que possuía uma daquelas cadeiras motorizadas adaptada ao corrimão da escadaria e que servia para transportar o idoso para cima e para baixo sem nenhum esforço.

Para garantir que ficasse em repouso, o chefe de Arthur não só o dispensou do trabalho como também tirou do funcionário os projetos que estavam sob sua responsabilidade. Provisoriamente, é claro. “Só quero ver sua cara novamente quando você tiver um atestado de reabilitação emitido pela sua médica.”, disse o superior hierárquico antes de realizada a cirurgia.

É... Trabalho agora nem se Arthur quisesse.

Nos primeiros quatro dias, foi até legal ficar completamente à toa dentro de casa, sem obrigações, exercitando o ócio, mesmo que sentindo eventualmente uma dorzinha ou outra da cirurgia... Porém, no decorrer do quinto dia, os jogos eletrônicos já deixavam de ser tão divertidos e os programas de TV já não eram mais tão atraentes assim.

É... Arthur começava a ter dúvidas se sobreviveria ao mês inteiro de repouso prescrito para sua plena recuperação.

Arthur sentia falta da liberdade de ir e vir, de

fazer o que lhe desse na telha, de ver gente na rua, até mesmo de ouvir as amolações do patrão a respeito de seus projetos ou sobre outros assuntos do trabalho. A simples tarefa de ir à padaria da esquina comprar um pão, que em outras situações e por inúmeras vezes gerou nele uma preguiça extrema, agora seria motivo de comemoração se pudesse ser executada. Por ora, o máximo que lhe fora permitido fazer era descer de elevador até a área de lazer do prédio e lá ficar por algum tempo, sem muito esforço, sem exagerar nos movimentos e com extrema cautela para não comprometer seu processo de reabilitação. Numa rápida comparação, era quase como o banho de sol concedido aos internos de um presídio, porém sem direito a exercícios físicos.

Mais quatro dias de reclusão e o tédio tomava conta de Arthur. Nada mais em seu apartamento conseguia entretê-lo. Já tinha assistido todo o catálogo da Netflix... duas vezes. Esgotaram-se os assuntos de seu interesse para pesquisar na internet.

Completo todos os quadradinhos vazios das revistas de palavras-cruzadas que encontrou dentro de seu apartamento, daquelas que se compra eventualmente durante a vida e que acabam

abandonadas e inacabadas numa das gavetas de casa. Classificou todo o seu acervo de fotos digitais no computador, renomeando arquivos e colocando cada uma das milhares que tinha em pastas específicas. Os livros das prateleiras do apartamento, que antes eram dispostos aleatoriamente, passaram a figurar em ordem alfabética. Não satisfeito, após nova arrumação, rearranjou tudo por tamanho, do menor ao maior. Separou camisas, calças e até cuecas por cores dentro dos armários, partindo dos tons mais claros aos mais escuros...

Em determinado momento, Arthur desistiu de caçar outras coisas para organizar, ou melhor, para reorganizar, com medo de desenvolver algum tipo de transtorno obsessivo compulsivo.

Amanda fazia o que estava ao seu alcance para reverter em seu noivo o estresse provocado pelo confinamento. Se o desânimo era nele muito aparente, ela duplicava o carinho enquanto se achava presente e redobrava o número de mensagens de celular quando estava ausente.

Amanda nem sabia disso, mas a estratégia de afogá-lo com recadinhas durante o dia dava muito certo, arrancando sorrisos da boca de Arthur

sempre que ele via um “Oi, meu amor! Tudo bem por aí?”, um “Aguenta firme que daqui a pouquinho vc fica bom! ☺ ☺ ☺” ou um simples coraçãozinho, “♥”.

Arthur nem imaginava, mas suas respostas criativas e bem-humoradas, e dotadas de uma pitadinha de sarcasmo, tinham o mesmo efeito sobre Amanda, que não se aguentava ao ler um “Tão bom quanto sonhar que tô pelado na escola.”, um “Escutou o estouro daí? Meu saco acaba de explodir...”, ou um “Só pior que o velhinho da cadeira de corrimão.”...

Sim... Arthur fez questão de mostrar para ela o tal filme do idoso com sua engenhoca elevatória e a cara de indiferença que o ancião fazia através da tela da tevê ao descer as escadas com o equipamento, quase como se quisesse afrontá-lo.

As visitas esporádicas de seus pais, os telefonemas dos demais familiares e dos amigos eram um alento. O retorno de sua noiva ao final da tarde, após a jornada de trabalho, era comemorado por ele como faria um cachorro ao ver o dono voltar para casa. Se ele tivesse um rabo, certamente iria abaná-lo energicamente enquanto dava pulos de felicidade! Era muito bom ter ou sentir alguém por

perto nessa situação...

Antes só do que mal acompanhado? Nada disso! A experiência pós-operatória de Arthur era prova cabal de que tal dito popular também tinha a sua exceção, pois qualquer companhia para ele nesse momento de sua vida era sim muito bem-vinda.

Duas semanas completas de cativo interrompidas apenas por uma ida ao consultório de Dra. Julia para uma breve avaliação médica. Arthur nunca imaginou que uma visita ao hospital pudesse ser por ele tão festejada. A notícia que escutou da doutora era até boa, a de que sua recuperação ia melhor que o esperado, mas o que de fato lhe agradou profundamente foi a sensação de sair de casa, mesmo que por tão pouco tempo, de ter contra o rosto um vento que não viesse da janela de seu apartamento, a oportunidade de encher seus olhos com uma infinidade de cores, de relembrar o cheiro da cidade, a experiência de escutar o movimento das ruas, de provar o gostinho da liberdade... Um verdadeiro deleite multissensorial! O “passeio” foi rápido, pouco mais de uma hora e meia fora dos limites de seu prédio, mas o bastante para Arthur se revigorar e encarar o restante do confinamento...

O bastante para encarar o restante do confinamento? Que nada! Pura lorota essa história de revigoramento. Não entendam mal... a escapada de casa foi verdadeiramente extasiante, mas seu efeito refrescante durou tanto quanto o de uma bala de menta, sumindo da boca em poucos instantes. Afinal de contas, de que adianta ensinar um pássaro a bater suas asas e mostrar-lhe o mundo se o destino do bicho é voltar a ser preso logo na sequência numa gaiola bem pequena?

Arthur até tentou se enganar o máximo que pôde com essa pseudoliberdade degustada, mas no final da tarde já retomava seu *statu quo*: entediado, chateado, enfadado. Guardadas as devidas proporções, foi exatamente como tirar longas férias e voltar a ficar aborrecido com o serviço no primeiro dia de retorno ao trabalho.

É... a reta final da recuperação não seria fácil...

Nessa altura do campeonato, apenas as notícias que repercutiam o atentado que alvejou a capital de seu país exatos dezoito dias atrás conseguiam prender sua atenção, como a matéria de telejornal que indicou a alteração no placar geral da tragédia, informando que a criança, que seguia até então em estado mais grave internada numa

UTI de hospital, não resistiu aos ferimentos e veio a falecer, ou a que chocou mais uma vez a população nacional ao noticiar a prisão de uma mulher compatriota de Arthur por envolvimento no planejamento do ataque ao museu. Uma revista semanal de atualidades, que teve acesso exclusivo à investigação policial que culminou no encarceramento da referida mulher, e da qual Arthur era assinante, chegou até a publicar uma reportagem enorme em que eram apontados em primeiríssima mão todos os passos dados pela terrorista doméstica, desde os primeiros contatos com a Ofensiva Radical Islâmica até o dia sangrento de tiros em meio às obras de arte, passando por seu aliciamento e recrutamento, por sua conversão a uma corrente extremista do islamismo e por uma viagem de alguns meses a países do Oriente Médio.

Meu Deus!, pensava Arthur sempre que via algo relacionado ao episódio.

A crueldade presente tanto nesse quanto em todos os outros ataques terroristas que atingiam o mundo com notável frequência nos últimos tempos causava-lhe enorme inquietação.

O tempo foi passando... Gradativamente, as

PERIGOSAS ACHERON

dores iam desaparecendo e Arthur ia se sentindo cada vez mais apto a retomar sua rotina normal de atividades. Com três semanas, a escada do *loft* já podia ser encarada sem dificuldades e a padaria perto de casa já não era mais território proibido. Regime semiaberto de prisão.

E, para a felicidade geral, o internato domiciliar previsto inicialmente para durar pouco mais de quatro infinitas semanas acabou se resumindo a “apenas” vinte e quatro longos dias. Praticamente uma diminuição de pena por bom comportamento! Todo o empenho de Arthur em não fazer força foi afinal recompensado. Pode até não parecer muita coisa, mas, para quem não aguentava mais o recolhimento forçado, esses seis dias de redução no castigo eram a diferença entre seguir com a mente sã ou perder definitivamente a razão.

Alvará de soltura expedido, direito de ir e vir readquirido.

Rotina quase normal, ânimo renovado. De posse da liberação para retornar ao trabalho, Arthur agora fazia questão de ir ao escritório da empresa todos os dias para cumprir com suas obrigações, mesmo que algumas delas pudessem ser realizadas

de casa. Era como se quisesse se desintoxicar do período de confinamento ao qual fora submetido.

E com mais dez dias Arthur estaria pronto para a próxima e tão conhecida etapa do tratamento.

CAPÍTULO 19 – NEGOCIAÇÃO

Dra. Julia alertou sobre o novo panorama da guerra, fundamentada nas biópsias realizadas nos tumores retirados do corpo de Arthur. O inimigo se tornara mais hostil e as batalhas a partir daquele instante ficariam ainda mais árduas. Como consequência direta desse novo panorama, as armas para vencer o terrível oponente deveriam ser consideravelmente mais pesadas e empregadas em campanhas semanais.

Já na primeira sessão de quimioterapia, Arthur entendeu perfeitamente o que sua médica quis dizer quanto à mudança de patamar do arsenal. Era perceptível a diferença no medicamento injetado em suas veias, a começar pela sensação mais severa de ardência. Nos primeiros minutos de aplicação, o negócio mais parecia ácido sulfúrico misturado a uma pitada de pimenta malagueta.

Nessa retomada, os efeitos colaterais, manifestaram-se sem demora e numa intensidade

brutal. Nas horas que se seguiam ao contato com a nova combinação de drogas, era praticamente impossível manter qualquer refeição dentro do estômago. As náuseas e os enjoos, que já tinham sido grandes desafios meses atrás, agora voltavam com força total.

As estratégias ensinadas por Dra. Julia, aquelas que lá no começo do tratamento ajudaram bastante a reduzir o mal-estar, já não eram suficientes para suplantar a ânsia de vômito. O troço estava tão feio que nem remédios contra enjoo estavam dando conta do recado naqueles dois ou três dias subsequentes à terapia e vomitar tornava-se quase inevitável. Tal efeito colateral, certamente um dos maiores responsáveis pela diminuição da qualidade de vida dos pacientes em tratamento contra o câncer, era absurdamente debilitante para Arthur.

Ficar careca era peixe pequeno perto desse estorvo...

Sejamos honestos: a grande maioria das pessoas, quando de posse de suas faculdades mentais, odeia vomitar, e Arthur não era diferente. Num parêntese rápido, se vômito fosse uma coisa legal não apareceria com tanta frequência em

filmes de exorcismo...

O molestamento era tamanho que se uma fada-madrinha por ventura cruzasse o caminho de Arthur e lhe permitisse fazer desaparecer magicamente apenas um dos efeitos colaterais da terapia, ele não precisaria pensar nem ao menos meia vez para fazer sumir o enjojo maldito. Mas enquanto tal encontro fantasioso não acontecia, dá-lhe perda de peso...

E por falar em careca, Arthur dessa vez não esperou os cabelos começarem a cair para raspá-los. Utilizou a mesma lógica em sua barba. Ele já sabia que o processo de rebelião e debandada dos pelos do couro cabeludo e da face não demoraria a se iniciar e preferiu não se submeter à tortura psicológica de vê-los aos punhados na espuma do xampu ou agarrados aos dentes do pente de cabelo. Então, tratou logo na primeira semana de acionar sua cabeleireira particular: Amanda. Ela já estava pós-graduada na operação da máquina de pelar cabelos depois da primeira temporada careca de seu noivo.

O cansaço, que em outra oportunidade só foi sentido quando exposto conjuntamente à radioterapia, agora também fazia parte do pacote

da quimio. Passadas seis semanas da nova abordagem terapêutica, pequenos esforços eram suficientes para impor a Arthur uma respiração mais ofegante.

Poderia essa indisposição física estar diretamente relacionada ao endurecimento do tratamento? Sim, poderia. Seria ela uma consequência do amplo e agudo quadro de mal-estar vivenciado por Arthur? Sim, também seria uma possibilidade. Enfim... Poder-se-ia encher um livro com as várias explicações admissíveis do ponto de vista psicofisiológico... Porém, perturbador mesmo seria descobrir que, dentre tantas justificativas disponíveis, tal indisposição estivesse ligada à mais perversa delas: a de que Arthur começava a entregar os pontos ao implacável adversário. Sim, essa também seria uma possibilidade. Alarmante, porém plausível.

A verdade é que o drama experimentado na recaída ainda não tinha sido totalmente superado por Arthur. A possibilidade de vir a experimentar um outro episódio igualmente devastador pairava em sua mente, poluindo-a por vezes com pensamentos obscuros e derrotistas. Valeria a pena todo esse sacrifício, todo esse sofrimento imposto

pelo tratamento, para mais adiante se deparar com uma nova recidiva? Não seria mais conveniente abandonar definitivamente a luta e apenas esperar pelo inevitável?

Como podem perceber, o último item da tríade “seguir em frente, foco no tratamento e fé na cura” permanecia ausente. O que deveria ser um sólido e inabalável tripé psicológico, sobre o qual Arthur deveria se firmar, vinha se equilibrando precariamente em apenas dois de seus apoios.

E tais pensamentos pessimistas continuariam a emergir enquanto esse desequilíbrio persistisse. Não que Arthur estivesse simplesmente se deixando vencer pela situação, não que ele tivesse se resignado com a sua sorte, ou melhor, com a falta dela. Não... não foi por escassez de vontade que a fé na cura não apareceu. Era um pouco mais complicado que isso...

Arthur até se esforçava para suplantar a barreira existente entre ele e a esperança de se ver livre da doença, barreira esta criada pelo recente e inesperado episódio do surgimento dos três tumores, todavia tal divisória seguia intransponível. Por mais que Arthur tentasse usar uma escada para ultrapassar essa divisória, por mais que se

PERIGOSAS NACIONAIS

empenhasse em exercitar e internalizar essa esperança no pleno restabelecimento, o medo de uma segunda recaída lhe furtava os últimos degraus de que precisava para vencer definitivamente tamanho obstáculo, impedindo-o de ter o pessimismo erradicado de sua mente.

Mas apesar desse entrave aparentemente imbatível, Arthur não estava batido. Longe disso... Quando apanhado pelo sentimento irremediável de fracasso, quando começava a questionar o propósito de sua via-crúcis, quando afundado até o pescoço na areia movediça da derrota, Arthur encontrava no imponderável uma última arma antes de se deixar entregar à ruína. Era justamente nessas horas mais difíceis, em que tudo parecia perdido, que Arthur se pegava olhando para cima, buscando por um Deus que não sabia se existia. Mais do que isso... Nessas horas, não só queria se encontrar e se aproximar desse suposto Deus, como também arranjar com Ele uma solução milagrosa, fechar algum tipo de acordo divino, um ajuste capaz de poupá-lo do desfecho tão indesejado, um pacto capaz de salvá-lo do único resultado a que era conduzido invariavelmente pelo desalento de seus pensamentos: a própria morte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“Me tornarei uma pessoa melhor”, “voltarei a frequentar as missas aos domingos” e “dedicarei mais tempo para ajudar o próximo” eram as promessas campeãs de frequência, sempre atreladas à mesmíssima condição: que tudo voltasse a ser como era antes, ou trocando em miúdos, uma vida sem câncer. A negociação ocorria na proporção da angústia vivida por Arthur. Quando prestes a sucumbir, intensificavam-se as propostas de permuta endereçadas ao Todo-Poderoso.

Nesses momentos de desespero, quando não havia mais atos benevolentes com os quais barganhar, juramentos esdrúxulos surgiam para manter aberto o monólogo com a Divindade Celeste. “Não implicarei mais com Amanda por futilidades”, “venderei meu *videogame* e doarei o dinheiro aos pobres”, “fecharei o chuveiro durante o banho para me ensaboar”, “separarei o lixo para reciclagem”... um verdadeiro vale-tudo!

Por mais insensatos que pudessem ser, nessas ocasiões, prometer o absurdo tornava-se válido. O importante era ter sempre algo novo a ofertar. Vai que numa dessas Arthur acertava em cheio o anseio divino e via uma pomba branca reluzente descendo dos céus em sua direção, carregando no bico

PERIGOSAS ACHERON

alguma cura milagrosa...

Imponderável ou não, a negociata estava em alta. E enquanto esse mecanismo psicológico borbulhava dentro dele, quem o via pelo lado de fora mal podia imaginar tamanho conflito interno.

Como sabem, Arthur não gostava de alimentar a preocupação de seus entes queridos quanto às suas aflições, então abusava da dissimulação. Raramente deixava transparecer a eles qualquer amargura... e quando acontecia de alguma insegurança dar nas vistas de seus familiares ou saltar aos olhos de Amanda, tratava logo de desconversar ou disfarçar com um sorriso enganoso e forçosamente simpático. O tempo se encarregaria de dizer se tal jogo de aparências era uma estratégia acertada ou apenas um atalho para a derrota...

Lentamente ia recusando companhia para ir à quimioterapia. “Já estou acostumado.”, dizia. Incomodado com tamanho trabalho que impunha a seus pais, a Amanda ou a qualquer outra pessoa que quisesse acompanhá-lo, Arthur comparecia cada vez mais sozinho às sessões semanais.

Sabe quando dizem que nada é tão ruim que não possa piorar? Pois eis que surge a diarreia para provar a teoria. Isso sem contar uma inflamação

intermitente na gengiva, além de algumas aftas eventuais nas mucosas da boca que transformavam qualquer refeição num festival de horrores. O armamento mais pesado estava cobrando seu preço...

Tá certo que o desarranjo intestinal não era lá muito severo e só aparecia no dia da aplicação dos quimioterápicos, porém qualquer majoração na lista de efeitos secundários do tratamento não era muito bem-vinda nem motivo de celebração.

De segunda à quinta-feira, casa-trabalho, trabalho-casa. Às sextas, casa-trabalho, trabalho-hospital, finais de semana no *loft* passando mal. Assim outras tantas semanas iam se passando. Arthur ia levando sua peleja nesse compasso: fingindo por fora, negociando por dentro. Dançando nem sempre no ritmo da música, apegava-se frouxamente à esperança de um dia se deparar com a bendita pomba branca.

Com o decorrer dos meses, iam se acumulando laudos de exames nos armários do apartamento de Arthur. Ao mesmo tempo que representavam um alívio imediato para o pavor da recaída, marcavam também o reinício da contagem de trinta dias para um novo teste de nervos. Uma

PERIGOSAS NACIONAIS

verdadeira montanha-russa de emoções... todas represadas no íntimo de Arthur.

Embora por um lado nenhum desses exames trouxesse até então surpresas desagradáveis, por outro não prenunciavam nenhum sinal divino no horizonte. Quem sabe não estivesse na hora de parar de implorar para cima e começar a olhar para baixo...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 20 – DANÇANDO COM O DIABO

Outras quatro sessões de quimio, outras quatro ondas de mal-estar superadas. Mais uma avaliação mensal realizada, a sétima no total após a cirurgia, sem alterações.

A essa altura, Arthur já tinha abandonado por completo o Krav Maga. Ele havia até tentado retomar as aulas da luta de que tanto gostava, todavia, vencido pelo cansaço, foram pouco a pouco sendo deixadas de lado. O mesmo era verdade para a academia e para as corridas de rua, que agora faziam parte do passado. A necessidade de manter o corpo ativo desapareceu. A endorfina não mais o motivava a sair de casa. Uma a uma, todas essas atividades foram expurgadas de sua vida.

Também abandonada estava a prática de versar com Deus sobre a sua cura. Esgotada a capacidade de Arthur para inventar novos acordos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com o além, entendeu ele no decorrer do caminho que de nada adiantaria ficar repetindo as mesmas promessas todos os dias como um mantra. Já tinha dado chances suficientes para alguém escutá-lo... ou talvez tivesse ele simplesmente concluído que não havia ninguém lá em cima para lhe dar ouvidos.

E como era de se esperar, não demorou muito para a tal estratégia da dissimulação cobrar seu preço... um preço aliás muito elevado. Era óbvio que represar as angústias apenas para si não podia acabar bem.

Essa tática é tão perigosa quanto tirar o diabo para dançar: você acha que pode obter alguma vantagem do capeta, mas ao final da valsa estará sempre pior do que quando começou. Você pode até julgar que está no controle da situação, que impõe seus passos sobre o par maldito e que o conduz por onde quer dentro do salão... e é exatamente o que o chifrudo quer que você pense. Mas, em toda oportunidade que tiver, o belzebu pisa-lhe o pé, e, quando você menos espera, passa-lhe uma rasteira e o derruba no chão. E a cada pisão, a dor se torna mais insuportável, e a cada rasteira, colocar-se de pé fica mais complicado... A

PERIGOSAS ACHERON

despeito disso, hipnotizado e completamente dominado pelo satanás, você continua aparceirado ao coisa-ruim até a música acabar. E se ao término dessa música, num breve instante de lucidez, você vier a se dar conta do mal ao qual está submetido e a tentar se livrar da danosa companhia, o cão-tinhoso o seduz, entorpecendo seu anseio de se afastar dele e convencendo-o a dançar mais uma vez.

E assim, o resultado do bailado macabro de Arthur não poderia ser outro. Entre altos e baixos psicológicos, os altos tornavam-se raros e rasos, os baixos se faziam mais frequentes e profundos. Arthur se enrolava quase que irreversivelmente na armadilha que criara para si mesmo...

“Seguir em frente, foco no tratamento, fé na cura”...

Com a sucessão de valsas, o ímpeto de seguir em frente paulatinamente deixava de existir. Aos poucos, mais um dos componentes da tríade do Dr. Takahashi era arrancado do íntimo de Arthur pelas visitas cíclicas de sua alma ao fundo do poço, apagado de seu âmago nos abatimentos intermitentes do espírito.

Frágil, precário, pronto para cair. Se o

PERIGOSAS ACHERON

equilíbrio emocional de Arthur já andava comprometido sem uma das bases do tripé, imagine sem duas delas. Agora, a perseverança de Arthur se resumia praticamente ao “foco no tratamento”... Mas por quanto tempo?

Embora um pouco mais adaptado aos efeitos colaterais da terapia, a tortura ainda era enorme e o sofrimento nunca deixou de ser intenso. Apesar dos pesares, Arthur ainda entendia o propósito do seu tratamento. Queria mais que tudo se ver livre da doença, porém estava se fartando da rotina que lhe era imposta.

O mesmo Arthur que meses atrás, durante aquele longo período de recuperação domiciliar da cirurgia, não via a hora de poder trocar de ambiente, de ver gente, de sair de casa, de se relacionar com as pessoas, de voltar ao trabalho, parecia ter virado do avesso. Retirou-se quase que completamente do convívio com os amigos e pouco a pouco ia se afastando também da família. Os convites para os lanches na casa dos pais, antes tão celebrados por ele, vinham sendo rejeitados com cada vez mais frequência sob as mais variadas desculpas. Introvertendo-se dia após dia, ia se isolando do mundo e se afastando de sua

personalidade bem-humorada de sempre. Crescia sorrateiramente a necessidade de se enfurnar dentro do apartamento para nada fazer e esvaia-se a disposição para encarar a rua. O desânimo que outrora se apoderava apenas do corpo, também já dominava sua mente.

Só não abandonou o trabalho de vez porque não queria perder a relativa independência que havia conquistado nos últimos anos. Gostava de ter o seu cantinho, de ter as suas coisas, de pagar suas contas e, principalmente, de poder seguir dividindo o mesmo teto com Amanda. Ou será que se mantinha empregado exclusivamente para não acabar tendo que regressar ao ninho dos pais e submetê-los ao desprazer de ver o filho caçula desmoronando gradativamente perante a doença? Fosse lá qual fosse a justificativa, era suficiente para não o fazer largar os projetos da empresa que ainda estavam sob sua responsabilidade. Ao menos por enquanto...

■ ■ ■ ■ ■

Sempre atenta, Amanda já desconfiava que havia algo de estranho no ar. Nas últimas semanas,

seu sexto sentido já começava a alertá-la de que algo mais poderia estar se escondendo por trás do semblante sereno de seu noivo. Mas o que exatamente? Apesar da aparente normalidade que Arthur insistia em demonstrar, era-lhe possível perceber que alguma coisa não se encaixava...

O discurso de Arthur não combinava plenamente com seus atos. O olhar de seu noivo não concordava inteiramente com seu sorriso.

“Tá tudo bem...” repetia Arthur quando questionado sobre seu estado de espírito. “Só tô meio cansado, nada mais...”, redizia ele quando perguntado sobre sua vontade de não ter vontades.

A intuição de Amanda sinalizava que a luz de seu herói diminuía de intensidade. Sabia ela que precisava intervir de alguma forma. Mas como?

Sem conseguir enxergar com clareza a concha em que Arthur se recolhia ou a máscara que ocultava os reais sentimentos do noivo, sem poder obrigá-lo a se abrir e admitir que precisava de ajuda, ficava difícil identificar com exatidão se existia ou não um problema e, em caso positivo, a melhor maneira de ajudá-lo.

Assim, caberia a ela descobrir por si mesma a dança com o diabo e interrompê-la antes que a

PERIGOSAS NACIONAIS

chama interna de seu noivo se apagasse por completo.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 21 – EM BUSCA DE AJUDA

“Neuras da minha cabeça ou de fato tá acontecendo alguma coisa com Arthur?”: essa era a pergunta que vinha tirando o sono de Amanda.

Logo que ela percebeu as sutis mudanças de comportamento, passou a prestar atenção na conduta do noivo. Não que já não o fizesse anteriormente, mas ela estava agora em estado de vigilância máximo. Arthur foi colocado sob a lente de uma lupa. Se o seu noivo estivesse em apuros, ela tinha que descobrir. Cada gesto desconstruído de Arthur poderia ser uma pista para desvendar o suposto enigma.

Os dias iam passando e Amanda seguia observando. Se realmente havia algo de errado com Arthur, estava muito bem escondido por ele...

Sem poder contar com a opinião dos sogros, que não viviam tão de perto assim o dia a dia do filho e que provavelmente eram enganados pela

PERIGOSAS ACHERON

mesma tática ludibriante de Arthur, e sem conseguir obter sozinha uma resposta para o seu questionamento, Amanda decidiu buscar auxílio com quem imaginava que pudesse ajudá-la a juntar definitivamente as peças do quebra-cabeça ou a pelo menos organizá-las sobre a mesa: Dra. Julia. Poderia até ser uma atitude prematura de sua parte, porém Amanda não estava disposta a seguir atormentada pela dúvida. Pelo sim ou pelo não, melhor se passar por hiperprotetora-desvairada do que por noiva negligente.

Então, secretamente, marcou um encontro no meio da semana com a médica. Arthur não podia nem sequer desconfiar da conversa das duas, sob pena de fazê-lo se fechar ainda mais dentro da concha.

■ ■ ■ ■ ■

Quarta-feira, cinco e quarenta e dois da tarde.

Ansiosa por uma resposta, Amanda chegou quase vinte minutos mais cedo ao local combinado. Era uma delicatessen propositalmente próxima ao hospital, para não causar muito transtorno nem impor um deslocamento desnecessário à médica

que gentilmente aceitara o convite para o encontro.

Amanda passou pela porta e escolheu uma mesa com dois assentos junto à grande janela envidraçada, bem na entrada do estabelecimento. Colocou a bolsa sobre a mesa e, assim que se sentou, foi abordada pelo garçom que lhe ofereceu o cardápio. Pediu uma água para lhe fazer companhia enquanto aguardava a chegada da doutora. Água servida, deu nela um pequeno gole e colocou-se a olhar para a rua através da vidraça.

À medida que a água ia diminuindo dentro de seu copo, a luz do sol ia minguando e sendo substituída gradativamente pelas artificiais. O número de pessoas andando do lado de fora ia aumentando com o transcorrer dos minutos, dada a proximidade do horário de saída do trabalho de grande parte da população economicamente ativa.

Não demorou muito, Amanda pôde ver Dra. Julia caminhando pela calçada pegada ao estabelecimento. Pontualmente às dezoito horas, a médica entrou no recinto e escutou seu nome sendo chamado por Amanda.

A promovedora do encontro colocou-se de pé ao lado da mesa e cumprimentou Dra. Julia dando-lhe ambas as mãos. Com uma feição agradável,

Amanda agradeceu efusivamente a presença da oncologista.

Com as clientes já sentadas, o garçom se aproximou novamente para receber os eventuais pedidos.

Dra. Julia, que já conhecia o local, escolheu *cappuccino* e *croissant* de queijo, Amanda ficou só com o *cappuccino*.

O garçom sacou do bolsão do avental um bloquinho de papel e uma caneta, com os quais anotou as vontades das duas. Fez a mesma anotação numa cartela que deixou sobre a mesa. Concluída a sua tarefa, pediu licença e afastou-se em direção à cozinha.

– Espero que nosso encontro não esteja te atrapalhando muito... – comentou Amanda.

– Que nada... Parece até que o universo conspirou positivamente para o nosso bate-papo. O hospital esteve muito tranquilo a tarde toda. Até consegui chegar no horário que combinamos! – disse a simpática Dra. Julia a fim de tranquilizar sua interlocutora.

– O Arthur nem sonha que eu esteja aqui com você. Imagino que seria bom se mantivéssemos essa conversa apenas entre nós por enquanto...

– Fique sossegada, será o nosso segredinho! – rebateu a doutora.

Para não gastar mais do precioso tempo junto à medica com amenidades, Amanda direcionou a conversa para o seu assunto central:

– Bom... Conforme adiantei ao telefone, tô um pouco preocupada com Arthur...

– Conte-me o que está acontecendo. – disse Dra. Julia demonstrando interesse no assunto ao inclinar o seu corpo para a frente e apoiar os cotovelos sobre a mesa.

– Pois é exatamente esse o problema... Não sei ao certo o que tá acontecendo! – retrucou Amanda com um ar assombrado. – Ele continua praticamente o mesmo: sorriso quase sempre no rosto, atencioso... um pouco mais indisposto e mal-humorado do que na quimio que enfrentou antes da cirurgia, é verdade, mas ainda faz as suas brincadeiras...

Dra. Julia, sem conseguir captar inicialmente o motivo da preocupação da moça à sua frente, ia franzindo as sobrancelhas no desenrolar do depoimento numa tentativa de ligar os fatos ali narrados.

Ao perceber a feição de estranheza da doutora,

Amanda interrompeu imediatamente sua fala. Compreendeu o quão dificultoso seria explicar suas impressões sobre Arthur, dada a normalidade dos atos de seu noivo. Reorganizou portanto as ideias na cabeça, tomou fôlego e tentou uma abordagem um pouco diferente para a sua linha de raciocínio:

– O caso é que ele só parece continuar o mesmo, mas é como se estivesse escondendo alguma coisa, sabe?

– E o que ele diz sobre isso? – indagou a doutora.

– Pois então... Sempre pergunto a ele o que se passa, mas suas respostas não parecem corresponder com a realidade. Diz que tá tudo bem, mas vejo ele cada dia mais calado, mais fechado, mais abatido.

– Hum... sei... – articulou a médica incentivando Amanda a prosseguir com seu relato.

E Amanda continuou:

– É como se ele estivesse ficando mais triste com o passar do tempo e quisesse que ninguém soubesse disso... Entende o que quero dizer?

Dra. Julia escutou atentamente cada uma das palavras ditas até ali. Com uma opinião inicial já formada, ela emitiu o seu parecer sobre o assunto:

– Olha, Amanda... Quando o Arthur se recuperou da cirurgia e estava pronto para reiniciar o tratamento, tivemos uma conversa para falar sobre o possível agravamento dos efeitos colaterais. Nós já prevíamos que poderiam ser mais intensos devido à nova combinação de medicamentos. Então, é natural que ele esteja mais indisposto agora do que naquele período antes da cirurgia, não acha?

Concordando parcialmente com a avaliação apresentada pela doutora, Amanda insistiu em sua argumentação:

– Me lembro bem dessa conversa. Você realmente tinha alertado naquela época que esse novo tratamento seria mais debilitante, que ele poderia ficar mais cansado e tudo o mais, porém acho que não é só isso... As vontades dele estão simplesmente sumindo. A cada dia tenho a sensação de que ele está mais chateado, mais preso dentro de casa...

Nesse momento, o garçom interrompeu a conversa para trazer os pedidos.

Um instante de silêncio se fez enquanto o funcionário da casa servia as duas clientes.

Depois de agradecerem ao garçom e verem o

homem se afastar de perto da mesa, Amanda respirou fundo e concluiu:

– Bom... Não sei se tô conseguindo me fazer clara ou se tô apenas sendo repetitiva, mas o fato é que sinto que tem alguma coisa errada nessa história... Pode até ser maluquice da minha cabeça, mas é como se o brilho nos olhos dele estivesse desaparecendo...

Dra. Julia segurou o generoso copo descartável no qual o *cappuccino* fora servido, abriu o orifício de sua tampinha plástica e deu um trago na bebida, devolvendo-o em seguida ao mesmo local em que repousava anteriormente. Com os cotovelos ainda apoiados sobre a mesa, a médica entrelaçou os dedos das mãos mais ou menos na altura do queixo e fez um breve momento de reflexão para correlacionar todos os argumentos apresentados por Amanda. Segundos depois, a oncologista do noivo começou a desenvolver uma nova tese:

– Sem sombra de dúvida, os efeitos colaterais mais severos do atual tratamento contribuem fortemente para essa situação... Mas talvez você tenha razão e não seja só isso. Talvez tenhamos que levar em conta alguns outros fatores nessa

questão... Você conhece Arthur muito bem e deve saber o que diz. Não posso simplesmente desconsiderar sua inquietação a respeito disso tudo...

Após outro gole na bebida à base de café e leite, Dra. Julia prosseguiu:

– Veja bem, Amanda... Não sou nenhuma especialista no assunto. Meu ramo é a oncologia e não a psiquiatria, tampouco tenho diploma de psicologia, então não tenho competência para afirmar categoricamente o que está acontecendo com Arthur. Porém, tomando por base seus relatos, agora consigo ver uma possível relação entre esse comportamento que você está descrevendo do Arthur e o comportamento de tantos outros pacientes que passaram por mim. Na verdade, já vi isso acontecer dezenas de vezes nesses meus vários anos de profissão...

Amanda ia arregalando os olhos conforme as palavras iam saindo da boca da médica. Parecia que a resposta que tanto almejava estava prestes a ser revelada!

Confirmando a expectativa que crescia no ar, Dra. Julia apresentou seu veredicto:

– Só reforçando o que acabei de dizer, não sou

nenhuma perita no tema, mas acho que o Arthur pode estar em vias de iniciar um processo depressivo.

Nesse momento, Amanda perdeu o chão:

– Processo depressivo? – repetiu ela sem esconder seu espanto. – Mas como? Ele nem tá tão mal assim! – exclamou a moça querendo mais do que nunca se deixar enganar pela ardilosa artimanha que vinha sendo utilizada pelo seu noivo.

A doutora tentou se fazer mais clara:

– Amanda, lembra-se de quando vocês foram ao hospital tempos atrás e dei a notícia dos três tumores?

– Claro que me lembro! Não tem nem como esquecer um episódio desses... Foi no dia que Arthur surtou e saiu da sala falando um tanto de besteira... – disse Amanda um pouco constrangida com a lembrança.

– E você se lembra sobre o que conversamos logo depois disso? – perguntou a médica tentando conduzir a fundamentação de sua teoria.

Amanda teve que pensar um pouquinho para recuperar a resposta adequada a esse questionamento:

– Foi sobre o processo de aceitação, né?

PERIGOSAS NACIONAIS

– Exatamente... – replicou a médica. – O processo de aceitação e suas fases. Negação, raiva, negociação, depressão e, enfim, a aceitação...

– Doutora, isso foi lá no começo do ano! – Interveio Amanda interrompendo a médica.

– Foi sim, Amanda... – concordou Dra. Julia. – Não me recordo bem se comentei na ocasião, mas esse processo é meio incerto e sem prazo para se encerrar. Algumas pessoas podem passar rapidamente por todas as fases, outras podem demorar bastante em cada uma delas. Há quem misture os dois comportamentos, superando ligeiramente uma fase e mergulhando profundamente em outra, e ainda há quem pule uma das etapas. Tem gente que pode até mesmo superar determinada fase e mais tarde regredir de novo a ela... Como pode perceber, e como mencionei, é um processo meio incerto. Certo mesmo é que cada paciente atravessa de uma maneira única e no seu devido tempo todo esse processo... Posso estar enganada, mas considerando esse abatimento de espírito que você sente nele e esse isolamento que ele começa a impor a si mesmo ao se manter dentro de casa, pode ser que tenha chegado a hora de Arthur encarar a fase da depressão.

PERIGOSAS ACHERON

Podia-se notar pela expressão de Amanda que sua ficha ainda não tinha caído completamente. Em seu semblante despontou o medo no exato segundo em que a palavra “depressão” fora trazida àquela conversa. Mesmo aterrorizada, ela ainda teve ímpeto suficiente para contrapor o argumento da médica:

– Mas nós sempre fomos tão sinceros um com o outro. Será que ele conseguiria esconder algo tão sério assim de mim? – perguntou Amanda vivendo o que poderia ser o seu próprio miniprocessamento de aceitação.

– Desde o início do tratamento, há mais de dois anos atrás, eu já tinha reparado que o Arthur não é de passar pra frente todas as angústias que vivencia... Ele tende a minimizar um pouco o que sente... Isso ficava evidente, e ainda fica, quando comparo o nível de reclamações dele com o dos meus demais pacientes. Claro que uns são mais sensíveis que outros ao tratamento, porém, mesmo considerando isso, as reclamações dele estão bem abaixo da média... Decerto, é uma característica dele, mas não sei dizer ao certo o que o motivaria a agir assim. Não sei se faz isso para parecer mais forte do que realmente é junto às pessoas com

quem convive, como num processo de autoafirmação, ou se age assim meramente para poupar a todos de preocupações que ele julgue desnecessárias... Talvez não tenha nada a ver com o que os outros pensem sobre ele ou com deixar ou não as fraquezas à mostra, mas apenas um mecanismo que Arthur tenha encontrado para diminuir os próprios problemas a ponto de poder enfrentá-los...

Amanda ia tentando relacionar ao noivo as conjecturas que eram expostas pela doutora, uma a uma.

Autoafirmação? Não... definitivamente não combinava com Arthur se mostrar mais forte do que realmente era. Chorava quando tinha que chorar, sem medo algum de revelar a fraqueza do momento. Se a intenção fosse só a de aparentar força, Amanda estava certa de que teria visto muito menos lágrimas escorrerem pelo rosto de Arthur nesses anos de convivência do casal.

Resguardar os outros de inquietações desnecessárias? Hum... Arthur talvez até pudesse segurar por um breve intervalo de tempo uma ou outra notícia desagradável, mas apenas para esperar a hora mais adequada de revelar toda a verdade...

Mais cedo ou mais tarde, essa hora sempre chegava, como quando ele postergou a entrega da notícia da recaída aos seus pais. De que adiantaria saberem disso enquanto curtiam uns dias fora da cidade? Nada! Mas, tão logo eles retornaram, ficaram cientes do fato.

Uma forma de tornar os problemas menores para então enfrentá-los? Sim... Amanda já tinha reparado em Arthur um atributo parecido com esse tempos atrás... Era o tal cofre mental, aquele jeito dele de enfrentar as preocupações que a vida lhe impunha sem se deixar paralisar diante delas, de diminuir seus problemas de tal forma que pudesse trancafiá-los lá dentro e ignorá-los temporariamente para encará-los numa ocasião mais apropriada. Mas parece que havia algo diferente nessa faceta de Arthur... Se fosse realmente essa a explicação, tinha ele passado a trancafiar suas preocupações dentro do referido cofre antes mesmo de compartilhá-las com Amanda ou com qualquer outra pessoa. Pior que isso: Arthur havia se esquecido de que precisava em algum momento destrancar e confrontar essas angústias, e agora ia acumulando-as indefinidamente dentro de si... Será que o limite do cofre estava alcançado? Será que essa tática de

Arthur, tão invejada por Amanda em outros tempos, tinha se voltado contra ele, transformado-se em uma armadilha inescapável? Será que era isso?

Entendendo que Amanda clamava silenciosamente pelo prosseguimento do raciocínio, Dra. Julia continuou:

– Seja lá qual for a justificativa para esse comportamento do Arthur, o fato é que reprimir desse jeito os sentimentos pode contribuir sensivelmente para esse suposto processo depressivo... O meu palpite é que o enfrentamento da doença tenha acentuado essa característica do Arthur de não se queixar, fazendo-o se fechar gradativamente e chegar ao ponto de guardar apenas para si mesmo suas frustrações... E se esse palpite estiver certo, é possível sim que ele tenha conseguido esconder tudo isso completamente ou simplesmente disfarçar o suficiente para não ser notado por você, ou melhor, por nós todos que convivemos com ele...

Pronto... A ficha finalmente caiu. Se Amanda buscava por uma resposta bem fundamentada para a pergunta que lhe vinha tirando o sono, acabava de se deparar com uma.

Com o coração apertado após descobrir o que poderia estar acometendo seu noivo, restava a ela apenas entender o que deveria ser feito para evitar o agravamento da situação:

– E o que fazer para ajudá-lo?

– Agora é evitar que ele entre nessa piscina. E caso já tenha entrado, que não mergulhe tão lá pro fundo. – replicou Dra. Julia.

Percebendo que a metáfora apresentada pela médica não trazia claramente uma resposta para sua última pergunta, Amanda persistiu em seu questionamento:

– Mas como se faz isso?

Na tentativa de acalmar aquele coração aflito e quebrar o clima carregado da conversa, Dra. Julia trocou a expressão séria que empregava por uma mais amigável. Com um sorriso discreto no rosto, a médica deu sua resposta na forma de uma famosa canção dos Beatles:

– “*All you need is love... All you need is love... All you need is love, love... Love is all you need.*” – cantarolou a oncologista.

Agora era a vez de Amanda retribuir o olhar de estranheza, aquele mesmo demonstrado pela doutora lá no começo da prosa.

A bela canção amenizara sim o ambiente pesado, no entanto Amanda, ainda parcialmente tomada pela gravidade da conversa, tendia a interpretar negativamente os estímulos aos quais era submetida.

Será que ela tá insinuando que o amor que sinto por Arthur não é suficiente para impedi-lo de adentrar essa fase autodestrutiva?, pensou.

A moça não estava compreendendo aonde a médica queria chegar ao cantar aqueles versos tão conhecidos.

E antes que Amanda tivesse chance de elaborar outras interpretações tão equivocadas quanto aquela, Dra. Julia concluiu:

– *“All you need is love”*... “Tudo que você precisa é amor”, o amor que tem por ele. Com esse amor você vai tirá-lo de casa, afastá-lo da tristeza, alimentar a confiança dele... Vai dar a ele motivos para sorrir, motivos para seguir na jornada, motivos para viver! Essa música diz que diante do amor não há ninguém que você queira salvar que não possa ser salvo. Então, com esse amor que tem por ele, você com certeza vai achar um jeito de preencher os espaços vazios e resgatar o espírito de Arthur... *“Love is all you need”*, “Amor é tudo que você

precisa”.

Agora a médica tinha sido cristalina em sua resposta. Suas últimas frases varriam de vez quaisquer pensamentos dúbios que surgiram ou que por ventura poderiam surgir na mente da pessoa sentada bem à sua frente. Não mais havia margem para entendimentos ambíguos.

Permitindo finalmente que um sorriso brotasse em seus lábios, Amanda esticou os braços sobre a mesa até alcançar as mãos da doutora. Apertando-as firmemente, expressou todo o seu agradecimento:

– Muito obrigada pela orientação e pelo seu tempo!

Desejando preparar Amanda para o grande desafio que estava por vir, a doutora disse mais algumas coisinhas:

– Amanda, saiba que talvez não seja fácil reaver o brilho nos olhos de Arthur. Vai exigir empenho e muita dedicação. Mesmo que pareça num primeiro momento que sua atuação não está dando resultados, deverá persistir, pois é uma tarefa que se supera no dia a dia. Com o seu amor e com o tempo, Arthur aos poucos vencerá mais esse desafio... Saiba também que não estará sozinha.

Enquanto você age por um lado, eu e a turma do hospital estaremos agindo de outro, mais atentos à situação. Conversarei hoje mesmo com a psicóloga da nossa equipe para que acompanhe mais de perto esse possível problema.

– Muito obrigada mesmo pelo apoio!

– Disponha, minha filha! Sempre que algo te preocupar desse jeito, avise-me. Torço muito pelo Arthur e pela plena recuperação dele.

Mantendo o sorriso no rosto, Amanda apertou um pouco mais as mãos da doutora. Logo após, abriu sua bolsa e conferiu o visor do seu telefone celular.

– Nossa! Deixe-me ir antes que ele desconfie da minha demora! – exclamou Amanda ao perceber o adiantado da hora.

Ela se levantou, pegou sua bolsa e a comanda sobre a mesa e encerrou o encontro secreto das duas:

– Hoje é por minha conta... Obrigada novamente e até logo!

Amanda virou-se em direção ao caixa, mas, antes que pudesse se afastar da mesa, escutou a voz da médica chamando por ela:

– Amanda?

– Sim, doutora? – respondeu Amanda voltando-se para Dra. Julia.

– Está esquecendo seu *cappuccino*! – anunciou a médica apontando para o copo intocado.

– É mesmo... Fiquei tão concentrada na conversa que nem me dei conta dele! – riu Amanda de si mesma enquanto pegava seu copo. – Agora virou um *cappuccino* pra viagem...

Dra. Julia acompanhou com os olhos a jovem mulher de cabelos compridos por parte do caminho que ligava a mesa em que estava sentada ao caixa.

Quanta proatividade e desvelo nessa menina..., pensou.

Foi quando percebeu o quanto tinha sido tola e redundante ao recomendar “empenho e muita dedicação” àquela moça... Alguém atencioso o bastante para perceber nos detalhes do comportamento do parceiro que algo estava errado e obstinado o suficiente para correr atrás até encontrar uma resposta para o que poderia estar acontecendo, ainda que não houvesse nada para se encontrar, certamente dispensava tal recomendação.

Empenho e dedicação... Amanda já tem de sobra esses atributos..., concluiu a médica

internamente.

Reflexão finalizada, a médica voltou sua atenção para a vidraça que dividia a delicatessen do mundo exterior. Distraiu-se por um instante observando a noite que já tomava completamente as ruas da cidade. Com os olhos fixos no lado de fora, pegou o *croissant* com uma das mãos e deu-lhe a primeira mordida.

De costas para a porta do estabelecimento, não notou Amanda deixando o local, mas pôde vê-la atravessando toda a extensão da longa janela envidraçada e misturando-se aos poucos à multidão que caminhava pela calçada. Cada um dos passos apressados dela evidenciava sua vontade de correr para casa e de se juntar à pessoa com quem mais se importava na face da Terra.

Mais uma mordida no *croissant*.

Se eu soubesse que ela ia pagar a conta toda, teria pedido dois!, brincou Dra. Julia consigo mesma enquanto mastigava seu delicioso lanche.

■ ■ ■ ■ ■

Copo vazio na mão, olhar vago no rosto. Seu corpo estava sentado dentro do ônibus a caminho

de casa, mas a mente não. Enquanto o transporte coletivo urbano trafegava pelas ruas da cidade, Amanda navegava em suas memórias. Os pensamentos a transportavam no tempo, conduzindo-a a uma série de momentos marcantes que experimentou ao lado de Arthur.

Relembrou-se da primeira vez em que ela raspou os cabelos de Arthur em decorrência da quimioterapia e da forma como ele apoiou o dorso da própria mão sobre a perna para ver, com o ar ligeiramente chateado, um dos tufo do seu cabelo caindo na palma de sua mão e, após esmiuçar os fios com a ponta dos dedos, finalmente permitir que alcançassem o pedaço de chão existente entre seus pés. A mesma mão que, no primeiríssimo encontro do casal, gentilmente a ajudou a se levantar depois de nocautear os bandidos que a ameaçavam com uma faca, fazendo surgir um herói na vida dela, dando chance de se enamorarem, dando início à história de amor dos dois.

Repasseu as incontáveis ocasiões nas quais acolheu Arthur em seu colo ao testemunhar o sofrimento físico a que ele era submetido pelo penoso tratamento, dedicando-lhe carinho, tentando fortalecê-lo, para depois, escondida no banheiro ou

em algum outro canto da casa, chorar copiosamente a fraqueza que o receio de perdê-lo lhe proporcionava.

Recordou-se de Arthur buscando proteção nela, enquanto ele vivia a expectativa de conhecer a real gravidade do tumor que habitava em sua cabeça. Num ato quase inconsciente, a mão dele procurou a dela para unidos receberem o fatídico diagnóstico da primeira biópsia. O mesmíssimo Arthur que surpreendentemente, num momento posterior de total descontrole, recusou o amparo que lhe era oferecido para então sair contestando aos berros o surgimento de outros três tumores...

Amanda interrompeu o devaneio e retornou momentaneamente ao mundo real para verificar se já era hora de saltar do veículo. Apesar de denunciar a proximidade do seu destino, a paisagem do lado de fora ainda autorizava a ela mais alguns instantes de divagação. Assim sendo, de volta ao plano imaterial, abarcou ela mentalmente a recém-findada conversa com Dra. Julia.

A palavra que resumia a opinião da médica começou a retumbar em sua cabeça: depressão... Depressão... DEPRESSÃO! O peso contido nessa

pequena palavra a fez regredir a alguns questionamentos abordados no diálogo de instantes atrás. Mais que isso: induziu-a a emaranhar esses questionamentos a uma porção de outros que iam nascendo em sua cabeça.

Como que Arthur conseguiu chegar a esse ponto sem pedir ajuda, sem revelar nada pra ninguém... Por que esse caminho de isolamento se tornou sua única opção? Seria possível que a doença o tivesse transformado a ponto de não confiar nem a mim suas aflições, permitindo que seus sentimentos reprimidos o levassem à beira de um processo depressivo?, pensou Amanda consigo mesma. *Mas sempre fui tão receptiva às inquietações dele e ele sempre tão aberto às minhas, sempre fomos tão íntimos em tudo... Por que isso agora?*

Hora de descer. Sinal dado, ônibus parado.

Amanda ganhou a calçada. Aproveitou a primeira lixeira que encontrou para se desfazer do copo vazio de *cappuccino* que ainda carregava. Refém de seus pensamentos, caminhou os quarteirões que a separavam de casa.

O palpite da Dra. Julia sobre o enfrentamento da doença explica o progressivo fechamento de

Arthur ou será que tem mais alguma coisa? E se a Dra. Julia e eu estivermos buscando as respostas no lugar errado? E se as repostas não estiverem apenas em Arthur?

Diante de sua incapacidade de encontrar novas justificativas para o retraimento do noivo, tentou ela olhar o quadro por uma outra perspectiva.

E se a causa disso também estiver em mim?, concluiu ela arregalando os olhos!

O pensamento foi inevitável. Que outra pessoa poderia ter contribuído mais ativamente para toda aquela situação senão ela própria? Amanda era de longe a pessoa com quem Arthur passava a maior parte do seu tempo nesses últimos meses. Sim... Mesmo que involuntariamente, ela poderia ter alguma participação nisso.

Será que não tenho sido uma boa ouvinte? Será que fechei a porta às angústias dele sem perceber?, culpou-se Amanda internamente.

Após levantar a hipótese de que poderia ter sua parcela de culpa no caso, a decepção consigo mesma foi imediata.

Será que falhei com ele?

Justo Amanda que se desdobrava para se fazer disponível a ele o quanto fosse possível, que fazia

questão de ficar acordada ao lado dele nas noites mais complicadas e que em tantas outras despertava momentaneamente só para conferir se estava tudo bem com seu amado, que fazia o que estivesse ao seu alcance para vê-lo feliz... Estaria justo ela desajudando Arthur?

A distância para o apartamento ia diminuindo ao passo que sua agonia ia aumentando. Amanda procurava entender desesperadamente se havia colaborado de alguma maneira para a falta de comunicação do casal nesse departamento específico. Como poderia ela olhar novamente no rosto de Arthur sem saber ao certo se tinha alguma culpa no cartório?

Atravessou a última rua que a separava de casa. Faltava menos de um quarteirão agora! Incoerentemente, a mesma Amanda que, sob os olhos de Dra. Julia, cruzou toda a extensão da janela da delicatessen esbanjando em seus passos a vontade de se juntar ao noivo o mais breve possível, agora desejava mais alguns instantes longe dele para examinar mais profundamente seus próprios atos. Revia ela suas atitudes para com Arthur numa espécie de autoanálise relâmpago, numa última tentativa de achar qualquer

responsabilidade de sua parte antes de chegar em casa, entretanto não conseguia constatar nada! Talvez nem houvesse tal responsabilidade dela, porém Amanda não se permitia encerrar a busca que realizava em seus pensamentos.

Será que a doença, além de ter exacerbado o isolamento emocional de Arthur, também teria exercido algum tipo de poder transformador sobre Amanda, insensibilizando-a pouco a pouco, até chegar ao ponto de não conseguir enxergar nos próprios atos uma mísera contribuição sequer para essa condição do noivo?

Bom... Quase não havia mais tempo para ponderar. Amanda chegava à frente do prédio com mais dúvidas do que quando entrara no ônibus para voltar pra casa. Parecia que teria que enfrentar Arthur carregando esse piano nas costas.

Sacou ela o molho de chaves de dentro da bolsa. Cabisbaixa, demorou mais tempo que o de costume para identificar aquela que abriria o portão de entrada do edifício. Inseriu-a na fechadura do referido portão e girou-a lentamente até obter acesso à área interna do condomínio. Percorrido o pequeno e bem cuidado jardim, usou outra chave, agora na porta de vidro fumê, para ganhar o saguão

dos elevadores. Mais alguns passos arrastados e adentrou o elevador, que por acaso estava parado no térreo aguardando por ela, conspirando a favor do encontro do casal e contra a estratégia da moça de conseguir mais alguns minutos para si mesma. Não fosse o cansaço decorrente do dia corrido, Amanda até encararia as escadas para se conceder mais alguns instantes sozinha.

Acionou o botão ao lado do número quatro e viu as portas se fecharem. O ascensor iniciou então a sua viagem. Agora, apenas um defeito geral do elevador ou uma queda de energia poderiam postergar o encontro dos noivos e criar mais alguns bem-vindos átimos de autorreflexão.

O *display* digital dentro da cabine exibia em números a inevitabilidade de sua chegada ao andar do apartamento onde vivia com Arthur. Aquela progressão irrefreável de algarismos assinalava também a evolução do conflito interno que dominava seus pensamentos.

Um... Nessa altura, Amanda ainda tentava encontrar em seus atos as explicações que tanto procurava. Dois... Mesmo que em vão, persistiu ela mais um pouco em sua empreitada. Três... Frustrada, começou a assimilar o fato de que, com

ou sem todas as respostas, teria ela, mais cedo ou mais tarde, que se encontrar com Arthur novamente. Quatro... A pane não aconteceu, nem a energia se interrompeu. As portas do elevador se abriram. Conformada com a improficuidade do seu esforço, enfim desistiu de sua busca. Não havia tempo para mais nada...

Amanda respirou fundo e levou com ela, para o *hall* do quarto pavimento, o peso de todas aquelas dúvidas que carregava sobre os ombros.

Enquanto caminhava até a porta de casa, as luzes se acendiam automaticamente em decorrência dos sensores de presença estrategicamente posicionados pelo corredor.

404, fim da linha. Estava ela finalmente de frente para a porta do *loft*. Restava agora apenas separar a última chave de que precisaria para entrar em casa. Assim sendo, elevou a mão que segurava o chaveiro até a altura dos cotovelos e, com a palma voltada para cima, estendeu todos os dedos.

E então, algo chamou sua atenção. Algo reluzia em sua mão, mas não eram as chaves. Não chegava a ofuscar a visão, mas era um brilho intenso. Alguma coisa refletia a luz da lâmpada acima de sua cabeça diretamente para dentro de

seus olhos. Era a aliança em seu dedo anelar.

Foi quando num verdadeiro *insight* Amanda se transportou instantaneamente para o momento preferido de toda a sua vida. A grande bola de fogo se escondendo no horizonte, olhos marejados, Arthur bem à sua frente em tons alaranjados. Era o dia do pacto, ou melhor, dos pactos... eram dois no total. Aquela mesma aliança que provocara tal momento de abstração deslizava em seu dedo após o “sim” proclamado, confirmando o primeiro dos pactos ora firmados. Olhos nos olhos. Beijo, aplausos entusiasmados, casal envergonhado. A alegria transbordava pelos olhos em forma de lágrimas. Amanda se lembrava perfeitamente da resposta dada por Arthur para sua sequência de palavras admiradas: “Sei que podemos vencer qualquer desafio juntos”, afirmou ele. “Sim, podemos e vamos vencer qualquer desafio juntos!”, selou ela o segundo pacto.

De repente, Amanda estava de novo em frente ao número 404, parada, olhando sua mão espalmada. Num piscar de olhos tinha ela visitado o pôr do sol do noivado e voltado. Não precisou pensar muito para entender o recado subconsciente que acabara de receber de si mesma. Agora, estava

tudo bastante claro. O efeito do passeio mental nela foi imediato. De um segundo para o outro, uma parte de suas aflições deixou de existir, e a outra que ainda persistia estava aparentemente domada. Foi como se subitamente pudesse deixar de lado a pesada carga de incertezas que se empilhara sobre ela no trajeto de volta para casa.

Se por culpa dela ou de Arthur, ou dos dois, fechou-se uma porta entre eles, mas juntos a reabririam e a manteriam assim para sempre. Não importava mais se ela estava ou não de posse de todas as respostas, pois juntos elucidariam todas as perguntas. E se mais cedo ou mais tarde teria que se encontrar com Arthur, então que fosse mais cedo! Lado a lado, Arthur e Amanda eram mais fortes, mais capazes. Juntos tinham tudo que precisavam para superar mais esse obstáculo... Juntos venceriam qualquer desafio!

Contagiada pela verdade e pelo poder contidos nesses pactos estabelecidos tempos atrás pelo casal, Amanda reabasteceu sua coragem. Resolvida internamente, envolveu as chaves por quatro dos dedos da mão, para em seguida pressionar demoradamente o botão da campainha com o dedo indicador que permanecia estendido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Triiiiiiiiiiiiiim!

O som quebrou o silêncio do ambiente.

Arthur, que lá no andar superior, dentro do banheiro, escovava os dentes, cuspiu a espuma do creme dental na pia assim que escutou o barulho estridente.

Outros dois breves acionamentos:

Triiim-Triiim!

– Esqueceu as chaves de novo, Dona Amanda? – disse Arthur ainda lá de cima.

Triiiiiiiiiiiiiim-Triiim-Triiim!

– Já vai! Já vai! – resmungou ele descendo as escadas.

A campainha insistia: Triiiiiiiiiim!

– Meu Deus do céu! Que pressa é essa, minha filha?

Arthur alcançou a porta da frente do apartamento e conferiu quem estava do lado de fora através do olho mágico. Ao se certificar de que se tratava mesmo de Amanda, destrancou e abriu a porta.

– Pelo visto esqueceu as chaves e tá com dor de barriga, né? Só pode! – brincou Arthur olhando para a detentora do dedo nervoso.

Sem dizer nada, Amanda simplesmente deu

PERIGOSAS ACHERON

um abraço apertado naquele homem que empunhava a escova de dentes em sua mão direita. Apanhado de surpresa num primeiro momento pelo ato inesperado da noiva, Arthur retribuiu o caloroso gesto na sequência.

Alguns segundos se passaram e os dois seguiam agarrados.

– Quer dizer que estava com pressa pra eu abrir a porta e agora fica aí fazendo hora? – zombou ele meio que querendo entender a situação.

– Era pressa pra te ver... – sussurrou Amanda com o rosto colado no ombro de Arthur.

Novo silêncio...

Arthur repousou a mão esquerda sobre a cabeça de Amanda, e aplicou um cafuné nos cabelos da moça.

Com o inexplicável prolongar do abraço no tempo, Arthur temeu que algo de ruim pudesse ter ocorrido com ela no retorno pra casa.

– O que foi, amor? Aconteceu alguma coisa? – perguntou ele já levemente preocupado.

Amanda, colocando-se na ponta dos pés, desferiu um beijo na bochecha de Arthur.

– Nunca mais vamos fechar a porta, tá bom? – falou ela sorrindo, logo antes de subir para o

quarto.

Arthur ficou ali parado, escova de dentes na mão, olhando a porta do apartamento aberta. Sua cara denunciava que a última frase de Amanda só tinha piorado seu entendimento da situação. Mantendo os pés no mesmo lugar, virou o corpo para trás o suficiente para ver sua noiva toda tranquila pisar os últimos degraus da escada.

Voltou-se novamente para a porta, porta essa que continuava ali do mesmo jeito, toda escancarada. A coçadinha atrás da cabeça foi inevitável.

E diante do tamanho do enigma deixado no ar por Amanda, restou a Arthur girar o tronco para trás outra vez e gritar lá pra cima:

– Tá maluca? E vamos dormir com ela aberta?

CAPÍTULO 22 – RESGATE DO ESPÍRITO

Primeiro sábado do mês, último mês do ano. O fim de semana chegava marcando o início da virada de mesa.

Amanda acordou mais cedo, determinada a resgatar o espírito de Arthur de onde estivesse. Três dias haviam se passado desde o seu encontro confidencial com a Dra. Julia. Tivera ela três dias para elaborar uma abordagem certa.

Depois dessa conversa com a médica, Amanda já tinha alguma noção do que se passava com seu amado noivo, mas não sabia se seu plano daria o resultado esperado. Também não sabia dizer quanto tempo levaria para ter seu velho Arthur de volta, nem o quão difícil seria essa tarefa... sabia apenas que tinha que fazer a sua parte, que tinha que tentar, e a tentativa oficial começava naquele sábado. Sim, a oficial... porque a extraoficial já vinha sendo empregada desde aquele abraço

apertado da última quarta-feira à noite.

Assim que abandonou as cobertas da cama, sentiu o ar frio daquela manhã tocando o seu corpo. Arrependeu-se prontamente da preguiça que a impedira de vestir um pijama antes de se deitar na noite passada. A calcinha, única peça de roupa que usava, logo ganhou companhia da primeira blusa que encontrou pela frente, no caso uma de moletom que repousava sobre o encosto da cadeira da escrivaninha. Tá certo que o referido moletom era de Arthur, mas serviria ao propósito de aquecê-la.

Silenciosamente, dirigiu-se para dentro do banheiro. Fechou a porta. Sentou-se no vaso para se aliviar do xixi acumulado durante a noite. Limpou-se. Sentindo os últimos arrepios antes que a pesada blusa cumprisse plenamente o seu papel, baixou o tampo do vaso e acionou a descarga.

De frente para o espelho, pegou um elástico para cabelos sobre a pia e vestiu-o em um dos pulsos. Puxando os cabelos para trás com as duas mãos, enrolou-os no alto da cabeça até formarem um coque, prendendo-os em seguida com o tal elástico.

Jogou uma água no rosto para espantar o sono e as remelas guardadas no canto dos olhos. Pegou a

sua escova de dentes, nela pôs um montinho de creme dental e iniciou o procedimento de diminuição do bafo matinal.

Dentes escovados, apoiou as mãos sobre a pia e encarou-se por alguns segundos, como se quisesse reunir forças para o grande desafio que tinha pela frente. Meio sem querer, começou ela a imaginar o tamanho do sofrimento reprimido pelo noivo. Não foi capaz de mensurar com exatidão sua dimensão, porém tinha plena noção de que não se tratava de algo pequeno, tendo em vista o tempo decorrido desde a recaída. Maior ainda se tornaria a extensão do padecimento se considerado todo o período desde a descoberta do primeiro tumor na cabeça até o presente momento...

Daí, repentinamente, veio-lhe à cabeça o medo de perder o seu tão querido Arthur. Sem nenhum aviso, o temor de que a doença pudesse triunfar tomou conta de suas ideias. Não! Isso não poderia ocorrer de jeito algum! Amanda, que não conseguia mais imaginar a vida longe de Arthur, certamente não aguentaria seguir em frente se o pior acontecesse. Como superar um trauma como esse? O simples fato de cogitar tal possibilidade já era o bastante para lhe deixar os olhos molhados.

Doença desgraçada!, pensou.

Antes que se deixasse levar por um interminável ciclo de pensamentos pessimistas, retomou ela as rédeas de sua mente e forçou-se a interromper essa verdadeira reação em cadeia negativista. Recompondo-se diante de seu reflexo, enxugou os olhos nas mangas compridas do moletom.

Sabia perfeitamente que momentos de fraqueza como esse não ajudariam em nada na missão que se propôs a desempenhar. Então, naquele instante, mirando-se no fundo dos olhos, prometeu Amanda não se deixar derrotar por si mesma.

Isso nunca mais vai acontecer! Não serei vencida pelos meus medos ou por qualquer outro tipo de pensamento!, afirmou ela internamente.

O gosto amargo do sentimento de derrota aos poucos desaparecia de sua boca. Vencido completamente o momento de covardia, prosseguiu com o planejamento do dia.

Abriu cuidadosamente a porta do banheiro para não fazer barulho. Dois passos adiante, olhou em direção à cama e verificou que Arthur ainda permanecia adormecido.

Feito isso, desceu toda a extensão da escada na ponta dos pés e encaminhou-se para a cozinha, com a intenção de cumprir a primeira tarefa daquele sábado: café da manhã especial servido na cama.

Não seria fácil preparar a refeição sem acordar Arthur, visto que a cozinha americana se comunicava diretamente com a sala, que por sua vez se ligava ao mezanino logo acima onde ficava o quarto, sem qualquer parede para abafar os ruídos.

Contava a seu favor o sono quase sempre pesado do noivo, no entanto isso não era garantia de que cumpriria seu objetivo sem estragar a surpresa. A fim de não correr nenhum tipo de risco, deveria aprontar tudo o mais silenciosamente possível.

Abriu o armário debaixo da pia da cozinha e de lá, bem do fundo, retirou uma bandeja de madeira, daquelas que têm pezinhas laterais dobráveis, e assentou-a em cima da bancada. No corredor de louças, buscou pratos, talheres e os demais utensílios que seriam usados nos preparativos.

No prato fundo, despejou uma porção dos cereais matinais preferidos de Arthur. Separou três pedaços do bolo de cenoura e colocou-os num dos

pratos rasos. Puxou a lingueta da torradeira para baixo após nela enfiar duas fatias de pão de forma.

Aproveitando o tempo necessário para os pães tostarem, apanhou na geladeira leite, iogurte natural, requeijão, geleia e morangos, já pré-lavados e cortados. Entornou o iogurte numa tigela e por cima acrescentou os morangos, sem miséria. Cortou ao meio algumas laranjas da fruteira e começou a preparar o suco no espremedor eletrônico.

Ô coisa barulhenta..., pensou Amanda contraindo todos os músculos do rosto, quase que se arrependendo de fazer o referido suco.

Uma laranja se foi. Duas. Duas e meia, e... pularam os pães na torradeira.

Interrompeu o suco por um segundo. Com as pontas dos dedos, pôs sobre outro prato as torradas impecavelmente douradas. Mais duas fatias de pão na torradeira, novo acionamento da lingueta. Regressou à feitura da laranjada.

Meu Deus... Será que um suco precisa fazer tanto barulho?

Três laranjas e... quatro! Suco enfim terminado. Serviu-o em dois longos copos de vidro.

Picou uma maçã e dispôs as finas fatias ao

lado do bolo, dando um toque *gourmet* à refeição. Nem ficou tão refinado assim, mas, como dizem por aí, o que vale é a intenção...

Outras duas torradas prontas. Pegou com a ponta dos dedos os pães perfeitamente... queimados! Amanda esqueceu novamente de ajustar o termostato na segunda utilização seguida do aparelho e o que era apenas para tostar acabou passando do ponto e ficando preto.

Ah! Nada que umas raspadas com a faca não possam resolver..., concluiu ela após breve análise da situação.

Problema devidamente contornado.

Tudo milimetricamente disposto sobre a bandeja, hora de despejar o leite no cereal e de subir com o desjejum lá pro quarto. Segurou o objeto de madeira pelas alças e guiou-se ao encontro de Arthur.

Logo que começou a subir a escada, percebeu que não tinha a menor desenvoltura para ser garçonete. Pratos, copos e talheres balançavam mais que o aceitável. Além da evidente falta de habilidade, a bandeja também não contribuía em nada... na verdade, só atrapalhava. Quando carregada em frente ao corpo, seu formato

retangular e tamanho avantajado conseguiram bloquear completamente de Amanda a visão dos próprios pés.

Só falta eu jogar esse café da manhã todo no chão..., receou ela.

Para que o pior não acontecesse, concentrou-se na caminhada. Enquanto tentava compensar com os braços os solavancos indesejados, assim como faria o sistema de amortecimento de um carro ao enfrentar uma via malconservada, ia apoiando cuidadosamente os pés sobre os degraus. E desse modo, no compasso de uma tartaruga, um a um, superou todos os dezoito obstáculos.

Enfim o segundo andar... e o melhor: sem maiores incidentes no percurso. Dentro do quarto, apoiou a bandeja sobre a escrivaninha e recolocou em seus devidos lugares aquilo que se deslocara no sacolejado trajeto desde a cozinha. Em seguida, deu a volta na cama e posicionou-se ajoelhada ao lado de Arthur para acordá-lo.

O despertador teve a forma de um beijo na testa e de um afago na orelha.

Em vez de abrir os olhos, Arthur os fechou ainda mais, resistindo claramente em deixar o mundo dos sonhos para trás.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Hora de acordar, meu amor... – falou Amanda de maneira suave.

Ao ouvir o doce cochicho da noiva, Arthur abriu lentamente os olhos. Bem à sua frente, uma Amanda sorridente.

– Ainda tá de noite... – resmungou ele imóvel ao constatar a escuridão que se apoderava do quarto.

– As cortinas que estão fechadas, seu preguiçoso! Já passa das sete e meia da manhã. – replicou ela colocando-se de pé.

Amanda caminhou até a janela, do outro lado da cama, e puxou parte da cortina para permitir a entrada da claridade.

– Olha só que dia lindo! Meio frio, é verdade, mas o céu tá azul, o sol tá brilhando... um belo dia pra se aproveitar! – disse ela tentando encorajá-lo a deixar a indolência de lado.

– Mas sete e meia é quase de madrugada... me deixa aproveitar a cama só mais um pouquinho... – suplicou Arthur.

– Nada disso, seu molenga! E se não acordar, não vai poder desfrutar disso que fiz especialmente pra você...

Disso o quê?, matutou Arthur.

PERIGOSAS ACHERON

Curioso, ele abriu definitivamente os olhos e volveu o corpo na direção da voz da noiva para que pudesse avistá-la. Deparou-se com uma Amanda ainda mais sorridente, ostentando o café da manhã em suas mãos.

Visivelmente surpreso, não conteve as palavras dentro da boca:

– Nossa! Que chique, hein? Qual é a ocasião?
– comentou ele antes de bocejar preguiçosamente.

Sem responder à pergunta, Amanda se aproximou do noivo de posse da bandeja e solicitou uma ajudinha dele:

– Vai... Encosta aí e abaixa as perninhas da bandeja pra mim.

Após apoiar a bunda sobre a cama e recostar-se nos travesseiros, atendeu à segunda parte da solicitação da noiva, para logo depois ver o belo café da manhã ser colocado diante dele.

– O que fiz para merecer tudo isso? – indagou Arthur ainda buscando uma explicação para tanta mordomia.

– Nasceu! – respondeu Amanda simpaticamente. – Agora coma pra você ficar bem forte!

– Mas é muito pra mim, ainda mais depois de

ontem... – anunciou ele se referindo à falta de apetite e aos enjoos que normalmente o acometiam nas primeiras quarenta e oito horas que se seguiam à quimio, principalmente se não comesse com moderação.

– E quem disse que é tudo só pra você? Tô morrendo de fome! – respondeu ela sentando-se toda feliz ao lado de Arthur, na beiradinha da cama.

– E de onde surgiu essa bandejona? Não me lembro dela aqui em casa antes! – questionou Arthur.

– Ah... Achei que a gente tava precisando de uma dessas aqui em casa, então comprei num dia desses aí... Daí decidi que hoje seria um bom dia para inaugurá-la.

Ainda atônito com a encantadora surpresa, Arthur contemplou por um instante os mínimos detalhes do café da manhã que lhe era oferecido. O carinho e o cuidado que Amanda dispensou para prepará-lo emanavam de qualquer ponto da bandeja para onde olhasse. Tudo meticulosamente posicionado: facas, garfos e colheres; pratos, tigelas e copos; torradas e fatias de bolo sobre os pratos; potes de geleia, de requeijão, de orégano... ué, orégano?

– E esse orégano aí é pra quê? – estranhou Arthur.

– Sabe... eu queria mesmo era colocar um vasinho com uma flor ali, mas como não tinha, coloquei o orégano pra representar. – explicou Amanda. – Então use sua imaginação e pense nesse orégano como um lírio amarelo bem bonito... – complementou ela com uma feição agradável.

Pelo visto, não só o carinho e o cuidado de Amanda estavam presentes naquela bandeja, mas também uma dose do seu bom humor, bom humor esse que fez Arthur trocar o semblante até então espantado por outro leve e mais animado.

Amanda notou imediatamente quando despontou nos lábios de Arthur, mesmo que discretamente, o seu primeiro sorriso do dia. Imensamente satisfeita com a reação do noivo, Amanda sorriu de volta e o apressou:

– Agora anda, não enrola senão o leite vai deixar o cereal todo mole!

Sem demora, Arthur obedeceu à noiva. Pegou o prato fundo que continha o leite com cereais e, assim que deu a primeira colherada, escutou mais uma de Amanda:

– E agora que você já sabe que temos essa

bandejona aí, já pode me servir um café da manhã caprichado desses na cama todos os dias...

■ ■ ■ ■ ■

Quando Arthur saiu do banheiro após sua costumeira chuveirada matinal, com a toalha enrolada na altura da cintura e sem medo do frio, já encontrou a cama impecavelmente arrumada no quarto. Lençóis e edredom esticados, travesseiros levemente apoiados na cabeceira. Além disso, avistou também, separada sobre a cama, a roupa que deveria vestir: camiseta branca de algodão, calças esportivas pretas de tactel, suéter cinza-chumbo para aquecer por baixo, jaqueta leve de poliéster, também na cor preta, para quebrar o frio por cima e, pra proteger a careca, um boné azul-marinho. No chão, próximo à muda de roupas, o tênis vermelho de corrida, companheiro outrora tão utilizado e atualmente abandonado, com um par de meias brancas sobre ele.

O recado de Amanda estava dado: não ficariam em casa naquele sábado.

Arthur, dando uma de bobo, apoiou-se no parapeito do mezanino e, direcionando a voz para o

andar de baixo, perguntou:

– Tá pensando em sair por agora?

Amanda, que se achava na cozinha quase acabando de lavar as louças usadas no café da manhã, respondeu lá de baixo:

– Tô sim, e você vai comigo!

Nada mais foi dito por enquanto.

Só mais um copo restava cheio de espuma sobre a bancada da pia para Amanda encerrar o processo de lavação. Ao terminar de retirar o detergente desse último item, colocou-o de cabeça para baixo no escorredor e fechou a torneira. Balançou as mãos dentro da pia para retirar delas o excesso de água e enxugou-as no pano de prato. Deu uma última conferida ao seu redor e certificou-se de que estava tudo organizado. Devolveu o pano ao seu ganchinho de parede e seguiu para o andar superior.

Lá chegando, deparou-se com o noivo já vestido, porém com os pés descalços, deitado de bruços em cima da cama, atravessado, com a cabeça pendendo para fora dela.

– Que bom que já tá quase pronto. Vai calçando o tênis enquanto eu me troco. Num minutinho também fico pronta! – falou Amanda ao

abrir a porta do armário para escolher suas peças de roupa.

– Tô achando que vou ficar por aqui mesmo... Você sabe que sábado não é um dia muito bom pra mim...

– Mas você nem sabe aonde vamos e já tá aí recusando? – retrucou Amanda ainda olhando para dentro do armário.

Arthur fez alguns segundos de silêncio e, em seguida, justificou o seu ponto de vista:

– É que não importa muito o lugar, fico meio detonado no dia seguinte da quimio. E ficar passando mal fora de casa não é muito legal, seja lá onde for...

Amanda interrompeu o que fazia e virou-se para Arthur sentindo um pouco de pena dele.

É... Arthur podia até não saber quais as intenções da noiva para aquele dia, mas Amanda sabia que o noivo tinha certa razão em suas colocações. Embora os vômitos tivessem regredido bastante desde a retomada da quimioterapia e raramente acontecessem nos tempos atuais, Arthur ainda sofria com os enjoos após as refeições e com mais um punhado de outros efeitos colaterais. Seria cruel demais arrastá-lo para fora do apartamento

com tão poucas horas após a sessão de tratamento?

Vendo Arthur deitado em cima da cama, olhando para o chão, parado, na mesma posição que o encontrara instantes atrás, Amanda percebeu que cruel mesmo seria abandoná-lo ali jogado e que essa pena que veio a sentir era, definitivamente, o pior sentimento que poderia ter por ele naquele momento. Caso se rendesse aos argumentos do noivo, não estaria ajudando em nada... na verdade estaria contribuindo para que Arthur continuasse perdido no meio da chuva e se afundando na lama.

Tal como uma mãe que não titubeia e dá ao filho um remédio mais amargo do que gostaria na esperança de vê-lo recuperado, Amanda não podia recuar. Apesar de saber que o gosto ruim do medicamento permaneceria na boca de Arthur por algum tempo, ela precisava ministrá-lo ao noivo, tinha o dever de prosseguir em seu plano, mantendo na mente a certeza de que só assim Arthur se reencontraria e vislumbraria diante de si um caminho menos pantanoso e um horizonte com cada vez menos nuvens negras.

Convicta de que seria o melhor para Arthur, Amanda, sentando-se ao lado do noivo e apoiando uma das mãos no meio das costas dele, tentou

convencê-lo:

– Olha só... pensei em sairmos juntos para fazer uma caminhada lá na lagoa, aproveitar o sol da manhã, tomar um suco num daqueles quiosques, passear pelo jardim botânico, respirar um ar puro... quem sabe até almoçar num restaurante lá por perto...

– Será? Hoje ainda tô meio indisposto, meio cansado... e ainda tem os enjoos, sabe? – disse Arthur sentindo dó de si mesmo. – Por que não vemos como eu acordo amanhã? Daí a gente vê se faz tudo isso, pode ser?

Amanda persistiu:

– Ah... Vamo lá! Vai ser ótimo! A gente vai caminhando devagarinho, no seu ritmo. Além do que, sair de casa vai te fazer bem, você vai ver... Fazemos assim: esperamos mais uns trinta minutos pra esse mal-estar passar e daí saímos! – insistiu ela.

Arthur, tentando preservar as raízes que ligavam seus pés cada vez mais ao interior do apartamento, virou o rosto para o lado de Amanda e, com uma cara de cachorro abandonado que caiu do caminhão de mudança, tentou sensibilizá-la mais uma vez com seu drama pessoal:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Mas eu...

Utilizando-se de um tom mais enfático, Amanda o interrompeu imediatamente:

– Nada de “mas”! Sem mais desculpas! Chega de moleza! Saímos em trinta minutos!

Arthur, desconfiando que sua noiva estava decidida a arrancá-lo para fora de casa de qualquer maneira naquele exato dia e naquela exata manhã, e que coisa nenhuma a faria mudar de ideia, testou a perseverança da noiva com mais duas perguntas:

– Vai ficar aí me amolando até a gente ir, né?

– Né.

– E não tem nada que eu possa fazer para adiar por mais que trinta minutos essa sua agenda, né?

– Não, Arthur... Não tem! – respondeu ela balançando a cabeça de um lado para o outro. – Nadinha mesmo!

– É... eu imaginei... – retrucou Arthur ao comprovar a inflexibilidade de Amanda. – Então troque sua roupa que saímos em vinte e nove minutos daqui de casa! – completou ele já meio que conformado com a programação de sábado.

■ ■ ■ ■ ■

PERIGOSAS ACHERON

Lagoa dos Patos, zona centro-sul da cidade. Distraído com os encantos naturais que habitavam o entorno da orla, Arthur nem sentiu a distância que caminharam ao longo do lugar. Mil quinhentos e cinquenta metros pra ir e igual distância para voltar. Sim, ir e voltar, pois não chegaram nem perto de percorrer os dezoito quilômetros exigidos para dar uma volta completa na lagoa.

Mas daí também já seria pedir demais, né... Um esforço mais que exagerado e desnecessário do agora tão cansável Arthur. Nem se todas as sete maravilhas do mundo antigo mais as sete do mundo moderno estivessem por ali enfileiradas seriam capazes de distraí-lo da fadiga que lhe imporia tão longo percurso. A quimioterapia roubara grande parte do outrora tão invejável condicionamento físico do rapaz, então não era uma boa ideia abusar. E pra falar a verdade, Amanda também não teria disposição nenhuma de encarar com os próprios pés tamanha jornada. Ela, que não era das mais adeptas às caminhadas, abria uma exceção a fim de desvincular Arthur de um possível processo depressivo, e, verdade seja dita, abria por ele quantas outras exceções fossem necessárias.

Bom... Retomando o assunto, nesses pouco

mais de três quilômetros, vida e beleza em quase todo canto: uma infinidade de árvores das mais variadas formas e tamanhos; relva de um verde escuro colorindo cada porção de terra existente no local, interrompida apenas pela faixa avermelhada de cimento, destinada aos frequentadores da região e que contornava toda a extensão d'água; diversos animais de pequeno porte e... patos! Pouquíssimos, aliás... Aparentemente em número bem inferior ao de outras aves aquáticas que o casal pôde identificar com sua larga insipiência ornitológica e certamente em contagem muito menor que a esperada para uma lagoa com tal nome. “Devem estar passeando em outra parte...”, concluiu Amanda. “Ou se suas noivas não os derrubaram da cama, devem estar dormindo quentinhos em suas casas...”, cutucou Arthur antes de levar um sonoro tapa no braço. Comentários e brincadeiras à parte, os patos estavam lá, tentando bravamente justificar a alcunha do lugar. Alguns dentro da água evidenciando a aptidão da espécie para o nado, outros do lado de fora exibindo seu gingado desengonçado.

E o casal de noivos não estava abandonado... Muitas outras pessoas também estavam lá, sozinhas

ou acompanhadas, correndo, caminhando ou sentadas sob a sombra de uma árvore, aproveitando das mais diversas maneiras o sábado ensolarado, que aos poucos ia se tornando um tanto menos gelado.

Seguindo o planejamento de Amanda, era hora de escolherem um dos quiosques do entorno da lagoa para tomarem algo. Como eram todos padronizados e supostamente idênticos entre si, optaram pelo que se encontrava mais próximo a eles.

O simpático ponto de vendas selecionado, assim como os demais, era composto basicamente por uma pequena cozinha retangular, onde preparavam-se os pedidos dos clientes, delimitada por paredes de alvenaria de cima a baixo em dois de seus lados e cercada nos outros dois cantos por um balcão, também em alvenaria, encimado por um tampo de madeira. De frente para a cozinha, quatro mesinhas também de madeira, cada uma delas acompanhada por um par de cadeiras, simetricamente distribuídas sob a sombra do telhado cerâmico que cobria todo o estabelecimento.

Eram os únicos clientes naquele momento.

Para ela suco de maracujá com morango, para ele apenas uma garrafinha de água mineral. O sol mais alto no céu e a atividade física moderada já autorizavam Arthur a tirar a primeira camada de proteção contra o frio, a jaqueta preta de poliéster, e colocá-la sobre uma das mesinhas ali dispostas. Amanda, normalmente não tão calorenta quando ele, apenas abriu parcialmente o zíper de sua blusa de frio e arregaçou suas mangas dos punhos até os cotovelos.

Ela, de pé, encostada lateralmente no balcão do quiosque, aguardava sua bebida ficar pronta. Ele, já sentado à mesa, garrafa plástica à mão, acompanhava a espera de Amanda com os olhos.

Graciosamente, Amanda soltou os cabelos, presos num rabo de cavalo, para, em seguida, refazer o mesmíssimo penteado. Com as mãos, apalpou o alto da cabeça para conferir se nenhuma mecha estava fora do lugar. Tudo certo com o visual, abriu o fecho éclair do bolso frontal da jaqueta e de dentro sacou seu celular, ato que, desde que saíram de casa, já tinha se repetido pelo menos uma dúzia de vezes. Usando a ponta dos dedos, conferiu algumas coisas no telefone e nele escreveu um punhado de palavras para logo depois

devolvê-lo ao local de onde fora retirado.

Amanda voltou-se então de frente para as mesas e escorou o meio das costas no balcão. Ao notar que era observada pelo noivo, virou os olhos para cima e deu um longo suspiro, simulando uma reclamação pela demora do suco. Logo após a brincadeira, ela enviou a Arthur um espontâneo beijinho.

De posse da demonstração de carinho da noiva e do sorriso que se fez em seu próprio rosto, Arthur voltou seu olhar em direção à lagoa.

A manhã de poucos ventos praticamente transformava a vasta área tomada pela água num espelho, trazendo para mais perto de todos ali um pedacinho do azul infinito do céu.

Enquanto apreciava a paisagem, Arthur desenroscou a tampinha plástica de sua garrafa d'água para romper o lacre.

Após alguns goles, antebraços colocados sobre a mesa, garrafa confinada no meio das mãos, Arthur se perdeu no reflexo celeste. Ali parado, sem perceber, começou a se esvaziar. Saíam as inquietações, entrava a paz. Nesses segundos, pôde desfrutar de algo que quase havia se esquecido, de algo que outrora fora tão comum e que aflorava

ainda mais em ocasiões como essa, em que se conectava à maravilhosa complexidade do mundo, nas quais se deparava com a deslumbrante perfeição da existência: o sentimento de gratidão pela vida.

Não que os últimos meses tivessem transformado Arthur num alguém que não dava valor à sua própria existência ou num completo ingrato, porém tinham sido duros o suficiente para torná-lo um pouco mais seco e bastante menos entusiasmado com a vida de um modo geral, fazendo-o se retrair gradativamente dentro de si, induzindo-o a limitar o alcance de seus olhos ao interior de seu apartamento, impedindo-o de gozar plenamente sua passagem pela Terra.

Nesse reconfortante momento, Arthur, inteiramente envolvido por aquela levemente ondulada imensidão azul, quebrou o degradante ciclo que vinha consumindo vagarosamente sua alma e libertou-se por um instante dos desprazeres recentes. Mesmo que por apenas um breve intervalo de tempo, ele estava livre. Livre para respirar, livre para não pensar em nada, livre para não temer pelo futuro...

Suco pronto, Amanda finalmente pôde se unir

ao seu noivo. Aproximou-se da mesa e apoiou o copo sobre a superfície quadrada de madeira, bem ao lado da jaqueta e das mãos de Arthur. Insatisfeita com a disposição das cadeiras, puxou o outro assento vago para bem pertinho de seu amado.

Preparando-se para se sentar, constatou ela uma combinação de fascínio e serenidade estampada no rosto do companheiro de caminhada. Desejando não interromper a sincera ligação estabelecida entre Arthur e o ambiente ao seu redor, Amanda acomodou-se silenciosamente na cadeira e buscou com os olhos a admirável vista que o hipnotizava.

Arrebatada pela aprazível cena que dispunham diante dos olhos, Amanda compreendeu de imediato a razão do deslumbramento que identificara há pouco no olhar do noivo. Enroscou então seus braços nos de Arthur e, amparando a cabeça no ombro dele, juntou-se ao seu herói na nada árdua tarefa de contemplar toda aquela extasiante beleza.

Grudados um ao outro, sem nada nem ninguém para importuná-los, permitiram-se ali ficar pelo tempo necessário para os olhos se cansarem e

o suco de Amanda se acabar.

■ ■ ■ ■ ■

Aproximadamente quarenta minutos mais tarde, e até o momento sem nenhum sinal de enjoos ou mal-estares, chegavam ao Jardim Botânico, na mesma região centro-sul da cidade.

O imenso local, quase todo a céu aberto, se dedicava à exposição de centenas de exemplares de plantas, pequenas, médias e grandes, das mais recorrentes no país até as mais raras do continente. Espécimes de outras partes do mundo também estavam representadas, algumas delas, inclusive, sob sério risco de extinção devido à veemente intervenção humana em determinadas áreas do planeta. Separados por bioma, cada um dos seres vivos ostentava uma plaquetinha de identificação, contendo o nome científico e o popular.

Sem pressa, Arthur e Amanda passearam por todos os setores do lugar. Alameda das Orquídeas, com suas delicadas flores pendendo de uma fileira de postes de madeira; Território Nacional, dedicado às variedades vegetais endêmicas no país; Praça Central, com sua simetria de chafarizes e jardins...

Nada ficou para trás.

Celulares eventualmente à mão, mas por motivos muito diferentes: ele para registrar os encantos com os quais se deparava, ela para consultar as redes sociais e ocasionalmente responder a uma ou outra mensagem no aparelho.

Adentraram uma grande estufa, feita de vidro levemente opaco e metal, destinada exclusivamente às plantas de regiões da Floresta Amazônica.

Lá dentro, certamente chamavam a atenção a altíssima umidade relativa do ar e a temperatura na casa dos trinta graus Celsius, porém o grande destaque daquele recinto controlado, o que realmente roubava a cena, ficava por conta das mais novas atrações do Jardim Botânico: os três majestosíssimos casais de araras, cada qual de uma espécie diferente, que passaram bem recentemente a transitar livremente pelo interior daquele ambiente, ajudando a remeter os visitantes ainda mais à suntuosa selva sul-americana.

Logo na entrada, grandes cartazes coloridos já advertiam a todos acerca da novidade e alertavam o público quanto ao modo adequado de se portar e de interagir com os animais e, no ponto mais central do lugar, três pedestais de metal sustentavam

placares que expunham fotos e as mais diversas informações sobre os novos moradores, como áreas de ocorrência, hábitos alimentares e outras curiosidades, permitindo a correta identificação dos indivíduos.

Cada um dos pares de aves apresentava à sua maneira suas vistosas colorações às pessoas presentes. Aparentemente mais reservadas, ao menos enquanto Arthur e Amanda estiveram dentro da redoma de vidro, as araras-canindé mantiveram-se um pouco mais distantes, realçando os galhos mais altos das árvores com seus dorsos azuis-claros, barrigas de um amarelo-dourado, faces brancas rajadas de listras negras, bicos e papos também negros e pormenores esverdeados no topo de suas cabeças. Já os outros dois casais de seres alados, araracangas e araras-azuis-grandes, mostravam-se mais adaptadas, mais à vontade com a presença humana, equilibrando-se sobre um dos diversos poleiros de bambu montados bem próximos ao chão, para o delírio das máquinas fotográficas. Um pouco mais agitadas e barulhentas, as araracangas exibiam sua plumagem predominantemente vermelha escarlate no corpo, mesma cor que em suas asas se misturava com o

amarelo vivo, com os toques de verde e com os vários tons de azul, dos médios aos mais escuros, transformando os animais em verdadeiros arcos-íris ambulantes. As araras-azuis-grandes, mais acalmadas e praticamente monocromáticas, mas nem por isso menos chamativas, desfilavam um azul intenso e brilhoso que, como o próprio nome da espécie sugere, tomava conta de todo o casal de indivíduos, ou de quase todo, só não figurando nas patas acinzentadas e em detalhes amarelos na base dos bicos negros e ao redor dos olhos também negros.

Como se não bastasse a simples presença das dóceis, entretanto imprevisíveis, aves, uma delas ainda proporcionou aos presentes uma cena cômica que arrancou gargalhadas de todos... quer dizer, de quase todos...

Num dado momento, uma das araras-azuis alçou voo e separou-se das outras três companheiras, que permaneceram no poleiro, para pousar justamente sobre um dos três placares de informação das aves fixado sobre o chão. Era a oportunidade perfeita para uma foto bem de pertinho do adorável animal cor de anil, e um pai que passeava com seus dois meninos pequenos pelo

local logo percebeu isso. Antes que outros se aproveitassem da chance única, o homem puxou os filhos, que deveriam estar um deles na faixa dos três e o outro na dos quatro anos de idade, para a frente dos pedestais onde o bicho se achava e lá os posicionou cuidadosamente, tentando não espantar a arara, para então realizar o tão desejado registro fotográfico.

Encantados com a beleza azulada, Arthur e Amanda, que estavam por ali quando tudo aconteceu, aproximaram-se mais um pouco e, bastante cautelosos para não interferirem em nenhuma das diversas variáveis que poderiam estragar o intento daquele pai, acompanharam o desenrolar dos fatos de camarote. Outros visitantes também se achegavam aos poucos, assim que percebiam a nobre presença da ave.

Tudo pronto. Filhos posicionados, o pai, andando de costas, afastou-se para trás alguns metros ao passo que sacava o telefone do bolso e acionava sua câmera fotográfica.

Arthur fez o mesmo com seu aparelho celular, vislumbrando a possibilidade de também conseguir alguns belos registros de Amanda ao lado da arara, tão logo aquele pai encerrasse a sessão familiar de

fotos.

O homem, olhando para a tela do *smartphone*, agachou-se buscando o melhor enquadramento dos filhos. As crianças, empolgadas com a pouca distância para o animal que lembrava e muito o personagem principal do filme “Rio”, sorriram ferozmente ao comando do pai, que, logo depois, acionou o obturador da câmera do celular no mínimo uma dúzia de vezes.

Achando graça da cara dos dois meninos, Arthur não resistiu e ergueu a câmera do seu telefone na direção dos pequenos para também fazer algumas fotografias de toda aquela situação.

“Agora, olhando para o bichinho...”, disse o homem.

Os filhos atenderam prontamente ao pedido do pai, virando as cabeças para trás e levantando os olhos em direção à ave.

Foi então que o inesperado aconteceu... Maliciosamente, o animal movimentou suas perninhas e deu um giro de cento e oitenta graus sobre o placar de identificação no qual estava pousado, levantou a longa calda azul e... pimba! Acertou em cheio o ombro do garotinho mais novo com uma generosa porção de cocô...

Sim, cocô! E sim também: maliciosamente! Não há uma outra palavra tão apropriada quanto essa para descrever tal ato daquele animal...

Era quase que uma obra premeditada, intencional e perversa daquela ave que, num piscar de olhos, passou de extremamente adorável e simpática a completamente sádica e demoníaca.

Amanda arregalou os olhos e, sem acreditar no que via, agarrou e apertou o flanco esquerdo de Arthur, que por sua vez ria surpreso de tudo aquilo enquanto clicava continuamente toda a cena.

– Nossa! Que merda! – comentou Arthur com Amanda. – Só pode ter sido de propósito!

– Merda literalmente... – observou Amanda com certa presença de espírito aproveitando a deixa do noivo.

O sorriso do menino atingido pelo cocô desapareceu instantaneamente para ser substituído por um choro copioso. As lágrimas desceram como se em cada um dos olhos da criança houvesse uma torneira aberta. O rosto da pessoinha se avermelhou com a força que fazia para pronunciar uma série de palavras ininteligíveis. O irmão mais velho, nada sensibilizado com a desgraça e o sofrimento fraternais, iniciou uma gostosa gargalhada ao ver a

marca do excremento sobre o ombro do irmão caçula, o que extraiu risos de grande parte da plateia.

Para completar, a ave, de frente novamente para o público após outro giro de cento e oitenta graus, abriu as asas e, balançando a cabeça para cima e para baixo, emitiu seu som característico, que se assemelhava a uma boa e demorada risada. Daí, entregou-se quem ainda não ria e gargalhou quem com tudo aquilo já se divertia.

– Olha lá! Não disse? Foi de propósito! – complementou Arthur com a noiva. – Agora o bicho tá debochando do menino!

Acolhendo o filho alvejado em seus braços, nem o pai resistiu e acabou por deixar escapar um riso no canto dos lábios. Desprovido dos instrumentos necessários para a limpeza do ombro de seu pequeno, o homem saiu de cena procurando um banheiro, com um herdeiro ainda aos prantos no colo e o outro se acabando de rir sendo puxado pelo braço.

Cessada a situação inusitada, Arthur, recuperando-se da bem-vinda dor abdominal provocada pela crise de riso, tentou encorajar Amanda a também se aproximar e a posar ao lado

da arara:

– Vai lá, meu bem!

– Eu não! Sei lá quanto cocô um bicho desses consegue fazer! Melhor não arriscar... – respondeu ela bem-humorada.

A solução encontrada foi uma série de fotos a uma distância segura do raio de ação anal do animal, incluindo algumas *selfies*: casal sorrindo feliz à frente, arara diabólica enquadrada ao fundo.

De trinta a dezessete graus Celsius em um segundo. Para prosseguirem até as demais atrações do Jardim Botânico, teriam que encarar novamente o friozinho do final daquela manhã de dezembro. O choque térmico era inevitável e, para amenizá-lo, era hora de revestirem suéteres, jaquetas e quaisquer outros acessórios contra o frio que haviam desvestido pouco depois de ingressarem no ambiente climatizado.

Já reagasalhados, porém sem nada para proteger os rostos, a sensação de atravessar as portas de saída da grande estufa tropical foi similar à de enfiar a cara dentro do congelador.

Readaptados em poucos minutos ao clima exterior, seguiram em frente no passeio...

Despenderam algum tempo contando

borboletas no agradável espaço dedicado a essas delicadas criaturas. O borboletário, confinado no interior de uma construção no formato de uma semiesfera, contava com trezentos metros quadrados divididos em duas partes. Uma delas, edificada em alvenaria e ocupando cerca de vinte por cento da área total, abrigava a entrada para os visitantes e uma sala restrita ao público, carinhosa e apropriadamente apelidada de “berçário”. A outra parte, o viveiro de exposição propriamente dito, envolta numa estrutura constituída por hexágonos de metal e resguardada por uma tela especial, que permitia a passagem do ar e da luz solar e impedia a entrada de predadores e, obviamente, a fuga dos insetos voadores, comportava, além do laguinho e da pequena cascata, o bem desenhado e florido jardim. Numa, os ovinhos coletados dentro do viveiro eram guardados e cuidados até eclodirem e se transformarem em lagartas, que por sua vez, eram criadas até formarem casulos. Noutra, os bichos que no berçário ganhavam asas ao se tornarem adultos eram soltos para viverem em meio às várias plantas e flores do local.

A época do ano não era das mais propícias para se observar uma grande quantidade de asas

coloridas alegrando o ambiente, mas, mesmo assim, algumas dezenas de borboletas podiam ser vistas esbanjando seu charme pelo ar, fazendo um lance rápido em uma e outra flor ou descansando repousadas em um cantinho qualquer.

Vermelhas com detalhes pretos, pretas com pormenores vermelhos e brancos. Azuis ou amarelas com bordas escuras, escuras com toques verdes-claros. As mais variadas cores se fundiam em diferentes formatos de asas.

Era muito fácil não notar alguma das moradoras pousadas sobre o chão, por isso um certo cuidado ao caminhar era necessário para que ninguém causasse uma tragédia ambiental em pequena escala.

Amanda se empolgou tanto com as borboletas que parecia até que nunca tinha visto uma antes em sua vida... Apontava e se maravilhava com todas que avistava.

Comportava-se como uma criança pequena dentro daquele recinto. Fotos e mais fotos... Foto dos bichinhos, foto com os bichinhos, dessa vez sem medo de ser atingida por um jorro de fezes. Foto junto às placas de identificação, foto em frente às asas gigantes que existiam no local,

transformando-se ela própria numa autêntica borboleta. Delirou ao presenciar uma das criaturinhas, laranja e salpicada por pontos brancos em suas extremidades negras, pousar no peito de Arthur. “Dizem que é sinal de boa sorte!”, comentou ela... Foto!

Ao sol do meio-dia, chegaram num dos cartões postais da cidade que ali no Jardim Botânico jazia, cópia praticamente fidedigna de uma das mais singulares atrações da Ilha Mainau, na Alemanha: uma longa e belíssima escadaria de pedras acinzentadas, aprisionada dos dois lados por largas faixas de tulipas vermelhas, brancas, amarelas e alaranjadas aleatoriamente misturadas, por onde descia centralizada uma suave queda d’água, ligando um mirante lá no alto à parte mais baixa. A sucessão de flores e degraus que venciam o aclive em dois níveis, sendo o primeiro menos íngreme que o segundo, ainda era cercada longitudinalmente por duas fileiras de ciprestes italianos. Estas árvores ornamentais de grande estatura e de copa esguia e estreitada, que lembram pinheiros confinados em tubos de ensaio invisíveis, pareciam brotar de um verdadeiro tapete lilás, formado por milhares de diminutas florezinhas, que

ziguezagueava por entre suas bases.

O verde das folhas se harmonizava perfeitamente com as tonalidades exuberantes das pétalas. O vívido colorido das flores contrastava impecavelmente com o cinza frio e lívido das pedras.

Amanda e Arthur encararam o amplo e extenso lance de escadas que acompanhava lateralmente a primeira metade do cartão-postal a fim de alcançarem a passarela que partia quase ao meio aquele jardim inclinado de tulipas.

Chegando ao lugar almejado, escoraram-se lado a lado na grade de ferro da referida passarela e apreciaram a obra paisagística por uma outra perspectiva. Dali percebia-se que pastilhas cor de ouro recobriam o caminho por onde a água corria, a parte de cima dos degraus, cintilando de maneira única os raios solares e emprestando tons dourados ao líquido que sobre elas fluía.

Amanda ainda se distraía com a abundância de cores do jardim quando Arthur fechou os olhos e concentrou-se no manso e contínuo ruído produzido pelo transbordar da água entre os degraus. Gradativamente, sumiam todos os outros sons que acometiam o local. O zum-zum-zum das

peçoas já não mais havia, o canto longínquo dos pássaros esvaneceu, o sussurro quase imperceptível das abelhas, voando de flor em flor, desapareceu. Era somente ele com o singelo escoar da corrente d'água... e mais nada. Mais nada para pensar. Mais nada para perturbar. Mais nada para complicar. Nada...

Após alguns instantes, ainda com as pálpebras cerradas, Arthur sentiu-se envolver pelos braços de Amanda, o que fez reduzir a zero o já diminuto espaço que existia entre eles. Um beijo na bochecha dele se sucedeu. O “eu te amo” murmurado ao pé do ouvido veio despertá-lo do transe que nele havia se instaurado.

Desfeito o abraço de Amanda, Arthur abriu os olhos com um sorriso já se apoderando de seus lábios. Virou-se então para a noiva e mirou-a no fundo dos olhos.

E foi aí que Arthur percebeu o óbvio... Fitando silenciosamente aquele profundo tom castanho-claro, entendeu que não tinha isso de “somente ele e mais nada”... A doce presença de Amanda em sua vida não podia mais ser negada ou ignorada. Desde a noite em que resolveu não se omitir e interferiu corajosamente no destino da acuada, e até então

desconhecida, donzela, eram sempre ele e Amanda, Arthur e ela. Por mais que tentasse se desligar de tudo e de todos e se autoatrelar a palavras como “só”, “sozinho” ou “apenas”, vinha Amanda, fisicamente ou em seu subconsciente, provar que tais termos usados essencialmente para apartar e afastar, para segregar e distanciar, não mais o podiam acompanhar, ao menos por um período prolongado de tempo. Quando não vinha diretamente, por um abraço afetuoso, por um beijo carinhoso ou por palavras meigas suavemente proferidas pertinho da orelha, ela o fazia até mesmo quando ausente, indiretamente, tomando-lhe os pensamentos no meio do dia, sem pedir qualquer tipo de autorização ou licença, preenchendo a mente de Arthur com uma coletânea de boas lembranças ou simplesmente com a imagem do inconfundível sorriso dela. Desde a supracitada noite, eram os dois, sempre, ele mais ela, indivisíveis, inseparáveis, indissociáveis.

E de fato tudo isso era verdade. Arthur nunca seria plenamente bem-sucedido na tarefa de se isolar. Todos os esforços empreendidos nesse sentido seriam meramente em vão, pois Amanda, mais cedo ou mais tarde, estaria lá. Nada poderia

ele arranjar para vencer a força de vontade daquela moça de estar ao seu lado, de se fazer presente.

E ali, um de frente para o outro, olhares conectados, Arthur repousou sobre a face de Amanda as palmas de suas mãos, uma de cada lado do rosto, encobrindo o queixo e as bochechas da noiva, e exteriorizou com extrema franqueza as palavras que partiam de dentro do seu coração:

– Também te amo!

Dito isso, pôde ele sentir o sorriso sincero de sua amada surgir sob seus dedos.

Amanda envolveu as mãos do noivo com as suas.

– Tá com frio, meu bem? – perguntou ela.

– Nem tô...

– Não é o que suas mãos fazem supor. – disse Amanda se referindo aos dedos ligeiramente frios do noivo.

Apesar da resposta negativa de Arthur, puxou ela para diante de sua boca as mãos do noivo e nelas aplicou uma baforada com o ar que tinha nos pulmões, vindo a friccioná-las em seguida a fim de aquecê-las.

Seguindo com o movimento de atrito, Amanda desviou os olhos para a sua direita e observou o

segundo nível do jardim inclinado de tulipas de baixo até em cima.

– Vamos subir? – convidou ela ao alcançar com as vistas o mirante posicionado na parte mais elevada.

– E eu teria alguma outra escolha senão ir? – ironizou Arthur já meio desconfiado da resposta que iria ouvir.

Num lance rápido, Amanda agarrou as mãos de Arthur que até então esquentava e, ao mesmo tempo, virou o corpo em direção ao caminho lateral em forma de “U”, com pouco mais de oitenta metros e repleto de degraus em sua maior parte, que os conduziria da passarela onde estavam ao ponto mais alto do jardim.

– Não, não teria! Rá! – disse ela sorridente iniciando o rebocamento de Arthur até o platô superior.

Vencida a longa escadaria, dirigiram-se ao parapeito do mirante e lá recostaram-se por um instante. Além dos dois níveis do jardim de tulipas, via-se mais ao fundo parte da Lagoa dos Patos, que fazia divisa com esse ponto do Jardim Botânico.

Após alguns segundos admirando a vista, Arthur, um pouco ofegante, sacou o boné da cabeça

e deu uma coçadinha bem desanimada na careca. Estava curtindo e muito o passeio, todavia não mais conseguia ele disfarçar o cansaço físico que já o tinha alcançado havia algum tempo. Ao mesmo passo que se tornava espiritualmente mais leve com o desenrolar das atividades idealizadas para o dia, suas pernas tornavam-se mundanamente mais pesadas.

Amanda aproveitou a oportunidade para consultar o celular pela milésima vez nas últimas horas... uma verdadeira compulsão. Tá certo que ela sempre foi meio viciada no aparelho, mas a obcessão pelas redes sociais naquele sábado estava um pouco acentuada. Impressionante como ela, a exemplo de tantas outras pessoas pelo mundo, simplesmente não conseguia ficar mais que alguns minutos sem olhar para o bendito telefone. Era como se fosse parar de respirar ou algo parecido se deixasse de sondar o que acontecia naquela pequenina tela retroiluminada...

Logo que superou seu momento de dependência virtual e guardou o *smartphone* no bolso, Amanda notou o jeitão mais esgotado do noivo.

– Muito cansado? – indagou ela a Arthur.

– Agora fiquei um pouquinho... – concordou ele usando de certo eufemismo.

É... Parece que Amanda exagerou um bocado na intensidade das atividades daquele primeiro dia de resgate. A intenção da moça até podia ser das melhores, mas essa era mais uma daquelas diversas ocasiões da vida em que se desaconselhava uma *overdose*... Um passeio demasiadamente prolongado em vez de ajudar poderia de certa forma até vir a prejudicar a condição já precária do noivo. A vontade de revigorar por completo a alma de Arthur o mais breve possível talvez a tenha feito errar a mão no planejamento daquele primeiro dia... ou não.

Amanda chegou a se sentir ligeiramente culpada pela exaustão do noivo, todavia, em contrapartida, estava satisfeita com o tempo que o mantivera fora do *loft* naquele sábado. Desse modo, e antes que a bateria de Arthur se acabasse de uma vez por todas, Amanda tratou de reajustar o suposto cronograma elaborado por ela para o restante do dia:

– O que acha então de abortarmos o almoço no restaurante e voltarmos pra casa? De lá podemos improvisar com o que tiver na geladeira ou pedir

alguma coisa pelo telefone...

Arthur recolocou o boné sobre a cabeça e, de posse de uma cara meio pensativa e apertada, analisou a proposta que lhe fora apresentada. Ele sabia que tinha muito tempo que o casal não fazia um programa sugerido por Amanda, ou melhor, sabia que tinha muito tempo que não faziam qualquer tipo de programa, e não desejava ele ser o responsável pelo cancelamento de parte da agenda ainda não cumprida do final de semana. Por outro lado, sentia-se realmente cansado... Não era nenhum tipo de golpe, encenação ou teatro.

Verdadeira sinuca de bico... O que fazer?

Sem querer assumir a responsabilidade da decisão, Arthur jogou a peteca de volta para Amanda:

– Não sei. O que acha?

Ela parou por um momento. Olhou para cima, para os lados, para a Lagoa dos Patos e, enfim, proclamou sua decisão:

– Ah... quer saber? Vamo pra casa.

– Tem certeza? Não vai ficar chateada? – insistiu Arthur.

– Sabe... até eu, que não faço quimioterapia, tô meio cansada. Já passeamos bastante por hoje. O

restaurante pode ficar pra outro dia... hoje vamos almoçar em casa!

Cotovelos apoiados sobre o resguardo de metal, rosto virado para a noiva, Arthur balançou positivamente a cabeça, aprovando e referendando a decisão de Amanda.

– Então... Vamo pra casa? – disse ela desencostando-se do parapeito e estendendo a mão na direção do amado.

– Vamo!

■ ■ ■ ■ ■

Carro estacionado na garagem do prédio, alarme ligado. Elevador chamado, botão de número quatro apertado. Depois de uma breve e suave viagem vertical, achavam-se os dois, Amanda e Arthur, magicamente no andar em que moravam. Alguns poucos passos e lá estavam de frente para o 404.

Chave na fechadura, duas voltas no sentido anti-horário e pronto: a porta estava destrancada. Mão na maçaneta e... surpresa!

Pai, mãe, sogro e sogra de Arthur, todos circulando conforme suas vontades pela cozinha do

apartamento.

– Olha, gente! Eles chegaram! – anunciou a mãe de Amanda, sentada junto à bancada que dividia cozinha e sala, ao notar a porta da frente se abrir.

– Oi, meus amores! – comemorou logo depois a mãe de Arthur. – A famosa lasanha do seu pai já está quase pronta pra ir pro forno!

– Oi, pessoal! – cumprimentou o pai de Amanda simpaticamente.

Do pai de Arthur, que de avental mastigava alguma coisa enquanto terminava de preparar o prato principal próximo à pia da cozinha, um tchauzinho acompanhado de um sorriso foi o que por ora conseguiu o casal de anfitriões.

Embasbacado, a primeira reação de Arthur foi olhar para a pessoinha bem ao seu lado.

– Parece que não vamos precisar pedir o almoço pelo telefone... – brincou Amanda toda contente e realizada com o perfeito andamento de seu plano, plano esse meticulosamente premeditado para aquele sábado e cuidadosamente coordenado à distância.

Essa parte da programação do dia podia até ser um repeteco ligeiramente alterado do evento que

ela mesma havia preparado tempos atrás para o mesmo Arthur, aquela reunião surpresa na casa dos pais de seu, à época, namorado, realizada no dia seguinte à descoberta do tumor na cabeça e bem na véspera da biópsia estereotáxica. Mas Amanda não viu mal em reusar aquela ideia, mesmo que perdendo um pouco em originalidade. Não havia problema algum em repeti-la, desde que Amanda pudesse ver em Arthur a mesma repercussão positiva que observara nele naquela ocasião.

– Isso explica a cama arrumada e o seu celular mais nervoso que o normal... – disse Arthur ligando os pontos.

E ele tinha toda a razão ao fazer a primeira metade de sua colocação... Amanda não teria coragem de receber visitas sem dar antes uma pequena guaribada que fosse na casa. Quanto à segunda metade do comentário, também tinha acertado. Pelo telefone, durante toda a manhã daquele sábado, Amanda verificava constantemente a execução do seu plano através dos aplicativos de mensagens e tornava-se disponível para ajudar em caso de algo fugir do que fora por ela traçado. Não se tratava afinal de um aprofundamento do vício virtual da noiva...

Arthur não tinha desconfiado de nada até então... nem poderia desconfiar. Quando motivada a surpreender alguém, Amanda raramente falhava. A chance de ela fracassar era quase a mesma de alguém morrer afogado no meio do deserto do Saara. Bom... Pode até ser que um ou outro maluco venha a se afogar por lá num daqueles raríssimos oásis, mas há de se concordar que a chance de isso acontecer na prática é extremamente baixa.

– Seu irmão chega um pouco mais tarde, tá só esperando a esposa sair do trabalho para vir pra cá. Sua irmã, seu cunhado e seus sobrinhos, como você sabe, não estão na cidade. – completou Amanda.

Sorriso no rosto, Arthur olhou mais uma vez para todos dentro do apartamento, meio que se certificando de que pais e sogros estavam realmente ali, para, em seguida, voltar a mirar a noiva.

– E se eu tivesse insistido pra gente almoçar lá na região do lago? – questionou Arthur à noiva.

Sem demora e demonstrando que estaria preparada para qualquer desvio de rota ou outra eventualidade, Amanda revelou:

– Ah... daí eu teria que inventar uma dor de barriga brava pra gente ter que voltar pra casa!

Agora era a vez de ela ter razão... Com

PERIGOSAS NACIONAIS

diarreia não se brinca! Caso ela apelasse para uma coisa assim, somente restaria a eles parar imediatamente com tudo e retornar pro apartamento. Algumas circunstâncias na vida só podem ser enfrentadas no conforto do lar, e uma dor de barriga bem doída com certeza é uma delas.

Sem a necessidade de outras explicações, Arthur entrou e cumprimentou a todos ali, vindo Amanda logo atrás fazendo o mesmo. Muitos abraços, beijos e sorrisos desferidos e igualmente retribuídos.

Acomodaram-se em duas banquetas, por ali mesmo, no meio da cozinha, e o papo começou a fluir.

Os seis se divertiram com Amanda contando os detalhes daquela armação e de como tentava se esquivar do noivo para poder conferir o celular sem que ele suspeitasse de todo o esquema. Riram de Arthur narrando e evidenciando com fotos o episódio de como a arara-azul de mais cedo transformou uma criança num alvo fecal. Alegraram-se com as piadas, as gracinhas e os causos bem-humorados do pai de Arthur, que tradicionalmente faziam parte de todos os eventos familiares.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cada um participou como pôde no restante dos preparativos do almoço. Amanda e seu pai assumiram a lavagem e montagem da salada. Arthur e sua sogra separaram pratos, talheres e guardanapos. O pai do anfitrião, após colocar a lasanha no forno, partiu para a selagem das almôndegas, que já estavam enroladas, usando panela, azeite e fogo alto, enquanto sua esposa finalizava o molho de tomate para o posterior cozimento das bolinhas de carne.

Com mais alguns momentos de conversa fiada, o queijo mais dourado na superfície da lasanha dentro do forno e o molho de tomate borbulhando ao redor das almôndegas no interior da panela indicavam que a hora de comer se aproximava.

O interfone, com seu som estridente, anunciou que o irmão de Arthur e Sophia chegavam bem a tempo de participar do banquete.

“E aí, careca?”, bradou Gabriel saudando alegremente o mano caçula ao cruzar, instantes depois, a porta da sala. O sorriso que praticamente não abandonou o rosto de Arthur desde que chegara em casa ganhava mais uma razão para não deixar seus lábios.

PERIGOSAS ACHERON

Munido de três litros de suco de frutas, daqueles de caixinha, algumas cervejas e sorvete para a sobremesa, o último casal de convidados que faltava agora tornava a reunião completa.

Da cunhada Arthur ganhou dois beijinhos no rosto, do irmão um abraço apertado e as sacolas do supermercado.

– Pô! Sorvete? Justo nesse frio? – observou o pai de Amanda.

– Claro! No frio fica mais barato... – retrucou Gabriel todo sorridente.

O cansaço físico que lá no Jardim Botânico dominava Arthur nem era mais por ele notado... Já havia sido completamente subjugado por sua euforia e seu entusiasmo.

Amanda se deleitava assistindo à leveza demonstrada pelo seu companheiro. Quase não lembrava o homem consternado em que se transformara no decorrer do tratamento. Uma ou outra palhaçada já podia ser vista sendo por ele acertadamente colocada no meio das conversas, descontraindo ainda mais o já festivo ambiente.

É... Dra. Julia tinha razão..., pensou ela.

Mesmo que a médica tivesse errado o diagnóstico, mesmo que não se tratasse de algo

relacionado à depressão, estaria ela inteiramente certa na solução: amor.

Ali, cercado das pessoas que dele mais gostavam, Arthur aos poucos se emancipava da tristeza que o perseguia e voltava a ser o bom e velho Arthur: brincalhão, extrovertido, alegre e debochado.

Hora da boia!

Servidos, os quatro mais velhos tiveram preferência para ocupar as quatro vagas disponíveis na bancada da cozinha americana, que fazia as vezes de mesa de jantar do pequeno apartamento. Os outros mais novos, sentados nos pufes e no sofá da sala, acharam um jeitinho de se ajeitarem com seus respectivos copos e pratos.

Quem era de repetir, repetiu. Arthur, prudente, comeu apenas o suficiente. Como sabem, as pequenas porções, principalmente no dia seguinte da quimio, eram uma boa pedida para que ele não viesse a ficar muito enjoado, e quanto a essa manobra preventiva já estava Arthur plenamente habituado nessa altura do campeonato. Todavia, tinha algo a mais nessa jogada... ele que não era bobo nem nada, também queria salvar algum espaço na barriga para o sorvete, mesmo se

tratando de um sábado um certo tanto gelado.

A prosa não tinha fim. Amanda seguia buscando por algum sinal de extenuação por parte de seu amado, pronta para interromper aquele encontro familiar caso fosse necessário e permitir que ele afinal descansasse. Porém, tal qual uma criança que não se exaure de brincar no parque, Arthur demonstrava não sentir o tempo passar, e o que era pra ser apenas um almoço, emendou-se com o lanche no final da tarde.

Impressionante como que a reunião, mesmo que prolongada, parecia não ter o poder de desgastá-lo. Muito pelo contrário... aparentava renová-lo. Apesar da agenda cheia daquele dia, estava ele lá firme em meio àquelas pessoas. Mais que isso, achava-se feliz, radiante, venturoso. Arthur redescobria o prazer de dividir momentos e de trocar energia com aquela gente.

Prosseguindo com o evento, para acompanhar o “sobrou” da refeição anterior, bolo de laranja e pães fresquinhos da padaria da esquina. Daí cada um se virou do jeito que quis... Teve gente que ficou só no suco e pão com manteiga, houve quem preferisse um bolo acompanhado de sorvete. Outros já encararam sanduíche de resto de salada com

almôndega amassada.

O sol já se escondia no horizonte no momento em que a comilança se acabou. Sem o calor do astro mor no céu, a escuridão chegava fria.

A noite estava completamente feita quando os ascendentes de Amanda se despediram. Instantes depois, o mesmo foi feito por Gabriel e Sophia. Mais alguns minutos, e, após lavar e secar as louças que estavam sujas na pia, chegava a vez do outro casal de pais partir. Era o encerramento das atividades previstas por Amanda para o sábado. Nada mais de passeios ou de encontros de família, ao menos naquele dia.

Gentilmente, Arthur escoltou seus velhos até a calçada em frente ao portão do prédio e elegantemente fechou a porta do táxi depois de eles embarcarem. Um aceno e se foram dentro do carro amarelo.

Enfim... a sós. De volta ao apartamento, Arthur encontrou a noiva cuidando do resto da bagunça. A comida remanescente já estava distribuída em potes dentro da geladeira. Pratos, talheres e demais utensílios já se encontravam nos armários e gavetas específicos. Sobre a pia, encarregava-se Amanda de separar caixas de suco e

latinhas de cerveja nas respectivas sacolinhas de reciclagem.

Ele se aproximou dela e por trás lhe deu um abraço apertado.

– Não se preocupe mais com isso. Tenho certeza que podemos resolver o restante amanhã. – decretou Arthur contendo com as mãos os movimentos dos braços de Amanda.

– Tá certo... – concordou a noiva ao abandonar o que fazia.

Agora era um bom banho quente pra relaxar e, se aguentassem, um filme na televisão para esperar o sono chegar.

Virando-se de frente para Arthur, não demorou Amanda para aplicar no noivo uma brevíssima pesquisa de satisfação na forma de uma única pergunta:

– Você se divertiu hoje, meu amor?

Ouvida a questão colocada por Amanda, foi impossível a Arthur deixar de revisar mentalmente os acontecimentos daquele sábado. Acordar cedo, a insistência para sair de casa, a cama feita, caminhada na Lagoa, quiosque da orla, Jardim Botânico, o celular mega ativo da noiva, o cancelamento fingido de uma ida ao restaurante,

chegar em casa e dar de cara com pessoas benquistas, almoço em família... Com um pouco mais de atenção, mais do que ligar os pontos, ele agora conseguia compreender que aquilo tudo que experimentara durante o dia deveria, na verdade, fazer parte de um todo ainda maior. Não se tratava apenas de mantê-lo longe de casa para surpreendê-lo num retorno esfuziante. Não... A intenção de Amanda era bem mais elaborada que isso e agora Arthur começava a se conscientizar disso. Claro que a surpresa ao voltar para o apartamento teve seu charme, mas, na realidade, o que ela queria de fato era mostrar a ele que sua jornada recente não deveria, nem precisava, ser tão medíocre e solitária.

Sim, Arthur captou corretamente a mensagem. Aquilo tudo era uma tentativa de reapresentá-lo à vida e à sociedade, de mostrar que mesmo para alguém nas condições dele, molestado e desgastado por um terapia longa, severa e de resultados incertos, restava mais do que uma rotina chula e limitada de casa-trabalho-tratamento e de autoconfinamento no apartamento. Havia ainda um mundo inteiro, logo ali do lado de fora, pronto para ser aproveitado e desbravado, assim como gente disposta a acompanhá-lo de perto nessa caminhada,

gente essa representada pelas pessoas que estiveram junto a ele naquela tarde tão agradável.

E não só com noiva, família e parentes mais próximos poderia contar no tortuoso caminho que percorria nos últimos tempos, mas também com os amigos que andavam por ele tão esquecidos.

De uma forma ou de outra, Arthur vinha deixando a todos meio de lado, uns mais abandonados, outros um pouco menos. Com os amigos praticamente não convivia mais, nem sequer lhes dava a devida atenção nos grupos dos aplicativos de mensagens. Da família fazia algum tempo que recusava companhia para as sessões de quimioterapia, e quando conversavam por telefone ou se encontravam num desses compromissos domésticos inescusáveis, meio que dava um jeito de se esquivar do assunto da neoplasia maligna. Com Amanda se relacionava todos os dias, no entanto a poupava da profundidade de seu padecimento, preservando-a assim do elevado grau de abatimento físico e moral que nele residia.

Ah! Como fazia falta conviver mais de perto com toda essa gente... O encontro daquele sábado foi o empurrãozinho que faltava para Arthur entender que, a seu modo, cada qual tinha sua

importância e seu lugar no preenchimento do buraco que vinha se formando dentro dele despercebidamente nos últimos meses, buraco autoprovocado e que de repente, numa questão de poucas horas, se tornara tão evidente. Através da reunião daquela tarde, Arthur constatou como que uma reaproximação de família e amigos poderia fazer toda a diferença em sua jornada... Não eram eles meros figurantes na história dele, mas sim protagonistas dos mais importantes. O desafio que já seria difícil com o suporte deles, estava consideravelmente pior sem eles...

Amanda, meio sem entender a demora de Arthur para responder a uma pergunta tão simples, indagou novamente:

– E aí... se divertiu?

– Sim, bastante... – respondeu Arthur interrompendo seu raciocínio por um instante. – ... E você?

– Também me diverti... – concordou a noiva. – Gostei muito das borboletas! – completou ela.

Recordando-se da criança hiperativa que se manifestou em Amanda no interior do borboletário, Arthur replicou com certa ironia:

– Sabe que eu quase não percebi?

A gargalhada nos dois emergiu diante do comentário.

Ali, entreolhando-se reciprocamente, a boa risada dos dois logo se transformou num sorriso sincero, que no caso de Arthur veio acompanhado de olhos marejados.

Não pôde ele evitar. A clareza com a qual Arthur agora via o que Amanda por ele fazia tocou-lhe fundo no peito. Não tinha certeza se merecia tamanha dedicação daquela moça, no entanto enxergava nitidamente o quanto era afortunado por tê-la ao seu lado.

Arthur desferiu um beijo na ponta do nariz da noiva em sinal de agradecimento, porém, não satisfeito com a miudeza do seu gesto, acrescentou a estas palavras para melhor expressar sua gratidão:

— Muito obrigado. — disse com a voz embargada pela emoção.

Amanda, comovida pelas poucas porém genuínas palavras, afagou com a mão o rosto choroso do noivo.

Não tem nem o que agradecer..., respondeu ela internamente.

■ ■ ■ ■ ■

Banhos tomados. Enquanto ela terminava de secar os cabelos recém-lavados e de se aprontar no andar de cima, ele descia com sua calça de moletom e camisa de mangas compridas para preparar a “sessão cinema” no andar de baixo.

Nem quinze minutos se passaram e Amanda, de pele hidratada, pijama de flanela trajado e cabelos levemente molhados, já se encaminhava ao encontro de Arthur.

– Se quiser podemos fazer uma pipoquinha... – disse ela dando a volta na parte lateral da sala, iluminada apenas pela tela da tevê de cinquenta e uma polegadas.

Tarde demais... Arthur, sentado no sofá, com o encosto reclinado e assentos distendidos, almofada sob a cabeça e pés descansados sobre um dos pufes, já estava apagado diante da televisão ligada.

A alegria se fez presente no rosto de Amanda ao constatar a serenidade na face de seu amado. Dormia tranquilo, sossegado, o verdadeiro sono dos justos. Sono dos justos exaustos, no caso...

E o cansaço acumulado em Arthur era tão grande e manifestou-se tão rapidamente que não houve tempo hábil de ele se amparar adequadamente do frio com o cobertor que se

encontrava dobrado debaixo de um de seus braços.

Amanda poderia acordá-lo e conduzi-lo pelas escadas até a cama do casal, mas a ela pareceu maldoso despertá-lo de um sono tão gostoso. Aproximou-se então de Arthur e, cuidadosamente, tomou o cobertor em suas mãos para em seguida estendê-lo sobre o corpo adormecido do noivo, recobrando-o desde os pés até a altura dos ombros.

Convencida de que a baixa temperatura não conseguiria abusar de seu noivo, era chegada a vez de Amanda se aninhar. Movimentos calculados, posicionou-se ela bem ao lado de Arthur e abrigou-se sob o mesmo cobertor que já esquentava seu amado.

Controle remoto na mão, deu uma olhadinha para conferir se seu herói seguia desmaiado. Tudo certo...

Meia horinha depois, o programa de competição culinária já deixava as pestanas de Amanda meio pesadas. Sabendo que não conseguiria manter os olhos abertos por muito mais tempo, deu ela uma última espiadela em Arthur: continuava ele descansando serenamente.

Um beijo na bochecha do noivo seguido de um anseio:

Tenha uma boa noite, meu amor!, desejou-lhe Amanda por meio de seus pensamentos.

Apontou o controle para a televisão e apertou uma sequência de botões.

Menu → Sleep Timer → 30 minutos → Ativar

Trinta minutos? Não duraria tanto... Bastaram menos de cinco para que os olhos de Amanda se cerrassem em definitivo. E assim, o primeiro e bem-sucedido dia de resgate de espírito chegava ao fim.

Considerando tudo o que Arthur viveu, sentiu e refletiu, foi de fato um dia muito bem-sucedido. Dia de sorrisos fáceis, de aproveitar cada momento, de sentir-se vivo. Dia de paz interior, de esquecer da doença, de lembrar que não estava sozinho...

Mais bem-sucedido que isso, apenas se Arthur tivesse entendido que a ele não bastavam umas voltinhas fora de casa e reatar a convivência com família e amigos. O remédio para sua alma afligida não se restringia a isso. Tinha também que combater aquela negação autoimposta de sentimentos, materializada principalmente contra Amanda e da qual a vítima central era, sem sombra

de dúvidas, ele próprio. Compartilhar integralmente o que sentia em seu íntimo, poder desabafar, desengasgar, voltar a ser plenamente transparente... só assim Arthur se livraria da condição psicológica que o destroçava internamente e taparia de modo definitivo o vazio do lado de dentro. Isso sim faria toda a diferença no final das contas.

Mas daí seria pedir demais, né... Esperar que Arthur enxergasse a causa fundamental do seu problema anímico e revertisse completamente meses de retraimento num único dia? Nem o próprio Sigmund Freud, pai da psicanálise, seria capaz de uma proeza desse tamanho num prazo tão apertado... Quem diria então Amanda, que de psicoterapia entendia o mesmo que um peixinho dourado de aquário!

Todavia, os resultados ora alcançados por ela nesse primeiro dia efetivo de trabalhos, dispondo apenas de amor e de força de vontade, já eram motivos mais que suficientes para uma comemoração. Era um primeiro e importante passo para Arthur, aquele que o tiraria da inércia... os demais seriam dados com o passar do tempo...

■ ■ ■ ■ ■

E assim foi acontecendo. Outros passeios e encontros foram se sucedendo. Natal em família, réveillon com os amigos. Apoio incondicional de Amanda em casa, atenção redobrada de Dra. Julia e equipe no hospital.

Com o decorrer dos dias, a alegria e o entusiasmo vinham florescendo timidamente em Arthur. Apesar de aparentemente castigado pela quimioterapia por fora, vinha se robustecendo pelo lado de dentro.

Interessante ver como Arthur se desinibiu através do maior trânsito de pessoas em sua vida. Observando a espontaneidade com a qual familiares e amigos dividiam seus próprios problemas com ele, dos mais simples e banais aos mais cabeludos e complexos, Arthur reaprendeu o quão comum e natural é repartir abacaxis e pepinos de qualquer tipo com aqueles com quem se convive.

Tá certo que não aconteceu de uma hora pra outra... Num primeiro momento, ainda calado e meio reservado, era tempo de Arthur se destravar, de se reacostumar, tempo de mais ouvir e, vez ou outra, de palpar. E assim, pouco a pouco, foi relembrando que confidenciar o que perturbava sua

PERIGOSAS NACIONAIS

alma não se tratava apenas de uma mera demonstração de egocentrismo ou de distribuir angústias e plantar preocupações desnecessárias nos outros... Nada disso! Pouco a pouco, foi redescobrendo que compartilhar o que afligia sua mente era algo inerente às relações entre seres humanos e essencial ao estreitamento dos laços de confiança, era permitir que pessoas queridas, e que tanto se importavam com ele, se reaproximassem e acompanhassem mais de perto os altos e baixos da sua vida, exatamente como jamais deveria ter deixado de ser.

E posteriormente, com esses conceitos trazidos de volta à cabeça, era hora de Arthur dar o próximo passo. Não só escutar e opinar, mas também se interessar, apoiar, pensar junto, colaborar, envolver-se de verdade. E assim, voluntariamente, ele o fez.

E conforme os dias iam se passando, as pessoas iam se reaproximando, geográfica e afetivamente. Almoço na casa dos pais, encontros não tão mais esporádicos com o irmão, cinema com a irmã e os sobrinhos...

Arthur não estava mais sozinho, mas, apesar de tudo o acima descrito, ainda se achava meio

PERIGOSAS ACHERON

isolado. Incoerente, porém possível. Convivia sim, entretanto ainda estava preso em sua ilha de sentimentos... E para reverter definitivamente essa lancinante e duradoura situação, tinha que dar um último e decisivo passo... tinha ele que colocar em prática tudo o que reaprendeu e enfim falar acerca de sua doença...

Ele que já participava sem embaraço dos assuntos dos outros, precisava agora de participar aos outros seus próprios assuntos. Apenas botando para fora o que tanto o oprimia poderia encerrar o longo processo de aceitação que se iniciou no momento em que recebeu a tão doída notícia da recaída, só assim conseguiria providenciar a sua saída da ilha, o seu retorno para o continente, e, finalmente, voltar a seguir em frente.

E, nada mais justo, a pessoa elegida para romper esse autobloqueio emotivo foi Amanda. Não que Arthur tivesse escolhido conscientemente ao lado de quem romperia a última camada desse bloqueio sentimental ou que tivesse planejado uma hora e local mais adequados para dar esse determinante passo... Num certo dia, quando questionado pela noiva como se sentia, simplesmente aconteceu, assim, espontaneamente.

O fingimento perdeu e a verdade por fim apareceu. Uma verdade um tanto tímida nesse começo, todavia, uma verdade verídica, corroborada por olhos molhados. E desse jeito saíam de cena os “tudo sob controle” e os “não se preocupe, tá tudo bem” para a chegada paulatina dos “tenho medo ” e dos “não sei se consigo”... O choro represado a tão duras penas enfim escapuliu.

E, de repente, aquele que se fazia de cego, que não queria enxergar a relação direta que havia entre omitir e combalir, vislumbrou todo o poder destrutivo da dissimulação...

Nossa... E como desabafar fazia bem! Remédio eficiente e acessível. Quem diria que mostrar as fraquezas seria um detalhe tão decisivo para o fortalecimento da alma, a peça que faltava no quebra-cabeça do revigoramento total do espírito?

E desse modo, o que surgiu de forma proposital foi embora meio que sem querer. O mesmo Arthur que fechou a porta de maneira intencional acabou por começar a reabri-la sem perceber. Ainda levaria muito para uma reabertura completa, porém agora, através da fresta que surgia, os primeiros raios de luz já poderiam

PERIGOSAS NACIONAIS

invadir o lado de dentro e terminar de espantar a escuridão que lá residia.

Os dias viravam semanas. O buraco interno já não era mais tão profundo. Reuniões com os amigos no bar favorito, *happy hour* com o pessoal do serviço... Desculpinhas para faltar a eventos sociais desapareciam.

As caminhadas com Amanda gradativamente se transformavam em leves corridas. A rotina outrora limitada se expandia. Vida-trabalho-vida-quimioterapia: no lugar de se confinar no apartamento, Arthur vivia.

Do hospital, só recebia notícias positivas. Os exames periódicos não indicavam nenhum tipo de alteração ou anomalia.

O exercício da arquitetura, que andava tão afetado pelo abatimento generalizado de Arthur, ganhava ânimos renovados. Não era mais a mera obrigação dos tempos mais difíceis, tempos nos quais tinha que apelar ao seu senso de responsabilidade para sair de casa e dirigir-se ao escritório ou para enfrentar os demais compromissos profissionais. Pouco a pouco, o trabalho deixava de ser um fardo e readquiria o merecido *status* de válvula de escape criativa.

PERIGOSAS ACHERON

As semanas se acumulavam em meses. O encanto pelas atividades físicas e o vício pela endorfina renasciam. Quando as corridas já não davam mais conta de suprir a demanda crescente pelo referido hormônio, a solução foi retomar a academia. Logo, a malhação duas vezes na semana converteu-se em quatro ou até cinco treinos a cada sete dias. Nada muito intenso, é claro... Afinal de contas, moderação ainda era a máxima para aqueles submetidos à quimioterapia.

A aparência sofrida aos poucos desaparecia. Ganho de massa magra, melhora do apetite, pele mais corada...

Até que o inevitável aconteceu... o reencontro tão aguardado se deu. Numa quinta-feira à noite, praticamente seis meses após se desligar totalmente do Krav Maga, Arthur pisava novamente no galpão onde aconteciam as aulas de luta. Salva de palmas, tapinhas nas costas, abraços apertados. “Bem-vindo de volta!”, exclamou ao aluno o mestre visivelmente emocionado.

E tal reencontro marcava o fim de um ciclo. O homem que, desiludido, desceu ladeira abaixo e vagou por um vale de sombras e desesperança enfim retomou as rédeas do seu destino. Após um

PERIGOSAS NACIONAIS

longo período de dor silenciosa e extrema, de martírio sufocante, de autossabotagem e de esmorecimento, Arthur retomava o caminho da perseverança e do empenho, caminho do qual nunca deveria ter saído. Depois da queda vertiginosa, Arthur ia se firmando sobre seus pés mais uma vez...

Durante esse intervalo obscuro, talvez tivesse perdido algumas batalhas, mas certamente não perdeu a guerra. Tomou uma rasteira, caiu, quase sucumbiu, porém recuperou-se bem do golpe do inimigo. Nesse momento, já estava completamente erguido, já atingia o patamar que ocupava imediatamente antes da recaída. Porém, Arthur foi além...

Com outros dois meses, estava ele ainda mais impetuoso, persistente e determinado, mais firme e obstinado, e, como nunca visto antes, bastante confiante. Pensamentos como “sim, é possível” ou “eu acredito” despontavam em sua mente e ficavam cada vez mais frequentes. Arthur passou de fase, subiu de nível com os pontos de experiência obtidos. A vontade de seguir em frente jamais esteve tão patente e o tratamento que vinha sendo empurrado com a barriga ao final do ano anterior

PERIGOSAS ACHERON

tornava a receber o foco apropriado.

Sim... “seguir em frente” e “foco no tratamento”. De posse novamente dessas duas poderosas armas, agora era juntar a “fé na cura”, inédita até então e que já podia em Arthur ser notada, e partir com tudo pra cima da doença.

E tudo isso graças a ela: Amanda. Essa notável recuperação só foi possível devido à atenção e à vontade dela. Atenção para reconhecer nas minúcias do comportamento do noivo que algo não estava certo, vontade de correr atrás até encontrar uma solução para reverter a situação. Não fosse ela atinar a tempo para a desconexão entre o discurso e a conduta de seu companheiro, Arthur teria cruzado o ponto de não retorno, teria se afundado irreversivelmente na areia movediça da perdição.

Amanda. Ela, sempre ela. O plano de resgate de espírito, que começou com um mero café da manhã na cama repleto de incertezas sobre sua eficiência, acabou por se mostrar um esquema vitorioso após meses de insistência e de dedicação por parte dela. Demorou, mas vingou. Sem Amanda, o prazo de recuperação da alma de Arthur seria ainda mais dilatado. Aliás, sem ela tal estratégia de resgate nem sequer teria sido bolada,

muito menos executada.

Depois dessa, Arthur tinha para com Amanda uma dívida eterna.

Poder-se-ia até pensar que não haveria motivo para tal. Agora estariam quites: quem um dia estendeu a mão, viu uma mão ser estendida de volta, concluiriam alguns. Sim... Arthur de fato já a tinha salvado anteriormente, mas agora era bem diferente. Ambos os atos tiveram força para mudar o destino, para apartar o perigo, contudo um deles se deu em míseros instantes de bravura, o outro em meses a fio de devoção... um foi ato impulsivo de coragem, o outro prova irrefutável de amor, verdadeira abnegação. Só quem carrega dentro de si um sentimento tão nobre e intenso tem essa vontade de jamais desistir, essa capacidade de lutar até o fim pela pessoa amada. Só quem ama cuida desse jeito, e disso Arthur tinha pleno discernimento.

Não entendam mal... Arthur faria o mesmo por Amanda se o destino lhe impusesse essa tarefa. Porém não foi assim, foi o contrário... Quis o acaso que Arthur não fosse o cuidador e sim aquele que recebeu os cuidados. Ele nunca chegou a comparar uma coisa com a outra, a medir se a ação dele de

anos atrás se equivaleria à atual dela, mas, se o fizesse, certamente chegaria à conclusão de que se achava em terrível débito com a noiva. Precisaria salvá-la de mais uns vinte marginais, ou até mais, para fechar essa conta com ela.

Já ensinara Dra. Julia: cada um atravessa o processo de aceitação e suas fases de uma maneira única e a seu tempo. Negação, raiva, negociação, depressão e, enfim, a aceitação. Arthur pode até ter custado para se desvencilhar da quarta fase, mas seguramente não tardou para perceber Amanda por todo esse período bem ali ao seu lado, disponível, incansável.

“Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença”. Quando Amanda disse esta frase dentro do hospital lá no dia daquele episódio do desmaio de Arthur na aula de Krav Maga, parece que ela não estava brincando, a despeito do sorriso que tinha nos lábios ao proferir tais palavras...

Diante de tanto carinho e atenção, o sentimento de gratidão por ter Amanda ao seu lado crescia dia a dia em Arthur. E quando esse sentimento de dentro dele transbordava, fato que passou a ocorrer com bastante frequência diga-se de passagem, podia Amanda escutar um “muito

obrigado” ou um “eu te amo” inesperado. Atenção extrema de um, emoção incontida de outro, fórmula mágica para transformar o círculo vicioso em virtuoso. O Arthur dissimulado e pra baixo virou passado. O casal que começava a sofrer com a falta de sinceridade de uma das partes, nunca esteve tão aproximado e apaixonado. Cumplicidade extrema, verdadeiros confidentes.

Por fim, porta completamente aberta.

■ ■ ■ ■ ■

Nesses últimos meses, enquanto Arthur se reerguia, o cenário global se desfazia. A situação, que já era ruim, se agravava ainda mais. Atentados terroristas cada vez mais recorrentes nas capas das revistas e nas primeiras páginas dos jornais.

Coberturas ao vivo de ataques se sucediam nos principais canais de notícias. A triste rotina de morte, vista principalmente em parte das nações do Oriente Médio, alastrava-se pelo mundo, notadamente para o ocidente.

Avaliando-se a totalidade de eventos respaldados por essas práticas fundamentalistas, ter-se-ia vítimas fatais quase que todos os dias.

PERIGOSAS NACIONAIS

Bombas deixando centenas de mortos nas ruas do Iêmen, do Iraque e da Síria. Especialmente nestes dois últimos países, outros milhares entrariam na conta se consideradas as mortes decorrentes da ocupação de cidades pelos grupos terroristas e do posterior esforço governamental para a retomada destas localidades por suas respectivas forças militares oficiais.

Turistas sob a mira de fuzis em hotéis no Mali e na Tunísia, explosões coordenadas na Bélgica e na Turquia e a lista de vítimas só crescia. Indivíduos armados até os dentes investiam contra metrópoles da Alemanha, dos Estados Unidos e da França. Nove, cinquenta, cento e vinte e nove óbitos e outros tantos feridos.

Ações cada vez mais frequentes dos chamados “lobos solitários”, com suas facas e pistolas semiautomáticas. Nas mãos deles, tudo virava arma. Com um pouco de conhecimento e maldade de sobra, um inofensivo pisca-pisca de árvore de Natal ou um telefone celular se tornava um detonador enquanto uma panela de pressão recheada com uma mistura de produtos químicos e um punhado de pregos se transformava numa bomba improvisada... Até caminhões,

PERIGOSAS ACHERON

originalmente concebidos para transportar cargas de um lugar a outro, agora serviam para matar. Atropelamentos propositais e reiterados.

Balas disparadas, facadas, detonações de artefatos caseiros, veículos jogados contra multidões... E lá se vão outros três, dez, oitenta e seis, cento e dois, cento e trinta, trezentos e quarenta e um, quatrocentos, quinhentos! Uma série trágica e interminável de números que quando somada chegava a um tenebroso resultado: o mundo estava doente e perecia, o lado mais perverso do caráter do homem sobressaía, a humanidade, cada vez mais atolada em superficialidades, não sabia mais conviver com seus semelhantes e sucumbia...

Ódio, intolerância, imposição de vontades na base da estupidez, da ignorância e da brutalidade. Em vez de conversa, tiros e explosivos. Aeroportos, estádios, casas de espetáculo e outros locais com grande aglomeração de pessoas eram os alvos preferidos.

A quantidade já assustadora de vítimas tornar-se-ia ainda mais intragável se a estas fossem juntadas outras tantas vidas que continuavam sendo ceifadas pelo frio, pela sede, pela fome e pela fúria

PERIGOSAS NACIONAIS

implacável dos mares durante a emigração forçada, gente que acuada e aterrorizada se via obrigada a deixar para trás a terra de seus pais e que nunca veria o destino de sua jornada. Sim... definitivamente, estas mortes aqui também deviam ser contabilizadas, afinal eram todas elas uma consequência ainda que indireta do mesmíssimo mal: o terrorismo. E caso essa gente desesperada sobrevivesse a todas as adversidades da travessia, encontrava pela frente países que se autoproclamavam saturados de refugiados e sem condições de acolhê-los. Com sorte, seriam amontoados às centenas em moradias improvisadas até que outro destino bem longe dali lhes fosse designado.

Nesse jogo de perde e ganha territorial, de coação religiosa e de guerra aos valores alheios, difícil era identificar quem ganha. Já a perda era de todos. Principalmente de agredidos, mas também, de agressores. Estes, homens e mulheres perseguindo um ideal através de artifícios espúrios, ferindo para alcançar seus objetivos, deixando pelo caminho valores fundamentais que deveriam guiar a humanidade num mesmo sentido, acostumando-se com o passar do tempo à selvageria, esquecendo-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se do respeito às convicções e à vida do próximo, apagando de suas mentes o lado humano que neles já existiu um dia. Aqueles, pobres inocentes largados em meio à barbárie, pagando um preço alto demais só por estarem no lugar errado e na hora errada, servindo de exemplo aos que se opunham às ambições extremistas.

Importante ressaltar que não há mal algum em mostrar ao mundo a grandeza de uma crença ou a resplandecência de uma religião, porém os fins, por mais legítimos que pareçam, não justificam os meios, menos ainda quando se fala de meios tão sangrentos e violentos.

E quando parecia aos olhos dos terroristas que degolar, queimar, fuzilar ou esmagar pessoas sob tanques de guerra não era mais tão eficiente para chocar, eis que a criatividade perversa entrava em cena mais uma vez: dinamite varrendo da face da Terra patrimônios arqueológicos inestimáveis e marretas botando abaixo obras de arte milenares, notadamente na Síria e no Iraque. Como se já não bastasse a afronta recorrente à vida, a mais nova vítima passava a ser a história da humanidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 23 – INESPERADO

Trabalho, amigos, corrida; casa, Amanda, academia; passeio, família, Krav Maga, quimioterapia... Nessa levada, outro mês e meio se esvaía.

Quase três anos se passaram desde o princípio do tratamento...

Quem diria que levaria todo esse tempo para vencer a doença? Lá naquele momento, no começo do enfrentamento, Arthur certamente não diria...

Mas não só Arthur! Àquela época, ninguém seria capaz de antever uma resposta precisa para esta pergunta, nem mesmo Dra. Julia com toda a sua experiência oncológica... afinal, significativamente nessa área da medicina, cada caso é um caso. E se por ventura, lá no iníciozinho da quimioterapia, alguém tivesse chutado um prazo de três anos para Arthur ganhar essa luta, ainda assim teria errado se o fizesse, pois, decorrido tal período, ainda não havia nenhuma garantia de que a

neoplasia maligna estava inteiramente batida, achava-se no máximo controlada.

Quem diria que Arthur duraria tanto? E quem não diria que ele chegaria vivo até aqui? Bem ou mal, após incontáveis altos e baixos, Arthur tinha sim conseguido transpor esses anos, contrariando qualquer previsão desfavorável e trilhando o caminho para confirmar os prognósticos mais otimistas.

Arthur venceu alguns combates, que sustentaram a esperança de alcançar a cura, e perdeu outros, que, no final das contas, acabaram por torná-lo mais forte e destemido no campo de batalha. Nosso herói continuava firme na guerra que vinha sendo travada...

Deve-se destacar no entanto que o termo “herói” dessa vez não foi empregado pelo fato de Arthur ter livrado Amanda, no dia em que se conheceram, de dois homens mal-intencionados. Se tal pensamento lhe surgiu, você está muito enganado... Essa palavra foi aqui utilizada por ser a única capaz de qualificar de forma justa e apropriada todos aqueles que corajosamente enfrentam o câncer ou qualquer outra doença igualmente letal e apavorante, que não esmorecem

PERIGOSAS NACIONAIS

diante de um diagnóstico devastador, que até vacilam num momento ou outro, mas que não se deixam vencer pelas dificuldades que lhes são impostas, que encaram um tratamento penoso e quase desumano vislumbrando a vitória... e que, em alguns casos, quando não há mais outros recursos, mesmo brigando bravamente até o último minuto, acabam, infelizmente, sucumbindo e ficando pelo caminho, porém, apesar de tudo isso, não o fazem sem esboçar à família e aos amigos um sorriso caloroso no rosto quando chegada a hora da despedida...

Verdadeiros HERÓIS, todos eles! Heróis sem gênero e sem idade. Homens e mulheres, adultos e adolescentes, crianças e idosos.

É... três anos se passaram num relance. Tão rápido que caberiam facilmente numas duzentas e vinte páginas de um livro...

E quando parecia que o adversário não tinha mais para onde correr nem outras armas para apresentar, quando Arthur estava pronto para triunfar perante o inimigo, eis que algo inesperado surgiu, dando uma verdadeira reviravolta na história e demandando outras trezentas páginas no referido livro.

PERIGOSAS ACHERON

■ ■ ■ ■ ■

– Estou grávida! – anunciou ela emocionada após pedir um minutinho de atenção a todos que estavam por ali.

Arthur, que não sabia de nada, parou chocado por um segundo.

Grávida?, questionou-se ele por dentro. *E agora? Como vai ser isso?*, continuou ele assustado em seus pensamentos.

O anúncio também pegou de surpresa os demais convidados: sogros, pais, irmãos, cunhados... Aparentemente, ninguém suspeitava da novidade.

Quando os primeiros aplausos e gritos sobrevieram, finalmente despontou em Arthur um sorriso de orelha a orelha.

– Que ótima notícia! – exclamou ele para Amanda.

Finalmente uma boa-nova para aquela família em meio a períodos tão conturbados!

Com exceção dos filhos de Teresa e dos sobrinhos de Sophia, que faziam uma festa à parte na piscina logo ao lado, e que nem sequer devem ter escutado o importante comunicado, todas as

PERIGOSAS NACIONAIS

demais pessoas presentes se deslocaram quase que ao mesmo tempo para cumprimentar e abraçar o casal mais sorridente do lugar.

Uma roda imediatamente se formou ao redor de Gabriel e Sophia. Isso mesmo... ao redor de Gabriel e Sophia!

Bom... Dada a evidente confusão de informações, faz-se necessário um pequeno momento de esclarecimentos: era um domingo de agosto, por volta das onze e quinze da manhã. Todos já haviam chegado ao churrasco que acontecia na área de lazer do prédio onde o irmão de Arthur vivia com sua digníssima esposa, churrasco este inicialmente sem nenhuma causa notória ou alguma razão especial. “Apenas para a gente se encontrar!”, disse Gabriel ao fazer o convite.

Quem acabara de dar a aprazível notícia era Sophia. Amanda não era a grávida, assim como não era o noivo dela o mais novo papai do pedaço... Em breve, um novo sobrinho, ou uma nova sobrinha, para Arthur. O primeiro, ou primeira, de seu irmão mais velho, totalizando três até a data atual. Ainda não era chegada a hora de Arthur mais Amanda terem seus próprios rebentos...

PERIGOSAS ACHERON

E quanto àquele assombro inicial de Arthur? Tal espanto era totalmente justificável. Arthur não podia nem sequer imaginar como seria seu irmão exercendo o papel de pai! Justo Gabriel que, quando foi conhecer a filha de Teresa anos atrás, quase deixou a sobrinha de poucos dias cair no chão... duas vezes! Graças à Nossa Senhora Protetora dos Bebês, as quedas não se efetivaram e nada de mais grave aconteceu... E o que dizer dos cactos que Gabriel, na época de adolescente, acabou deixando morrer por se esquecer de regá-los uma vez a cada duas ou três semanas? “É muito difícil cuidar deles!”, reclamava ele quando uma das plantinhas secava completamente. Verdadeiro zero à esquerda quando o assunto era zelar por outros seres vivos...

Dito isso, imaginem então um filho sob a responsabilidade desse cidadão? Pois é... Já deu pra entender o motivo do choque que tomou Arthur de assalto logo após Sophia efetuar tal revelação... Pelo bem da criança que estava a caminho, a torcia era para que Sophia fosse mais versada que seu esposo nesse metiê específico e para que a paternidade trouxesse a Gabriel um pouco mais de habilidade no manuseio de recém-nascidos.

Retornando ao evento daquele domingo, após uma sucessão de congratulações de outros parentes que estavam presentes, enfim chegou a vez de Arthur e Amanda felicitarem os anfitriões do churrasco. Calorosos abraços entre os quatro.

– Nossa! Que novidade maravilhosa! – comentou Amanda segurando as mãos de Sophia.

– Parabéns, meu irmão! – disse Arthur a Gabriel. – E aí, é menino ou menina?

– Ainda não sabemos! – respondeu o sujeito todo contente. – Mas se a curiosidade apertar muito, daqui a alguns dias já dá pra gente saber com um exame de sangue!

Ao soltar as mãos da gestante, Amanda quis saber a idade do feto dentro daquele útero:

– Tá de quanto tempo?

– De acordo com o médico, quase oito semanas! – respondeu a grávida. – Deve chegar no final de março do ano que vem!

– Tá com menos de dois meses então! Por isso que ainda não apareceu barriga nenhuma! – concluiu Amanda.

– Verdade... mas não vejo a hora de ficar com um barrigão bem grande! – confidenciou Sophia com um sorriso no rosto mostrando com as duas

mãos o tamanho desejado para a sua barriga.

– Já estão pensando nos possíveis nomes? – perguntou Arthur aos dois afortunados.

– Ah... ainda não pensamos em muitas opções...

Foi quando uma leve pontada na cabeça obrigou Arthur a contrair seus olhos momentaneamente e a virar o seu rosto um pouquinho para o lado. O incômodo proveniente da dor desviou-lhe a atenção por alguns instantes e fez com que ele perdesse parte da resposta de sua cunhada.

– ...quem sabe mais pra frente quando já soubermos o sexo do bebê, né! – terminou Sophia seu raciocínio.

Uma outra pontada, da mesma intensidade da anterior, veio abduzir Arthur novamente do bate-papo. Por uns poucos segundos, não conseguia pensar em mais nada que não fosse aquela dorzinha inconveniente na cabeça. Arthur até percebeu que Gabriel olhava diretamente para ele e que a boca do seu irmão se mexia, mas não foi capaz de escutar uma única palavra que era proferida.

Cessada a nova fincada, de volta à realidade, Arthur notou imediatamente que seus três

interlocutores olhavam para ele sorrindo, como se estivessem esperando que alguma coisa fosse dita.

– Arthur, não vai responder seu irmão? – insistiu Amanda ao estranhar a morosidade do seu noivo para dar andamento na conversa.

– Olha só! Ficou tão comovido que acabou sem reação! – brincou Gabriel.

– O quê? Desculpe, acho que me distraí por um minuto... – tentou Arthur se justificar sem dar nenhuma bandeira do que com ele realmente se passava.

– Seu irmão perguntou se você gostaria de ser padrinho do neném que está a caminho! – repetiu Amanda toda empolgada com o convite que acabara de ser feito ao seu noivo.

Arthur se emocionou com o que escutou. Duas surpresas incríveis num único dia! Como se já não bastasse saber que seria titio pela terceira vez, ainda teria o privilégio de ser o padrinho da criança! Quanta consideração de Gabriel e Sophia em cogitá-lo para tal honraria!

Dessa vez, a resposta veio sem demora:

– Mas é claro que aceito! Com todo o prazer! – retrucou o alegre, porém ressabiado, Arthur. – Não tem nem como recusar um convite desses, né!

– Não tem como recusar mesmo não! – concordou Amanda.

Sophia vibrou com o aceite:

– Que bom então! – comemorou ela toda animada. – Não tem nem nome, mas já tem padrinho! – completou a grávida em seguida.

Os três, Amanda, Gabriel e Sophia, riram embalados pelo comentário bem-humorado da gestante.

Arthur também achou graça, entretanto manifestou o riso de maneira mais comedida. As pontadas já eram parte do passado, mas um certo desconforto tinha ficado, além do pressentimento de que alguma coisa estava errada.

Amanda percebeu na hora que havia algo de estranho com o seu noivo. Conhecia muito bem aquele olhar dele, já estava ela escolada quando o tema era Arthur. Algo certamente o preocupava.

Mal se afastaram para permitir que outros convidados se aproximassem e cumprimentassem os anfitriões, Amanda já interpelou Arthur:

– O que foi, meu amor?

– Nada... só uma dorzinha de cabeça chata! – respondeu ele passando a mão sobre a careca.

– Xiii... pior que eu não trouxe nenhum

remédio aqui na bolsa! – replicou Amanda. – Com certeza seu irmão tem um analgésico lá em cima no apartamento.

– Não está incomodando tanto... só um pouquinho. Daqui a pouco passa... Se não passar, vejo algo com meu irmão pra eu tomar.

– Você quem sabe... mas me avisa se a dor não melhorar! – solicitou-lhe então Amanda.

Arthur concordou balançando positivamente a cabeça.

Um pouco mais tranquila por agora saber que a estranheza do noivo se tratava apenas de uma simples dor de cabeça, deu ela um beijinho na boca e outro na bochecha de Arthur.

De volta à comemoração, encerrada a rodada de felicitações aos cônjuges grávidos, era a vez de Gabriel chamar a atenção do público presente e fazer um anúncio:

– Obrigado a todos pela presença e pelo imenso carinho! Tudo o que acabaram de desejar ao nosso primeiro filho ou filha que está a caminho, desejo em dobro a todos vocês! Estamos realmente muito felizes com esse extraordinário acontecimento! Se menino ou menina não nos importa muito... Desejamos apenas que venha com

saúde!

Uma pausa se seguiu e o som das palmas surgiu.

Gabriel, antes de continuar, pegou seu caneco cheio de cerveja, que estava sobre a bancada da churrasqueira bem ali ao seu lado, e abraçou sua esposa:

– Saibam que eu poderia ficar aqui por mais de uma hora tentando descrever a imensa alegria que estamos sentindo nesse momento especial de nossas vidas, mas não vou fazer isso com vocês... – disse ele levantando seu caneco no ar. – Chega de conversa fiada! Vamos agora, sem mais demora, celebrar o aumento da família... e sem miséria também, porque hoje... é tudo por conta do pai da Sophia! – bradou ele apontando para o sogro enquanto ostentava um sorriso moleque no canto da boca.

Todos se viraram para o pai de Sophia, que se encontrava a alguns metros para o lado, num canto, já ostentando uma cara de chocado devido àquelas palavras recém-proferidas pelo genro.

As palmas dessa vez vieram acompanhadas por gritos de ovação dos convidados.

Sophia, abafada pelo clamor da parentada,

virou para Gabriel e falou-lhe ao pé do ouvido:

– Nossa, que surpresa! Meu pai se ofereceu pra pagar tudo? Não é muito a cara dele fazer isso... É um ótimo pai, mas sempre foi meio pão-duro!

Gabriel chegou sua boca perto da orelha da esposa:

– Pois é... Ele não se ofereceu, mas falei assim mesmo! Vai que o coração do seu pai amolece com a notícia do neto e a minha brincadeira acaba colando...

■ ■ ■ ■ ■

O tempo se passou e Arthur não melhorou. Tampouco avisou Amanda ou procurou seu irmão para conseguir um remédio conforme havia falado que faria no caso de a dor continuar a molestá-lo.

Bom... não melhorou mas também não piorou... Nem sinal de outras pontadas, só o incômodo anteriormente citado tinha ficado na cabeça de Arthur. Incômodo que chegava a ser esquecido em alguns momentos da tarde, mas que se mantinha lá. E, em virtude dessa certa insignificância do fato, Arthur considerou desnecessário ir atrás de um analgésico para tomar.

Dentro do carro, dirigindo de volta pra casa ao final da tarde, seguia ele com aquele desconfortozinho ingrato que uma dor de cabeça proporcionaria a qualquer ser humano, e, sem as distrações proporcionadas pela família durante o evento, ficava o pequeno tormento mais evidente.

Iam atravessando as ruas da cidade. Arthur, mão direita ao volante e esquerda apoiando a parte lateral de sua face, Amanda ao seu lado revendo e comentando as fotos que tirou com seu celular durante o churrasco.

Tendo em vista o desânimo de seu noivo para participar de suas análises fotográficas, Amanda foi direto ao ponto:

– Ainda tá doendo aí, né?

– Ah... só um pouco. – confessou ele.

– Sabe... Também estou com a cabeça um pouco doída. – revelou Amanda após desligar a tela de seu telefone e abaixar o aparelho à altura de seus joelhos. – Chegando em casa então, remédio para os dois. Não presta pra nada a gente ficar sofrendo com essa dorzinha miserável, né! – completou ela.

E assim o fizeram. Logo que chegaram ao apartamento, um comprimido pra ele, outro pra ela.

Minutos mais tarde, sentados os dois de frente

para a televisão no sofá da sala, passavam entediados os canais sem encontrarem nada de interessante para acompanharem. Disponíveis nos canais abertos de TV apenas filmes repetidos e aqueles programas de auditório que ninguém mais aguentava.

– Netflix? – propôs Arthur diante da falta de opções interessantes.

– Melhor, né? A gente sempre acha alguma coisa legal pra assistir por lá... – retrucou Amanda.

Arthur assentiu com a cabeça e acionou o aplicativo da tevê pelo controle remoto.

– E a dor? – questionou Amanda.

– Sumiu. E a sua?

– Também.

De fato, nenhum indício de dor remanesceu, nem em Amanda, nem em Arthur.

Enquanto o televisor se conectava ao catálogo de séries e filmes, Amanda manteve vivo o diálogo:

– Nossa! Muito boa essa novidade da Sophia e do seu irmão, né?

– Pois é! Muito boa mesmo! – concordou ele.

– E ainda me chamaram pra ser padrinho, vê se pode?

– Mas é claro que pode! – respondeu Amanda

imediatamente. – Eles gostam muito de você, e você sabe disso... Aliás, é muito difícil achar alguém que não goste de você, né... Além disso, você é perfeito pro cargo: um homem que respeita os outros, decente, honesto, que só faz o que é certo... E, ainda por cima, lindo... mesmo careca! – acrescentou ela com um sorriso.

Arthur ficou acanhado por um instante em consequência dos elogios rasgados da noiva. Concomitantemente, tal sequência inesperada de adjetivos acionou o lado manteiga derretida que habitava dentro dele.

Superando a timidez e esforçando-se para não produzir nenhuma lágrima, já veio Arthur com seu bordão favorito de sempre:

– Só tô tentando fazer minha parte...

– ...pra mudar o mundo... já sei! – disse Amanda interrompendo a frase de Arthur e completando-a ao mesmo tempo.

Riram os dois juntos por alguns segundos da arremedação de Amanda que nem dois bobalhões.

Um instante de silêncio se fez enquanto se recuperavam da gargalhada.

– Meu bem, já imaginou a gente daqui a alguns anos com nossos próprios bebês? –

devaneou a moça.

Arthur aproveitou a deixa:

– Sabe que nunca imaginei? – respondeu ele apontando o controle remoto para a televisão e desligando-a em seguida.

– E precisa desligar a TV pra imaginar? – estranhou Amanda.

Arthur se aproximou ainda mais de sua noiva e deu-lhe uma sucessão de beijinhos no pescoço.

– Não precisa... mas é que eu estava aqui pensando: já nos recuperamos da dorzinha de cabeça e não achamos nada de interessante pra ver nos canais da TV...

– E daí? – retrucou ela se fazendo de sonsa ao perceber as segundas intenções do noivo.

– Daí, se pretendemos conceber um bebê algum dia, acho que seria sensato começarmos a treinar agora mesmo... – afirmou ele puxando a extremidade inferior da blusa de Amanda para cima com a intenção de despi-la.

Ela levantou os braços para facilitar a retirada da vestimenta. Cabelos caindo soltos sobre os ombros da noiva de Arthur após passarem pelo buraco da roupa destinado à cabeça.

– A Netflix não vai fugir e pode ficar pra mais

tarde... – concluiu ele.

– Concordo plenamente! – disse Amanda desabotoando o fecho de seu sutiã no meio de suas costas.

Final de domingo muito bem aproveitado a propósito...

■ ■ ■ ■ ■

Arthur acordou bastante disposto no dia seguinte ao churrasco, contudo, no meio da manhã, em sua sala no escritório de arquitetura, aquele incomodozinho na cabeça voltou a perturbá-lo. E conforme ocorrido no domingo, não doía demasiadamente. Sutil, porém constante. Insuficiente para demandar um comprimido, mas suficiente para ser notado por ele em determinados instantes...

Depois que voltou do almoço com os colegas de serviço, Arthur sentiu uma fínhada passageira na massa cinzenta, coisa de dois ou três segundos, à exemplo daquelas duas que experimentou no prédio de seu irmão durante o evento do dia anterior. Enquanto no escritório do trabalho, além dessa pontada acima relatada, mais nenhuma outra veio

desconcentrá-lo, apenas o tal desconforto na cabeça seguia vigente e a importuná-lo.

Todavia, este desconforto, apesar de incessante, seguia na mesma batida de antes: tênue, quase insignificante. Tão fraco que por vezes desaparecia totalmente, ignorado dentre as obrigações do ofício.

Dorzinha branda, entretanto chata.

Ninguém merece!, concluiu Arthur pilotando sua moto após o expediente já no caminho de casa.

Com certeza, tomaria um comprimidinho para aliviar o tormento quando chegasse ao apartamento.

404.

Jaqueta motociclística sobre o braço do sofá.

Copo d'água na cozinha, cartela de comprimidos na gaveta sob a pia, remédio na barriga.

Daqui a pouco passa!, profetizou ele.

Lanchinho antes de se aprontar para a academia, com o propósito de não desmaiar de inanição no meio da malhação. Se, de acordo com o dito popular, saco vazio já não para em pé, imagina um saco vazio em tratamento quimioterápico? Melhor não arriscar...

Segundo andar. Tirou a camisa e colocou-a

meio embolada sobre o encosto da cadeira da escrivaninha, sacou dos pés os *sapatênis* usados durante todo o dia e deixou-os junto à parede, bem ao lado da prancheta de desenhos na qual desenvolvia partes de seus projetos.

Pit stop no banheiro para reforçar o desodorante no axila e garantir por mais algum tempo o cheirinho agradável debaixo do braço.

De volta ao quarto, abriu o armário e pegou uma camiseta branca de malha. Ao vesti-la, sentiu o enjoo chegando abruptamente... Opa! Hora de sentar um pouquinho e respirar.

Poxa... mas nem comi tão rápido assim pra ficar nesse mal-estar..., pensou ele com as nádegas já apoiadas na beirada da cama. *Bom... não comi tão rápido assim, mas também não foi devagar como deveria.*, refletiu consigo mesmo em seguida.

Apesar de já saber de cor e salteado e de trás pra frente o que não podia fazer ao se alimentar, parece que Arthur ainda se descuidava uma vez ou outra...

Vacilou, agora aguenta, né!, censurou-se internamente.

Mas certamente nada de grave. Já, já ia se recuperar desse pequeno engulho, só precisava de

um tempinho para se sentir melhor.

Ainda sentado e puxando o ar profundamente para dentro dos pulmões, esvaziou os bolsos da calça. Tinha se esquecido completamente de deixar seus pertences, como de costume, sobre a mesinha de apoio ao lado da porta da sala logo que passou por ela devido à prioridade que estabeleceu para si mesmo de tomar o remédio para a dor de cabeça ao chegar em casa.

Carteira, telefone, chave e documento da moto espalhados sobre a cama.

Valendo-se do celular, que estava ali ao alcance da mão, e do momento que se concedeu para se restabelecer do estômago meio revirado, resolveu mandar um “alô” para Amanda. Atencioso da parte de Arthur, uma vez que ele já estava quase pronto para sair para a sua ginástica e ela ainda não tinha chegado do trabalho, fato que era pouco usual. E assim, mensagem para a noiva, a fim de descobrir o que se passava com ela:

ARTHUR

Oi, amor! Tudo bem por aí?
Agarrou no trabalho hoje? ☹

06:48PM

Enquanto aguardava uma resposta, e confiando numa rápida melhora de seu quadro de náusea, trocou a calça jeans por uma bermuda escura de tactel. Aproveitou as meias que já usava para calçar o tênis azul-marinho com detalhes alaranjados, aquele que mais gostava de usar em seus treinos de musculação.

Logo após amarrar o segundo cadarço, uma série de bipes soou do seu *smartphone* ali ao lado. Obviamente, era Amanda e sua inconfundível incapacidade de escrever tudo o que queria em uma única mensagem.

Destravou então a tela do aparelho para ler a resposta de sua donzela e dar prosseguimento à conversa.

AMANDA

Agarrei foi no trânsito... ☹

06:50PM

Mas já tô quase chegando!

Não se preocupe! ☺ ☺ ☺

06:50PM

Estarei aí num instante...

06:50PM

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais uns 15 minutos no máximo!

06:51PM

ARTHUR

Então acho que nos veremos só mais tarde.

Tô quase saindo pra academia!

06:51PM

A réplica dela não tardou muito:

AMANDA

Hummm... Só mais tarde???

☹☹ Que triste!

06:52PM

Mas não tem problema!

Até mais tarde então!

06:52PM

Boa malhação pra vc! ☺

06:52PM

■ ■ ■ ■ ■

PERIGOSAS ACHERON

Minutos depois, Amanda destrancou a porta de casa. E quando girou a maçaneta... surpresa! Deu de cara com Arthur sentado no sofá da sala.

– Ô, meu amor! Não precisava ter me esperado! – disse ela fechando a porta do *loft*. – Eu tive quase certeza que você ficaria aqui me esperando depois das minhas últimas mensagens!

Sentindo-se meio culpada por tê-lo feito atrasar sua saída pra ginástica, Amanda abriu os braços e se dirigiu até Arthur. Chegando ao lado do noivo, sentou-se pertinho dele, deu-lhe um abraço apertado e cobriu-o de beijos.

Retribuiu ele o carinho, porém o fez de forma um pouco apática.

Depois da sequência de beijos, Amanda, toda sorridente, desfez o abraço e segurou as mãos de Arthur.

Que estranho... mãos frias e suadas...

E só quando Amanda deu uma boa olhada no seu noivo, a ficha dela caiu e o sorriso sumiu. Estava o rosto dele meio pálido, meio amarelado.

– Tá passando mal? – questionou a moça imediatamente.

– Um pouco...

– É a dor de cabeça de novo, Arthur? –

perguntou ela meio que buscando uma relação entre o estado atual dele e a circunstância ocorrida na véspera.

– Não... quer dizer... até tive a dor de cabeça hoje de novo, mas tomei um remédio agora há pouco e já passou. Tô agora é um pouco enjoado.

Pois é... Contrariando as expectativas de Arthur, o mal-estar não tinha passado. Na verdade, tinha era piorado. Arthur chegou até a correr para o lavabo alguns instantes atrás, mas lá conseguiu segurar o ímpeto de verter o conteúdo de seu estômago dentro do vaso sanitário. Agora, sentado no sofá, estava sim um pouco mais controlado, o suficiente para não ter outras ânsias de vômito, porém ainda bastante nauseado. E, nesse estado, claro, não teve ele outra escolha senão abortar o plano de ir à academia naquele dia. Melhor deixar os exercícios físicos para outra oportunidade.

– Nossa, amor! Que dó! – lamentou Amanda, compadecida com a situação do noivo, enquanto secava as mãos dele em sua calça.

– Acho que lanchei depressa demais quando cheguei em casa... – continuou ele.

Encucada, Amanda ainda tentava desenhar em sua mente uma possível associação entre os eventos

recentes:

– Sei não... dor de cabeça ontem e hoje, agora esse enjoo...

– Será que a gente comeu algo estragado esses dias pra trás? – disse Arthur meio que abandonando sua teoria recém-enunciada e já buscando outras justificativas para o seu mal-estar.

– “A gente”? – questionou ela.

– É... “a gente”! Você também não sentiu uma dorzinha de cabeça ontem? – respondeu o noivo com outra pergunta.

– Senti sim, é verdade. Mas nada hoje... Nem dor de cabeça e nem enjoo. Parece que, nesse caso, “a gente” é muita gente...

– Sou só eu então o felizardo pelo visto... Ô, meu Deus! Só me falta agora uma intoxicação alimentar! – desalentou-se ironicamente Arthur levantando as duas mãos e o rosto para os céus.

Amanda matutou mais um pouquinho:

– Bom... Pode até ser alguma intoxicação alimentar. Pode até ser que nós dois tenhamos comido algo estragado... E, se foi esse o caso, certamente fez mais mal pra você do que pra mim. – ponderou a moça. – Mas não há de ser nada grave, você vai ver! – complementou ela tentando

tranquilizá-lo.

Intoxicação alimentar ou não, não importava muito no momento. Mais interessante para aquele instante era trabalhar em algo para amenizar o sofrimento de Arthur. Daí, solícita como sempre, Amanda não demorou para atuar nesse sentido.

– Espera aí que vou trazer um antiácido pra você tomar.

Ela logo se movimentou até a cozinha para providenciar o medicamento prometido ao noivo. Poucos segundos se passaram e ela já retornava com o remédio efervescendo dentro de meio copo d'água.

– Aqui está! Balance o finalzinho antes do último gole pra não deixar nada no fundo do copo.

– recomendou Amanda a Arthur como se ele tivesse algo em torno dos dez anos de idade.

Arthur agradeceu a presteza da noiva e procedeu de acordo com as orientações que lhe foram passadas.

Remédio tomado, Amanda pegou o copo da mão de Arthur.

– Sei lá! E se você estiver desenvolvendo alguma intolerância à quimioterapia? – especulou ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Nossa... Será? Vou te falar que daí eu até prefiro a teoria da intoxicação alimentar...

Amanda desconversou imediatamente ao perceber que acabou por deixar Arthur impressionado com seu último comentário:

– Ah! Não deve ser nada! Só um mal-estar desses mesmo... Daqui a pouco já estará zerado de tudo isso, você vai ver!

E Arthur realmente viu. Poderosas as palavras da noiva! Bem antes da hora de se deitar, nem mais vestígios do enjoo e nada de a dor de cabeça regressar.

■ ■ ■ ■ ■

E nada no dia seguinte também! Que maravilha! Passou pela terça-feira completamente ileso. Prevendo que um repeteco da dor de cabeça poderia acontecer, Arthur até se precaveu e levou consigo para o serviço a cartela de analgésicos. Caso voltasse a ocorrer, não queria ele ficar curtindo aquele infrutífero desconforto por outro dia inteiro. Melhor cortar o mal pela raiz logo que reaparecesse.

Porém a dor não veio... e talvez não tivesse

PERIGOSAS ACHERON

vindo pelo simples fato de Arthur estar preparado para enfrentá-la naquele dia específico. Se não tivesse o analgésico à mão, certamente seria acometido por ela... pura Lei de Murphy, diriam alguns por aí.

No entanto, nem o poder das palavras de Amanda nem a força contida na tal Lei de Murphy foram grandes o bastante para livrá-lo definitivamente daquele tormento. Mesmo de posse dos comprimidos, na quarta-feira, por volta das onze e meia da manhã, Arthur sentiu o mesmo incômodo na cabeça.

Poxa vida... de novo?, queixou-se.

Sem demora, saiu de sua sala e se dirigiu ao bebedouro mais próximo, que ficava a alguns metros para a esquerda, ali mesmo no corredor. Pegou um copo plástico, encheu-o de água e tomou logo o remédio.

Agora o encucado era ele. Muito estranhos o enjoo do outro dia e essa dor de cabeça intermitente. Do jeito que tais sintomas vinham se apresentando, Arthur considerou que não havia mais sustentação para o argumento de intoxicação alimentar, ventilado por ele dois dias atrás. Deixou, portanto, essa suposição momentaneamente de

lado.

Ao mesmo passo em que olhava o copo transparente em sua mão, meio cheio, meio vazio, voltou a cogitar a hipótese levantada pela sua noiva. Estaria ele realmente manifestando alguma intolerância à quimioterapia?

Será que depois de tanto tempo sendo exposto àquela miscelânea de drogas ainda haveria margem para algo desse tipo? Muito improvável isso...

Descontente também com a tese da noiva, Arthur bebeu um pouco mais da água e seguiu desenvolvendo os seus pensamentos: poderia haver algum problema com o lote dos quimioterápicos que lhe foram aplicados na última sexta-feira? Será? Se fosse essa a teoria correta, certamente haveria outros pacientes do hospital se sentindo mal... Ou quem sabe a Dra. Julia não mudou a dosagem dos medicamentos?

Sem saber direito qual dessas suspeitas seria a verdadeira, Arthur decidiu fazer a única coisa coerente naquele momento: entrar em contato com sua médica. Melhor do que ficar perdendo seu tempo elaborando teses sem fundamento ou remoendo as já existentes era comunicar de uma vez o ocorrido a uma pessoa especialista no

assunto, capaz de avaliar o cenário de maneira mais embasada e de dizer o que de fato estaria acontecendo com ele.

E Arthur tinha mais é que entrar em contato com a Dra. Julia mesmo... afinal de contas, a médica sempre insistiu, ao longo desses últimos anos, para que a ela fossem relatadas quaisquer alterações que Arthur viesse a sentir durante o tratamento. E não só isso... a oncologista ainda repetia frequentemente que estaria à disposição vinte e quatro horas por dia para esclarecer qualquer tipo de dúvida de seus pacientes. Essa então era a hora perfeita para colocar à prova toda essa disponibilidade recorrentemente ofertada pela médica.

Intoxicação alimentar ou intolerância à quimio? Algum medicamento estragado ou mudanças nos quimioterápicos? A resposta estava a uma ligação de distância.

Assim sendo, Arthur apoiou seu copo plástico, agora quase vazio, sobre o galão do bebedouro e sacou o celular do bolso. Em seguida, selecionou o nome da Dra. Julia na sua lista de contatos.

E aí? Realmente fazer uma ligação e correr o risco de perturbar a doutora no meio de algo

importante ou só mandar uma mensagem para que a médica respondesse quando lhe fosse mais conveniente?

O receio de atrapalhar acabou falando mais alto:

ARTHUR

Bom dia, Doutora! Tudo bem?
Estou querendo falar com você.
Tenho me sentido meio
esquisito desde a última sessão
de quimio. Enjoo na segunda-
feira e dor de cabeça nos
últimos 4 dias, daí queria saber
sua opinião sobre isso.
Agradeço desde já o retorno!
Arthur.

11:37AM

Agora era aguardar. Devolveu o celular para o lugar de onde o retirara e pegou seu copo sobre o bebedouro para matar o último gole d'água.

Entornou o líquido dentro da boca num movimento rápido.

E foi quando algo o interrompeu... Antes que

deglutisse a água, um raciocínio indesejado lhe veio à mente de repente, sem ser solicitado, impedindo momentaneamente a realização desse simples ato.

Os olhos de Arthur se arregalaram, coração um compasso mais acelerado!

E se não se tratasse de nada disso? E se estivesse ele, na verdade, prestes a descobrir...

Não!, bradou Arthur por dentro, rechaçando tal linha de raciocínio, abortando a gestação dessa ideia sombria antes que a concebesse completamente.

Atordoadado, finalmente engoliu a água que tinha na boca. Nunca antes em toda sua vida algo lhe tinha descido tão quadrado até o estômago.

Arthur não queria nem sequer cogitar tal possibilidade! Uma coisa dessas não podia acontecer novamente! Seria muito injusto, cruel demais para ser verdade!

Não quis mais cogitar e não cogitou. Usou toda a sua força de vontade e parou por ali mesmo. Bloqueou categoricamente a evolução daquele improdutivo pensamento. Amassou-o e jogou-o no lixo, assim como fez com o copo vazio que tinha em sua mão direita. Preferiu aguardar o parecer de

sua oncologista a ficar sofrendo antecipadamente.

E quase uma hora mais tarde, enquanto almoçava, Arthur recebeu a resposta de sua médica:

DRA. JULIA

Oi, Arthur!

Acabei de chegar no hospital.

Fico aqui hoje até umas 9 da noite. Me liga pra gente conversar ou então dá um pulo aqui se preferir.

12:20PM

ARTHUR

OK! Passo por aí então depois do trabalho.

Obrigado e até mais tarde!

12:20PM

■ ■ ■ ■ ■

Hospital, cinco e quarenta e um da tarde.

Plim! Após o sinal sonoro, as portas do elevador se abriram.

Arthur desembarcou da cabine do ascensor e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caminhou pelos corredores até chegar à antessala que precedia o gabinete da Dra. Julia. Lá, cumprimentou a secretária e anunciou sua intenção de ver a chefe do setor de oncologia.

Mal sentou-se e já foi convidado a entrar.

– Com licença! – falou ele ao ingressar o recinto.

– Arthur! – exclamou a médica contente por rever seu paciente. – Por favor, sente-se aqui para a gente bater um papo!

Arthur fechou a porta e acomodou-se de frente para a doutora, numa das cadeiras disponíveis diante da mesa dela, mas não sem antes cumprimentá-la como homem bem-educado que era.

Vendo-o ali mais de perto, Dra. Julia fez uma pergunta absolutamente inesperada:

– Tem comido muito mamão, cenoura, abóbora, espinafre, batata-doce?

– Ué... tenho sim. Sempre comi, na verdade... Cenoura e batata-doce religiosamente na hora do almoço. Mamão quase todo dia no café da manhã. Mas... por que a pergunta? – interrogou ele sem entender direito o propósito de tão estranho questionamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Estou te achando um pouco amarelado! – riu a oncologista discretamente. – Deve ser esse betacaroteno todo que você anda comendo... – ponderou em seguida.

– Amarelado? – repetiu Arthur. – O mais engraçado é que minha mãe comentou a mesma coisa comigo no domingo passado! – sorriu ele após revelar o episódio acontecido durante o último encontro de sua família.

– Hummm... sei. – murmurou ela.

– Atrapalho muito? – questionou o paciente mudando o rumo da prosa e indicando que parte da preocupação de empatar os compromissos da doutora, aquela preocupação que o fez trocar a ligação telefônica por uma mensagem de texto anteriormente naquele dia, ainda estava de certa forma presente.

– Nada! Nenhum paciente me atrapalha. Além disso, o dia está super tranquilo. Praticamente não saí dessa sala. Hoje estou mais por conta das papeladas do hospital mesmo. – respondeu a médica se referindo às burocracias do cargo que ocupava. – Aliás, é até bom dar uma parada de vez em quando pra eu não surtar com tudo isso... – prosseguiu ela tranquilizando-o com um sorriso

PERIGOSAS ACHERON

agradável no rosto.

Apesar desses dizeres da oncologista, Arthur foi direto ao ponto para não tomar muito do tempo dela:

– Doutora, conforme comentei na mensagem de hoje mais cedo, algumas coisas não muito usuais têm acontecido comigo nesses últimos dias...

– Sei... você mencionou enjoo e dor de cabeça, né? – perguntou Dra. Julia demonstrando interesse no assunto ao debruçar o seu corpo ainda mais para frente.

Arthur anuiu balançando a cachola positivamente.

– Me fale mais sobre isso. – solicitou ela.

– Bom, fiquei bastante enjoado na segunda-feira, o que não tem sido muito comum no terceiro dia após a quimioterapia, principalmente depois que me adaptei aos novos medicamentos introduzidos ao meu tratamento. Normalmente quando acontece, só fico meio enjoado na sexta-feira, depois da quimio, e um pouquinho no sábado... E ainda tem essa dor de cabeça que vem me perseguido desde domingo.

– Sei... – repetiu a médica atenta ao relato do paciente. – E como que é essa dor de cabeça?

– A dor de cabeça começou no final da manhã de domingo. Veio do nada, com duas... como que eu posso dizer... – parou Arthur por um momento tentando encontrar as palavras mais adequadas. – ...como se fossem duas agulhadas seguidas bem no meio da cabeça. Muito rápidas essas agulhadas... Mas daí ficou um incomodozinho por ali o resto do dia. Incomodozinho que se repetiu por toda a segunda-feira e hoje novamente. Nada muito forte, é verdade, mas bem azucrinante.

– Hummm... e chegou a tomar alguma coisa contra a dor? – indagou Dra. Julia.

– Tomei sim. Um analgésico em cada um dos dias. No domingo e na segunda, só tomei depois que percebi que a dor não ia ceder espontaneamente. Já hoje tomei logo que notei a dor reaparecer.

– Melhorou?

– Sim, melhorou... Hoje mesmo tomei um antes do almoço, quando a dorzinha surgiu, e até agora não voltou mais. – informou Arthur.

– E essas agulhadas na cabeça se repetiram? – seguiu ela com o interrogatório investigativo.

– No domingo só essas duas que te falei. Na segunda-feira, uma pela manhã. E desde então não

se repetiram mais.

– E, pelo que entendi, não sentiu nada disso na terça-feira, né? Nem enjoo, nem agulhada e nem dor de cabeça?

– Isso mesmo – consentiu ele.

Mais uma pergunta brotou da boca da doutora:

– Notou alguma sensibilidade à luz durante esses eventos?

– Não que eu tenha percebido. – replicou o paciente.

– Sei...

A oncologista parou o questionário por alguns segundos para organizar as ideias dentro da cachola. Arthur então se aproveitou do intervalo para apresentar à medica a sua análise pessoal da situação:

– Primeiro pensei numa intoxicação alimentar, sabe? Mas achei meio sem nexo não sentir nada ontem e voltar com essa dor de cabeça hoje... Depois a Amanda cismou que pudesse ser alguma intolerância ao tratamento, mas não sei se isso poderia acontecer nessa altura do campeonato, com tanto tempo sendo submetido aos medicamentos que adotamos após a cirurgia... Daí desconfiei de algum problema no lote dos quimioterápicos que

me foram aplicados na última sexta-feira... Algum outro paciente também se queixou de algo não usual nesses últimos dias?

– Não... nenhum outro paciente se queixou diretamente comigo e também não houve nenhum reporte nesse sentido nas reuniões diárias que realizo com a minha equipe. Acho muito difícil que haja algum problema com os medicamentos, Arthur, pois o laboratório fornecedor é bastante confiável. Além disso, se tivessem detectado algum senão em algum lote de medicamentos, teriam nos informado imediatamente... No que diz respeito à farmácia do nosso hospital, posso garantir que nem um produto vencido sai de lá para ser aplicado em nossos pacientes. Há um procedimento interno que obriga nossos funcionários a verificarem, além de outros detalhes, a validade de tudo o que vamos utilizar... e somos muito rigorosos com isso. – esclareceu a médica placidamente.

Dra. Julia continuou:

– Tendo seu relato como base, também acho um pouco difícil essa suspeita de intoxicação alimentar...

E quando a doutora estava para rechaçar a tese da intolerância aos quimioterápicos, Arthur meio

que a interrompeu. Ele não quis deixar nenhuma brecha que permitisse uma interpretação equivocada de suas palavras por parte da médica, e por isso fez questão de demonstrar sua confiança na equipe daquele hospital para só então prosseguir com a conversa:

– Eu sei da atenção de vocês com todos esses detalhes. Nunca tive dúvida nenhuma em relação a isso. Imaginei que o problema fosse com o laboratório mesmo, porém, depois dessa sua explicação, ficou meio improvável... – elucidou ele.

– Sabe... Também pensei que você pudesse ter prescrito alguma alteração de dosagem dos meus medicamentos como parte do tratamento ou alguma coisa parecida...

– Não... Também não mudamos nada em seu tratamento recentemente. Antes de qualquer alteração importante desse tipo, sempre comunicamos aos nossos pacientes, até mesmo para que se preparem para alguma possível reação adversa.

Sem mais nada para argumentar, e tendo se esquecido completamente de cobrar uma resposta para aquela história de intolerância medicamentosa, restou a Arthur apenas esperar o que mais a sua

oncologista teria para falar.

Bom... na verdade, ele ainda tinha sim uma última teoria a apresentar, a mais severa e tétrica entre elas, entretanto não ousou nem ao menos mencioná-la. Melhor não ficar proferindo em voz alta uma coisa terrível dessas para não correr o risco de materializá-la com o poder das palavras... Melhor guardar tal suposição só pra ele mesmo.

Após um brevíssimo período de silêncio, veio então a conclusão da oncologista:

– Arthur, acho que podemos esperar mais alguns dias para observar como você vai reagir à sua próxima sessão de quimioterapia. Depois disso, vamos ver se esse quadro se mantém ou não... De todo modo, já estamos próximos à virada do mês, época em que refaremos seus exames de acompanhamento. Mas se for necessário, se houver persistência dessa dor de cabeça, repetição desses enjoos não usuais ou surgimento de qualquer outra queixa, daí adiantaremos as suas avaliações para nos certificarmos de que está tudo certo com você... Vamos nos falando nesse intervalo. Combinado?

– Combinado!

■ ■ ■ ■ ■

E as dores de cabeça persistiram nos dias subsequentes. Intermitentes, mas se fizeram presentes. Sexta-feira antes da quimio, e também na segunda e na terça-feira seguintes. Na quarta-feira, pontada na cabeça e enjoo no começo da noite. E assim sete dias se passaram num único parágrafo...

Daí então, ao final da tarde do oitavo dia, uma quinta-feira, dada a permanência dos sintomas, hora de cumprir o que entre Arthur e Dra. Julia havia sido combinado.

E assim, imediatamente depois do trabalho, o paciente fez nova visita ao hospital. Avaliação clínica pormenorizada, amostras de sangue colhidas, ressonância magnética completa...

E logo que saiu da “rosquinha gigante”, Arthur foi convidado a entrar na sala de comando, de onde Dra. Julia acompanhara atentamente todo o exame de imagem.

Lá dentro, visualmente abatida, a oncologista pediu educadamente alguns instantes a sós com seu paciente aos seus dois colegas de hospital que estavam na sala. Assim que foi atendida, começou a declarar o que ela e sua equipe haviam encontrado no decorrer daquela ressonância...

Cada palavra doía tanto quanto uma facada,

nela e, principalmente, nele, claro. À medida que recebia o resultado, ia surgindo em Arthur um olhar pasmado.

As possíveis origens das dores de cabeça e dos enjoos recentes foram a ele apresentadas. Sim, origens, no plural mesmo... Não se tratava só de um, mas de dois novos hóspedes indesejados. Um deles ainda abria uma outra possível explicação para a cor amarelada notada dias atrás por Dra. Julia em Arthur. Antes fosse apenas o tal do betacaroteno consumido em excesso...

É... Acabou que a Arthur não adiantou de nada outrora bloquear a conclusão de pensamentos indesejados em sua mente ou evitar de mencionar em voz alta sua suposição abissal... Medos e realidades convergiram assim mesmo e tornaram-se uma coisa só.

CAPÍTULO 24 – PRECIPITADO

Nove e quarenta da noite. Arthur chegou em casa completamente calado e mudo subiu para o quarto. Nem sequer respondeu à saudação e ao “Até que enfim... Já estava ficando preocupada!” de Amanda, que se encontrava junto à máquina de lavar roupas estendendo as peças recém-lavadas e ainda úmidas no varal da pequenina área de serviço.

Estranhando a atitude do noivo, ela abandonou no mesmo momento o que fazia e foi atrás de Arthur para descobrir o que acontecia.

– Que demora, amor! Por que não atendeu o celular? – falou ela ali pelo meio da escada.

Silêncio total.

Lá no segundo andar, ao terminar de subir os degraus, Amanda encontrou Arthur deitado, atravessado na cama, barriga para cima, costas em contato com o colchão, pernas estendidas rumo à entrada do dormitório do apartamento, antebraços

cruzados sobre a testa e cabeça apontada para a prancheta de desenhos situada na outra extremidade do aposento.

– Arthur?

Ele permaneceu calado.

– Aconteceu alguma coisa, Arthur? – disse Amanda, já ligeiramente agoniada, aproximando-se do noivo ainda mais.

Em certo ponto da caminhada, pôde ela enxergar por inteiro o semblante de seu amado. Sinais incontestáveis de quem há pouco tinha chorado. Olhos inchados, nariz e bochechas avermelhados.

– O que foi, meu amor? – questionou ela sobressaltada ao constatar o estado de Arthur.

Mais alguns passos e Amanda chegou ao lado oposto do quarto, onde, sobre a cama, a cabeça de Arthur repousava.

E bastou a moça se sentar rente a Arthur e tocar a face dele para as lágrimas brotarem nas vistas do noivo. Segundos depois, a boca dele se apertou, o olhar se fechou e o choro regressou.

O pranto escorria pelos flancos do rosto de Arthur ungindo o caminho por onde passava, para, no fim, molhar os lençóis da cama com suas gotas

cristalinas, sofridas e inconformadas. Mais alguns instantes e o que até então era contido se tornou copioso e as mãos de Arthur se posicionaram sobre seu próprio rosto.

Amanda tinha conhecimento das dores de cabeça insistentes e dos enjoos, entretanto não fora cientificada pelo noivo acerca da antecipação dos exames para aquela quinta-feira.

Aliás, nem ele sabia que realizaria os exames nessa data. Foi assim: Arthur, ao informar para Dra. Julia, por volta das quatro da tarde, sobre a continuidade dessas queixas através de uma mensagem, foi prontamente convocado pela oncologista a comparecer ainda naquele dia ao hospital. Depois disso, ficou tão envolvido com a solicitação da médica que, alheado, acabou se esquecendo de comunicar o fato a todos os interessados.

Sem saber o que pensar diante daquele silêncio choroso, Amanda optou por confortar seu noivo. De nada adiantaria seguir insistindo em questionamentos naquele momento. As respostas não viriam com ele daquele jeito. Então, coube a ela puxar a cabeça de Arthur para cima de suas pernas, afagar carinhosamente a fronte do noivo e

aguardar. Não faria mal esperar por um tempo ele se recuperar de seja lá o que fosse.

Alguns minutos se passaram e as lágrimas enfim cessaram.

Valendo-se das pontas dos dedos da mão direita, Amanda secou o choro que no canto dos olhos dele restou.

Com Arthur um pouco mais controlado, chegava a hora de ela entender o que tanto o atormentava.

– Conta pra mim o que houve, meu bem... – pediu Amanda empregando toda a doçura que pôde em sua voz.

Arthur desapoioou-se das pernas da noiva e, num movimento vagaroso, colocou-se sentado ao lado dela. Esfregou as mãos no rosto e suspirou profundamente, como quem tenta espantar de vez o desalento, ou talvez como quem busca se encher de coragem para revelar algo indesejado...

Finalmente os olhares deles se ligaram e as palavras vieram:

– Amanda, tenho algo muito importante para te falar... – enunciou ele melancolicamente.

– Pode falar, meu amor... – disse a noiva incentivando Arthur a prosseguir com o relevante

comunicado.

Ele postergou o aviso mais um pouco:

– Amanda, não existe um jeito fácil de dizer algo desse tipo...

– Nossa, Arthur! Desembucha logo que esse suspense tá pra me matar! – replicou Amanda angustiada e praticamente implorando ao noivo que parasse com aquela enrolação.

Arthur olhou para cima alguns instantes e deu mais um longo suspiro antes de voltar a encarar a noiva. E quando finalmente juntou o ânimo, a força e a firmeza necessários para continuar, anunciou:

– Acho melhor ficarmos por aqui.

Pronto! Estava dito. Simples e direto. Curto e objetivo.

Amanda certamente esperava por tudo, menos por isso. Tal frase era tão incogitável por ela que chegou a duvidar do que acabara de escutar. Tão absurda para ela que pensou ter entendido errado. Porém, se seu ouvido não estivesse a lhe pregar uma peça, certamente Arthur não estava. Não depois de todo aquele choro descontrolado e quase compulsivo. Estaria ele realmente propondo o término daquele relacionamento? Mas que diabos estaria acontecendo?

– Ân?

Essa foi a única coisa que Amanda conseguiu pensar para retrucar. Na verdade, nem pensou. Esse som simplesmente escapou de sua boca, numa mescla de surpreendimento, contestação e incredulidade.

– Quero desmanchar o noivado. – repetiu ele a mesma ideia, só que se utilizando de outras palavras.

Agora não restava nenhuma dúvida. Arthur dessa vez foi extremamente claro, não deixando margem para interpretações equivocadas.

Amanda ficou ali abismada. Mas assim do nada? Não havia lógica alguma que justificasse essa vontade de Arthur. Estavam muito bem um com o outro, apaixonados de verdade. Talvez estivessem até atravessando a melhor fase desde que se conheceram, o momento entre eles de maior aproximação e cumplicidade. Não era possível uma coisa dessas!

– Por que está dizendo isso? – questionou ela perplexa.

Arthur começou a apresentar seus argumentos com um tom um tanto desiludido:

– Esse nosso relacionamento não tem futuro.

Melhor acabar com isso logo de uma vez do que ficar prorrogando uma coisa que não vai dar em nada... – disse ele seco, como se desprezasse o amor que havia entre eles, indiferente aos vários anos de relacionamento.

– O quê? Não faz sentido você querer terminar assim de uma hora pra outra... Não é possível isso! Foi algo que eu fiz? – perguntou Amanda tentando compreender a causa daquele lance tão inesperado.

– Não... Não é isso! Não tem nada a ver com você... Mas acredite em mim, vai ser melhor se nos separarmos... Vai ser bem melhor assim.

– Vai ser melhor assim? Que isso, Arthur? Não estou entendendo seus motivos! – exclamou ela buscando as mãos do seu amado. – Como que acabar com tudo pode ser a melhor coisa a se fazer? Não dá pra entender! – seguiu Amanda incrédula com o que Arthur havia declarado.

Arthur não queria entrar em maiores detalhes... Já havia combinado consigo mesmo que procederia desse jeito... Mas diante da fixação da moça por explicações, não teria ele outra escapatória senão sanar a ânsia de Amanda expondo os fundamentos que o conduziram a essa decisão.

Só que romper o relacionamento pela razão que tinha, por mais nobre e por melhor que pudesse ser para Amanda, certamente não ia colar com ela.

Teria ele que inventar algo pra falar: um pretexto esdrúxulo, uma escusa estapafúrdia... sei lá! Qualquer coisa, mesmo que absurda, seria melhor que a verdade.

Amanda nunca aceitaria se afastar de Arthur se fosse apresentada à realidade dos fatos. Com a verdade, a noiva não o abandonaria, o amor dela não permitiria... e na cabeça de Arthur não seria justo prendê-la a um moribundo derrotado até a chegada do inevitável.

Um silêncio penoso se estabeleceu entre os dois. Amanda aguardando um esclarecimento, Arthur ponderando se o faria ou se deixaria por isso mesmo.

“Não te amo mais!”, pensou em falar. Bem mais fácil de ela aceitar... poderia até funcionar e fazer com que Amanda saísse de sua vida sem muito questionar. Por outro lado, seriam vocábulos difíceis demais para ele pronunciar...

Arthur simplesmente não conseguiria articular uma mentira desse nível, mesmo que fosse essa a única alternativa viável para atingir o seu objetivo,

o de se afastarem imediatamente e, por consequência, evitar um maior sofrimento por parte dela. Se tentasse tal estratégia, ficaria entalado antes que locucionasse os primeiros fonemas. Então, sem conseguir arranjar qualquer outra desculpa menos contundente e tão indiscutível quanto a do amor acabado, teria Arthur que manter seu plano original: não se aprofundar ao se justificar.

No entanto, perante os olhos desnorteados de Amanda, ele acabou sendo dobrado. Cedeu à insistência tácita da moça, não conseguiu manter o que com seus botões havia acordado. Sua companheira de longa data definitivamente não merecia que uma invencionice lhe fosse jogada no colo. Nunca tinha feito isso com ela até aquele momento, nunca havia mentido para ela por qualquer motivo, e não queria começar agora. Não poderia tratá-la com tamanho descaso e deixá-la boiando sem lhe dar alguma satisfação. Seria uma inadmissível falta de consideração com a, até então, noiva. Ela, que sempre fez de tudo por Arthur, que em instante nenhum cogitou largá-lo à própria sorte, na mão, que esteve presente em todos os momentos, tinha mais que o direito de saber sua

justificação para a separação, merecia tomar conhecimento de tudo que estava acontecendo. Arthur já até havia omitido dela alguns fatos anteriormente, sob o argumento de poupá-la de seu padecimento, mas não o faria de novo, pelo menos não dessa vez.

E assim, a opção de Arthur de contar tudo para Amanda fez com que fragmentos do diagnóstico, recebido de Dra. Julia há pouco no hospital, resurgissem em seus pensamentos: recaída, novos tumores, avanço do câncer; enjoo, pele amarelada, pâncreas, náusea, dor de cabeça, cérebro; operável, inoperável, agressividade da doença, viabilidade de tratamento...

A recirculação de tais palavras por sua mente resultou em olhos cheios d'água novamente. Mesmo antes de realizar as biópsias, marcadas com certa urgência por Dra. Julia para dali a dois dias, na primeira oportunidade que havia, Arthur de alguma forma sabia que, dessa vez, não haveria mais o que se fazer para virar o jogo e vencer a neoplasia maligna. Começava a entregar os pontos irrevogavelmente desde o presente momento.

Tomado por uma repentina enxurrada de emoções, Arthur arrancou suas mãos das de

PERIGOSAS NACIONAIS

Amanda para em seguida quebrar dramaticamente o silêncio entre eles com um grito quase que raivoso:

– Eu tô morrendo!

Amanda gelou. O baque foi imediato. Sentiu ela de uma vezada só todo o peso contido nessas poucas porém duras palavras.

– Eu tô morrendo! – repetiu ele, agora com menos energia e com a voz ligeiramente trêmula.

Era a vez de as vistas de Amanda começarem a lacrimejar.

Já imaginou ter que presenciar esta frase sendo repetida duas vezes consecutivas por uma figura tão querida? Mesmo que fosse de brincadeira, mesmo que não condissesse com a verdade, ainda assim tal frase seria bastante dolorida. Acarretaria ao menos um frio enorme na barriga.

Decerto não é fácil ouvir isso ser dito pelo seu grande amor, pela pessoa com a qual se sonha em ter filhos, em passar lado a lado umas seis ou sete décadas seguidas, não menos que isso, até que não haja mais espaço para rugas no rosto e que todos os fios de cabelo do corpo se tornem descoloridos, e com a qual se deseja compartilhar, quem sabe, uma eternidade numa outra vida...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Que isso, Arthur? Não fale assim! Não tem nada disso!

Mas tinha... ela apenas não sabia.

– Já estamos quase lá! Estamos quase vencendo essa doença maldita! Por que essa maré de pessimismo agora? – continuou ela com um tom ligeiramente transtornado.

E foi aí que Arthur contou tudo para Amanda. Retransmitiu a ela, tintim por tintim, toda a conversa que teve com sua oncologista naquele dia, desde as mensagens de celular trocadas lá pelo meio da tarde até o diagnóstico recebido dentro da sala de exames do hospital.

Depois desse pormenorizado relato, a última pergunta feita por Amanda estava respondida. Agora ela sabia o motivo para tamanho pessimismo.

E após ouvir atordoada o relato do seu amado, Amanda até admitiu, por meio dos seus pensamentos, que Arthur tinha certa razão para surtar desse jeito, todavia discordou categoricamente que fosse o bastante para romper o noivado e encerrar o relacionamento. Não sob esses argumentos, não no momento em que ele mais careceria dela.

PERIGOSAS ACHERON

Arthur podia até ter se estilhaçado por dentro com a pancada recebida naquele dia, porém Amanda não permitiria que ele desabasse por completo.

Dessa maneira, mesmo chocada com os fatos ora apresentados, Amanda não tardou para reagir. Sem demora, e conforme previsto por Arthur, a moça se recusou a sair do seu lado. “Isso não é pretexto para nos separarmos, mas sim para nos unirmos ainda mais!”, “Vou com você até o fim... E pode ter certeza de que esse fim não está próximo!” exclamava ela. Com essas e outras, demonstrava veementemente que sob tais circunstâncias jamais abandonaria o barco.

E tão logo deixou claro que não aceitaria tão facilmente uma separação, Amanda começou a juntar do chão os cacos que se desprenderam da alma de Arthur. Tinha que iniciar o mais breve possível o processo de colagem desses estilhaços em seus respectivos lugares, sob pena de não conseguir montá-los de volta noutra oportunidade. O quanto antes ela começasse, maiores seriam suas chances de sucesso.

Embora determinada a agir nesse sentido, Amanda não podia negar que algumas lascas

também se soltaram de sua própria alma, que depois dessa revelação ela também necessitava de alguns cuidados... Estava estampado na cara dela que o golpe do adversário de tão potente também a havia alvejado. Atingiu Arthur em cheio e ainda teve força para acertá-la...

Poxa! Justo agora que ele tinha superado a recaída do ano passado!, chegou Amanda a se lastimar por dentro.

Entretanto, essa não era a hora mais adequada para lamentações... mesmo que em frangalhos, a prioridade da moça para o momento era a de tomar conta de Arthur, noutra oportunidade ela se viraria com os seus próprios pedaços.

“Nada disso de se entregar!”, “Essa doença não vai nos vencer!”, “Não viemos até aqui pra desistir!” repetia ela variações destas três frases na tentativa de reanimá-lo para o combate. Reanimar tanto ele quanto ela também, diga-se de passagem.

Após minutos dedicados a essa linha de argumentação, parecia que Amanda havia sacado de dentro da cabeça de Arthur a ideia de findar o relacionamento deles dois.

Nada mais foi dito por ele nesse sentido. Na verdade, nada mais foi dito por Arthur em sentido

algum. Ficou praticamente mudo depois de relatar os desventurosos fatos. Dele só se ouviam alguns eventuais soluços chorosos.

“Vamos vencer mais esse desafio juntos...”, decretou Amanda antes de acolher em seus braços o olhar triste e perdido de Arthur.

E ali ficaram no quarto abraçados.

Ainda era cedo para afirmar se venceriam o novo desafio juntos. Por enquanto, juntos apenas choravam.

CAPÍTULO 25 – DIAS NUBLADOS

A sexta-feira chegou com ares de ressaca pro casal e, diferentemente dos outros dias da semana, começou meio nublado.

Amanda ligou para sua chefe e pediu folga do serviço. “Obrigada, depois te explico.”, agradeceu ela antes de desligar. Arthur nem sequer telefonou para seu superior hierárquico no intuito de se justificar... simplesmente não deu as caras no trabalho.

Passaram o dia todo no apartamento. Nada para fazer senão aguardar a chegada do sábado. Arthur cabisbaixo, murcho, acabrunhado... Amanda também abatida, porém se esforçando para manter um clima agradável e positivo dentro de casa.

Até pediram algo para comerem ao meio-dia, mas não houve muito apetite dos dois nesse horário. E, em consequência disso, grande parte do que era almoço se transformou em jantar. À noite,

dada a persistência da inapetência do casal, não foi surpresa nenhuma ver a comida novamente sobrar.

Quanto à quimioterapia não houve nesse dia. Fora suspensa provisória e preventivamente por Dra. Julia até que tivessem em mãos o resultado das biópsias, a serem realizadas na manhã do dia seguinte.

E por falar em dia seguinte, o sábado custou a chegar. As vinte e quatro horas de uma sexta-feira nunca demoraram tanto para passar. Os minutos praticamente se arrastaram! Também, não poderia ser diferente ante tamanhas expectativa e desesperança concentradas no interior daquela morada: expectativa por parte de Amanda, mantendo viva a esperança por um resultado tão positivo quanto fosse possível, desesperança de Arthur, sofrendo com a expectativa de descobrir que talvez não tivesse muito mais tempo de vida.

■ ■ ■ ■ ■

Depois da noite praticamente em claro, finalmente o sábado. Banho tomado, roupa vestida, táxi bem cedo para o hospital. Em todo o trajeto, nuvens negras e carregadas acompanhavam o casal.

PERIGOSAS NACIONAIS

Internação, preparativos, despedida. Arthur para a sala onde se realizaria o exame, Amanda para a de espera. Anestesia, instrumentos auxiliares posicionados, agulhas guiadas por tomografia. Amostras cuidadosamente colhidas, gaze e esparadrapos aplicados.

Procedimentos bem-sucedidos. Depois de horas de aguardo dentro do quarto iam se esvaindo os sedativos. Ao despertar em definitivo, beijo de boas-vindas da amada. “Tudo certo. Logo, logo vamos pra casa.”.

Algumas rápidas recomendações da médica para lidar com os curativos. Arthur já conhecia tais ensinamentos de outra oportunidade, mas era bastante prudente relembrá-los. “Está liberado para deixar o hospital. Agora é aguardar os resultados.”.

Táxi para casa ao final da tarde. Pingos encorpados de chuva na janela do carro.

Três a quatro dias de prazo para as análises ficarem prontas devido ao caráter de urgência que fora solicitado. O duro seria controlar a ansiedade nesse intervalo...

■ ■ ■ ■ ■

PERIGOSAS ACHERON

O domingo despontou, porém o sol, mais uma vez, não deu as caras. Dia cinzento, de céu encoberto e chuvas esporádicas.

A manhã para Arthur foi de não querer fazer nada.

Após o almoço, resolveu acessar o aplicativo de conversas virtuais e mandar no grupo da família uma mensagem de voz com um resumo dos últimos acontecimentos vividos por ele. Meio impessoal, porém mais prático. Assim, de uma só vez, comunicou pai, mãe e irmãos a respeito dos novos tumores e das biópsias recém-realizadas.

Depois que enviou a notícia, Arthur recebeu uma sequência de ligações alarmadas. À medida que escutavam o recado, os participantes do grupo entravam imediatamente em contato. Era praticamente desligar para escutar o telefone tocar de novo. Primeiro Gabriel, depois Teresa e por fim seus pais.

De nada adiantou sumariar os fatos ocorridos na tal mensagem... Todos aqueles quatro familiares, sem exceção, quiseram ouvir uma versão mais esmiuçada da história de Arthur. Daí ele acabou tendo que responder quatro vezes quase que seguidas algumas variações das mesmíssimas

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntas naquele começo de tarde. “Recaída?”, “Tumores?”, “Onde estão?”, “Biópsia?”, “Quando sai o resultado?”... “Força!”, “Vai superar!”, “Certeza da vitória!” e outras tantas expressões de encorajamento vieram logo em seguida.

Arthur sabia que as indagações eram inevitáveis. Coisa de família preocupada e já meio traumatizada com os eventos relacionados à saúde dele. Mas poxa vida... Nem para os seus pais bolarem um esquema para ouvirem juntos e de uma só vez as explicações do filho! Extensão telefônica, viva-voz... sei lá! Desta forma, Arthur poderia ter economizado alguma saliva e um punhado de palavras. Só que não... depois das interrogações da mãe, hora dos questionamentos do pai.

Ah! No final das contas, foi até melhor dessa maneira... Se por um lado era enfadonho e aporrinhante ficar repetindo a todo momento estes acontecimentos, por outro era muito oportuno escutar da própria boca e com o som da própria voz, repetidamente, estes fatos infaustos. Assim, Arthur ia, pouco a pouco, conformando-se com a própria sorte. Além disso, todo esse processo de interrogatório e de atualização da família contribuiu para gastar algumas horas do dia.

PERIGOSAS ACHERON

Lá pelas cinco da tarde, visita dos pais de Arthur ávidos por lambar a própria cria. “Por que não nos falou antes da biópsia? Poderíamos ter ido com você!”, argumentou a mãe. “Não houve necessidade de incomodá-los, Amanda já estaria lá comigo...”, alegou o filho com um sorriso nos lábios, tentando passar alguma naturalidade ao tratar do episódio.

Mais algumas inquirições sobre a recaída. Tão logo percebeu que Arthur estava ligeiramente incomodado com o rumo da conversa, que o sorriso por trás do qual ele se escondia tinha um quê de tristura e de desalento, a mãe mudou prontamente de assunto. Não era a intenção dela nem a do pai ficarem perturbando-o naquela tarde. A ideia era se mostrarem disponíveis caso Arthur quisesse desabafar ou ajudá-lo a se distrair um pouquinho se por ventura o filho caçula não se revelasse muito confortável para falar daquilo tudo. O propósito daquela visita era trazer para o rebento todo o acolhimento e aconchego do carinho pátrio e não o contrário.

A pedido de Amanda, a presença dos progenitores de seu noivo se estendeu um tempinho a mais, para que ela pudesse dar um pulo ligeiro no

supermercado do bairro. Não que Amanda achasse que Arthur não pudesse ser deixado sozinho dentro do apartamento ou que ele fosse cometer algum ato extremo e impensado durante sua ausência... nada disso! Amanda queria apenas que ele desfrutasse um pouquinho mais da companhia familiar, que os três ficassem mais à vontade para conversar, enquanto ela corria para reabastecer a geladeira e a despensa já praticamente vazias da residência. Lanche para todos no retorno dela ao lar.

No começo da noite, e com os pais já a caminho do condomínio onde moravam, Arthur recebeu a solidariedade dos sogros através de um telefonema. Dessa vez não precisou entrar em tantos detalhes, a sua noiva já o tinha feito enquanto esteve fora de casa. “Me desculpe. Eles me ligaram no meio das compras e acabou escapando...”, retratou-se Amanda após Arthur finalizar a chamada. “Não tem problema. Não era meu plano, em nenhum momento, fazer disso um segredo.”, respondeu ele.

Horas mais tarde, quando a programação da televisão já não parecia mais tão cativante, preparou-se para dormir. Tudo pronto, ao embalo da chuva que voltou firme do lado de fora e na

companhia de Amanda, deitou-se na cama, fechou os olhos e encerrou o domingo.

■ ■ ■ ■ ■

Segunda-feira menos molhada, mas não por isso mais animada. Em meio ao leve chuvisco, o azul surgia tímido em pontos isolados da atmosfera enquanto Arthur seguia pro trabalho.

É... ele não matou o serviço novamente. Considerou menos pior empregar as horas do dia nas tarefas da arquitetura do que na observação das paredes do *loft*.

No escritório da empresa, assim como procedera quando da primeira biópsia, combateu a curiosidade dos colegas de serviço quanto ao curativo chamativo na cabeça com desculpas esfarrapadas.

Duas, quatro, oito voltas completas do ponteiro menor do relógio. Fim do expediente, hora de buscar Amanda, conforme haviam combinado anteriormente, e voltar para casa.

Elevador, rua, carro, trânsito pesado... “Oi!”, beijinho carinhoso, mais tráfego até o bairro em que moravam... Garagem, elevador, apartamento.

Ligação de Teresa para saber se estava tudo bem, passadinha rápida de Gabriel pelo *loft* para abraçar o irmão caçula.

Lanche a três.

Findada a visita fraternal, banho e pijama. Filminho na tevê, beijo de boa noite em Amanda e cama.

Antes de pegar no sono, uma frase não saía da cabeça de Arthur:

Três a quatro dias para o resultado...

Tomando o menor prazo por base, dormiu na expectativa de a terça-feira ser o dia tão aguardado.

■ ■ ■ ■ ■

É hoje!, pensou ao desligar o alarme que o despertou.

Beijo de bom dia na noiva, café da manhã, chuveirada, roupa, trabalho.

Arthur não via a hora de o telefone tocar! Durante o horário de serviço daquela terça-feira, tenso e inquieto, tirava o celular do bolso a cada cinco minutos para verificar na tela do dispositivo se não tinha perdido alguma coisa importante. Porém, ao contrário do que ele idealizou, a tão

PERIGOSAS NACIONAIS

esperada ligação não se confirmou. Nenhuma chamada do hospital pela manhã nem depois da hora do almoço.

Quanta frustração!

Ao chegar em casa, decepção escancarada no rosto... Não dava nem pra disfarçar!

De tão chateado, recusou prontamente o convite feito por Amanda de pegarem um cinema. Não havia clima para qualquer atividade fora do apartamento. Nem fora nem dentro, pra falar a verdade.

Depois de comer e de se banhar, gastou o restante da terça-feira fazendo absolutamente nada.

Três a quatro dias... De amanhã não pode passar!, matutou ele já perto da meia-noite, logo antes de se deitar.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 26 – RESULTADO

E não passou. Quarta-feira de emoções garantidas!

Tá certo que a tão aguardada ligação só aconteceu lá para o meio da tarde, porém, como dizem por aí, numa modificação de um dito popular, “antes tarde do que mais tarde ainda”...

Quando soube por um dos membros de sua equipe que a análise havia ficado pronta, Dra. Julia interrompeu imediatamente as atividades extra-hospitalares que realizava e telefonou para o seu paciente a fim de verificar a possibilidade de se encontrarem. “Então estamos combinados. Quatro e meia da tarde. Estou terminando alguns assuntos e vou direto para lá. Farei o possível para não me atrasar...”, disse ela a Arthur.

■ ■ ■ ■ ■

ARTHUR

Dra. Julia acabou de me ligar.
Saíram os resultados das
biópsias. Tô indo lá agora
buscar...

03:40PM

Foi o que constou na mensagem de Arthur para a noiva. E ele estava tão inquieto nesses últimos dias com essa história de biópsia que, após informar Amanda, largou tudo do jeito que estava no escritório da empresa de arquitetura e dirigiu-se rumo ao compromisso recém-acordado.

A réplica, ou melhor, as réplicas de Amanda vieram quase quarenta minutos mais tarde:

AMANDA

Oi, amor!
04:18PM

Já foi?
04:18PM

Quer que eu vá lá com você?
04:18PM

Xiiii... Que mancada de Arthur! Ele nem
PERIGOSAS ACHERON

sequer perguntou para a noiva se ela gostaria de ir junto com ele pegar os tais resultados... No entanto, a omissão não foi premeditada. Mero lapso. Ato involuntário e completamente compreensível em vista da ansiedade que o dominava.

Arthur não tinha nenhuma objeção quanto à participação de Amanda. Pelo contrário! Até gostaria de ter o apoio dela nesse momento, de tê-la ao seu lado independentemente de qual fosse o laudo a lhe ser apresentado.

Incoerente para alguém que dias atrás havia pedido o término do relacionamento... Mas não era. Arthur, naquela ocasião, não queria se livrar dela e sim livrá-la do dissabor de vê-lo definhando, fato este que já estaria quase garantido de acontecer nas previsões que montou pra si mesmo em sua cabeça a partir do instante em que soube da segunda recidiva da doença através do exame de imagem de seis dias atrás.

Bom... Involuntário ou não, incoerente ou não, ainda que a presença de sua noiva ali com ele pudesse contribuir positivamente, agora já seria tarde demais. Levando em conta a pontualidade quase que britânica de sua médica, não haveria mais tempo hábil para que Amanda soubesse do seu

local de trabalho e chegasse ao hospital para presenciar a abertura do envelope de exames... Seriam necessários ao menos uns trinta e cinco minutos para que ela completasse o referido trajeto. Isso se desse sorte de o ônibus não demorar a passar no ponto...

E realmente não havia mais tempo hábil. Embora Dra. Julia ainda não houvesse chegado ao seu gabinete para se encontrar com seu paciente, já estava a médica no hospital, mais especificamente dois andares abaixo, no setor responsável por divulgar os resultados das biópsias, tomando conhecimento do laudo de Arthur. Dificilmente a oncologista quebraria a rigidez que tinha com o horário.

ARTHUR

Não precisa. Obrigado!
Já estou aqui no hospital.
Logo, logo a Dra. Julia vai
chegar pra gente conversar.
Marcamos às 4 e meia.

04:19PM

Pelo adiantado da hora, Amanda constatou que

PERIGOSAS NACIONAIS

não conseguiria mais participar do encontro entre Dra. Julia e Arthur. Sentindo-se meio culpada, e apesar de não haver motivo para uma retratação por parte dela, justificou a morosidade para ler a primeira das mensagens:

AMANDA

Nossa.... Desculpa a demora
pra responder... ☹

04:20PM

Só vi sua msg agora!

04:20PM

Entrei numa reunião e deixei
o celular na gaveta da minha
mesa... ☹☹☹

04:21PM

Se eu tivesse lido antes,
poderia estar aí com vc!

04:21PM

Pois é... Fácil deduzir que Amanda havia ficado chateada com o desenrolar da situação. Todavia, conforme pode-se apreender da última

PERIGOSAS ACHERON

sequência textual remetida por ela, mesmo que Arthur tivesse se lembrado de convidá-la para ir ao hospital junto com ele, de nada teria adiantado... Amanda, que era praticamente grudada ao *smartphone*, por uma obra do destino, tinha se separado do aparelho e não teria visto tal oferta se houvesse sido enviada. Quer dizer... Até teria visto, mas não em um momento em que poderia ter feito alguma diferença.

Destino, acaso, sina, fado... cada um chama de um jeito. Fosse lá qual fosse o nome mais adequado, algo conspirou para que Arthur tivesse que enfrentar este instante determinante de sua vida acompanhado apenas de si mesmo.

ARTHUR

Sem problema! Não precisa se desculpar por conta disso, né!
Nos vemos em casa.
Até mais tarde!

04:22PM

E realmente não havia problema algum da parte dele. Entretanto Arthur conhecia sua noiva o suficiente para saber que haveria problema por

parte dela. Amanda ficaria se remoendo por ter se afastado de seu telefone quando menos podia, por não se fazer disponível, por não se fazer presente nesse momento tão relevante.

E assim, para que Amanda não ficasse se martirizando nem muito descontente consigo mesma, Arthur fez a única coisa que estava ao seu alcance para tentar amenizar a situação de alguma maneira: mandou para a noiva uma carinha sorridente.

ARTHUR



Porém o efeito não foi o esperado... Aquela carinha amarelinha, de olhos pretinhos e boquinha esbanjando felicidade ficou encarando Amanda através da tela do *smartphone* a ponto de afrontá-la! O que serviria originalmente para acalantar acabou por deixá-la ainda mais inconformada com o seu descuido!

Poxa vida! Que hora pra me esquecer do celular!, repreendeu-se Amanda lamentosamente em seus pensamentos.

Tinha ela plena consciência de que, para o bem ou para o mal, esta seria uma etapa decisiva para Arthur. Tinha que estar com ele de todo jeito, não podia desapontá-lo com sua ausência, ainda mais numa ocasião tão significativa quanto essa.

Os segundos iam se passando e Amanda prosseguia se torturando.

Porém, de nada adiantaria mergulhar nessa onda de autoflagelação. Tinha ela que reagir... e sem demora!

Ah... Quer saber? Ainda que eu chegue atrasada, vou pra lá assim mesmo! Quero estar por perto o quanto antes se ele vier a precisar de mim.

Convicta de que tomara a decisão mais acertada, pressionou o *display* do celular a fim de ativar o teclado virtual do aplicativo de mensagens. QWERTY na tela, com os polegares de ambas as mãos, digitou rápida e determinadamente as últimas frases daquela conversa:

AMANDA

Em casa nada! Tô indo aí
pro hospital te encontrar!

04:25PM

E nem pense em sair daí se
eu ainda não tiver chegado!

04:25PM

■ ■ ■ ■ ■

Pouco depois da última troca de mensagens entre os noivos, Dra. Julia deu as caras na antessala de seu gabinete, onde Arthur aguardava por ela.

Vendo o nome do hospital gravado no envelope de papel debaixo do braço de sua médica, Arthur engoliu em seco. Era a hora da verdade...

Cumprimentaram-se e entraram na sala.

Antes de começarem a conversar, Arthur já sabia que a doutora não tinha coisas agradáveis para lhe contar. Sisudez patente. A seriedade dela era quase que um atestado de óbito. E, em alguns minutos, ele descobriria que realmente o era...

Já sentados, a médica tirou de dentro do envelope a pasta na qual se encontravam grampeados os papéis que continham os “benditos” resultados. A doutora passou os olhos sobre a conclusão do laudo mais uma vez na esperança de ter se enganado na primeira leitura que fizera alguns minutos atrás.

Infelizmente, não havia entendido nada de errado...

Sem floreios, direto ao ponto. Glioblastoma no cérebro, uma neoplasia maligna de grau IV, e no pâncreas um outro tumor igualmente agressivo. O caso dele tornara-se gravíssimo e bastante delicado.

No prognóstico de Dra. Julia, diferentemente das outras vezes, não se falou mais em possibilidades de cura, mas nos atuais e em outros possíveis sintomas, em quimioterapia paliativa e em qualidade da sobrevida.

Confusão mental, dificuldade para falar ou para entender, convulsões, perda de sensibilidade em qualquer parte do corpo, dor de cabeça, alteração ou mudança na personalidade; fadiga, náusea, perda de peso, pele e olhos amarelados... Tudo isso poderia fazer parte do pacote, ainda que isoladamente.

“Seis meses a um ano... talvez um pouco mais. Sinto muito!”, decretou a oncologista inteiramente contrariada e abatida baseando-se nas tão desanimadoras estatísticas obtidas de casos semelhantes ao dele.

Arthur acertou em cheio! Os dizeres da médica confirmaram o que ele já desconfiava. Não

havia muito mais a ser feito dessa vez, e o que fosse feito só serviria para adiar o inevitável. A esperança, que da parte dele já era ínfima, desaparecia permanentemente. Hora de desistir da guerra, de baixar a guarda e de se render ao inimigo. Hora de aceitar a derrota, de descer do cavalo e abandonar definitivamente o campo de batalha.

O paciente não comentou nada, não contestou nada, apenas escutou calado. Estaria ele em profundo choque ou simplesmente conformado? Diante daquela notícia fúnebre, achava-se ele sem ação ou finalmente concluía todo aquele moroso processo de aceitação? Dra. Julia não conseguia diferenciar.

Não propôs Arthur nenhuma pergunta à sua médica, mesmo quando provocado por ela a fazê-lo.

E pra que perguntar se já ouvira tudo de que precisava? A explicação da oncologista havia sido para ele extremamente clara e nenhuma informação adicional se mostrava necessária.

Sem mais nada para fazer ali, preparou-se Arthur para ir embora. Colocou-se de pé e despediu-se de Dra. Julia com poucas palavras:

– Ok então, doutora. Já vou indo... Até mais.

Palavras firmes e frias, tom inalterado. Nem parecia que tinha acabado de ser condenado ao perecimento, que tinha acabado de ouvir a própria sentença de morte.

– Espera um pouquinho, Arthur. O que acha de ligarmos para alguém da sua família vir te encontrar aqui no hospital? – indagou ela receosa com seu paciente.

Tudo o que a médica não queria agora era que Arthur saísse perambulando solto pelo mundo após receber um laudo tão devastador quanto aquele. Seria no mínimo insensato que ele voltasse para casa desacompanhado.

– Não será preciso. Tô tranquilo... Eu já tava esperando por algo desse tipo... – respondeu ele mantendo a impassibilidade. – Além disso, Amanda já está a caminho.

É... Depois dessa, a dúvida da doutora no que tangia ao estado emocional de seu paciente não tinha mais como perdurar. Ele, definitivamente, não estava abalado nem perturbado com o prognóstico, mas de certa forma acomodado, estoico, submisso à vontade do seu próprio destino. Nem parecia a mesma pessoa que, um ano e meio atrás, saíra

esbravejando daquela mesma sala ao ser informado da primeira recaída que sofrera daquela doença perversa e implacável...

Antes que seu paciente partisse dali, a médica tirou de dentro de uma das gavetas de sua mesa e entregou a ele uma caixa de remédios para ajudá-lo a dormir se viesse a ter alguma dificuldade nesse sentido. Aproveitou ainda o momento para informá-lo quanto aos próximos passos a serem dados e também para lembrá-lo de que ficariam, ela e todos os demais membros da equipe hospitalar, à inteira disposição em caso de necessidade:

— Está bem então, Arthur. A respeito da quimio, acho que podemos dar mais alguns dias de descanso pra você. Retomamos na sexta-feira da semana que vem, no horário habitual... E não se esqueça: estaremos por aqui preparados para ajudá-lo a toda hora. Qualquer dúvida ou emergência que tiver, venha direto pra cá ou telefone no meu celular... estará sempre ligado.

Arthur agradeceu a preocupação de Dra. Julia e a prontidão com que ela largou seus outros compromissos só para ir até o hospital encontrá-lo naquela tarde. Caixinha de comprimidos

acondicionada no bolso frontal da calça jeans, pegou das mãos da médica os resultados. Fechou a pasta, inseriu-a dentro do envelope e, após um sorriso ao mesmo tempo simpático e forçado, silenciosamente deixou a sala.

Paradoxalmente, mente cheia e vazia ao mesmo tempo. Sem vontades, o corpo entrou em modo automático. Percorreu Arthur os corredores rumo à saída como se não estivesse lá.

É... Se a vida como dizem por aí realmente começa aos quarenta, Arthur teria que partir muito antes de iniciá-la.

■ ■ ■ ■ ■

– Pode ficar com o troco! – falou Amanda descendo apressada de dentro do carro.

Com o intuito de chegar ao hospital o mais breve possível ela acabou optando por tomar um táxi. Bem mais rápido que pegar um ônibus... ganhou uns dez minutos só nessa jogada.

Enquanto atravessava o amplo estacionamento a céu aberto do hospital, perfazendo os últimos metros para alcançar a entrada do lugar, ela foi sacando da bolsa o seu celular. A ideia era ir

ligando para Arthur a fim de tentar localizá-lo. Amanda não queria perder nem mais um segundo sequer para encontrá-lo.

Passos acelerados, visor do telefone desbloqueado.

Contatos → Favoritos → Arthur

Não foi necessário nem completar a chamada. Assim que discou e colocou o aparelho junto ao ouvido, tão logo olhou para frente novamente, já avistou seu noivo sentado no meio-fio, cabisbaixo, próximo à porta principal.

– Arthur? – clamou ela de longe pelo seu amado.

Ao ouvir seu nome ecoando no ar, dirigiu ele os olhos instintivamente na direção de onde viera o chamado. Identificando a figura de sua noiva se aproximando dele, levantou-se de onde estava.

Praticamente cinco horas da tarde, conferiu Amanda no visor do *smartphone* antes de recolocá-lo dentro da bolsa. Pelo horário, deduziu ela imediatamente que a reunião com a médica já teria se realizado. Ainda assim, formulou sua próxima indagação como se tal encontro ainda não houvesse

ocorrido:

– Já conversou com a sua médica?

A resposta de Arthur veio com o erguer de um braço.

Na mão dele o envelope, no rosto o olhar desolado. Mau sinal...

Amanda apanhou de entre os dedos do noivo os resultados. Coração apertado.

– E aí? Como foi? – questionou ela não escondendo a grande expectativa em sua voz e meio que tentando ignorar os sinais até então emanados pelo noivo.

Sorriso sem graça de Arthur.

Amanda seguia sem querer enxergar a realidade que se prenunciava no jeitão prostrado de seu amado. Porém, quando os olhos dele se inundaram, não havia mais como continuar enganando a si mesma. Atirou-se ela então sobre o noivo e, aos prantos, envolveu-o em seus braços.

CAPÍTULO 27 – ACEITAÇÃO?

Após um restante de quarta-feira bastante pesados dentro do *loft*, de interiorização da abrolhosa notícia pelo casal, Arthur, por incrível que pareça, mesmo sem recorrer aos remédios que recebeu de sua médica, dormiu relativamente bem e, como se fosse um dia qualquer, acordou disposto a ir para o escritório onde trabalhava.

– Tem certeza de que quer ir mesmo? – estranhou a noiva ao vê-lo se arrumar.

– Sim, tenho muitas coisas importantes que preciso resolver por lá e que não podem ficar pra amanhã... – respondeu.

Esbanjou tamanha segurança em seus dizeres que Amanda nem sequer teve coragem de contra-argumentar. Ela simplesmente concordou com a cabeça e, minutos mais tarde, mediante um abraço carinhoso e um beijo suave nos lábios, despediu-se de seu amado.

Num relance, antes que seu noivo partisse de

casa, lembrou-se Amanda de algo que queria perguntar:

– E seus pais? Não vai contar?

– Por enquanto não. Pensei em contar no final de semana. Vou dar aos meus pais mais alguns dias dessa feliz ignorância... – retrucou. – Acho que será menos pior assim para eles, sabe? Melhor mantê-los na angústia de aguardar um resultado atrasado do que transportá-los para a tristeza de ter um filho morrendo.

Faça o que achar que deve ser feito, meu bem..., consentiu ela através de seus pensamentos para, logo depois, ver Arthur fechar a porta do apartamento.

■ ■ ■ ■ ■

Na empresa de arquitetura, cumprimentou a todos como costumeiramente fazia. Assim que entrou em sua sala, ligou para o seu chefe no andar de cima.

– Precisamos conversar. – disse Arthur.

Telefone no gancho, deixou o gabinete, atravessou o corredor e subiu calmamente pela escada.

Instantes depois, já na presença do superior hierárquico, apenas pediu as contas sem dar maiores detalhes. Não queria a piedade dele ou a comiseração dos demais colegas de trabalho.

Diante da irredutibilidade de seu funcionário, o homem não teve outra opção senão concordar com a rescisão.

Sendo seu derradeiro dia somando forças àquela equipe, Arthur se reuniu com quem precisava e passou pra frente a situação e todas as pendências dos projetos aos quais se dedicava. Visita rápida ao RH da firma para assinar a papelada.

Almoçou num restaurante ali pertinho acompanhado apenas de seus pensamentos.

Após a refeição, no retorno à sua sala, uma mensagem surgiu na tela de seu telefone celular:

AMANDA

Oi, meu amor!
Tudo bem por aí?
12:43PM

ARTHUR

Tudo bem sim!

Não se preocupe!

12:43PM

Depois de acalmar sua amada com estas poucas palavras, juntou suas coisas dentro de uma caixa de arquivo, daquelas feitas de papelão com dois buracos nas laterais que servem de alças, e, pela última vez, após uma boa e demorada olhada no lado de dentro, fechou pelo lado de fora a porta daquela que não seria mais a sua sala.

Poucos passos depois, apoiou a caixa entulhada com seus pertences sobre a mesa da secretária.

– Muito obrigado, Maria! – proferiu ele em tom de despedida.

Desgostosa com o desligamento de um de seus colegas preferidos, a mulher se levantou, deu a volta em sua mesa e, pela primeira vez em tantos anos de convivência naquele escritório, deu em Arthur um abraço apertado seguido de um beijo no rosto, num gesto quase que maternal.

Arthur também não comentou nada com Maria acerca do agravamento da sua doença, mesmo comportamento que adotara com os demais companheiros de escritório, no entanto, de alguma

maneira, a secretária sabia exatamente o que estava acontecendo, conhecia ela a real motivação para a saída dele da empresa.

Todavia, discreta como sempre, Maria não abordou tal assunto naquele momento... ao menos não diretamente.

– O senhor já sabe que estarei sempre por aqui para o que precisar, né? – fez ela questão de ratificar toda a sua disponibilidade para ajudá-lo se assim fosse necessário.

Dessa vez, Maria não se referia à atividade de secretariado que ela exercia, e sim ao suporte que uma verdadeira amiga ofereceria numa dessas enrascadas da vida...

– Tô sabendo, Maria! E por isso lhe sou muito grato... – sensibilizou-se Arthur com o ato espontâneo da agora ex-colega de trabalho. – Mas sem esse negócio de “senhor” dessa vez, né! – brincou ele.

– Tá certo, Arthur... – riu a mulher ligeiramente enternecida com toda aquela situação. – Vá com Deus! – completou ela.

Logo que viu Arthur colocar a caixa debaixo do braço esquerdo e encerrar a conversa com Maria, um de seus companheiros de serviço, que se

PERIGOSAS NACIONAIS

achava numa das tantas baías posicionadas atrás da mesa da secretária, ergueu-se e puxou uma salva de palmas para o carismático colega que os deixava. Sem demora, Maria e os demais que também estavam por lá avolumaram a sincera demonstração de apreço por Arthur. Aplauso caloroso e prolongado.

Por essa ele não esperava... Algo acanhado e um tanto comovido, acenou a todos com a mão que tinha livre e com um sorriso no canto da boca deixou o recinto ainda sendo ovacionado.

Desceu pelo elevador, ganhou as ruas e caminhou até o local em que seu carro estava estacionado. Entrou no veículo e colocou seus pertences sobre o banco ao lado. Acionou o motor e dirigiu direto para o prédio onde morava.

■ ■ ■ ■ ■

Sentado por pelo menos uns sessenta minutos no sofá da sala de casa, Arthur, solitário, ruminava o prognóstico recebido da boca de sua médica praticamente vinte e quatro horas atrás.

“Seis meses a um ano... talvez um pouco mais...”.

PERIGOSAS ACHERON

A cada repetição dessa série de palavras, um sentimento diferente assaltava a mente de Arthur para posteriormente se fundir aos demais que já estavam por lá.

Não tinha ele ainda a mínima noção de como proceder, de como encarar essa inexorável realidade...

E agora? O que fazer com todo esse tempo? Quer dizer: o que fazer com toda essa falta de tempo?

Complicado tentar encaixar tudo o que ele queria consumir até os seus oitenta ou noventa anos de idade naquele horizonte de seis a doze meses de vida que lhe restavam... Essa sim era a verdadeira missão impossível!

Apesar de toda a dificuldade envolvida, tinha que se organizar de alguma maneira, preparar-se para o período que estava por vir. Do contrário, ficaria desorientado, perdido, assistindo às semanas se esvaindo rapidamente, sem saber como desfrutá-las ao máximo possível.

Óbvio que não daria mais para fazer tudo o que já almejava um dia para o próprio futuro... Teria ele que, invariavelmente, priorizar algumas poucas vontades e extirpar outras em definitivo.

Quem sabe enumerar um punhado de pretensões num pedaço de papel, conforme já havia visto num filme estrelado por Jack Nicholson e Morgan Freeman, não fosse uma boa saída?

Sim... poderia ser um recurso deveras pertinente para o momento...

Porém, mesmo depois de todo o tempo que despendeu ali sentado, ainda que optasse por escrever suas aspirações num pedaço de papel, Arthur não faria ideia de por onde começar sua lista.

É... Talvez ainda não estivesse óbvio para ele quais de seus sonhos deveria incluir nesse rol, quais deles deveria elencar para tentar efetivar com os meses que teria pela frente, entretanto já ficava um tanto evidente o que não dava mais pra materializar ou o que não tinha mais sentido algum em se correr atrás...

Inscriver-se numa pós-graduação a fim de ampliar seus conhecimentos e progredir na carreira de que tanto gostava, trabalhar duro para estabelecer seu nome no mercado até um dia poder montar sua própria empresa de arquitetura e atingir sua independência profissional? Não haveria mais oportunidade para isso tudo. Aliás, nem mais um

emprego na área ele possuía...

Vir a frequentar um curso de gastronomia bastante sofisticado e aprender a cozinhar tão bem quanto os participantes dos mais famosos reality shows de competição culinária? Não... não era mais uma opção.

Desvendar todos os segredos de uma máquina fotográfica, daquelas cheias de recursos, e viajar sem rumo pelo mundo registrando as mais belas e deslumbrantes paisagens que cruzassem o seu caminho? É... também deixou de ser uma possibilidade para Arthur.

Ah! Quão incontáveis lugares não conseguiria visitar...

E o que dizer da eterna intenção de comprar uma bateria acústica, ou mesmo uma daquelas eletrônicas que não castigam tanto assim os ouvidos dos vizinhos, e se dedicar a tal instrumento de percussão até que conseguisse tocar uma dúzia de músicas sem errar ou que alcançasse uns dez por cento da habilidade de um Neil Peart, de um John Bonham, de um Dave Grohl ou de tantos outros artistas que tanto admirava? Teria que ficar pra uma outra encarnação.

Se ambições profissionais ou pessoais, se

PERIGOSAS NACIONAIS

banais ou louváveis, tudo aquilo precisaria ser desprezado, assim como aquele desejo antigo que trazia desde a infância consigo, que até aquele momento manteve vivo e que agora deveria ser invariavelmente esquecido: o de deixar seu nome marcado na história da humanidade através de algum ato grandioso e extraordinário. Não haveria mais tempo para isso...

“Seis meses a um ano... talvez um pouco mais...”. De repente, a inevitável sensação de que não aproveitara sua passagem pela Terra com a plenitude que deveria.

Se soubesse desde sempre que sua existência por aqui seria relativamente breve, teria agido diferente, teria aplicado a si mesmo alguma política do tipo “menos é mais”...

Menos desavenças, menos atritos irrelevantes, menos tempo perdido com o que não é importante, mais família, mais amor, mais amigos. Menos insipiência, menos ignorância, mais conhecimento, mais três ou quatro idiomas, mais livros. Menos olhar para o próprio umbigo, mais trabalhos voluntários. Menos deixar para amanhã, mais hoje, mais agora. Menos dormir, menos TV, menos apartamento, mais cinema, mais rua, mais vida!

PERIGOSAS ACHERON

Tantas pequenas coisinhas que teve a oportunidade ou que gostaria de ter colocado em prática mas que acabou postergando, empurrando pra frente com a barriga, por mera preguiça ou por qualquer outro motivo tão vazio quanto esse, na ilusão de que sempre conseguiria uma brecha mais adiante para encaixá-las ou na quase certeza de que não lhe faltaria tempo para concretizá-las... Pois faltou, e agora era hora de curtir todas as nuances amargosas do arrependimento.

Se para Arthur criar uma lista de anseios seria custoso, em contrapartida a de remorsos, que a essa altura já era bem extensa, continuava crescendo sem nenhum esforço. Tudo aquilo que já cogitou em fazer um dia, ainda que por brincadeira ou mera fantasia, estava apto a nela adentrar, bastando para isso ser apenas lembrada. Gaita, contrabaixo, guitarra... *Snowboard*, *slackline*, subir uma montanha grandiosa ao melhor estilo do alpinismo, *skydive*... mesmo o surfe que não lhe brilhava tanto assim os olhos tinha agora o poder de angustia-lo.

Bom... Algumas dessas coisas ainda dava até para experimentar, mas quando Arthur considerou realizá-las, no exato instante em que empenharia seu raciocínio em um meio de executá-las, uma

interrogação sobreveio em seu íntimo impedindo-o de continuar: “pra quê?”.

Esse era o questionamento da vez, a pergunta que não queria calar, a expressão que o faria vacilar, surtar, que embaralharia ainda mais a sua já tão confusa cabeça. E foi a partir daí que ele passou a enxergar tudo aquilo por uma outra perspectiva...

Pra que se dar ao trabalho? Pra que perder seu tempo com isso? Pra que gastar seus últimos lampejos em experiências que dentro de poucos meses seriam enterradas junto com ele a sete palmos abaixo do chão?

Arthur estava morrendo e só agora se conscientizava disso. A ficha dele começava a cair. Cada minuto gasto naquele sofá era menos um minuto para curtir a vida...

Mas e daí? Que diferença faria se ele permanecesse ali cercado por aquelas almofadas por mais umas duas, três, dez horas seguidas? Qual o problema se resolvesse fazer isso?

E assim, ao contrário do que se imaginava, a suposta aceitação esboçada por ele na presença de Dra. Julia vinte e quatro horas antes começava a escorrer pelo ralo. A resignação dava lugar a uma dolorosa indignação.

Por que com ele? O que fez para receber uma pena tão dura quanto essa? Qual o sentido de tudo isso? Como se já não bastasse a doença tê-lo atingido, ainda teria que morrer por conta dela?

Sufrimento desmedido, calvário infinito, solidão extrema. Se até Jesus Cristo sentiu-se abandonado por seu Pai quando crucificado, o que dizer de Arthur, um simples mortal que estava longe de ser santo...

Arthur começou a duvidar de sua capacidade de enfrentar os últimos meses que tinha adiante. Ideias temerosas invadiam sua mente. Aquele mesmíssimo “pra quê”, tão danoso e desassossegante, ganhava a companhia de outros ajuntamentos de letras e voltava a assombrá-lo em novas sentenças: Pra que sofrer desse jeito? Pra que continuar? Pra que seguir em frente?

Ante tão perturbadoras perguntas, Arthur não conseguiu conter a inquietação que sentiu crescendo em seu âmago. Sua respiração se acelerou, seu sangue começou a ferver em suas veias! A revolta chegou súbita e irrefreável para dominá-lo por completo numa questão de poucos segundos!

Merda! Doença filha da puta!, bradou ele em

PERIGOSAS NACIONAIS

seu íntimo.

Entretanto, xingar unicamente através de seus pensamentos não foi suficiente. Precisava extravasar o que não cabia mais do lado de dentro:

– Merda! – gritou ele meio inibido uma primeira vez. – MERDA! – berrou uma segunda vez, agora sem hesitação, embalado pela exasperação que o corroia internamente.

O ímpeto inconformista pô-lo de pé e vermelheceu através de seus olhos o mundo à sua volta. Tudo que o rodeava se tornava para ele um daqueles inimigos intragáveis de longa data, um alvo no qual deveria despejar sem misericórdia toda a sua insatisfação, toda a sua raiva, tão execrável quanto é para o touro a muleta escarlata do toureiro ao ser agitada.

Desprovido de piedade, catou a primeira coisa que viu pela frente, no caso a caixa de papelão em que trouxe desde o escritório da empresa até em casa os seus pertences, e arremessou-a descontrolada e violentamente.

Papéis, canetas, lápis, livros, um porta-retratos que ganhou de Amanda tempos atrás, *pen drives* e outros cacarecos que estavam dentro voando e rodopiando pelos ares...

PERIGOSAS ACHERON

Alguns dos objetos ficaram pelo trajeto, outros seguiram firmes seu percurso até atingirem e derrubarem a mesinha de apoio, aquela alta e de pouco diâmetro que ficava rente à porta de entrada do *loft*.

Apanhou o pufe no qual a referida caixa estava repousada e, segurando-o pela estrutura de madeira que havia em sua parte de baixo, após um giro de braços, atirou-o com vontade em direção à escada que conduzia ao segundo andar. Concomitantemente, da boca dele escapou um grito prolongado de ódio:

– AAAHHHHH!

Não satisfeito, caminhou a passos largos rumo à mesinha de madeira que se achava tombada no chão. Pegou-a com as duas mãos por um dos pés como se fosse um taco de beisebol e, com lágrimas de fúria vertendo das vistas, golpeou-a repetidamente contra a parede de alvenaria logo ao lado.

Uma, duas, três vezes!

A cada pancada um barulho seco, a cada tranco a vociferação colérica de uma palavra diferente.

POW!

– Desgraça! – conclamou na primeira bordoadada.

POW!

– Bosta! – esgoelou na segunda.

POW!

– Porra! – na terceira.

Mais uma batida, agora contra o assoalho escuro de granito da sala, e a tal mesinha finalmente não resistiu ao impulso subversivo de Arthur, vindo a se partir em vários pedaços.

Ele nunca havia se comportado dessa maneira até então. Jamais teve, em toda a sua vida, um ímpeto tão destrutivo, uma necessidade tão incontrolável de sair quebrando tudo o que encontrasse em seu caminho. Já seria isso parte de um daqueles possíveis sintomas mencionados pela oncologista de Arthur? Tratava-se da tal alteração ou mudança de personalidade que ele poderia vir a manifestar? Difícil dizer ao certo...

Após descontar sua ira pelo apartamento, escorou as costas na parede recém-marcada pela sua conduta violenta e escorregou vagorosamente por ela até cair sentado sobre o piso. Ali, em meio a destroços de madeira e a itens pessoais, que há pouco equipavam seu gabinete na empresa de

arquitetura, lágrimas de fúria convertiam-se em lágrimas de lamúria. O ambiente ao redor lentamente perdia a tonalidade rubra e voltava a ter as suas cores habituais.

“Seis meses a um ano... talvez um pouco mais...”. Essa era a dolorosa verdade a se lamentar.

Visão embaçada pelo líquido que se acumulava gradualmente nos olhos antes de rolar pelo rosto.

Ainda ofegante, vislumbrou próximo a ele o presente de que tanto gostava, o tal porta-retratos que ganhara de Amanda, com a traseira de veludo preto voltada para cima. Depois de ser arremessado, era quase certo que houvesse se quebrado.

Buscou-o com a mão esquerda e puxou-o para mais perto de si a fim de mensurar o estrago. O som de vidro partido se arrastando sobre a pedra polida do piso já dava uma boa ideia do tamanho do dano ora causado.

Seguiu com o movimento até sentir o adorno retangular tocar a lateral de sua perna. Desvirou-o vagarosamente utilizando-se das pontas dos dedos e escutou alguns fragmentos de vidro se soltarem no chão. Segurou o objeto pelas extremidades para em

seguida apoiá-lo sobre suas coxas.

Dentro da moldura estreita de metal levemente arranhada, e dentre os cacos transparentes que ali restavam, a fotografia de sempre, a mesma escolhida por Amanda e que já viera incorporada àquele presente. Tratava-se de uma ocasião especial na vida do casal e que Arthur não se cansava de apreciar: ele e ela se beijando defronte ao pôr do sol do pedido de noivado... os perfis enegrecidos dos dois contrastando com o horizonte iluminado.

Foi quando o choro se encorpou, o momento em que Arthur evocou à mente tudo aquilo que não conseguiria mais pôr em prática na companhia de sua amada: dizer “sim” diante do altar e nela colocar uma aliança dourada no dedo anelar, dessa vez no da mão esquerda; dar origem à vida, presenciar esse verdadeiro milagre crescendo dia a dia no ventre dela... construir uma família, encher a casa! Envelhecer de mãos dadas, ver os netos chegarem e os pais partirem com o decorrer do tempo, acompanhar as rugas surgindo e os cabelos se branqueando com o passar dos anos...

Pensando bem, concluiu ele que até poderia gerar um bebê com a ajuda de Amanda. Com alguma sorte conseguiria até mesmo vê-lo nascer e,

quicá, assistir aos seus primeiros dias ou meses de vida... Porém o câncer nunca permitiria que testemunhasse as primeiras palavras, os primeiros passos desengonçados... Arthur estava fadado a não participar da celebração do primeiro aniversário de um eventual descendente.

Não teria a oportunidade de fazer inúmeras gracinhas para arrancar da própria cria uma ou duas daquelas gostosas gargalhadas das quais só uma criança é capaz ou de treiná-la a bater as palminhas, a dar um tchauzinho, a mandar beijinhos pros vovôs, vovós, titios e titias assim como tantas outras coisas graciosas e igualmente inúteis que os pais adoram ensinar aos filhos de pouca idade.

Também não poderia compartilhar das alegrias ou comemorar as pequenas conquistas do seu rebento, nem o aconselhar em suas dificuldades ou norteá-lo a ser uma pessoa de verdade.

Tudo isso inapelavelmente negado pela maldita doença...

E a cada argumento desfavorável que descobria, um novo aperto no coração de Arthur surgia.

Arthur jamais teria a chance de ver seu herdeiro crescer o suficiente a ponto de poder

entender a única lição que gostaria de transmitir a ele, uma que acabara de aprender após trinta e quatro anos de vida: a de não ser dominado pela rotina, não se deixar levar pelo modo automático, a de aproveitar intensamente cada momento e fazer todos os minutos de sua existência valerem a pena.

Carpe diem!

É... pelo visto, mais outro aperto pro lado esquerdo do peito...

Para quem ainda não tinha ponderado profundamente sobre a paternidade, Arthur se mostrava até bastante apegado ao assunto...

Mas por quê? Com tantos “nãos” e impedimentos pairando sobre esse tópico específico, por que Arthur continuava se torturando dessa maneira? Por que seguia lucubrando incessantemente sobre esse tema?

Desatino? Mero masoquismo? Nada disso... A verdade era até bem fácil de ser compreendida... Quem nunca ouviu falar por aí que só se reconhece o valor de alguma coisa depois de perdê-la definitivamente? Pois foi exatamente isso que aconteceu com ele. Ou melhor, uma variação disso... A grande maioria dos seres humanos também se comporta assim e só vem a perceber o

quanto deseja essa tal alguma coisa quando já não tem mais como realizá-la.

Trocando em miúdos, apesar de nunca ter flertado com a ideia, Arthur agora descobria que sempre carregou consigo a intenção de ser pai, uma vontade latente, guardada em seu cerne, e que aguardava pacientemente uma oportunidade chegar para se aflorar. E, conveniente ou não, apropriada ou não, a tal oportunidade surgiu e a referida vontade emergiu.

Porém, antes que Arthur entrasse em parafuso com esse ponto em particular, eis que argumentos contundentes despontaram para encerrar de vez a questão. Por que tentar satisfazer uma vontade egoísta e colocar no mundo uma criança com tamanha possibilidade de já nascer órfã de pai? Ou pior: por que conceber uma criança que carregaria em seus genes um risco altíssimo de desenvolver a mesma doença que em breve lhe tiraria a vida? Qual seria o propósito nisso?

Pronto! Sem ter como impugnar estas indagações, ponto-final naquele assunto.

A Arthur faltava agora apenas tomar conta de todas as demais questões que vieram antes dessa, especialmente a de como proceder dali em diante

sabendo que estava prestes a abotoar o paletó de madeira lá na terra dos pés juntos. E para isso, precisava se aquietar, voltar a se portar racionalmente. De nada serviria persistir com comportamentos chorosos, agressivos ou abruptos.

Então, aproveitando-se desse instante em que a razão finalmente falava mais alto que a emoção, trabalhou-se no sentido de se recompor, de retomar o controle da situação.

Respirou fundo, fechou o registro dos olhos, enxugou o rosto com as mãos...

Contudo, acalmar-se não adiantou muito. Por mais que Arthur tentasse raciocinar sobre o que fazer ou como agir, as respostas que buscava simplesmente não vinham. Estava saturado, não tinha mais condições naquela ocasião de inventar uma solução para o seu dilema. Era como se todas essas alternâncias súbitas de emoções o tivessem esgotado completamente.

Daí, sobravam-lhe duas alternativas: ou arrumava ajuda para suplantar o beco sem saída em que se encontrava ou dava um descanso para que sua cabeça se esvaziasse e voltasse a pensar de maneira acertada.

Ficou com a opção número um...

E assim, num ato meio desvairado, recorreu à imagem da noiva que tinha bem ali com ele. Confrontando a abominável realidade que vivia com o memorável acontecimento que portava em suas mãos, mirou fixamente a silhueta de Amanda e conversou com ela em seus pensamentos:

E agora, meu amor? Como vai ser?

Tomando cuidado para não se cortar, passou o polegar carinhosamente sobre o retrato.

Como vai ser?, repetiu Arthur por dentro, ainda na esperança de obter daquela representação de Amanda uma orientação, uma luz qualquer, uma sugestão de como deveria se portar para enfrentar toda essa situação.

No entanto, apesar de sua insistência na pergunta, da foto auferiu apenas o mais absoluto silêncio.

E nem poderia ser diferente, constatou Arthur meio que debochando de si mesmo... Ali, sozinho, as únicas réplicas que conseguiria seriam as provenientes dele próprio...

Superados o turbilhão sentimental e a maluquice de conversar com pessoas por intermédio de fotografias, era hora de dar um jeito na bagunça que tinha feito no apartamento.

Começou reavaliando o porta-retratos. Até que não estava tão ruim... Bastaria encaminhá-lo a uma loja do comércio do bairro, uma que mexia com molduras, quadros e essas coisinhas, arranjar um novo vidro e... *voilà!* Tinha tanta certeza de que dava pra salvá-lo que já ia deixá-lo preparado para, um dia desses, levá-lo até lá.

Portanto, levantou-se e caminhou até a bancada que divisava cozinha e sala, levando consigo o objeto danificado. Sobre a superfície lustrosa de quartzo, abriu as duas pequeninas taramelas na parte de trás daquele adereço metálico para resgatar a foto lá de dentro e se livrar das lascas de vidro remanescentes. Removeu o tampo de veludo que cobria o fundo, em seguida um retângulo de papelão acinzentado, que certamente estava ali para ajudar a manter a fotografia em seu devido lugar, e... surpresa!

No verso do retrato, marcada bem ao centro com algum tipo de caneta hidrográfica, uma mensagem secreta de Amanda!

O recado, até então desconhecido de Arthur, arrancou dele um sorriso sincero e involuntário. E o sorriso não emergiu nele apenas pelo recado em si, mas também por ter percebido que estava

redondamente equivocado quanto à inaptidão de sua noiva em responder à pergunta que há pouco dirigira a ela.

Encontrava-se ali a orientação que buscava de sua amada! Sucinta porém precisa. Concisa e abrangente ao mesmo tempo. Num punhado de letras, numa única palavra, o silêncio da fotografia se quebrava e o “Como vai ser?” de instantes atrás enfim recebia de Amanda uma réplica bastante adequada:

“JUNTOS!”.

Juntos! Sim... Juntos! Considerando as incertezas que já acometiam Arthur, e todas as outras que ainda irromperiam em seu caminho, provavelmente seria esta a maneira mais coerente de encarar aquilo tudo. Juntos! Ela e ele, assim como vinha sendo nos últimos meses, nos últimos anos, período em que se tornaram noivos, no qual decidiram enfrentar e de fato enfrentaram juntos aquela doença. Ele mais ela, justamente como foi desde que se conheceram e como deveria ser até o último dos dias, quando a morte bateria à porta de Arthur e clamaria por sua vida, circunstância na qual ele daria seu último suspiro ao ser vencido definitivamente pela neoplasia maligna.

Juntos... Sim, esse era o caminho! Agora só faltava saber se a indignação e todas as demais emoções que abarcaram Arthur naquela tarde permitiriam que fosse assim. Embora momentaneamente contidas, tais emoções permaneciam escondidas em algum lugar de seu íntimo, preparando-se sorrateiramente para uma outra investida, para mais uma vez tomá-lo sem aviso e, novamente, dominar por completo as suas ações e a sua mente.

■ ■ ■ ■ ■

Faltando pouco para as cinco da tarde, Amanda destrancava a porta do *loft* carregada de sacolas plásticas da padaria da esquina num de seus braços. Ela, que deu um jeito de sair mais cedo do serviço, imaginava que pelo horário teria tempo de colocar em prática mais um de seus planos: preparar um lanche diferenciado para o seu herói antes que ele voltasse do trabalho.

Só que quando girou a maçaneta e empurrou a porta de entrada, aquela que queria surpreender com um lanche acabou sendo surpreendida por uma presença inesperada...

Amanda deu de cara com Arthur, ajoelhado, munido de pazinha de lixo e escovão, daqueles bem parecidos com os utilizados para engraxar sapatos, varrendo do piso uns poucos estilhaços de vidro, os mesmos deixados sobre o chão pelo porta-retratos.

Àquela altura, já havia ele ensacado cada um dos vários pedaços e fragmentos em que tinha se transformado a mesinha de madeira e conduzido-os à pequena área de lavanderia nos fundos do apartamento. Arthur também já tinha guardado, em armários, gavetas e prateleiras, todos os seus pertences que com a caixa havia atirado pela sala, bem como recolocado o pufe em seu devido lugar, só que foi flagrado antes que conseguisse terminar de limpar toda a cena do crime.

– Ué, meu bem! Já tá em casa? – admirou-se Amanda trancando a porta depois de entrar.

E realmente era um fato a se admirar. Normalmente quando fazia expediente no escritório da empresa, Arthur costumava chegar um pouco mais tarde que aquilo, ainda mais quando saía de casa dizendo que tinha várias coisas pendentes a resolver.

Porém, não houve tempo de Arthur responder àquele questionamento, pois a noiva, curiosa como

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre, já emendou outra pergunta, dessa vez com o intuito de entender o que estava acontecendo por ali naquele momento:

– Quebrou alguma coisa aí?

– Algumas, na verdade... – confessou ele. – Mas nada de mais, só mesmo um pequeno acidente doméstico... – complementou Arthur meio que explicando e desconversando sincronicamente.

Não adiantou de nada. Amanda seguiu determinada a descobrir o que o noivo havia aprontado.

– E por acaso esse pequeno acidente doméstico teria alguma coisa a ver com a mesinha em que eu deixaria as minhas chaves de casa? – indagou ela ao notar o espaço vazio perto da porta.

Arthur olhou na direção dela e, com uma cara sofrida, sacudiu positivamente a cabeça.

– Mesinha desaparecida, vidro quebrado... parece que o acidente não foi tão pequeno assim, né?

Mantendo em seu rosto a expressão de cachorro que sabe que fez xixi no lugar errado, Arthur dessa vez balançou a cachola de um lado para o outro numa sucessão de curtos movimentos.

– E você se machucou?

PERIGOSAS ACHERON

Mesmo semblante, mesmo gesto negativo.

Pela economia de palavras do noivo em suas respostas, Amanda sacou que ele não estava muito a fim, ao menos naquele instante, de falar sobre seja lá o que tivesse ocorrido. Então por que seguir chateando Arthur com aquele interrogatório? Pra que continuar insistindo nisso?

Abusando da complacência e de posse de muito bom senso, concluiu Amanda que seria melhor deixar pra lá esse assunto:

– Bom... o que me importa é que você tá inteiro... – declarou ela imediatamente antes de se curvar ao lado do noivo para dar um beijo em sua bochecha. – E quer saber? Eu nem gostava muito daquela mesinha mesmo... – comentou sorrindo para colocar de maneira bastante simpática um ponto-final naquela história toda.

E já que estava impossibilitada de executar seu plano do lanche consoante o havia idealizado, restou a Amanda usar de seu jogo de cintura e adaptá-lo à nova realidade.

– Então, quando você acabar por aí, venha aqui me ajudar a preparar algo bem gostoso pra gente! – disse a noiva enquanto se encaminhava para a cozinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 28 – REVELAÇÃO

O que se viu nos dias que se seguiram foi todo o esforço feito por Amanda, aquele empreendido por ela nos últimos oito meses para resgatar o espírito e para manter o moral elevado de seu amado, indo por água abaixo...

Sem mais esperança de se ver curado, sem ter mais pelo que lutar, Arthur presenciou a sexta-feira chegar sem grande entusiasmo e totalmente desinteressado a viu terminar. O mesmo aconteceu com o sábado e com a primeira metade do domingo, apesar do empenho de sua noiva em tentar mantê-lo animado.

Embora desentusiasmado, foi na segunda parte desse referido domingo que Arthur quitou a dívida que tinha contraído consigo próprio, a de revelar aos seus pais, ainda naquele final de semana, o resultado da biópsia que deles até então vinha omitindo. Não dava pra ficar procrastinando pra sempre esse assunto, mesmo porque Arthur não

dispunha de todo esse tempo... Melhor resolver essa pendência de uma vez.

Isa fazê-lo por telefone mesmo, no entanto acabou cedendo à argumentação de Amanda e concordando em seguir acompanhado dela até a casa dos seus velhos para contar-lhes pessoalmente a tão desagradável notícia de que em breve perderiam o mais jovem dos filhos.

“Algo assim não se fala numa ligação.”, alegou a noiva.

Além de considerar que fosse a atitude mais correta para aquele momento, essa foi a última cartada que sobrou a Amanda para retirar seu herói de dentro do apartamento...

Pijama trocado, primeiro passo dado por Arthur fora dos limites de sua residência desde a quinta-feira passada. Elevador, garagem, carro. Ela ao volante, ele como passageiro.

A caminho do condomínio onde os seus pais moravam, Arthur, emudecido no banco do carona, preparava-se para a difícil enunciação que tinha a fazer, afinal de contas não é todo dia que se divulga à geração anterior a singular condição de ter se tornado um doente terminal, um verdadeiro morto vivo.

Arthur, que parecia tão decidido ao sair de casa, via a cada quilômetro rodado a coragem necessária para tal ato minguar em seu imo.

Já podia ele antecipar a decepção estampada na fisionomia de cada um de seus pais logo que os colocasse a par de sua condição. A vontade era de abraçar a covardia crescente e abortar aquela missão antes de concluí-la. Se Arthur estivesse sozinho, certamente já teria dado meia-volta no veículo...

Amanda logo percebeu a inquietação e a ansiedade imperando em seu amado e combateu-as com sorrisos de incentivo, carinhos e afagos.

Por volta de quatro e meia da tarde, automóvel estacionado, hora da verdade. Campanha acionada, porta aberta, saudações e beijos.

Conquanto Arthur tivesse ensaiado mentalmente cada uma das palavras que pretendia dizer, quando sentado ali diante de sua gente, o branco em sua mente foi inevitável. Porém, sem ter mais como se esquivar do tal comunicado ou como adiá-lo, teve que enfrentar o momento e improvisar para começar o seu pronunciamento.

A desilusão, tão temida instantes atrás por Arthur e que quase o fez pedir à sua noiva para que

voltassem pra casa lá pelo meio do trajeto, materializava-se na face de seus familiares com o desenrolar das frases...

Amanda não quis interferir muito e apenas observou, com um nó na garganta, todo aquele triste espetáculo. Presenciou o pranto meio contido da sogra, o desconsolo patente na cara do sogro e, ao contrário do que ela esperava, o seu herói ali sem verter dos olhos sequer uma lágrima. Julgou-o meio apático, insensível àquele que talvez fosse o discurso mais delicado que faria em toda a sua vida, bastante diferente do Arthur inseguro e apreensivo que viera há pouco com ela dentro do carro ou daquele que se habituou a ver todo derretido assistindo a um daqueles filmes dramáticos comumente exibidos nas tardes de sábado.

Mas o que Amanda não sabia é que não se tratava de apatia nem de mera insensibilidade por parte de seu noivo... A realidade é que Arthur se tornara incapaz de derramar dos olhos uma única gota adicional de lágrima. Desde que recebera o resultado da biópsia, foram tão longos e incontáveis minutos de padecimento que acabou por gastar todo o seu estoque lacrimal. E secada a fonte, seguia

chorando sim, mas agora apenas pelo lado de dentro.

“E se buscarmos outros tratamentos?”, sugeriu o pai. “Não desista! Ainda vamos virar o jogo!”, instigou a mãe. Para essas e todas as demais intervenções dos pais o mesmo esclarecimento do filho: “Não há mais nada a se fazer senão esperar...”. Duro, porém verdadeiro. E melhor que fosse assim... Não fazia o menor sentido nutrir neles a falsa esperança de tê-lo um dia curado. A luz no fim do túnel estava definitivamente apagada.

Ao final da conversa, abraço emocionado e um convite que não dava para ser recusado: “Por favor, fiquem um pouco mais conosco.”. O pedido impulsivo e espontâneo que escapou da boca da mãe evidenciou a urgência que de repente emergiu nela de passar algum tempo adicional ao lado daquele seu descendente que estava com os dias contados, o seu tão querido caçula que em breve não estaria mais lá.

Arthur concordou silenciosamente com a mãe balançando a cabeça, não viu problema nenhum em gastar ali com eles alguns outros de seus parques minutos restantes de vida. Em seguida, por meio dos olhos, consultou Amanda, que, com o coração

partido diante daquilo tudo, assentiu com a decisão tomada pelo noivo enquanto secava com os dedos os cantos das vistas.

Aproveitando então a temperatura favorável e aprazível do final da tarde de domingo, deram os quatro uma vagarosa caminhada pelas ruas tranquilas e paradisíacas do condomínio. Cobertos pela luz delicada do entardecer, mãe de mãos dadas com o filho. Sogro e nora vinham logo atrás acompanhando-os de pertinho.

Apesar de ser um entusiasta dos registros fotográficos, o pai de Arthur preferiu manter as lentes da câmera do celular no bolso da bermuda e guardar apenas em sua mente a cena com certo clima de despedida que se desenrolava bem à sua frente, mesmo clima aliás que abarcava todos ali.

À medida que o sol se aproximava mais do horizonte, sombras se encompridando sobre o asfalto e desejos algo incompatíveis se espremendo no interior de cada um daqueles quatro. Em Arthur a vontade de ficar mais, de estender sua permanência no mundo dos vivos, contrastando com a intransponível impotência de fazê-lo. Confronto entre o apego e o ter que deixar partir nos outros três...

Assim que retornaram do passeio, uns quarenta minutos mais tarde, lanche servido para barrigas sem nenhum apetite. À mesa, comeram só por comer mesmo. Compreensível após tamanha comoção que experimentaram naquele dia...

Terminada a refeição, hora de dizer adeus e de encerrar a visita. Mesmo conscientes de que Arthur ainda teria alguns meses pela frente, para os mais velhos ficou a nítida impressão de uma separação definitiva. Foi como se dessem no rebento o derradeiro abraço e o último dos beijos.

“Tchau, meu filho!”, disse o pai junto à sua esposa na porta de casa ao perder o carro de vista.

Na rota de volta pra sua própria morada, Arthur não pôde deixar de se culpar pelo sofrimento que proporcionou aos pais. Imaginara que traria daquele encontro uma sensação de alívio, uma alma mais leve, contudo não foi o que aconteceu... Estava ele, no mínimo, com a consciência uns vinte quilos mais pesada.

Por um lado, talvez tenha sido realmente melhor resolver essa pendência de uma vez. Por outro lado, porém, foi como se contar tudo a eles mais tivesse atrapalhado do que ajudado, embaralhado novamente as ideias na já tão confusa

cabeça de Arthur. E se ele se sentia pior do que antes, acabou por concluir que o mesmo certamente acontecia com seus velhos.

E Arthur nem precisou se preocupar em como faria chegar aquela mesma notícia até seus irmãos. As ligações que recebeu de Gabriel e Teresa ainda naquele domingo, assim como a avidez de cada um deles do outro lado da linha, indicavam que seus pais já haviam se encarregado disso. A da irmã veio primeiro, umas nove e quarenta da noite, a do irmão já um pouco mais tarde, beirando as onze horas.

Duas chamadas diferentes, um único assunto. Duas conversas distintas e um mesmo desalento. Nenhum dos irmãos mais velhos podia acreditar no que estava ocorrendo. Uma reviravolta dessas justo quando parecia que a cura avizinhava-se do caçula!

Amargurados, chegaram Gabriel e Teresa a reagir quase que da mesma maneira em seus respectivos telefonemas. Quiseram largar tudo o que faziam para irem se encontrar imediatamente com o irmão mais novo, pegar a chave do carro ou mesmo um táxi e saírem do jeito que estavam para se juntarem a ele, todavia foram persuadidos por Arthur do contrário. Não havia razão para atitudes

impulsivas e desesperadas nem motivo para que deixassem o conforto de suas casas a uma hora daquelas só para darem um abraço no irmão moribundo. Ainda teriam muitas oportunidades de se reunirem. Estava morrendo sim, seria em breve, mas não aconteceria exatamente naquele dia.

Meio que relutantes, acabaram aceitando a argumentação do caçula e, cada um a seu modo, finalizou a ligação. “Força aí, careca!”, disse Gabriel, “Te amo, meu irmão!”, declarou Teresa.

■ ■ ■ ■ ■

Na segunda-feira cedo, Arthur levantou da cama junto com Amanda. Fez companhia a ela no café da manhã e depois disso, nos trinta e poucos minutos que se seguiram, viu-a se aprontar e sair para o serviço.

Mesmo murcho e desanimado, ainda que não planejasse sair de casa, manteve o ritual do banho matutino e nele demorou um bocado. Em seguida, vestiu a primeira roupa que encontrou no armário.

Gastou boa parte da manhã fazendo absolutamente coisa nenhuma até ser interrompido pelos sons de mensagens vindos do aparelho

celular. Não teve saco de verificar do que se tratavam a princípio, no entanto, após um punhado de outras notificações, e considerando que pais e irmãos ainda digeriam o resultado da biópsia que acabara de divulgar, achou melhor dar uma olhada. Poderia ser algum familiar mais impressionado com seu estado de saúde querendo dar um alô ou buscando algum sinal de vida dele...

Tela desbloqueada, constatou um novo grupo no aplicativo de bate-papo virtual com uma dúzia de mensagens. “Almoço hoje!”, diziam as letras em negrito, ao lado do ícone de um prato de comida, no espaço reservado ao nome do grupo. Com o dedo indicador, clicou para conferir seu conteúdo.

Contando com ele, eram apenas três participantes, os outros dois eram Gabriel e Teresa. Resumidamente, a conversa começou com o irmão sugerindo um encontro entre eles três ao meio-dia e meia. Logo após veio a irmã expondo toda a complexidade envolvida naquele horário por conta dos filhos pequenos: além de ter que sair correndo do trabalho para almoçar com as crianças em casa, seria ela a responsável do dia por toda a logística de levá-las à escolinha e mais uma infinidade de detalhes relacionados, mas que se Arthur topasse

ela se reorganizaria com o marido e daria um jeito de participar. Daí agora, ambos aguardavam uma confirmação de Arthur.

É... Pelo visto os argumentos usados pelo caçula nas ligações da noite anterior não foram suficientes para apaziguar os corações aflitos dos irmãos por um período prolongado de tempo...

“Bora, careca??? Escolhe o lugar!”, “E aí, Arthur? O que vai ser?”, questionavam nessa ordem as últimas postagens de Gabriel e Teresa.

Arthur ficou ali parado olhando toda aquela sequência de interrogações até a tela do celular se desligar. Consoante mencionado anteriormente, não estava nem um pouco propenso a sair do apartamento e, por conseguinte, achava-se bastante inclinado a declinar a reunião fraternal num primeiro momento.

Porém, assim como fora o convite de sua mãe na véspera, aquele em que ela praticamente suplicou por mais alguns minutos ao lado do filho, a solicitação dos irmãos mais velhos também não dava pra ser rejeitada. Embora tomado por um esmorecimento incapacitante, não seria nada justo dispensá-los. Queriam se reunir com ele e estavam dispostos a se desdobrarem no que fosse preciso

para que isso se concretizasse.

Seguiu por mais de um minuto mirando o *display* apagado do telefone e matutando. O que fazer?

Daí então, querendo evitar que essa indecisão se arrastasse pelo resto da manhã e usando do desejo ardente de seus irmãos de encontrá-lo, Arthur se revigorou e venceu o abatimento moral que dele se apoderava. Reacionou a tela do *smartphone* e aceitou a proposta que lhe era ofertada:

ARTHUR

Bora!

12:30hs naquele restaurante
selfie-service ao lado do
apartamento antigo da
mamãe e do papai onde
morávamos.

O que acham? Pode ser lá?

10:19AM

■ ■ ■ ■ ■

Arthur chegou um pouco antes ao local combinado. Minutos depois, sentado junto a uma das mesas, avistou Teresa entrando pela porta do lugar já nitidamente emocionada.

Passos curtos e apressados em direção ao irmão caçula. Ao alcançá-lo, abraço apertado e demorado. A irmã fez força para se manter no controle. Não queria iniciar o encontro já inundando os seus olhos com lágrimas...

Nem esquentaram as cadeiras, foi a vez de Gabriel adentrar o estabelecimento. Cumprimentos entre os três.

Apesar de já terem escutado dos pais um apanhado geral sobre a condição de Arthur e uma coisa ou outra diretamente da boca dele nos telefonemas da véspera, foi impossível aos mais velhos da mesa não questionarem quanto ao estado de saúde do mais novo.

Olhares desassossegados, ouvidos atentos aos pormenores do relato de Arthur acerca de seu diagnóstico infortunoso. Ponderações quanto a uma segunda opinião ou sobre tratamentos experimentais evidenciavam a relutância de Gabriel e Teresa em concordar com os fatos, comportamento bastante semelhante ao externado

pelos seus pais na tarde do domingo, diga-se de passagem.

É... Como podem perceber, não apenas o doente está suscetível ao famoso e já relatado processo de aceitação...

Quisera Arthur escutar alguma solução milagrosa dentre os palpites que lhe eram apresentados, mas já havia considerado tudo aquilo anteriormente e, naquele momento, só podia mesmo era, desgostoso, refutá-los.

Quando a irmã percebeu que o caçula estava de certo modo conformado com sua sorte, ela se calou. Conhecia muito bem seu irmão para saber que ele só atingiria esse nível de resignação em duas situações: se não houvesse outras alternativas ou caso estivesse profundamente exaurido e entendesse que o melhor para si mesmo fosse não prolongar desnecessariamente tanto sofrimento. E em qualquer um dos cenários, tal persistência nos pitacos só serviria para atormentá-lo ainda mais.

Nesse exato instante, Teresa compreendeu que nada mais podia ser feito. Fosse por falta de opções ou por uma deliberação pessoal de Arthur, o mais sensato seria respeitar a decisão do caçula e deixá-lo partir em paz...

Teresa repousou portanto a mão sobre a perna de Gabriel e com um gesto sutil de cabeça desencorajou-o a continuar naquela busca obsessiva por uma saída.

O mais velho deles entendeu de imediato o recado que lhe era enviado e também emudeceu.

Utilizando-se do bom humor e da presença de espírito que ainda carregava consigo, Arthur rompeu o silêncio desconcertante que entre eles se deu: “Viemos aqui pra comer ou pra conversar?”, proclamou ele com um sorriso no rosto.

Não adiantou muito... De volta aos seus assentos, pratos feitos, o clima pesaroso se manteve no ar. Os dois mais velhos permaneceram ali meio que sem graça com o mais novo. Tentaram trocar algumas palavras sobre assuntos corriqueiros e amenidades do dia a dia, policiando-se para nada mais mencionarem acerca da doença de Arthur ou do tempo que lhe restava de vida.

“Fizemos o exame na semana passada... é menino!”, anunciou Gabriel procurando sustentar o diálogo, trazendo à mesa, dentre as últimas garfadas, o assunto da gravidez de sua esposa. Ele e Sophia pretendiam contar a novidade apenas depois que escolhessem o nome do bebê, no entanto

acabou deixando o assunto escapar “sem querer querendo”. Quem sabe não conseguia com isso até mesmo alegrar um pouco o ambiente...

E conseguiu. O comunicado de Gabriel inebriou a todos. “Que notícia ótima!”, exclamou Arthur. Algo quase idêntico foi dito por Teresa. Felicitações e tapinhas nas costas do futuro papai.

“Quem diria, hein, Arthur! Padrinho de novo! Só que dessa vez de um menino.”, comentou Gabriel numa menção à primeira filha de Teresa, que também era afilhada do irmão caçula.

Porém, o clima agradável não durou muito. A mesma boa nova que há pouco os regozijou acabou por proporcionar aos participantes daquele almoço um choque de realidades, uma verdadeira percepção coletiva do ciclo da vida: início e fim, chegada e partida. Uns vêm e outros se vão. Alguns bem mais cedo do que deveriam...

Foi quando Teresa cobriu a boca com a mão numa última tentativa de manter represada dentro dela a dor que sentia desde a noite anterior, o dissabor que a declarada proximidade da morte de Arthur lhe infligia. Podia ela antecipar a falta que o caçula faria em sua vida, o vazio que habitaria os encontros da família. Aquele lindo sorriso deixaria

PERIGOSAS NACIONAIS

de existir, as doces brincadeiras não seriam mais ouvidas... A saudade que desde já brotava em seu peito era a única coisa que lhe sobraria...

Só que a estratégia da irmã não foi efetiva. Por trás de sua mão, sucumbiu ela à emoção.

As lágrimas vieram com tudo!

E, como uma doença epidêmica, os soluços irrefreáveis de Teresa logo contaminaram os outros dois sentados à mesa.

Legítima reação em cadeia: o rosto vermelho e padecente em Teresa acarretou o olhar úmido em Gabriel e tornou apagada a feição em Arthur. Mãos dadas, pranto generalizado...

Uma e cinquenta da tarde. Dois deles já estavam mais que atrasados para retornarem ao trabalho. O encontro dos irmãos e todo aquele chororô tinham que ser encerrados.

Contas pagas, abraços demorados sobre a calçada. Depois do consternado adeus entre os irmãos, cada um seguiu pro seu lado.

Caminhou de volta para o *loft* um Arthur perturbado e desolado. Novamente dentro dele o sentimento, ou quase a certeza, de que estava crucificando toda a família em seu calvário.

PERIGOSAS ACHERON



Por mais que já tivesse tido um bom período para internalizar os resultados dos exames desde que os recebeu de Dra. Julia na última semana, parece que a ficha de Arthur só veio a cair totalmente após enfrentar cara a cara as figuras que considerava mais importantes em sua existência mundana: primeiro a noiva, depois pai e mãe, e por último irmão e irmã.

Porém, apesar de agora trazer dentro de si a inequívoca compreensão de que estava tudo acabado, parecia que ele se afastava cada vez mais da tal aceitação. À medida que tais encontros foram acontecendo, em vez de se acalmar Arthur foi se amotinando. E piorava sempre que rememorava as reações de cada um deles ao terrível diagnóstico: Amanda boquiaberta na entrada do hospital, o olhar assombrado dos pais, Gabriel e Teresa atônitos nos minutos que antecederiam o almoço.

Naquela segunda-feira à tarde, a sensação que o governava era a de ter sido traído pelo destino e, por consequência, via-se coagido a se desapaixonar pela vida.

■ ■ ■ ■ ■

O processo de entrega de Arthur seguiu firme na terça-feira. Café da manhã com Amanda, banho, televisão, pizza sozinho no almoço. Dor de cabeça, analgésico, filme, retorno da noiva ao final da tarde, visita dos pais no começo da noite.

Pareceu um dia normal, mas não foi. Quem o viu pelo lado de fora nada notou. O conflito era eminentemente interno, no âmbito dos pensamentos. Serenidade e revolta se revezando silenciosamente do lado de dentro.

Na quarta-feira, café da manhã com sua amada, “Bom dia” no grupo de mensagens da família, pulou o banho. *Videogame*, trocou o almoço por suco, biscoitos e um pedaço de bolo. Na volta pra casa, Amanda se deparou com Arthur babando deitado em frente ao aparelho televisor. No lanche, pizza e refrigerante que sobraram da véspera pra ele, queijo, frutas, iogurte e granola pra ela.

A essa altura, sua casa já era de longe o seu lugar favorito no mundo, mais precisamente o sofá de sua sala. Jogado sobre as almofadas, o único propósito que se proliferava em Arthur era o de se

isolar. Todas as outras vontades desapareciam gradativamente.

Após a noite maldormida, no dia seguinte, a mesma rotina de confinamento.

Pela manhã, surtos de indignação eclodindo na alma. Autoflagelava-se com perguntas sem resposta. Esqueceu-se de almoçar. À tarde, quando enfim mitigou o furor que o importunava, filme e cochilo.

A noiva mais uma vez chegou do serviço e encontrou-o de frente para a TV, largado entre as almofadas.

Telefonema da irmã, mensagens dos pais. Antes de ir dormir, deu um gole num uísque que ganhara anos atrás, cuja garrafa seguia até então ignorada e inviolada no fundo de um dos armários de casa.

Ladeira abaixo mais uma vez. Arthur já conhecia o fundo do poço e, sem escalas, para lá se encaminhava de novo...

Sexta-feira.

Amanda, impelida pela insistência do noivo, continuava com sua rotina habitual. Arthur simplesmente não aceitava que ela alterasse o seu cotidiano ou que remarcasse seus compromissos

por conta dele, não queria que ela se prejudicasse no emprego, ou de alguma outra maneira, por causa de um herói batido e morredição.

Porém nesse dia, preocupada com a degradação que observava no noivo, Amanda fez questão de voltar para o apartamento e almoçar com Arthur.

“Vou de carro pro trabalho agora à tarde. Passo aqui às cinco pra te levar na quimio!”, disse ela depois de despedir-se dele e pouco antes de fechar a porta de entrada do *loft* para retornar ao serviço.

Enquanto aguardava a vinda de sua companheira na hora combinada, outro gole inofensivo do uísque, daquela mesmíssima garrafa que já não era mais tão ignorada assim, e canal de jornalismo para se atualizar um pouquinho com o noticiário, afinal de contas, não podia se dar ao luxo de morrer e chegar lá no céu sem novidades interessantes pra contar acerca da Terra.

Mais do mesmo no cenário interno: desemprego, reforma previdenciária e medidas de austeridade para alavancar a retomada do crescimento do país. Já no panorama externo, uma reportagem que denunciava o sequestro reiterado

de crianças por grupos radicais em vários países da África e do Oriente Médio. Meninas tornavam-se escravas, meninos submetidos a adestramentos cruéis para virarem soldados.

Estranho... Apesar de chocante, a matéria não perturbou Arthur nem um pouco. O cara que outrora se estarreceria com uma coisa dessas, parecia começar a ignorar o mundo que o cercava...

Poucas horas depois, Amanda cumpriu o prometido. Bom, atrasou uns dez minutinhos em relação ao horário previamente marcado, porém dentro de uma margem aceitável de tolerância. No entanto, se atrasada ou adiantada, não fazia a menor importância... Importante mesmo foi a presença dela ao lado de Arthur, a vontade demonstrada pela noiva de estar junto, o carinho e a atenção dispensados a ele durante aquela sessão do tratamento.

Coincidência ou não, enquanto esteve mais próximo de Amanda, desde essa ida com ela ao hospital para a quimioterapia até a saída da noiva de casa na segunda-feira pela manhã para o trabalho, Arthur se manteve mais acalmado. Nada de impulsos violentos ou de explosões de fúria nesse período. Nenhuma alternância brusca de

humores no sábado ou no domingo.

Sozinho, era como se a mente dele se transformasse na oficina do diabo. A falta de companhia acabava resultando em pensamentos negativos e desnecessários. Cercado por Amanda no final de semana e assistido mais de perto por sua família nesse mesmo par de dias, a descida da ladeira foi momentaneamente interrompida.

Sim, momentaneamente... Pois na segunda-feira, quando novamente desamparado dentro do apartamento, deu seguimento ao seu comportamento autodestrutivo, ao mecanismo de definhamento do espírito. Em alta a ânsia de se encasular, de se desligar de todos cada vez mais. Debilidade dos ânimos, abatimento profundo. Misanthropia unida à melancolia.

E a partir dessa segunda-feira, mudanças mais profundas e perceptíveis em seu jeito de ser. Por vezes o mesmo Arthur de sempre, noutras impaciência e alguns comentários atipicamente polêmicos. Aspereza e respostas descabidamente ríspidas em alguns momentos...

Mais uma noite em claro, mais um dia para se aprofundar no abismo. Subitamente a vida já não fazia o menor sentido. Os meses que lhe restavam

deixaram de ser uma dádiva e passaram a ser encarados como um verdadeiro martírio. Nada de notável pela manhã ou à tarde que valesse a pena relatar. Na hora de deitar, dois comprimidos para desligar o corpo. Trinta minutos depois, a carne alcançava o mesmo entorpecimento que há tempos já abarcava o âmago. Apagou até a manhã seguinte.

Quarta-feira, sofá pra variar... Sem motivações pra continuar, o jeito era esperar sentado a morte chegar. Após gastar boa parte das horas vagando sem rumo pelas próprias memórias, ligou através do controle remoto a tela de cinquenta e uma polegadas pendurada na parede bem à sua frente. O principal canal nacional de notícias da TV começava a exibir uma série especial de reportagens acerca do terrorismo. Na véspera do dia que marcaria os dezoito meses do atentado que atingira em cheio o país de Arthur, um panorama mundial a respeito do tema. A atuação da IRON no planeta, seus redutos e territórios conquistados. Principais investidas, execuções de prisioneiros, tiroteios, bombas detonadas nas ruas. O objetivo de estabelecer à força um califado e nele aplicar a *Sharia*, o conjunto de leis religiosas islâmicas. Recrutamento e treinamento de simpatizantes,

fontes de renda do grupo para financiar aquilo tudo... Enfim, uma visão bastante completa e abrangente do assunto.

Na quinta-feira, para fechar aquela mesma série de reportagens, a ofensiva ao museu da capital foi lembrada em detalhes. O desenrolar minuto a minuto daquele dia trágico, repetição dos vídeos que foram gravados no momento da agressão armada, pessoas correndo desesperadas. A perseguição e morte dos atiradores, a história da mulher, nascida e criada num bairro tradicional da capital, que renegou o próprio país e se envolveu diretamente no planejamento de tal massacre. Ainda presa, seus motivos nunca foram revelados e seguiam desconhecidos... Os desdobramentos do atentado, entrevistas emocionadas com parentes e conhecidos das vítimas, os esforços do governo para monitorar suspeitos e evitar novos ataques.

Se Arthur ainda não tinha chegado ao fundo do poço, estava bem próximo. Isso ficava evidente quando dois dias seguidos de matérias sobre terrorismo não eram mais capazes de impressioná-lo...

Sexta-feira. Quimioterapia? Não naquela data. Alegrou-se por um mísero segundo ao se lembrar

que as sessões semanais, às quais já estava acostumado, agora seriam quinzenais.

Que maravilha! Nenhum compromisso inadiável para tirá-lo de casa, mais uma oportunidade para fazer rigorosamente nada.

Introspecção e introversão na maior parte do dia. Para combater a dorzinha de cabeça que começava a despontar no começo da tarde, analgésico com um trago de uísque. Mais uma dose inocente do destilado enquanto gastava seu tempo jogando *videogame*, mas dessa vez misturou à bebida igual quantidade de energético e bastante gelo para disfarçar o gosto amargo que não lhe agradava.

Até que ficou bom... E nessa levada, sem sentir, o que se achava praticamente cheio por pouco não se esvaziou. Em algumas horas de conversa com a garrafa Arthur quase a enxugou!

Ficou mal... Perdeu a noção de onde estava, tudo ao seu redor girava! Imaginando que se encontrava com a cara na privada, vomitou nos primeiros degraus da escada... Engatinhando, chegou aos pés do sofá e ali, defronte do televisor ainda ligado, se sentou. Costas escoradas no tecido macio, bunda sobre o chão duro e frio, não

demorou muito, cochilou.

“Meu Deus!”, exclamou Amanda pasmada logo que chegou em casa. A moça bateu a porta e, deixando cair pelo caminho sua bolsa e suas chaves, aproximou-se de Arthur toda apressada. O cheiro de álcool que exalava do noivo, juntamente com a garrafa que abrigava uns dois ou três dedos de uísque e as duas latinhas de energético amassadas que estavam sobre o pufe da sala, eram evidências suficientes para que ela remontasse mentalmente os eventos ocorridos dentro do apartamento naquela tarde.

“Tá tentando morrer de tanto beber?”, indagou a noiva um tanto preocupada enquanto avaliava o nível do porre.

Amanda nunca o tinha visto nesse estado de embriaguez antes!

Desde que se conheceram, ele sempre esbanjou moderação. Aos primeiros sinais de exaltação, trocava a biritá por um copo d’água. E depois que soube da doença então? Podia-se contar nos dedos das mãos as ocasiões em que Arthur havia colocado na boca algo que pudesse embebedá-lo. E isso já considerando o pileque atual e as outras duas bicadas no uísque dos últimos

dias...

Arthur não conseguia nem ao menos manter os olhos abertos para responder à pergunta que lhe fora direcionada.

E por falar nessa tal pergunta, só depois que soltou a questão no ar, Amanda percebeu o tamanho da sua mancada!

“Morrer”... Claro que ela não escolheu essa palavra com a intenção de machucar ou de afrontar o seu amado... Simplesmente escapou no furor da situação sem que ela pudesse pensar na grosseria que tal sequência de letras representaria a Arthur.

Arrependida da escolha infeliz desse vocábulo, pediu perdão ao noivo e rogou aos céus, por meio dos pensamentos, que ele não se lembrasse da gafe pela manhã.

Não entendam errado... Amanda não teria o menor receio de se retratar de novo com o noivo se assim fosse necessário, mas não havia como ela negar que uma amnésia alcoólica numa situação como essa seria bastante bem-vinda.

Ajudou-o a se colocar de pé. Conduziu-o vagarosamente ao segundo andar, desviando da sujeira feita no início da escada.

No banheiro, enxaguante bucal e ducha

gelada.

“Não fiz por mal!”, “Fazia tempo que tava guardado no armário, só bebi mesmo pra não estragar!”, repetia ele debaixo do chuveiro com a voz arrastada. Desculpinhas de bêbado...

Torneira fechada, secou-o com a toalha, vestiu nele o pijama e levou-o para o quarto.

Ao deitá-lo na cama, tomou o cuidado de não o deixar de barriga para cima, temendo que ele pudesse se afogar no próprio vômito caso voltasse a expelir pela boca o conteúdo do estômago, a exemplo do que acontecera com Jimi Hendrix algumas décadas atrás. Tá certo que Arthur não tinha vinte e sete anos de idade nem era um ídolo da música *rock*, mesmo assim Amanda achou melhor não correr o risco de vir a abreviar ainda mais a vida de seu amado.

Sábado. Por volta das nove e meia da manhã, Amanda acordou Arthur trazendo para o noivo um copo d'água e um daqueles remedinhos milagrosos contra ressaca que acabara de buscar na farmácia localizada a duas quadras de casa.

Ainda sentindo-se levemente embriagado, não fazia ele a mínima ideia de como tinha saído do andar de baixo e acabado de pijama sobre a cama

do quarto.

Se a intenção dele com o primeiro gole de uísque era apenas a de botar pra dentro um analgésico para cortar a dor de cabeça que começava a incomodar, com o excesso de bebida o efeito foi justamente o contrário do esperado. A algia branda que atingia o cocoruto dele no dia anterior tinha piorado. Perfeitamente normal para quem tinha metido o pé na jaca.

Tomou de uma vez o líquido amarelado contido no frasquinho de plástico e, pausadamente, toda a água do copo.

Banho matinal. Encerrada a chuveirada, café da manhã leve ao lado de Amanda: suco e torradas.

Embora agradecido pelo zelo da noiva, não se mostrava envergonhado pelos seus atos. Nem sequer tentou justificá-los. Pelo menos não agora que estava menos alcoolizado...

Muita água nas duas horas seguintes. O foco era se reidratar.

Apesar de a cefaleia já ter desaparecido no começo da tarde, algum mal-estar decorrente da bebedeira ainda restava. Daí, virou mais um tubinho do tal medicamento fulvo que para ele Amanda havia comprado.

Convocação para um lanche na casa dos pais. Noiva, irmão, irmã, sobrinhos, sogros e cunhados: todos foram convidados.

Chegando lá, Arthur logo percebeu que ninguém havia faltado. E quem perderia a oportunidade de ficar um pouquinho mais ao lado dele depois que deixou de omitir da família a informação da segunda recaída? Arthur sempre foi um sujeito carismático e, conseqüentemente, muito querido por aqueles com quem se relacionava. Natural que quisessem desfrutar de sua presença enquanto ainda podiam.

E embora se sentisse à vontade nesses encontros familiares, dessa vez não foi como de costume. Achava-se mais inibido, menos comunicativo que o usual, e tinha plena consciência de que acabariam percebendo isso. E nisso, a fim de evitar perguntas intrometidas sobre seu estado de espírito, Arthur lançou mão de um artifício que abandonara um punhado de meses atrás: o fingimento.

Sorrisos fáceis por fora, verdade escancarada por dentro.

E assim ele foi levando o restante do sábado, mesma estratégia de que se valeu dentro de casa

durante todo o domingo.

Arthur não pôde deixar de notar o ritmo frenético com que se esvaíram os últimos dias. Engraçado como que algumas situações detêm esse poder de fazer girar vertiginosamente os ponteiros do relógio, não é verdade? As brincadeiras recreativas na infância, as férias escolares, uma conversa descontraída na companhia de bons amigos, uma viagem tão aguardada, estar ao lado da pessoa amada...

Pois é. E parece que esse comportamento anômalo das horas não acontece apenas nas ocasiões mais jubilosas da vida. Arthur agora descobria que quando se está condenado, quando se tem um prazo de validade marcado no braço, o tempo também opta por fluir de modo mais acelerado. Desde que teve conhecimento do resultado de sua biópsia, num piscar de olhos quase três semanas já haviam se passado...

A dissimulação que esteve de volta à cena com tudo no fim de semana não se sustentou na segunda-feira. Arthur não teve forças para seguir com sua representação e assumiu o completo esmorecimento da alma. Mostrava-se fechado e apagado a todos que tentaram com ele algum tipo

PERIGOSAS NACIONAIS

de contato, não encontrava razões ou quaisquer estímulos para seguir em frente.

Bom... Não encontrava razões ou quaisquer estímulos para seguir em frente apenas até esta segunda-feira, porque no dia seguinte tudo mudou...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 29 – BRILHO NO OLHAR

Terça-feira.

Sem motivo aparente, ou talvez por conta das reportagens jornalísticas que recentemente recapitularam o atentado ao museu da capital, no cochilo vespertino que já fazia parte de sua rotina desregrada, Arthur viu-se dentro de um pesadelo que anteriormente já o assombrara, aquele mesmo em que presenciou impotente sua noiva sendo executada.

Quarto escuro do hospital, TV ligada. Clarão e som de disparos. TRÁ! TRÁ! No sofá-cama, Amanda sem vida e toda ensanguentada.

Homem encapuzado mirando a arma em direção a Arthur. PLEC. Nenhuma bala, arma descarregada!

Contra-ataque colérico, atirador com braço quebrado, mocinho e bandido voando através da porta do quarto. Sobre o piso do corredor, o vaso de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vidro se espatifava. Sobre o rosto do oponente, era a vez de Arthur descarregar seu punho e toda a sua raiva...

Mãos ao redor do pescoço do adversário.

Surge outro inimigo, chute na barriga de Arthur! Numa questão de poucos segundos, mais uma arma apontada para a sua cara...

O roteiro que se repetia até este momento, teve um desfecho um pouquinho alterado. Antes de efetuar o disparo que libertaria Arthur daquele pesadelo, o agressor que estava de pé, com a mão que tinha livre, segurou o topo do capuz que vestia e puxou-o para o alto.

Aos poucos a face do inimigo se revelava.

Apesar do breu do corredor em que estavam, a fraca iluminação que vinha da televisão ligada no quarto permitia ver, ainda que com alguma dificuldade, as feições que se mostravam.

Queixo e nariz descobertos...

Nossa! Como eram familiares para Arthur! Poderia jurar que já os tinha visto em algum lugar! Franziu as vistas num esforço para reconhecer aqueles traços.

Mais alguns instantes, capuz totalmente retirado, olhos de Arthur arregalados!

PERIGOSAS ACHERON

A claridade medíocre não foi empecilho para identificar de quem se tratava. Apontando a arma para Arthur, estava... Arthur! Isso mesmo: Arthur! Agora eram dois dele, um de pé mirando, sorriso cínico e debochado no canto da boca, o outro deitado no chão sob a mira do berro, aguardando boquiaberto a conclusão daquele embate.

Entreolharam-se por mais um minuto até que veio o pressionar impiedoso do gatilho para encerrar o confronto...

TRÁ!

Hora de despertar.

Depois de Arthur ficar com esse sonho esquisito na cabeça pelo resto da tarde, de repente um estalo na mente e um brilho no olhar diferente.

Aproveitando-se do vazio moral que predominava nos pensamentos de Arthur, decorrente da vulnerabilidade psicológica crescente da última semana e da escuridão que se consolidava em seu íntimo, uma ideia tenebrosa encontrou o ambiente favorável para se implantar e germinar...

Quem foi que disse que não dava mais para Arthur perpetrar algo grandioso o suficiente para mudar o mundo? Ainda havia uma chance!

Interessante como as coisas são... Trinta e

quatro anos buscando uma forma louvável de gravar o seu nome na história para num mísero instante perceber que vinha por todo esse tempo procurando do jeito errado, ou melhor, através da perspectiva errada.

Bastou a Arthur mudar o ponto de vista para encontrar o que tanto queria! Se o ato transformador não pudesse vir pelo bem, que viesse então pelo mal... Se não por um feito positivo e ordeiro, que fosse na base da violência, na marra! O importante para ele agora era deixar seu recado a todo custo, ainda que para isso precisasse abandonar os seus princípios e tivesse que realizar algo condenável, imoral ou até mesmo execrável pelo caminho. Tendo em vista as circunstâncias, os fins certamente justificariam os meios!

Claro que não seria nada fácil implementar essa ideia absurda que prosperava em sua mente, contudo precisava agarrá-la, sentia-se obrigado a pelo menos tentar!

Mas espera aí... Na marra? Abandono de princípios? Fins justificando os meios? O que houve com o bom samaritano que fazia questão de semear atitudes profícuas no seu dia a dia, com o cidadão edificativo que costumava servir de

exemplo para uma convivência harmônica em sociedade? Afinal, o que estaria acontecendo com Arthur? Como ele podia conceber uma ideia tão maluca quanto essa?

Impossível reconhecê-lo! Em sã consciência, ele jamais cogitaria algo parecido! Alguma coisa o impedia de raciocinar coerentemente e o impelia a assumir um comportamento insólito. Arthur não era mais o mesmo e, sem sombra de dúvidas, não estava em seu juízo perfeito. Impressionante o estrago que um sonho pode fazer numa mente descontente e perturbada...

Maluquice ou não, essa era aparentemente a motivação que ele precisava para se libertar em definitivo das almofadas que o cercavam... Deu Arthur então um pulo do sofá e dirigiu-se até o *rack* situado abaixo da televisão, no qual guardava seu *videogame* e onde também entulhava, após lidos, os exemplares da revista semanal de notícias que recebia em casa. Seguramente havia ali mais de uma centena delas...

Puxou as pilhas de periódicos para fora do móvel e colocou-as sobre o assoalho escuro de pedra. Passou as edições uma a uma observando rapidamente as suas capas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dez, vinte, trinta revistas... Arthur não encontrava aquela que procurava e atirava para o lado as que não lhe interessavam. Quarenta, cinquenta! As publicações se espalhavam sobre o chão da sala.

Só faltava Amanda ter emprestado ou jogado fora justamente aquela que ele buscava... Sessenta, setenta! Não é possível que não ia achá-la!

Mas para o seu alívio, depois de mais uns sete ou oito exemplares, a capa tão desejada enfim chegava às suas mãos. Já tinha o que fazer com o seu final de tarde.

Debruçado sobre as páginas centrais da revista, um plano se desenhava...

E encerrada a leitura, não havia mais volta: a tal ideia estava profundamente enraizada em sua cabeça e de lá não poderia mais ser arrancada. Arthur estava decidido a colocá-la em prática!

E de posse dessa convicção não muito arrazoada, reorganizou tudo de volta dentro do *rack* antes que a sua noiva chegasse em casa.

Conforme mencionado previamente, nesta terça-feira tudo mudou...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 30 – PREPARAÇÃO

Quarta-feira.

Arthur esperou Amanda sair do apartamento rumo ao trabalho para começar a se organizar.

Anotou numa folha de papel tudo aquilo que não poderia se esquecer de providenciar.

Tá certo que os atos finais de seu plano ainda não estavam muito claros em sua mente, já que estes dependeriam do desenrolar de uma série de fatores e das oportunidades que se colocariam diante dele ao longo de sua jornada, mas registrou ali tudo o que já podia antecipar.

Gastou toda a manhã esboçando aquela listagem. Concluída a morosa tarefa, deve ter conferido o que escreveu ali no mínimo meia dúzia de vezes, visto que qualquer detalhe deixado pra trás poderia comprometer o sucesso de sua empreitada.

À tarde, ligou o computador e buscou na internet algumas informações que lhe seriam

determinantes. Mapas eletrônicos, lugares, rotas, notícias sobre tópicos específicos...

Próximo ao horário em que a noiva retornava, interrompeu o que fazia, escondeu suas anotações e reassumiu seu posto de sempre no sofá da sala.

No começo da noite, Arthur telefonou para a irmã e com ela conversou como fazia noutros tempos. Mais de vinte minutos falando sobre nada específico e também a respeito de tudo. Aproveitou ainda para trocar algumas palavras com os sobrinhos.

Nova ligação. Repetiu-se a prosa demorada e despretensiosa, dessa vez com o irmão.

Netflix, seriado ao lado de Amanda, pipoca. Três episódios mais tarde, dentes escovados, pijama e cama.

Na quinta-feira, Arthur continuava disposto a prosseguir com aquele disparate todo. Mais computador para concluir a pesquisa que conduzia no dia anterior. Antes de desligar o equipamento eletrônico, imprimiu algumas folhas e apagou todos os dados de navegação da internet dos últimos dois dias.

Abriu armários e gavetas para verificar se algumas das coisas que usaria em breve estavam

realmente por lá. E estavam... Só não as separou de uma vez em algum canto para não correr o risco de atrair desnecessariamente a atenção da noiva.

Quase tudo pronto, sentou-se no sofá lá no primeiro andar. Desbloqueou o celular. Baixou alguns arquivos e umas outras coisinhas para o dispositivo eletrônico.

Findados os processos de *download*, buscou a galeria de fotografias entre os aplicativos instalados no *smartphone* e pressionou a ponta do indicador direito sobre o respectivo ícone.

Sem pressa, repassou uma a uma as centenas de imagens que tinha gravadas na memória do telefone. As que recebera dos outros por meio de mensagens, as que ele próprio havia registrado mais recentemente através das lentes da câmera integrada ao aparelho e também as que preservava ali propositalmente, de modo permanente, como uma espécie de álbum ambulante dos últimos anos e que fazia questão de manter ao alcance dos dedos.

Nuns retratos demorou um pouquinho mais, noutros não gastou sequer um mísero segundo. Para a grande maioria das fotos, não externou qualquer tipo de sentimento, apenas passou o dedo da direita para a esquerda na pequenina tela a fim de seguir

em frente, para algumas poucas chegou a ensaiar um sorriso saudosos no rosto.

Recordou-se das várias fases vividas até então... Períodos de extrema felicidade e de intensa decepção, de queda e também de superação. Embalado pela série de retratos, Arthur viajou de um tempo em que não havia doença, ou que simplesmente a desconhecia, até o momento atual em que, sentado no sofá de casa, vinha sucumbindo definitivamente à inclemência do câncer.

Do ponto A ao B, tudo revisitado e revolvido. O choque da descoberta do primeiro tumor, as dificuldades impostas pelo tratamento, a alegria de uma breve remissão e o drama da primeira recaída. Sofrimento, cirurgia e recuperação. Quimioterapia mais agressiva, rotina de exames, cansaço do corpo e principalmente da alma. Dissimulação, fechamento, pré-depressão... Resgate do espírito liderado por Amanda e, pouco a pouco, a reascensão! E, quando parecia que a guerra chegaria ao fim, realmente chegou, mas não da maneira que ele gostaria: mais uma recaída, dessa vez a que lhe custaria a vida. Altos e baixos, contrastes cronologicamente organizados.

Ao final do processo de rememoração, não se

deixou levar pela emoção. Semblante sério, apático, Arthur, sem titubear, pressionou mais algumas vezes o *display* do celular:

Opções → Selecionar → Todas as pastas → Excluir cópias do dispositivo → Confirmar

Tudo deliberadamente apagado conforme anteriormente arquitetado. Adeus, lembranças... Tchauzinho, álbum ambulante...

E isso praticamente encerrava a preparação de Arthur. O que ele podia adiantar naquela quinta-feira de dentro do *loft* sem levantar suspeitas já estava encaminhado. Bastava agora esperar a hora certa chegar para iniciar a próxima etapa.

■ ■ ■ ■ ■

Seis e quarenta e oito da noite. Amanda regressou ao lar a tempo de ver Arthur ao telefone com os pais. Alegrou-se ao presenciar o bate-papo ameno que o noivo desenrolava naquela chamada.

Num dia irmão e irmã, noutro pai e mãe. A moça entendeu como positiva essa tentativa de ele se aproximar um pouco mais da própria família.

Sabia ela que o apoio deles todos seria fundamental nessa reta final.

Mas Amanda estava redondamente enganada. Interpretou os telefonemas que testemunhou nesses dois últimos dias de forma equivocada. Se ela soubesse o verdadeiro propósito de Arthur com tais ligações, não teria ficado assim tão animada...

■ ■ ■ ■ ■

Naquela sexta-feira, tal qual vinha ocorrendo nas últimas manhãs, Amanda abriu os olhos alguns minutos antes de o alarme despertador do seu celular tocar. Virou-se para Arthur e ficou ali espiando-o em silêncio.

Apesar de ela ter acompanhando aquela suposta reabertura do noivo com os familiares, seguia muito preocupada com seu amado, principalmente depois do evento em que ele chutou o pau da barraca e praticamente detonou sozinho uma garrafa inteira de uísque.

Amanda sabia que não podia mais acatar o pedido que Arthur reiteradamente lhe fazia, o de não permitir que a doença dele interferisse em sua rotina. Afinal de contas, de que adiantava a ela

manter o cotidiano e ver seu herói definhando no sofá da sala todos os dias ao chegar em casa?

Tá bom... Ela até entendia o porquê dessa solicitação recorrente do noivo. Sabia que Arthur tentava de alguma maneira ensiná-la a superar as adversidades do momento, que queria prepará-la para seguir com sua vida sem ele, no entanto estava muito difícil abandoná-lo no apartamento daquela maneira. Era evidente que o seu amado precisava de um olhar carinhoso e constante sobre ele, de ter alguém sempre por perto, de um pouco mais de atenção da parte dela.

Arthur estava sim coberto de razão... Amanda tinha de fato que se preparar desde já para o inevitável. Chegaria o dia em que ele não estaria mais ao lado dela, porém, quando isso viesse a acontecer, ela não queria se sentir culpada por não o ter apoiado do jeito que achava que deveria.

É... Passava da hora de Amanda fazer alguma coisa para mudar essa situação, mesmo que isso pudesse tornar mais árdua a iminente separação! Este era o momento de dar mais assistência, de estar presente. Teria ela muito tempo pela frente para aprender a viver sem seu eterno herói depois que ele partisse. De posse de todo esse tempo, daria

ela um jeito de superar o vazio.

O alarme do celular soou interrompendo o sono de Arthur e o raciocínio de Amanda. Após o beijinho de bom dia, hora de levantarem da cama.

Café da manhã.

– Que foi? – perguntou ela ao sentir que era observada durante a refeição matinal.

– Nada! – disfarçou ele com um sorriso frágil nos lábios.

Findado o desjejum, Arthur imitou os movimentos de Amanda enquanto escovavam os dentes lado a lado no banheiro do andar de cima e divertiram-se um bocado com a brincadeira dele.

Mas o que é isso?, questionou-se Amanda internamente.

Parecia até que quem estava ali com ela era o Arthur leve e bem-humorado de outras épocas e não o noivo tristonho e letárgico no qual ele havia se transformado nos últimos tempos.

A moça continuou a se arrumar sob o olhar atento de seu amado.

Minutos mais tarde, quando ela sairia para o serviço, Arthur fez questão de acompanhá-la até a porta de casa. Beijo de despedida.

– Saio um pouquinho mais cedo e passo aqui

às cinco pra te pegar! – disse ela guardando as chaves do carro na bolsa e reafirmando o compromisso de ir com ele à quimioterapia de logo mais.

Porta aberta. Ao ver Amanda cruzando os limites de casa, com a mão Arthur a conteve pelo braço. Abraço inesperado complementado por um “eu te amo” que não poderia mais ser adiado.

– Tá tudo bem, meu amor?

– Tá tudo ótimo! Só queria que você não se esquecesse disso. – respondeu ele enclausurando o rosto de Amanda entre suas mãos e registrando a imagem que via diante dele em sua mente.

– E como me esquecer de uma coisa dessas? – retrucou ela sorrindo para em seguida pregar um selinho nos lábios de Arthur.

Após afagar a orelha esquerda do noivo, ela arrematou:

– Também te amo... e também não se esqueça disso!

Porta da sala fechada.

■ ■ ■ ■ ■

Amanda chegou ao local onde trabalhava e já

foi logo tratando de procurar sua gerente imediata.

Noutras oportunidades já até havia comentado com ela sobre o agravamento da doença do noivo, mas dessa vez explicou que precisava de um tempo afastada do emprego para acompanhá-lo mais de perto.

Solícita, sua chefe não pensou duas vezes para conceder o que lhe fora demandado. Amanda era uma ótima funcionária e inclusive já lhe havia quebrado alguns galhos relativos à empresa no passado. E ainda que nada disso se observasse, não faria o menor sentido negar um pedido tão altruísta quanto esse.

Estava decretado: a partir de segunda-feira, Amanda teria trinta dias de férias para cuidar melhor de Arthur.

Trinta dias! Era o suficiente para começar a se organizar! Ao final desse intervalo já teria ela pensado em alguma outra coisa para que seu herói continuasse bem amparado. Emendar outro período de férias, tentar uma licença não remunerada, desligar-se definitivamente do trabalho ou sei lá! O importante seria não o deixar mais tão solitário...

E Amanda seria até mesmo capaz de ir morar por uma temporada com o noivo na casa dos sogros

se Arthur não suportasse essa ideia de demissão... Desse modo ela poderia manter seu emprego sem se preocupar tanto com ele sozinho quase que o dia inteiro dentro do apartamento. Haveria sempre alguém para rodeá-lo: os pais dele quando do expediente de serviço de Amanda e ela própria numa eventual ausência dos pais de Arthur.

Porém, não era hora de ficar pensando nisso. Agora tinha mais é que se concentrar em suas atividades a fim de que o dia passasse um pouco mais rápido. Logo, logo estaria ela de volta ao lar para zelar pelo seu amado.

Mal começou a se dedicar aos afazeres do serviço, notificação no celular. Pela vibração mais longa, já sabia que se tratava de ao menos um novo balãozinho de Arthur no aplicativo de mensagens:

ARTHUR

Minha mãe acabou de
Me ligar. Ela insistiu pra
Ir comigo na quimio.
Até tentei explicar que vc
já me faria companhia,
mas não teve jeito...

08:53AM

PERIGOSAS NACIONAIS

Da próxima vc
vai comigo, tá?

08:53AM

Amanda não tinha nem como contestar a vontade de sua sogra de querer passar um tempinho a mais com o filho. Fez questão de responder a mensagem de imediato deixando Arthur à vontade para ir com a mãe dele ao hospital naquele fim de tarde:

AMANDA

Claro!

08:54AM

Vai lá com ela!

08:54AM

Nos vemos em
casa, meu amor.

08:54AM

Bjo! 😊

08:54AM

PERIGOSAS ACHERON

Ah! Vai ser até melhor assim!, pensou Amanda. É bom que ele fica um pouquinho junto com a mãe e eu fico mais tranquila pra não deixar nenhuma pendência por aqui, já que na segunda-feira entrarei de férias. Sem correria no fim do dia...

E assim se deu. Ficou quase uma hora lá no serviço depois de encerrado o horário habitual de trabalho porém nem reclamou. Quando terminou tudo o que queria, juntou suas coisas e se mandou.

Trânsito da hora do *rush*.

Nem foi tão ruim assim... Antes das sete e quinze da noite, Amanda já estava dentro de casa.

Como noivo e sogra ainda iam demorar a voltar do hospital, preparou uma coisinha na cozinha pra tapear a fome. Barriga cheia, lavou a louça que sujou e subiu para o quarto.

Não tinha muito com que se preocupar, no entanto não resistiu ao impulso de mandar umas mensagenzinhas de leve para Arthur.

AMANDA

Oi, amor! ♥♥♥

07:42PM

Já faz um tempinho que
cheguei em casa!

07:42PM

Tudo bem por aí?

07:43PM

Apesar da ansiedade de contar pra Arthur que a partir daquela noite ficaria mais tempo ao seu lado, não comentou nada a respeito disso nas mensagens recém-enviadas. Preferia fazê-lo cara a cara quando Arthur regressasse pra casa.

Ciente de que o noivo era preguiçoso com esse negócio de celular, e conseqüentemente meio lento para verificar as notificações que recebia, Amanda preferiu entrar no chuveiro em vez de ficar esperando ali parada uma resposta de Arthur. Largou seu telefone sobre a cama, pegou uma calcinha limpa no armário, o pijama dobrado sob seu travesseiro e seguiu para o banheiro.

Instantes depois, torneira fechada. Enxugou-se com a toalha. Cremes. Vestiu sua roupa e usou o secador para desumedecer um pouco mais os cabelos.

De volta ao quarto, conferiu esperançosa o

smartphone e... nenhuma réplica de Arthur!

Sofá, TV ligada.

O tempo foi passando... Jornal, novela, oito e meia, nove, nove e quinze da noite. Essa era a hora que Arthur normalmente chegava das sessões de quimioterapia.

Já devem estar estourando por aqui a qualquer momento..., ponderou Amanda.

Nove e meia, dez horas e nada!

Ué, tem alguma coisa errada!, concluiu ela. *Será que resolveram passar em algum lugar antes de virem pra cá?*, cogitou a hipótese numa tentativa de não se inquietar.

Resolveu verificar. Acionou a tela do celular e discou para Arthur.

“O número chamado está fora da área de cobertura ou desligado.”, comunicou a gravação automática da operadora de telefonia do outro lado da linha.

Abriu o aplicativo de mensagens.

Contatos → Arthur

Que estranho... ele nem sequer tinha recebido as mensagens que lhe foram enviadas.

Difícilmente estaria o noivo sem sinal desde que chegou ao hospital...

Será que ficou sem bateria?, ocorreu-lhe de imediato essa nova teoria.

Bom... Para descobrir o que se passava só mesmo ligando diretamente para a mãe de Arthur.

E foi o que ela fez.

Ligação completada. No sexto toque finalmente teve atendida a sua chamada:

– Alô? Amanda?

– Oi, sogrinha! Tudo bem? – saudou a moça.

– Oi, querida! Tudo bem sim! E com você?

– Tudo bom também!

Ufa! Nada de ruim deve ter acontecido com eles..., deduziu Amanda numa fração de segundo tendo em conta as palavras e o tom de voz empregados pela sogra na resposta.

Já podia respirar algo mais aliviada! Bastava a ela agora entender o motivo pra tamanha demora daqueles dois:

– E aí? Correu tudo bem na quimio?

Foi quando a conversa desandou... A réplica que Amanda ouviria da sogra em seguida daria o pontapé inicial ao tormento que apanharia desprevenidos todos aqueles que se importavam ao

menos um pouquinho com Arthur:

– Que quimio?

■ ■ ■ ■ ■

De volta àquela mesma sexta-feira pela manhã, assim que Amanda fechou a porta do apartamento, Arthur começou a se mobilizar.

Subiu correndo as escadas. Pegou, entre o colchão e o *box* da cama, o passo a passo do seu plano que vinha escondendo por ali. Desdobrou a folha de papel e releu o que nela estava anotado. Sem que lhe viesse aos pensamentos mais nada para acrescentar àquela listagem, era chegada a hora de implementar toda aquela insanidade...

Da porta mais alta do armário do quarto, tirou a mochila que utilizou incontáveis vezes como companheira das jornadas de trabalho. Seria ela parceira de uma última empreitada.

Cerrou a porta de cima e abriu a de baixo. Tirou o pijama que trajava e deixou-o embolado sobre a cama. Vestiu-se com calça jeans e blusa de malha, separou e jogou na mochila algumas mudas de roupa. Em seguida, um casaco de frio se juntou à trouxa que preparava.

Antes de fechar o zíper, e depois de uma breve análise dos itens recém-acondicionados em sua mala improvisada, tacou ali mais uma blusa de malha, um par extra de meias e outras duas cuecas só por via das dúvidas...

Calçou seu par de tênis mais confortável, o azul-marinho com detalhes alaranjados. Caminharia bastante a partir daquele instante, portanto melhor garantir que não conseguiria nos calcanhares algumas bolhas e calos.

Tudo o que estava relacionado na tal folha de papel acabou também dentro da mochila: passaporte, um carregador antigo porém compatível com seu celular e alguns outros itens que não poderiam ser esquecidos para trás.

Boné bastante discreto na cabeça, num tom mais fechado que o dos pisantes que tinha nos pés, mochila nas costas, desceu para o primeiro andar.

Pegou sua carteira sobre o *rack* da sala. Tomou o cuidado de verificar se o cartão do banco, o de crédito e o documento de identidade estavam lá antes de colocá-la no bolso. Da mesma mobília, catou os óculos escuros e com eles ornou seu rosto.

Tudo certo para sair de casa. Nenhum recado pregado na porta da geladeira ou em qualquer outro

canto do *loft*, nenhuma migalha de pão indicando como sua companheira de lar ou sua família poderiam encontrá-lo.

Destrancou a porta da sala com suas chaves.

Mão esquerda sobre a maçaneta da porta: o momento de reconsiderar sua decisão era agora!

Caso seguisse adiante com aquilo era quase certo que nunca mais veria o interior daquele apartamento novamente. Pior: tão logo Arthur cruzasse aquela porta, a probabilidade de vir a ter qualquer outro contato com Amanda ou com algum de seus parentes diminuiria drasticamente. A tão amada noiva, o pai e a mãe, assim como irmão, irmã, sobrinhos e amigos... todos seriam, sem exceção, parte do passado.

Além disso tudo, também tinha que ter em mente que o caminho à sua frente seria demasiadamente perigoso e sofrido. Fora que não havia garantia alguma de que viria a alcançar os seus objetivos...

Mas e daí? Dada a atual conjuntura, Arthur não teria nada a perder com isso. Mais cedo ou mais tarde, teria que se separar dessas pessoas que tanto amava. Sofrimento? A aspereza do tratamento a que vinha sendo submetido e o simples fato de ter

sido obrigado a carregar dentro dele ao longo dos últimos anos tão ingrata doença já o haviam familiarizado bastante a esse doloroso conceito. E que venha o perigo! Estaria morto em questão de meses mesmo que não aceitasse o desafio...

E diante de tais justificativas, Arthur não reconsiderou. A oportunidade se colocara diante dele e não podia deixá-la escapar! Era sua chance de fazer alguma coisa de útil com a sua breve passagem pela Terra, de mostrar que um indivíduo sozinho poderia mudar o planeta, que um condenado à morte podia sim fazer alguma diferença. Desistir não era mais uma opção! A única dúvida que nele remanesceu era saber se o pouco tempo que teria de vida seria suficiente para atingir aquilo que almejava... E se não fosse também, paciência! Já ficaria satisfeito e orgulhoso de si próprio se morresse tentando.

Girou então a maçaneta no sentido anti-horário, porém, antes que completasse o movimento, descobriu que não poderia deixar de levar mais uma coisa consigo nessa nova etapa.

Tal percepção o transportou novamente ao segundo andar através das escadas. Quarto, criado mudo, gaveta... Lá estava o porta-retratos

danificado durante aquele seu ataque de fúria.

É... Arthur nunca o levou até a tal lojinha de molduras do bairro. A vontade de consertá-lo foi sumindo com o passar dos dias, suprimida pela anemia que dominou sua alma, e o presente de que tanto gostava acabou ali largado, completamente ignorado.

Sob o referido objeto, achou o que procurava: a fotografia que viera incorporada àquele porta-retratos. Infringindo a regra que impusera a si mesmo de não carregar consigo esse tipo de lembrança, dobrou-a e guardou-a numa das divisórias de sua carteira. Arthur sabia que precisaria de alguém com quem conversar durante as noites mais sombrias...

Agora sim não faltava mais nada para seguir em frente.

De volta ao primeiro andar, pousou novamente a mão sobre a maçaneta e abriu a porta de casa.

Sem nenhum pesar, transpassou para o corredor do lado de fora e trancou pela última vez aquela porta. Adeus, 404!

Caminhando ganhou as ruas da vizinhança. Sabia exatamente para onde se dirigir sob aquele céu nublado.

Apanhou seu *smartphone* na mochila enquanto atravessava os quarteirões que o conduziriam à sua próxima parada. Antes de desligar o aparelho, digitou nele uma última sequência de mensagens para sua amada:

“Minha mãe acabou de me ligar. Ela insistiu pra ir comigo na quimio...”.

CAPÍTULO 31 – EVASÃO

Algumas quadras depois, Arthur chegou à sua agência bancária. Passada a porta detectora de metais, foi conversar com a responsável pela conta-corrente que mantinha naquela instituição.

A gerente com a qual se habituara não se encontrava no local. Estava fora da agência, num congresso, entretanto não fazia mal. Talvez fosse até preferível acertar o que queria com uma pessoa desconhecida: menos perguntas inoportunas e intrometidas...

Aguardou alguns minutos numa poltrona até ser atendido por uma senhora ao melhor estilo moderninha: cinquenta e poucos anos, cabelos curtos e grisalhos, quase brancos, *à la* Meryl Streep em “O Diabo Veste Prada”, óculos de grau com armação colorida e aparentemente muito simpática.

– Olá! Sente-se por favor! Em que posso ser útil? – disse a mulher toda prestativa ao recebê-lo

em sua mesa.

Arthur a ela entregou seu cartão do banco e explicou que gostaria de resgatar para sua conta-corrente todo o valor que tinha aplicado em fundos de investimento. Mas não parou por aí... informou ainda que sacaria determinado valor em espécie para levar consigo e que o restante transferiria em partes iguais para três favorecidos já cadastrados em seu *home banking*.

Ele não precisaria de mais dinheiro além do que levaria dali em mãos e certamente as três pessoas que escolheu para receber a diferença fariam bom uso daqueles recursos financeiros.

Utilizando-se do cartão que lhe fora confiado, a senhora, através do computador e do leitor de tarjetas magnéticas que havia em sua mesa, providenciou os resgates solicitados. Arthur inseriu sua senha no teclado numérico ali existente, assinou alguns papéis para autorizar o procedimento e pôs a digital do polegar direito num dispositivo próprio para fazer a identificação biométrica dos clientes.

Hora do saque. Após repetirem o ritual das senhas, digitais e assinaturas, foram até uma sala mais reservada. Dentro dela, uma máquina contou

todas as cédulas. Dividido em maços por elásticos, o numerário foi colocado num envelope de papel pardo e, em seguida, na mochila de Arthur.

A funcionária alertou-o quanto ao risco de andar pelas ruas com toda aquela quantia em dinheiro.

– Estou ciente. – respondeu ele.

Justificava-se a preocupação daquela atendente, pois de fato tratava-se de um montante não usual para se carregar por aí.

De volta à mesa, chegava o momento de cuidar das transferências. Seguindo seu planejamento, e com o propósito de ganhar algum tempo, Arthur pediu para que estas transações fossem realizadas apenas na segunda-feira subsequente, preferencialmente ao final do expediente. Assim já estaria bem longe quando os três destinatários percebessem dali a três dias, ou talvez quatro, o pecúlio em suas respectivas contas-correntes...

Prosseguindo com os protocolos de segurança daquela corporação, a mulher questionou se Arthur estava sendo vítima de extorsão ou de algum outro tipo de ato criminoso. Afinal, zerar uma conta desse jeito não era lá muito normal.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Estou sendo vítima unicamente da minha mente caridosa! – disse Arthur rindo após esclarecer que os beneficiários daquelas movimentações financeiras seriam Amanda, sua noiva, e seus irmãos, Gabriel e Teresa. – Antecipação de herança, sabe? – gracejou ele ironicamente logo na sequência.

Típica brincadeira com um certo fundo de verdade...

Não era um valor absurdo que cada um deles receberia, mesmo porque Arthur não era nenhum milionário, todavia tratava-se de uma quantia considerável, as economias que juntou com muita disciplina durante boa parte de sua vida.

Feito tudo isso, uma última requisição: que fosse encerrada sua conta no banco quando efetivadas todas aquelas operações que há pouco tinham agendado.

Providenciada a papelada necessária, visto nas primeiras páginas e firma na última.

Agradeceu educadamente a ajuda da gerente substituta, levantou-se e caçou seu rumo.

Antes porém que Arthur deixasse o recinto, a voz da senhora moderninha lhe chamou a atenção:

– Sr. Arthur, seu cartão!

PERIGOSAS ACHERON

– Ah... Pode ficar pra você de recordação!

■ ■ ■ ■ ■

Metrô.

Perguntou que horas eram para o cidadão sentado ao seu lado.

Arthur estava adiantado. Pensou que perderia mais tempo com as burocracias na agência bancária. Teria ele bastante folga para chegar à rodoviária.

Saltou na estação mais próxima ao terminal de ônibus da cidade. Escada rolante, catracas, breve caminhada pela passarela de pedestres que integrava as duas localidades.

Foi direto ao guichê da empresa que oferecia o destino almejado.

Estava com sorte: ainda havia um punhado de lugares vagos. Já ciente de que os bilhetes rodoviários não tinham obrigatoriedade de serem nominais, Arthur solicitou ao funcionário:

– Passagem só de ida nesse aí das onze e vinte.
Pagamento em dinheiro, é claro.

A ideia era a de atravessar a fronteira valendo-se do acordo de livre circulação de pessoas firmado

PERIGOSAS NACIONAIS

entre o seu país e o imediatamente ao lado. Daí, sem nenhum registro de saída em seu nome na divisa, ficaria consideravelmente mais difícil localizá-lo.

Matou os minutos que restavam até a partida dando uma voltinha pelo lugar.

Embarcou no ônibus logo antes do horário de saída marcado.

Portas fechadas, motor ligado.

Sentado em sua poltrona, companheira das próximas quatorze horas e meia, reclinou o encosto para se ajeitar de maneira mais confortável. Afivelou o cinto de segurança mesmo não vendo mais nenhum sentido nisso. Força do hábito...

“Fazendo minha parte pra mudar o mundo, mesmo que só um pouquinho de cada vez.”... Já se notavam modificações significativas nesse verdadeiro mantra entoado durante toda uma vida. Nada mais de “um pouquinho de cada vez”... agora o foco era em repercussões globais, em atos grandiosos! Observando-se o comportamento atual de Arthur, nem dava mais para saber se ainda residia nele aquela vontade legítima e abnegada de melhorar o planeta. Talvez a intenção agora fosse única e exclusivamente a de bagunçá-lo de vez...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Abriu o compartimento externo da mochila e de lá tirou fones de ouvido, daqueles intra-auriculares, e celular. Removeu o *chip* da operadora de telefonia antes de religar o aparelho.

Botão *power* pressionado por alguns segundos.

Findado o processo de inicialização, deu uma série de toques na tela do equipamento eletrônico:

Início → Pasta “MP3” → Aplicativo de música sob demanda → Minha Música → Downloads

Era onde encontraria todos os arquivos que teria disponíveis para ouvir *off-line*. Dentre tudo que havia ali, não teve dúvidas do que botar pra tocar, algo pesado e que refletia bem o seu estado de espírito:

System of a Down → Toxicity

Música bastante adequada, aliás...

E assim partia Arthur: desajuizado, inconsequente, transformado. Bom senso extinto, discernimento alterado. O camarada que sempre

PERIGOSAS ACHERON

quis fazer parte da solução se tornava mais uma variável dos já infindáveis problemas que assolavam a humanidade...

Ônibus para frente, cidade ficando para trás.

Enquanto se despedia com os olhos da paisagem que pela janela passava acelerada, nos ouvidos, acompanhada de acordes vigorosos, a voz enérgica de Serj Tankian entoava: “...*Somewhere, between the sacred silence and sleep, Disorder, disorder, disorder...*”.

“Desordem, desordem, desordem”... A palavra tão repetida na canção parecia impulsionar Arthur em sua nova convicção.

■ ■ ■ ■ ■

– Como assim “que quimio”? – estranhou Amanda.

Depois dessa, teve a nora que fazer um breve relato a respeito da mensagem de texto que Arthur tinha para ela enviado e também quanto ao fato de o celular dele estar desligado.

– Querida, não combinei nada disso com ele! – respondeu a sogra. – Mas cá entre nós, é a cara do Arthur inventar uma história dessas só pra nos

livrar do trabalho de acompanhá-lo às sessões de tratamento...

Com essa suposição em mente, a primeira reação de Amanda foi ligar para o hospital e verificar se seu noivo esteve ou, quem sabe, ainda estava por lá.

“Nenhum sinal do paciente.”, informou a equipe do setor de oncologia... E além de não ter aparecido pra quimioterapia, Arthur nem sequer telefonou pro hospital para avisar que não compareceria naquele dia.

Era o momento de instaurarem o estado de alerta, acendia-se a luz amarela. Enquanto pai e mãe ligavam para seus outros dois filhos na esperança de obterem deles alguma notícia positiva, Amanda tentava novamente o telefone do noivo.

Nenhuma pista acerca do paradeiro do caçula com Gabriel e Teresa, celular de Arthur continuava incomunicável.

E exatamente nesse instante, quando noiva e família finalmente se tocavam de que havia alguma coisa errada, Arthur já estava no país vizinho, bem distante, fora de alcance, a poucas horas da cidade para a qual o ônibus dele se destinava. Mais de dez horas e meia haviam se passado desde que Arthur

embarcou no referido veículo, e, de acordo com a previsão de chegada impressa na passagem, faltavam agora menos de quatro...

Apesar de ter encontrado capacete e chaves nos locais habituais, Amanda desceu até a garagem para se certificar de que a moto realmente estava lá estacionada. Não pôde fazer isso quando chegou em casa pois as vagas da moto e do carro eram separadas. E lá estava... inclusive com uma fina camada de poeira sobre toda ela, evidenciando o longo período que Arthur não montava na companheira motorizada.

De volta ao apartamento, seguiu tentando encontrar alguma outra dica de como localizá-lo, porém, por mais que sondasse, inquieta e desassossegada, Amanda não dava falta de nada.

A situação era preocupante. Tratava-se de um doente em estágio avançado! Poderia ele ter saído de casa para se distrair por aí, para almoçar ou até mesmo para ir sozinho à quimioterapia e passado mal em qualquer canto pelo caminho! Uma convulsão, um desmaio, uma fraqueza súbita ou tudo isso junto!

Vinte minutos depois, Gabriel e Sophia já apanhavam Amanda de carro para procurarem

Arthur pelas ruas do bairro.

Mas o esforço para descobrir o paradeiro de Arthur não parava por aí! Ao passo que o pai e a irmã do desaparecido entravam em contato com os prontos-socorros da cidade, a mãe telefonava para a polícia comunicando o sumiço. Orientada pelo agente de que precisaria aguardar determinado prazo para registrar a ocorrência, teve que se contentar com uma busca feita no sistema por algum evento que envolvesse o nome do filho.

Nem é preciso narrar aqui que não foram bem-sucedidos em achar Arthur...

Com mais de uma hora rodando na vizinhança, Amanda foi convencida pelo cunhado a retornar para o *loft* onde morava. “Vai que Arthur resolveu reaparecer em casa...”. E, mesmo que isso não tivesse ocorrido, seria bom que alguém se mantivesse presente por lá para o caso de ele dar as caras. Gabriel e Sophia prosseguiriam mais um pouco com a busca, priorizando agora ruas e avenidas mais afastadas, principalmente aquelas que ligavam o prédio de Arthur ao hospital onde ele se tratava.

404.

Logo que abriu a porta de entrada, foi

impossível a Amanda não gritar pelo seu amado. Mantinha viva a esperança de ali encontrá-lo:

– Arthur? Tá em casa?

Silêncio absoluto na residência.

Acionou a iluminação da sala. Visitou rapidamente cozinha, área de serviço e lavabo. À primeira vista, nem sombra dele no andar de baixo. Novo chamado enquanto ela subia apressada pelos degraus da escada:

– Arthur? Cadê você?

A ausência de respostas perdurava.

No piso superior, nenhum vestígio do noivo no banheiro e muito menos no quarto. Indiscutível o fato de que Arthur não regressara àquele apartamento durante o intervalo em que ela esteve ausente.

Daí, sozinha, bateu com força o desespero.

Meu Deus! Onde será que ele se meteu?, questionava-se Amanda por meio de seus pensamentos.

Medo florescendo na alma, aperto crescente no peito!

As lágrimas começaram a rolar quando pegou o celular, discou novamente para o número de Arthur e ouviu da operadora de telefonia o

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmíssimo aviso eletrônico de mais cedo: “O número chamado está fora da área de cobertura ou desligado.”...

No aplicativo de conversas virtuais, permanecia inalterado o *status* das últimas mensagens que tinha enviado ao noivo. Nenhuma confirmação de leitura, tampouco de recebimento.

Amanda não sabia mais como proceder!

Milhões de possibilidades trágicas surgiam na mente dela com o transcorrer dos minutos!

Droga, Arthur! Cadê você?, pensava Amanda completamente aflita.

Não podia fazer mais nada senão insistir de tempos em tempos nas ligações para o noivo ou seguir aguardando por alguma notícia positiva...

E quase à uma da madrugada, recebeu sim uma notícia, mas não aquela que esperava:

SOPHIA

Amanda, ainda não
encontramos o Arthur.

12:59AM

Alguma novidade por aí?

12:59AM

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Atenta mais do que nunca ao celular, respondeu imediatamente a pergunta da concunhada. E mesmo bastante preocupada com seu noivo, mostrou-se Amanda sensata em suas palavras:

AMANDA

Nada ainda!

12:59AM

Obrigada por me
manterem informada!

01:00AM

Mas aqui, Sophia...

01:00AM

Além de vc estar grávida,
já tá meio tarde, né?

01:00AM

Acho que tá na hora de vcs
pararem um pouquinho pra
descansar!

01:01AM

PERIGOSAS ACHERON

Quem outrora fora convencida a voltar para casa, agora tentava persuadir Gabriel e Sophia.

SOPHIA

Tá certo. Vc tem razão!

01:02AM

Amanhã continuaremos
então.

01:02AM

Qualquer coisa
liga pra gente!

01:03AM

E vê se tenta descansar
um pouco tb... Bjo!

01:03AM

No entanto, Amanda não descansou. Minhocas de mais na cabeça para conseguir pregar os olhos.

Nessa levada, lembrou-se de como Arthur agira enigmaticamente antes que ela saísse para o trabalho, de como era observava por ele no café da manhã e enquanto se arrumava. Recordou-se do jeito que o noivo a conteve com a mão, do abraço

seguido de um “eu te amo” sob o marco da porta da sala...

Estava ele meio diferente! E ainda tinha aquela tal mensagem de texto com a qual Arthur a dispensara de ir com ele à quimioterapia. Desejava ele apenas a liberar da obrigação? Sua sogra estava certa ou havia algo mais? Será que todos esses fatos se relacionavam?

Sim... havia alguma coisa estranha, um furo na história, um elo oculto que concatenava aquilo tudo, porém Amanda, mentalmente esgotada, não foi capaz de, naquele dado momento, identificar o vínculo que conectava tal conjunto de acontecimentos.

Lá pelas tantas, embora o telefone do noivo permanecesse incomunicável, Amanda não conteve o ímpeto de enviar-lhe um recado:

AMANDA

Meu bem, me liga assim
que vir essa mensagem!

03:39AM

Te amo muito!

03:39AM

Se estivesse com seu *smartphone on-line*, essa série angustiada de palavras alcançaria Arthur saltando de um táxi...

■ ■ ■ ■ ■

Aeroporto internacional. Chuva. Boné firme na cabeça, óculos escuros já guardados.

Problemas de comunicação não eram esperados até então. A nação de onde Arthur vinha e aquela na qual estava atualmente, bem como parte da fronteira, compartilhavam a mesma língua. No entanto, não compartilhavam o mesmo dinheiro.

Arthur acertou o valor combinado pela corrida desde a rodoviária em que desembarcou do ônibus até ali com o tipo de moeda que tinha disponível em sua mochila.

O chofer do táxi aceitou de bom grado o dinheiro do país contíguo. E qual motorista não aceitaria se lhe fosse oferecido o equivalente ao dobro do que normalmente custaria o serviço de traslado para aquele trajeto específico?

Quando chegou ao balcão da companhia aérea, tinha nas mãos uma das folhas que imprimiu em casa, mais especificamente aquela na qual constava

uma seleção de alternativas que encontrou para concluir a primeira etapa da sua jornada, com os respectivos preços e horários.

Nenhuma alma viva na fila de espera. Recebeu as boas-vindas do funcionário que lá se achava.

Apesar do contratempo enfrentado pelo ônibus na estrada devido ao mau tempo, o atendente, que em função do adiantado da hora ostentava uma cara de sono indisfarçável, confirmou que Arthur ainda teria disponíveis a partir dali as duas possibilidades que pesquisara. Numa, aguardaria o sol nascer e se por para só então, no começo da noite, pegar um voo direto para a cidade de interesse. Noutra, esperaria poucas horinhas, embarcaria numa aeronave para uma capital vizinha ao seu destino final e de lá poderia escolher entre trem-bala ou mais uma pernada de avião para completar o restante de sua peregrinação.

Nada de ficar mofando um dia todo pelos saguões ou na sala de embarque do aeroporto: opção dois. Era a chance de completar a sua maratona internacional ainda naquele sábado, caso não enfrentasse atrasos relevantes ou o cancelamento do seu voo em consequência das condições climáticas. Sem falar que ainda poderia

ter a oportunidade de entrar pela primeira vez num transporte sobre trilhos de alta velocidade, algo que, aliás, sempre teve vontade de fazer.

– Londres, por favor. – disse Arthur ao entregar o passaporte ao jovem modorrento bem à sua frente.

– Perfeitamente...

O rapaz desviou ao computador sua atenção. Quase dois minutos de cliques e digitação.

– Gostaria de adquirir também um seguro saúde de um de nossos parceiros comerciais? – perguntou o atendente ao seu cliente. – Além de proporcionar tranquilidade em caso de alguma eventualidade em sua viagem, pode ser exigido pelo oficial de imigração como condição para o ingresso em alguns países. – complementou ele.

“Condição”? “Exigido”? Palavras fortes e que poderiam colocar todo o seu planejamento em risco. Arthur até tinha lido algo a respeito desse tal seguro, mas acabou deixando esse assunto esquecido depois de ter visto na internet, em vídeo e também por escrito, diversos depoimentos de viajantes conterrâneos alegando que a experiência deles na imigração de metrópoles europeias havia sido bastante tranquila por conta, principalmente,

PERIGOSAS NACIONAIS

da boa fama internacional desfrutada pela terra onde viviam. Na grande maioria das vezes, o trâmite de entrada se limitava a uma olhada rápida no passaporte e a um carimbo numa de suas páginas.

– Sim, por favor. – respondeu o postulante a emigrante após refletir novamente a respeito.

Cá entre nós, Arthur não estava muito preocupado com eventualidades em sua viagem ou em seu futuro próximo. Meio que ligou o “foda-se” quando deixou pra trás noiva, família e o conforto do apartamento em que morava. Acabou aceitando a oferta única e exclusivamente para garantir que um pequeno detalhe como esse não viesse a botar tudo a perder...

Breve questionário para finalizar todos os pedidos no sistema, nova sucessão de cliques e de teclas pressionadas.

– Forma de pagamento?

– Algum desconto à vista? – retrucou o cliente exibindo um exemplar das cédulas que tinha consigo.

– Sim, mas apenas em moeda local.

É... Arthur não viu a mesma boa vontade do motorista de táxi no guichê daquela empresa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Interrompeu a negociação para um *pit stop* na casa de câmbio vinte e quatro horas que havia no saguão. Trocou um pouco mais que o necessário para concluir suas compras, assim evitaria outra visita àquela loja se quisesse comer alguma coisa na sequência. Pegou também boa quantia em libras esterlinas para agilizar a vida no próximo país que visitaria.

Instantes depois, retornou ao balcão desértico onde se encontrava apenas o seu amigo sonolento da companhia aérea. Encerrada a transação, pagamento efetuado, bilhete de viagem e apólice de seguro na mão.

Entrada do setor de embarque internacional. Enfim algum movimento, mesmo que parco. Vencida a pequena fila, validação do tíquete de viagem recém-adquirido.

Conferência do passaporte pelo agente de polícia, detector de metais, raio X... Tudo nos conformes, acesso de Arthur liberado.

Sanduíche natural e suco em lata da cafeteria situada no interior da ampla sala de embarque.

Pôs o lanche sobre uma mesinha alta que havia por perto, comeu e bebeu de pé. Preferiu assim, pois teria muito tempo para descansar as

PERIGOSAS ACHERON

pernas em seguida...

Barriga cheia, banheiro para esvaziar a bexiga. Aproveitou para escovar os dentes e também para lavar o rosto.

Higiene bucal e facial finalizadas, saiu dali e procurou um lugar para se acomodar. Abancou tão logo encontrou um assento mais isolado, com uma tomada de energia bem ao lado. Seria bom aproveitar a brecha para recarregar a bateria do celular.

Sentado, aparelho telefônico conectado à corrente elétrica, mochila rente ao peito, Arthur foi notando aos poucos a exaustão do corpo. Olhos pesando, foi escorregando no banco.

Antes que apagasse porém, teve a disciplina de verificar se as horas do seu telefone batiam com as do monitor de chegadas e partidas fixado numa pilastra a poucos metros de onde ele se encontrava. Programou um alarme para despertá-lo trinta minutos antes do horário previsto na grande tela de LED para a saída do seu voo. Deixou o sono que vinha chegando dominá-lo.

■ ■ ■ ■ ■

Noite praticamente em claro. Amanda, que só conseguiu dar umas cochiladas, às nove da manhã já contava com a presença e o apoio moral de sua mãe junto a ela. O pai da moça somava forças à mobilização familiar que seguia firme no sábado.

Ligações e mensagens para os amigos mais chegados. Grupo criado no aplicativo de bate-papo para concentrar as notícias de Arthur. Delegacia de polícia para insistir no registro de desaparecimento. Nova averiguação telefônica pelos hospitais da região metropolitana. Até o necrotério da cidade foi visitado. Pelo menos não o encontraram dentre os corpos não identificados...

Ao meio-dia, nada ainda de Arthur. Impressionante como ele sumiu sem deixar rastros!

Mal sabiam eles que, a essa altura, o alvo das buscas cruzava várias centenas de quilômetros pelos ares...

■ ■ ■ ■ ■

Aeroporto *Heathrow*, Londres.

Houve sim certa demora na decolagem de seu avião no local de origem do voo, culpa da chuva que se intensificou no começo da manhã, contudo,

PERIGOSAS NACIONAIS

graças a um vento favorável durante boa parte da rota aérea, Arthur conseguiu pousar na eterna terra da rainha antes que o astro rei se escondesse no horizonte.

A viagem para Arthur passou num instante. Nem pareceu que estivera por várias horas confinado numa aeronave. Desconsiderando-se as visitas que fez ao toalete do avião e o tempo que levou pra comer o almoço e os dois lanches que lhe foram servidos, manteve-se desacordado em todo o restante da viagem. Tudo graças aos benditos remedinhos para dormir que trouxera consigo de casa...

Desembarque internacional. Tirando a pequena multidão que ocupava a área reservada à imigração, sua admissão foi tão sossegada quanto poderia ser, tal qual relatada nos referidos testemunhos que achou na rede mundial de computadores.

Droga! Acabou que nem precisou apresentar ao agente responsável o tal seguro saúde. Poderia ter deixado de comprar a apólice e, dessa forma, economizado alguns trocados. Xingou através de seus pensamentos o cara que lhe empurrou aquela oferta maravilhosa.

PERIGOSAS ACHERON

Ah... Mas quer saber? Paciência! Era quase certo que esse dinheiro não lhe faria falta...

Passou batido pelas esteiras de devolução de bagagem, pois já descera do avião munido de todos os seus pertences, ganhou o saguão.

Era o momento de definir como encerraria sua jornada.

E aí? Trem-bala ou mais avião?, perguntava-se Arthur.

A fim de elucidar essa questão, lançou mão novamente de sua folha em que trazia impressa a pesquisa que fizera de preços e itinerários. E para a felicidade de Arthur, de acordo com as informações que tinha ali no papel, e também com o horário local, ainda dava pra arriscar a última saída do Eurostar!

Daí ficou fácil... Entre trem-bala e avião, ficou com a primeira opção.

Decidido, agora era encontrar o acesso à linha *Piccadilly* do metrô, aquela que o conduziria do aeroporto *Heathrow*, mais a oeste, à célebre estação ferroviária de *King's Cross*, mais na meiuca de Londres.

Não precisou apelar ao centro de informações para buscar orientação: detectou quase que

imediatamente uma plaquinha que lhe indicava a direção. Passos apressados, seguiu toda a sinalização.

Tíquete, catraca, esperou menos de dois minutos até a chegada da próxima composição.

No trajeto até *King's Cross*, a estação de destino, resistiu o quanto pôde em vestir o casaco que carregava dentro da mochila, mas foi vencido bem antes da metade do caminho. O entardecer trazia com ele temperaturas bem diferentes daquelas que experimentou nas localidades de onde vinha.

Mais ou menos uma horinha de deslocamento, desceu do vagão. Perseguiu um grupo de jovens que, puxando suas malas de rodinhas, aparentava saber melhor do que ele para onde ir.

Eles também estão com suas bagagens. Quem sabe não dou sorte de estarem indo pro mesmo lugar que eu..., inferiu Arthur.

Enquanto continuava no encalço do tal grupinho, duplas de policiais acompanhavam toda a movimentação de passageiros ao longo do caminho.

Para infortúnio de Arthur, acabou ele não sendo conduzido até o local que queria. As moças e

os rapazes que seguia de pertinho levaram-no diretamente até uma parede de tijolos aparentes na qual pendia uma plaquetinha: “*Platform 9 ¾*”, em alusão à plataforma em que um dos bruxinhos mais famosos da literatura costumava embarcar no expresso para a “Escola de Magia e Bruxaria de *Hogwarts*”.

Arthur até deixou escapar um sorriso ao testemunhar algumas pessoas que se divertiam fazendo pose junto à metade de um carrinho de bagagem ali propositalmente colocado e que parecia atravessar a alvenaria em direção ao mundo mágico brilhantemente criado por J. K. Rowling. Embora muito doente e engajado numa jornada insensata e praticamente suicida, o riso que esboçou em seus lábios comprovava que algum senso de humor nele ainda resistia... Todavia, como não pretendia se encontrar com Harry Potter ou disputar uma partida de Quadribol, abandonou por ali mesmo aqueles que lhe serviram até então de guias.

Dando uma volta pelo saguão de *King's Cross*, que unia muito bem a edificação mais antiga da estação a uma cobertura futurista feita em vidro e treliças de metal, Arthur ia buscando com os

olhos por alguma pista de como alcançar o local de sua próxima partida. Com tão farta sinalização, não era possível que não acharia a referência que procurava.

“*Cash machines*”, “*Exchange*”, “*Underground Station*”... Não, não precisava sacar mais dinheiro nem fazer novas trocas de moedas, também não pretendia retornar ao metrô. “*Platforms 0 to 8→*”, “*Tickets→*”, “*Restaurant↗*”, “*Toilets↗*”, “*Platforms 9 to 11*”... Plataformas de embarque, tíquetes, restaurante, toaletes... Nada disso era o que ele buscava!

À esquerda dele agora, só os derradeiros metros da estação e uma porta automática também em vidro que separava o espaço interno do externo.

Daí, justo quando recorreria aos transeuntes que havia por perto, avistou mais um punhado de letras sobre a porta de saída. “*Way out↑*”, conforme esperado e... a informação que tanto queria: “*St. Pancras International↑*”! Economizou saliva...

Seguiu em frente. As ruas e a noite de Londres aguardavam-no lá do lado de fora.

Ruas e noite de Londres aguardando por ele do lado de fora? Que nada! Bom... poderiam até estar, mas, definitivamente, não haveria tempo

hábil para Arthur curtir o clima cosmopolita e os ares da cidade. Contrariando o carimbo que conseguiu na sua chegada àquele país, Arthur não estava ali sob o rótulo de turista. Conhecer a cidade ficaria para uma outra visita, ou melhor, para uma outra vida...

Seu objetivo imediato era o de conseguir ingressar na última viagem que o trem de alta velocidade faria no dia e o prazo que tinha para isso estava bastante apertado.

Logo que saiu pela citada porta automática, já viu uma grande estrutura muito bem iluminada, reluzente, separada dele praticamente por dois largos passeios e uma estreita faixa de asfalto. Os enormes letreiros acesos em azul não deixavam dúvidas de que aquele era o local para o qual deveria se deslocar. Não levaria mais que um par de minutos para vencer os pouco mais de cem metros que separavam as duas localidades, mesmo que caminhasse bem devagar...

Na travessia entre *King's Cross* e *St. Pancras International*, cruzou por dezenas de pessoas que andavam em todos os sentidos possíveis, algumas inclusive na mesma direção que ele. Ainda nesse minúsculo percurso, não pôde ignorar luzes

PERIGOSAS NACIONAIS

piscantes, também azuis, sobre o teto de duas viaturas policiais por ali estacionadas.

Poxa! Os caras levam a segurança bem a sério por aqui..., comentou Arthur consigo mesmo.

Adentrou a outra estação. Seguiu das placas informativas suas setas e dizeres. Percorrendo o que mais lembrava um shopping lotado de gente, não demorou muito até que encontrasse o setor de embarque internacional e de venda de bilhetes.

Mais agentes de polícia...

Arthur nunca havia estado por ali antes, mas seus instintos o advertiam de que algo estava errado. Toda aquela multidão, toda aquela quantidade exagerada de guardas...

Identificou no meio do povaréu vários funcionários da companhia responsável pela operação do serviço ferroviário internacional repetindo exaustivamente algumas palavras.

Aproximou-se para ouvir o que um deles anunciava: “...Desculpem o transtorno... Serviço temporariamente suspenso e sem nenhuma previsão de retomada.”.

É... parece que Arthur não veria seu destino final naquele sábado. Nadou, nadou e morreu na praia.

PERIGOSAS ACHERON

Putz! Era só o que me faltava!, lamentou-se Arthur internamente.

Depois de tantas horas seguidas de ônibus, aeroporto, avião e metrô, este foi um verdadeiro balde de água fria! Se soubesse que ficaria encurralado em *St. Pancras*, absolutamente impossibilitado de progredir dali em sua marcha, talvez tivesse esquecido essa vontade boba de deslizar a trezentos quilômetros por hora sobre trilhos e partido de *Heathrow* num voo até o seu próximo destino. Bem mais fácil e conveniente para quem já estava dentro do aeroporto e agora, com certeza, também muito mais garantido.

Bom... não adiantaria muito ficar por ali choramingando, mais sensato buscar uma justificativa para o que acontecia e assim dispor dos subsídios necessários para repensar seus próximos passos.

Conversou com o contratado da empresa de transporte, o mesmo de quem ouvira tão desanimadora informação, para tentar se inteirar. Descobriu que uma ameaça de bomba no lado francês do Eurotúnel, que vinha sendo apurada nos últimos quarenta e cinco minutos, era o motivo de tamanho estorvo. Daí, como consequência direta

disso, um trem que tinha partido para Bruxelas instantes antes de surgir a suspeita, retornou, e o que deveria ter saído há pouco para Paris, não vingou. E o comboio em que Arthur pretendia embarcar em alguns minutos, por prudência, a polícia cancelou.

Ameaça de bomba? Quanta ironia... Interessante ver como Arthur não se amedrontou com aquela impressionante notícia. Muito pelo contrário! Foi como se tivesse recebido algum tipo de sinal divino, uma espécie de recado a ele especialmente dirigido, um estímulo para prosseguir firme em seu caminho. Mas isso é assunto apenas para os próximos capítulos...

Agora que esclareceu o porquê daquela aglomeração toda de pessoas e de oficiais fardados, e sem ter mais o que fazer no meio daquela confusão, era hora de ele se reprogramar...

Arthur estava até preparado para passar mais duas horinhas e meia, conforme havia planejado, sentado na poltrona do Eurostar, mas não para encarar outra madrugada esbodegado em bancos desconfortáveis, vivendo uma expectativa de embarcar que poderia não se confirmar. Sem ter uma perspectiva de quando ocorreria a próxima

saída, talvez fosse uma boa ideia procurar um canto pra pernoitar. Um banho também viria bem a calhar...

Claro que Arthur também poderia fazer o caminho inverso pelo metrô, retornar ao aeroporto e buscar por passagens aéreas, mas a frustração não permitiu a ele nem ao menos considerar essa opção.

Momento então de testar a qualidade da internet grátis que era oferecida no lugar.

Afastou-se daquele amontoado de gente. *Smartphone.*

Configurações → *Wi-Fi* → Ativar

Primeira etapa efetivada. Para finalizar o procedimento, mais alguns toques no *display* do celular:

Redes disponíveis → *St Pancras Free* → Conectar

Conectando... Obtendo endereço IP...
Conectado!

Nem um segundo vinculado àquela rede e as notificações começaram a borbulhar na tela do

aparelho.

Putá merda! Esqueci de desabilitar as sincronizações dos aplicativos de mensagens!, sobressaltou-se Arthur.

Fazia parte do plano permanecer totalmente incomunicável!

Imediatamente, mexeu em algumas configurações do telefone a fim de desativar a sincronização de dados dos tais aplicativos de mensagens virtuais e, um a um, de tudo aquilo que não deveria mais funcionar...

Pronto! Já podia pesquisar a região pela internet sem se preocupar.

Abriu um aplicativo de mapas. Digitou a palavra de interesse e iniciou a busca. Instantaneamente destacaram-se as opções de hotelaria que Arthur teria ali por perto.

Ajustou as datas de *check-in* e de *check-out*. Várias possibilidades para se hospedar numa área de um quilômetro quadrado. Havia inclusive um quarto disponível bem ali, num hotel que aparentava estar na mesma edificação daquela estação.

Cinco estrelas, muito bem avaliado, mas com um preço meio proibitivo para Arthur...

Outra alternativa, sendo esta junto a *King's Cross*. Assim como a primeira, categoria máxima e avaliações bastante positivas, um pouco menos caro, porém com um valor ainda salgado. Claro que ambos os hotéis deviam valer cada centavo cobrado, porém Arthur tinha que manter em mente que seus recursos financeiros não eram ilimitados. A ele bastaria somente uma ducha quente e uma cama confortável...

Alterou alguns filtros de sua pesquisa para que a listagem de resultados se adequasse melhor à sua necessidade: preço máximo, classificação, estrelas... Aplicar. E, quase que num passe de mágica, revelava-se na palma da mão o novo levantamento do jeitinho que precisava. Arthur não era bruxo, nem tinha varinha de condão a exemplo do Harry Potter, mas sabia seus truques...

Impressionante o quanto esses programinhas de celular conseguem facilitar e muito a vida, bastando para isso um mínimo de boa vontade para utilizá-los...

Varreu o mapa novamente com os olhos e com as pontas dos dedos, espiou atentamente oito ou nove estabelecimentos. Mais acessíveis sim, entretanto estavam todos lotados... Será que não

encontraria uma vaga num desses hotéis mais em conta por causa do fechamento temporário do Eurotúnel?

Era até natural que tal evento provocasse o esgotamento dos aposentos menos dispendiosos da região... Mas não é que Arthur, por uma intervenção do imponderável, ou por mera obra do acaso, acabou achando um quarto com um ótimo preço quase que colado a uma das entradas de *St. Pancras International*? Era tão bom o valor que parecia até mentira... Nem sequer careceria de mais libras esterlinas. As que já tinha na mochila seriam mais que suficientes para bancar a estada, os bilhetes de viagem no próximo dia e, se disposto, até uma voltinha mais tarde pela cidade.

Confirmou, ainda no mesmo aplicativo, através dos anúncios de *sites* especializados em reservas, que realmente havia disponibilidade. Arthur até poderia realizar o processo de reserva por ali mesmo, pela tela do aparelho, porém, em vez disso, memorizou o caminho, guardou o celular no bolso e correu pra não perder a oportunidade!

E lá se foi Arthur mais uma vez todo apressado, sem tempo a perder nem de apreciar o ambiente que o cercava. Concentrou-se apenas em

PERIGOSAS NACIONAIS

seguir seu mapa mental e mais nada. Transpôs pedestres, carros, calçadas... Por fim, tudo certo: deu de cara com o que procurava.

Invadiu o *lobby* do hotel, cumprimentou a recepcionista. Conseguiu a acomodação com a respectiva tarifa, e ainda tinha café da manhã como cortesia. Maravilha! Pagamento antecipado, preencheu em seguida algumas fichas.

Quarto limpinho e arrumado. Meio acanhado, mas adequado ao preço que havia pagado.

Bagagem, *smartphone* e bunda sobre a cama. Descalçou os tênis, desvestiu as meias, o boné e a blusa de frio. Sua prioridade agora era partir pro chuveiro.

O engraçado é que não estava se sentindo cansado. Os longos períodos de sono durante o voo devem ter servido de alguma coisa. Só sua coluna que incomodava um pouco em virtude do excesso de tempo que permanecera sentado. Também, né... Não tinha como ele sair completamente ileso daquela maratona iniciada mais de trinta horas atrás.

Boxe do banheiro. Lavou-se. Sem pressa, deixou o jato de água quente massagear por alguns minutos a parte posterior do seu pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

Secou-se. Desodorante. Mesma calça, outra cueca.

Ainda era cedo, faltava um bocado para as nove da noite. A fome estava sob controle e parecia que não o importunaria a ponto de ter que sair pra comer alguma coisa. Ótimo, porque o banho tinha acarretado em Arthur uma preguiça enorme de se ausentar do seu lar provisório.

A indolência era tanta que, caso a barriga contestasse sua estimativa inicial e viesse a importunar, Arthur já tinha até se decidido por recorrer ao serviço de quarto. Zanzar por aí atrás de um jantar ou de um simples lanche estava definitivamente descartado.

Ligou a TV, deitou-se na cama. Travesseiros empilhados sob a cabeça, pernas esticadas, direita apoiada sobre a esquerda. Controle remoto numa das mãos, mudava incessantemente os canais da televisão. Parou quando encontrou comentários num noticiário a respeito da paralisação nos serviços de traslado pelo Eurotúnel.

A interrupção se mantinha, as investigações acerca da suposta bomba também. Autoridades francesas passavam um pente fino no seu lado dos trilhos, as britânicas faziam o mesmo para não

correrem nenhum tipo de risco. Especulava-se que o grupo terrorista IRON estaria envolvido.

Xiii... Pelo visto, essa história aí ainda vai render!, ponderou Arthur. Tomara que não se estenda pelo domingo...

O desapontamento e o aborrecimento de não ter sido capaz de continuar na estrada fê-lo bufar.

Ah... Mas quer saber? Encerrar a viagem hoje... ou amanhã... Sábado ou domingo... Tanto faz! Um único dia não vai fazer tanta diferença assim!, tentou ele se conformar.

É... Arthur poderia até estar coberto de razão. Mas para quem não sabia ao certo quanto tempo mais teria de vida, um único dia poderia fazer sim toda a diferença...

Findada a matéria acerca do fechamento do túnel que unia o Reino Unido à França por baixo do Estreito de Dover, no Canal da Mancha, pressionou o botão do controle remoto mais um punhado de vezes na esperança de encontrar algum programa apto a exorcizar permanentemente aquela leve decepção de sua mente. Mais jornalismo, filmes antigos, uma sequência de canais infantis, *reality shows*, programas de auditório, esportes radicais, golfe, liga de futebol, novela... Surpreendente como

PERIGOSAS NACIONAIS

a tevê pode ser tão parecida em qualquer canto da Terra! Música, vídeos, os dez mais violentos assassinos em série da história, ursos-polares caçando focas, vida selvagem nas mais diversas florestas, um documentário sobre a Segunda Grande Guerra... Nada parecia agradá-lo.

E à medida que trocava os canais, percebia uma inquietação chegando sorrateiramente. Não era mais aquela frustração de instantes atrás. Era inteiramente diferente!

Sentia-se pequeno, meio que indefeso. Angústia crescente no lado de dentro.

De repente, a explosão! Tão forte que abalou sua estrutura óssea, tão alta que ensurdeceu seus pensamentos!

Não, não se tratava de bomba, granada ou qualquer outro tipo de artefato. Também não era a queda catastrófica de um avião, vazamento de gás ou uma batida violenta de carro.

A tal explosão aconteceu de fato, porém apenas no íntimo de Arthur. Um nó na garganta que vinha carregando e que subitamente se rompeu, uma vontade abrupta de chorar, de gritar, de extravasar! Algo realmente complicado de explicar...

PERIGOSAS ACHERON

Estaria sendo vítima de algum sintoma inédito, de um distúrbio fisiológico em função do câncer ou de alguma condição psicológica acarretada pela tal doença? Seria o prenúncio de um novo surto inconformista, igual àquele que noutro dia o levara a quebrar descontroladamente tudo o que se encontrava à sua frente? O despontar do desespero por estar sucumbindo àquele maldito câncer?

Que nada... Era bem mais estarrecedor, muito pior que qualquer uma destas hipóteses supracitadas... Arthur, na verdade, sentia-se sozinho pela primeira vez desde que saíra de casa. Era uma manifestação preliminar de arrependimento, uma reação autorrepressiva e subconsciente por ter se permitido mergulhar de cabeça nessa idiotice em vez de gastar seus últimos meses junto a quem com ele se importava, o irromper estrondoso da saudade em sua alma...

Menos de quarenta e oito horas de separação e esse sentimento nostálgico e melancólico já se mostrava presente...

Mirou o celular largado na outra ponta do colchão, quase pegado à sua mochila. Lembrou-se imediatamente das notificações de mensagens que recebera naquele aparelho ao conectá-lo à internet

da estação. Impasse interno, indecisão!

Olhar ou não olhar? Render-se ao impulso de checar do que se tratava, submeter-se ao desejo de ler de sua família e noiva mais algumas palavras ou lutar para não fraquejar? Era quase certo que seus parentes e Amanda tinham tentado algum tipo de contato...

Sentou-se na cama e fixou as vistas no *smartphone* por um minuto. Em seguida tomou-o nas mãos. Entregar-se ou não à tentação?

Só uma espiadinha não faria diferença, ainda mais que o telefone estava completamente *off-line* naquele exato momento. Além de não ter se atrelado à rede sem fio disponível aos hóspedes do hotel, não desmanchou as configurações que impediam o aparelho de sincronizar os dados dos aplicativos de comunicação. Ninguém jamais saberia se Arthur desse uma bisbilhotada, nenhuma confirmação de leitura seria enviada.

Por outro lado, ceder seria o primeiro passo para que Arthur botasse tudo a perder, para que começasse a se desgarrar de sua nova convicção, o princípio do fim daquela empreitada.

Pensando bem, este seria o segundo... O primeiro passo para um possível fracasso de seu

plano já tinha sido dado há algum tempo, antes mesmo de deixar pra trás seu apartamento, Arthur só não tinha percebido isso. O primeiro foi ter buscado um retrato dentro de uma gaveta e trazê-lo consigo dobrado numa das divisórias de sua carteira, e, tanto quanto o segundo, seria capaz de arrefecer o seu furor de mudar o mundo...

Que situação... Resistir ou não?

Arthur até já imaginava que seria difícil manter-se impassível, inabalável e inalcançável ao assédio da saudade durante toda a sua jornada, todavia não contava que o sofrimento ocasionado pela solidão sobreviria assim tão rapidamente.

Os instantes seguintes seriam cruciais para definir as condutas e os rumos de Arthur nessa história que vem sendo contada ao longo destas mais de trezentas páginas!

Desbloqueou o telefone. Sua gente estava bem ali, a alguns toques de distância naquele pequenino *display* de cinco polegadas!

Abriu o *app* de conversas virtuais meio que no embalo, de modo quase automático. Conforme desconfiava, a tela inicial do programa lhe indicou que nove novas mensagens de Amanda estavam ali prontinhas para serem acessadas! Outras tantas de

PERIGOSAS NACIONAIS

Teresa, de Gabriel, de Sophia e de diversos outros chegados estavam igualmente listadas!

O ímpeto de ler tudo ia se tornando incontrolável! Que se dane a regra que impôs a si mesmo de se manter afastado, de evitar qualquer tipo de contato com as pessoas com as quais ele se relacionava!

Ele já podia se ver consumindo com os olhos compulsivamente cada uma das letras daquelas conversas mais recentes e respondendo aos seus respectivos remetentes!

“Pessoal, tô voltando agora mesmo, não se preocupem!” ou “Amanda, venha se encontrar comigo aqui em Londres!” eram duas das incontáveis frases que transitaram pelos seus pensamentos e que poderia digitar agora mesmo para renunciar de uma vez por todas àquela tão descabida e improfícua autoisolação.

Desistir era sim uma opção! Não estava sendo obrigado por ninguém além dele próprio a prosseguir com aquela missão!

Entretanto, não seria dessa vez que Arthur se desviaria de sua sina. Quem sabe noutra oportunidade, mas não naquele dia.

Respirou fundo e retomou o controle de suas

PERIGOSAS ACHERON

ações. Mais razão, menos emoção.

Essa última frase soa até esdrúxula ao se referir a alguém que parecia agir de forma tão incoerente e insensata...

Largou o *smartphone* de lado.

A ideia de sair pra comer alguma coisa já não lhe parecia tão inadequada...

Pegou algum dinheiro. Pôs nos pés meias e tênis, vestiu blusa, boné e casaco.

Fome arrebatadora? Que nada! Estava com cara de mero pretexto para se ausentar do quarto, para se esquivar do celular e esperar aquela hesitação toda passar.

Corredor, escadas, recepção. Sem pressa de retornar, agora sim, as ruas e a noite de Londres aguardavam-no lá do lado de fora...

■ ■ ■ ■ ■

A milhares de quilômetros de distância, desespero dos familiares depois de mais um dia sem notícias de Arthur. Pai, mãe e irmãos do desaparecido sem saberem mais como agir ou o que pensar.

Amanda estava inconsolável. Algo lhe dizia

que não veria mais o seu tão amado Arthur.

A genitora da moça já se preparava para dormir lá pelo *loft* para zelar de perto por sua filha. Não parecia apropriado àquela mãe que sua menina passasse mais uma noite sozinha.

Amanda precisava se acalmar, descansar, então a solução óbvia foi recorrer a um dos remédios adormecedores de Arthur, mas, quando foram procurá-los, não estavam no lugar que era esperado. Nem eles, nem os analgésicos, nem os antieméticos que vinham sendo consumidos eventualmente pelo noivo.

Ué... Amanda jurava tê-los visto outro dia na caixa em que guardavam todos os medicamentos de casa.

Que estranho..., avaliou ela.

Seria possível que já tivessem acabado?

Tem cachorro nesse mato...

■ ■ ■ ■ ■

Domingo.

Depois do café da manhã bem cedo no restaurante do hotel, já juntou suas coisas e fez o *check-out*. Arthur queria chegar o quanto antes ao

local de onde partia o Eurostar.

Apesar de já ter percorrido a rua *Euston* na noite anterior, só agora, sob a luz do sol, Arthur pôde reparar na arquitetura e nos detalhes externos da estação *St. Pancras* enquanto caminhava em direção a uma de suas entradas.

Belíssima construção vitoriana. Vermelha, imponente, com suas torres pontiagudas e dezenas de janelas enfileiradas.

Invadiu o recinto. Diferentemente da noite anterior, saguão meio vazio.

Será que o Eurotúnel ainda tá interrompido?, pensou ele ao reparar o fraco movimento de pessoas pelo lugar.

Teria sua resposta alguns metros adiante.

Após a breve caminhada por entre as lojas que tomavam o local, a boa nova: serviço internacional restabelecido! Tudo não se passou de uma falsa ameaça, de uma suspeita de bomba não confirmada, uma vez que nenhum explosivo ou similar havia sido localizado e nenhum suspeito tinha sido preso pela polícia. De toda forma, o governo dos dois países permaneciam em alerta: melhor prevenir do que remediar.

Sacou os óculos do rosto e pendurou-os na

gola da camisa, através do vão deixado pelo zíper totalmente aberto de sua blusa de frio. Comprou sem dificuldades uma passagem para o primeiro trem disponível.

Aproveitou o ambiente carente de gente, e também a folga de tempo que teria até o horário de sua partida, para cambiar todo o tutu que havia na mochila. Melhor assim... menos uma coisa pra se preocupar na cidade de destino.

– Euros, por favor. De preferência, notas de menor valor. – disse Arthur ao funcionário da empresa de conversão de numerários.

Não gastou nem dez minutos com toda a transação.

Dirigiu-se ao embarque sob o olhar da dupla de policiais incumbida da segurança do local. Quase nenhuma fila até a catraca que validaria seu bilhete recém-comprado, mesma situação no raio X e também no achegamento aos guichês da imigração.

Sim... imigração! Ao contrário do que acontece normalmente, a avaliação para a entrada no país vizinho para quem se utilizava do Eurostar não se dava no desembarque.

Ao oficial responsável pelo controle de

PERIGOSAS ACHERON

passaportes, teve que dar algumas explicações.

– Poderia tirar o boné, por favor? – solicitou o agente comparando a foto do documento que lhe fora entregue à pessoa de pé à sua frente.

Arthur obedeceu imediatamente ao pedido.

A ausência de cabelo não impediu que o reconhecimento fosse bem-sucedido.

– Qual o motivo da viagem, senhor?

– Turismo.

– Por quanto tempo pretende ficar por lá?

– No máximo três meses. – retrucou Arthur ciente de que era este o maior prazo permitido para aquele tipo específico de visto.

– E dispõe de recursos financeiros suficientes para se manter durante todo esse período, senhor?

– Sim. – respondeu Arthur.

Sem demora, exibiu ao seu inquiridor o seu cartão de crédito internacional e, ato contínuo, puxou dois dos maços de dinheiro de dentro da mochila. Arthur até pensou em revelar àquele homem a quantidade total de euros que trazia consigo, porém, como não foi indagado a respeito disso, achou melhor ficar calado. Já quanto ao cartão de crédito, mostrá-lo ali não passava de mera estratégia para corroborar sua capacidade de se

sustentar financeiramente. Arthur não tinha nenhuma intenção de utilizá-lo, pois fazê-lo seria o mesmo que deixar um rastro gigantesco para que alguém o localizasse. Claro que tal cartão poderia ser de grande valia em caso de última necessidade, porém, do contrário, seria mero enfeite dentro da carteira dele durante toda aquela jornada.

A essa altura, depois de tantas perguntas, a avaliação atual já se tornava bem menos branda do que aquela que enfrentou na véspera, no momento de sua chegada à Inglaterra...

Será que esse interrogatório vai se prolongar ainda mais? Não tenho mais coisa nenhuma pra apresentar pra esse cara!, matutou Arthur já um pouco preocupado.

E o receio de Arthur se confirmou...

Não satisfeito, o inspetor de fronteira continuou com a entrevista e formalizou ao investigado uma última pergunta. E à medida que escutava as palavras escapando da boca de seu interlocutor, crescia exponencialmente em Arthur a expectativa quanto ao que ainda poderia lhe ser cobrado:

– Então para terminarmos...

Palpitação no coração do interrogado.

PERIGOSAS NACIONAIS

– ...só mais uma questão...

Olhos estáticos sobre o oficial da imigração.

– ...o senhor dispõe de...

Ponteiros dos relógios parados de tanta tensão!

– ...uma apólice de seguro que cubra suas despesas de saúde no caso de algum imprevisto?

Arthur voltou a respirar! Alívio instantâneo! Não é que o seu amigo modorrento lá do primeiro aeroporto tinha razão?

Sua prudência foi recompensada! A insatisfação que sentia até então por não ter economizado alguns trocados já era coisa do passado e se achava completamente superada!

– Mas é claro que tenho!

Pegou a folha dobrada em meio aos seus pertences e mostrou ao homem sentado na cabine de atendimento, fingindo a maior naturalidade do mundo, como se não estivesse a ponto de romper uma veia calibrosa ou uma artéria em decorrência de toda aquela apreensão.

Após conferir os dados impressos no papel, o agente balançou positivamente a cabeça. Passaporte carimbado.

O homem uniformizado estendeu seu braço em direção ao viajante com a intenção de devolver

PERIGOSAS ACHERON

tudo que lhe fora confiado.

Mais tranquilo com o fim da arguição, Arthur levou a mão sobre o pequeno balcão, porém franziu as sobrancelhas ao perceber que a autoridade diante dele ainda fazia força para segurar os seus documentos.

– Ah! Mais uma coisa... – disse a autoridade por trás do guichê de controle.

Xiii... agora ferrou!, presumiu Arthur. Vai inventar alguma coisa que eu não tenho aqui comigo só pra me impedir de passar!

– Pois não?

– Faça uma boa viagem! – respondeu o encarregado de modo bastante simpático.

■ ■ ■ ■ ■

Quase trinta e cinco minutos de espera na sala semidesértica.

Esse povo deve preferir viajar só mais tarde no domingo..., concluiu Arthur.

Chamada para o embarque.

Subiu Arthur então pela esteira rolante e, na plataforma superior, com o tíquete de viagem na mão, buscou pelo seu vagão. Foi repetindo

mentalmente o número impresso em sua passagem até localizar aquilo que procurava:

Dezesseis... Dezesseis... É esse aqui!

No interior do transporte sobre trilhos, acomodou-se no assento marcado em seu bilhete: janela, número vinte e cinco. Colocou a mochila espremida entre ele e a lateral parcialmente envidraçada à sua direita que delimitava a cabine de passageiros. Agora era esperar os últimos minutos até que o trem fechasse suas portas e desse início à sua marcha.

Pontualidade britânica! Na hora marcada, a composição venceu a inércia e começou a se movimentar. Lentamente a plataforma de embarque ia ficando para trás.

Ajeitou ligeiramente o corpo visando uma posição mais confortável. Nesse instante, reparou que ninguém havia se sentado na poltrona logo ao lado. Ato contínuo, deu ele uma olhada ao redor e notou que, além daquele imediatamente à sua esquerda, o vagão tinha vários outros lugares desocupados.

Arthur começava a desconfiar que aquele esvaziamento não se tratava de mera preguiça coletiva:

Espera aí... Trem não muito cheio... e teve também o processo mais exigente na imigração... Seria tudo isso reflexo do que aconteceu na noite passada? Será que a ameaça de bomba, mesmo sendo descartada, teve todo esse poder de afugentar os viajantes? Será que o pessoal tá com medo de embarcar no Eurostar?

Sim, era plenamente possível que tais suposições fossem verdadeiras. Partindo desse princípio, viajavam naquele trem apenas os mais destemidos, e também um punhado de desavisados. Havia ali ainda, evidentemente, pelo menos um doente terminal obstinado, que era o caso de Arthur... Todos os demais, pávidos e intimidados, cancelaram o itinerário ou se reprogramaram desconfiados de que a tal ameaça de bomba ainda pudesse vir a se concretizar.

Relembrou-se Arthur do impacto que o terrorismo tem sobre a sociedade, da força paralisante que exerce na população como um todo.

A grande maioria dos seres humanos reage da mesmíssima forma quando se vê numa situação de perigo: sentem-se acuados, tendem a se refugiar, o instinto de autopreservação fica a florado. Foi assim com ele quando do atentado que atingiu o museu na

capital do seu Estado natal, é assim todos os dias nas áreas ocupadas, constantemente atacadas ou devastadas por grupos extremistas, e não tinha porque ser diferente ali naquela porção particular do planeta. Tratava-se da Europa, região sempre tão visada pelas organizações radicais fundamentalistas, seja para retaliar a participação de alguns de seus países em alianças militares de combate ao terrorismo, seja para afrontar os ideais de liberdade que representa, lar de um povo já calejado, marcado por explosões suicidas, por disparos de fuzis a esmo e por atropelamentos coletivos, povo este que já se achava cansado de esperar pelo próximo ato hediondo do inimigo.

Porém, como não dispunha de argumentos suficientes para comprovar sua teoria acerca do excesso de assentos vazios, preferiu Arthur não pensar mais a respeito disso.

Apoiou então a testa na janela e observou o cenário externo se modificando vagarosamente através do vidro.

Bem pertinho de Arthur, postes e cabos de transmissão de energia elétrica; diversas linhas férreas se cruzando e bastante brita espalhada cobrindo todo o espaço entre elas. Mais ao longe,

PERIGOSAS NACIONAIS

vários prédios, alguns ainda em construção e rodeados por enormes guindastes, outros já inteiramente acabados.

Trilhos se separando, cada um tomando seu próprio rumo. O cinza predominante das pontes e muros de contenção ao redor era agredido ocasionalmente pelo verde da vegetação rasteira que crescia em pequenas faixas e em pontos isolados nesse princípio de caminho.

Velocidade ainda reduzida. Pilastras de concreto, pequenos túneis, viadutos. As edificações iam se intervalando cada vez mais umas das outras, aos poucos a paisagem urbana ia sendo superada e o horizonte tomando outros contornos.

Locomotiva acelerando... Mais árvores, menos construções. Mais retas, menos curvas. Dentre o verde já predominante, torres de alta tensão e um ou outro galpão.

E com cerca de quarenta minutos de viagem, o exterior iluminado pelo sol deu lugar à escuridão do Eurotúnel.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 32 – PRIMEIROS CONTATOS

Paris, França.

Com o trem estacionado em *Gare du Nord*, era hora de desembarcar.

A capital francesa era a cidade em que Arthur ficaria até concluir a etapa atual do seu plano, onde se manteria até conseguir alguns novos “amigos”.

Fase crucial, delicada e, principalmente, imprevisível, já que o sucesso desta não dependia somente de Arthur, mas também de terceiros que ele não conhecia e nem sequer sabia onde encontrar. Isso sem contar que a doença precisaria colaborar para que houvesse tempo suficiente para executar a inteireza do seu projeto mirabolante e disposição para superar, um a um, todos os passos necessários.

Incerteza em alta... Centenas de possibilidades! Tudo poderia dar muito certo, claro. Por outro lado, a coisa poderia degradingolar de vez e

PERIGOSAS ACHERON

ir direto pro buraco...

Quanto à experiência de transitar entre Londres e a Cidade Luz num comboio de alta velocidade, foi apenas regular para Arthur... Diferente, mas nada de especial para ele na verdade. Não que não fosse fantástico ir de uma ponta à outra do trajeto numa média de duzentos quilômetros por hora, chegando a atingir os trezentos em alguns trechos, e ainda de quebra atravessar uma autêntica maravilha da engenharia, um túnel submerso que interliga continente e ilha... É que não fez o menor sentido para ele vivenciar tudo isso sozinho. E, além disso, não tinha agora mais ninguém com quem pudesse comentar o ocorrido. Daí o Eurotúnel virou só uma longa galeria escura de concreto e o trem ultrarrápido apenas um transporte qualquer sobre trilhos...

Bom... Retomando a chegada de Arthur à capital francesa, antes que ele saísse pela porta principal da agitada estação ferroviária e ganhasse as ruas do 10º *arrondissement* de Paris, vasculhou a área com a ajuda do seu *smartphone* na esperança de arranjar alguma rede *Wi-Fi* dando sopa no lugar. Tinha que, impreterivelmente, acessar um *site* pelo navegador de internet do seu celular.

Precisava só de uma conexão gratuita, conseguiu três. Tocou com a ponta do polegar no primeiro dos nomes listados que não exibia o símbolo de cadeado logo ao lado, a quase garantia de que nenhuma senha lhe seria solicitada... e de fato não foi.

On-line, digitou uma determinada sequência de caracteres na barra de endereços do navegador. Na página que surgiu, fez *log in* com seus dados pré-cadastrados de usuário.

Com outros três cliques na tela do aparelho celular, alcançou a ferramenta que lhe interessava:

Reservas → Anfitrião → Escrever mensagem

“Bom dia! Acabei de chegar a Paris. Como podemos fazer para eu pegar as chaves com você?”

■ ■ ■ ■ ■

Muito mais rápido e menos complicado do que ele esperava. A proprietária do microapartamento que Arthur ocuparia enquanto durasse sua estada em Paris não custou pra responder a mensagem que lhe fora enviada. A francesa de nome Marie morava

no mesmo prédio em que ele se hospedaria, porém numa outra unidade, e, para a sorte de Arthur, ela se achava em casa naquela manhã de domingo. Bastou ao locatário caminhar até lá e encontrá-la.

Sim, caminhar, uma vez que o endereço de Arthur para os próximos dias ficava bastante perto de onde ele desembarcou do Eurostar. Além do mais, como sua permanência na capital francesa poderia se prolongar, era uma ótima ideia a de ele ir se familiarizando com a vizinhança, de observar um pouco o lugar e, assim, aprender desde já a andar por ali e também a se virar.

Seguindo as orientações do mapa *off-line* de boa parte da cidade que havia baixado anteriormente no celular, não levou nem vinte minutos para chegar ao local no qual se situava o seu novo lar.

De pé diante da porta de entrada, pressionou no interfone instalado logo ali ao lado as teclas que perfaziam o número da residência de Marie: primeiro o um, depois o quatro.

O barulho intermitente emitido pelo comunicador indicava que a ligação estava sendo realizada.

Enquanto aguardava ser atendido, deu uma

olhada ao redor.

Rua aparentemente tranquila e pouco movimentada, tomada por aqueles edifícios tipicamente parisienses de quatro ou cinco andares, com suas cores neutras e fachadas preenchidas por janelas longilíneas e grades bem trabalhadas, que formam, e por vezes apenas simulam, pequeninas e charmosas varandas junto às bases das fenestras às quais são ligadas.

– *Allô? Qui est-ce?* – disse em francês a voz feminina pelos alto-falantes do aparelho pregado junto à parede, interrompendo a análise que Arthur conduzia acerca do ambiente ao seu entorno.

– Marie? Aqui é Arthur, seu novo inquilino. – respondeu ele em inglês, torcendo para que sua interlocutora tivesse este como seu segundo idioma.

Era uma boa aposta de Arthur, visto que, diferentemente da esmagadora maioria dos demais, o anúncio do apartamento de Marie no *site* de aluguel de imóveis e quartos por temporada estava todo na língua inglesa. E ainda tinha o fato de que toda a comunicação trocada até então entre eles, através do *chat* da referida página de internet, havia sido nesse mesmo idioma. Bom... tais evidências podiam não significar nada em virtude da vasta

quantidade de tradutores *on-line* existente àquela data, mas não faria mal algum arriscar.

– Arthur! Claro! Estarei aí num instante! – respondeu ela já em inglês carregando nas palavras um brando e melodioso sotaque.

É... Pelo visto não terei problemas pra me comunicar com ela..., inferiu Arthur na sequência.

O que ele não sabia é que Marie, além do francês e do inglês, falava ainda o espanhol e arranhava uma coisinha ou outra em português. Muito conveniente para quem recebera de herança alguns anos antes, no momento da morte da avó materna, seis pequeninos estúdios e vivia de arrendá-los, já que grande parcela de seus clientes era composta por estrangeiros em visita à cidade.

Dois minutos depois, a porta de entrada do prédio se abriu e por trás dela se revelou Marie.

Moça com seus vinte e cinco ou vinte e seis anos de idade, cabelos castanho-escuros com nuances cor de mel e partidos de lado. Pontas repicadas convergindo para o pescoço na altura dos ombros, franja alongada encobrindo parcialmente a porção direita de seu rosto. Olhos quase pretos, lábios polposos, nariz bem-proporcionado e linhas da face moderadamente triangulares.

PERIGOSAS NACIONAIS

De meias de dedos e chinelos nos pés, calça preta mais justa chegando até os tornozelos, blusa de tricô de mangas compridas, aparentemente quente e mesclando gradações de cinza mais fechadas, e ainda enrolada num cobertor de lã pesado, muito pouco se via de sua bela pele num tom levemente amorenado.

Poxa... Se viesse por aí esse frio todo que ela esperava, Arthur estaria realmente ferrado... Além daquele que já vestia, não trouxera ele nenhum outro casaco.

– Olá! – saudou ela de modo muito simpático.

– Marie? – questionou Arthur com a intenção de confirmar a identidade da jovem mulher à sua frente, tomando ainda o cuidado de tentar pronunciar o nome dela de modo adequado.

Marie respondeu balançando a cabeça positivamente.

– Oi! Estou aqui pelo apartamento! – complementou ele em seguida como se ela já não soubesse disso.

– *Oui*, Arthur! Bem-vindo! Entre por favor! – convidou Marie abrindo um pouco mais a porta e concedendo-lhe passagem.

Com Arthur do lado de dentro, porta fechada.

PERIGOSAS ACHERON

Sem soltar a ponta do cobertor, a francesa passou a mão direita acima da sobrancelha e, graciosamente, trouxe a franja que pendia sobre seu rosto para trás da orelha.

– Desculpe-me por estar assim toda embrulhada... é que sou meio sensível ao frio! – justificou-se Marie sorrindo, apesar de Arthur não a ter olhado com estranheza, mesmo não tendo ela se sentido censurada por ele de nenhuma maneira até então por conta disso.

– Que isso! “Sinta-se em casa”. – respondeu Arthur com sua famosa presença de espírito, brincando de inverter os papéis entre eles, uma vez que tal frase caberia a ela se dita em algum momento daquela conversa. Afinal de contas, quem morava ali era Marie!

– Então... podemos ver o apartamento? – propôs Arthur para encerrar qualquer tipo de constrangimento que pudesse haver por parte dela.

– Claro! Fica no segundo andar.

Como não havia elevadores nas dependências do prédio, Marie conduziu-o até as escadas.

– Fez boa viagem? – perguntou a proprietária ao locatário subindo o primeiro lance.

– Fiz sim... Acabou que não consegui chegar

ontem ao final do dia como eu esperava por causa do fechamento do Eurotúnel. Daí não teve jeito: tive que pernoitar em Londres...

– Pois é! Ouvi falar da suspeita de bomba no jornal... Aliás, que coragem a sua de pegar o trem logo depois de tudo isso! – enalteceu Marie a intrepidez de seu novo inquilino. – Sabe... estudei uns tempos na Inglaterra e já atravessei o canal de trem várias vezes, mas Graças a Deus nunca passei por algo desse tipo!

– É... coragem... deve ser... – murmurou Arthur sem querer entrar em dramas pessoais ou noutros detalhes.

Ao final da segunda série de degraus, avançaram até a porta de número vinte e três.

A quitinete era exatamente como Arthur tinha visto nas fotos do site de locação: pequeno, porém bem distribuído. Tudo conjugado, nenhuma surpresa quanto a isso. De um lado, cozinha, do outro, o espaço do que seria o quarto. Neste, sofá com uma estante alta logo atrás, guarda-roupa contíguo, mesinha retangular junto à parede servindo de quebra galho para alguma refeição e também de escrivaninha, duas cadeiras, televisão... Naquele, geladeira, bancada, micro-ondas, pia,

cook-top pegado à única janela, armários... Apenas o banheiro se separava do restante do recinto por uma divisória de alvenaria.

Marie desembrulhou-se do cobertor e enrolou-o de qualquer jeito sob um dos braços a fim de ficar mais à vontade para mostrar ao locatário os macetes do lugar. Onde achar panelas, copos, pratos e talheres, em quais armários buscar toalhas e roupas de cama limpas, e também o que era mais importante dentro do apartamento na opinião dela: como operar o sistema de calefação.

Mas para Arthur, que não era friorento nem nada, o destaque mesmo ficou por conta da cama... Aquele conjunto que parecia um simples sofá escorado num inocente móvel de madeira era, na verdade, o local no qual se escondia uma cama de casal retrátil! Bastava enfiar a mão num vão na seção superior da estante e puxar aquela extremidade para baixo. Daí, o que era uma prateleira se apoiava no chão e virava um suporte para o leito, e, tão fácil quanto poderia ser, o sofá sumia e uma cama surgia.

Terminadas todas as demonstrações, o hóspede apoiou a mochila sobre a tal mesinha que equipava o lugar. Abriu-a e dali sacou parte do

dinheiro que trazia consigo.

Contou algumas notas e entregou-as para Marie.

– Tá aí duas semanas adiantadas, mais o dia de ontem em que o apartamento ficou reservado para mim... Não sei quanto tempo vou ficar na cidade, então, se estiver de acordo, podemos ir renovando semanalmente... O que acha?

A moça conferiu a quantia que lhe fora entregue e desse total separou uma fração de um quinze avos.

– Pra mim está ótimo. Podemos fazer assim. – concordou ela guardando a parcela maior do numerário no bolso da calça com uma das mãos e estendendo a outra com a menor soma em direção a Arthur. – Toma aí! Não se preocupe com a diária de ontem... Considere isso como um desconto pelo pagamento antecipado.

Arthur chegou a recusar o abatimento numa primeira oportunidade, mas, devido à insistência da proprietária, ficou sem graça de seguir rejeitando o dinheiro.

– Como preferir... – disse ele pegando as cédulas que lhe eram devolvidas para, logo depois, colocá-las sobre a já citada mesinha.

Marie acrescentava algumas informações à medida que ia se lembrando delas:

– Ah! Temos também uma lavanderia coletiva lá nos fundos do térreo. Basta reservar um horário na tabela fixada por lá ou aproveitar alguma máquina de lavar que esteja vaga, mas é mais garantido agendar... – recomendou a dona do imóvel. – E antes que eu me esqueça, a senha do *Wi-Fi* está colada naquele aparelhinho preto ali no canto. – completou ela apontando para o aparato que se achava ao lado de um multicolorido bloco de recados, na mesma mesinha que sustentava a mochila de Arthur, aparato este que fazia as vezes de roteador de internet e também de decodificador dos canais da TV a cabo.

Arthur recebeu a chave da quitinete e a instrução de que no chaveiro preso a esta encontrava-se o código a ser digitado no teclado numérico do interfone lá de fora para ganhar acesso ao edifício. No diminuto objeto também estava escrito o endereço completo do prédio e o número do apartamento para o caso de um esquecimento.

Escoltada pelos olhos do forasteiro, Marie se deslocou até a porta.

Antes de se retirar, virou-se ela para Arthur e

proferiu com seu glamoroso sotaque francês um último recado:

– A propósito, combinei de mostrar a um casal de brasileiros, que também chegou nesse fim de semana, algumas facilidades do bairro, como restaurantes bons para almoçar, lanchonetes, padaria, farmácia, supermercado... Devemos sair lá pra uma da tarde... Se não tiver compromissos e quiser vir com a gente, está convidado.

Nossa... Apartamento limpo e impecável, desconto de um dia pelo pagamento antecipado e ainda por cima um *tour* guiado pelo bairro? Agora Arthur sabia o porquê de aquela anfitriã ostentar tantas avaliações positivas no *website* de negócios imobiliários.

– Ok, obrigado! Mas podem partir sem mim se eu não estiver lá embaixo nesse horário...

Marie sorriu educadamente e deixou o recinto.

Tão logo viu a porta se fechar, Arthur pegou seu celular. Sentou-se à mesa, conectou-se à rede de internet sem fios e começou a trabalhar.

■ ■ ■ ■ ■

Cinco minutos para a uma da tarde. Arthur já

PERIGOSAS NACIONAIS

estava a postos na calçada em frente ao edifício. Trouxe consigo alguns euros para comprar mantimentos básicos no tal supermercado que lhe seria apresentado. Também no bolso, uma cartela de comprimidos para a dor de cabeça que começava a incomodar... Caso piorasse da referida cefaleia, teria com o que contra-atacar.

Aguardando a turma aparecer, olhou para um lado da rua e depois para o outro. Nenhuma alma viva por ali. Difícil saber se aquela via era realmente mais pacata ou se a situação de abandono era mero reflexo do domingo. Talvez as duas coisas...

Continuou ali sozinho, vendo o tempo passar, acompanhado apenas de um ventinho frio que sobre ele começou a soprar.

Oito, talvez dez minutos já tivessem se passado... Difícil precisar, pois Arthur havia deixado em sua nova residência, ligado à tomada de energia, o telefone celular.

Pra fazer mais uma horinha, resolveu testar o código secreto de acesso ao prédio. Pegou o chaveiro no bolso e espiou o conjunto de caracteres ali assinalado:

PERIGOSAS ACHERON

00 123 123

Poxa... Será que não conseguiram pensar numa combinação mais complicada?, criticou Arthur ao repetir no teclado do interfone aquela sequência fajuta.

O ruído emitido pela fechadura elétrica atestava que a senha funcionava.

Empurrou levemente o portão e puxou-o em seguida para voltar a fechá-lo.

Mais uns dois ou três minutos desperdiçados por ali e nada daquele povo aparecer... Certamente já estavam atrasados... ou seria o contrário? Teria Arthur vacilado de alguma maneira com o fuso-horário? Será que o tinham deixado para trás?

E quando começava a se cansar de tanto esperar, escutou sons de vozes e de passos vazando pela barreira metálica pintada de branco que separava a rua do *hall* de entrada do prédio. Tênuas num primeiro momento, encorpavam-se com o decorrer do tempo. Mais uns poucos segundos e o portão se abriu novamente.

De dentro do edifício, saíram as três pessoas pelas quais Arthur aguardava. Primeiro Marie, vindo o tal casal de brasileiros logo atrás, todos

devidamente agasalhados.

Para alívio de Arthur, dessa vez, a francesa tinha trocado o cobertor por uma jaqueta de nylon em matelassê e o par de chinelos por sapatos fechados. Abrigando elegantemente o pescoço de Marie, e ratificando a sensibilidade da moça às temperaturas mais baixas, havia ainda um cachecol de lã no qual cores escuras se interpolavam longitudinalmente a tons mais claros. Verdade seja dita: comparado ao traje de mais cedo, o atual mostrava-se infinitamente mais apropriado ao giro pelo bairro.

– Olá, Arthur! Que bom que resolveu se juntar a nós! – alegrou-se Marie ao visualizar seu mais recente hóspede parado na calçada.

– Pois é... Não arrumei nada melhor pra fazer no domingo, daí resolvi aceitar o convite... – disse Arthur com um sorriso no rosto em resposta ao entusiasmado comentário de sua anfitriã.

Como era de se esperar, e conforme os bons costumes, Marie, valendo-se da língua inglesa, idioma compreendido por todos ali, promoveu as apresentações entre seus inquilinos:

– Ana e Bernardo, este é Arthur. Ele também vai ficar alguns dias aqui no prédio... Arthur, estes

são Ana e Bernardo, dois dos seus novos vizinhos.

Arthur sacou momentaneamente os óculos escuros de sua face a fim de cumprimentá-los. Após os breves apertos de mão, partiram a pé os quatro, a guia local e seus locatários, pelos caminhos do bairro.

■ ■ ■ ■ ■

Em pouco mais de trinta minutos, todas as principais conveniências dos arredores foram apontadas aos estrangeiros por Marie. Além dos estabelecimentos previamente prometidos, a nativa do grupo também fez questão de indicar aos demais algumas opções de lazer que cruzavam o itinerário, como parques, praças, bares, *et cetera* e tal.

Já no trajeto de volta, numa avenida mais movimentada e muito próxima à quitinete recém-alugada por Arthur, veio a proposta de Marie:

– Olha, esse restaurante aqui abre de segunda a segunda. É bem em conta e serve uma comida ótima. Se animarem, podemos almoçar por aqui... Mas se já tiverem compromissos ou se preferirem, posso levá-los até em casa e de lá cada um segue seu próprio destino! – disse ela com a

agradabilidade que lhe parecia inerente.

Todos concordaram prontamente com a sugestão, inclusive Arthur. Teria ele que comer algo mais cedo ou mais tarde de qualquer jeito... Dali então, depois da refeição, poderia ir direto ao supermercado que minutos antes lhe fora mostrado.

Apossaram-se portanto os quatro de duas mesinhas redondas colocadas ali mesmo pela calçada e, em seguida, pediram seus pratos.

Embora houvesse se instalado um clima amigável e descontraído naquele par de mesas que ocupavam, Arthur não se permitiu contagiar por aquela atmosfera agradável. Manteve-se um pouco mais reservado durante todo o período em que estiveram ali sentados.

Também pudera, né... Enquanto os cônjuges latino-americanos espontaneamente contavam suas histórias de vida e explanavam os motivos profissionais que os conduziram àquela cidade, Arthur remoia mentalmente, não com muita alegria, os fatos que o levaram até Paris.

Difícil não se calar tendo em mente a sua experiência com o câncer e a degradação recente de sua saúde... O máximo que ele pôde fazer foi tentar demonstrar um pouco de cortesia àquelas pessoas

que não tinham nada a ver com o seu dilema, conservando feições simpáticas no rosto ao ouvir os comentários entusiasmados dos brasileiros e retribuindo um ou outro sorriso que recebeu de Marie ao longo da refeição.

No desfecho do almoço, que em seus momentos finais acabou se transformando numa espécie de aula de português orientada a Marie, cada um pro seu lado.

Ao passo que a francesa optou por retornar ao conforto do lar, marido e mulher se dirigiram para um passeio por *Champ de Mars* e pela Torre *Eiffel*. Quanto a Arthur, seu foco agora se voltava exclusivamente ao supermercado.

■ ■ ■ ■ ■

Regressando à sua morada provisória, Arthur colocou os óculos escuros e as sacolas de compras sobre a bancada da cozinha. Dentro destas apenas o indispensável para não morrer de fome naquela semana: pão de forma, leite, manteiga, ovos, pacotes do biscoito mais barato e alguns pratos prontos congelados.

Por motivos óbvios, Arthur não se preocupava

mais se aquilo tudo era ou não muito saudável... O importante era apenas impedir que a barriga viesse a roncar pelos próximos dias.

Não sabia ao certo quanto tempo precisaria ficar em Paris, mas algo lhe dizia que sua estada iria se prolongar... O jogo agora era de paciência, de poucas ações por parte dele e, principalmente, de muita espera.

Guardou de qualquer jeito o que era de geladeira e o restante largou onde estava. Tinha pressa... ou melhor, estava ansioso por retomar suas atividades do ponto em que havia parado...

Sacou o boné da cabeça e trocou-o pelo *smartphone* que jazia sobre a mesinha acoplado ao carregador. Bateria cem por cento carregada, desconectou o aparelho da tomada.

Sentou-se na cama, tirou os tênis e as meias usando apenas a mão que estava desocupada. Pés despídos, celular entre os dedos, inclinou o tronco para frente e apoiou os cotovelos sobre seus joelhos.

Desbloqueou o telefone e acessou o endereço de uma famosa rede social através do navegador de internet do aparelho. Inseriu as informações da conta criada ao final daquela manhã de domingo:

Usuário: Mestre_01KravMaga

Senha: ****

Que nomezinho ridículo que arrumei, hein..., martirizou-se por meio dos pensamentos.

É... O nome de usuário que Arthur conseguiu para si naquele ambiente virtual era realmente esquisito, entretanto foi o melhor que pôde arranjar dentre as opções ainda disponíveis...

Logo que sua página inicial terminou de carregar, algo realmente inesperado surgiu: ele agora tinha cinquenta e dois seguidores e um punhado de solicitações de amizade!

– Como assim? – questionou-se Arthur em voz alta meio que descrente daqueles números.

Não fiquei nem três horas fora e já apareceu esse tanto de gente? Não é possível!, ponderou ele ainda sobressaltado.

Tamanho espanto se justificava: antes de sair para o *tour* pelo bairro, seus únicos atos naquela rede social tinham sido pesquisar por algumas combinações de palavras-chave, cadastrar-se nuns poucos grupos que se encaixaram nos critérios de busca utilizados e mais coisa nenhuma! Espantoso pensar que tão irrisórias ações por parte dele

pudessem desencadear um efeito assim tão imediato...

Consultou a listagem de seguidores que conquistou naquele breve intervalo em que esteve ausente do apartamento. Dentre os perfis, nada muito fora do comum ou que viesse a chamar de algum modo a sua atenção: predomínio de jovens adultos, tanto homens quanto mulheres, entre vinte e trinta anos de idade, a maioria residente em Paris, sendo que todos, sem exceção, estavam atrelados a pelo menos um dos grupos virtuais em que Arthur, horas antes, havia ingressado. Observou o mesmo padrão nos pedidos de amizade, que por vezes traziam curtas mensagens de texto em mais de um idioma.

Naquelas que conseguiu entender alguma coisa, constavam apenas saudações despretensiosas, declarações de boas-vindas aos tais grupos virtuais e outras frases aparentemente sem importância.

Compreendendo os dizeres que ostentavam ou não, Arthur aceitou todas aquelas solicitações sem qualquer tipo de restrição. Não podia se dar ao luxo de rejeitá-las, já que dentre aquelas dezenas de perfis poderia estar o de alguém apto a conduzi-lo à

próxima fase de sua empreitada...

Finalizada a sessão de aprovações, com o relógio biológico meio bagunçado após a maratona internacional de viagens, Arthur sentiu seu corpo desacelerando e suas pestanas ficando mais pesadas. O prolongado bocejo que sobreveio foi inevitável.

Lutando contra a lombeira que já dominava seu corpo, investiu alguns minutos na descoberta de novos grupos na rede social, vindo a se associar àqueles que considerou mais atrativos aos seus objetivos.

Ao perceber que seria incapaz de resistir por muito mais tempo ao chamado do mundo dos sonhos, perpetrrou seus últimos atos naquele ambiente virtual: digitou uma mensagem em inglês e enviou-a aos grupos de que já fazia parte, sem se esquecer de endereçá-la também a todos os seus amigos há pouco adquiridos.

Ficou assim:

***“@Mestre_01KravMaga:
Recém-chegado a Paris. Quero
conhecer mais sobre a cultura
islâmica e me empenhar por***

*um mundo melhor. Alguém
pra me indicar o caminho?”*

Feito isso, e depois de confirmar que suas palavras haviam sido devidamente encaminhadas aos referidos destinatários, fechou as páginas do navegador de internet do telefone celular, deitou-se na cama e deixou-se pelo sono levar.

Pronto! O recado de Arthur estava dado. Simples o suficiente para não levantar suspeitas, ambíguo o bastante para atrair os olhares mais treinados. Sim... Estava bom para começar... E se por um acaso tais palavras não surtisses o resultado desejado, bastaria a ele ser um pouco mais enfático em suas próximas postagens.

■ ■ ■ ■ ■

Arthur despertou horas mais tarde com a cabeça bastante dolorida e o estômago meio revirado. Arrependeu-se prontamente de não ter feito uso do analgésico que permanecera a tarde inteira no bolso de sua calça e que lá ainda se encontrava completamente intocado.

Apalpou o colchão sobre o qual estava

estirado até encontrar seu celular.

07:22 PM, acusava o *display* do telefone.

Devido à proximidade do horário para o ocaso, a luz natural que atravessava os vidros da janela já não clareava tão bem assim a morada temporária de Arthur.

Levantou-se da cama em meio ao breu que se instalava e, tão logo o fez, notou a extremidade superior do seu corpo latejar. Daí, o que já era intenso se tornou insuportável por um momento... Incrível como este corriqueiro movimento de colocar-se de pé resultou numa piora imediata da dor! Foi como ter um coração pulsando por alguns átimos dentro do crânio!

É... Se houvesse ele procedido de modo diferente, se tivesse tomado o tal remédio assim que percebeu a sua cachola incomodar no início da tarde, dificilmente chegaria a tão penoso estado...

Assim que se recuperou desta desagradável, porém transitória, impressão de possuir um segundo coração, Arthur atravessou vagorosamente os poucos metros que o separavam da pia da cozinha, numa tentativa de não agravar mais uma vez sua já torturante condição.

Copo do armário superior, água da torneira.

Retirou um dos comprimidos da cartela de medicamentos que carregava consigo e remediou-se numa golada.

Ele não sabia ao certo se a cefaleia exagerada fomentava aquele leve enjoo que sentia ou se o cochilo pouco depois de encher a pança tinha lhe causado uma indigestão.

Claro que havia ainda uma outra justificativa para o mal-estar na região estomacal, justamente aquela que era a mais provável entre as explicações disponíveis, todavia Arthur preferiu nem cogitar tal alternativa. Já tinha perdido muito do seu domingo amargando, durante o almoço, a maldita doença que o consumia e não queria voltar a alimentar essa onda autodestrutiva, pelo menos não mais naquele dia...

Bom... Pelo sim ou pelo não, por qualquer que fosse o motivo ou a razão que ocasionava nele aquela desagradável estuação, optou Arthur por combater também este outro sintoma que o molestava. Copo ainda à mão, cruzou novamente a pequenina área do estúdio, deslocando-se com o mesmo cuidado de instantes atrás, dessa vez para alcançar a mochila que viera com ele de casa até Paris.

PERIGOSAS NACIONAIS

Abriu o compartimento externo de sua companheira de viagem. De posse do que queria, noutra golada d'água, colocou mais um comprimidinho pra dentro da barriga.

Refém da cefaleia e do engulho que o acometiam, o jeito era matar o tempo até que os medicamentos recém-ingeridos comesçassem a fazer efeito.

Assim sendo, Arthur abriu a janela do pequeno apartamento.

Naquele exato momento, o céu de poucas nuvens perdia os últimos brilhos do sol e se entregava paulatinamente à escuridão da noite.

Não se importou ao sentir o ar mais frio que vinha do lado de fora invadir o interior mais aquecido do recinto. Recostado no parapeito pelos cotovelos, passou as mãos lentamente pela cabeça como se estas tivessem o poder de acalmar aquela dor excessiva que o molestava.

Cinco... dez minutos observando a rua dois andares abaixo e seus entornos até identificar naquela paisagem urbana os primeiros sinais de vida, no caso uma mocinha e seu pai passeando apressadamente com um pequenino cachorro. Acompanhou-os percorrendo a calçada do outro

PERIGOSAS ACHERON

lado do asfalto até sumirem à esquerda na primeira esquina. Outros cinco minutos espiando a vizinhança e a danada da cefaleia ainda persistia...

Noutro empenho de amenizar seu padecimento, Arthur fechou os olhos e escorou sua testa nas palmas das mãos.

Ali parado, dedos e ponta do nariz ficando gelados, respirando pausada e profundamente e enxergando nada mais que o lado interno de suas pálpebras, conseguiu ele superar o restante do prazo necessário para que as drogas farmacológicas adentrassem sua corrente sanguínea e comesçassem a agir em seu organismo. A essa altura, uma certa atenuação dos sintomas já podia ser por ele notada.

– Graças a Deus e a Nossa Senhora dos Analgésicos e Antieméticos, finalmente algum alívio! – comemorou Arthur.

Depois de mais alguns instantes, quando sentiu-se apto a retomar suas atividades virtuais, abandonou a janela, catou o celular sobre a cama e, em seguida, sentou-se à mesa.

Acendeu a luz através do interruptor à frente posicionado. Afastou a mochila para o lado a fim de ganhar algum espaço.

Para facilitar os futuros acessos à rede social

que vinha utilizando naquele dia, adentrou a loja de aplicativos do seu *smartphone* e baixou o programinha respectivo. Download concluído, abriu o *app* há pouco instalado.

Preencheu seus dados de usuário, aceitou os termos de uso e pressionou o botão no meio da tela para se conectar.

E se Arthur já havia se surpreendido com a quantidade de seguidores que tinha ao fazer seu segundo acesso àquele ambiente virtual, agora, no terceiro, ficaria chocado... Nesse exato minuto, para os trezentos faltavam apenas quatro!

Que que isso!, exclamou Arthur por meio de seus pensamentos.

O quadro de notificações indicava ainda dúzias de mensagens particulares não lidas, totalizando mais de quatrocentas se consideradas aquelas trocadas nos grupos entre os usuários. O número de amigos que detinha até o meio da tarde também se multiplicaria caso aprovasse todas as solicitações que tinham por ali se acumulado. Além de tudo isso, Arthur ainda percebeu que havia sido adicionado a outros seis grupos além daqueles em que tinha espontaneamente se cadastrado...

Parecia que suas palavras de horas atrás

havam causado um certo rebuliço em seus novos círculos cibernéticos de relacionamento... Ou, quem sabe, esse frenesi todo não fosse apenas a forma pela qual os entusiastas daqueles tópicos específicos acolhiam os recém-chegados? Vai saber... Fato é que, uma coisa ou outra, ele nunca tinha visto algo assemelhado.

Meio que perdido diante de tanta informação, Arthur começou fazendo uma varredura pelas suas mensagens privadas. Nestas encontrou vários convites para grupos presenciais e virtuais de estudos islâmicos e também endereços de algumas mesquitas existentes na cidade.

Investiu um tempo respondendo os usuários que com ele puxavam papo, esforçando-se para ser simpático em suas réplicas e exaltando sempre que podia algumas das suas qualidades individuais, no entanto sem conseguir deixar de fora uma certa pitada de frustração pessoal que nas últimas semanas já vinha carregando em suas palavras. E tudo isso tomando o cuidado de não revelar seu nome ou qualquer outro tipo de detalhe de sua vida pregressa.

E Arthur estava certo nesse ponto... Tendo em vista o tipo de gente que queria contactar,

prudência e anonimato seriam fundamentais para preservar a segurança de sua família, de seus amigos e também, é claro, de Amanda, o grande amor da sua vida. Apesar de tê-los abandonado, não queria arriscar de forma alguma a integridade física nem expor moralmente todos aqueles que um dia já conviveram de perto com ele. Suas decisões pessoais deveriam repercutir sobre ninguém além de si mesmo...

Partiu para uma leitura dinâmica nas mensagens represadas nos grupos. Muito blá-blá-blá e bastante conversa fiada, como era de se esperar. À primeira vista, nada de útil que Arthur pudesse aproveitar.

Enquanto passava os olhos sobre sua nova listagem de seguidores, um balãozinho surgiu na beirada inferior da tela, anunciando que Arthur, ou melhor, que Mestre_01KravMaga acabava de receber uma nova mensagem particular.

Foi direcionado ao ambiente reservado de conversas logo que pressionou o dedo sobre a notificação. Lá, pôde avistar a tal mensagem e também uma advertência automática da rede social:

@OsmanMaharib588:

PERIGOSAS ACHERON

*Olá! Boa noite,
Mestre_01KravMaga!
Acabei de ver seu recado lá
no grupo...
O que te trouxe a Paris?
Veio visitar algum parente?
Conhece alguém na cidade?*

*Atenção: **OsmanMaharib588** não
faz parte de sua rede de amizades.
Deseja **CONTINUAR** com a
conversa ou **BLOQUEAR** este
usuário?*

Arthur clicou sobre a primeira das palavras sublinhadas e deu então prosseguimento ao diálogo:

***@Mestre_01KravMaga:**
Boa noite, Osman!
Nada disso... Vim sozinho e
ainda não conheço ninguém
por aqui...
Uma inquietação me trouxe
pra cá... Sei lá! Uma vontade
de mudar o meu destino, de*

ser alguém diferente... Uma vontade de conhecer coisas novas, sabe?

Passado mais de um minuto espiando o *display* do celular na expectativa de uma réplica daquele usuário, Arthur decidiu reassumir a análise que até há pouco fazia dos seus novos seguidores.

Mal retomou a referida avaliação e um outro balãozinho informativo sobreveio no canto baixo do *display*. Clicou sobre este, sendo então reconduzido ao *chat* com aquele mesmíssimo usuário de momentos atrás:

@OsmanMaharib588:
Sei... E vc tá vindo de onde?

Desejando imprimir um ritmo mais acelerado àquele bate-papo, Arthur respondia as mensagens tão logo as recebia:

@Mestre_01KravMaga:
De um lugar que quero deixar enterrado no meu passado.

Quase trinta segundos se foram até que o *status* “digitando...” surgisse ao lado do nome de seu companheiro de conversa no topo da página.

@OsmanMaharib588:

Hummm... OK então...

E por que Paris?

@Mestre_01KravMaga:

Porque tenho pressa em

mudar de vida e ouvi

dizer que aqui as coisas

acontecem mais rápido...

Aparentemente cativado, fígado pelo lero-lero de Arthur, o tal Osman levava agora para remeter suas réplicas apenas o tempo necessário para digitá-las.

@OsmanMaharib588:

Nossa... Com tanta pressa

assim, vc deve estar

realmente descontente

com a vida, hein?

@Mestre_01KravMaga:

Pois é... Nem te conto...

*“Descontente” não define
muito bem a minha atual
fase de vida...*

*“Decepcionado” seria muito
mais adequado... Mas se não
se importar acho que prefiro
mudar de assunto.*

@OsmanMaharib588:

*Sei bem o que vc tá sentindo...
também já passei por isso e
hoje sou um novo homem...*

Após essa breve confidência, a pessoa do outro lado da tela atendeu ao pedido que lhe foi feito e trocou os rumos da conversa:

@OsmanMaharib588:

*Então, Mestre_01KravMaga...
Curioso o seu nome de
usuário... Sabe lutar???*

@Mestre_01KravMaga:

Sei sim. Treinei Krav Maga por vários anos...

E vc? Pratica algum tipo específico de luta?

@OsmanMaharib588:

Já fui treinado por um tempo em técnicas militares de combate corpo a corpo.

Gostava bastante, mas não pratico mais hoje em dia.

Minhas funções atuais exigem de mim outras habilidades...

Espera aí... Técnicas militares de combate?, repetiu Arthur em sua mente.

Considerando que tudo o que estava ali escrito correspondia à verdade, Arthur começou a matutar sobre quem poderia ser aquele indivíduo com o qual proseava. Estaria ele papeando com um policial, com um integrante das forças armadas ou teria tirado a sorte grande e topado já em suas primeiras tentativas com aquilo que procurava?

Sua intuição prenunciava que poderia sim se
PERIGOSAS ACHERON

tratar da terceira dentre aquelas opções, porém era cedo demais para afirmar alguma coisa nesse sentido... Definitivamente não era a hora para conclusões precipitadas.

Arthur não pretendia ser indiscreto a ponto de perguntar àquele sujeito o que ele fazia da vida, pelo menos não assim logo de cara. Se estivesse dividindo aquele *chat* com o tipo de pessoa que imaginava, não queria correr o risco de afugentá-la com um passo impensado. Cautela ainda deveria ser o principal preceito a ser empregado por Arthur....

Reexaminou atentamente as últimas frases recebidas daquele usuário, buscando nas entrelinhas por alguma informação implícita.

Funções atuais, outras habilidades.... Do que esse camarada tá falando?, questionava-se Arthur internamente.

Antes que chegasse a uma conclusão, foi interrompido por uma nova mensagem:

@OsmanMaharib588:

*Sabe... Pra colocar *MESTRE*
no nome, a pessoa tem que
ser realmente boa naquilo*

que faz...

Difícil captar as intenções depositadas pelo tal Osman em suas palavras. Agora, por exemplo, tratava-se de uma repreensão moral carregada de provocação ou de uma forma de sondar a profundidade do conhecimento de Arthur no Krav Maga?

Mas quer saber? Não importava muito o propósito daquele indivíduo... Arthur precisava apenas manter vivo o diálogo e aproveitar essa oportunidade para vender seu peixe:

@Mestre_01KravMaga:
Modéstia à parte, acho que a palavra foi muito bem empregada no meu caso...

Um tanto seco e presunçoso, porém serviria para transmitir a confiança que tinha em suas capacidades técnicas de luta.

@OsmanMaharib588:
*Interessante...
Quantos anos vc tem,*

Mestre_01?

Arthur não se julgava velho nem nada, no entanto achou pertinente diminuir sua idade para transmitir um pouquinho mais de força e de jovialidade. Contudo, não podia abusar muito na redução... Tinha que ser algo na medida, que desse pra engolir caso aqueles dois viessem a se encontrar pessoalmente. Do contrário, a mentira de Arthur poderia ir por água abaixo.

Precaução excessiva de Arthur? Talvez... Mas se suas suspeitas estivessem certas, se aquele Osman ali fosse realmente o tipo de pessoa que Arthur imaginava ser, tinha ele que causar a melhor impressão possível logo no início daquela conversa...

*@Mestre_01KravMaga:
29. E vc?*

Empenhado em obter uma última informação de Arthur, o outro usuário ignorou a pergunta que lhe fora devolvida e tomou definitivamente as rédeas do diálogo:

@OsmanMaharib588:

Sabe, Mestre_01... Se me permite, acho que posso te ajudar com suas decepções e inquietações... Acho que posso te apresentar tudo aquilo que procura... Uma nova vida cheia de emoções, algo pelo que vale a pena lutar, um novo destino!

O *status* “digitando...” indicava que o tal Osman ainda tinha algo a acrescentar...

@OsmanMaharib588:

Como falei aí pra cima, já estive na sua pele, sei exatamente o que está sentindo!

Também andei perdido por um tempo e agora estou realizado, engajado em algo que realmente vale a pena... É esse tipo de mudança que procura? Te interessa ouvir

uma proposta?

Nesse instante, Arthur estava quase tendo um treco de tanta ansiedade! A curiosidade transbordava-lhe os olhos, todavia fingiu uma certa indiferença ao receber a oferta:

@Mestre_01KravMaga:

Acho que ler mais algumas frases suas não vai me fazer mal... Manda aí...

Hora da verdade...

@OsmanMaharib588:

Ok então... Mas antes de te fazer a proposta, preciso que vc me esclareça uma coisa que não entendi direito... Voltando ao seu recado lá no grupo, o que vc quis dizer exatamente com se empenhar por um mundo melhor?

Arthur foi pego de surpresa nessa aí...

Ainda sem nenhuma pista acerca de quem seria o homem do outro lado da tela, sem nenhuma indicação sobre a sua real ocupação, Arthur não sabia ao certo como se explicar... Poderia ele se atrever a escrever sem rodeios o que de fato quis dizer, assim na lata mesmo, e simplesmente ver no que dava, ou seguir na estratégia do comedimento e evitar de se expor demasiadamente àquele desconhecido. Chegou a digitar algumas sequências de palavras, mas, ainda indeciso sobre como deveria proceder, apagou todas elas.

Acionado subitamente para tomar conta de questões mais urgentes, o tempo de OsmanMaharib588 naquele bate-papo havia se esgotado. Daí então, o indivíduo por trás daquela alcunha, percebendo uma certa hesitação para ter sua pergunta respondida, evidenciada pelo “digitando...” aparecendo e sumindo intermitentemente ao lado do nome de seu interlocutor, resolveu abreviar aquela brincadeira toda e ser o mais direto possível:

@OsmanMaharib588:

*Conhece a IRON? Te interessa
lutar por um mundo melhor*

ao nosso lado?

As vistas de Arthur se arregalaram ainda mais ao ver a sigla internacionalmente usada como referência à Ofensiva Radical Islâmica ali no visor do celular! Tal circunstância era a quase certeza de que Arthur tinha alcançado sua meta imediata: a de entrar em contato com um recrutador vinculado àquela organização fundamentalista que aterrorizava o mundo. E se fosse esse o caso, faltaria a ele agora “apenas” fazer o que fosse necessário para de fato ingressar no supramencionado grupo e, conseqüentemente, entregar-se definitivamente às ideias tortas e aos pensamentos obscuros que inundavam sua mente...

Apesar de soar um tanto prematuro, a sensação que imperava em Arthur era a de dever cumprido, a de ter dado um passo imprescindível à sua jornada. Por outro lado, impossível negar o nervosismo que pairava no ar...

Além de estar papeando com um suposto membro da IRON, Arthur sabia perfeitamente que a cada letra digitada naquela conversa, mais complicado seria para voltar atrás. Mesmo ciente disso, seguiu em frente e se afastou um pouco mais

de seu país, de sua cidade natal, de seu verdadeiro lar...

@Mestre_01KravMaga:

*Sim, me interessa. Sou
simpatizante da causa.
E foi exatamente pra
encontrar alguém que
me abrisse esse caminho
que vim aqui pra Paris...
Vc atua na IRON?*

Foi quando as mensagens de Osman deixaram de ser imediatas. Silêncio total no chat virtual.

Passados os primeiros minutos, Arthur chegou a se questionar se tinha dado alguma mancada.

Não é possível... Será que espantei o cara?, conjecturou ele após reler todas as mensagens que enviara para aquele usuário.

A princípio, nada que pudesse intimidar o tal Osman, nada a ponto de fazê-lo desistir de um candidato a soldado da IRON.

Na esperança de reestabelecer a comunicação entre eles, Arthur chamou pelo seu interlocutor:

@Mestre_01KravMaga:
Osman?

Será que esse cara não vai mais falar comigo?, receou-se Arthur.

Decorridos mais alguns minutos desde a interrupção do diálogo, remeteu um novo apelo na página reservada de bate-papo:

@Mestre_01KravMaga:
Alô?

Nada... Nenhuma resposta... Pelo visto, assim como surgiu, o tal OsmanMaharib588 se evaporou.

O desapontamento com o repentino desaparecimento do citado usuário era tamanho que Arthur voltou até a notar a maldita dor que ofendia sua cabeça, a mesma que ainda não tinha sido completamente dizimada pelo analgésico tomado há pouco mas que saíra temporariamente de foco, encoberta pela tensão do momento.

Poxa... Parecia que eu tava tão perto! Será que vou ter que remar tudo de novo?, chateou-se ele já projetando o pior cenário, tratando o sumiço do homem como algo praticamente definitivo.

Ainda principiante quando se tratava dos recursos daquela rede social específica, pressionou o dedo sobre o nome do até então companheiro de prosa a fim de tentar angariar alguma coisa a respeito dele.

Um menu suspenso se estendeu na tela oferecendo-lhe algumas alternativas:

OsmanMaharib588

Ver perfil do usuário

Seguir usuário

Adicionar como amigo

Bloquear usuário

Escolheu o primeiro item da lista...

Guiado à página de informações de OsmanMaharib588, não encontrou muito pra bisbilhotar. Aquele sujeito, tal qual Arthur, omitiu a maior parte de suas referências pessoais, assim como também se recusou a acrescentar uma foto que o pudesse identificar.

No entanto, dentre os pouquíssimos dados ali inseridos, algo diferenciado, algo que Arthur não tinha visto até então em nenhum outro perfil da rede social: o camarada se alegava francês, porém

indicava a Síria como o local de sua residência atual, fato que reforçava o hipotético vínculo daquele elemento com a Ofensiva Radical Islâmica!

Arthur não podia perder de jeito nenhum aquele usuário específico de vista! Não sem antes se certificar de que o tal Osman falava ou não a verdade, não sem verificar se a proposta feita por aquele sujeito realmente se tratava de um convite legítimo para abraçar suas novas convicções e se juntar à causa extremista.

Ligou-se portanto a OsmanMaharib588 como seguidor e, na sequência, enviou-lhe uma solicitação de amizade, na qual fez questão de incluir algumas poucas palavras: “Ansioso por um novo contato. Muito ainda para conversarmos...”.

Desprovido de outros recursos que o capacitassem a alcançar o tal Osman, agora só restava a Arthur aguardar por algum outro sinal de vida daquele cidadão.

Apesar de ainda afligido por um resquício da cefaleia, a sensação de enjoo já não o importunava, permitindo que as mais de seis horas passadas desde o almoço se fizessem notar. Estava em tempo de Arthur providenciar algo para se alimentar.

■ ■ ■ ■ ■

Quase na metade do lanche, constituído de um copo de leite e um sanduíche de pão com manteiga e ovo mexido, o celular, deixado sobre a mesa, emitiu um som não usual.

Desconfiado de que poderia ser uma notificação do seu novo aplicativo de rede social, Arthur deixou o prato com a modesta refeição de lado e deu um pulo da cama.

Impelido pelo forte desejo de saber do que se tratava, não levou nem dois segundos para alcançar o seu telefone.

Assim que acionou a tela do aparelho, confirmou seu palpite: o barulhinho recém-emanado pelo dispositivo eletrônico era mesmo um aviso de que Arthur tinha novidades para conferir na tal rede social.

Tem que ser ele!, ambicionou Arthur em seus pensamentos.

Clicou sobre o informe na tela e, já reconduzido ao ambiente do referido aplicativo, presenciou suas expectativas se confirmarem na forma de mensagens:

PERIGOSAS ACHERON

@OsmanMaharib588:

*Desculpe a demora, Mestre_01.
Coisas demais para gerenciar...*

@OsmanMaharib588:

*Agora que vc já sabe do que
estou falando, se vc realmente
estiver disposto a ir até o fim
do nosso lado, precisaremos
nos encontrar cara a cara pra
eu te conhecer e te passar os
próximos passos...*

Nesta feita, Arthur não pensou duas vezes. Seguro do que queria fazer, e temeroso de testemunhar um novo sumiço daquele suposto recrutador, foi bastante célere e objetivo em suas réplicas.

@Mestre_01KravMaga:

Quando e onde?

@OsmanMaharib588:

*Mestre_01, já teve a chance
de conhecer as pirâmides de
vidro do Louvre?*

@Mestre_01KravMaga:
Ainda não. Pq?

@OsmanMaharib588:
*Terá agora então.
Esteja lá na terça-feira,
depois de amanhã, às 5
da tarde.
O local do nosso encontro
está assinalado logo abaixo.*

Na sequência, Arthur recebeu um mapa explicitando o ponto exato em que a reunião entre eles deveria se dar. Mais preciso que isso, impossível...

@Mestre_01KravMaga:
Combinado.

@OsmanMaharib588:
*Nos vemos lá então.
Sem atrasos.
Algo mais a dizer,*

Mestre_01?

@Mestre_01KravMaga:
*Espera aí... Mas como vou
te achar lá no dia?*

@OsmanMaharib588:
*Não se preocupe... Esteja
na terça-feira às 5 da tarde
rigorosamente no lugar
marcado aí no mapa que
eu te acho.*

■ ■ ■ ■ ■

Expectativas bem divergentes em duas regiões não muito próximas do planeta.

Enquanto Arthur esperava ansiosamente pelo compromisso de terça-feira, que o poderia levar a destinos ainda mais distantes, Amanda ansiava esperançosa pelo retorno de seu herói ou por uma mísera notícia que fosse daquele tão querido desaparecido.

Aquela moça que se mostrou tão sólida e

PERIGOSAS ACHERON

vigorosa durante os longos anos de enfrentamento do câncer de seu amado agora não dispunha de ímpeto para reagir. Era como se ela tivesse gastado toda a sua perseverança, toda a sua energia no cuidado com Arthur e não tivesse mais reservas suficientes para zelar por si mesma, para se colocar de pé novamente depois de um tombo tão inesperado...

Claro que Amanda sabia que num certo dia o corpo de seu noivo sucumbiria à doença e que ele, a partir de tão fatídico dia, não mais estaria ao lado dela... No entanto, as últimas horas mostravam que ela não estava nem um pouco preparada para suportar a ausência de seu amado. Bom... talvez até estivesse preparada para a inevitável separação, mas não para a forma com que esta se concretizou.

E o desespero da moça só aumentava, ainda mais quando acessou o *app* de conversas virtuais no decorrer daquele domingo e percebeu que suas insistentes mensagens tinham finalmente alcançado o celular do noivo. As confirmações de recebimento datadas da noite anterior atestavam que o referido aplicativo tinha enfim conseguido encaminhar ao *smartphone* de Arthur as palavras enviadas por ela. Todavia, ali não constava

nenhuma confirmação de leitura...

Combatalida, Amanda não teve forças nem sequer para sair de casa na segunda-feira. Seguia ela desconsolada e velada de perto pelo carinho de sua mãe.

CAPÍTULO 33 – DO VIRTUAL AO REAL

Terça-feira.

Seguindo a recomendação do representante da Ofensiva, Arthur não se atrasou. Na verdade, chegou até bem adiantado ao local marcado para o encontro.

Não eram nem quatro e meia da tarde quando ele ganhou a esplanada do Palácio do Louvre e avistou à sua direita o Arco do Triunfo do Carrossel, encimado por uma quadriga azulada e por outras duas estátuas douradas, e bem à sua frente a Praça do Carrossel propriamente dita.

Mais alguns metros adiante, e à sua esquerda surgiu aquilo que buscava, a gigantesca pirâmide envidraçada, encurralada pela estrutura da vultuosa edificação que abriga o Museu do Louvre. Encaminhou-se para lá.

Aproximando-se do resplandecente objeto de vidro, que além de aformosear o lugar ainda

funcionava como uma das entradas para as tão célebres exposições de obras de arte, percebeu que as portas do mundialmente famoso museu estavam fechadas, o que ajudava a explicar o baixíssimo volume de gente que ali pelos arredores transitava.

Em meio àqueles poucos gatos-pingados, turistas que apreciavam e fotografavam as belezas arquitetônicas daquela esplanada, Arthur, desfrutando de algum tempo até que chegasse o horário do seu compromisso, iniciou uma volta no sentido anti-horário ao redor do imenso poliedro tetrafacetado a fim de fazer um reconhecimento pormenorizado da área.

Passou rente ao monumento em homenagem a Luís XIV, rei da França em eras passadas, e seguiu em frente.

Chafarizes montados sobre espelhos d'água triangulares e outras três pequeninas pirâmides também ornavam o local, tudo simetricamente disposto em torno da mais chamativa atração de todo aquele espaço.

Ao se abeirar da primeira das piramidezinhas, não resistiu em dar uma olhada através de suas paredes transparentes. Descobriu que aquela diminuta estrutura envidraçada funcionava como

uma espécie de claraboia para os corredores do museu que se situavam logo abaixo de onde ele caminhava.

Na fachada do palácio que contornava todo aquele pátio, uma incomensurável riqueza de detalhes. Décadas de colunas no térreo formando graciosos arcos entre elas e uma infinidade de belas janelas por toda a parte. Sobre o parapeito do segundo pavimento, dezenas de estátuas bem trabalhadas de figuras humanas, e, distribuídas mais acima, uma enxurrada de esculturas de anjos coroando o telhado.

Assim que cruzou a face posterior da maior das pirâmides, dirigiu-se a uma de suas quinas e, assim como fizera instantes atrás, meteu a cara no vidro para investigar o seu interior. Lá dentro, escadas rolantes de um lado e uma singular espiral de degraus fixos do outro ligavam o piso superior, contíguo à entrada do museu, a um amplo saguão mais abaixo.

Sanada sua curiosidade pelo âmago daquela primorosa construção, retomou o giro pelas bandas externas do lugar.

Após mais alguns minutos de atenta exploração do terreno, e novamente de frente para a

face da pirâmide que continha a porta de acesso ao museu, Arthur consultou o relógio do *smartphone*: treze minutos para as cinco da tarde. Estava quase na hora de conhecer o tal Osman!

Buscou no celular pelo mapa que indicava a posição em que deveria aguardar pelo referido sujeito. Com um olho no visor do aparelho e o outro no ambiente que o cercava, deslocou-se à esquerda de onde estava.

No exato ponto em que deveria se dar o encontro, às margens do primeiro dos espelhos d'água, um casal de idosos, cujas experiências de vida somadas certamente ultrapassavam os cento e cinquenta anos de idade, achava-se sentado aproveitando e contemplando o deslumbrante cenário.

Era só o que me faltava... dois velhinhos pra avacalhar o meu esquema!, resmungou Arthur em sua mente, certo de que nenhum daqueles dois anciãos era a pessoa com quem tinha conversado no último domingo e marcado aquele tão importante compromisso.

Tomando por base o perfil típico dos colaboradores da Ofensiva, aqueles dois realmente não aparentavam ter qualquer tipo de relação com o

grupo radical fundamentalista... No longo senhor, em vez de uma feição mal-encarada, boininha na cabeça e óculos fundo de garrafa. Na senhorinha, a bengala à mão e o aparelho junto à orelha para facilitar a audição denunciavam que ela não sobreviveria a alguns míseros instantes em meio à ação num campo de batalha.

É... por mais preconceituoso que pudesse parecer, nessa aí Arthur estava coberto de razão.

Buscando espantá-los dali, abancou Arthur grudado, praticamente encostado, no matusalênico casal.

Estranhando a atitude do jovem que, sem aviso, chegou se acomodando logo ao lado, os idosos se entreolharam. Nela um semblante surpreso, nele uma feição de interrogação. Em seguida, lançaram sincronicamente seus olhares sobre aquele inconveniente e inoportuno desconhecido.

Arthur sacou então os óculos escuros do rosto, girou lentamente o pescoço na direção do simpático casalzinho e mostrou-lhes brevemente os dentes por intermédio de seu mais forçado sorriso.

Marido e mulher, assustados com o comportamento incomum do rapaz, não pensaram

PERIGOSAS NACIONAIS

duas vezes e usaram de toda a agilidade que lhes era inerente. Em menos de sessenta segundos desde que iniciaram o processo de se levantarem, os dois já estavam completamente de pé e preparados para se mandarem dali o mais rápido possível! E no compasso de uma tartaruga, apressadamente abandonaram o local...

Pronto! Dono do pedaço, agora era esperar o tal Osman se apresentar para a conversa.

Oito minutos para o horário combinado!

Ainda sentado bem na metade da extensão do banco que se formava à beirada do espelho d'água, olhos atentos para todos os lados... A ideia era manter-se alerta a cada movimento, a cada passo dado nas imediações.

À medida que o tempo ia passando, uma certa apreensão ia se acumulando dentro de Arthur! Sabia que em breve se encontraria com um homem potencialmente perigoso.

Embora não se importasse muito mais com o que viesse a acontecer consigo mesmo, era inegável que ainda residia em seu subconsciente um certo instinto de autopreservação...

Um minuto para as cinco da tarde!

Músculos tensionados, audição aguçada, mãos

PERIGOSAS ACHERON

trêmulas pela descarga de adrenalina involuntariamente lançada em seu corpo! O sujeito com certeza já estava naquela esplanada!

Dezessete horas em ponto! O colaborador da IRON estava agora oficialmente atrasado!

Arthur seguia varrendo freneticamente o seu entorno com os olhos, porém não via ali qualquer aproximação ou tentativa de contato.

Mais dez minutos se esvaíram nesse mesmo clima de vigilância e inquietação.

Putá merda! Cadê esse cara?, perguntava-se Arthur.

Ele esperava bem mais pontualidade de alguém que tinha sido tão enfático com a questão do horário...

Ao som do chafariz solitário que jorrava água poucos metros atrás de Arthur, lá se foram outros dez, vinte, trinta minutos sem que ninguém se achegasse para abordá-lo!

Será possível que esse cara se esqueceu do nosso combinado?

Arthur já estava ficando estressado com a situação. E sem um *chip* de alguma operadora de telefonia habilitado no celular, não tinha nem como ele acessar a rede social para tentar se comunicar

com o “bendito” do Osman.

Por motivos óbvios, não era uma boa opção sair daquele lugar para caçar uma rede *Wi-Fi* gratuita pelas ruas próximas. Imagina o azar que seria se o infeliz resolvesse aparecer justamente quando Arthur abandonasse o ponto de encontro? Mais garantido ficar quietinho por ali mesmo...

Tempo passando... Conforme iam se encerrando os expedientes de trabalho de boa parcela da população parisiense, as adjacências do Louvre se tornavam mais movimentadas. Gente brotando dos cantos, cada vez mais carros cruzando o asfalto no entorno da praça do Carrossel mais à frente de onde Arthur se matinha sentado.

Já passava um pouco das dezoito horas, mais de uma hora de atraso! Desesperançoso de que alguém ainda viesse encontrá-lo, várias teorias começaram a pipocar na cabeça de Arthur. Desde o mero esquecimento do compromisso, que já tinha sido cogitado anteriormente por ele, até a deflagração nas últimas horas de uma operação especial antiterrorismo secreta que pudesse ter resultado na morte do tal Osman, absolutamente tudo foi considerado por Arthur.

Chegou inclusive a pensar que havia sido

vítima de algum adolescente que, sem nada melhor pra se ocupar no último domingo à noite, travestiu-se na rede social de militante da Ofensiva só pra fazer hora com a cara dos desavisados...

Pior é que todas estas teses de Arthur, por mais esdrúxulas que fossem, eram plenamente plausíveis. Nenhuma delas podia ser cem por cento descartada...

Sete da noite. Pessoas caminhando para todos os lados.

A essa hora, o bolo que Arthur levou do tal Osman estava mais que confirmado.

Acompanhando o sol se encaminhando para o horizonte, Arthur agora debochava de si mesmo. Como pôde ele achar que ingressar na IRON seria fácil desse jeito? Quanta ingenuidade...

Tá certo que a capital francesa era apontada frequentemente em telejornais e revistas como o principal centro de recrutamento da Ofensiva, mas conseguir se alistar antes de completados três dias em Paris já seria querer demais!

Sete e meia... Nesse instante, as centenas de lâmpadas espalhadas pela esplanada do Louvre já se encontravam todas acesas.

Guardou Arthur, num compartimento interno

do agasalho, os óculos escuros que não se faziam mais tão necessários. Manteve o inseparável boné onde se achava.

Sem o brilho direto do sol para rechaçar o frio, a temperatura ao redor de Arthur despencava. No intuito de se manter aquecido, fechou o zíper do casaco até o pescoço e meteu as mãos dentro dos bolsos.

Estrelas pontilhando progressivamente o azul cada vez mais escuro do céu. Ao longe, a uns oitocentos metros à frente de onde estava, despontou o lume de uma majestosa roda gigante, quase por trás do já mencionado Arco do Triunfo.

Tudo muito bonito, rico e harmonioso, porém nem mesmo um arquiteto por formação era capaz de aguentar mais de duas horas e meia parado naquele espaço sem se cansar.

Já era hora de Arthur reconhecer o passo em falso, de ele meter o rabo entre as pernas e se mandar de volta pra sua quitinete alugada...

Então, sem mais nada pra fazer por ali, e antes que sua bunda se tornasse irreversivelmente quadrada de tanto ficar apoiada às bordas daquele espelho d'água, Arthur colocou-se de pé. Após um longo e malogrado fim de tarde, buscou num

revigorante suspiro a coragem para tomar, cabisbaixo, o caminho de casa.

Caminhada, escada, metrô.

Ainda meio desanimado, Arthur desembarcou algumas estações depois. Gastou as solas dos tênis por mais umas poucas quadras até alcançar a rua de sua nova morada. Dobrou a esquina e percorreu vagarosamente os derradeiros metros que o levariam ao seu endereço parisiense.

Emparelhando-se ao seu edifício, no momento que girou o corpo cento e oitenta graus para encarar o teclado do interfone, Arthur reparou que também vinha pela rua, logo atrás dele, um homem, gorro escuro cinza e azul cobrindo cabelo e orelhas, de braços dados a uma mulher de pele bem branquinha e crista aloirada. Como até aquele segundo não os havia notado, chegou a se assustar levemente com a proximidade do jovem e silencioso casal.

A moça, percebendo o sobressalto que provocou, fez questão de tentar se retratar:

– *Pardon!* – disse ela gentilmente erguendo sua mão esquerda em direção ao pedestre que andava há pouco à sua frente.

Arthur retribuiu o aceno e sorriu meio sem graça num breve gesto de agradecimento pela

fineza demonstrada pela mulher.

Esperou a dupla passar para só então digitar o código secreto que lhe concederia acesso ao interior do prédio.

Portão destrancado.

Lamentando o encontro com Osman que não vingou, Arthur suspirou novamente e entrou.

■ ■ ■ ■ ■

Mas aquela terça-feira tão infrutífera para Arthur desenrolou-se de modo bem diferente noutro canto do mundo.

Bem cedo naquela mesmíssima terça-feira, assim como ocorria todas as manhãs, a irmã de Arthur recebeu um SMS do seu banco informando o saldo de sua conta-corrente. Daí imaginem a surpresa de Teresa ao perceber que, de um dia para o outro, o valor disponível em sua conta tinha crescido consideravelmente... Imaginem então o espanto dela ao descobrir pouco depois, através do celular em seu extrato bancário, uma pomposa transferência proveniente de ninguém menos que Arthur!

Atordoada com a descoberta, Teresa reportou

o fato imediatamente naquele grupo do aplicativo de mensagens virtuais criado especialmente para centralizar quaisquer novidades acerca da caçada a Arthur. E quando o fez foi um fuzuê generalizado! Novo alvoroço quando Gabriel acusou uma transferência no mesmo valor para sua conta-corrente, também remetida na véspera pelo irmão mais novo!

Tamanho rebuliço era mais que natural: estas eram as primeiras pistas concretas de Arthur desde que o seu sumiço se deu na última sexta-feira!

E nisso, antes de iniciado o expediente de atendimento externo, Gabriel e seu pai já estavam dentro da agência bancária de onde se originaram as inesperadas movimentações financeiras, devidamente acompanhados de um agente policial.

Da conversa com a gerente responsável pela efetivação das transferências, tomaram conhecimento de tudo que Arthur tratou naquele local quatro dias atrás: dos resgates dos investimentos, do agendamento das operações, do encerramento da conta, procedimento este que estava em andamento, e do saque da substancial quantia em dinheiro. Das câmeras de segurança, conseguiram as mais recentes imagens do

desaparecido: óculos escuros pendurados na gola da blusa, boné, calça jeans, mochila... Viram no vídeo um Arthur aparentemente bastante tranquilo, impressão ratificada pela funcionária que o atendera na ocasião.

Amanda, cientificada de tudo que se passou na agência bancária, inclusive da transferência de dinheiro para a sua conta, não compreendia muito bem os motivos que levariam seu noivo a agir daquela maneira. Para ela, tudo o que sabiam até aquele minuto só dava a entender que Arthur teria se afastado espontânea e propositalmente de todos ali. Mas... por quê?

A donzela abandonada, incapaz de desvendar tal enigma, preferiu ignorar por ora a sua intuição e enxergar apenas o lado positivo daquelas notícias, que dali poderia surgir uma linha de investigação que ajudasse a localizar o seu tão querido príncipe encantado...

E conforme declarado há alguns parágrafos, se aquela terça-feira havia sido frustrante para o aspirante a recruta da Ofensiva, não fora assim tão catastrófica para sua família ou para Amanda. As novas evidências acerca de Arthur, ainda que intrigantes e meio desconexas, trouxeram com elas

PERIGOSAS NACIONAIS

um sopro de esperança, um alento aos que já estavam deveras esmorecidos com toda aquela situação.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 34 – VINTE E POUCOS DIAS

Vinte dias se foram e o cabelo que muito antes deixara de existir já voltava a ter força para crescer na cabeça de Arthur. Mas não só isso... A barba, que vinha sendo mantida raspada devido ao excesso de falhas, já não se mostrava mais assim tão rala. Já dava até pra arriscar a aposentadoria da navalha. E foi o que de fato ele fez.

É... Vinte dias... Quase três semanas completas a contar do bolo caprichado que levou no Louvre, quase um mês inteiro desde que Arthur se tornou vítima do descaso de OsmanMaharib588.

E por falar no suposto recrutador, Arthur não conseguiu mais contactá-lo nesse intervalo... E não foi por falta de persistência! A cada nova tentativa, do outro lado da tela o silêncio absoluto se reiterava. Durante todo esse tempo, nem uma única palavra, nem um mísero sinal de fumaça sequer daquele camarada.

Aliás, pra piorar, já fazia uns cinco ou seis dias que Arthur, ao buscar por OsmanMaharib588, recebia um recado automático da rede social informando que o tal nome não existia ou não mais constava na lista de utilizadores cadastrados. O sujeito simplesmente desapareceu do mapa...

Insistia sim no restabelecimento do contato com o tal recrutador, mas também continuava puxando papo com diversos outros usuários e remetendo mensagens recheadas de duplo sentido nos grupos daquele ambiente virtual. Nada muito produtivo a propósito...

Ainda que Arthur lançasse sistematicamente suas iscas, não pescava mais coisa alguma por ali. Até as solicitações de amizade, que antes do sumiço de Osman borbulhavam freneticamente, extinguiram-se quase que completamente. O mesmo comportamento brochante se deu no aumento do número de seguidores. Foi como se o mar, que parecera tão farto e promissor num primeiro momento, de uma hora pra outra, não estivesse mais para peixe.

Embora ele acreditasse piamente que, mais cedo ou mais tarde, essa tática cibernética lhe renderia algum resultado, não dava pra ficar só

trancado dentro do estúdio alugado mexendo no celular e confiando que a maré baixa um dia iria passar. Tinha que ampliar sua atuação, incrementar o seu plano de ação, afinal de contas, o mundo não parava de girar... E, em seu caso específico, cada dia perdido em Paris, ou melhor, cada segundo desperdiçado na capital francesa poderia significar a diferença entre concluir ou não o caminho que se dispôs a trilhar...

E justamente por conta disso, nesse mesmo período, Arthur frequentou assiduamente dois dos grupos de estudos islâmicos, aqueles mesmos de que tinha recebido convites para participar através da rede social. Nestes porém, não encontrou nada além de educadores empenhados em propalar conhecimento e alunos interessados em debater e assimilar as doutrinas pacíficas da religião. Também se fez presente em alguns dos templos maometanos que descobriu ali pela região, especialmente durante os horários de oração. Todavia, em qualquer uma das mesquitas, deparava-se apenas com indivíduos professando pautada e ordeiramente sua fé.

Fosse nestes ambientes de reza ou naqueles de instrução, tudo exatamente como deveria ser. Não

PERIGOSAS NACIONAIS

identificou qualquer tipo de extremismo ou de atitude suspeita, não percebeu nenhum radicalista infiltrado, à espreita, pronto para assediar os potencialmente vulneráveis e arrebanhar aqueles que se mostrassem de alguma forma inclinados à visão míope do fundamentalismo religioso.

Vinte dias... Diante de tamanha morosidade, Arthur começou a duvidar de sua capacidade de avançar para a próxima fase de seu plano. Mais que isso... estagnado nesse estágio de pré-alistamento, começou a se questionar se aquele seria realmente o caminho a ser seguido por ele.

As consultas mais frequentes à única fotografia que trazia dobrada dentro da carteira, bem como ao recado de sua amada gravado na parte de trás do referido retrato, talvez indicassem que mudar o mundo não fosse assim tão importante... talvez voltar para os braços de sua família e de Amanda fosse para Arthur uma opção bem mais relevante...

E com a cabeça cada vez mais voltada para sua verdadeira casa, atravessou mais alguns dias nessa mesma levada: constância nos grupos de estudos, visitas regulares às mesquitas, pescarias virtuais na rede social...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Terça, quarta, quinta-feira... A essa altura, a saudade de sua gente já era muito maior que a vontade de prosseguir naquela loucura.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 35 – BECO SEM SAÍDA

A sexta-feira vinha sendo exatamente igual às outras que teve na capital francesa. Nada de interessante para se destacar na já frustrante rotina parisiense de Arthur, até que às nove e meia da noite, horário em que se deu o encerramento da aula de ensinamentos islâmicos para estrangeiros de que vinha participando, ocorreu algo que merece ser registrado.

Sentindo-se um pouco mais exausto que o normal, Arthur nem ficou por ali puxando papo e tentando granjear informações relevantes à sua missão com os coleguinhas do grupo de estudos. Despediu-se de todos os que estavam presentes com um “tchau geral” e caçou seu rumo.

Sono atrasado, noites praticamente em claro... Arthur tinha pressa pra chegar em casa. Não via a hora de tomar um banho, deitar na cama e apagar... ou, quem sabe, deitar na cama e ficar acordado

lamentando o fechamento de mais uma semana improdutiva caso a insônia resolvesse atacar impedindo-o mais uma vez de descansar. E sem os remedinhos pra dormir, que já tinham se acabado alguns dias atrás, estava pendendo mais pra segunda opção...

Deixou o prédio onde aconteciam os encontros noturnos acerca da cultura muçulmana, chegou à rua.

Induzido pelo cansaço, em vez de tomar o trajeto de sempre até a estação de metrô mais próxima por avenidas movimentadas, resolveu ele encurtar o caminho quebrando por uma ruela comprida e despovoada. Naquele prego em que estavam as pernas de Arthur, qualquer centímetro a menos em seu percurso seria abundantemente comemorado.

Seguiu pelo passeio de cimento escuro que ladeava a via desértica. Distraía-se observando o movimento descrito por sua sombra ao superar os parques postes de iluminação pública. Dúzias de fradinhos metálicos pintados de preto, instalados a cerca de um metro e meio um do outro acompanhando o meio-fio, coíbiavam o estacionamento de todo o tipo de automóvel sobre a

calçada em que ele andava.

À sua direita, um muro alto, rústico, do qual transbordava pelo topo uma densa cabeleira verde formada por plantas trepadeiras. À esquerda, prédios quase totalmente apagados, que em nada contribuía para amenizar a escuridão, e uma estreita faixa coberta por um calçamento de pedras dedicada à locomoção de veículos.

Pouco depois de atingir a metade da ruela, avistou Arthur mais à frente um carro escuro, faróis altos, adentrando o local numa velocidade mais alta do que deveria.

As placas de trânsito distribuídas longitudinalmente em ambos os flancos da travessa, por se acharem todas voltadas para Arthur, deduravam que o automóvel desrespeitava o sentido único de tráfego que vigorava naquela via.

Os faróis se apagaram momentos antes de o veículo parar abruptamente interditando quase completamente a pista a uns cinquenta metros de Arthur. Dois sujeitos, o passageiro e o motorista, saltaram de imediato do carro.

Assustado, e ainda sem entender direito o que aquilo significava, Arthur veio desacelerando seus passos a fim de ganhar algum tempo e observar

como se desenrolaria a situação. Interrompeu sua caminhada instantes depois, exatamente sob um dos postes de iluminação, ao perceber que os dois camaradas começaram a avançar vagarosamente em sua direção.

Assaltado em Paris! Era só o que me faltava..., receou Arthur consigo mesmo.

Bom... Ainda não havia como Arthur antever precisamente as intenções daqueles homens ou saber se estavam ali de fato com o objetivo de roubá-lo... Porém, com todo esse clima de emboscada pairando no ar, ficava evidente que aquela dupla alguns metros à frente não tinha se deslocado até ali para distribuir flores ou para fomentar a paz no mundo através de abraços amistosos e apertados.

Daí então, encurralado por muros, por edifícios e também por aqueles malandros provavelmente mal-intencionados que dele se abeiravam, o que era para ser um mero atalho tornava-se um verdadeiro beco sem saída.

Restava a Arthur voltar por onde tinha vindo se quisesse tentar evitar algum tipo de conflito.

Antes de bater em retirada, olhou instintivamente para trás, meio que querendo

avaliar suas chances de se mandar, de preferência de posse de todos os seus pouquíssimos pertences, daquele lugar.

Só que quando o fez, Arthur percebeu suas probabilidades de se safar ileso dali despencarem quase a zero: outros dois elementos, a pé, se aproximavam apressadamente dele pela retaguarda...

Xiiii... Fodeu!, concluiu Arthur agora bastante ciente da enrascada em que se meteu.

Não demorou muito para que se visse praticamente cercado.

Sem movimentos bruscos, cortou para a esquerda na esperança de furar a barreira humana que se fechava sobre ele na calçada, mas Arthur logo deduziu que aquela trupe não estava muito a fim de deixá-lo escapar: como se fossem mísseis teleguiados, os indivíduos recentralizaram o alvo e recalcularam suas rotas vindo a obstruir totalmente a passagem quando Arthur alcançou o meio da rua.

Julgando até então que estaria sendo vítima de um assalto, partiu Arthur para a estratégia de dissuadir no papo aqueles quatro.

Ainda sem proficiência na língua local, o jeito foi valer-se do inglês mesmo, porém com algo bem

curto, fazendo uso de palavras muito simples, de modo que qualquer iniciante no referido idioma pudesse compreender os seus dizeres:

– Sem dinheiro. – proferiu Arthur calma e pausadamente.

Mentiu. Tinha sim algum ali com ele num dos bolsos da calça, mas não muito: apenas uns trocados para comprar o tíquete do metrô. Por motivos óbvios, omitiu completamente a existência do celular.

Os quatro camaradas até entenderam a asserção que lhes fora dirigida, entretanto não deram a mínima. Mantendo as feições sérias nos rostos, avizinham-se um pouco mais do pedestre solitário.

– Pessoal, só quero ir pra casa... Sem confusão... – acrescentou Arthur erguendo as mãos para cima no nível dos olhos num último esforço de manter os ânimos apaziguados por ali.

Um dos homens que desceu do carro, o passageiro para ser mais exato, encarou seus três comparsas e, com um aceno lateral de cabeça, determinou o início dos trabalhos.

Daí então, o cara que se encontrava bem de frente para Arthur acatou a ordem e partiu para o

PERIGOSAS NACIONAIS

ataque. Passo adiante, displicente e meio descrente em qualquer tipo de reação, o indivíduo soltou um soco mirando a cara de seu adversário. Coitado... não imaginava o tamanho do vespeiro com o qual havia topado...

Arthur revidou sem pensar: esquivou-se do golpe e já emendou um murro bem no meio do queixo do sujeito.

POW!

A mão de Arthur até doeu de tanta força que empregou naquele contra-ataque!

Mal viu o miserável ruir nocauteado, preocupou-se em se reposicionar no espaço para manter os outros três em seu campo de visão. Todavia, antes que pudesse tomar alguma providência quanto a isso, sentiu o sopapo que veio de trás para acertá-lo no pé da orelha.

BUM!

O boné voou da cabeça. Arthur perdeu completamente as referências! Desequilibrado, cambaleou de ré e caiu sentado entre dois dos fradinhos fixados na calçada.

Vozes incompreensíveis embaralhadas às gargalhadas.

Tonto sim, porém consciente de que deveria se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

proteger, Arthur se arrastou até o muro vendo o mundo girar. Mantendo o paredão às suas costas, dificilmente seria surpreendido por outro ataque covarde como aquele que sofreu pela retaguarda.

Assim que tocou o sopé do muro, Arthur, parcialmente reabilitado, empenhou-se em se levantar.

O deboche continuava.

Arthur não soube determinar se zombavam da sua cara ou se achincalhavam o companheiro que fora por ele derrubado. Talvez as duas coisas...

Com tais atitudes, aqueles vagabundos não pareciam estar ali pelo dinheiro ou atrás de quaisquer bens materiais. Assemelhavam-se mais a um bando de desocupados querendo se divertir dando uma surra no primeiro mal-aventurado que com eles cruzasse.

E já que era assim, resolveu Arthur estabelecer diálogo numa linguagem que conseguiriam compreender sem dificuldades... Uma vez que aqueles babacas não estavam interessados em palavras conciliadoras, o idioma a ser utilizado por ele a partir daquele momento seria o da porrada...

De pé, restabelecido, Arthur testemunhou as risadas desaparecerem em dois segundos.

PERIGOSAS ACHERON

O camarada que aparentava ser o líder do grupo, aquele que decretou o início da agressão, retirou-se da linha de frente. Retrocedeu alguns metros, mas não sem antes chutar, não muito delicadamente aliás, o braço do parceiro combalido no chão, como se com isso pudesse promover ou até mesmo acelerar sua recuperação. Desnecessário relatar que não adiantou de nada...

Com apenas dois dos quatro se apresentando para o combate, Arthur se sentiu à vontade para se afastar do muro. Três passos à frente, assumiu postura adequada àquela batalha. Pernas moderadamente separadas, mãos elevadas, concentrou-se naqueles dois oponentes mais próximos a ele.

Um dos encenqueiros veio para cima: mais cauteloso depois da breve demonstração de habilidade que testemunhara, pose de pugilista, estudou um pouco seu rival ameaçando algumas investidas. Uma, duas vezes... até que na terceira disparou um direto de direita.

Arthur evitou o soco com um movimento de tronco. Bloqueou um segundo ataque jogando seu antebraço esquerdo contra o pulso do adversário, vindo a responder instantaneamente com um

cruzado de direta que encontrou a guarda fechada do camarada.

A partir daí, uma rápida sequência de golpes, defesas e contra-ataques perpetrados por ambos os lados, tanto pelo assediador quanto pelo assediado.

Demonstrando um pouco mais de desenvoltura na luta, Arthur foi ganhando terreno e impelindo seu adversário a marchar para trás.

Assistindo aos dois ali se digladiando, o outro arruaceiro, o que acompanhava mais de perto toda a ação, por sinal o mesmo que acertara a mão cerrada no pé da orelha de Arthur, viu nova chance de se colocar no ponto cego de seu adversário. Julgando que o homem abordado por eles se achava ocupado demais com seu comparsa, o espertalhão foi rodeando lentamente pelo lugar até ver Arthur pelas costas e angariar uma posição mais vantajosa.

Foi quando Arthur empurrou com força o homem com quem trocava tapas. O espaço que fez surgir entre eles era tudo de que precisava...

Aproveitando a oportunidade que criou para si mesmo, Arthur posicionou seu pé esquerdo atrás de seu corpo, a fim de viabilizar seus próximos atos, e, com a velocidade que ganhou no giro de tronco, mandou um bicudo com o pé direito no saco do

mais desleal de seus adversários, aquele que se esgueirava pela sua retaguarda.

O grito de dor que ecoou pelo ambiente indicava que a vasectomia tinha sido bem-sucedida...

Ato contínuo, antes que voltasse a apoiar o pé direito sobre o calçamento de pedras, Arthur deu um pisão com a sola do tênis na lateral do joelho daquele oponente, que desabou de lado no chão. Outra intervenção cirúrgica exitosa do Dr. Arthur, dessa vez rompendo todos os ligamentos do joelho do desgraçado.

É... Quem queria surpreender foi surpreendido... E tendo sofrido tanto estrago, aquele canalha certamente se tornara carta fora do baralho.

Outro giro de corpo para voltar a encarar o mais habilidoso dos adversários, que já vinha executando um chute circular alto, daqueles que quando acertam na cachola, babau...

No susto, ou talvez numa manifestação de reflexo puro, Arthur se defendeu recolhendo o braço direito na lateral de seu rosto.

POW!

O peito do pé do cara explodiu no resguardo

de Arthur!

Foi a conta certa! Se houvesse se virado um milésimo de segundo mais tarde, teria sido atingido em cheio pela patada do camarada...

Arthur respondeu à altura com um *upper* de esquerda encadeado com um cruzado de direita. O primeiro dos contra-ataques foi habilmente escudado, o segundo atravessou parcialmente a guarda inimiga e entrou meio truncado na face do adversário. Infelizmente, não foi o suficiente para derrotá-lo, mas serviu ao menos para minar levemente o ânimo e a confiança de seu rival.

Após esse último contragolpe de Arthur, o combate perdeu um pouco em velocidade e intensidade. Uma certa fadiga já se notava nos dois e, por consequência, a distância entre eles se alongou por um momento.

Não dava para Arthur ficar brigando com aquele elemento indefinidamente através do tempo. Desprovido do ótimo condicionamento físico de outrora, doente e aparentemente mais velho que o seu concorrente, estava claro para ele que a sua bateria viria a arriar bem antes que a daquele outro camarada. E isso sem contar seu estado tresnoitado...

PERIGOSAS NACIONAIS

É... Sob risco de se ver vencido pelo cansaço, passava e muito da hora de acabar com aquela brincadeira toda.

Arthur, ofegante, usufruiu então da pausa na luta para focar toda a sua atenção no jogo de corpo do adversário. A estratégia agora era tentar antever com clareza a ação seguinte daquele cidadão, buscar uma brecha na movimentação subsequente do oponente e entrar com um golpe contundente.

O homem se reaproximou pouco depois encerrando assim o brevíssimo intervalo.

Tensão crescente novamente entre os dois.

Arthur seguiu ligado aos ímpetos do elemento até que, num dado momento, a posição de pernas somada a um arranco de ombro denunciaram que o cara preparava um soco de direita.

Era o ensejo que Arthur aguardava! Antecipou-se aprontando sua defesa: mãos novamente na altura da cabeça.

Quando o soco veio, Arthur desviou o ataque para baixo com a mão esquerda, impulsionou o corpo à frente e lançou sem dó o cotovelo direito em direção à cara do sujeito.

PÁH!

Dessa vez foi indefensável! Acertou em cheio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o nariz do infeliz, que, atordado pelo violento contragolpe, trambecou alguns passos para trás antes de cair. Sem dúvida alguma, era o fim para aquele ali...

Com a adrenalina cortando na alta, Arthur reavaliou o ambiente à sua volta. O primeiro de seus oponentes, de quatro, tentava se levantar e os outros dois que enfrentou na sequência, desmoronados, não representavam perigo imediato. Conclusão: só mais um cidadão, o suposto mandachuva daquela turma, uns seis metros adiante, para ele descer a mão.

Agora era um contra um.

Seguiu intrépido ao encontro daquele último homem.

Em seu trajeto, cuidadoso e precavido como sempre, ou talvez se mostrando cruel e impiedoso como nunca, Arthur resolveu neutralizar de vez o elemento que engatinhava sobre o calçamento. Num embalo de pernas, segurando-o pela gola da jaqueta e pelo cinto da calça, carimbou a fronte do sujeito num dos fradinhos.

TUM!

É... Depois dessa, Arthur não se espantaria se aquele cara dormisse até o raiar do outro dia...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bom... Agora sim era um contra um!

Sem pressa, mirou novamente o indivíduo remanescente, que não tinha mais para quem jogar a batata quente.

Enquanto Arthur se aproximava estalando os dedos das mãos, o semblante do camarada se alterava. Medo, angústia, inquietação...

Mesmo intimidado ao presenciar seus aliados sendo aniquilados, o suposto líder dos baderneiros não se evadiu do lugar e teve peito para ficar ali parado aguardando seu algoz se chegar.

– Espera aí, meu irmão... – disse o homem na língua inglesa. – Tenho algo pra te falar! – complementou ele em seguida meio que num tom de súplica.

– Agora quer conversar, né? – retrucou Arthur ironicamente quase que rindo da situação.

E era realmente engraçado observar como que as intenções do arruaceiro se alteraram completamente depois que Arthur reverteu o quadro em seu favor.

Ao perceber que não seria poupado, o indivíduo esticou o braço para frente, como se tal ato por si só pudesse apartá-lo da fúria do exímio lutador que se aproximava dele.

PERIGOSAS ACHERON

Arthur, implacável, ignorando o limite estabelecido pela mão espalmada do sujeito, avançou. Desvencilhou-se do braço que se opunha a ele usando de uma série de rápidos movimentos de mãos. Num gingado de corpo, ao mesmo tempo que passava para trás do oponente, Arthur trançou seu membro superior direito ao redor do pescoço daquele homem. Tudo pronto para finalizar o combate com um mata-leão.

Banda direita das costas colada no dorso do adversário, mantendo a garganta do cara bem aprisionada, Arthur, após segurar firmemente sua própria mão direita com a esquerda, curvou o tronco pra frente a fim de suspender aquele vagabundo no ar e, conseqüentemente, sufocá-lo.

Manteve a posição por quase meio minuto até que o camarada parou de se debater. Arthur então afrouxou seu braço, desatou suas mãos e escutou o corpo desacordado do fulaninho se estatelando no chão.

Mais uma olhadinha em volta pra se certificar de que nada mais poderia ameaçar sua integridade física e monetária. Permaneciam todos os quatro desordeiros quietinhos, exatamente como deveriam estar, uns de fato desmaiados, outros se fazendo de

PERIGOSAS NACIONAIS

mortos para evitar um castigo ainda mais pesado.

Valentões ou ladrões? Arthur não soube diferenciar, e também não ficaria naquela viela só para perguntar. Bastava-lhe apenas saber que era o único homem de pé naquele lugar.

Tá bom... também ficou feliz por ter conseguido preservar consigo o dinheirinho pro metrô e o seu tão estimado e profícuo *smartphone*. Do contrário, se houvesse sido realmente roubado, precisaria gastar a sola dos calçados por mais de uma hora para chegar à sua residência parisiense e alguns cobres para adquirir um novo aparelho celular.

Placar final: Arruaceiros Locais 0, Visitante 4. Goleada fora de casa!

Arthur ficou até bastante admirado com o seu desempenho, com o resultado alcançado por ele naquele enfrentamento. Reflexos quase tão apurados quanto antes!

Ausente do Krav Maga há algum tempo, pensou que estaria bem mais enferrujado. Mas não... foi natural, espontâneo, descomplicado. Foi exatamente como voltar a andar de bicicleta após um longo período sem montar numa magrela: bastou apenas sentar no selim e sair pedalando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Também, né... não se esperaria nada menos de um cara que dedicou tantos e tantos anos de sua vida aos treinamentos.

Arthur respirou fundo para reaver o fôlego despendido naquele longo confronto. Catou o boné jogado sobre o piso, deu nele umas batidinhas para espanar a sujeira da rua e recolocou-o sobre os cabelos recém-nascidos.

Após tão proveitosa troca de palavras e gentilezas, foi-se embora dali.

Sono atrasado, noites praticamente em claro... Arthur tinha pressa pra chegar em casa. Não via a hora de tomar um banho, deitar na cama e, com alguma sorte, apagar...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 36 – VIRADA DA MARÉ

Sábado.

Iniciava-se mais um final de semana com Arthur meio que aprisionado na Cidade Luz. Ao mesmo tempo que se via impedido pelo destino de avançar para as etapas seguintes de sua empreitada, ainda não acumulava dentro de si suficiente frustração para desistir de uma vez por todas daquele plano maluco.

O sedentarismo cobrou seu preço assim que Arthur acordou. Doía cada centímetro quadrado de seu corpo: pernas como se tivesse corrido uma maratona inteira na véspera, braços como se houvesse exagerado e muito na musculação, ouvido e mandíbula como se tivesse levado um murro caprichado pelos lados das fuças no dia anterior...

Antes mais dolorido de bater do que de apanhar!, concluiu ele até bem-humorado logo antes de se levantar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois dessa já longa temporada no pequenino apartamento, não se dava nem mais ao trabalho de escamotear a cama retrátil para dentro da estante. Pra falar a verdade, deve ter feito isso umas duas ou três vezes no máximo, até o instante que o trâmite perdeu a graça e percebeu que o sofá que ficava escondido ali embaixo nunca seria por ele utilizado. Bem mais prático deixar tudo como estava: cama pronta para acolhê-lo quando chegasse a hora de se deitar de novo, a famosa “lei do mínimo esforço”...

Sentiu o maxilar incomodar um pouco no café da manhã. Barriga cheia, despiu-se, entrou no acanhado boxe do chuveiro e deixou a água quente relaxar a carcaça durante o banho.

Torneira fechada.

Umedeceu a toalha secando o couro e, na sequência, enrolou-a na altura da cintura. Desembaçou o espelho do banheiro com uma das mãos e mirou-se ali por alguns segundos. Eram tantos pensamentos atravessando sua consciência que não conseguiu escutar claramente nenhum deles. A preguiça de iniciar uma discussão consigo mesmo naquele momento fê-lo querer calar as vozes que vinham de dentro.

PERIGOSAS ACHERON

Escovou os dentes ignorando completamente a sua mente...

Saiu do toalete.

Vestiu-se com a última muda de roupas limpas que tinha disponível. Dado que o restante de seus trajes se amontoavam já usados e embolados num canto do armário, uma visita à lavanderia do prédio ainda naquele dia seria uma boa pedida...

Aproveitou que estava de frente para o guarda-roupa e retirou uma das três gavetas dos trilhos, mais especificamente a que ficava mais próxima do piso.

Ali, no vão que surgiu, revelou-se o tesouro de Arthur, seu numerário, embrulhado no mesmo envelope pardo que recebera ao limpar sua conta bancária.

Protegidos neste invólucro de papel também estavam cartão de crédito, passaporte, cédula de identidade, apólice de seguro de viagem, as folhas que imprimiu antes de iniciar aquela jornada... enfim: tudo que continha seu nome ou que pudesse revelar detalhes de seu empreitada.

Separou o dinheiro para renovar o arrendamento do imóvel que ocupava.

Não chegou a contar o restante das cédulas

que, juntamente com as outras coisas, devolveu ao seu esconderijo secreto, mas sabia, pelas contas que fazia de cabeça, que mais da metade do montante que sacou do banco já havia sido gasto.

Embora já tivesse noção de quanto despenderia por dia com o aluguel de moradia, só descobriu os demais custos para se manter em Paris depois que desembarcou naquela metrópole. O transporte para ziguezaguear entre seus pontos de interesse na capital francesa e a alimentação não eram lá muito baratos... Isso sem contar alguns desembolsos extraordinários que acabou sendo obrigado a realizar: um chip pré-pago de celular para não mais ficar *off-line* pelas ruas da cidade, uma blusa de moletom cinza que vinha usando sob seu casaco quando fora de casa e alguns outros apetrechos para enfrentar o frio que só se acentuava. Resultado do balanço patrimonial de Arthur? Dentro de mais vinte e cinco ou trinta dias, no máximo, não teria ele nem sequer o suficiente para comprar uma passagem de volta para sua verdadeira casa, se assim desejasse.

Gaveta recolocada em seu devido lugar.

Antes que fechasse a porta do armário, seu *smartphone* vibrou brevemente sobre a mesa logo

ali ao lado. O som característico que se seguiu denunciava que se tratava de alguma mensagem particular que tinha recebido na rede social.

Outras duas vibrações consecutivas, complementadas pelo mesmo tom de notificação.

Curioso, Arthur alcançou o seu telefone num pulo e desconectou-o do cabo de alimentação. Ativou o visor do aparelho e, ainda na tela de bloqueio, checkou o resumo recente do mundo virtual: “03 novas mensagens”.

Clique duplo sobre o retângulo que continha o aviso, inseriu a senha para desbloquear o dispositivo. Feito isso, foi levado à sala reservada de bate-papo, onde teve acesso ao conteúdo dos recados recém-chegados.

@Osman.M.590:

Mestre_01?

@Osman.M.590:

*Perdoe a demora pra retomar
nossa conversa.*

@Osman.M.590:

Problemas com a rede social...

Atenção: Osman.M.590 não faz

*parte de sua rede de amizades.
Deseja **CONTINUAR** com a
conversa ou **BLOQUEAR** este
usuário?*

Arthur bateu o olho naquele nome de usuário e relacionou-o imediatamente à alcunha do camarada que o deixara plantado na Pirâmide do Louvre.

Só pode ser ele!, exclamou Arthur por dentro.

Reconferir o teor das mensagens serviu unicamente para reforçar sua conclusão: tratava-se sem sombra de dúvidas de OsmanMaharib588, só que agora se utilizando de um novo apelido. Seu “amigo” até então desaparecido ressurgia numa nova versão!

Mistura de susto com irritação, de desconfiança com admiração.

Será que esse desgraçado reapareceu só pra fazer hora com a minha cara de novo?

Tal pensamento foi impossível de ser contido depois de tudo que se passou naquele dia do Louvre...

Sem saber se xingava o maldito ou se celebrava o ressuscitamento daquele indivíduo, Arthur viu mais uma mensagem emergir em sua tela, seguida da mesma advertência automática de

poucos segundos atrás:

@Osman.M.590:

Ainda interessado na minha oferta, Mestre_01?

Atenção: Osman.M.590 não faz parte de sua rede de amizades.

*Deseja **CONTINUAR** com a conversa ou **BLOQUEAR** este usuário?*

Ressabiado, e com razão, entretanto sem nada a perder, Arthur resolveu esquecer por um instante o episódio ocorrido semanas antes, dar uma colher de chá a Osman e ver o que aquele indivíduo tinha pra lhe falar. Noutra oportunidade poderia tentar entender o que se deu naquele dia do encontro frustrado do museu.

Premeu então a opção adequada para prosseguir com a prosa e, em seguida, remeteu curto e grosso a sua resposta:

@Mestre_01KravMaga:

Sim.

@Osman.M.590:

Ótimo.

Vamos ter que nos encontrar.

*Sua estada em Paris finalmente
será recompensada.*

*Tá usando computador ou
celular?*

Daí Arthur não se aguentou...

*Filho da puta! Como assim “nos encontrar”?,
contestou ele em sua mente. Que cara de pau desse
sujeitinho! Deve tá achando que vou cair nesse
papinho dele de novo... Impressionante!*

O sangue de Arthur ferveu, e não era pra menos! Enfezado com aquelas palavras, reviu instantaneamente a decisão há pouco tomada... Nada de esperar outra oportunidade pra entender o que aconteceu no dia do museu! A hora era essa!

@Mestre_01KravMaga:

*Nos encontrar??? Vc só pode
estar de sacanagem comigo!*

*Tô te esperando até hoje lá
no Louvre, seu babaca!!!*

Arthur não teve papas na língua, ou melhor, nos dedos, ao digitar essa contradita.

Detalhe: a indignação que sobreveio nele foi tamanha que nem se ligou no comentário feito por Osman acerca de sua permanência na cidade.

E realmente era muito esquisito... Como que aquele homem poderia saber disso? É... parece que nessa aí Arthur passou batido...

Osman, disposto a trazer os talentos de seu aliciado para dentro da IRON, tentou tranquilizá-lo:

@Osman.M.590:

*Acalme-se e logo verá que não
estou de sacanagem contigo.
Computador ou celular?*

Ainda revoltado com o desplante daquele camarada, e mesmo estranhando a pergunta repetida por Osman em suas últimas mensagens, Arthur forneceu a informação que lhe fora por duas vezes solicitada:

@Mestre_01KravMaga:
Celular.

Arthur, desassossegado, teve que aguardar quase um minuto por uma réplica de seu interlocutor:

@Osman.M.590:

Vou te mandar um link pra vc instalar um app no seu celular.

Clique nele e siga as instruções na tela.

Já fiz um pré-cadastro seu em nossa rede.

Nome: MESTRE01

Senha: MESTRE01

Use-os para acessar o app após instalá-lo.

Conforme prometido, Arthur recebeu um link, bastante extenso aliás, que mesclava uma sucessão aparentemente aleatória de letras, símbolos e números. Obteve mais algumas orientações de Osman logo em seguida:

@Osman.M.590:

*Na barra de pesquisa do app, procure por *OSMAN.PARIS*.*

*Sou eu. A partir de agora,
conversaremos só por lá.
É criptografado e mais
seguro pra gente.*

Alguma dúvida?

@Mestre_01KravMaga:
Não.

@Osman.M.590:
Nos falamos lá então.

■ ■ ■ ■ ■

Parecia que o troço era sério... Ao pressionar o dedo sobre o referido *link*, Arthur foi conduzido a uma página através do navegador de internet do seu *smartphone*.

Fundo preto, letras brancas. Ali, dentre os idiomas disponíveis na listagem que surgiu, escolheu o de sua preferência: inglês.

Assim que o fez, foi guiado à tela subsequente, que apresentava o passo a passo para baixar e instalar o tal aplicativo.

Tudo esmiuçado, ilustrado e muito bem explicado.

Cumpriu rigorosamente cada uma das etapas: selecionou o sistema operacional do telefone, mexeu nas configurações do dispositivo, concedeu autorizações, fez *downloads* de arquivos...

Uns dez minutos depois, ao final de todo o processo, tudo certo pra se logar. Clique sobre o novo ícone que surgiu no display do celular.

Arthur inseriu o nome e a senha fornecidos por Osman e, ato contínuo, tocou o polegar no botão apropriado para se conectar.

Novo fundo preto. No meio da tela, enquanto o programinha se inicializava, surgiram alguns poucos dizeres em árabe ininteligíveis para Arthur. Após desvanecerem suavemente, deram lugar a uma sigla bastante conhecida acompanhada de uma palavra: “*IRON Network*”, ou, numa tradução literal, algo como “Rede IRON”.

Logo que concluído o carregamento do *software*, Arthur se embasbacou!

O aplicativo era extremamente elaborado e assustadoramente bem desenhado! Nada de amadorismos ou de improvisações... muito pelo contrário!

O utilitário recém-instalado não se limitava a uma simples ferramenta de comunicação entre usuários. Ali também, na palma da mão de Arthur, estavam disponíveis alguns menus de opções para todo o tipo de configuração, um campo de pesquisas internas e ainda um *feed* de notícias da Ofensiva!

Perplexo, rolou a tela de baixo para cima e viu surgir uma infindável quantidade de fotos e vídeos intercalados a uma série de textos escritos em pelo menos meia dúzia de línguas.

Pra rodar tão redondo assim, esse programinha certamente demandou várias e várias horas de dedicação de diversos peritos em computação..., deduziu Arthur rapidamente mesmo sem entender muito do assunto em questão.

É... aquele grupo radical de repente se mostrava muito mais organizado do que se imaginava...

Foi quando sentiu o arrepio na espinha. Conscientizou-se Arthur naquele exato segundo de que acabara de se vincular a um canal direto da Ofensiva!

O troço era sério mesmo... O tal Osman Maharib realmente não estava de sacanagem com
PERIGOSAS ACHERON

Arthur. O sujeito era de fato quem se dizia ser: um militante ativo da tão inescrupulosa organização extremista!

Suou frio ao perceber que tinha acabado de chamar um recrutador da IRON de babaca!

Tendo em vista o temperamento literalmente explosivo e a marra que esses caras exibiam nas dezenas de gravações que iam ao ar através dos noticiários bem como a má reputação que conquistaram com o passar dos anos, o jeito seria torcer para que esse Osman não se mostrasse demasiado rancoroso ou invocado, senão Arthur estaria realmente muito encrencado...

Mas não era hora de se deslumbrar com o refinamento e com o grau de complexidade do aplicativo, tampouco de ficar ali se borrando todo por ter insultado um, quem sabe, futuro coleguinha do grupo fundamentalista.

Agora que as portas da Ofensiva finalmente se abriam diante de Arthur, era hora de se apressar, de correr atrás do prejuízo, de tentar recuperar de alguma maneira o tempo perdido. Hora de manter o “foda-se” ligado, de não pensar nas consequências de seus atos, de buscar por Osman ali dentro daquele aplicativo e dar prosseguimento imediato

ao bate-papo. Afinal de contas, foram quase quatro semanas em Paris garimpando uma oportunidade de se alistar, praticamente um mês inteiro aguardando pela chance de dizer que queria colaborar... coisa de mais para quem tinha naquele momento, sob uma perspectiva extremamente otimista, mais um ano de vida...

Recompôs-se deixando a apreensão de lado. Retornou ao topo da página e avançou firme em seu plano de mudar o mundo.

Inseriu “OSMAN.PARIS” na barra de buscas. Tocou a ponta do indicador no único resultado que adveio de sua consulta. Escolheu “*chat*” no menu que surgiu.

Dentro do novo ambiente privado de conversas virtuais, chamou pelo seu contato:

[MESTRE01:
Osman?]

Não houve demora para receber uma resposta:

[OSMAN.PARIS:
Vejo que não teve dificuldades
na instalação do app.]

[MESTRE01:

Tudo certo... Na verdade não tem nem como errar seguindo o passo a passo do link que me enviou.]

[OSMAN.PARIS:

Vc se surpreenderia se eu te contasse o tanto de gente que ainda consegue se perder naquilo ali...]

Decorridos menos de quinze segundos, Osman emendou mais uma mensagem:

[OSMAN.PARIS:

Agora que já estamos num ambiente criptografado, o que acha de me dizer o seu nome?]

Arthur seguia disposto a preservar sua identidade e, conseqüentemente, a de toda sua gente. Permitir que pais, irmãos e Amanda fossem PERIGOSAS ACHERON

relacionados ao seu antropônimo não era uma opção, em hipótese alguma deveria sujeitar os seus a investigações e repressões de órgãos governamentais antiterrorismo ou a qualquer outro tipo de retaliação. Daí então, ou inventava algum nome para falar, estratégia que já vinha usando nos grupos de estudos islâmicos quando se via obrigado a se apresentar, ou arrumava um jeito de desconversar.

[MESTRE01:
Se não se importar, acho que
Mestre01 tá bom por enquanto.]

Naquele brevíssimo intervalo que teve para ponderar a respeito, entendeu Arthur que desconversar era a melhor solução...

E tomando por base a resposta do outro cara, parece que fizera a escolha mais adequada.

[OSMAN.PARIS:
OK, Mestre01.
Como quiser...]

Desejando provavelmente ganhar a simpatia
PERIGOSAS ACHERON

de Arthur, o membro da IRON nem sequer insistiu no assunto. Pelo menos por enquanto...

Talvez como parte dessa mesma estratégia, optou o tal Osman na sequência por se retratar novamente, dessa vez pelo chá de cadeira que impôs num passado não muito distante ao seu aliciado:

[OSMAN.PARIS:

Me desculpe pelo furo do
outro dia lá no museu do
Louvre. Não deu pra aparecer...

Tivemos que ser mais cuidadosos
depois que a inteligência francesa
frustrou nosso ataque ao
Eurotúnel.]

Arthur impugnou no mesmo instante a afirmação de Osman. A versão apresentada por aquele cidadão para o episódio que suspendera o serviço do trem de alta velocidade sob o Canal da Mancha divergia de tudo que havia visto a respeito na internet ou na televisão:

[MESTRE01:

PERIGOSAS ACHERON

Ataque frustrado ao
Eurotúnel?
Mas os jornais deram
a entender que tinha
sido só um alarme falso
de bomba.]

[OSMAN.PARIS:
Os governos de alguns países
omitem informações à imprensa
pra diminuir o alcance de nossos
atos e manter a população sob
controle.
O que posso te garantir é que não
foi um mero *alarme falso*.
A bomba estava lá pronta para ser
armada, mas os caras chegaram
antes e impediram tudo...]

Que ironia do destino! Se tudo aquilo que lia
bem ali na tela do celular fosse verdade, e caso
nada houvesse sido feito pelas autoridades locais,
por muito pouco Arthur não viu sua vida se
abreviar ainda mais, dessa vez por um atentado do
grupo extremista em que tentava ingressar...

Osman continuou com suas alegações:

[OSMAN.PARIS:

Logo depois daquela nossa primeira conversa, recebemos ordens para suspender os contatos por canais menos seguros até que esclarecêssemos o que havia acontecido.

Daí quando finalmente tapamos todos os buracos e punimos todos os culpados, ainda me vêm os caras da rede social e apagam mais uma vez minha conta de usuário...

[MESTRE01:

É... Percebi mesmo que sua conta antiga tinha sumido do mapa...]

[OSMAN.PARIS:

Pois é... isso acontece direto e atrapalha demais

a continuidade do meu trabalho. Mas não é nada que não dê pra contornar com o tempo...]

Engraçado... Contrariando as expectativas que existiam quanto à natureza mais agressiva dos integrantes da Ofensiva, o tal Osman transparecia certa placidez em seus dizeres. Mais que isso... revelava-se também educado e bastante agradável no trato com Arthur.

O cara não parecia nenhum mostro sanguinário nem nada parecido com isso. Ainda assim, ou talvez até mesmo por esse motivo, Arthur achou melhor tentar reparar qualquer repercussão negativa que suas palavras grosseiras e intempestivas de minutos atrás pudessem ter produzido sobre aquele indivíduo.

[MESTRE01:
Acho que também te devo um pedido de desculpas. Fui meio ríspido quando te chamei de babaca...]

PERIGOSAS NACIONAIS

[OSMAN.PARIS:
Natural que ficasse meio
irritado comigo depois de
tudo o que aconteceu.
Dessa vez tá perdoado...]

Educado, agradável, e também compreensivo pelo visto.

Porém, mal acrescentou o mais novo adjetivo aos supostos predicados de Osman, Arthur notou mais um balãozinho ser adicionado àquele diálogo:

[OSMAN.PARIS:
Mas se pretende realmente
se juntar à IRON é bom que
isso não se repita.
Não costumamos tolerar esse
tipo de desrespeito entre os
membros da Ofensiva.]

Corrigindo então: educado, às vezes agradável, e talvez não muito compreensivo... Fica a dica.

Arthur engoliu em seco. Externando uma certa sem-gracice no rosto em decorrência daquela

PERIGOSAS ACHERON

advertência, procurou sinalizar em seguida que entendeu alto e claro o recado que lhe foi dado:

[MESTRE01:
Não se preocupe, Osman...
Não vai acontecer de novo.]

[OSMAN.PARIS:
Assim espero. Mas vamos
ao que interessa...]

[OSMAN.PARIS:
Como falei antes, teremos
que nos encontrar.
Até poderia adiantar alguma
coisa com vc aqui através da
rede, mas sempre que posso
gosto de ter essa primeira
conversa olhando nos olhos
dos meus recrutados.]

Arthur, ainda remoendo o puxão de orelha recém-levado, e num último esforço de reverter a má impressão que tinha causado, colocou-se à inteira disposição de Osman.

PERIGOSAS NACIONAIS

[MESTRE01:

Por mim, o quanto
antes melhor.

Que tal hoje? Se for
conveniente pra vc,
posso te encontrar
imediatamente.]

[OSMAN.PARIS:

Hoje sim, Mestre01... mas
receio que terá que esperar
até a noite pelo nosso
encontro.

20hs tá bom pra vc?]

[MESTRE01:

Tá ótimo.]

[MESTRE01:

Sabe, Osman... Tenho que
confessar que estou ansioso
para começar a colaborar
com a Ofensiva...]

Ok, Ok... Essa babada de ovo sim foi o último

PERIGOSAS ACHERON

esforço de Arthur para reverter a má impressão que causou... E, teoricamente, colocou:

[OSMAN.PARIS:
Fico feliz em saber que
continua com a mesma
vontade e a mesma
disposição que mostrou
no outro dia...
Essa sua energia será muito
bem-vinda na Ofensiva.]

Ligeiramente aliviado com a réplica que leu na tela de seu celular, Arthur agora só precisava saber onde se daria a nova tentativa de reunião com Osman. E foi exatamente o que buscou descobrir com sua próxima mensagem:

[MESTRE01:
Que bom então...
Quanto ao encontro de
mais tarde, é só me falar
o local que apareço lá.]

[OSMAN.PARIS:
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não se preocupe com isso.
Vou mandar um dos nossos
te trazer até aqui.]

[MESTRE01:
Como preferir.
Na verdade é até melhor
assim, pois economizo a
grana que gastaria no
metrô pra chegar até aí...
Depois de tanto tempo
esperando essa
oportunidade, meu
dinheiro já tá quase
no fim.]

Arthur não esperou uma réplica de Osman
para dar continuidade à conversa:

[MESTRE01:
Só tem uma coisa... Não
decorei o endereço certinho
daqui pra te passar. Vou
confirmar e te mando logo
em seguida...]

PERIGOSAS ACHERON

Lorota pura de Arthur! Já tinha ele memorizado muito bem as coordenadas de onde morava, e ainda que não tivesse bastaria recorrer ao chaveiro da quitinete logo ali ao lado, pendendo na fechadura da porta de entrada. Queria mesmo era ganhar um tempo para arrumar um endereço que não fosse o dele para enviar para aquele camarada.

Ao contrário do que este ato poderia indicar, Arthur, naquele momento exato, não estava com medo de se encontrar pessoalmente com Osman nem nada parecido. Já tinha se resolvido internamente quanto a isso desde a ocasião em que aceitou o primeiro convite daquele sujeito e ficou de castigo no Museu do Louvre, sentado por algumas horas aos pés da grandiosa pirâmide de vidro.

Tá bom... talvez estivesse sim um pouco mexido com a nova oportunidade que se punha diante dele, no entanto não era esse certo alvoroço que o impedia de passar o nome da rua e o número do prédio para o seu interlocutor. O temor de fazê-lo se resumia ao fato de que mantinha escondidos dentro daquele pequenino apartamento todos os seus documentos.

Vai que esse Osman resolvia num dia desses

fazer uma visitinha forçada e passar um pente-fino naquele lugar, vai que Arthur dava o azar de o dito-cujo achar exatamente o que mais prezava resguardar? Se algo assim acontecesse, Arthur veria a única regra que impusera a si mesmo, a de não envolver seus entes queridos nessa história, ir direto pro buraco...

Fora que mantendo a localização daquele estúdio que ocupava em sigilo, fruiria de um lugar seguro pra ir depois do encontro de logo mais se alguma coisa lá no tal compromisso não saísse de acordo com o esperado. De fato, nesse caso, seria interessante sim ter um refúgio onde nada nem ninguém pudessem alcançá-lo até que repensasse seus próximos passos.

Só que as palavras ulteriores de Osman evidenciaram que Arthur nem precisava se dar ao trabalho de falsear seu endereço parisiense:

[OSMAN.PARIS:

Não será necessário. Sei
exatamente onde vc mora.

Esteja lá embaixo às 20hs.]

Arthur se surpreendeu ao ler aquilo! Nesta
PERIGOSAS ACHERON

feita, o recado implícito de que vinha de alguma maneira sendo espionado não passou batido.

Putá merda! Será que ele acessou a minha localização através desse diabo desse aplicativo?

Poderia até ser isso! O tal programa que instalou em seu aparelho telefônico deve ter trazido dentro dele algum tipo de vírus...

Sim, era plenamente possível! Mas Arthur só descobriria a verdade algumas horas mais tarde...

Sem mais nada, ou quase nada, a esconder, ciente de que o seu endereço já se achava mais do que devassado, Arthur quis pelo menos se assegurar de que sua carona não seria enviada para o lugar errado.

Não estava nem um pouco disposto a ficar esperando que nem um paspalho por um carro que nunca iria chegar...

[MESTRE01:
Tem certeza então de
que não preciso te
mandar o endereço?]

Osman foi enfático em sua resposta:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[OSMAN.PARIS:
Absoluta.]

Diante de tamanha convicção daquele cidadão, restava a Arthur apenas ratificar o que haviam combinado:

[MESTRE01:
Ok então... 20hs estarei
esperando na porta.]

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 37 – O GRANDE ENCONTRO

O dia custou a passar.

E nem poderia ser diferente... Afinal de contas, sempre que se aguarda avidamente por um momento tão importante e desejado quanto esse, os ponteiros do relógio simplesmente parecem estacionar e conspirar contra a passagem do tempo. Quem nunca passou por algo parecido?

No caso específico de Arthur, desprovido de um relógio analógico para ficar consultando compulsivamente e, por consequência, verificar tal fenômeno se materializar em seus marcadores, coube ao display digital do celular acusar a morosidade no decurso dos minutos.

Deu uma boa fuçada na “Rede IRON”, ligou a TV, recorreu aos joguinhos eletrônicos no celular... Todavia nada parecia ser capaz de suprimir aquela sensação de que o sábado transcorria em câmera lenta.

PERIGOSAS NACIONAIS

Soava até um pouco incoerente, não é verdade? O mesmo Arthur que dispunha de um prazo de validade reduzido no mundo dos vivos era o que se achava ali usando de todos os artifícios que tinha à mão para matar o seu tão precioso tempo...

Bom... Incoerências e conspirações à parte, e após uma verdadeira eternidade, enfim, sete e cinquenta da noite.

Decidido a esperar o restante dos minutos lá embaixo, a hora de descer havia chegado.

Abriu a janela da quitinete alugada. Apesar dos seis graus Celsius, não perdeu a coragem de meter a cara pela ventana e dar uma espiada na entrada do edifício.

Nada! Nenhum carro parado por ali.

Calma, Arthur... ainda não deu o horário marcado..., tentou ele exorcizar o fantasma do primeiro encontro frustrado.

Janela fechada.

Vestiu o moletom. Casaco por cima para enfrentar a noite que parecia ainda mais fria que a anterior. Meias, tênis, luvas, cachecol enrolado no pescoço. O inseparável boné na cabeça e o *smartphone* no bolso.

PERIGOSAS ACHERON

Já ia deixando o apartamento quando voltou pra trás. Considerou sensato levar consigo alguns trocados. Imagina se dava uma louca lá no camarada da Ofensiva e ele resolvia que não haveria carona de volta pra casa? Imagina então se um troço desses acontece num lugar pertinho de onde Judas perdeu as botas? Melhor prevenir do que remediar, quer dizer, melhor levar consigo um dindim do que ter que se matar de tanto andar...

Agora sim cruzou o vão da porta. Passou a chave na sua residência temporária, desceu os lances de escadas.

Térreo.

Acionou o interruptor de parede que destrancava o portão do prédio.

Só que quando puxou o tal portão, Arthur, dominado pela ansiedade que o momento lhe proporcionava, tomou um baita susto ao topar com um indivíduo todo encapotado plantado ali do lado de fora junto ao interfone.

Era só o que faltava! Ser surpreendido por uma tocaia bem na porta de sua casa!

Com o coração batucando na garganta, levou quase um segundo até que Arthur percebesse que não se tratava de nenhuma ameaça: era apenas um

PERIGOSAS NACIONAIS

de seus vizinhos chegando da rua com um pacote de bisnagas enfiado debaixo do braço, o brasileiro que lhe fora apresentado por Marie logo no primeiro dia de estada em Paris e que participara com a esposa do *tour* guiado pelo bairro.

Ô lugarzinho danado pra pregar esses sobressaltos em Arthur...

Procurando mascarar o espavento, Arthur cedeu passagem e cumprimentou seu conhecido com um sorriso meio sem graça no rosto.

Já do lado de fora, cerrou o portão.

Nenhuma outra alma viva defronte ao edifício. Deu uma boa examinada nos arredores para se certificar de que estava realmente sozinho: aparentemente mais ninguém ali por perto...

Daí então uma buzinadinha um tanto afastada, à direita de onde se achava, chamou sua atenção. Arthur apontou então o nariz naquele sentido e vislumbrou um carro estacionado mais para o final da rua piscar os faróis na sua direção.

O referido veículo deu partida logo em seguida e percorreu vagarosamente os pouco mais de sessenta metros que os separavam.

Espera aí... acho que conheço esse carro..., cismou ele enquanto o automóvel se aproximava.

PERIGOSAS ACHERON

Arthur teve quase certeza de que se tratava do mesmo sedã escuro utilizado pelos encrenqueiros para cercá-lo na noite passada! Marca, cor e modelo, ao menos, eram os mesmos...

Putz... Será que um daqueles caras de ontem me seguiu até em casa e eu não percebi nada?, lamuriou ele já meio que arrependido por não ter reparado na placa do veículo dos baderneiros e pressentindo o tamanho do abacaxi que teria que descascar se de dentro daquele sedã saltassem quatro ou cinco elementos a fim de brigar.

Porém, apesar da desconfiança de Arthur, era muito difícil que fosse algo desse tipo... Além de ter deixado os tais arruaceiros nocauteados no chão, ainda teve o cuidado de conferir reiteradamente se nenhum deles tentava acompanhá-lo no caminho de volta pra casa.

Não que ele tivesse o hábito de andar pra cima e pra baixo pela cidade preocupado com o fato de estar ou não sendo seguido. Nada disso! A verdade é que, depois daquele quebra-pau todo que se deu na véspera, foi praticamente impossível para Arthur caminhar mais do que uma centena de metros sem verificar ao menos uma vez se havia ou não alguém no seu encalço, acobertado pela multidão das

PERIGOSAS NACIONAIS

avenidas mais badaladas ou se esgueirando sorrateiramente atrás dele naquelas menos movimentadas.

Se fosse esse o caso, se tais baderneiros realmente o tivessem localizado, Arthur até não se importaria em arrebentar a cara daqueles sujeitos de novo... Mas será que tinha que ser justo na hora que saía da toca pra se encontrar com o recrutador da Ofensiva? Poxa... ficou o sábado inteirinho à toa querendo arrumar algo pra acelerar a cadência do dia e, logo agora que não podia, as circunstâncias davam a entender que se tornaria alvo da desforra daqueles calhordas.

Em contrapartida, numa tentativa de avaliar o cenário pessimista por uma outra perspectiva, ponderou que circulavam pelas vias daquela cidade uma infinidade de automóveis idênticos àquele. Quem sabe não era mais um entre os milhares, apenas uma grande coincidência...

Ainda sem saber do que se tratava ou o melhor modo de proceder, resolveu ficar ali parado e pagar pra ver o que viria a acontecer.

Carro parado diante de Arthur.

O vidro fumê do motorista se abaixou e o sujeito que surgiu por trás do volante colocou o

PERIGOSAS ACHERON

rosto pra fora da janela.

Arthur não reconheceu aquele elemento como sendo um de seus adversários da noite anterior, o que já era um bom sinal. Todavia isso por si só não era garantia suficiente para descartar completamente a teoria de uma revanche pela briga sucedida na véspera e que perturbava sua mente.

Daí quando escutou o exato codinome com que fora cadastrado para acessar a Rede IRON saindo da boca daquele camarada, Arthur amassou e jogou no lixo o receio de uma represália.

– Mestre-Zero-Um? – interpelou o homem.

Arthur respondeu balançando a cabeça positivamente.

– Osman me mandou aqui pra te buscar. – complementou ele num inglês carregado de sotaque local. – Sobe aí.

Arthur atendeu imediatamente ao pedido e deu a volta pro lado oposto do veículo.

Só depois de embarcar no assento da frente que Arthur percebeu no banco traseiro a existência de mais um passageiro. O breu ali dentro impediu que visse claramente o rosto do segundo sujeito.

– E aí? – disse Arthur com a intenção de saudar aqueles dois indivíduos.

O motorista, ostentando um sorriso forçado, chegou até a acenar com a mão que segurava o volante e a resmungar alguma coisa de volta para Arthur. Já o camarada de trás não esbanjou tanta simpatia: manteve-se imóvel e absolutamente calado diante da alocução de Arthur.

O condutor nem sequer esperou o carona afivelar o cinto para arrancar o carro.

– Conhecem Osman há muito tempo? – questionou Arthur pouco depois na esperança de quebrar o gelo e estabelecer um diálogo amigável.

A reticência que se seguiu denotava que a dupla ali não estava muito a fim de fazer um novo amigo ou de iniciar um bate-papo.

Permaneceram então todos mudos pelos quase cinquenta minutos de trajeto. Andaram bastante sim, porém o zigue-zague excessivo e o tráfego exagerado em alguns pontos também contribuíram, e muito, para o tempo prolongado de percurso.

A velocidade reduzida ao entrarem numa ruazinha indicava a Arthur que o passeio de automóvel poderia estar próximo do fim... e realmente estava.

Enquanto estacionavam, o indivíduo que viajava no banco de trás sacou o celular e fez uma

chamada. A conversa que se seguiu se resumiu a uma única palavra: “Chegamos.”.

Desceram do carro.

Arthur não tinha a menor noção de sua localização atual. Não sabia nem ao menos se ainda se encontrava em Paris ou se já estava em uma das cidadezinhas avizinhas. As dezenas de casinhas de dois andares enfileiradas à sua volta só faziam crer que se tratava de um bairro tipicamente residencial.

Caminharam em direção a um dos imóveis, o de número dezenove. Muros e paredes externas amarelas, grades e janelas esbranquiçadas.

Antes mesmo que tocassem a campainha, viram uma jovem mulher entreabrir a porta de entrada.

– Esse é o cara? – perguntou ela na língua inglesa aos seus comparsas.

Após a confirmação que buscava, a moça terminou de abrir a porta e permitiu que aqueles três diante dela ingressassem nas dependências da casa.

Meia-luz propiciada por um abajur. Sala retangular, mais extensa do que larga. Não muito ampla, mas também longe de ser acanhada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Cortinas cobrindo as janelas, tapetes sobre a tábua corrida do chão. Do lado de cá, sofá à esquerda de frente pra uma televisão, e no de lá, mesa quadrada de jantar para quatro. Pelas paredes nenhum quadro dependurado.

Foram conduzidos pela mulher até o centro do cômodo.

– Esperem aqui que vou chamá-lo. – disse ela antes de desaparecer por um vão nos fundos da referida sala.

Um dos indivíduos que veio dentro do veículo com Arthur, o passageiro, sentou-se no sofá e acendeu um cigarro, o motorista manteve-se de pé a pouco mais de um metro à esquerda do convidado. Enquanto o anfitrião não dava as caras, seus dois correligionários cães de guarda mantiveram os olhos grudados em Arthur.

Com o desenrolar dos minutos, o clima ia ficando mais pesado. O ar do ambiente ia se misturando ao cheiro desagradável do tabaco queimado. O silêncio só não era total por conta do som longínquo e quase contínuo de aviões que invadia o recinto, fato que talvez prenunciasse a proximidade daquela localidade a um dos aeroportos que atendiam a cidade.

PERIGOSAS ACHERON

Cada segundo despendido ali servia apenas para intensificar a atmosfera de tensão...

Será que o tal Osman mais uma vez não daria o ar de sua graça?

Arthur começava a ficar agoniado com a delonga... Mais alguns instantes e já não conseguiria disfarçar sua apreensão.

Sacou as luvas e guardou-as no bolso da blusa de frio ao sentir o suor intentando abrolhar de suas mãos.

Foi quando a mulher de antes retornou prometendo o fim daquela tão aflitiva situação:

– Ele já está vindo. – anunciou ela antes de se instalar de frente para Arthur numa das cadeiras que rodeavam a mesa de jantar.

Mal a moça se acomodou, uma pequena comitiva de pessoas, todas do sexo masculino, pouco a pouco invadiu o lugar.

O indivíduo que puxava a fila avançou no intuito de se sentar no sofá junto ao colega fumante.

Daí então veio o *déjà-vu*...

Assim que aquele primeiro dos sujeitos passou à sua direita com um gorro bicolor recobrindo as madeixas, Arthur teve a nítida impressão de que já

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha visto alguém fazendo uso de um acessório de frio bastante assemelhado àquele num passado não muito distante.

Encucado, Arthur fritou os neurônios vasculhando suas memórias.

Ué! Onde foi que vi esse troço?, matutou ele.

E de repente, o estalo na mente. Arthur se viu transportado instantaneamente à terça-feira do bolo no museu do Louvre, mais precisamente ao momento em que chegava ao seu prédio já todo decepcionado depois do ocorrido e se colocava defronte ao interfone para inserir ali a senha de acesso ao edifício.

Reviveu em detalhes aqueles míseros segundos nos quais o casalzinho que vinha andando logo atrás dele cortou a calçada bem ao seu lado: rapaz sisudo fuzilando-o com os olhos, loira da pele branquinha se retratando com um aceno de mão em sua direção.

Foi o suficiente...

Ao retornar desse breve *flashback*, Arthur não tinha mais dúvidas... A sensação paramnésica causada pelo elemento que transitava ali à sua direita não era mero *déjà-vu*! Aquele era o cara do outro dia usando o mesmíssimo gorro cinza e azul!

PERIGOSAS ACHERON

E não parou por aí! Mantendo a imagem do casal daquela terça-feira em sua cabeça, Arthur mirou a mulher de pele e cabelos claros sentada à mesa à sua frente e... surpresa! A moça loira e educada da outra noite e aquela sentada bem ali diante dele eram nada mais nada menos que a mesma pessoa!

Então foi assim que descobriram meu endereço..., concluiu Arthur ao reconhecer aqueles dois.

Sim... Agora estava explicado! O tal Osman podia até não ter aparecido lá no dia das pirâmides de vidro, porém não o fez sem colocar alguns de seus capangas atrás daquele tão afoito postulante à Ofensiva, daquele tão descuidado e suspeito Mestre_01KravMaga que surgira nas redes sociais espalhando aos quatro ventos sua urgência em mudar de vida.

Mas se Arthur achava que já tinha relacionado todos os fatos, eis que surge algo inesperado... Ao cambiar sua atenção ao segundo homem da fila, não pôde deixar de notar nele o nariz meio amassado e os olhos inchados e arroxeados.

Putá merda! É aquele camarada de ontem!, exclamou Arthur por dentro ao identificar aquele

sujeito como sendo o mais habilidoso dos caras com quem na véspera trocara tapas em seu caminho de volta pra casa.

Vendo um dos adversários da noite anterior no mesmo local em que se daria o seu compromisso com o recrutador da Ofensiva, ficou fácil para Arthur ligar mais alguns pontos e presumir que o ataque que sofrera quase vinte e quatro horas atrás não era uma tentativa de roubo ou mera diversão de um punhado de jovens violentos e desocupados, mas sim algo premeditado e minuciosamente orquestrado pela IRON.

E Arthur estava coberto de razão... Não se tratava simplesmente de estar no lugar errado e na hora errada! Saberem onde morava não foi o bastante para aqueles camaradas... Precisaram também pôr à prova as competências do Krav Maga que nos ambientes virtuais ele tanto exaltava, testar se a designação de “mestre” que adotava em seu nome de usuário se mostrava realmente adequada.

Feições sérias, o indivíduo que teve o rosto estragado por Arthur seguiu seu curso vindo a se escorar na parede adjacente à porta de entrada e, tal qual o primeiro da fila, sem proferir uma única

sílaba.

Outros dois homens se colocaram na sala diante do visitante encerrando a minicomitiva.

O da esquerda Arthur também já conhecia da véspera: era o cidadão que ganhara dele uma linda e elegante gravata, ou, num linguajar mais direto e descomplicado, o que fora derrubado desacordado depois de ser presenteado com um mata-leão bem apertado. Quanto ao da direita, que com seus vinte e oito ou trinta anos de idade aparentava ser o mais velho daquela turminha, poderia jurar que nunca o tinha visto em toda a sua vida.

E foi justamente esse último dentre os citados que iniciou a conversa com Arthur:

– Então você é o famoso Mestre-Zero-Um, hein?

– Não sei se famoso, mas sou eu sim. – respondeu modestamente o aspirante a soldado.

– É famoso sim... – reafirmou o homem. – Tenho escutado muita coisa a seu respeito, principalmente depois da noite de ontem... Me disseram que você tem se dedicado a aprender sobre os dogmas do islã em grupos de estudos, que é frequentador assíduo das mesquitas nos horários de oração, e que se mostrou um guerreiro vigoroso

e destemido quando exposto ao perigo... – complementou ele consultando com os olhos o colega que se achava de pé bem ao seu lado.

O sujeito que testemunhara na véspera toda a desenvoltura de Arthur, e que ao final da ação ainda teve o desprazer de ser estrangulado e jogado desmaiado no chão, corroborou a fala de seu companheiro com um movimento positivo de cabeça.

Além dos fatos que já tinha constatado ao se deparar com algumas das figuras presentes naquela sala, agora ficava claro para Arthur que sua rotina na capital francesa vinha sendo monitorada de perto por aqueles caras. E sem que ele percebesse absolutamente nada...

Quais outras revelações aquela noite reservava?

– Então quer dizer que vocês têm me vigiado esse tempo todo, né? – perguntou Arthur meio que afirmando.

O homem tentou se justificar da acusação fazendo uso de seu inglês impecável:

– Sim, temos te vigiado... E espero que entenda que tudo o que fizemos foi necessário... – pleiteou ele um pouco da compreensão de Arthur. –

Conforme comentei hoje mais cedo, tivemos que ser mais cautelosos depois daquele episódio do Eurotúnel.

“Conforme comentei hoje mais cedo...”. Foi o bastante para Arthur deduzir quem era aquele indivíduo que lhe dirigia a palavra:

– Você é o Osman?

– Sim e não. – retrucou enigmaticamente o cidadão.

Percebendo em seu aliciado uma certa cara de interrogação, o homem esclareceu melhor a situação:

– Meu verdadeiro nome é Abdul-Alin... Sou o principal responsável aqui na região de Paris por identificar e atrair novos talentos para a Ofensiva Radical Islâmica. Osman é o nome que assumo quando cumpro com esse meu papel no mundo virtual.

Logo que se apresentou, o anfitrião estendeu a mão ao seu convidado a fim de cumprimentá-lo.

Pelo visto, não só Arthur se preocupava em manter um certo segredo acerca de sua identidade real... Agora, se Osman, ou melhor, se Abdul-Alin o fazia por razões similares às de Arthur, isso era uma outra história, a ser abordada um pouquinho

mais à frente naquele papo.

Soaria um tanto mal-educado se Arthur deixasse a mão de seu interlocutor ali boiando no vácuo. Então, com um sorriso discreto no rosto, deu dois passos à frente e balangou o braço do sujeito enquanto lhe aplicava um firme aperto de mão. Feito isso, recuou à sua antiga posição.

Querendo evitar novos questionamentos quanto ao seu verdadeiro nome, Arthur tratou de dar andamento na conversa e desfazer aquele clima de apresentações:

– Então se estou aqui hoje diante de você é porque tenho algo que interessa à Ofensiva...

De alguma maneira, os dizeres de Arthur acionaram o modo “discurso” no recrutador da IRON:

– A Ofensiva se interessa por todos que se interessam por ela. Precisamos e sempre precisaremos de todo o apoio que conseguirmos e só assim alcançaremos nossos objetivos... Dependemos das pessoas que se identificam com a causa para seguirmos subjugando os infiéis e todo o tipo de injustiça, para mantermos e fortalecemos o califado já estabelecido no Irã, no Iraque e na Síria e para ampliarmos os territórios que conquistamos

mais recentemente no sudeste da Turquia... E só com o amparo dessas pessoas que também temos condições de cravejar nosso recado no seio das nações que agridem o nosso povo e as nossas crenças.

O homem encheu os pulmões antes de prosseguir:

– Como pode perceber, toda a ajuda é muito bem-vinda... Mas falando especificamente do seu caso... Sim, você de fato nos interessa. E muito! Fluência na língua inglesa, conhecimentos avançados de Krav Maga... Você chega num momento oportuno. Sei exatamente onde poderemos utilizá-lo!

Arthur esboçou um sorriso nos lábios. Estava bastante animado com o que ouvia. E não era para menos... Enfim colocava ele o pé dentro da Ofensiva! A etapa que considerava uma das mais difíceis de sua empreitada aparentemente estava vencida!

– Basta me dizer como posso ser útil que ficarei feliz em fazer parte da mudança que a IRON propõe ao mundo.

– Calma, Zero-Um... Seus talentos realmente me chamaram a atenção. Tenho planos para você

sim... Só que antes de revelá-los a você, ainda tenho algumas questões que precisam ser esclarecidas. – falou o homem com a mesma serenidade na voz de antes, porém trazendo agora um semblante mais malicioso.

O sorriso que Arthur tinha no canto da boca sumiu. Não entendeu muito bem o que Abdul-Alin quis dizer com aquilo, todavia poderia apostar que coisa boa não era. Será que ele havia comemorado cedo demais sua entrada na Ofensiva?

O homem deu sequência ao seu raciocínio:

– Sabe... Sua história é igualzinha a outras dezenas que já passaram por mim. Caras meio perdidos, com uma certa pressa pra mudar de vida... Aliás, essa história também é bastante parecida com a minha de alguns anos atrás. Além disso, nesse tempo todo em que te seguimos, não encontrei nenhum motivo para desconfiar de você...

Arthur ainda não tinha compreendido aonde o recrutador queria chegar. Como tudo que escutava até então parecia credenciá-lo à IRON, aquele cidadão só poderia estar preparando o terreno para depois contestá-lo...

Então, incomodado com o excesso de rodeios, Arthur interveio na fala daquele sujeito, na

PERIGOSAS NACIONAIS

esperança de abreviar aquilo que aparentava ser uma inconveniente e dispensável encheção de língua:

– Mas...?

– Mas, apesar disso, minha intuição continua buzinando em meu ouvido que algo em você não faz muito sentido. – resumiu Adbul-Alin.

– Como assim? – admirou-se Arthur com a declaração.

O homem foi mais específico:

– Quem é você afinal, Zero-Um?

– Sou exatamente isso aí que você falou. Um cara que nem você, que se perdeu diante das frustrações da vida e que tem pressa pra mudar a página... Um cara que se cansou do mundo como ele é e que tá disposto a fazer sua parte para mudá-lo. – replicou Arthur pegando gancho nos dizeres recentes do cidadão à sua frente.

Insatisfeito com a resposta um tanto vaga de seu recrutado, o homem, mantendo a expressão gaiata no rosto, deslocou vagarosamente sua mão direita para trás de seu corpo. E com a mesma ligeireza com que iniciara o movimento, trouxe à conversa uma pistola preta semiautomática que sacara do cóis da calça.

PERIGOSAS ACHERON

Quando vislumbrou a arma, os olhos de Arthur se arregalaram. Por essa ele não esperava! Quer dizer... até esperava que pudesse acontecer, porém não daquele jeito, não num momento supostamente tão civilizado do bate-papo.

Sem movimentos bruscos, Adbul firmou sua mão esquerda em seu antebraço direito e repousou o persuasivo e intimidador objeto sobre o próprio abdômen. Certo de que receberia réplicas menos oblíquas agora que ostentava o fala-verdades, o aliciador reformulou sua pergunta e repisou o ponto que mais o inquietava:

– Por que evita tanto assim falar o seu nome?

A arma em punho e o tom mais enfático sinalizavam a Arthur que as respostas evasivas que vinha dando não agradavam. Era hora de ele escolher muito bem as suas próximas palavras, pois poderiam ser a diferença entre prosseguir em seu projeto desajuizado ou ver-se forçado a encerrá-lo por ali mesmo de uma vez por todas.

– Meu nome não me representa mais. Prefiro escolher um novo e deixar o antigo enterrado junto com todo o meu passado. – retrucou Arthur. – Espero que entenda... – acrescentou ele recorrendo à mesma artimanha empregada ainda há pouco pelo

seu interlocutor.

Foi o melhor que pôde pensar naquele instante para manter viva a oportunidade de ingressar na Ofensiva sem envolver todos aqueles com quem já se importou um dia.

Apostou todas as suas fichas nessa última cartada... um verdadeiro *all in* de um amador numa mesa de pôquer repleta de profissionais! Azar se estava se arriscando a levar chumbo no meio das fuças ao insistir nessas argumentações excessivamente vagas. Ou continuava no jogo do seu jeito ou preferiria ter seus miolos espalhados pelo chão... Nos propósitos de Arthur não havia margem para uma terceira opção.

Agora restava esperar pra ver se essa embromação somada ao apelo que fez à compreensão de Abdul-Alin renderiam o resultado almejado.

O homem com quem Arthur dialogava expeliu ar pelo nariz numa bufada acompanhada de um sorriso irônico. Seu recrutado, mesmo perante a pistola semiautomática, teimava na estratégia de desconversar. Ele até admirava aquela coragem, porém não estava inclinado a ficar tolerando indefinidamente esse tipo de malandragem:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Até entendo sim... Mas essas suas respostas me dizem que você esconde algo de mim... – contraditou Abdul-Alin.

Depois disso, o sujeito se exasperou. Indicando que sua paciência havia acabado, apontou a arma para a cabeça de seu convidado e esbravejou:

– Você é polícia?

– Não! – exclamou Arthur levantando as mãos lentamente para cima num claro gesto de rendição.

– Espião inglês, agente da CIA? – emendou o homem na sequência.

– Não! – repetiu Arthur estranhando a indagação.

Abdul deslocou-se meio metro à frente mantendo o braço direito esticado em direção ao visitante.

– Olha, cara, não precisa disso... Abaixе essa arma pra ninguém sair ferido. – ponderou Arthur procurando contornar pacificamente aquela autêntica sinuca de bico.

O anfitrião não deu ouvidos. Ignorando o pedido que lhe foi feito, aproximou-se ainda mais e deixou o ferro a praticamente um palmo do queixo de Arthur.

PERIGOSAS ACHERON

– Quem é você afinal? – urgiu o recrutador da IRON outorgando uma derradeira chance para que seu aliciado se explicasse.

Foi quando, num golpe rápido, Arthur segurou o cano da arma com sua mão esquerda e torceu-o, ao mesmo tempo que atingia o punho do homem com sua mão direita.

A combinação de movimentos redundou no desarme perfeito! Num piscar de olhos, Arthur tomou para si a pistola e apontou-a, segurando-a com as duas mãos, de volta para o queixo do sujeito.

Foi tudo tão ligeiro que não houve brecha para nenhuma reação. Abdul-Alin só sentiu a pancada no pulso e a mão sendo dobrada para dentro até que viesse a soltar o objeto de metal, e os outros seis presentes ali, quando caíram em si, viram apenas que a arma tinha mudado de mãos.

– Se alguém se mexer, é o fim desse cara aqui!
– alertou Arthur aos demais enquanto se reposicionava na sala.

Mantendo Abdul-Alin sob sua mira, Arthur se deslocou à direita de onde estava.

Já de costas para a parede lateral do recinto, e desfrutando de uma visão mais ampla tanto do

PERIGOSAS NACIONAIS

cômodo quanto de seus ocupantes, fez novas exigências, dessa vez dirigindo a palavra diretamente ao sujeito com quem até então conversava:

– Peça aos seus amigos pra levantarem as mãos bem devagar e não tentarem nenhuma bobagem.

– Vocês ouviram o cara... – disse o homem com um ar de derrota estampado no rosto.

Os colegas de Abdul-Alin obedeceram prontamente à solicitação e estenderam os braços para cima.

– De joelhos! – exigiu Arthur ao recrutador da Ofensiva.

O homem acatou a ordem.

Ciente de que a virada de mesa que perpetrara não duraria pra sempre, Arthur precisava achar, o quanto antes, um jeito de se safar desse impasse. Porém, quando decorridos os poucos segundos que concedeu a si mesmo para refletir a respeito, soube ele que a única solução viável que encontraria para cortar esse nó górdio seria utilizar toda aquela situação e, principalmente, a arma a seu favor. E foi o que ele fez...

Tendo o sujeito totalmente dominado à sua

PERIGOSAS ACHERON

frente, Arthur lhe deu uma última recomendação:

– Sabe... é bom pensar duas vezes antes de sacar uma arma pra quem não tem medo de morrer... – declarou ele puxando o percutor da pistola para trás preparando-a para o disparo.

Meio que prevendo o que iria acontecer, Abdul fechou os olhos com força e virou o pescoço ligeiramente para o lado.

Só que ele estava enganado...

Não fazia parte da solução de Arthur servir-se da arma para criar um buraco na cabeça do camarada ajoelhado à sua frente nem descarregar o pente de balas nos outros caras para formar uma pilha de cadáveres. A saída não passava pela violência, e sim pela inteligência.

– Levante-se, por favor. – pediu Arthur num tom mais amigável.

O homem, sem compreender o que estava ocorrendo, abriu os olhos e cumpriu o comando que lhe fora dado.

– Não tenho nada a perder, mas também nada a esconder. Não sou polícia, nem espião, nem coisa parecida... – anunciou Arthur desengatilhando a pistola. – Se fizer tanta questão assim, posso até te falar o meu nome, do contrário só peço que respeite

PERIGOSAS NACIONAIS

a decisão que tomei de deixar o meu passado enterrado...

Na sequência, Arthur segurou a arma pelo cano e ofereceu-a de volta ao seu antigo proprietário.

Pasmo, o sujeito estendeu a mão e recuperou seu apetrecho bélico. Os outros, ao testemunharem a cena, perceberam que não precisavam mais permanecer com as mãos levantadas em direção ao teto.

Arthur completou:

– Tô aqui hoje porque simpatizo com a causa da Ofensiva. Só por isso... Caso realmente tenha motivos pra desconfiar de mim, fique à vontade pra atirar, pois minha vida não terá mais nenhuma serventia.

Absorto, o recrutador olhou seu recrutado no fundo dos olhos e, após alguns instantes de silêncio, proferiu seu veredicto:

– Não será necessário... Vejo sinceridade em você e ouço verdade em suas palavras. Vou respeitar sua decisão.

Abdul-Alin recolocou a arma na cintura da calça, exatamente de onde a havia tirado, e continuou:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Olha... Peço desculpas pelo meu excesso de zelo... Talvez eu esteja meio surtado com o fato de termos encontrado um agente infiltrado dentro da IRON... O cara tava passando informações para o governo francês e melou o esquema do Eurotúnel.

O comportamento mais sereno daquele cidadão revelava que a estratégia de Arthur tinha funcionado. Parecia que havia finalmente conquistado a confiança do aliciador da IRON. Satisfeito e também muito aliviado com o resultado favorável de seu ato, o aspirante a soldado da Ofensiva externou ao homem à sua frente que nenhum ressentimento quanto àquilo ficaria guardado:

– Esquece... Não precisa se desculpar por isso.

– Como pode perceber, os inimigos são muitos... Não vou mentir pra você: se realmente resolver seguir com a gente, a batalha será sim muito dura, mas posso garantir que a recompensa para os que acreditam em nossa causa é magnífica. Mais que isso... a recompensa é eterna... é divina!

Psicologicamente arrasado pelo câncer, de posse de sua nova percepção de mundo e, sobretudo, cegado pelo desejo de realizar algo verdadeiramente grandioso, Arthur disse “sim” à

PERIGOSAS ACHERON

IRON:

– É o que mais quero. – respondeu ele com convicção.

Talvez Arthur realmente enxergasse que assim contribuiria para melhorar o planeta. Para olhos não tão perturbados quanto os dele, talvez estivesse justamente remando em sentido contrário...

– Já se converteu ao islamismo?

– Me considero convertido. Abandonar minha antiga religião fez parte do processo que atravessei nesse último mês de me desligar do meu passado...

– É o bastante pra mim... Então, bem-vindo à IRON! Ficaremos felizes em tê-lo ao nosso lado... – proclamou o homem dando dois tapinhas sobre o ombro esquerdo de Arthur.

– E eu feliz em colaborar com a Ofensiva. Obrigado pela oportunidade. – respondeu com uma certa alegria impressa no rosto.

E essa aparente facilidade para ingressar no grupo extremista evidenciava a urgência que tinha a IRON em angariar novos soldados. E não era para menos: a estratégia de expansão territorial e de aterrorização mundial ainda há pouco relatada naquela conversa exigiria de Abdul-Alin e de seus demais colegas aliciadores o maior número

PERIGOSAS ACHERON

possível de colaboradores que eles todos pudessem arrebanhar.

O recrutador prosseguiu com o diálogo:

– Não me importa o seu antigo nome. Escolha o que quiser usar daqui em diante... Enquanto não se decidir por nenhum, será conhecido entre nós por Zero-Um. – afirmou reconduzindo o mais novo integrante da IRON ao centro da sala e botando uma pedra sobre aquele assunto.

Parecia bom o bastante para Arthur. E agora que estavam entendidos, quis ele conhecer os tais planos que a Ofensiva tinha para si próprio:

– Antes dessa confusão toda, você mencionou que sabia exatamente onde poderia utilizar os meus talentos...

– Sim... e tem a ver com os territórios que ocupamos nos últimos seis meses na Turquia... Nossa principal meta no momento é consolidar a presença da IRON na região. Precisamos formar novos soldados, fortalecer nossas tropas e você será peça chave nisso tudo...

– E de que forma me encaixo nisso?

– Criamos um centro de instrução por lá e precisamos de alguém capacitado que possa ensinar técnicas de luta aos nossos homens... A noite de

ontem me convenceu que você tem o conhecimento necessário para a função... E como já estamos preparando gente do mundo inteiro nesse lugar, seu inglês será ferramenta muito conveniente para a comunicação durante as aulas.

Nossa! República da Turquia... Lar do Estreito de Bósforo, que separa o continente europeu do asiático e liga o Mar Negro ao Mar de Mármara, da Capadócia com seus balões multicoloridos e suas chaminés de fada, das ruínas de Éfeso, dos dervixes rodopiantes e dos cheiros e sabores dos mercados de especiarias. País dessas e de tantas outras maravilhas, que lutou e resistiu bravamente ao ímpeto de outros grupos extremistas e que agora rachava com o advento recente da Ofensiva.

– Essa missão que te apresento é de extrema relevância para nós. Além de levarmos o treinamento dos nossos colegas muito a sério, entendemos que esse centro de instrução será a base para o sucesso de nossos planos de expansão nessa região e também no mundo. Será uma troca boa para ambos os lados: enquanto treina nossos homens, você será treinado no manuseio de armas, de explosivos e aprenderá mais sobre o funcionamento da IRON. Com boa vontade, se

aproveitar bem essa oportunidade, em pouco tempo poderá assumir uma posição de ainda mais destaque na hierarquia da Ofensiva. – acrescentou Abdul-Alin.

Que bom que Arthur poderia evoluir rapidamente na estrutura organizacional da Ofensiva, não é mesmo? Tempo era justamente o que ele não tinha... No entanto, com alguma sorte, mesmo que escasso, esse tempo seria suficiente para que viesse a marcar a história da humanidade através da IRON.

– Vou dar o meu melhor... – comprometeu-se o mais novo membro da Ofensiva. – Quando começo?

– Assim que chegar à Turquia.

O homem estalou os dedos para o companheiro ao lado e recebeu deste um chumaço de dinheiro. Contou algumas notas e, juntamente com um punhado de orientações, entregou-as para o novato:

– Tome. A partir de agora todas as suas despesas são por conta da Ofensiva... Aqui tem mil euros. Deve ser mais que o suficiente pra você dar seu jeito de chegar a Ancara, a capital da Turquia... Vá de avião, não se preocupe com a imigração. Se

conseguiu entrar na França, que tem sido muito rigorosa na entrada de turistas, dificilmente será barrado ao entrar na Turquia... Esteja lá na capital turca até a quinta-feira que vem, sem falta. Na sexta à tarde, se tudo correr conforme o programado, teremos um carro partindo de lá com destino a esse nosso centro de instrução, e a ideia é que você esteja nele... Haja o que houver, não perca essa janela. Além de eu não saber quando teremos outro transporte de Ancara ao centro de instrução, estamos prevendo que depois dessa próxima semana poderá ficar muito mais complicado pra se entrar na Turquia.

– Ancara até quinta-feira, carro para o centro de treinamento na sexta. – repetiu Arthur os pontos mais importantes enquanto guardava a bufunfa no bolso interno da blusa de frio.

– Até amanhã de manhã te mando uma mensagem pela rede IRON informando o endereço na capital turca em que você deverá ficar e esperar pelo transporte para o centro de instrução... Me avise assim que desembarcar em Ancara e aguarde pela minha autorização para seguir para o tal endereço que ainda irei lhe enviar.

– Ok. – retrucou Arthur.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Algo mais a perguntar sobre isso?

– Acho que não.

– Então agora vou pedir que me dê licença pois ainda tenho muitos assuntos a tratar na noite de hoje. Se surgir alguma dificuldade nessa semana ou algum problema para chegar à Turquia, me manda uma mensagem lá na rede... Boa viagem e, novamente, bem-vindo à Ofensiva.

Abdul-Alin voltou seu olhar ao homem que servira de chofer ainda há pouco a Arthur e ordenou educadamente:

– Por gentileza, leve nosso colega de volta pra casa.

E isso encerrava o tão aguardado encontro entre recrutador e recrutado. Arthur estava agora oficialmente alistado.

Satisfeito, o mais novo membro do grupo acenou a cabeça em despedida para em seguida deixar o recinto acompanhado de seu motorista.

Ao ver a porta da sala se fechar, Abdul se virou para o colega colocado ao seu lado e murmurou:

– Você viu a facilidade que o cara tomou a arma da minha mão?

O parceiro se aproximou um pouco mais de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Abdul-Alin e respondeu ao pé de seu ouvido:

– Não te falei que o cara era foda?

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 38 – ACORRENTADO

Domingo.

O primeiro dia de Arthur como militante da Ofensiva começou cedo com uma consulta à rede IRON. Queria ele saber se Abdul-Alin já tinha enviado a tal mensagem com as coordenadas do lugar onde deveria ficar em Ancara.

E logo que acessou o aplicativo, viu que o sujeito havia cumprido com o prometido. Confirmou ao recrutador o recebimento das informações com um breve agradecimento e reassumiu o compromisso de avisá-lo quando chegasse àquela cidade.

Aproveitando o embalo, Arthur, com o celular já ali em mãos, adiou um pouco mais o café da manhã. Deu uma pesquisada de leve na internet a fim de conhecer as opções de voos que teria naquela semana para desembarcar na capital da Turquia.

Surpreendentemente, apesar de o referido país

PERIGOSAS NACIONAIS

estar envolvido numa verdadeira guerra para expulsar as forças inimigas e recuperar suas terras há pouco perdidas, havia ainda várias alternativas para se chegar de avião a Ancara. É que a região nordeste do país se achava ainda bastante distante da zona de combate e era considerada segura para que companhias aéreas comerciais realizassem pousos e decolagens.

Só os preços que a Arthur pareceram meio salgados... Entretanto os mil euros que recebeu na véspera seriam realmente quantia mais que suficiente para adquirir uma passagem só de ida rumo àquela cidade.

Encerrada a busca, e confiando na informação dada por Abdul-Alin, nem se preocupou em descobrir se haveria a necessidade de correr atrás de algum tipo de visto ou de outro documento específico para passar pela imigração da Turquia.

E se o fizesse também, de nada adiantaria. Decidido a deixar Paris na quarta-feira, ainda que despendesse alguns minutos ou até mesmo horas procurando algo a respeito disso, provavelmente não teria condições de providenciar, assim tão em cima do laço, qualquer papelada diferente daquela que já tinha consigo...

PERIGOSAS ACHERON

Gozando de mais umas setenta e duas horas antes de deixar definitivamente pra trás a quitinete que o abrigava na metrópole francesa, era tempo de começar a organizar suas coisas para seguir seu caminho.

■ ■ ■ ■ ■

Gastou as primeiras dessas tais setenta e duas horas dentro do apartamento tentando não pensar em sua família ou em Amanda. Sabia que a viagem à Turquia seria bilhete só de ida e que a partir de então tornar-se-iam remotas, praticamente nulas, as chances de vê-los novamente.

No entanto, por mais que limpasse sua mente, por mais que se empenhasse em se manter alheio aos seus sentimentos, pegava-se eventualmente ansiando pelo abraço caloroso dos irmãos, pelo colo aconchegante dos pais ou almejando sentir mais uma vez, ou talvez pelo resto de seus dias, o cheiro inconfundível e o carinho de sua tão amada Amanda.

Durante alguns instantes daquela manhã e também de boa parte da tarde, a vontade foi de render-se à saudade, de largar tudo do jeito que

estava e retornar imediatamente para casa.

Só que, a essa altura, não dava mais pra voltar atrás. Arthur não se perdoaria se desperdiçasse essa oportunidade que na IRON tanto custou a conquistar. Sim... estava sendo bem mais penoso do que ele imaginava se manter afastado daqueles que gostava, mas agora, mais do que nunca, era hora de ser forte, de não deixar o coração calar sua ambição.

Arthur então respirou fundo e reprimiu a emoção. Restaurou a convicção demonstrada na noite anterior diante de Abdul-Alin e, por conseguinte, o controle da situação.

Acreditando piamente que continuar em sua empreitada seria melhor para si mesmo e também para o resto do mundo, e certo de que acabaria se convencendo do contrário se ficasse ali dentro daquele pequenino estúdio mais alguns minutos remoendo esse assunto, catou o dinheiro do aluguel que de véspera já havia separado, juntou a trouxa de roupas sujas debaixo do braço, aquela que se acumulava no canto do armário, e saiu do casulo.

■ ■ ■ ■ ■

Para a sorte de Arthur, ninguém usando as máquinas da lavanderia do prédio naquele momento exato. E como não havia nenhuma reserva pelas próximas duas horas na tabela fixada na porta do lugar, teria ele tempo de sobra para lavar e secar todas as suas roupas.

Jogou tudo dentro do primeiro dos cinco equipamentos com uma medida do sabão em pó disponibilizado por ali, selecionou o ciclo no painel do aparelho e iniciou o processo, tudo conforme havia aprendido da outra vez que utilizou essa facilidade do edifício.

Enquanto a máquina fazia seu serviço, Arthur deixou provisoriamente o recinto para falar com a senhoria daquele imóvel que ocupava em Paris. Intento da conversa? Acertar o pagamento e versar acerca do desfazimento do trato de arrendamento com Marie.

Um lance de escadas acima, parou defronte ao apartamento de número quatorze.

Batidinhas de leve na porta. Nenhuma resposta.

Para se certificar que Marie realmente não estava por ali, Arthur insistiu mais um pouco.

– Marie? Tá em casa? Aqui é Arthur, seu

inquilino... – disse ele recorrendo a batidas menos discretas na divisória branca de madeira à sua frente.

E após um breve instante de silêncio, a persistência do locatário foi recompensada.

– Quem? – indagou Marie sem entender direito o nome da pessoa que a importunava naquele fim de tarde.

– Arthur! Seu inquilino do vinte e três! – repetiu ele, dessa vez depositando um pouco mais de energia em sua fala.

– Ah, sim... Arthur! – replicou a voz feminina que vinha do outro lado. – Acho que a porta tá aberta... entra aí!

Fazendo uso da autorização que lhe fora concedida, Arthur girou a maçaneta e invadiu a residência de Marie.

Era a primeiríssima vez que entrava ali. Nas outras duas oportunidades em que procurou a proprietária das quitinetes, tinha sido atendido junto à porta, do lado de fora, de onde entregava a ela o dinheiro do aluguel, trocava com a moça algumas palavras cordiais e ia-se embora.

Morada muito similar àquela que Arthur locava. Dimensões, móveis, bancada da cozinha,

utensílios domésticos, mesinha... até a cama era daquela de escamotear. Só os enfeites e as cores que davam um toque menos neutro e mais mulheril ao lugar.

Logo que entrou, não viu Marie. A luz artificial que escapava através da fresta da porta entreaberta do banheiro fez Arthur inferir que ela se encontrava ali dentro.

Bom... ela também poderia estar escondida no armário de roupas, mas essa alternativa, de tão improvável, nem sequer foi cogitada por Arthur...

– Fecha a porta aí pro frio não entrar junto com você! – solicitou a moça. – Já deve ter notado o quanto sou friorenta, né!

Nem estava frio desse jeito nos corredores do edifício, tanto que Arthur estava termicamente confortável vestindo apenas uma blusa de malha, tênis e calça jeans. Mesmo assim, atendeu ao pedido imediatamente. Não queria ser o responsável por comprometer o clima quase tropical que sua vizinha fazia questão de manter no interior daquele ambiente.

Na sequência, ele se sentiu impelido a dizer o motivo que o trouxera até ali:

– Marie, vim falar com você sobre o aluguel...

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ok! Espera só um pouquinho... Acabei de sair do banho... Só vou me secar e já tô saindo...

Receoso de estar atrapalhando de alguma forma, Arthur retrucou:

– Se quiser posso voltar outra hora.

– Não precisa... Aguenta aí que já tô saindo!

E ele esperou... E, cerca de um minuto depois, ela saiu.

– Oi, vizinho! Desculpe a demora! – disse Marie.

Arthur, que estava meio distraído, com seu olhar perdido em direção ao forro semitransparente da cortina que cobria a janela, virou-se para a moça.

Tão logo o fez, avistou a jovem mulher, cabelos úmidos, envolta num roupão rosa-choque felpudo amarrado na altura da cintura, com algumas roupas emboladas debaixo do braço e desprovida de calçados, avançando irrefreavelmente contra ele que nem um míssil teleguiado. Assim que recebeu um beijo no rosto, o doce perfume orvalhado no pescoço da moça se apoderou do olfato de Arthur.

– Eu que peço desculpas por interromper seu banho... – replicou ele um tanto sem graça.

PERIGOSAS ACHERON

– Não interrompeu não! Eu já tava acabando!
– esclareceu Marie dando um passo atrás.

A redolente anfitriã pousou as roupas que carregava sobre a beirada da cama para, em seguida, começar a dobrá-las.

– Só não repara na bagunça... – disse ela se referindo aos travesseiros desarrumados e às cobertas reviradas. – Eu tava curtindo uma preguiça até agorinha mesmo. – completou ostentando um sorriso simpático.

Engraçado como que a mesma pessoa que não se importava nem um pouco de estar ali na frente de Arthur zanzando num robe de banho parecia se envergonhar com a pequena desordem sobre sua cama.

– Lá no meu tá bem pior! – mentiu ele com o nobre objetivo de tranquilizá-la.

Terminando de dobrar a última peça de roupa, Marie deu andamento ao bate-papo:

– Então... veio conversar sobre o aluguel, né?

– Isso. Vim pagar pela minha última semana aqui no seu apartamento. Vou embora na quarta-feira...

Marie não conseguiu mascarar seu ar de desapontamento ao ouvir aquilo. A fisionomia

prazenteira que ela trazia no semblante desapareceu completamente.

– Ué... Última semana? Mas assim tão de repente? Algo de errado lá com o apartamento? – questionou a proprietária querendo descobrir se alguma coisa não estava do agrado de seu inquilino.

– Não! De jeito nenhum! – refutou ele prontamente. – Estive muito bem instalado nessa minha temporada por aqui.

– Sei... Então se cansou de Paris. – concluiu Marie.

– Não cansei... Só chegou a hora de seguir em frente.

Chateada com a notícia, a moça deu um suspiro.

– Que pena... Pensei que estenderia um pouco mais a sua permanência na cidade... – lamentou ela se abeirando novamente de Arthur. – Pensei que teria você mais algum tempo aqui comigo...

É... Arthur tinha que concordar. Realmente muito chato informá-la de que deixaria o imóvel assim tão subitamente, sem dar a ela a chance de correr atrás de um novo hóspede para preencher o espaço que deixaria vago.

– Olha só... Como avisei em cima da hora, vou

pagar pela semana toda. Daí terá um prazo melhorzinho pra tentar colocar alguém no meu lugar. – anunciou o compreensivo arrendatário.

Quanta inocência de Arthur... Achava que o problema era o tal imóvel ficar desocupado! Só que as próximas palavras de Marie deixariam bastante claro que ele estava redondamente equivocado...

– Não tô preocupada com isso! Não me importa se o apartamento vai ficar vazio. Mais cedo ou mais tarde aparece algum outro interessado... O que me incomoda mesmo é saber que não terei mais tempo pra tentar me aproximar de você... – disse ela após tocar o braço esquerdo de Arthur e deslizar sua mão suavemente até alcançar e agarrar os dedos do futuro ex-locatário.

Arthur se surpreendeu ao perceber a atmosfera de segundas intenções criada pela vizinha. Meio sem reação, viu Marie seguir adiante com aquele esquema de sedução e desatar com a mão esquerda o laço de seu roupão.

A gravidade se encarregou de separar as duas bandas do traje atoalhado. A fenda que se fez de cima a baixo não chegou a revelar os seios salientes da moça, mas desnudou uma faixa contínua de pele desde o pescoço até o seu abdômen inferior. A

partir dali, ao final da barriga lisa de Marie, uma calcinha de algodão num tom de amarelo suave cobria as partes mais íntimas.

Não tinha como Arthur não entender o recado! O propósito dela estava mais evidente que uma fratura exposta... Todavia, para o caso de não ter sido ainda suficientemente explícita, Marie puxou a mão de Arthur que já segurava e colocou-a por baixo do robe, um palmo acima de sua cintura.

– Sabe... gostei de você desde que te vi pela primeira vez aqui no portão do prédio. E me encantei mais ainda por você quando almoçamos logo em seguida naquele mesmo dia... O seu jeito tímido, meio calado, o olhar quase enigmático... – confessou ela com seu formoso sotaque francês.

Usando das pontas dos pés, Marie venceu o já ínfimo espaço que havia entre eles. Olhos nos olhos por um segundo, cerrou as pálpebras e encostou seus lábios nos de Arthur.

Após o breve selinho, uma outra encarada entre os dois. Ele ainda atônito, paralisado, ela, calcanhares novamente apoiados no piso, deixando despontar no rosto um sorriso maroto.

Não demorou para uma nova investida de Marie, que nesta feita buscava por algo bem menos

casto. Desinibida e determinada, apoiando o peso do corpo de novo sobre as pontas dos pés, assediou mais uma vez a boca do homem à sua frente.

Daí Arthur não se aguentou. Rendeu-se às provocações e ao feitiço da graciosa donzela. E nisso, o segundo beijo que começou acanhado e recatado logo se apimentou.

Respirações se intensificando, excitação crescente.

Compelidos pelo calor do momento, ficaram ali colados pelos lábios naquele alvoroço por quase meio minuto.

Na sequência, Arthur estendeu o beijo ao pescoço da moça.

Sentindo as mãos firmes de Arthur sobre o seu corpo e a barba dele de três dias roçando em seu pescoço, Marie, mantendo os olhos fechados, num ato quase involuntário, apontou o nariz para o alto e ofegou o deleite pela boca.

Inesperadamente, a jovem mulher que acendera a fogueira em Arthur desfez o vínculo entre eles e se afastou. Recuou ela vagorosamente até atingir a borda da cama com a seção traseira de suas pernas.

Volúpia patente no rosto, Marie passou as

PERIGOSAS ACHERON

mãos pelos ombros fazendo com que o roupão viesse a cair glamorosamente sobre seus antebraços. Mais um movimento da moça e a vestimenta pós-banho arriou ao chão... E tudo o que Arthur há pouco só podia imaginar, agora estava disponível para apreciação.

Ele contemplou por um instante as curvas deslumbrantes e a beleza exuberante da mulher à sua frente. Verdadeira tentação: peitos redondos, rijos e vistosos, cintura fina como a de um violão, quadril avantajado sem ser exagerado, pernas bem torneadas... Marie não perdia em absolutamente nada para aquelas modelos que em seus minúsculos biquínis ilustram todos os meses as capas das revistas femininas especializadas em dietas e boa forma.

Meio que hipnotizado, Arthur viu Marie esticar o braço em sua direção num convite praticamente irrefutável de se juntar a ela.

Não pensou duas vezes. Tomou a mão dela que pairava no ar e se deixou guiar pela luxúria.

Quando se reaproximaram, o beijo acalorado que se deu prenunciava o incêndio que acometeria aquele quarto conjugado.

Na primeira oportunidade que teve, Marie

arrancou fora a blusa de Arthur. Na segunda, empurrou sobre sua cama o homem que a estava desorientando de tesão.

Friorenta a francesinha até podia ser... já frígida de jeito nenhum...

Arthur descalçou os tênis com as pontas dos pés e arrastou-se de costas mais para o meio do colchão.

Usando de seus joelhos, a anfitriã subiu na cama e, em seguida, montou sobre o quadril do visitante. Curvando o tronco para frente, firmou as mãos no peito de Arthur e buscou sedenta a boca dele.

O incômodo no maxilar e em parte do queixo, causado pelo soco que Arthur levou na outra noite, não atrapalhou mais aquele beijo. Aliás, naquele exato momento, ele nem se lembrava mais das dores provenientes da luta da última sexta-feira que ainda perduravam em diversas regiões de seu corpo.

Difícil dizer se Arthur estava apenas cedendo à fraqueza da carne ou se havia algo mais... Sei lá! Talvez quisesse com aquilo afrouxar um pouco mais ou até mesmo se desfazer definitivamente da corrente ainda presa à sua perna e que o ligava à

sua vida pregressa, a mesma que o fizera perder grande parcela daquele domingo pensando na noiva e na família que abandonou um mês atrás.

Sim... Seria deveras conveniente se, antes de partir para a Turquia, pudesse se libertar de uma vez por todas desse vínculo, dessas memórias afetivas que apenas serviam para tornar bastante mais sofrido o seu caminho, tanto o já vencido quanto o que ainda iria percorrer.

Porém, se era essa a ideia, não deu certo... Sem aviso, o elo mais forte da mencionada corrente lhe veio à mente. O *flash* da imagem de Amanda foi suficiente para frear os hormônios de Arthur, para arrefecer seu ímpeto irreversivelmente. O rosto da amada fê-lo constatar que a carne, pelo menos a dele, não era assim tão fraca...

Marie percebeu imediatamente a chama de Arthur diminuir. O que segundos antes era um vulcão pronto para entrar em erupção adormeceu completamente.

Interrompeu ela portanto o que fazia. Ao afastar seus lábios dos dele e abrir os olhos, a moça viu em Arthur a face desolada e compungida. Com a sensibilidade que lhe era inerente, Marie foi capaz de prever que o homem embaixo dela viria a chorar

se continuassem com aquilo.

Então, compadecida com a mistura de desconsolo e angústia externada nas feições de Arthur, e valendo-se de um tom de voz bastante delicado, ela indagou:

– O que foi? Quer parar?

Arthur fitou as íris quase pretas da moça e, após um pequeno intervalo, iniciou sua resposta:

– Você é linda... Qualquer cara faria qualquer coisa para estar onde estou agora...

Antes de continuar seu raciocínio, ele passou seus dedos gentilmente pelos cabelos umedecidos que pendiam no rosto de Marie, trazendo-os na sequência para trás das orelhas dela. Com a mesmíssima brandura em seus gestos, Arthur acarinhou com a mão o rosto daquela pequena donzela.

– Não quero que pense que o problema tá em você... A verdade é que tenho algumas coisas ainda muito recentes em minha cabeça... – relatou ele meio ressentido. – Sinto muito se estraguei o clima...

Nada mais precisava ser dito. Para ela tudo começava a fazer um certo sentido. O sujeito reservado, discreto, introvertido que a cativou logo

que chegou a Paris tentava de alguma forma ali na capital francesa se desvencilhar de algo pesaroso do seu passado.

Não se tratava de mera timidez no decorrer do tal almoço ou durante o *tour* de dias atrás pelo bairro... aquele jeito calado e enigmático de Arthur, a que ela ainda há pouco se referiu, revelava na realidade um coração partido em pedaços.

– Qual o nome dela? – questionou Marie meio indiscreta ao se deitar de bruços ao lado daquele homem amargurado.

Arthur se surpreendeu com a intuição da moça. Mesmo sem nenhuma dica relevante dada por ele, Marie acertou na mosca! Bastou a ela vislumbrar por um momento a tristeza no olhar de Arthur e escutar dele meia dúzia de palavras para que matasse a charada.

– Amanda... – replicou ele encabulado.

Marie, complacente e solícita, sustentando a doçura na voz, ofereceu-lhe os ouvidos:

– Quer conversar sobre isso?

– Não havia muito futuro com ela... foi melhor assim. – declarou Arthur instantes depois, com a alma em frangalhos, contendo a emoção que lhe desencadeava aquele tema mal resolvido.

Interessante reparar na maneira que ele encontrou para falar do assunto. O que podia parecer uma explicação meio vazia, trivial ou até mesmo banal para o fim do relacionamento do casal, algo como uma mera incompatibilidade de gênios, um desgaste decorrente das brigas da rotina ou coisa parecida, trazia implícito em seus termos um motivo muito mais abrangente e profundo para a separação...

Porém, a sutileza foi tamanha que dessa vez passou batido. Mesmo dispondo de um tino aguçadíssimo, Marie não pescou sequer um centésimo da informação contida nos últimos dizeres de Arthur.

O leitor sabe que a situação do protagonista desta obra literária não se limitava a um simples coração partido. Enveredava sim por essas bandas, todavia era bem mais complicado que isso...

Mas também, né... Desconhecendo toda a história relatada até agora nas páginas deste livro, seria praticamente impossível àquela moça deduzir com tão pouco a catástrofe pessoal a que Arthur nos últimos anos fora submetido... A descoberta do câncer, o penoso tratamento, a repetição exaustiva de exames. O aumento da esperança com a

regressão total do tumor inicial e o imenso desalento na primeira recaída. Cirurgia, longa recuperação na prisão domiciliar, intensificação da quimioterapia. O abismo psicológico, o longo processo de resgate do espírito e, justo quando ele reconquistava o gosto pela vida, a derrota cabal na guerra contra a doença, a condenação à morte pela irreprimível e inclemente recidiva. Por fim, o mergulho definitivo na consternação e o emergir da loucura que o levaram a mudar de rumos, a perversão da índole e o florescer das trevas que praticamente o obrigaram a largar para trás o amor por Amanda e a embarcar num projeto desajuizado de transformar o mundo.

Nem que usasse de toda a perspicácia disponível no planeta poderia ela imaginar tão triste resumo...

Percebendo que Arthur não estava muito à vontade para versar sobre a tal Amanda, e sem querer ser mais intrometida do que já tinha sido, Marie abriu mão de entender o que havia de fato acontecido. Devolvendo o afago nos cabelos curtinhos de Arthur, proferiu ela suas derradeiras palavras acerca desse tópico específico:

– Dá pra ver que ainda tá muito doído... Se um

dia perceber que o seu caminho não é ao lado dela, volte a Paris... Ficarei feliz em te ajudar a apagar essa cicatriz.

Arthur, com os olhos e o nariz meio avermelhados pelo choro reprimido, sorriu agradecido.

– Bom... acho que já vou indo... – disse ele pouco antes de se deslocar à beirada da cama.

A moça assentiu com um aceno de cabeça e um airoso sorriso.

Arthur então se sentou, calçou os tênis. Levantou-se, vestiu a blusa que catou do chão.

Marie, por sua vez, puxou os lençóis para cobrir suas vergonhas e ajoelhou-se sobre o colchão. Dali mesmo onde estava, acompanhou Arthur se dirigir à porta que ligava a área comum do edifício àquela habitação.

Arthur girou a maçaneta, abriu a porta. Antes de sair, tirou o dinheiro do aluguel do bolso da calça, mostrou-o a Marie e, em seguida, deixou-o sobre a mesinha bem ao seu lado.

Após um sorriso murcho e sorumbático, Arthur se retirou daquele quarto conjugado.

■ ■ ■ ■ ■

Faltando ainda muito para que a máquina da lavanderia terminasse o serviço, o dono das roupas foi direto para o seu apartamento.

Já do lado de dentro, equilibrando as lágrimas nos olhos, trancou a porta. Desorientado, acendeu as luzes para afugentar a escuridão que começava a se apossar do local.

Sentindo-se naquele instante o homem mais solitário da face da Terra, Arthur buscou em sua carteira a única coisa que o conseguia acalmar quando se achava em tal estado: o retrato do dia do noivado.

Deitou-se na cama com aquele precioso item em suas mãos. Cabeça apoiada no travesseiro, desdobrou a fotografia e viajou por alguns minutos nas agradáveis lembranças que ela evocava.

Mas, por alguma razão, ficar ali desvairando nas memórias não foi o bastante dessa vez para apartar a intensa solidão.

Pela primeira vez desde que saíra fugido de casa há exatos trinta dias, precisaria de mais do que aquilo para acalmar seu coração!

Foi quando se lembrou das mensagens ainda não lidas de Amanda que tinha em seu celular, aquelas mesmas que recebera no aplicativo de bate-

PERIGOSAS NACIONAIS

papo virtual ao se conectar à internet da estação de trem em Londres, King's Cross, e que desde então se forçava a ignorar.

Não conseguiu se segurar. Quando deu por si, já tinha sacado o *smartphone* do bolso e desbloqueado o visor do aparelho. Na mesma levada, clique impulsivo sobre o ícone do referido aplicativo.

Na tela que se abriu, estava ali entre os primeiros, em letras garrafais, o nome que procurava: AMANDA.

E com a saudade escorrendo pelo canto dos olhos, acessou os recados de sua amada.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 39 – ANTES DE PARTIR

Segunda-feira de conflito interno, de introspecção. Terça-feira de altos e baixos, de hesitação.

Continuar ou regredir? Seguir adiante com seu plano ou desistir?

Envolto nessa atmosfera de indecisão, Arthur começou a fazer suas trouxas. A única certeza que tinha era a de que, de um jeito ou de outro, para o bem ou para o mal, para um lado ou para o outro, naquela quarta-feira sem falta deixaria Paris.

■ ■ ■ ■ ■

E enfim a quarta-feira chegou.

Depois de uma noite de alguns cochilos e de muita reflexão, Arthur levantou bem cedo da cama. Seguro do que deveria fazer com o restante dos seus dias de vida, comeu alguma coisa para forrar o

estômago, escovou os dentes, tomou um banho.

Minutos mais tarde, já vestido e devidamente agasalhado, terminou de guardar tudo aquilo que lhe pertencia e que por algum motivo ainda não estava nos bolsos do casaco, da calça ou dentro de um dos compartimentos da mochila.

Mais uma boa olhada no recinto para se certificar de que não tinha se esquecido de nada...

Pronto para zarpar, levando consigo alguns dizeres há pouco rabiscados numa folha azulada que arrancara do policromático bloquinho de recados, aquele que ficava largado em cima da mesinha do quarto e que por ele nunca antes havia sido utilizado, dependurou sua bagagem nas costas, apagou as luzes, saiu do apartamento e trancou a porta.

No trajeto para o portão principal do prédio, breve parada na residência de Marie. No entanto, devido ao horário, ou talvez por algum constrangimento que pudesse ter surgido em Arthur depois do último encontro entre eles no domingo, o até então inquilino nem chegou a chamar pela proprietária do imóvel que ainda há pouco ocupava... Apenas passou a chave da quitinete por baixo da porta acompanhada da tal folhinha

azulada.

“Obrigado por tudo. *Au revoir!*”.

Quando saiu para a rua, o sol ainda não tinha raiado. 07:01 AM, acusava o display do celular. A culpa para a escuridão àquela hora recaía sobre o avançar do outono que espichava as noites e tornava os dias na capital francesa bastante curtos.

Apesar de ter saído tão cedo assim, Arthur não estava ansioso para chegar ao aeroporto nem nada parecido. Queria mesmo era ter tempo de visitar um lugar bastante emblemático de Paris antes de partir, um local do qual já tinha ouvido falar bastante, avizinhado ao Palácio do Louvre, e que ainda não havia conhecido.

Foi andando mesmo. Não era muito perto, mas também não era tão longe assim... Em clima de despedida, em meio aos trabalhadores parisienses que pegavam logo cedo no batente e sob o céu que paulatinamente desenegrecia, veio ele transpondo quarteirões e avenidas.

E com uns trinta minutos de caminhada, chegou ao seu destino: *Pont des Arts*.

Quando pôs os pés sobre a superfície de

madeira que recobria o tabuleiro daquela tão célebre ponte sobre o Rio Sena, o vermelhecer do horizonte à sua esquerda já dava uma boa ideia de onde o astro mor despontaria em seguida.

A passagem montada sobre a massa d'água estava praticamente vazia.

Passos lentos, cruzando postes de iluminação ainda acesos e alguns pares de bancos feitos do mesmo material que forrava o piso, deslocou-se Arthur pela extensão daquela obra de engenharia. Interrompeu sua perambulação ao chegar mais ou menos à metade da travessia.

Escorou os cotovelos sobre o peitoril da ponte, construído em metal e vidro. Diante de Arthur, duas cidades pontilhadas por luzes artificiais amareladas, uma ao nível dos olhos e a outra levemente borrada, de ponta-cabeça, repercutida mais abaixo na tão plácida face das águas. Também duplicado no espelho hídrico, o espetaculoso embate do finzinho da noite com o começo do dia que tomava o céu num suave *dégradé* grená-azul-marinho.

Arthur, meio que postergando o que tinha que fazer, deixou-se distrair por um instante naquela estonteante vista.

Respirou profundamente quando presenciou o sol emergir majestoso à sua frente, buscando a valentia necessária para cumprir o ritual que combinara consigo mesmo e que o trouxera até ali.

Internamente relutante, descalçou as luvas das mãos e guardou-as numa das divisórias internas do casaco. Pegou sua carteira do bolso e, do interior daquele objeto preto de couro, puxou o tão famigerado retrato do noivado. Abriu-o e mirou-o.

As marcas pronunciadas das dobras cortando o papel fotográfico de um lado a outro e de cima a baixo evidenciavam a quantidade de vezes que aquela válvula de escape fora por ele utilizada. Apreço delineado no canto da boca, Arthur passou gentilmente o polegar pela figura sombreada de Amanda.

No verso do retrato, ainda muito visível, o recado de próprio punho da amada marcado em caneta hidrográfica: “JUNTOS!”.

Daí, o que era discreto e acanhado se avultou, a benquerença que antes estava circunscrita apenas aos seus lábios logo tomou conta de todo o rosto!

No entanto, do mesmo jeito que veio, o semblante afetuoso se foi...

Arthur então tomou o topo da recordação entre

os dedos das mãos. Carrancudo, num movimento brusco, rasgou bem ao meio a fotografia, dividindo em duas sílabas a palavra ali escrita.

Mas não se tratava apenas de separar em pedaços o termo ali grafado... Representava para Arthur um rompimento definitivo com aquele forte vínculo que tinha com o seu passado, uma revogação unilateral daquele compromisso selado entre ele e Amanda no exato dia em que aquele retrato fora registrado.

Ciente de que o tempo não houvera sido capaz de desatar sozinho aquele laço, e já que a estratégia de se entregar para Marie também não havia funcionado, teve Arthur que apelar para uma intervenção um tanto mais drástica.

Resolveu durante a noite maldormida que, a partir daquele momento, não poderia carregar mais nada que bambeasse tanto assim suas pernas, que bloqueasse de tal maneira a sua estrada... Não poderia ter mais nada ali em seus bolsos que o pudesse refrear, que o impedisse em algum momento de seguir em sua jornada.

Só assim, desfazendo-se de tudo aquilo que trazia consigo, e a que vinha recorrendo para se lembrar de Amanda sempre que a saudade

apertava, Arthur poderia cumprir o seu destino, só assim, na base da marra, ele conseguiria se livrar do forte elo que o ligava à sua amada. Ou pelo menos era isso o que ele imaginava...

Com esta atitude recém-protagonizada, Arthur já dava a entender que não pretendia mais voltar para casa...

E o que já estava dividido em dois, com mais alguns segundos se tornou quatro... oito pedaços!

Tentando se manter indiferente à cena, abriu ele as mãos e acompanhou os fragmentos do retrato dançando no ar até que viessem a tocar a superfície espelhada do Rio Sena.

Difícil mesmo era entender o porquê de Arthur tê-lo feito justamente naquela ponte, escorado nos parapeitos em que, noutras épocas, casais apaixonados do mundo inteiro afixavam cadeados como promessa de amor eterno. Justamente onde eram estabelecidos estes compromissos perpétuos, Arthur quebrava o que firmara com Amanda...

Tremenda incoerência de Arthur... A mesma incoerência aliás que havia algumas semanas monopolizava sua mente e que o impedia de pensar racionalmente.

Tá certo que os citados cadeados já não

estavam mais lá... Haviam sido retirados pelas autoridades locais tempos atrás sob o argumento de que tais promessas de amor pesavam demais, sobrecarregando a estrutura que sustentava *Pont des Arts*... Porém, retirados ou não, para aqueles que assim como Arthur conheciam a história, o simbolismo que envolvia aquela ponte continuava inalterado.

Com os primeiros raios diretos de sol atingindo suas feições carregadas, Arthur, fingindo não estar nem um pouco arrependido do que acabara de realizar, puxou do bolso o celular. Passo atrás para não correr o risco de também testemunhar seu *smartphone* sendo engolido pelas águas do rio, acessou o programinha de conversas virtuais e, na sequência, as últimas frases que recebera de Amanda nesse referido aplicativo.

Leu e releu a sucessão de mensagens, em especial as duas que encerravam aquele verdadeiro monólogo da noiva para com ele datado do mês passado:

AMANDA

Meu bem, me liga assim
que vir essa mensagem!

PERIGOSAS ACHERON

03:39AM

Te amo muito!

03:39AM

Seduzido pelos dizeres contidos neste par de mensagens, aquilo que parecia resolvido voltou a perturbá-lo. O dilema que tanto o inquietou desde o último domingo sussurrava novamente dúvidas em seus ouvidos!

E aí? Abraçar sua missão com a Ofensiva ou retornar para os braços de sua amada? Persistir em sua empreitada de mudar o mundo ou desistir de tudo? Seguir para a Turquia ou regressar para casa?

Não é porque já havia Arthur se livrado do retrato do dia do noivado que não teria mais como voltar atrás! Ainda não era o fim! Sim, ainda dava pra reconsiderar! Ainda estava em tempo de atender à súplica de Amanda contida naquelas mensagens!

Todavia, cerca de meio minuto depois, enquanto ainda namorava as derradeiras palavras de Amanda e se perdia em dúzias de ponderações, vencido o prazo automático de desligamento da tela do telefone, o encantamento cessou. Desprovido de

PERIGOSAS NACIONAIS

sua retroiluminação, o visor que ora exibia os recados preocupados e amargurados de Amanda passou a refletir o rosto de Arthur.

E ver-se ali naquele pedaço de vidro retangular de cinco polegadas funcionou como um daqueles cutucões que, bem no ápice de um devaneio agradável, trazem os sonhadores de volta à realidade.

E nisso, tomado mais uma vez pelo nexo desconexo que impelia suas ações e pela lógica insensata que governava seus atos, Arthur reativou o *display* do celular. Precisava terminar aquilo que havia começado!

Com alguns toques sobre a tela do aparelho, avançou pelo menu do programinha de bate-papo:

Configurações → Conversas → Histórico de Conversas

Dentre as opções ali disponíveis, sem titubear, clicou sobre aquela que apagaria todo o registro de mensagens. Era o fim de todas as conversas que mantinha naquele aplicativo...

Não satisfeito, fechou o aplicativo e desinstalou-o do telefone.

PERIGOSAS ACHERON

E para garantir que não cederia a um eventual anseio de reinstalar o *app* ou de tentar algum outro tipo de contato com Amanda ou com alguém de sua família, Arthur ainda deletou todas as entradas armazenadas na agenda telefônica do celular.

Cumprido o doloroso ritual de desvinculação com o seu passado, Arthur guardou o *smartphone*. Sentindo as pontas dos dedos começando a congelar, meteu as mãos de novo dentro das luvas para apartar o frio.

E, sem mais nada para fazer por ali, cobriu os olhos marejados com os óculos escuros que sacou da mochila e, em seguida, iniciou sua jornada rumo à Turquia.

■ ■ ■ ■ ■

E num outro canto do mundo, todos desolados. Pai, mãe, irmão, irmã... Com mais de um mês a contar do ocorrido, nenhum deles podia aceitar o sumiço de Arthur.

Abatimento, angústia, aflição... tudo isso e mais um pouco era visível no semblante dos familiares do desaparecido.

Apesar de não conversarem a respeito de um

indesejado desfecho trágico para o caso, cada um deles já cogitara ao menos uma vez em seus pensamentos a possibilidade de não mais encontrá-lo com vida. Quase inevitável com tanto tempo assim sem nenhum tipo de notícia...

Amanda, após um longo e torturante período de férias, e sem nenhuma novidade quanto ao paradeiro de Arthur, retornava inconformada ao trabalho. Corpo no escritório, cabeça voando longe buscando explicações para o desaparecimento do seu amado. Não entendia como que a polícia não conseguira até então rastreá-lo!

Porém não se tratava de falta de vontade ou de incompetência das autoridades encarregadas da investigação...

Arthur vinha sendo muito cuidadoso desde o início de sua escapada. Todos os pagamentos em dinheiro, ônibus para cruzar a primeira das fronteiras... Desprovida de quaisquer evidências que apontassem a saída de Arthur do país, as investigações da polícia se tornavam bastante limitadas.

CAPÍTULO 40 – ESCALA EM ANCARA

Paris-Atenas, Atenas-Istambul, Istambul-Ancara. Depois de mais uma peregrinação internacional repleta de entediantes horas de espera entre pousos e decolagens pelos saguões dos aeroportos, Arthur desembarcava às duas e quarenta da madrugada de quinta-feira na capital turca.

Num breve resumo da viagem, de Paris a Atenas, na Grécia, avião praticamente lotado. De Atenas a Istambul, importante cidade situada na região noroeste da Turquia, voo mais esvaziado. Já na última pernada, de Istambul a Ancara, o número reduzido de passageiros deve ter sido apenas o suficiente para bancar o combustível gasto no trajeto pela aeronave.

A imigração em Istambul, conforme previsto por Abdul-Alin, não foi complicada. Um pouco demorada sim, mas nem por isso conturbada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Bastou a Arthur apresentar seu passaporte ao agente responsável e aguardar pacientemente que seus dados fossem confrontados a uma extensa lista de suspeitos de crimes internacionais e de pessoas procuradas por suposto envolvimento em atos extremistas. Tudo certo com o nome de Arthur, carimbo na folhinha.

Curiosamente, o clima naquela porta de entrada da Turquia não estava carregado, muito diferente do que Arthur havia imaginado em decorrência dos conflitos armados que aconteciam a sudeste dali, no extremo oposto do país. Era como se com simpatia e sorrisos fáceis as autoridades imigracionistas e também as policiais tentassem passar uma atmosfera de tranquilidade aos viajantes, como se com aquela naturalidade meio forçada buscassem fomentar o fluxo de visitantes e, por consequência, manter vivo o turismo, atividade aliás bastante valorosa e crucial para a economia local.

E, para fechar o relato da romaria, vale ressaltar que Arthur não estava muito preocupado com um fortuito insucesso em sua tentativa de admissão ao território turco. Era mais uma daquelas situações em que ele preferiu deixar o “foda-se”

PERIGOSAS ACHERON

ligado. Nada de ficar com o cérebro a mil projetando uma infinidade de adversidades e matutando incessantemente o que poderia fazer para driblá-las caso viessem realmente a se concretizar. Se desse certo, maravilha... Se não desse, daí sim queimaria alguns neurônios bolando outras maneiras de entrar na Turquia.

Bom... preocupado ou não, Arthur completou sua viagem e ganhou o saguão do aeroporto *Esenboğa*, em Ancara.

Com a ajuda da primeira rede *Wi-Fi* gratuita a que conseguiu conectar o seu celular informou a Abdul-Alin, conforme o combinado, que havia chegado.

Praticamente sem pregar os olhos durante toda essa maratona que tinha enfrentado, Arthur se achava fisicamente extenuado. Mesmo assim, ele se manteve acordado pelas mais de duas horas que teve que aguardar por uma resposta de seu recrutador.

Entretanto, não ficou esse tempo todo plantado ao lado da cafeteria da qual sugava a internet esperando pelo sinal verde de Abdul-Alin. Arthur se ausentou dali por alguns instantes para procurar um lugar onde pudesse alijar algumas coisas que

trazia consigo e que a essa altura já geravam nele um grande desconforto...

Só que o tal lugar que procurava não se tratava do vaso sanitário... Nesse particular, Arthur estava sossegado! O que ele queria mesmo era localizar um serviço de guarda-volumes, o que não levou muito para encontrar entre as lojas instaladas naquele aeroporto.

Alugou o menor escaninho que havia disponível, suficiente para armazenar uma daquelas malas de viagem de tamanho reduzido. Embora soubesse que não duraria tanto, fechou contrato por um ano e pagou adiantado pelo serviço.

Dentro do referido compartimento, largou o mesmíssimo envelope de papel pardo que mantivera escondido sob a última gaveta do armário da quitinete parisiense com tudo o que nele estava contido.

Arthur tinha quase certeza de que não precisaria de mais nenhum daqueles documentos, daquela papelada impressa, do seu cartão de crédito ou de quaisquer outros itens que pudessem comprometer o sigilo em torno de seu verdadeiro nome dali pra frente. A quase totalidade dos seus haveres financeiros também ficaria ali como uma

espécie de garantia de recursos para um eventual “Plano de Emergência”, a ser arquitetado se o bicho comesse a pegar pro lado dele...

Como dizem por aí, um homem prevenido vale por dois...

Talvez não fosse a melhor das alternativas deixar passaporte e identidade por ali, mas, sem dúvida nenhuma, foi menos pior do que ter que jogar tudo aquilo num córrego qualquer ou numa lata de lixo...

Portinhola trancada, meteu a chave do escaninho na mochila e retornou para a área coberta pela rede de internet sem fios da cafeteria.

E faltando um mísero minuto para as cinco da madrugada, recebeu a mensagem que tanto almejava:

[OSMAN.PARIS: Já pode prosseguir pro local combinado. Temos alguém esperando por vc lá.]

Ah, seu miserável! Precisava demorar tanto assim pra me responder? Aposto que tava dormindo e eu aqui que nem um zumbi!, esbravejou

Arthur por dentro.

Mesmo amuado com a situação, preferiu fazer uso da diplomacia pra não caçar com Abdul-Alin nenhum tipo de confusão:

[MESTRE01: Ok. Obrigado.]

■ ■ ■ ■ ■

Zona sul de Ancara.

Arthur pagou o táxi com as liras turcas que manteve na carteira e que havia adquirido numa casa de câmbio logo antes de deixar a cidade de Paris.

Tão logo seu passageiro desceu do carro, o motorista deu partida no veículo e se mandou dali.

Provido de sua mochila e vestindo quase tudo que possuía para enfrentar a noite fria, Arthur deu uma olhada na rua.

De um lado, estendendo-se desde a esquina mais atrás e findando a alguns metros adiante de onde ele estava parado, um longo lote vago tomado pelo mato e delimitado por um frágil e precário cercamento metálico. Do outro, uma fileira de

prédios bicolores, aparentemente residenciais, de três ou quatro andares e alguns automóveis estacionados.

Bem mais à frente, uma série de antenas altas que, devido à distância e, sobretudo, à escuridão da noite que ainda imperava, Arthur não soube distinguir se serviam para ampliar a cobertura de telefonia celular àquele bairro ou para replicar os sinais de rádio e televisão aos moradores da região.

O vento que soprou gelado fê-lo desistir de continuar com o seu reconhecimento pormenorizado do local.

Meio encolhido, mãos encravadas nos bolsos do casaco de frio, Arthur passou pela diminuta grade que separava a rua da entrada de um dos edifícios.

Ao cruzar o pequenino jardim, topou com uma porta de vidro, que impedia o acesso de estranhos ao hall principal e às escadas daquele condomínio.

Mirou o interfone à sua esquerda, porém antes que tivesse a chance de pressionar a tecla correspondente ao apartamento que procurava, o 302, uma voz masculina emergiu dos autofalantes do equipamento eletrônico:

– Mestre-Zero-Um?

– Sim. – confirmou Arthur bem pertinho do aparelho.

– Osman me avisou que você tava a caminho... Sobe aí. – enunciou o homem desconhecido logo após destravar remotamente a porta de vidro.

■ ■ ■ ■ ■

Se Arthur esperava ser recebido três andares acima por uma dúzia de sujeitos tão mal-encarados quanto aqueles que encontrou no último sábado lá no esconderijo de Adbul-Alin em Paris, logo percebeu que estava quantitativa e qualitativamente equivocado... Quem o aguardava junto à porta e educadamente o convidou a entrar foi um carinha não muito alto, mas também não muito baixo, conversador e simpático, de cabelos ruivos encarapinhados e atrapalhados, e que até a chegada de Arthur ocupava sozinho aquele lugar.

Dentro do apartamento, a luz esbranquiçada que vazava do diminuto corredor mais ao fundo iluminava parcialmente a sala.

– Se quiser, pode largar suas coisas aí... – disse o camarada de trinta e poucos anos de idade apontando o dedo para o sofá contíguo.

Arthur aceitou a sugestão. Tendo em vista o ambiente artificialmente aquecido, também deixou por ali seu cachecol e o casaco mais pesado que usava por cima da blusa de moletom.

Naquele cômodo, além do já citado, e acanhado, sofá, havia apenas uma mesa simples feita em madeira acompanhada de suas quatro cadeiras. O parco e espartano mobiliário levou Arthur a inferir que o imóvel devia funcionar fazia pouquíssimo tempo como ponto de apoio aos integrantes da Ofensiva.

Sobre a mencionada mesa, lado a lado, um *notebook* e um televisor LED de trinta e duas polegadas, ambos ligados.

O sotaque britânico do indivíduo, já notado por Arthur, ficou ainda mais evidente quando aquele homem empreendeu uma autoapresentação:

– Eu sou Neo, mas, se preferir, pode me chamar de Mr. Anderson. – declarou ele todo contente.

Ao contrário do que podia parecer, a alegria incontida do sujeito não provinha especificamente do fato de ele ter arrumado um companheiro para dividir aquele apartamento, mas sim das palavras que acabara de dizer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda que esgotado da longa viagem, o recém-chegado captou o significado implícito naqueles codinomes de imediato:

– Espera aí... Mr. Anderson e Neo, o personagem principal de Matrix? – questionou Arthur se referindo ao nome e ao apelido do protagonista da bem-sucedida trilogia que revolucionou o universo do cinema com seus efeitos especiais e que estourou as bilheterias pelo mundo afora ao final da década de 1990 e no início dos anos 2000.

– Esse mesmo! Vai dizer que não me achou parecido com o Keanu Reeves? – indagou o homem abrindo um vistoso sorriso.

O cara, que já não lembrava em nada o famoso ator dos filmes hollywoodianos, ao externar ainda mais sua alegria ainda revelou faltar um dos molares no canto da sua boca...

Coitado... precisaria simplesmente nascer de novo ou gastar uma fortuna em cirurgias plásticas, e também alguns trocados no dentista, para ter uma chance de se parecer com o aludido artista.

– Tem razão... o branco do olho é igualzinho... – ironizou Arthur contagiado pelo bom humor do outro indivíduo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cessada a breve seção de brincadeiras, Arthur completou a cerimônia de apresentações:

– Prazer em conhecê-lo... Quanto a mim, pode me chamar de Zero-Um mesmo.

– Beleza, Zero-Um... Se estiver com fome, dá pra você montar um lanche com o que tem na geladeira. – comentou Neo presumindo que o outro homem estivesse varado de fome.

– Pra ser sincero, eu até comeria alguma coisa, mas tô tão cansado que acho que vou preferir dormir.

– Se mudar de ideia, a cozinha fica logo aqui ao lado... Vem comigo que vou te mostrar o quarto que tá desocupado.

Arthur então catou suas tralhas e seguiu o camarada.

No cômodo vago, apenas um colchão novo em folha de solteiro jogado no chão, um cobertor ainda lacrado na embalagem de fábrica, um sistema de calefação e mais nada.

– Bom... Vou voltar pro computador e trabalhar... Fique à vontade. – anunciou o ruivo.

Depois que Neo saiu e fechou a porta, Arthur, exausto, só conseguia pensar em se deitar.

Com isso em mente, desfez-se de seus

PERIGOSAS ACHERON

pertences. Tirou o cobertor do plástico, improvisou um travesseiro com seu casaco. Deu uma conferida se o aquecedor estava ligado, regulou o termostato.

Tudo mais ou menos preparado, descalçou os tênis e desligou a luz do quarto.

■ ■ ■ ■ ■

Mas Arthur, na verdade, não dormiu... ele hibernou! Esta sim é a forma verbal mais adequada para definir quem seguiu direto e sem nenhuma interrupção com os olhos pregados por mais de dez horas consecutivas! Mais adequada ainda quando se referia a alguém que nos últimos tempos vinha tendo tanta dificuldade para pegar no sono e que raramente acumulava durante as noites seis horas de cochilos.

Lembrou e muito aquele Arthur despreocupado de outras épocas e que esbanjava essa habilidade de se manter por quase a metade de um dia apagado num colchão.

Detalhe é que se tivesse dormido mais um pouco, não teria visto a luz do sol naquela quinta-feira.

Quando Arthur se levantou e deixou seus

aposentos, já passava e muito do meio da tarde. Na sala, encontrou sentado à mesa mexendo no *notebook* o camarada que conhecera na madrugada.

– Dormiu pacas, hein? – comentou Neo ao notar a presença de seu companheiro de apartamento por ali com a face toda amassada. – Pensei que você tinha até morrido! – acrescentou ele aproveitando a chance de dar uma zoadinha básica.

– Até eu me surpreendi com tantas horas de sono seguidas... – confessou Arthur. – Já você parece que emendou aí no computador, né?

– Mais ou menos isso... Fico aqui um pouquinho trabalhando, paro, dou uma dormidinha de leve ali no sofá, volto... e assim vou levando.

Enquanto escutava a réplica que lhe era dita, Arthur se dirigiu à janela da sala e, através do vidro, deu uma espiada na via asfaltada que passava defronte ao prédio. Lá embaixo avistou duas crianças, um menino e uma menina de uns cinco ou seis anos de idade, divertindo-se com um patinete no acostamento. Acompanhou aquela agradável algazarra por um momento.

Vencido o breve instante de distração, Arthur se voltou ao outro colaborador da IRON e, sem

conseguir conter a curiosidade, retomou o bate papo:

– Se não se importar em responder, tá trabalhando no quê?

Neo não viu nenhuma inconveniência na pergunta que lhe fora feita. Aliás, ficou foi muito satisfeito com aquela deixa para papaguear acerca do tema. Assim sendo, sem poupar seu interlocutor dos pormenores, fazendo uso de uma batelada de jargões e de termos técnicos incompreensíveis, explicou, em não menos de três minutos, que vinha desenvolvendo um complexo sistema de comunicação baseado na internet a ser implantado e testado no novo centro de treinamento da Turquia e posteriormente replicado a outros pontos de interesse da Ofensiva.

– Então você também vai pro centro de treinamento amanhã. – concluiu Arthur após a explanação de Neo.

– Sim, iremos juntos no mesmo carro... – respondeu o cidadão vidrado na tela do computador e digitando alguma coisa no teclado. – De acordo com a programação, três caras devem passar aqui amanhã por volta das duas da tarde. Um deles vai ficar aqui no apartamento, os outros dois vão levar

a gente pra lá.

Após alguns poucos segundos de silêncio, Neo, tagarela como era, e dessa vez mesmo sem ser questionado, não se aguentou e confidenciou a Arthur suas reais intenções com aquilo de Ofensiva:

– Sabe... não tô nessa por causa desse lance de *jihad* e de guerra santa. Esse negócio de matar e principalmente o de morrer não é comigo. Só quero mesmo é ir pra lá, montar a estrutura necessária, botar o meu sistema pra rodar e me aposentar com a bolada que os caras prometeram me pagar pelo meu serviço... Tô indo única e exclusivamente pelo dinheiro.

– Então você é tipo um *freelancer* da IRON?

– Tipo um freelancer mesmo, mas acho que a palavra mais apropriada seria mercenário... Como eu disse, tô indo apenas pelo dinheiro... Além do mais, é muito mais irado ser chamado de mercenário do que de *freelancer*, né!

Findada a gargalhada, Neo completou seu raciocínio:

– Não tô muito preocupado com esse esquema de bem e mal, de certo e errado. Me preocupo apenas comigo mesmo e com a recompensa... Sei

que é um trabalho arriscado, que os caras se tornaram um grupo muito visado, mas se o governo da Turquia e seus aliados não explodirem o centro de treinamento e eu sair inteiro lá de Siirt daqui a uns sete ou oito meses com a conta bancária cheia de dinheiro, terá valido a pena.

– Siirt?

– Isso... Siirt. É a cidade mais próxima do lugar em que vamos ficar, colada no centro de treinamento.

– E não tem medo de sair falando isso assim tão abertamente com alguém que acabou de conhecer? – indagou Arthur admirado com o descuido de Neo.

– Não acho que você vá me prender ou me degolar com uma faca por conta disso. Você não tem muita cara de policial infiltrado e nem aquele jeitão de militante psicopata... – caçoou Neo com um sorriso. – Falando sério agora, dá pra perceber pela sua pergunta que você é novato, então vou te contar como que as coisas funcionam por aqui. Sei que o pessoal da IRON parece ser meio maluco quando aparece na televisão explodindo coisas e matando pessoas, mas os caras têm palavra. Não é a primeira vez que mexo com esse pessoal e posso te

afirmar o seguinte: se alguém da IRON firmar alguma coisa contigo, pode saber que será cumprido. Daí se você fizer o que firmou com eles e os tratar com um mínimo de respeito, não precisa se preocupar com nada... pelo menos da parte deles.

Arthur fez que entendeu balançando positivamente a cabeça.

Depois dessa pequena introdução aos valores da Ofensiva, Arthur voltou seu olhar novamente para a janela, bem a tempo de flagrar uma mãe amorosa, lenço cobrindo os cabelos, indo buscar o menino e a menina do patinete do outro lado da rua. Abraço carinhoso e beijinho em cada um dos filhos. Em seguida, catou ela o brinquedo das crianças pelo guidão e encaminhou-se com seus pequenos para o edifício vizinho.

Neo, ao se lembrar que seu colega não tinha comido nada desde que chegara àquele apartamento, fez um breve parêntese naquele assunto todo de IRON:

– Cara, se quiser tem uma pizza no forno que pedi agora há pouco pro almoço. O refrigerante tá na geladeira.

A oferta veio bem a tempo de evitar que Arthur usasse aquela tão corriqueira cena de uma

genitora afagando seus descendentes como um subterfúgio para mais uma vez mergulhar fundo nas aprazíveis lembranças que tinha de sua própria mãe e também, por consequência, nas de sua família. Mas, graças a Neo, aquele lance de ressuscitar a saudade e de ficar naquele lenga-lenga de nostalgia ficaria para outro dia...

– Vou aceitar. – retrucou Arthur sem pestanejar, dirigindo a atenção à sua barriga que já começava a roncar.

E quando o dorminhoco faminto regressou da cozinha dois minutos depois e se sentou à mesa com uma fatia de pizza numa das mãos e um copinho descartável de refrigerante na outra, foi a vez de Neo exercitar sua curiosidade:

– Por que Mestre-Zero-Um?

Entre duas mordidas, Arthur proferiu sua resposta:

– Na verdade era Mestre-Zero-Um-Krav-Maga, mas acabou que o Osman encurtou pra Mestre-Zero-Um quando me cadastrou na Rede IRON.

– Krav Maga... aquela luta? – indagou o homem todo interessado. – Tem a ver com o que você tá indo fazer lá no CT? – complementou ele

fazendo uso desse par de letras para se referir ao centro de treinamento.

– Tem a ver sim... tô indo pra lá pra aprimorar o conhecimento da turma com algumas técnicas de luta.

– Que isso, hein! Mestre do Krav Maga! E você já saiu por aí na rua dando porrada na galera?

Arthur achou graça da pergunta do camarada:

– Uma vez ou outra... – replicou ele dando uma risada.

– Que irado, cara! Como o meu serviço em Siirt deve ser meio demorado, vou tentar aprender alguns golpes com você por lá! – disse Neo todo empolgado.

– Por mim, tá combinado! – retrucou Arthur. – E o seu? Além da irrefutável semelhança física com o Keanu Reeves que você já comentou antes, o que mais te fez escolher esse nome?

– Ah! Já venho usando Neo e Mr. Anderson há uma data... Tem a ver com o que o cara fazia logo no início do filme pra ganhar a vida: *hacker* durante a noite, programador de empresa durante o dia. Assim como ele, passei um tempo levando esse tipo de vida... Fora que ele era o mais fodástico entre os *hackers* do filme, né! Voava, desviava de

bala, batia em todo mundo...

Será que essa fixação desse indivíduo com esse negócio de “dar porrada” e de “bater em todo mundo” revelava algum tipo de trauma de infância que ele carregava em seu íntimo? Era bastante provável que sim... Ainda mais quando se levava em consideração o jeitão meio *nerd* ostentado pelo cidadão, jeitão este que dificilmente passa completamente despercebido pelos coleguinhas mais babacas das épocas de colégio...

Sem querer ser intrometido mexendo em feridas do período escolar que por vezes nunca cicatrizam, Arthur seguiu adiante na conversa se atendo ao tema que estavam discutindo:

– Tá certo... o cara era foda mesmo, cheio de superpoderes... – concordou ele. – Mas, no seu lugar, por uma questão de coerência, eu nunca teria escolhido esse nome...

Sem entender o que o outro sujeito quis dizer, Neo se viu obrigado a interpelar seu interlocutor:

– Coerência? Como assim?

– É que nesse nosso bate papo, você deixou clara a sua preocupação com sua integridade física... só que ao escolher seu apelido você não levou em consideração o que acontece com o cara

no final do filme...

Neo parou o que fazia ali no computador ao ouvir aquilo.

Pensou... Ponderou... E percebendo a incongruência entre seus dizeres e a escolha de seu codinome apontada por Zero-Um, virou-se para o companheiro de apartamento e rematou:

– Sabe que eu nunca tinha pensado nisso?

CAPÍTULO 41 – BUM!

Sexta-feira, duas e dez da tarde.

– Chegaram! – disse Neo ao avistar pela janela um utilitário esportivo verde-musgo, modelo mais antigo, encostando à frente do edifício.

Desceram então os dois, cada um carregando suas respectivas bagagens. Arthur, com sua mochilinha de sempre, ia abrindo caminho pelas escadas, Neo, também com uma mochila nas costas e ainda uma bolsa média de viagem numa das mãos, vinha logo atrás.

Quatro homens esperavam por eles na rua, de pé, ao lado do carro. Três deles, ascendência turca, pareciam regular em idade com Arthur. O outro, traços hispânicos, aparentava ser bem mais novo.

Neo, após cumprimentar a todos, foi logo perguntando:

– Não eram só três que viriam aqui encontrar com a gente?

– Pequena mudança de planos. – respondeu

PERIGOSAS NACIONAIS

em inglês com seu sotaque local o sujeito que brincava com a chave do veículo numa das mãos. – Vamos ter que levar nosso camarada aqui até o aeroporto antes de partir pra Siirt. – complementou ele dando algumas batidinhas no ombro do elemento à sua esquerda.

– Vamo embora que a viagem é longa... Quem fica com o apartamento? – indagou Neo.

O ruivo perito em computação entregou então as chaves do imóvel para o indivíduo que se apresentou.

Aberto o porta-malas, Arthur e Neo guardaram ali sem muita delicadeza suas tralhas.

– Ei! Cuidado com as minhas coisas! – reclamou o carona de dezenove ou vinte anos de idade que seguiria com eles até o aeroporto da cidade.

– Calma, meu irmão... Não precisa se estressar só por causa disso. Tenho certeza que a suas malas vão sobreviver... – retrucou Neo tentando mitigar os ânimos daquele jovem cidadão.

– Fique tranquilo, meu amigo! Não há o que temer. – disse um dos caras ao enervado dono das bagagens.

Superado o efêmero momento de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desentendimento, embarcaram os cinco dentro do automóvel: rapazinho estressado e motorista nos bancos da frente, Arthur, Neo e mais um acomodados no banco traseiro do carro.

Assim que se fecharam as portas, Arthur soube que não dava mais para desistir de tudo aquilo, que o caminho se tornara sem volta...

Mas e daí que não dava mais pra voltar atrás, não é mesmo? Azar! Achava-se ele exatamente onde queria estar. Ninguém o coagira a seguir naquela empreitada, estava ali por livre e espontânea vontade!

Agora era encarar as consequências de suas decisões e também o restante de sua jornada...

■ ■ ■ ■ ■

Pouquíssimas frases trocadas até a chegada ao aeroporto internacional de Ancara.

Veículo estacionado junto ao setor de partidas domésticas do lugar. Com exceção de Neo e Arthur, todos os demais desceram do carro.

Depois de pegar suas preciosas malas, o rapaz que ficaria ali pelo aeroporto escutou do motorista algumas breves palavras enquanto recebia uns

PERIGOSAS ACHERON

tapinhas encorajadores na cara. Feições fechadas, atravessou ele então pela faixa de pedestres a rua que o separava da moderna fachada envidraçada do aeródromo. Passos não muito rápidos, carregando suas duas bagagens, transpôs a porta que dava acesso ao saguão.

Os dois que restaram do lado de fora reembarcaram no carro. Motor novamente ligado.

Sem nenhum motivo aparente, permaneceram lá parados, pisca-alerta acionado, por quase três minutos...

Neo não se aguentou com a demora:

– Vamo ficar aqui plantados na frente do aeroporto? Já desovamos o cara há quase meia hora! – exclamou ele exagerando propositalmente na contagem do tempo.

– Só estamos esperando um sinal do nosso amigo. Precisamos saber se ele conseguiu fazer *check-in* antes de seguirmos com a nossa viagem...

– replicou o homem sentado logo atrás do volante.

– Tenha paciência... Não deve demorar muito.

Mas parecia que o motorista estava equivocado. Outros cinco, dez minutos se foram com eles ali estacionados.

Arthur já estava ficando apreensivo com

aquela dilação. Pernas balançando de um lado para o outro, não conseguia mais dissimular a inquietação.

Cadê a merda desse sinal?, questionava-se ele em sua mente.

Sabia que não era muito inteligente que quatro colaboradores da IRON ficassem ali de bobeira por tão longo período. Ainda mais estacionados em local proibido! Mais cedo ou mais tarde acabariam chamando a atenção do agente policial que estava por ali, um pouco mais distante, garantindo a segurança da área externa do aeródromo.

Mas essa ansiedade não era exclusividade de Arthur nem de Neo, que ao seu lado já meio que suava frio sustentando uma cara de poucos amigos... Nos assentos frontais, o motorista, tronco inclinado para frente, tamborilava os dedos incessantemente sobre o painel do automóvel enquanto o passageiro à sua direita, olhar agitado, acompanhava pelas janelas toda a movimentação ao redor do veículo.

Daí, de repente, desenrolou-se algo que Arthur jamais teria cogitado: um violento estouro sobreveio de dentro do saguão do aeroporto!

BUM!

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur, num reflexo indômito, arregalou os olhos e girou a cabeça na direção de onde vinha o estrondo.

Caos generalizado! Pessoas correndo para fora do saguão! Dentre as que já se achavam no exterior da edificação, algumas gritavam apavoradas e buscavam se distanciar da edificação, outras ficaram meio que paralisadas tentando entender a situação.

– Que que isso? – gritou Neo aturdido pela explosão.

– É o nosso sinal! – respondeu o motorista afundando o pé no pedal do acelerador.

E meteu o pé na tábua de tal maneira que o SUV verde-musgo chegou a cantar os pneus na arrancada!

– Vai! Vai! Vai! – esbravejava repetidamente o passageiro da frente enquanto o veículo ganhava velocidade.

Percorridos os primeiros nove ou dez metros daquela fuga, um segundo estrondo, ainda mais forte que o anterior, fez parte das vidraças da fachada do aeródromo se despedaçarem em milhares de pedaços!

BUUUM!

PERIGOSAS ACHERON

A estupefação fez um palavrão escapar da boca de Arthur:

– Puta merda! – bradou ele embasbacado, forçando as costas contra a porta do carro.

Pálido, girou ainda mais sua cabeça e viu, pela janela de trás do veículo, estilhaços de vidro voando pelos ares e pessoas se jogando no chão.

Motor do automóvel esgoelando, local alvo da investida se distanciando. Cem, duzentos, quatrocentos metros! Adrenalina cortando na alta!

Pouco mais à frente, juntamente com um punhado de outros veículos que buscavam se evadir dali, os membros da IRON passaram sob o pórtico no qual se lia o nome daquele aeroporto específico.

– Vocês viram isso? – perguntou o motorista momentos depois meio que num tom de comemoração. – Ele conseguiu!

Sim! Arthur tinha visto e ainda não acreditava no que havia acontecido! Tudo dava a entender que aquele rapaz que descera instantes atrás do carro havia se explodido! Agora compreendia perfeitamente o motivo de aquele jovem manifestar tamanho nervosismo...

– Porra! Por que não avisaram que o cara ia arrebentar com o lugar? – questionou Neo

indignado.

– Não é uma coisa que se conta pra todo mundo! As pessoas que precisavam saber estavam avisadas. – retrucou o passageiro da frente. – E se a gente tivesse contado, teria perdido a graça! – completou ele soltando uma risada.

– Não era pra ser assim! Não era pra ter porcaria nenhuma de bomba nesse transporte pra Siirt! – queixava-se Neo todo exaltado. – Tamo fodido, cara! Daqui a pouco a polícia cola aí na gente!

– Sossega aí! Isso não vai acontecer... – contraditou o motorista. – Quando a poeira baixar e começarem a investigar alguma coisa, já estaremos fora de alcance!

Logo após contestar os argumentos de Neo, o homem que guiava o automóvel cutucou a perna do companheiro à sua direita e solicitou:

– Avisa o pessoal que tá feito.

Consentindo com o pedido, o sujeito contíguo tirou o celular do bolso. Aparelho em mãos, começou a digitar alguma coisa.

Arthur, ainda abalado, olhou mais uma vez pela janela traseira do veículo.

Ao ver a coluna de fumaça preta não muito

PERIGOSAS NACIONAIS

densa que ao longe ia subindo, ele finalmente se conscientizou em que havia se metido...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 42 – TRAVESSIA

Até as primeiras duas horas e meia de viagem, Arthur, olhando para a paisagem do lado de fora do carro, ainda conseguia controlar o frenesi que o abarcava. Depois disso, ficou meio difícil para ele tentar se distrair com alguma coisa com o breu da noite já tomando conta da estrada. A partir de então, a escuridão, tanto a que prevalecia na rodovia quanto a que se apoderava de sua alma, só era quebrada pelos faróis de uns poucos automóveis que transitavam em sentido contrário e pelas luzes de uma ou outra cidade pelas quais cruzavam.

Daí, impedido de dormir pelo rebuliço interno, o jeito foi ficar no banco de trás do veículo reprisando mentalmente o ocorrido por horas e horas a fio e também presumindo se pelas tais explosões seu passaporte, seu dinheiro e seus demais documentos deixados no escaninho que alugou no aeroporto teriam sido destruídos.

■ ■ ■ ■ ■

Lá pelas onze e meia da noite, pouco antes de encostarem num posto de gasolina para abastecerem o tanque do SUV e as barrigas, e também para esvaziarem as bexigas, o passageiro sentado à frente festejou o incremento na contagem de vítimas:

– Mais um virou presunto! Agora são dezesseis mortos e quarenta e sete feridos! – disse ele todo jubiloso traduzindo para o inglês a informação acerca do atentado recém-veiculada pela estação de rádio turca de notícias.

Sim... Dezesseis mortos, quarenta e sete feridos... Este era o saldo das explosões testemunhadas por Arthur, o resultado do truculento ataque ao aeroporto de Ancara do qual, mesmo que involuntariamente, ele participara...

O novato da Ofensiva estava de certa forma chocado, impressionado com o poder destrutivo e com a letalidade daquele ato. Como que um rapaz carregando duas malinhas não tão grandes assim podia fazer tanto estrago?

Pipi, lanche, combustível, não necessariamente nessa mesma ordem...

Encerrado o rápido *pit stop*, antes de prosseguirem com a viagem, os homens que ocupavam os assentos dianteiros se revezaram ao volante do carro.

■ ■ ■ ■ ■

Sábado, duas e vinte e sete da madrugada. Colaboradores da IRON ainda na estrada...

Com quase novecentos quilômetros rodados desde que zarparam desembestadamente do aeroporto de Ancara, atravessavam Diarbaquir, a última grande cidade turca situada fora do território que agora era ocupado pela IRON.

E com mais uns noventa quilômetros, o motorista diminuiu gradativamente a velocidade do automóvel que guiava e quebrou à direita numa estradinha de terra que naquele ponto interceptava a rodovia.

– O que tá pegando? – perguntou Neo logo depois de acordar com o solavanco causado por uma irregularidade do piso por onde transitava o veículo.

O sujeito que àquele instante seguia na posição de copiloto se virou para os passageiros do

banco traseiro e esclareceu:

– Estamos muito próximos da fronteira da Turquia com o califado. Mais pra frente, existe uma barreira militar controlando a estrada principal e o avanço da Ofensiva, daí temos que fazer um desvio se quisermos concluir a travessia.

Alguns minutos mais tarde, utilitário esportivo parado à beira do mato, no meio do nada. Nesse momento exato, faróis e rádio foram desligados.

Pretidão dentro e fora do carro.

– Pega a visão noturna aí na bolsa. – pediu o indivíduo que guiava o automóvel.

Auxiliado pela luz emanada pela tela do celular, o cidadão ao lado do motorista se curvou para frente e sacou de dentro da bolsa junto aos seus pés o equipamento que lhe fora requisitado.

Já de posse do aparato *high-tech*, o homem por trás do volante acionou e vestiu o tal dispositivo. Em seguida, ajustou as tiras de nylon sob seu queixo e em torno de sua cabeça.

– Ok, tudo certo! Vamo nessa... A partir de agora, silêncio absoluto. – requereu o motorista.

Enxergando nitidamente, em tons de verde, o ambiente à sua frente através do instrumento fixado defronte às suas vistas, arrancou o SUV e cortou à

esquerda, para fora da estradinha de chão batido.

Vagarosa e cuidadosamente, foi transpondo a vegetação seca e rasteira por campos outrora produtivos e que recentemente, devido à proximidade daquela área com o território dominado pela IRON, tornaram-se abandonados e desvalidos.

Carro balançando suavemente de um lado para o outro. Apesar da aparente calma, a tensão ia aumentando a cada metro vencido...

Praticamente às cegas, restava a Arthur se segurar à alça do teto, à esquerda de sua cabeça, e se concentrar em sua respiração para tentar conter a palpitação desmoderada do coração.

Tudo parecia correr conforme o previsto, até que, sem aviso, ecoou pelo breu um estampido longínquo. Ato contínuo, um fino zunido rasgou a calada da noite e o caminho em que iam seguindo.

O estampido se repete e, dessa vez, algo atinge a lateral posterior do SUV, pegado ao bocal do tanque de combustível!

PÁ!

O barulho seco que se deu foi bastante semelhante ao de uma pequena pedra colidindo violentamente contra a lataria do utilitário

esportivo.

— Puta merda! — bradou o motorista desmanchando o trato de silêncio que ele próprio havia estabelecido. — Tão atirando na gente!

O homem então, sem pensar muito, acelerou fundo e imediatamente deu um golpe no volante, no intuito de tirar o carro, e também o seu próprio rabo, da linha de tiro.

E tão logo desviaram à direita, o bicho pegou pra valer...

Disparos contínuos ouvidos, uma saraivada de balas traçantes riscavam a escuridão em direção ao veículo!

Ao perceber que havia orientado o utilitário verde-musgo justamente para o rumo de onde partiam os tiros, o motorista deu novo golpe na direção, dessa vez à esquerda.

— Que porra é essa? — desesperou-se Neo.

— Isso é o inimigo tentando impedir que a gente chegue ao nosso destino! — respondeu o motorista com o tom de voz mais elevado, referindo-se às forças de coalizão formadas pelos exércitos da Turquia e de outras nações que se uniram contra a Ofensiva. — Devem ter descoberto a rota que a gente vem usando pra atravessar e

agora tão querendo dar as boas-vindas!

Ou isso ou simplesmente deram o azar de topar com uma patrulha armada turca que circulava por ali...

– Se protejam aí! – aconselhou o piloto do automóvel na sequência.

Arthur, que não era bobo nem nada, já tinha largado há tempos a alça do teto e vinha todo encolhido no banco de trás resguardando a cabeça com ambos os braços.

Merda! Merda!, repetia ele em seus pensamentos.

O SUV enfrentava com valentia o terreno ondeadamente acidentado.

Foi quando em meio ao zigue-zague das manobras evasivas, três balas perfuraram as chapas metálicas que revestiam o flanco direito do carro, mais precisamente as que compunham a porta dianteira daquele utilitário. Uma delas alvejou a base que ancorava o assento da frente ao assoalho, outras duas foram parar, respectivamente, na coxa e no abdômen do passageiro à frente de Neo.

O grito de dor meio contido do indivíduo denunciou que ele havia sido atingido.

– Que foi? – berrou em turco o motorista.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Me acertaram! – respondeu na mesma língua o homem ao lado, apavorado, sentindo o sangue fluir pelos seus dois novos buracos.

O diálogo no idioma local prosseguiu entre os dois:

– Aguenta aí! É grave?

– Acho que sim! – retrucou o cidadão ofendido pelo tiro pressionando com as mãos o ferimento que tinha na barriga, bem próximo ao umbigo.

Arthur não precisava entender bulhufas de turco para deduzir o que havia acontecido... Bastou a ele juntar os gemidos que se repetiam a cada chacoalhada do SUV, emitidos pelo passageiro da frente, ao odor ferroso de sangue que se apoderava da cabine do veículo.

Inimigo insistindo na fuzilaria!

O motorista, usando de toda a sua perícia, foi avançando por entre os campos o mais rápido que podia!

Assim que desembocaram numa outra estradinha de terra, o sujeito ao volante exclamou na língua inglesa:

– Falta pouco! Tamo quase lá!

Agora que rodava num terreno não tão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desfavorável quanto o anterior, o veículo foi ganhando velocidade. Por onde passava, o SUV levantava toda a poeira que sobre aquele trajeto estava depositada.

À medida que se distanciavam do ponto de origem dos disparos, a chuva de balas ia ficando mais rala. Rajadas cada vez mais esparsas. Todavia, o piloto não aliviou o pé do acelerador.

– Vamo... vamo... – dizia o motorista, torcendo para que a longa reta em que transitavam fosse logo vencida.

Pouco depois, já vislumbra ele mais à frente pelo seu binóculo tecnológico a bifurcação em “T” que demarcava o fim daquela via. Pela velocidade em que vinha, parecia que ele não tinha nenhuma intenção de reduzir para tomar a transversal uns vinte metros adiante... e não tomou.

– Se segurem! – alertou o homem.

Conhecedor daquela área, o condutor seguiu direto e fez de rampa o pequeno aclive posterior.

O salto que se deu ali foi tão espetacular quanto aqueles vistos nas provas do campeonato mundial de rali!

O carro decolou, permaneceu no ar por um segundo e pousou uns bons metros depois...

PERIGOSAS ACHERON

Já caíram no que aparentava ser o limite entre a margem e o leito bastante assoreado de um rio.

E assim que aterrizou, freou com tudo, diminuindo a velocidade a menos da metade, vindo em seguida a apontar o nariz do carro para o local exato em que estava habituado a fazer a travessia daquela não muito avultada corrente d'água.

Sendo bem menos cuidadoso do que vinha sendo até aquele momento, o indivíduo lançou o veículo contra o rio.

A resistência proporcionada pela água, que no ponto de maior fundura chegou a alcançar alguns centímetros acima do meio das rodas, fez o SUV desacelerar um pouco mais.

Apesar disso, menos de meio minuto depois, o molhado obstáculo estava superado.

Já na outra margem, o homem no comando do carro pisou fundo novamente seguindo pela orla para encontrar mais adiante uma via sinuosa e não pavimentada.

E quando suplantaram os quatrocentos metros iniciais da referida via e cruzaram por entre as pilhas de brita e pela usina de beneficiamento de uma pedreira, tão abandonada quanto os campos improdutivos do outro lado do rio, os disparos já

PERIGOSAS NACIONAIS

não eram mais ouvidos.

O motorista retirou então da frente de suas vistas e colocou sobre suas pernas o equipamento de visão noturna, reacendeu os faróis do carro e celebrou:

– Nem acredito! Conseguimos!

Mas a alegria do cidadão por terem transpassado a linha imaginária que separava califado e Turquia durou pouco... Preocupado com a condição do colega ao lado, ligou ele por um instante a luz interna do carro, o suficiente para notar que o companheiro de viagem não resistira aos ferimentos e tinha desencarnado.

O sorriso triunfante que o homem trazia no rosto se apagou.

– Esse aqui lutou bravamente e deu sua vida pela causa... – disse o piloto em inglês numa espécie de homenagem póstuma. – Vá em paz! – complementou ele, dessa vez fazendo uso do idioma turco.

Sem nada que pudesse fazer para socorrer aquele soldado, o sujeito no comando do SUV concentrou sua atenção no caminho que os levaria de volta a uma autopista secundária e, ulteriormente, à rodovia principal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Putz... o cara morreu? – questionou Neo meio consternado e ao mesmo tempo aliviado por não ter sido ele a vítima dos disparos.

O silêncio que sobreveio respondeu a pergunta, ao melhor estilo do dito “quem cala, consente”.

Já Arthur não reagiu tão bem quanto Neo aos eventos recentes e ao defunto ali dentro do carro. Ficou estarrecido, completamente horrorizado! Nunca antes em toda a sua vida estivera tão perto de um sujeito baleado e menos ainda de um cadáver ensanguentado.

Isso que era debutar em alto nível... em menos de uma semana como membro da Ofensiva, e com pouco mais de quarenta e oito horas desde que desembarcou na capital da Turquia, bombas detonadas no aeroporto, tiros traçantes de fuzil e um homem morto no banco da frente como companhia.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 43 – NOVO LAR

Nenhum outro incidente desde que aqueles quatro, motorista, defunto, Neo e Arthur, adentraram o território controlado pela IRON, isso se o fato de trafegar com um cadáver dentro do automóvel por si só pudesse não ser considerado um incidente dos mais drásticos...

Rodovias desérticas, cidadezinhas desabitadas à beira da estrada... E com aproximadamente uma hora e quinze minutos nessa levada vieram a trocar novamente o asfalto por uma via não pavimentada.

O sol ainda não tinha raiado. Pelo imenso descampado, percorreram os quilômetros que restavam até o destino programado.

Num dado instante, Arthur, que vinha se esforçando para evitar que o cheiro de morte que impregnava o interior do carro o deixasse nauseado, avistou ao fim de uma longa reta, pelo para-brisa, as luzes do que deveria ser o tal centro de treinamento da Ofensiva.

E quase que ao mesmo tempo, o homem que guiava o SUV, agora desprovido de um copiloto para auxiliá-lo, esticou o braço direito e pegou, de dentro do porta-luvas, um rádio comunicador, daqueles pequeninhos do tipo *walkie-talkie*. Ligou o aparelho e verificou o canal no visor retroiluminado. Pressionou o botão lateral e, após o bipe, mandou seu recado:

– Aqui é o transporte. Estamos nos aproximando a oeste de vocês, pela principal.

A resposta não tardou muito:

– Afirmativo, transporte.

Segundos depois, tão logo um dos holofotes do lugar cravou seu facho luminoso sobre o veículo utilitário, o motorista deu umas piscadinhas de farol como num código previamente combinado.

Incomodado com o intenso luzeiro que incidia sobre o carro, o sujeito ao volante resguardou seus olhos com o para-sol e resmungou:

– Qualquer dia esses desgraçados da torre me deixam cego com esse holofote na minha cara...

Local de um formato retangular, estrategicamente posicionado, isolado, ladeado por planícies e ainda por um rio mais a leste, de onde eram captados os recursos hídricos necessários ao

PERIGOSAS NACIONAIS

seu funcionamento, muito bem zelado por torres de vigia e cercado por um alto alambrado rematado de arame farpado.

Ao ultrapassarem, em baixíssima velocidade, os portões que davam acesso ao centro de treinamento, cruzaram por um grupo de soldados da IRON uniformizados e fortemente armados.

O condutor, demonstrando certa cortesia, acenou para um dos homens que fazia a guarda ali pela entrada. Mantendo os cinco quilômetros por hora, foi levando o carro pelo pátio de terra compactada.

Enquanto o automóvel cravejado de balas transitava pelo lugar em meio à penumbra proporcionada por alguns postes de iluminação, Arthur ia se bestificando com a infraestrutura daquele centro de instrução.

De um lado, à esquerda, duas compridas construções, que ele não soube precisar o que eram, do outro, uma enfiada de veículos pesados estacionados: pelo menos oito caminhões, daqueles adaptados ao transporte de tropas, um punhado de carros blindados de combate com suas metralhadoras avantajadas e até um tanque de guerra.

PERIGOSAS ACHERON

Arthur nunca teria imaginado algo tão grandioso e tão bem aparelhado...

Pouco depois, pararam o utilitário sobre um amplo piso cinza-branquicento de concreto, imediatamente em frente a um prédio não muito alto, térreo mais dois andares, diante do qual se achava um homem em vestes militares, botinas, calça e casaco de motivos camuflados, gorro por sobre o cabelo e as orelhas, e que aparentemente esperava por eles.

Chave girada no sentido anti-horário no comutador de ignição do carro, motor e faróis desligados. Os três ocupantes que sobreviveram à perigosa, conturbada e extensa jornada abriram as portas e, na sequência, desembarcaram. O frio bastante similar àquele que Arthur tinha enfrentado na madrugada de sua chegada a Ancara justificava a indumentária mais pesada em tons de um bege-acinzentado trajada pelo sujeito que por eles aguardava, mesma cor aliás que recobria as paredes externas das edificações e boa parte da frota de veículos, e que também combinava com a nuance caqui desbotada do solo daquela região.

Assim que desceram, Neo deu a volta por trás do automóvel e se juntou aos seus companheiros de

estrada, que saltaram pelo outro flanco do carro. E, tão logo o fez, foram saudados pelo tal homem que por ali estava plantado:

– *Salaam!* – disse o sujeito de barba avantajada, e meio esbranquiçada de quem certamente já tinha ultrapassado e muito a barreira dos quarenta anos de idade. – Fizeram boa viagem? – complementou ele em seguida, já na língua inglesa e com seu sotaque de origem árabe, avizinhando-se um pouco mais do SUV.

– Nem todos nós. Dá só uma olhada... – retrucou o até então motorista dando um passo atrás, cedendo passagem ao cidadão fardado, e apontando pelo vão da porta ainda aberta para o interior do automóvel.

Assim que o camarada meteu a cara lá pra dentro do utilitário, prontamente percebeu, auxiliado pela iluminação interna do veículo, o corpo sem vida e com o abdômen coberto de sangue preso pelo cinto de segurança ao assento do carro.

– O que houve com ele? – indagou o homem sem expressar em seu rosto, de traços tipicamente médio-orientais, nenhum tipo de pesar.

A resposta àquele questionamento veio no

mesmo timbre de frialdade:

– Fomos atacados na travessia e ele acabou sendo atingido. Por sorte não tivemos o mesmo destino. – esclareceu o único dos encarregados que subsistiu àquela missão de transporte.

– Vou mandar alguém limpar essa bagunça toda e preparar o corpo. Será enterrado com as honras da Ofensiva. – declarou o sujeito uniformizado.

Superado o papo fúnebre, o barbudão se voltou aos novatos daquele centro de treinamento e se apresentou:

– Meu nome é Comandante Khalil. Sou o responsável por toda essa unidade de instrução. Sejam bem-vindos!

Arthur, cansado e meio remexido com todos os eventos que havia presenciado desde que subiu horas atrás naquele veículo verde-musgo parqueado bem ali ao seu lado, limitou-se a responder balançando positivamente a cabeça. Neo, mais à vontade, já acostumado a lidar com a Ofensiva, deu um passo à frente com o intuito de cumprimentar o mandachuva do lugar.

– Você deve ser Neo. – falou o Comandante Khalil estendendo sua mão em direção ao

especialista em informática e em sistemas de comunicação, sem contudo revelar como o havia identificado. – Terá muito trabalho por aqui. – completou ele já apertando firmemente a mão que lhe era oferecida.

O dirigente máximo do pedaço fez questão de também espalmar a mão ao outro recém-chegado:

– E você só pode ser o Mestre-Zero-Um, o novo instrutor de técnicas de combate.

Arthur não teve outra opção senão sacudir o braço daquele cidadão.

– Eu mesmo... – replicou ele se mostrando naquele momento um tanto econômico com as palavras.

– Nosso recrutador de Paris falou muito bem de você. Estou ansioso para presenciar suas tão exaltadas habilidades de luta... – comentou o comandante apoiando a mão direita sobre o coldre que tinha preso à cintura e que guardava sua inseparável arma, uma pistola nove milímetros. – Se tudo o que ouvi falar de você for verdade, precisávamos mesmo de alguém como você por aqui.

Arthur, que nunca foi muito bom em receber tais enaltecimentos, sem graça, deu um sorriso um

tanto amarelado.

Neo, por sua vez, deixou a perplexidade patente em sua face ao escutar elogios tão rasgados sendo feitos ao seu colega de IRON.

Caralho! Esse Zero-Um deve ser tipo um Bruce Lee do Krav Maga!, concluiu ele por meio dos pensamentos.

Em seguida à sessão de cumprimentos, o chefe da unidade fez um resumo das facilidades do lugar, limitando-se porém, num primeiro momento, àquelas que podiam ser vistas por eles dali:

– Pra vocês irem se habituando com o novo lar, ali na frente vocês passaram pelos alojamentos dos soldados e por uma área destinada ao estacionamento. – disse o sujeito apontando com os dedos.

Após girar seu corpo em cento e oitenta graus, continuou ele com suas explicações, nomeando, da esquerda para a direita, uma fileira de edificações:

– Aqui atrás, temos um alojamento para o pessoal operacional e o paiol principal, onde ficam guardadas a maioria das munições e armamentos desse centro de treinamento... Esse em que estamos é o prédio do comando, onde a turma operacional e eu passamos a maior parte do tempo fazendo

funcionar essa unidade de instrução, e também onde o Neo vai montar e implantar as melhorias no sistema de comunicação... Depois temos esse prédio anexo ao comando, em que ficam o almoxarifado, algumas salas, uma farmácia e uma enfermaria para os primeiros socorros, alguns dos quartos individuais... e, mais ao lado, lá na ponta, estão os geradores de energia elétrica, bombas hidráulicas, reservatórios de combustível, e esse tipo de coisa...

Ao girar o corpo novamente e botar seus olhos sobre os dois novatos, Comandante Khalil percebeu o quão acabados estavam eles depois daquela fatigante jornada iniciada em Ancara.

– Bom... Mostro o restante a vocês em outra oportunidade... Murat irá acompanhá-los aos seus aposentos. – enunciou o líder da unidade dando uns tapinhas nas costas do único dentre os viajantes que já conhecia, e muito bem, aquele centro de treinamento. – Se quiserem, tirem a manhã toda para descansar. Mandarei alguém para chamá-los, lá pela uma da tarde, quando eu for almoçar. Daí comemos juntos e termino de apresentar a vocês o lugar.

O dirigente local prosseguiu com seus dizeres:

– Murat, eles vão ficar aqui no anexo. Tem dois quartos preparados pra eles no andar de cima, lá nos fundos. Certifique-se que estão bem instalados e que não falta nada pra eles. – determinou o homem. – Depois disso, está dispensado.

O subordinado concordou prontamente com seu superior acenando com a cabeça.

Sob o olhar do chefe da unidade, pegaram os três então suas respectivas bagagens no porta-malas do utilitário e, na sequência, adentraram o prédio de dois pavimentos contíguo ao centro de comando.

Corredor comprido, não muito largo, piso liso, modesto, lembrando um acabamento de cimento queimado. Uma lâmpada incandescente, no teto mais à frente, proporcionava iluminação apenas suficiente para que nenhum deles saísse trombando nas paredes durante aquela breve caminhada.

Várias portas alinhadas, todas fechadas. Lá pela metade da extensão do tal corredor, dobraram à direita e, após Murat largar num canto a sua bolsa de viagem, subiram eles pelas escadas. Ao final dos degraus, direita novamente.

A iluminação do pavimento superior era similar àquela do andar de baixo. Arthur e Neo

seguiram seu guia por outra sucessão de portas até alcançarem as duas únicas que não estavam cerradas.

– Estes são os seus quartos. – anunciou Murat depois de acender a luz de ambos os cômodos.

Na sequência, o homem julgou pertinente transmitir aos novatos algumas poucas orientações:

– Usem o mínimo de energia que puderem, pois, nesse horário, só um dos geradores fica ligado, fornecendo praticamente o necessário para as atividades essenciais desse turno da unidade... Ali adiante, na outra ponta do corredor, tem um banheiro, com pias, vasos e um pequeno vestiário... Só não recomendo um banho agora porque a água dos chuveiros deve estar trincando de gelada. Água morna só no final da tarde e no começo da noite, ao final do expediente dos soldados, com os geradores trabalhando a plena carga.

Tendo em mente as ordens que recebera há pouco do Comandante Khalil, o homem prosseguiu com a palavra:

– Estão com fome? Acho que já consigo providenciar alguma coisa pra vocês na cozinha do refeitório.

Neo, convencido de que poderia se virar com

as barras de chocolate que tinha na mochila, não quis incomodar Murat e recusou a oferta. Arthur, certo de que viria a vomitar se tentasse comer algo com a imagem tão vívida de um cadáver em sua memória e afrontado pelo futuro cruento que ainda se apoderava de seu olfato, viu-se obrigado a rejeitar o lanchinho pré-alvorada.

– Ótimo... Tem mais alguma coisa que eu possa fazer por vocês? – questionou o sujeito.

Diante do chacoalhar negativo de cabeça de um e da reticência do outro, o homem cedeu aos forasteiros um derradeiro conselho antes de se retirar:

– Então tentem descansar, pois a rotina por aqui não é nada fácil.

Murat, exaurido da viagem, e de certa forma aliviado por não ter tido o trabalho de recorrer ao refeitório por aqueles dois, deu meia-volta e caçou seu rumo ávido por algumas horas de sono profundo.

O até há pouco motorista e também agora cicerone dos calouros mal desceu as escadas e Neo já foi logo perguntando:

– E aí? Quer ficar com qual quarto?

Arthur externou o seu pleno desinteresse em

tomar esse tipo de decisão:

– Tanto faz... pode escolher.

De posse da carta branca que recebera de seu companheiro de Ofensiva, Neo enfiou as fuças em ambos os aposentos e escolheu aquele que lhe pareceu o menos apertado.

– Fico com esse então. – disse o perito em computação se apoderando do cômodo da esquerda.
– Boa noite.

Neo nem sequer esperou a resposta do camarada ao seu lado para entrar e se trancar dentro de sua nova morada.

Arthur, deixado ali meio que no vácuo, fez o mesmo com a acomodação que lhe sobrou.

Lá dentro, sob o brilho deficitário e amarelado da lâmpada presa junto ao teto por um par de fios, encontrou um dormitório minúsculo, minguido, envolto em paredes de um branco que parecia recém-pintado.

Nos quatro metros quadrados de privacidade, somente o considerado essencial para se passar as noites e para se guardar uns poucos pertences.

Tudo muito simples, sem luxo algum. À direita de quem entra, um colchão de solteiro, guarnecido de lençóis, cobertores e travesseiro,

ligeiramente mais curto que a estrutura de alvenaria que o suportava, estrutura esta que ocupava toda a extensão daquela parede lateral e também uns quarenta por cento da área total do cômodo. À esquerda, quase junto à porta, apenas um armário metálico, aproximadamente dois metros de altura por meio metro de largura, daqueles normalmente vistos em vestiários. E à frente, complementando a suntuosidade exagerada do quarto, um tamborete alto encimado por uma bacia cerâmica com seus quarenta centímetros de diâmetro, preponderantemente marrom e ornada de detalhes florais multicoloridos e estilizados, um espelho pregado ao nível dos olhos na parede adjacente e, rente à cabeceira da cama, um criado-mudo feito em madeira e dotado de duas gavetas.

À exceção do roupeiro que tinha alguns amassados em suas chapas de aço, todo o resto aparentava ser novo ou muito bem conservado.

Uma pequenina janela basculante bem mais acima do espelho, quase junto ao teto, era a única incumbida por regular a ventilação do ambiente e por deixar entrar, durante o dia através de seu vidro transparente, alguma luminosidade natural do mundo exterior para aquele diminuto aposento.

PERIGOSAS NACIONAIS

Largou sua mochila na superfície vaga que havia entre a parede e o finalzinho do colchão para na sequência dar uma explorada mais aprofundada no recinto.

Abriu a porta superior do armário. Por ali, apenas uns cabides de arame pendurados na parte de cima, uma toalha de banho dobrada na parte de baixo e mais nada. Na porta inferior, algumas prateleiras desocupadas segmentavam horizontalmente o espaço.

Em seguida, sentou-se no colchão, próximo à mesinha de cabeceira. Inspeccionando as gavetas daquele móvel escuro de madeira, encontrou na primeira delas uma caixa de fósforos e meia dúzia de velas, já na segunda não achou coisa alguma.

Só dali onde estava veio Arthur a reparar num jarro de tamanho mediano pousado no chão, bem entre os pés vazados do tamborete. Apesar de feitos do mesmo material, este era bastante rústico quando comparado à bacia situada um pouco mais acima, muito menos trabalhado, rematado somente pelo tom ocre-avermelhado do barro queimado. Jogou o tronco para frente, pegou-o com a mão esquerda pela asa e, após verificar que estava cheio de água, recolocou-o em seu local de origem.

PERIGOSAS ACHERON

Exploração encerrada.

E sem querer descumprir a orientação passada ainda há pouco por Murat quanto à economia de energia elétrica, Arthur tratou de se preparar para se deitar.

Meteu o casaco mais pesado que vestia embolado dentro do armário, manteve no corpo o moletom e a camisa de malha, sacou os pés dos calçados.

Tudo pronto para apagar a luz... ou quase. Agora só faltava medicar a dor de cabeça que já o molestava desde a última meia hora de estrada.

Buscou dentro da mochila aqueles que se tornaram seus melhores amigos dos últimos dias: os analgésicos.

Tomara que tenham mais desses por aqui..., matutou ele ao retirar da cartela o último dos remédios que lhe restava.

Com certo receio de que a água da jarra pudesse lhe causar um revertério gastrointestinal absolutamente dispensável, depositou o comprimido paliativo entre os seus dentes molares e, depois de umas mastigadas, engoliu-o a seco mesmo.

Agora sim tudo pronto para apagar a luz...

PERIGOSAS NACIONAIS

Dedo no interruptor pegado à porta do quarto, lâmpada desligada.

Tateando a escuridão, adentrou as cobertas e estirou seu corpo sobre o colchão. Sentindo o gostinho amargo do resíduo de analgésico que remanesceu em sua boca, Arthur acomodou a cabeça no travesseiro, fechou os olhos e torceu para não ficar por muito tempo acordado.

■ ■ ■ ■ ■

Arthur foi despertado por volta do meio-dia por um cântico eufônico e afinado reproduzido por um conjunto de autofalantes montado sobre o prédio do centro de comando logo ao lado, mesmo cântico aliás que havia escutado horas atrás, pouco depois de se deitar e imediatamente antes de pegar no sono, e que lembrava bastante o chamado à oração testemunhado por ele algumas vezes numa ou noutra visita que fizera às mesquitas da capital francesa durante a sua estada por lá.

De pé há algum tempo, e sentindo-se meio inibido de sair vagando totalmente desacompanhado pelo centro de treinamento, preferiu ficar confinado dentro do quarto.

PERIGOSAS ACHERON

Já tinha lavado o rosto com a água da jarra em sua pia improvisada, esticado sua cama, tirado a maioria de suas tralhas de dentro da mochila e ajeitado-as dentro do armário, e naquele instante aguardava, ao som dos roncos intermitentes provenientes de sua barriga, o tal subordinado de Khalil que, mais cedo ou mais tarde, seria enviado até lá para buscar os mais novos residentes do lugar.

Com a bateria do celular zerada desde a metade da noite passada e sem nenhuma tomada de energia disponível nas paredes do dormitório para recarregá-la, Arthur não tinha mais como consultar o relógio do aparelho a fim de tentar gerenciar a ansiedade e, principalmente, a vontade de almoçar, mas sabia de alguma forma que o citado emissário do comandante não iria tardar.

E não tardou... Mas, diferentemente do que Arthur esperava, e contrariando aquilo que fora mais ou menos acertado na madrugada passada, não bateu à sua porta um enviado do mandachuva e sim o Comandante Khalil em pessoa.

Desfrutando de uma folguinha que surgiu em seus afazeres diários, o dirigente do centro de treinamento resolveu ir ele próprio chamar a dupla

de novatos.

Quase que sincronicamente, Arthur e Neo saíram de seus respectivos abrigos.

Só pelo jeitão dos dois já dava pra saber qual deles havia sido acordado pelas batidas um tanto vigorosas às portas dos quartos. Um, mais bem apresentado, alinhado, cômodo organizado. Outro, descalço, amarrotado, cabelos ainda mais revirados que o de costume, cara de assustado, aposento todo zoneado...

Cumprimentaram-se os três.

E depois que Neo calçou seus tênis, e de uma paradinha técnica para o pipi solicitada pelo especialista em sistemas de comunicação, que também foi aproveitada por Arthur, partiram eles então para um *tour* detalhado por aquele centro de instrução.

■ ■ ■ ■ ■

Rodaram por toda a unidade, começando pela parte da frente, aquela que fora superficialmente apresentada a Arthur e Neo na madrugada passada.

Nos alojamentos destinados aos soldados em treinamento, conheceram a capacidade já instalada

PERIGOSAS NACIONAIS

e os planos de ampliação do número total de acomodações.

Dentro do primeiro dos longilíneos dormitórios coletivos, quatro compridas fileiras de beliches metálicos intercalados com roupeiros de aço e vestiário com chuveiros e vasos sanitários. Tudo limpo e arrumado. Com as mesmas dimensões do anterior, o segundo alojamento, ainda não finalizado mas já bastante adiantado, e no qual trabalhavam alguns homens pintando paredes internas e terminando de assentar o telhado, serviria muito em breve para duplicar a quantidade de recrutas zanzando pelo lugar.

De acordo com o comandante, quase todos os cento e vinte leitos atualmente disponíveis estavam ocupados pela segunda turma de aprendizes de soldado que vinha sendo adestrada havia praticamente um mês naquele centro de formação da Ofensiva. Ainda consoante os dizeres do dirigente, a ideia era que a obra onde estavam ficasse pronta a tempo de receber a terceira leva de recrutas, o que ocorreria dentro de mais umas seis semanas.

O alojamento do pessoal que tocava o dia a dia do local não era tão grandioso quanto os demais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seccionado em quartos, uns mais amplos para até seis ocupantes, outros individuais e bem arrochados, ao estilo daquele utilizado por Arthur, já estava com a capacidade esgotada, motivo pelo qual os novatos foram alocados no prédio anexo ao centro de comando.

Visitinha rápida ao paiol principal, onde puderam ver boa parcela do arsenal bélico existente no local: pistolas, fuzis, granadas, munição, explosivos... À exemplo da miscelânea de veículos militares parqueados na área vizinha aos dormitórios dos aspirantes a soldados, tudo adquirido no mercado negro ou tomado à força do inimigo.

Passando direto pelo centro de comando, que ficaria para mais tarde, e pelo prédio anexo a este, que Arthur e Neo já conheciam, chegaram a uma espécie de galpão cercado por placas de metal corrugado onde estava arranjado todo o maquinário do lugar.

A essa altura, o brilho intenso do sol, a temperatura amena e a ausência de ventos já tinham forçado Arthur a desvestir o moletom e a carregá-lo jogado de qualquer jeito sobre um de seus ombros.

Estacionado um pouco mais ao lado do tal

PERIGOSAS ACHERON

galpão do maquinário, próximo a um enorme tanque de combustível e a duas estruturas de concreto armado, uma sustentando uma guarita de vigia outra amparando uma caixa d'água, estava o SUV verde-musgo que trouxera Arthur de Ancara.

Ao ver o referido automóvel, foi impossível a Arthur não se lembrar do defunto que chegara com ele àquele centro de instrução e que o deixara meio que traumatizado...

Contudo, o corpo do morto não estava mais no interior do carro... Por ali apenas um homem bem vivo esfregando panos umedecidos sobre o revestimento de couro, na tentativa de limpar do banco dianteiro todo o sangue ora coagulado.

Até aquele momento, nada de grandes aglomerações de gente, fato que já estava deixando Arthur meio encucado. Como podia um centro de treinamento da IRON em pleno funcionamento, lar provisório de quase cento e vinte soldados, ser assim tão pacato? Só tinha visto um ou outro gato-pingado empenhado em alguma atividade mais específica ou garantindo a segurança daquela unidade. Mas isso só até aquele momento...

Dali em diante a coisa mudou de figura. Enquanto os três, Comandante Khalil, Neo e

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur, cruzavam para a parte posterior do centro de instrução, caminhando pelo espaço vago entre o galpão do maquinário e o aramado que circundava toda aquela instituição, o zunido de bombas hidráulicas e geradores foi sendo gradativamente substituído pelo vozerio que transbordava de um lado logo mais à frente, lado este que resguardava o refeitório e a cozinha do local.

Por uma abertura lateral daquela grande tenda amarelada, Arthur finalmente pôde ver a tropa àquele centro de treinamento aquartelada, ou boa parte dela. Ali dentro, ao menos uma centena de homens sentados às mesas alongadas, comendo, bebendo, batendo papo e dando risada.

Vendo aquele povo todo almoçar, Arthur sentiu novamente a sua barriga roncar. A fome àquele instante era tamanha que ele já nem se importaria de mandar qualquer coisa que fosse pra dentro da barriga mesmo que acompanhado da imagem cadavérica recém-evocada à sua mente...

Pararam ali por um minuto, entretanto ainda não seria a hora de eles encherem as panças. Enquanto os novatos aguardavam do lado de fora, o comandante adentrou o refeitório e trocou algumas palavras com alguém que estava por lá.

PERIGOSAS ACHERON

Aproveitando a ausência momentânea do diretor, Arthur exprimiu a Neo o seu assombro com tudo aquilo que lhes fora pormenorizadamente mostrado até então:

– Como que a Ofensiva consegue erguer um negócio desses aqui no meio do nada?

– Cara... com dinheiro, material de sobra obtido nas cidades vizinhas e com a farta mão de obra dos recrutados, dá pra fazer de tudo... – respondeu Neo, dando uma boa noção de como tal proeza havia sido realizada.

Assim que o Comandante Khalil se juntou novamente a eles, retomaram o passeio, agora pela segunda metade das instalações.

Partindo das imediações da tenda do refeitório, perfizeram a pé, no sentido horário, o que formaria algo parecido com um imenso círculo imaginário.

Na ida, seguiram por uma gigantesca área, repleta de pneus, muros, cordas, barris enferrujados, trincheiras e arame farpado, na qual eram aprimorados o condicionamento físico e algumas habilidades de combate dos futuros soldados, até chegarem ao setor mais a nordeste da unidade, reservado ao manejo de armas, bastante similar a um estande de tiros a céu aberto, e onde

também eram transmitidos ensinamentos acerca do uso de quase todo o tipo de explosivos aos futuros soldados.

Já no trajeto de volta, mais um punhado de obstáculos utilizados durante os adestramentos diários e, quase fechando o giro pela seção posterior do centro de instrução, um espaço no qual ficavam colocados alguns canhões de médio alcance, daqueles montados sobre rodas, e um impressionante veículo blindado sobre o qual estava acoplado um sistema de lançamento de mísseis, carregado com vinte projéteis, apontado para o ar e aparentemente pronto para a ação.

Arthur, mesmo sem saber se a Ofensiva detinha conhecimento e tecnologia suficientes para operar aquele tipo de aparato bélico, imaginou que só de o tal equipamento de guerra estar ali postado já deveria ser o bastante para dissuadir a absoluta maioria das investidas aéreas do inimigo. E se não dissuadisse as investidas aéreas do inimigo também, paciência! Já com os dois pés muito bem plantados dentro da cova, isso para ele não faria a menor diferença...

Neo, que na contramão do pensamento de Arthur prezava imensamente por sua vida, preferiu

não ficar apenas divagando pelo mundo das suposições e submeteu ao líder daquela unidade algumas de suas preocupações:

– Tudo isso a céu aberto? Não acham que estão se expondo demais aqui não? Não têm medo de os caras jogarem uma bomba em cima disso tudo?

Seguindo em sua marcha, Khalil, valendo-se de um quantidade reduzida de palavras, refutou aquela avalanche de inquietações sem prestar maiores explicações:

– Acredite: estamos muito seguros aqui. Não há o que temer.

Pouco depois, num cantinho totalmente livre e desocupado quase junto ao refeitório, encerrou-se a caminhada daqueles três. E sobre aquele piso de chão batido, comandante Khalil orientou a conversa aos porvindouros afazeres de Arthur:

– É aqui que você vai treinar a partir de amanhã os nossos homens... Quero que você ensine a eles o básico para que possam se virar nas principais situações de combate corpo-a-corpo. Tenha em mente que cada uma das turmas de recrutas fica aqui por cerca de dez a onze semanas.

– Dez a onze semanas? – repetiu Arthur meio

descrente do que havia escutado. – Nesse tempo não dá pra ensinar nem o básico do básico...

– Vai ter que dar. – enfatizou o comandante. – Não temos como manter os recrutas internados aqui por um prazo maior que esse. Precisamos abastecer as linhas de frente da Ofensiva com soldados... Sei que é complicado, mas também sei que você vai dar um jeito.

Considerando que seria completamente improdutivo contra-argumentar, o novo instrutor de lutas viu-se compelido a concordar:

– Sim, darei um jeito...

– É como se fosse um curso intensivo. Aulas todos os dias, de domingo a domingo, grupos de trinta alunos... – continuou o mandachuva com seu sotaque árabe. – Use métodos de ensino não ortodoxos e cruéis se necessário. Use tudo o que for preciso para que os soldados aprendam o mais rápido possível...

– Deixa comigo. – retrucou Arthur demonstrando que havia entendido o recado.

Depois destas primeiras orientações ao mestre do Krav Maga, Comandante Khalil mudou um pouco de assunto:

– Como viram, ainda temos muita coisa

improvisada por aqui. Já melhorou muito desde que cheguei e vai melhorar ainda mais com o dinheiro que teremos para investir nos próximos anos... Se tudo correr conforme o programado, em pouco tempo esse lugar se tornará a nossa maior unidade de treinamento e também um relevante centro de comando da IRON.

Enquanto escutava mais aquele punhado de palavras, Arthur notou, posposto aos canhões e ao lançador de mísseis, mais afastado, um prediozinho de dois pavimentos situado na extremidade sudeste do centro de treinamento, fechado, janelas e porta cerradas, aparentemente desocupado, sem nenhum movimento. Ele até cogitou perguntar do que se tratava, porém, como nada foi dito pelo comandante acerca daquela construção em particular, acabou pressupondo que não teria nenhuma utilidade para o lugar.

E para aqueles que estavam a ponto de desmaiar de inanição, veio em seguida a melhor notícia do dia:

– Bom... Mandeí servirem nosso almoço lá na minha sala. Já devem ter preparado tudo por lá. Venham, por favor, ainda temos muito o que conversar...

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 44 – ADAPTAÇÃO

Uma, duas semanas se foram naquele novo lar.

Sem nunca ter sido questionado a respeito de seu verdadeiro nome ou quanto a alguma alcunha que queria vir a usar, o que acabou pegando foi Zero-Um mesmo. Mestre-Zero-Um quando abordado por um dos aprendizes de soldado.

Arthur ainda ia se habituando com o novo ambiente e com a nova rotina: os horários rígidos, a comida, que não era lá essas coisas mas que também não dava pra reclamar, os chamados às orações entoados cinco vezes ao dia através dos autôfalantes do centro de treinamento e que ditavam o ritmo do lugar, as aulas de Krav Maga que passou a ministrar...

E por falar em Krav Maga, com os cento e dezenove indivíduos daquela segunda turma de aquartelados, formaram-se quatro grupos que se revezavam logo pela manhã diante de Arthur para as tais aulas de luta, que duravam cada uma por

volta de sessenta minutos.

Dentre os alunos, gente de todo o planeta, o que evidenciava o grande apelo e o alcance que a Ofensiva tinha na hora de recrutar. Muitos deles, claro, provenientes de regiões da Síria, do Iraque e da Turquia dominadas pela IRON, do califado propriamente dito, mas havia também vários exemplares da Europa, da África e de alguns países da Ásia, e ainda uns poucos das Américas e até da Oceania. Todos homens, jovens, com média de idade girando em torno dos vinte e três anos.

Como a grande maioria dos internos falava bem o inglês ou pelo menos o básico, adotou-se este idioma durante as aulas para facilitar a comunicação e a vida do professor. Daí, aqueles que não entendiam muito bem a língua se viravam como podiam, observando e imitando as técnicas de luta apresentadas pelo instrutor.

Nada mais de Arthur usar o par de tênis ou as roupas que trouxera consigo para lá. Agora a moda era o preto das botinas e o bege com detalhes camuflados dos conjuntos de uniforme que recebera ao final do seu primeiro dia no centro de instrução, idênticos às fardas dos recrutas e também às de todo o pessoal operacional. Até as cuecas e

meias eram as fornecidas a ele quatorze dias antes, à época de sua chegada àquele local.

Quando achava que alguma peça de seus trajes precisava ser lavada, bastava deixá-la jogada sobre o chão do seu quarto para que os encarregados da limpeza recolhessem e devolvessem, até uns dois dias depois, higienizadas dentro do armário. Mordomias inerentes ao cargo...

Com apenas quatro aulas para ministrar pelas manhãs, Arthur ocupava o restante do seu expediente aprendendo a lidar com todo o tipo de arma, desde as facas aos rifles mais pesados, passando por pistolas semiautomáticas, fuzis e até granadas, e ainda acompanhando bem de perto todos os demais ensinamentos que eram transmitidos aos futuros soldados. Táticas de guerrilha, preparação física, exercícios militares... Eventualmente, mesmo sem ser obrigado, juntava-se aos recrutas e esgueirava-se com eles no imenso campo de obstáculos.

As reuniões com o comandante Khalil eram bastante frequentes. Quando Arthur não era convocado à sala do líder da unidade para prestar relatórios acerca do andamento de suas atividades, o dirigente dava o ar de sua graça numa das aulas

PERIGOSAS NACIONAIS

de Krav Maga a fim de conferir o progresso geral com seus próprios olhos. O homem queria saber de tudo: evolução da turma, eventuais problemas disciplinares dos alunos, o que lhes havia ensinado, quais seriam os próximos passos... Arthur chegava a se sentir como um estagiário, um neófito recém-admitido numa empresa e constantemente avaliado por um superior hierárquico, o que não deixava de ser verdade...

Barba e cabelo crescendo e evidenciando a passagem do tempo.

Três, quatro semanas...

Friozinho razoável durante o dia, temperaturas em queda livre durante a noite.

Relógio biológico sincronizado à rotina, enjoos e dores de cabeça eventuais, paladar mais acostumado ao gosto da comida.

Arthur já não precisava ficar olhando para os lados para copiar todo o gestual inerente aos rituais de oração. Em seus vários diálogos diários com Deus, um assunto recorrente: pedia quase sempre que aguentasse firme, que o corpo não sucumbisse, que lhe fosse dada a chance de completar o seu grande plano de mudar o mundo...

Fechado, sério, de pouca conversa... Pouco ou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

praticamente nada daquele Arthur palhaço, extrovertido e bem-humorado de outros tempos se via por ali. Ele só se soltava nos bate-papos informais que tinha vez ou outra com Neo, quando acontecia de eles dois se encontrarem à porta de seus respectivos aposentos pouco antes de se recolherem para dormir. E olha que nem se soltava tanto assim... Nessas ocasiões esporádicas, mais ouvia os causos do colega do que falava. A sociabilidade era apenas a suficiente para circunstancialmente marcar um sorriso fugaz em seus lábios.

Naquele pouco menos de um mês, com dedicação e trabalho duro, já tinha Arthur conquistado certa confiança do líder do centro de treinamento. O respeito dos que faziam aquilo tudo funcionar também veio, especialmente depois que um boato acerca do novo preceptor de luta havia se espalhado pelo lugar.

Corria à boca miúda que o tal Zero-Um, numa espécie de teste surpresa de admissão à Ofensiva, tinha nocauteado sozinho e sem nenhuma dificuldade quatro caras usando apenas as suas mãos...

Ele não sabia direito como a citada fofoca

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

havia se alastrado, mas poderia apostar um de seus braços como tinha algo a ver com a tagarelice desenfreada do seu vizinho de quarto... Sim, Arthur havia contado para Neo numa das tais prosas noturnas o motivo de ter recebido tantos elogios do Comandante Khalil no momento em que os dois chegaram àquela unidade de instrução...

Mas não contou simplesmente por contar ou para se vangloriar... Apenas o fez depois de alguma insistência daquele linguarudo perito em sistemas de comunicação.

Bom... “alguma insistência” é modo de dizer... A verdade é que Neo encasquetou com os enaltecimentos recebidos por Zero-Um e só sossegou o facho quando Arthur revelou a história do tal “assalto” simulado.

Esforçado, ávido por todo o tipo de conhecimento, se não estava treinando alguém, arrumava alguém para treiná-lo. Ainda não dominava completamente o manuseio de armas, mas já entendia perfeitamente o seu funcionamento. Mostrava mais afinidade e pontaria com as pistolas semiautomáticas e, pouco a pouco, melhorava sua mira nos disparos com fuzis e com rifles mais pesados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao final da quinta semana, a inexperiência como professor já estava praticamente superada. Combinando o modelo de ensino de seu antigo mestre de Krav Maga à urgência da IRON, acabou encontrando uma metodologia própria, focada quase que exclusivamente na demonstração de exemplos práticos por parte dele e na repetição exaustiva das lições por parte dos pupilos. Conforme exigido pelo comandante do lugar, vinha sendo sim muito rígido durante as aulas, porém não chegava a maltratar os alunos.

Não se apegava a ninguém, não estava ali para fazer amigos. Queria apenas ir tocando o barco, cumprir com o trabalho que lhe fora confiado pela Ofensiva, fazer algo de útil com o que restava de sua vida.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 45 – FECHANDO O CICLO

Meados de dezembro. Última semana dos aprendizes de soldado naquele centro de treinamento.

Prontos ou não, com mais alguns dias, aquela segunda turma de aquartelados deixaria o local para engrossar as linhas da Ofensiva.

Concluído o internato, a maioria absoluta deles, cento e quatorze para ser mais exato, seria distribuída no território do califado para contribuírem com a ampliação e manutenção do torrão já conquistado.

Outros cinco formandos não teriam o mesmo destino... estes cinco haviam sido selecionados para voltarem aos seus países de origem para de lá atuarem em prol do grupo extremista, aliciando novos jovens e formando células que permaneceriam inativas até que recebessem ordens da cúpula da IRON para desencadearem atos

PERIGOSAS ACHERON

terroristas...

À exceção do frio que ia se intensificando com a proximidade do inverno, aquela segunda-feira foi exatamente igual às demais que Arthur passou naquele complexo de instrução. Já o dia seguinte reservaria algo inusual e que chamaria a sua atenção...

Lá pela terceira aula que lecionava naquela terça-feira, percebeu mais ao fundo, por entre os canhões de médio alcance e o lançador de mísseis, um entra e sai naquele prediozinho isolado no canto sudeste da unidade e que pensava ele até então ser completamente inservível para aquela instituição.

Curioso, seguiu Arthur observando pela próxima hora toda aquela movimentação...

E, já perto do final da quarta aula, eis que surge uma oportunidade de tentar esclarecer aquela situação: Neo, o único dos residentes daquele centro de instrução que não usava no dia a dia os uniformes fornecidos pela Ofensiva, carregado de *notebook*, tripé, câmera de vídeo, um emaranhado de fios e alguns outros pequenos dispositivos, vinha caminhando, acompanhado de um dos carinhas da limpeza, aparentemente em direção à tal edificação.

Assim que o “leva e traz” oficial do local

passou ali ao lado, Arthur catou-o pelo braço:

– O que tá acontecendo lá atrás? – questionou ele ao mexeriqueiro acenando a cabeça e apontando o olhar no sentido do aludido edifício. – Eu achava que aquilo lá não prestava pra nada...

– Cara, o número dois da Ofensiva tá chegando aí... – respondeu Neo se referindo a Mustafa Assad, o segundo homem na cadeia de comando da IRON. – Tão preparando o lugar pra chegada dele... Me disseram que é ali que os pica-grossa ficam hospedados e fazem todas as suas reuniões...

– O número dois? Aqui? – surpreendeu-se Arthur.

– É! Parece que de tempos em tempos um dos grandes aparece por aqui pra saber do dia a dia do CT, pra alinhar as metas da Ofensiva pessoalmente com o Khalil e outras coisas do tipo... – esclareceu o *hacker* perito em fofocas e em sistemas de comunicação. – E parece que dessa vez vai coincidir com a formatura dos recrutas. – completou ele em seguida.

Todavia, antes que Arthur pudesse angariar mais alguma coisa a respeito da insigne visita, Neo se viu impelido a encerrar a conversa fiada:

– Olha, o esquema hoje tá meio corrido... Depois a gente se fala!

Neo então se virou e deu uma corridinha desajeitada para alcançar o camarada da limpeza, camarada este que não tinha parado para participar daquele breve bate-papo com Arthur.

Processando em sua mente toda aquela informação, o instrutor de luta recolheu suas mãos geladas dentro dos bolsos do agasalho bege-camuflado e retomou seus afazeres diários.

E na quarta-feira, no meio da manhã, passou o Comandante Khalil todo apressado, montoeira de papeis sob o braço, ali pelos arredores da aula de Krav Maga rumo ao prediozinho mais ao fundo. O homem estava tão concentrado em seus passos que nem sequer olhou para Arthur, ou melhor, para Zero-Um a fim de cumprimentá-lo.

A postos à frente da pequenina edificação, o dirigente local ficou andando de um lado para o outro, deixando transparecer uma certa inquietação.

Poucos minutos depois, a notícia cedida a Arthur por Neo se confirmou... Chegou ao centro de treinamento a comitiva do vice-líder da Ofensiva.

Dois dos veículos blindados de combate que

compunham o comboio do figurão da IRON encostaram próximo aos alojamentos dos soldados e um terceiro, o do meio, continuou para a seção posterior daquela unidade, atravessando o amplo vão existente entre o prédio anexo ao centro de comando e o galpão que abrigava o maquinário.

Tão logo avistou o mencionado veículo surgindo por trás da tenda do refeitório, Arthur se desligou da aula que ministrava para vê-lo perfazer o mesmo trajeto percorrido há pouco por Khalil.

A exemplo do professor, vários dos alunos também interromperam momentaneamente o que faziam para repararem na passagem daquele blindado.

Carro de combate parado, saltou de lá de dentro um homem de turbante e túnica brancos, que, após cumprimentar o dirigente do centro de treinamento com dois beijos, um de cada lado do rosto, adentrou imediatamente as dependências do prédio.

Antes que o veículo desse meia-volta e se encaminhasse ao estacionamento, outros dois elementos, fardados e ostensivamente armados, desembarcaram. Porém, diferentemente do primeiro sujeito, e do Comandante Khalil que

também se enfiou porta adentro, ficaram eles por ali mesmo, no exterior daquela edificação, montando guarda pelas adjacências.

Depois de encerrada a última aula que regeria no dia, e imbuído em outras atividades que complementariam seu processo de aprendizado em outras disciplinas, Arthur não pôde mais fiscalizar a porta que dava acesso àquele prédio mais afastado.

E ainda que pudesse, se a intenção dele fosse a de vislumbrar por mais alguns instantes tão importante membro da Ofensiva, de nada adiantaria... Mustafa Assad manter-se-ia metido no interior de seu abrigo pelo restante daquela quarta-feira.

Quinta-feira, derradeiro dia de treinamento, véspera da formatura. Dado o mesmíssimo comportamento reservado do vice-líder da IRON, o instrutor de luta mais uma vez teve que se contentar em apenas observar o intenso vaivém de pessoas naquele prediozinho longínquo. Nada de o número dois da Ofensiva dar as caras enquanto Arthur lecionava as últimas quatro aulas de Krav Maga para aquela segunda turma de aquartelados... O ilustre visitante permaneceu recolhido fazendo suas reuniões pela manhã e seguiria assim por todo o

período da tarde.

Naquela noite de quinta-feira, Arthur e Neo finalmente se reencontraram. Na verdade, quase se chocaram na escadaria que ligava os dois andares do prédio anexo ao centro de comando, aquele em que ficavam os seus quartos. Entretanto, apenas o primeiro deles subia os lances de degraus e se preparava para dormir. O segundo, jeitão meio vexado, desolado, marchava de volta ao trabalho.

O ruivo, que andava sumido das vistas de Arthur fazia mais de dois dias, mesmo sem ser perguntado, acabou revelando que fora convocado a participar de algumas das reuniões com Assad e que numa delas levou o que chamou de “uma gigantesca comida de rabo” por estar um pouco atrasado em relação ao cronograma proposto para as melhorias que faria no sistema de comunicação. Num tom de desabafo, disse Neo que o cara não quis nem saber se a culpa do retardo era de algumas placas de circuito e de uns outros componentes indispensáveis ao progresso do projeto já encomendadas pelo hacker à IRON e que ainda não tinham chegado...

Mantendo sua fama de tagarela, o *nerd* de sotaque britânico contou ainda que, nas outras

reuniões de que participou, viu o vice-líder da Ofensiva chamar à sua presença, um a um, aqueles cinco recrutas que muito em breve regressariam às suas respectivas pátrias com a missão de carregarem na surdina a bandeira do califado.

Cada um dos jovens soldados recebeu a bênção e o incentivo do número dois da IRON. Depois disso, tendo Neo como cinegrafista e sendo supervisionados por Khalil e Assad, os cinco formandos registraram em vídeo pequenos depoimentos que poderiam ser oportunamente divulgados como propaganda do grupo fundamentalista, principalmente se um daqueles depoentes viesse a se envolver num grandioso e bem-sucedido atentado e a se tornar um verdadeiro herói da Ofensiva.

Na sexta-feira, o almoço especial denunciava o fim do adestramento daquela leva de recrutas. O que se viu no refeitório àquela data não foi a costumeira e limitada ração de todos os dias, mas sim uma variedade de comidas típicas e muita fartura.

E se a expectativa de todos ali, inclusive a do Comandante Khalil, era a de que Mustafa Assad saísse da toca e participasse da breve e não muito

pomposa cerimônia de graduação a ser realizada logo em seguida ao horário do almoço em frente ao alojamento dos soldados, então ninguém ficou decepcionado. O camarada não só esteve presente em boa parte do rito de encerramento da segunda turma daquela unidade de treinamento como também dirigiu algumas palavras aos recém-formados.

Entretanto, nada muito demorado... Sem um microfone para auxiliá-lo, em árabe, idioma em que se expressava mais à vontade, e sendo traduzido sentença a sentença para a língua inglesa pelo chefe local dada a grande parcela do público que não entenderia nada do que era dito, o homem de turbante e túnica brancos e barba tão avantajada e esbranquiçada quanto a de Khalil apenas se apresentou, fomentou com frases feitas a resiliência e a bravura dos jovens perfilados diante dele e enfatizou a importância de cada um deles para o sucesso do califado.

Mal finalizou seu discurso, Assad acenou para a multidão e se mandou daquele lugar com sua comitiva de guarda-costas e de carros blindados.

Na sequência, a turma prestou novo juramento à Ofensiva e, logo após uma rajada de tiros de fuzil

PERIGOSAS NACIONAIS

disparada para o ar ordenada pelo Comandante Khalil, viu-se dispensada para terminar de arrumar suas malas.

E lá pelo meio da tarde, os integrantes do novo pelotão de soldados começaram a se amontoar nas traseiras de meia dúzia de caminhões que já estava preparada para escoá-los dali.

Bem antes do anoitecer, protegidos do frio apenas pelo casaco da farda e pela lona que recobria a carroceria daqueles veículos de carga, partiram eles rumo a outros destinos.

E, assim que a fila de caminhões abarrotada de gente cruzou os portões daquela instituição, marcou-se oficialmente o fechamento de mais um ciclo de instrução...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 46 – INTERSTÍCIO

Terminado o segundo ciclo de ensino naquela unidade de Siirt, o desafio agora era preparar o local para a chegada da terceira turma de recrutas. Desafio mais que dobrado aliás, pois, com o outro alojamento de soldados pronto para operar, os cento e dezenove formados que se foram dariam lugar a duzentos e quarenta novatos.

Correndo tudo conforme o programado, a expectativa era a de que ao final do domingo já estivesse por ali boa parte dos novos aquartelados e que o restante deles chegasse até a manhã da segunda-feira.

E uma vez que nessa referida segunda-feira haveria apenas uma cerimônia de boas-vindas para os alunos da terceira turma e que o reinício efetivo das atividades de treinamento estava marcado somente para a terça-feira, teria Arthur uns dois ou três dias bem menos atribulados pela frente.

Mas ele não aproveitou a folga das aulas para

PERIGOSAS NACIONAIS

descansar, preferiu arrumar o que fazer, caçar trabalho. Agregou forças ao mutirão da limpeza, alocou os mantimentos da cozinha dentro da despensa, ajudou a separar os kits de uniformes e os jogos de roupas de cama dos soldados... Em suma, não parou sequer por um minuto nesse intervalo. Tudo isso para tentar ocupar ao máximo a cabeça e evitar que a mente reencontrasse as pessoas que outrora fizeram parte de sua história, tudo isso para cortar as asas da alma e impedir que o pensamento voasse de volta ao lugar que pouco mais de dois meses e meio atrás costumava chamar de lar...

E assim foi o sábado e o domingo de Arthur...

Lá pelas dez da manhã da segunda-feira, todas as vagas dos alojamentos já estavam tomadas.

Até a hora do almoço, Zero-Um matou o tempo auxiliando o time encarregado de distribuir as fardas aos recém-chegados, e à tarde acompanhou o rito de boas-vindas dedicado àquele mundaréu de novatos.

Após alguns dizeres do chefe da unidade, instrutores foram apresentados um a um ao imenso grupo de aprendizes de soldado. Rematando a solenidade, enfileirada sobre os pouco mais de

PERIGOSAS ACHERON

trezentos metros quadrados de concreto defronte ao prédio do centro de comando, a terceira turma de recrutas repetiu em alto e bom som, palavra a palavra, o juramento de fidelidade à IRON.

Fim do interstício, começo de um novo ciclo.

■ ■ ■ ■ ■

Cadastro do ocorrido em sites especializados, panfletos distribuídos em locais de grande movimento da cidade, cartazes afixados em diversos pontos comerciais. Foto veiculada nos jornais, divulgação insistente do sumiço nas redes sociais, visitas semanais ao necrotério e aos hospitais... Até então, nenhuma das ações empreendidas por Amanda e pela família do desaparecido tinha gerado o resultado esperado.

A polícia, que já não evoluía havia algum tempo nas investigações, quando perguntada a respeito, já parecia adotar uma resposta meio que padrão para o sumiço de Arthur: “Continuamos trabalhando, mas por enquanto nenhuma novidade para o caso...”. Por parte das autoridades, não se descartava a possibilidade de um homicídio, porém apostava-se fortemente na hipótese de um

desaparecimento voluntário...

Mais de dois meses e meio sem notícias do filho, do irmão, do noivo tão amado!

Cientes de que o doente não cumpria havia quase quatorze semanas o tratamento paliativo prescrito por Dra. Julia que poderia lhe conceder certa dignidade e alguma qualidade na sobrevida, entes queridos e amigos, embora mantivessem a esperança de encontrá-lo com vida, sofriam já imaginando nessa altura do campeonato uma situação bastante precária no que dizia respeito à saúde de Arthur...

CAPÍTULO 47 – CARRASCO

O inverno já havia chegado, o ano já tinha virado.

Se o final de dezembro fora bastante frio, o começo de janeiro estava conseguindo ser ainda mais gelado. Apesar de os dias se mostrarem em sua maioria ensolarados, as temperaturas máximas não varavam a casa dos seis graus Celsius. Durante as madrugadas, mínimas passando fácil para abaixo de zero...

Falando um pouco do ofício de Arthur, o dobro de recrutas resultou numa carga duplicada de trabalho. Nada mais daquela mamata de dar quatro aulinhas diárias... Mantido o limite de trinta alunos por grupo, agora eram oito no total distribuídas ao longo do expediente.

E então, desde que reiniciadas as atividades naquele centro de instrução, o cotidiano de Arthur ficou mais ou menos assim:

Acordar bem antes da alvorada, acender uma

vela pra clarear o quarto, espantar a cara de sono valendo-se de sua pia improvisada, esticar a cama e se aprontar. Descer para o pátio à frente do prédio do centro de comando para rezar. Café da manhã no refeitório e, logo na sequência, umas turmas de Krav Maga. Nos dias de céu limpo, bonezinho camuflado da IRON na cabeça, e nos raríssimos dias de chuva, capa impermeável para não se molhar. Concluída a prece do meio-dia, pausa de meia horinha para o almoço. Barriga cheia. Precedendo a oração do meio da tarde, mais algumas seções de luta para ministrar. O pôr do sol marcava o fim da maratona de aulas e também a hora de mais uma das cinco conversas diárias com Alá. Banho rápido, lanche da noite... E após a última reza do dia, toque de recolher para os aprendizes de soldado, momento em que Arthur também se retirava para o seu quarto. Daí era tentar repousar um pouco e se preparar para começar tudo de novo...

Já deu pra perceber que com essa nova grade obrigatória de afazeres não lhe sobrava muito mais tempo para aprimorar outras habilidades, para frequentar outras disciplinas... Mesmo assim, fazia o possível para encaixar ao menos os treinamentos

PERIGOSAS NACIONAIS

com armas de fogo nessa sua nova lida. Mas isso apenas quando as reuniões com o comandante do lugar não roubavam dele os poucos minutos ociosos que tinha a cada período de vinte e quatro horas...

E desse jeito Arthur foi levando a vida, dia após dia, repetindo exaustivamente a sua rotina.

Nada era capaz de tirá-lo da labuta... nem as dores de cabeça que com o decorrer das semanas iam paulatinamente se tornando mais intensas e frequentes, nem os enjoos que vez ou outra molestavam o estômago e atravancavam o apetite, nem a fraqueza incomum que no desfecho daquele mês de janeiro, de uma hora pra outra, começou a minar a sua disposição. Queria cumprir rigorosamente as responsabilidades que assumiu, precisava se manter útil ao grupo. Sabia que o trabalho duro pavimentaria o caminho que o levaria à materialização dos seus objetivos e que apenas através da dedicação à IRON conseguiria deixar o seu recado para o mundo.

Só não sabia ele que, em decorrência de todo esse empenho, acabaria sendo submetido muito em breve a um teste, bem ao estilo daquele que lhe aplicaram em Paris e que naquela ocasião o credenciou a ingressar na Ofensiva.

PERIGOSAS ACHERON

Mas dessa vez a intenção não era mais a de avaliar a destreza de Arthur no Krav Maga. Nada daquela bobajada de emboscada ou de assalto simulado... Nesta feita, o buraco seria muito mais embaixo...

■ ■ ■ ■ ■

Centro de treinamento, começo de fevereiro.

Numa madrugada de terça para quarta-feira, por volta da meia-noite e meia, barulho oriundo de uma dúzia de tiros e gritos ecoando no ar! Próximo ao estacionamento dos veículos de combate e das demais viaturas, chegava ao fim a tentativa de fuga de cinco dos duzentos e quarenta recrutas.

Cansados do rigor dos exercícios diários ou simplesmente arrependidos por terem se alistado, e cientes de que não poderiam simplesmente desistir da Ofensiva e abandonar o centro de treinamento pela porta da frente, resolveram eles, na surdina, vencer grades e arame farpado para em seguida meter o pé na estrada.

Daí, surpreendidos durante a escapada, três deles acataram as ordens dos sentinelas e desistiram da empreitada antes mesmo que alcançassem o

extenso alambrado que cercava a face sul do lugar. Desobedientes, os outros dois desertores pagaram um preço alto por ignorarem o comando que lhes fora dado: seguiram correndo desenfreadamente pelos metros finais da unidade de instrução e, tão logo tocaram o aramado com o intuito de escalá-lo, levaram chumbo grosso dos atalaias que guardavam a área...

Arthur até chegou a escutar alguns dos estampidos que romperam o silêncio da noite, contudo, como não duraram mais que poucos segundos e não se repetiram pelos próximos minutos, superou o leve susto e voltou a se deitar.

Algumas horas mais tarde, comentários velados entre os aquartelados já relacionando o sumiço de alguns dos seus colegas à sucessão de disparos ouvidos na madrugada...

Clima tenso enquanto os aprendizes de soldado se aprontavam dentro dos alojamentos para mais um dia de treinos pesados, zum-zum-zum sob a lona amarelada do refeitório durante o desjejum. Entre estes dois eventos, mais precisamente no decorrer da oração da alvorada, a atípica ausência de Khalil não deixou de ser notada.

O dia para Arthur seguiu conforme o

PERIGOSAS ACHERON

programado ao longo de boa parte da manhã, porém, lá pela metade da última das aulas matutinas de Krav Maga que tinha para lecionar, foi convocado por um emissário do Comandante Khalil a comparecer imediatamente a uma reunião extraordinária com o dirigente.

Sem ter como rejeitar a intimação, e após ordenar que seus alunos se dividissem em duplas e praticassem alternadamente entre si os movimentos e as lições até então ensinados, o instrutor de luta ausentou-se do seu posto e seguiu o tal emissário ao encontro do mandachuva local.

Passos apressados pelo pátio. Vencida a não tão longa caminhada, adentraram, o garoto de recados e Arthur, o prédio que abrigava o centro de comando.

Corredores, lances de escadas... No terceiro e derradeiro andar daquela edificação, deram com quatro homens defronte a uma porta maciça feita em metal.

Dois destes aludidos homens o professor de Krav Maga identificou logo de cara: eram Khalil, o chefe daquela instituição de ensino, guarnecido como de costume de sua arma nove milímetros, e Murat, o “pau pra toda obra” do lugar, aquele

mesmo indivíduo que servira de motorista para Neo e Arthur no momento da travessia da Turquia para o território do califado pouco mais de três meses atrás.

O terceiro dos sujeitos ele conhecia só de vista. Tratava-se de Xarif, uma espécie de braço direito de Khalil e também o responsável pelo esquema de segurança daquele centro de treinamento. Iraquiano, estatura mediana, quarenta anos, cabelos curtos, meio calvo, e um dos poucos residentes do CT que se dava ao trabalho de raspar todos os dias os pelos do rosto.

Já o quarto indivíduo, Arthur nunca tinha visto. Pistola afivelada na cintura, fuzil firme nas mãos, posição de sentido... Subordinado direto de Xarif, estava por ali apenas para vigiar o que havia por trás daquela porta e não propriamente para participar da prosa.

– Pronto! Tá aí quem faltava! – exclamou o comandante num tom meio seco ao notar a aproximação de Zero-Um. – Já podemos começar...

Arthur, reafirmando a conduta mais calada que adotara desde que chegara àquela unidade, apenas acenou a cabeça para cumprimentar a todos os presentes.

Sem perder sequer mais um segundo, Khalil dispensou o subalterno que trouxera Zero-Um até ali e, transbordando seriedade, deu início à conversa:

– Bom... Para quem ainda não sabe, tivemos um pequeno incidente na madrugada passada... Cinco dos nossos recrutas iniciaram uma tentativa de fuga... Porém, como podem ver, a situação foi devidamente controlada. – anunciou ele escancarando uma escotilha retangular situada à altura dos olhos naquela porta metálica.

Arthur, que até então só havia escutado os tiros disparados pouco depois da meia-noite e alguns boatos desencontrados pela manhã, abeirou-se da pequena abertura e, espiando através dela, vislumbrou os cinco desertores aprisionados num cômodo completamente desmobiliado: três deles sentados no chão, mãos atadas atrás das costas, pés igualmente amarrados por cordas e cabeças cobertas por trapos, e os outros dois enrolados em lençóis brancos manchados de sangue, imóveis, estirados sobre o piso. Pareceu-lhe bastante óbvio que os cidadãos amortalhados não mais faziam parte do mundo dos vivos...

Não tão chocado quanto da outra vez que viu

um defunto, mas ainda não muito desinibido quando se tratava de presuntos, Arthur se afastou da porta.

Murat, que já havia sido oficialmente informado do ocorrido e do propósito de ter sido chamado àquela reunião, também aproveitou a deixa para dar uma bisbilhotada no conteúdo daquela sala.

Refechada a escotilha, o comandante continuou:

– Eu simplesmente não entendo o motivo disso se repetir... Por mais que tenham se alistado por livre e espontânea vontade, por mais que todos os recrutas prestem juramento de fidelidade quando chegam aqui, sempre tem um ou outro fraco de espírito que tenta fugir! – disse ele deixando que a irritação com tal recorrência fosse tomando conta de sua voz com o desenrolar das palavras.

Ciente de que se exaltar não valeria de nada, Khalil respirou fundo e deu uma coçada caprichada nas laterais de sua longa barba.

Dois ou três segundos depois, aparentemente mais tranquilo, o homem retomou seu raciocínio:

– Turma após turma, esse episódio se repete... Foi assim na primeira turma, quando pegamos dois

infelizes tentando escapar, na segunda quando impedimos a fuga de um dos recrutas e agora na terceira o incidente volta a se repetir... Apesar do alerta mais enfático que fiz durante a cerimônia de boas-vindas dessa terceira turma, parece que ainda não foi dessa vez que consegui dissuadi-los de desertar...

Sem compreender direito o porquê de sua convocação para aquela reunião, vinha Arthur pensando com seus botões:

Tudo muito bom, tudo muito bem, mas o que é que eu tenho a ver com isso tudo?

E tal questionamento era mais que pertinente... A situação não tinha qualquer ligação, direta ou indireta, com as aulas de Krav Maga que ministrava naquele centro de treinamento. Mais que isso: em nenhum momento havia ele incitado aqueles cinco recrutas ou quaisquer outros residentes daquela instituição a desistirem da IRON e a se mandarem de lá...

Quem sabe o dirigente da unidade, já esvaziado de ideias para prevenir tais evasões e disposto a encontrar uma solução definitiva para tal reincidência só quisesse mesmo era escutar umas sugestões de quem nunca antes havia sido

consultado a respeito do tema...

Bom... Poderia até ser algo nesse sentido... No entanto, para ter certeza mesmo, para descobrir do que se tratava aquilo tudo, Arthur teria que aguardar pacientemente por mais alguns minutos pra ver qual o rumo que ia tomar aquele assunto.

Khalil prosseguiu:

– Tá certo que nessa turma até demorou para acontecer. Cheguei até a imaginar que dessa vez seria diferente, mas esses cinco aí me provaram que eu tava enganado... – lamentou o homem. – E agora que aconteceu, à exemplo do que fizemos das outras vezes, teremos que aplicar a punição adequada a esses três sobreviventes e mostrar aos demais recrutas o que se dá com quem descumpre uma orientação direta minha ou qualquer uma das regras da Ofensiva.

Em seguida, olhando especificamente para Arthur, o dirigente local fez o que aparentava ser um breve parêntese naquele discurso de deserção:

– Sabe... tenho te observado desde que chegou a Siirt... Sempre dedicado às suas tarefas diárias, disponível, esforçado, não reclama de nada. Não é de conversar muito, é verdade, mas demonstra sagacidade no pouco que fala... Sabe ensinar e, por

PERIGOSAS NACIONAIS

outro lado, aprendeu rapidamente tudo o que te ensinaram... Tem feito um bom trabalho...

– Obrigado. – retrucou o instrutor de luta meio desconfiado, intrigado, ainda sem suspeitar aonde o mandachuva daquela instituição queria chegar.

Ávido pelo fio da meada, Arthur permaneceu atento aos dizeres do camarada:

– E como recompensa a todo esse seu empenho, acho que tá na hora de você galgar novos patamares... Mas pra isso, será preciso aferir o seu grau de comprometimento com a IRON. – completou o chefe da unidade.

Foi quando Arthur relacionou os fatos... Ao ouvir esse esquema de aferição de comprometimento com a IRON, ele finalmente conseguiu imaginar um papel para si naquele bate-papo!

Desertores capturados, punição aos sobreviventes, galgar novos patamares... Num estalo, o resultado dessa multiplicação de fatores ficou bastante claro! Quanta inocência a dele em achar que o comandante estaria interessado em algum palpite de sua parte para prevenir futuras evasões...

Putá merda! Será que esse cara vai me pedir

PERIGOSAS ACHERON

pra...

Arthur ficou gelado! Pernas fraquejando, coração acelerado! O baque foi tão intenso que mesmo em seus pensamentos faltou-lhe coragem para terminar a frase...

Assombrado pela terrível possibilidade, o desafio agora era não deixar transparecer o cagaço, fingir uma cara de paisagem e manter-se completamente impávido.

E com a cabeça a mil, foi ele conectando mais alguns pontos do discurso de Khalil.

Dois desertores recapturados na primeira turma, um na segunda...

Tendo o mais severo dos castigos em mente, de repente lhe ocorreu a resposta para algo que nunca antes tinha perguntado, um detalhe que lhe chamou a atenção logo em seu primeiro dia naquele centro de treinamento mas que acabou deixando pra lá com o passar do tempo... Arthur agora sabia a justificativa para aquele único leito vago que havia no alojamento dos recrutas durante a preparação da segunda turma, a razão de apenas cento e dezenove soldados terem se formado ao final do segundo ciclo de instrução... O citado leito vago só podia ser o resultado de uma execução!

Dando um passo em direção a Arthur, Khalil estendeu o braço e ofereceu ao instrutor de luta algo que até então segurava firme numa de suas mãos, um objeto esguio, de uns trinta centímetros de comprimento, envolto num tecido de lã preto daqueles mais espessos.

E ao desentrouxar o volume que lhe fora entregue, veio a confirmação daquilo que Arthur até então só tinha imaginado... Não havia mais margem para dúvidas: ele estava sendo requisitado a desempenhar a função de carrasco!

O tal objeto esguio era na realidade uma faca inserida numa bainha de nylon. Já o tecido preto, que num primeiro momento parecia servir apenas para embrulhar o referido instrumento cortante, revelou-se uma touca ninja, daquelas que à exceção das vistas ocultam todo o rosto e a cabeça de quem as utiliza.

Com a arma branca e o capuz preto bem ali diante dos olhos, entre seus dedos, foi impossível a Arthur não se transportar para aquele bar em que, acompanhado de Amanda e de dois casais de amigos, assistira pelo noticiário, atônito, a degola de três prisioneiros da Ofensiva...

Ele sabia que para deixar o seu recado para o

mundo, para realizar a integralidade do seu plano maluco, precisaria tomar a vida de alguém em alguma parte do caminho, numa espécie de dano colateral calculado. Todavia, chegada a hora de enfrentar a já prevista colateralidade, Arthur não se sentia nem um pouco à vontade...

O instrutor de Krav Maga suou frio!

Será mesmo que os fins almejados por ele legitimariam o emprego de tais meios? Será que seus objetivos eram tão relevantes assim para justificarem tamanha brutalidade?

Enquanto Arthur se afundava num pântano de incertezas e de hesitação, o comandante desviou o olhar para Murat e Xarif e interpelou:

– Vocês trouxeram os seus equipamentos?

– Sim, senhor. – respondeu Xarif tirando a touca preta do bolso lateral de sua calça e batendo a outra mão na faca que tinha presa à cintura.

Murat se limitou a chacoalhar positivamente a cuca.

– Ótimo! Então agora que já temos os três carrascos, vou passar pra vocês os detalhes dessa execução...

Mas antes que o dirigente pudesse seguir com a explanação, Arthur, numa naturalidade

absolutamente simulada, tentou passar pra frente a batata quente:

– Acho que a minha dedicação no dia a dia já é prova mais que suficiente do meu comprometimento com a Ofensiva... – argumentou ele tratando de devolver para Khalil aquele “kit carrasco”.

– E eu acho que você não tá entendendo... Isso não foi um pedido! – retrucou o homem de modo bastante enfático fazendo uso de suas mãos para rejeitar tal devolução. – Sei o quanto é difícil encontrar pessoas tão aplicadas quanto você, mas se insistir nessa recusa, temo que acabaremos tendo mais um infeliz para servir de exemplo para os recrutas... – completou ele desabotoando acintosamente o coldre de sua arma.

Daí as coisas mudaram de figura...

Não que o professor de Krav Maga tivesse se intimidado com aquela ameaça. Não... Ele não se constrangeria com qualquer tipo de bravata. Se pressionado contra a parede, Arthur, que em mais alguns meses bateria as botas de qualquer jeito, não veria problema algum em cair pra cima daqueles sujeitos e abreviar sua partida para o além-túmulo.

Só que para a sorte daquele comandante, este

não era o intuito de Arthur. Não fazia parte dos planos desafiar aqueles quatro cidadãos armados... Depois de abdicar do conforto do lar, de renunciar do contato com Amanda e do convívio familiar, de despendar tanta energia para chegar até ali a fim de somar forças à Ofensiva e de concretizar com o apoio do grupo extremista o seu derradeiro projeto de vida, ele não estava disposto a jogar tudo para o ar. Agora que estava tão perto, tinha que prosseguir até o fim, a qualquer custo!

E então, certo de que não suportaria chegar à terra dos pés juntos com a sensação de ter morrido na praia após cruzar a nado um oceano inteiro de dificuldades, não lhe sobrou outra alternativa senão manter consigo o kit carrasco e ficar ali quietinho escutando as orientações das execuções a serem passadas pelo seu superior hierárquico...

Como o mundo dá voltas, não é verdade? Quem quase três anos e meio atrás, naquele bar, ficara todo impressionado com a desumanidade veiculada na tela da televisão estava prestes a fazer parte de uma atrocidade bastante similar... E se àquela ocasião não soubera ele determinar muito bem o que poderia impelir uma pessoa a passar a lâmina de uma faca na garganta de outra, agora já

sabia que uma das explicações poderia ser a total falta de opção...

■ ■ ■ ■ ■

E naquela mesmíssima quarta-feira, logo após a oração do meio-dia, os duzentos e trinta e cinco elementos restantes daquela terceira turma de treinandos, e tão somente eles, foram convidados pelo chefe da unidade de instrução a permanecerem reunidos defronte ao prédio do centro de comando. Daí, dessemelhantemente do pessoal operacional que acompanhara a prece coletiva e que já se encaminhava ao refeitório, tiveram eles que adiar em alguns minutos o almoço e ouvir do dirigente local mais um punhado de palavras.

Já de posse da atenção de todos os recrutas ali presentes, Khalil repetiu em inglês parte do que já havia falado pouco antes durante a reunião com o trio de carrascos, entoando em voz alta e pausadamente o resumo do incidente ocorrido na última madrugada.

Feita a breve introdução, e ainda sem revelar àquela plateia o que estava por vir, Khalil abriu a porta que dava acesso ao prédio a ele contíguo e

ordenou que se iniciasse o rito anteriormente combinado.

E por aquela porta então saíram três homens encapuzados, Murat, Xarif e Arthur, nessa ordem, conduzindo cada um deles pelo braço um dos desertores capturados. Em seguida veio um soldado, aquele mesmo que estava ainda há pouco de prontidão no terceiro andar, arrastando pelo chão com alguma dificuldade os corpos amortalhados dos desafortunados baleados durante a tentativa frustrada de fuga.

Arthur, a exemplo dos outros dois executores, colocou-se de frente para a multidão de aquartelados, vindo na sequência a forçar o dissidente por ele guiado a se ajoelhar sobre aquele piso de concreto cinza-esbranquiçado.

Assim que autorizado pelo líder da unidade, retirou e guardou no bolso da calça o saco que recobria a cabeça do desertor sob sua responsabilidade. Murat e Xarif fizeram o mesmo.

Nesse exato segundo, o silêncio que já era quase absoluto se consolidou entre os expectadores. Puderam àquele ponto confirmar a identidade dos indivíduos ali ajoelhados. Eram de fato três dos seus cinco colegas que sumiram durante a noite! E

não levou muito até que deduzissem que os outros dois desaparecidos só poderiam ser os cadáveres aos pés daquele soldado...

O Comandante Khalil, tendo à sua esquerda uma fileira de três contraventores subjugados por seus respectivos verdugos e à sua direita o tal soldado acompanhado da dupla de defuntos, deu continuidade ao discurso:

– Agora é a hora de esses infelizes terem o que merecem e de vocês aprenderem de uma vez por todas o que acontece com quem desobedece as regras ou trai a confiança da Ofensiva... Esse tipo de comportamento é intolerável! Desertores e insubordinados jamais serão perdoados!

Prevendo que a qualquer instante irromperia da boca de seu comandante a ordem para a execução, Arthur sentia toda a pressão do momento. Mãos transpirando de nervosismo, corpo trêmulo... Não sabia mais como controlar o alvoroço que corroia o lado de dentro!

– Preparar! – proclamou Khalil sem dar nenhuma pinta de que iria voltar atrás em sua decisão.

Essa era a deixa para que os três carrascos desembainhassem suas facas e se aprontassem para

o próximo e derradeiro passo daquela ação.

Arthur, coração batucando feito um pandeiro de escola de samba no lado esquerdo do peito, enxugou a palma da mão direita no flanco de sua calça camuflada. Mesmo contrariado, sacou da cintura a arma branca com a mão recém-secada e posicionou a lâmina de aço reluzente no pescoço do condenado ajoelhado diante dele. Ato contínuo, acomodou a outra mão abaixo do queixo daquele camarada.

E quando Murat, Xarif e Zero-Um se mostraram aptos a consumir a sentença, Khalil enfim determinou:

– Matem esses canalhas!

Murat e Xarif cumpriram a ordem de imediato, sem dó nem piedade.

Já Arthur ficou paralisado. Faltou-lhe coragem para puxar a faca e abrir um buraco na garganta daquele pobre coitado!

– Mata! – exigiu Khalil ao constatar a inação de um dos carrascos.

Vivendo todo o dissabor daqueles que seriam os segundos mais longos de toda a sua vida, Arthur respirou fundo, firmou as mãos, fechou os olhos e, tentando não pensar muito naquilo que estava

fazendo, passou a lâmina com força sob o queixo do sujeito.

Sentiu o metal cortar a carne e um jorro quente atingir alguns dos dedos de sua mão. Descrente do que tinha feito, deixou que o corpo agonizante do degolado se estatelasse de bruços no chão...

Abriu os olhos. À sua frente, mudos, dezenas e dezenas de semblantes marcados pelo medo, à sua direita, um comandante aparentemente satisfeito, e abaixo, um moribundo de mãos atadas às costas manchando o concreto de vermelho.

– Espero que não me obriguem a fazer isso de novo! – esbravejou o chefe daquela instituição. – Estão dispensados para o almoço.

Enquanto a turma de recrutas, embasbacada, se encaminhava silenciosamente para o refeitório, Arthur, consternado, mirava o sangue que sujara parte de sua mão e também o que escorria pela lâmina de sua faca.

Mente completamente esvaziada, não conseguia pensar em nada! Se perguntado, Arthur dificilmente saberia responder por quanto tempo ficou ali parado encarando aquela seiva rúbea aspergida na pele e no aço, a hedionda evidência da violência que acabara de realizar, a prova cabal e

irrefutável de seu ato abominável.

Desnortado, mergulhado num tipo de transe sensorial, olhou para a sua esquerda e observou Murat e Xarif, bem ali ao lado, dando um jeito de limparem suas facas com os trapos que instantes antes envolviam as cabeças dos outros dois executados.

Influenciado pelos colegas de função, num movimento meramente imitativo e involuntário, Arthur esfregou vagarosamente o saco que guardara há pouco no bolso de sua calça contra a lâmina metálica de sua faca. Expurgado o excesso de sangue daquele instrumento cortante, fez cair o pedaço de tecido encardido de vermelho sobre o piso.

O estado de absoluto torpor experimentado por Arthur só foi quebrado quando o seu comandante se aproximou dele e o segurou pelo braço a fim de cumprimentá-lo:

– Vacilou num primeiro momento, mas eu tinha certeza que no final você não ia me decepcionar... – disse o homem jubiloso com o resultado do teste que em Zero-Um havia acabado de aplicar. – Continue com o bom trabalho que, mais cedo ou mais tarde, as oportunidades de

crescimento na Ofensiva se apresentarão a você. – prognosticou ele.

A verdade é que Arthur não assimilou nada daquilo que lhe foi dito... Embora interrompido o atordoamento dos sentidos, ficou uma impressão de sufoco, de que o ar que respirava não oxigenava mais o corpo...

Interessado unicamente em vencer tão angustiante sensação de asfixia, e não muito preocupado em ser identificado por alguns dos aprendizes de soldado que ainda deixavam o local, Arthur arrancou com a mão esquerda a touca negra que resguardava seu rosto. Tá certo que desvestir a referida touca não surtiu o efeito esperado por ele no que dizia respeito àquela estranha falta de ar, mas já deu pra aliviar um pouco...

Olhar perdido, cabelos molhados pelo desgosto. Sem saber direito o que fazer com aquele kit carrasco agora que já o tinha utilizado, o instrutor de Krav Maga e mais novo algoz do lugar fez menção de devolver a Khalil a faca e o capuz de que se valeu naquela execução.

E assim como ocorreu ao final da manhã durante a reunião em que fora praticamente coagido a exercer tão odiosa função, o dirigente recusou

mais uma vez a restituição daquela arma, porém, nesta feita, sob justificativas um tanto diferentes:

– Essa faca pertence a você e a mais ninguém. Guarde-a com você como uma lembrança desse dia, como uma recordação de sua primeira execução sob meu comando, e principalmente como um sinal de que a Ofensiva agora confia inteiramente em você. – disse o homem.

Mas esse não seria um privilégio exclusivo de Arthur... Xarif e Murat, que noutras oportunidades tinham sido igualmente submetidos por Khalil àquele processo de provação, também mantinham consigo seus respectivos kits desde a primeira degola da qual participaram.

O mandachuva do lugar prosseguiu com a palavra fazendo mais uma predição:

– Quanto ao capuz, também quero que fique com ele. Do jeito que as coisas vão indo nesse centro de treinamento, pressinto que muito em breve você precisará usá-lo de novo noutro servicinho como esse...

E o pior é que o líder daquela unidade estava coberto de razão nessa sua postimeira previsão, como poderá confirmar o leitor algumas páginas adiante. Antes do fim, num futuro não muito

distante, Arthur ainda disporia de tal indumentária negra, fazendo valer o pressentimento recém-declarado por seu comandante...

Arthur já até compreendia o que saía da boca de Khalil, no entanto não teve o ânimo necessário para contra-argumentar o chefe do lugar. Ainda meio desorientado, calado, cabisbaixo, reembainhou a faca na cintura e acomodou o capuz preto num dos bolsos. Recebidos alguns tapinhas nas costas, viu-se finalmente liberado para o almoço.

■ ■ ■ ■ ■

Só que Arthur não almoçou. Depois disso tudo, o apetite dele, que já não andava lá essas coisas nos últimos dias, simplesmente se evaporou.

Daí, em vez de se mandar para o refeitório conforme era esperado para o horário, tomou o rumo do seu quarto, local no qual acreditou que os trinta minutos de intervalo que teria para a refeição do meio do expediente seriam por ele mais bem aproveitados. Conhecia-se o bastante para saber que precisaria de alguns momentos a sós consigo mesmo para trabalhar internamente os mais

recentes acontecimentos...

E tão logo Arthur adentrou o prédio anexo ao centro de comando, vieram-lhe à mente *flashes* da pavorosa cena que acabara de protagonizar: a ordem do comandante para a execução, o fio da faca rasgando a carne, a carcaça do desertor estendida no chão... Foi o suficiente para aquele marinheiro de primeira viagem começar a surtar!

E nisso, o ambiente ao seu redor emudeceu. Àquele momento, Arthur podia ouvir apenas aquilo que provinha do lado de dentro: o ruído inerente à sua respiração ofegante e o tique-taque taquicárdico do seu coração.

Enquanto se dirigia à escadaria, notou algo escorrendo pelos seus dedos. Olhou para baixo e se assustou ao perceber que o sangue de sua vítima, que antes recobria apenas parte da pele, agora se apropriava de toda a extensão de suas mãos, exatamente como se as tivesse mergulhado num balde repleto daquele líquido ascoso!

Refém do devaneio, testemunhou as paredes ora brancas dos corredores embeberem-se de vermelho! Mas não só elas... o piso por onde passava e a escada à sua frente também estavam maculados pelo licor cor de carmim... Verdadeiro

pesadelo!

Na esperança de se esquivar da peça pregada por sua mente compungida, cerrou as pálpebras com força e por um instante apertou-as com as palmas das suas mãos. Olhos reabertos, estava cessada a alucinação!

Tudo de volta ao normal: audição restaurada, alvenaria pintada do tom alvo original, assoalho novamente acinzentado, sangue não mais vertendo pelos degraus do local...

Recuperada a lucidez, subiu ligeiro para o segundo andar.

Só que ao chegar ao pavimento superior, deu de cara com mais uma ilusão: o corpo de seu degolado estava bem ali, no sopé da parede, emborcado no chão! Arthur quase pôde sentir o gosto nauseante do sangue que fluía irrefreavelmente pelo corte no pescoço daquele cidadão!

E, de repente, o que era tão somente uma combinação da falta de apetite com os delírios de sua imaginação se converteu numa vontade urgente de vomitar.

Segurando, ou ao menos tentando conter o ímpeto, seguiu célere pelo corredor no sentido

oposto ao do seu quarto, direto para o banheiro.

Já diante do vaso sanitário, pôs pra fora do estômago aquela execrável sensação de culpa que impregnava a alma bem como todo o asco que sentia de si próprio pelo que havia feito...

Um ou dois minutos depois, encerradas as contrações abdominais involuntárias e as golfadas, acionou a descarga da privada.

Dirigiu-se a uma das pias ali postadas. Desenroscou o registro da torneira e lavou minuciosamente as mãos com um pedaço por ali largado de sabão em barra.

Viu na sequência, misturado à espuma do detergente, o sangue que respigara nos dedos ser levado para dentro do ralo pela água...

Repetiu todo o processo de asseamento das mãos, como se quisesse garantir que não restasse sobre sua pele ou no entorno das unhas mais nenhum vestígio do homicídio que tinha cometido.

Torneira ainda aberta, molhou o rosto. Com algumas gotas escorrendo pela face e também por sobre sua avultada barba, que por mais de três meses não via uma tesoura ou uma navalha, fez uma concha com as mãos e encheu a boca com um punhado d'água.

Bochechou por alguns segundos. Cuspiu.

Procurando se livrar do gosto amargo e desagradável de suco gástrico que ainda persistia em suas papilas gustativas, limpou a garganta com um pigarro e em seguida escarrou toda a saliva que tinha na boca no buraco da pia.

Registro fechado, enxugou as mãos nas mangas compridas do casaco bege-camuflado.

Aparentemente superado o mal-estar do corpo, deixou para trás o banheiro e partiu para o quarto. Alguns metros depois, enclausurou-se no interior do seu cubículo privativo.

Arrancou do bolso da calça o capuz preto e da cintura a bainha de nylon que resguardava a lâmina da faca e largou-os numa das prateleiras dentro do armário.

Recostado na parede ao lado do roupeiro metálico, deslizou o corpo verticalmente até que seus glúteos se apoiassem no assoalho.

Foi quando a hesitação que o importunara mais cedo voltou a atormentá-lo com tudo:

Valeria realmente a pena tomar a vida de uma ou de mais pessoas em sua trajetória desvairada para mudar o mundo?

Agora teria que valer! Afinal, já tinha ido

longe demais, havia ele ultrapassado e muito o ponto de não retorno... Danos irreversíveis tinham sido causados, o estrago estava mais que consumado! Não dava para Arthur simplesmente “desfrutar” o ovo, ou melhor, não dava mais para “descortar” a garganta do morto...

Agora era achar uma forma de calar os valores morais que ele herdara dos pais e que propositalmente ou não ainda carregava enraizados em seu espírito, agora era tentar descobrir um jeito de superar ou ao menos de conviver por mais alguns meses com o remorso decorrente daquela gravíssima transgressão de princípios. O problema é que ele não tinha a mínima ideia de como fazê-lo...

E então, sentado naquele cantinho do aposento, aproveitando os minutos longe da supervisão do comandante da unidade e dos olhares dos demais residentes daquele centro de treinamento, chorou lágrimas silenciosas de desespero e de arrependimento.

■ ■ ■ ■ ■

Arthur levou o restante daquela quarta-feira

sanguinolenta como se estivesse numa espécie de piloto automático.

Empurrou com a barriga as aulas de Krav Maga que ainda tinha para ministrar. O corpo esteve presente aos rituais de oração ao meio e ao final da tarde, mas a mente estava ocupada, às voltas noutro lugar.

Deu o cano no banho. Com a consciência pesando uma tonelada, mal tocou no lanche da noite servido no refeitório.

Em seguida, na última prece do dia, perfez mecanicamente todo o gestual inerente àquele rito enquanto a cachola enveredava pelo seu calvário particular.

Concluídos todos os compromissos públicos de sua rotina, o instrutor de luta se encaminhou para o seu quarto.

No caminho, chegou até a topar com Neo nas adjacências de seu aposento, contudo não deu ao vizinho de porta um pinga de consideração.

Já enclausurado no seu pequeno cômodo de quatro metros quadrados, e mesmo ciente de que provavelmente não pregaria os olhos pelas próximas horas, preparou-se para se deitar.

Sacou dos pés os calçados, deixou o casaco do

uniforme de lado...

Sem muitas pretensões de dormir, apagou a luz e enfiou-se sob as cobertas da cama. Nuca apoiada no travesseiro, ficou ali entre vendo o teto do quarto em meio à escuridão da noite e às trevas dos pensamentos.

■ ■ ■ ■ ■

E os dias que sobrevieram foram nessa mesma marcha.

Quinta-feira, sexta-feira, sábado...

Arthur cumpria suas obrigações com a Ofensiva sim, porém com a cuca meio alheada.

Aulas, rezas, reuniões com o comandante... Por mais que se esforçasse em esvaziar a mente e se concentrar nos seus afazeres, por mais que procurasse parar de se martirizar pelo acontecido, pegava-se a todo momento remoendo mentalmente o ocorrido.

Domingo, segunda-feira, terça-feira...

Moralmente devastado, a comida passou a ser apenas a suficiente para evitar a inanição. Os analgésicos que conseguia de quando em quando na enfermaria não eram mais tomados com tanta

moderação... O propósito com os comprimidos agora não era apenas o de aliviar as dores de cabeça que por vezes o perturbavam, mas principalmente o de entorpecer a alma e os sentidos. Psicologicamente assombrado, era reiteradamente acordado no meio da madrugada pelo fantasma do desertor que expulsara com uma faca do mundo dos vivos.

Dez, quinze dias decorridos desde o incidente...

Preso nessa espiral negativista, a imagem outrora tão nítida de Amanda já não assaltava com tanta frequência os seus pensamentos e se esvanecia. Praticamente se esqueceu das boas lembranças que trazia consigo de sua família.

Esgotamento se acumulando no corpo, enfraquecimento contínuo do espírito. Abstraído, ia gradativamente perdendo o foco em seus objetivos...

O agravamento recente dos sintomas era o aviso de que o câncer progredia a passos largos em seu organismo, um indício inescusável de que o seu ciclo existencial sobre a face da Terra estaria muito próximo do fim...

“Seis meses a um ano... talvez um pouco

mais...”? Que nada! A essa altura, a estimativa que recebera de Dra. Julia estava mais do que defasada. Longe do tratamento quimioterápico paliativo que lhe poderia proporcionar melhores expectativas de sobrevida e ainda atrelado a esse estado anímico deplorável, Arthur, que já se achava havia quase cinco meses fugido de casa, passou a acreditar piamente que poderia a qualquer minuto se deparar com o inevitável...

E de posse dessa quase certeza de que não lhe restava muito mais tempo pela frente, qual seria então o sentido em prosseguir despendendo a energia que já não tinha com aquilo tudo? Quem sabe o melhor pra ele não fosse simplesmente aceitar de uma vez por todas que não teria mais condições de avançar naquele seu esquema maluco?

Sim... Talvez fosse a hora de desistir, de se entregar ao esfalfamento e reconhecer que não haveria mais como perpetrar através da IRON um ato grandioso o suficiente para repercutir a sua mensagem de mudança nos quatro cantos do mundo.

E então, dominado pela miopia que aquele sentimento de derrotismo lhe proporcionava,

Arthur, por mais que tentasse, não conseguia mais enxergar no curto prazo uma chance real de cumprir a inteireza de sua empreitada.

Daí não houve outra solução para ele senão reconhecer o fracasso parcial de seu plano. O jeito agora era sucumbir à fadiga e esperar que aquela doença maldita viesse em algum momento clamar por sua vida.

CAPÍTULO 48 – REGALO

Com Arthur se deixando levar pela rotina da Ofensiva, lá se foram os últimos dias de fevereiro, e com eles, coincidentemente, a última semana daquele terceiro ciclo de instrução.

Na quinta-feira que fecharia o referido mês, visivelmente derrubado e desmotivado, lecionou as oito derradeiras aulas àquela turma de recrutas.

Na sexta-feira, primeiro dia de março, mais ensimesmado que o normal, acompanhou de longe todo o processo de despedida dos duzentos e trinta e cinco aquartelados que sobreviveram a tão intenso período de adestramento: a abundância de comida no almoço especial de encerramento, a acanhada cerimônia de graduação conduzida por Khalil rematada por uma renovação do juramento de fidelidade ao grupo extremista e por salvas de tiros de fuzil, o corre-corre da arrumação de malas dentro dos alojamentos, os caminhões abarrotados de combatentes recém-formados deixando a

unidade de treinamento... resumindo, uma repetição fidedigna do que havia acontecido ao final da segunda turma.

Tá certo que dessa vez não contaram com a ilustríssima participação do número dois da cadeia de comando da IRON, mas, tirando isso, tudo correu rigorosamente igual ao que Arthur já tinha visto exatas onze semanas atrás.

Esvaziados os dormitórios coletivos dos soldados, Arthur sabia que o momento agora era o de aprestar o CT para a iminente chegada da próxima leva de alistados. Assim sendo, já podia adivinhar o tipo de serviço que ele e os demais residentes teriam pela frente naquele breve interstício das atividades de ensino. Mais que isso... podia antever com bastante clareza o desenrolar daqueles dois ou três dias de intervalo.

E ele teria acertado em cheio sua previsão não fosse a surpresa nada convencional e totalmente inesperada que o Comandante Khalil planejava para a noite de sábado...

■ ■ ■ ■ ■

E naquele sábado, ainda que apático e

acabrunhado, Arthur se envolveu desde bem cedo nas tarefas de preparação do centro de treinamento.

Gastou toda a manhã com pequenos reparos nos beliches e nos roupeiros dos alojamentos dos soldados e ajudando na faxina dos vestiários. À tarde, dedicou-se à separação e armazenamento de provisões que chegavam a todo instante nas caçambas dos caminhões. Já era noite feita quando ele e outros três sujeitos largaram pela metade a conferência do arsenal de armas e o balanço de munições.

Encerrado o expediente, banho ligeiro para tirar a sujeira acumulada no corpo.

Depois da chuveirada, enxugou-se. Couro seco, trajou-se.

A cueca era uma limpa, porém blusa, calça e meias eram as mesmas que vestira durante todo o dia.

Para resguardar os pés, o par de botinas. Para apartar o frio daquele finalzinho de inverno, o casaco camuflado da Ofensiva.

Penteou os cabelos levemente umedecidos, e já não tão curtos, com as pontas dos dedos e deu uma ajeitada nos pelos da barba com as palmas das mãos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes de descer para o refeitório, passadinha rápida no quarto para pendurar a toalha molhada na porta entreaberta do armário e para largar a cueca suja no chão.

Durante o lanche, sentado próximo à entrada do lonado, e meio isolado dos outros vinte e poucos caras que também ceavam àquele horário, Arthur ansiava apenas por esticar suas pernas cansadas sobre o seu colchão.

Só que, àquela noite, Arthur não conseguiria colocar em prática tão humilde pretensão, pois sobreveio, anunciada pelas buzinas insistentes e cada vez menos longínquas de um caminhão, a tal surpresa maquinada pelo chefe daquela unidade.

Silêncio num primeiro momento. Olhares desconfiados entre os homens que se achavam sob a tenda do refeitório.

Surgiam comentários esparsos e conjecturas das mais esdrúxulas acerca do som estridente e intermitente que seguia se aproximando. Com o passar dos segundos, o burburinho de hipóteses foi se intensificando.

Arthur não tinha como negar que a inusitada circunstância lhe chamava a atenção, porém tentou o quanto pôde se manter indiferente à situação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No entanto, a tentativa não durou muito... Assim que o barulhoso veículo de carga pareceu estacionar pegado àquele lonado e que alguns dos residentes da unidade se debandaram para o lado de fora da tenda, a curiosidade, até há pouco contida, virou mato na cabeça de Arthur.

Daí não teve mais jeito... o instrutor de Krav Maga largou a falsa indiferença em cima da mesa, bem como o copo d'água e o sanduíche um tanto sem graça que manducava, pôs-se de pé e se mandou, juntamente com os camaradas remanescentes, lá para o lado de fora a fim de investigar do que se tratava.

E no exterior do refeitório, encontrou mais adiante, sobre o piso de terra batida, um caminhão branco daqueles mais antigos, faróis ainda acesos, motor já desligado, dotado de um baú não muito extenso, ladeado por seus colegas correligionários da IRON.

Arthur saiu a tempo de testemunhar Murat acionar outras duas vezes a buzina e saltar em seguida do tal veículo pela porta do motorista. Khalil e Xarif, que também estavam naquela boleia, já tinham desembarcado pelas bandas do passageiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma poeira fina levantada na freada do veículo de carga ainda pairava no ar no instante que o comandante do lugar começou a falar:

– Caros colaboradores da IRON... Ontem, apesar de alguns contratempos e de todas as dificuldades, formamos com sucesso e dentro do prazo a nossa terceira turma de soldados! – comemorou o chefe local com seu inglês carregado de sotaque árabe esticando os braços para o alto por um segundo com os punhos cerrados.

De modo quase imediato, um grito jubiloso emergiu dos pulmões dos residentes da unidade por ali apinhados. Alguns deles, mais animados, ainda ergueram as mãos para cima repetindo o gesto festivo de seu superior hierárquico.

Arthur, por outro lado, ainda um pouco afastado dos demais, não se deixou arrebatado pelas palavras iniciais de Khalil e manteve-se calado.

Indolente sim, desinteressado não. E por esse motivo, querendo acompanhar melhor o discurso daquele cidadão, o professor de Krav Maga avançou alguns metros, aproximando-se dos companheiros que cercavam a lateral direita do caminhão, vindo posteriormente a se misturar àquela pequena multidão.

PERIGOSAS ACHERON

Khalil, por sua vez, prosseguiu firme com sua alocução:

– Sei que não tem sido nada fácil, sei que alguns de vocês estão aqui há bastante tempo separados de suas famílias e trabalhando sem descanso em prol da Ofensiva, e que em decorrência disso a grande maioria de vocês já revela sinais severos de exaustão... – enunciou ele reconhecendo o empenho da equipe responsável por manter funcionando aquele centro de instrução. – Mas também sei que o nosso esforço aqui tem dado resultado e que o nosso trabalho tem sido muito elogiado pelas lideranças da IRON!

O brado radiante e transitório daquele aglomerado de gente ressoou novamente pelas imediações do refeitório. Ou melhor... o brado de quase todo aquele aglomerado de gente, já que Arthur persistia inerte diante da lereia do comandante, apenas observando qual seria o desfecho daquela conversa fiada.

Tão logo extinguido o urro celebrativo, o mandachuva progrediu com seus dizeres:

– Então, para marcar o fechamento de mais um ciclo de ensino, e principalmente para resgatar o brio daqueles que já se mostram um tanto

desgastados com a rotina pesada do nosso dia a dia, aqui está um pequeno regalo preparado por mim e propiciado a vocês pela Ofensiva...

Ato contínuo, o comandante cutucou os dois elementos que se encontravam de pé bem ali ao seu lado, Xarif e Murat, e ordenou um tanto entusiasmado:

– Podem descarregar!

E os dois homens de confiança do dirigente se deslocaram prontamente para a extremidade traseira do veículo de carga.

Arthur não podia mais vê-los completamente de onde estava, no entanto os rangidos metálicos que provinham lá da rabeira eram a certeza de que a dupla se empenhava em destravar as trancas externas do baú do caminhão.

Portas finalmente abertas.

Um enorme sinal de interrogação se fazia evidente no semblante de Arthur. Ele não fazia a mínima ideia do que poderia estar guardado no interior daquele contêiner metálico! E o citado sinal de interrogação ganhou contornos de estupefação depois que ele, num relance, vislumbrou Xarif sacar a nove milímetros da cintura e, com a arma à mão, subir pelos para-choques e invadir a

carroceria do caminhão.

O ruído subsequente de algo sendo arrastado pelo baú do veículo só serviu para avultar aquele misto crescente de expectativa e apreensão.

Um átimo mais tarde, numa primeira viagem, Murat descarregou ao lado daquele povaréu uma não muito avantajada porém pesada caixa de papelão. No segundo vai e vem do sujeito, mais uma embalagem parda de mesmíssimas dimensões largada no chão.

E na terceira viagem, o que Murat levou aos olhos do público deixou Arthur de queixo caído! Não era outra daquelas caixas ou uma mera carga inanimada... Nada disso! Ali com aquele indivíduo, trazida pelo braço meio que a contragosto, uma menina, com seus dezesseis ou dezessete anos de idade, saída diretamente do baú do veículo!

Nitidamente vexada e assustada, trajada com túnica comprida de mangas alongadas e cores neutras, véu escuro junto à cabeça recobrando parcialmente cabelo, orelhas e pescoço, sapatilhas pretas nos pés e ainda enrolada numa espécie de manta mais densa para aquecer o corpo, a mocinha foi colocada bem pertinho de Khalil.

Mas não parou por aí! Com o decorrer dos

PERIGOSAS ACHERON

minutos, foram sendo alinhadas por Murat ao longo da lateral do veículo outras duas, quatro, oito, dezesseis, dezoito meninas!

Xarif e sua arma vieram em seguida para fechar a soma com a vigésima mocinha. Esta, ligeiramente mais indócil e agitada que as demais, ganhou daquele homem um rápido corretivo:

– Quieta, *charmuta*! – esbravejou ele numa mescla de idiomas aplicando um bocado mais de força no braço da garota.

Contido aquele ímpeto insubmisso, Xarif largou a moleca que conduzia no final da fila.

As dezenove últimas regulavam em idade com a primeira das meninas, talvez um pouco mais ou um pouco menos de tempo de vida. Salvo uma ou outra variação de cores ou de indumentárias, todas muito similarmente vestidas.

Vinte adolescentes numa unidade de ensino da Ofensiva gerenciada exclusivamente por homens e destinada tão somente à formação de combatentes do sexo masculino, com o agravante de que fazia uns bons meses que a grande maioria dos residentes daquele centro de instrução, senão a totalidade deles, não via, tocava ou sentia o cheiro de um exemplar do gênero feminino...

É... Sob todo esse contexto, Arthur não precisou pensar muito para descobrir qual seria a natureza daquele regalo oferecido por Khalil e pela IRON. Até o mais ingênuo dos camaradas ali presentes já desconfiava do que estaria por vir...

E assim que a fileira de jovens donzelas se completou, o comandante se interpôs a elas e ao bando de residentes e concluiu sua linha de raciocínio:

– Tenho certeza que amanhã de manhã, depois de uma noite de diversão, todos se sentirão renovados e aptos a encarar os desafios dos próximos ciclos!

“Noite de diversão”... Essa expressão era a comprovação de que a análise de cenário realizada por Arthur estava mais que acertada. Se havia em seu entendimento alguma dúvida quanto ao encargo reservado àquelas meninas, agora tal incerteza restava dizimada: as desafortunadas serviriam de escravas sexuais pelo restante da noite e também por boa parcela da madrugada...

Daí então a empolgação latente e comedida dos caras no entorno de Arthur se transformou numa manifesta e intensa euforia. O berro irreprimível e imoderado que se ouviu era a

indicação incontestável de que quase todos ali corroboravam as derradeiras palavras de Khalil.

Em meio àquela algazarra, o chefe local caminhou até as caixas recém-desembarcadas por Murat, abriu uma delas e de lá de dentro retirou uma garrafa de *raki*, bebida alcoólica típica da Turquia. E depois de uma breve espiada naquela massa de subordinados, acenou a mão que tinha livre para cima e para baixo num gesto típico de quem busca controlar e silenciar uma multidão.

Ânimos acalmados, abeirou-se o dirigente, de posse da garrafa, daquele que em seu juízo parecia ser atualmente o mais derrubado dentre todos os seus comandados.

– Essa é pra você... – disse Khalil entregando ao instrutor de Krav Maga o litro de *raki*. – Desde que chegou aqui, você tem se mostrado um sujeito de grande valia para a Ofensiva...

Arthur pegou a garrafa de bebida e seguiu escutando as palavras do líder da unidade.

– Nesses meses em que estive aqui com a gente, pude sentir todo o seu potencial, vi o que você é capaz de fazer pela Ofensiva, mas também tenho visto um certo abatimento dominar o seu espírito nesses últimos dias... – falou o homem

demonstrando que além de monitorizar tudo o que acontecia naquele centro de treinamento também se mostrava atento a todos os subalternos sob sua administração. – Preciso de você bem-disposto para continuarmos com o bom trabalho. – complementou ele.

Khalil então se posicionou bem ao lado de Zero-Um, passou o braço direito atrás das costas dele e, mão pousada sobre o ombro de seu subordinado, determinou já de frente para a fila de meninas:

– Você vai escolher uma delas, levar para o seu quarto e só vai sair de lá com ela quando soar o toque da alvorada.

Os olhos de Arthur se arregalaram por uma fração de segundo, tal qual acontece quando alguém percebe que algo que se quer muito acaba de virar realidade.

Tudo o que Arthur aspirava àquele momento era justamente poder levar ao menos uma daquelas mocinhas para dentro do seu aposento... Foi como se o comandante tivesse lido parte de seus pensamentos!

O professor de luta não pestanejou. Deslocou-se dois passos à frente e, na sequência, deu uma

boa olhada no acervo de mancebas.

Enquanto eram medidas, algumas delas transbordavam pelas vistas o receio de estarem à mercê daqueles sujeitos que até há pouco se comportavam como uma manada de animais no cio, outras, apesar de igualmente oprimidas e agoniadas, pareciam estar menos inconformadas com o próprio destino.

Vê-las todas ali, indefesas, retraídas, acessíveis, só fez crescer em Arthur a vontade que trazia no imo.

E com quase um minuto de avaliação, ele se voltou em direção ao chefe e anunciou sua decisão:

– Quero duas.

Coitado de Arthur... Mal chegou à Ofensiva e já se considerava habilitado a solicitar esse tipo de regalia...

Era o típico caso daqueles sujeitos folgados que acabam de entrar num ônibus lotado e que já querem ir sentando na janelinha...

Khalil, supostamente bem-humorado, riu bastante daquilo que só poderia ser uma brincadeira de seu subordinado.

No entanto, findada a gargalhada, o chefe viu nas feições de Zero-Um que ele não estava de

palhaçada.

– Duas? – questionou Khalil quase que debochando da solicitação um tanto descomedida do camarada.

– Sim... duas. – asseverou Arthur usando de um tom impositivo, meio que atrevido, mostrando que o comandante deveria acatar o seu pedido.

E para a surpresa de todos ali, após dois ou três segundos de ponderação, veio o consentimento de Khalil:

– Tá certo, pode escolher... Tenho certeza que poderemos nos virar com as que você deixar aqui pra gente.

Mas o veredicto positivo não proveio de uma simples conta de subtrair e dividir, tampouco da subserviência do dirigente àquela petulante requisição de Arthur...

Khalil tinha conhecimento da importância de Zero-Um para a Ofensiva, sabia como aquele homem se encaixaria nos planos de ampliação global do grupo extremista. E se esse fosse o preço que o comandante teria que pagar para ter seu comandado motivado pelos próximos meses e disposto a encarar os desafios a serem propostos pela IRON, então o valor a ser pago estava era

muito barato...

E Arthur, que não tinha a menor noção do porquê de o seu rogo ter sido atendido, foi logo apontando as duas ninfas que gostaria de ter com ele em seu quarto.

– Aquelas ali.

Eram duas situadas mais ao meio da série de meninas, as duas que sob a escassa iluminação do lugar aparentavam ser as mais novinhas e, coincidentemente, as mais belas entre todas elas.

Khalil foi até as elegidas e puxou-as para perto de Arthur.

– Essas? – perguntou a autoridade máxima da unidade ao seu subordinado.

Zero-Um confirmou balançando a cabeça.

E nisso o mandachuva olhou para a dupla de mocinhas e disse-lhes algo em turco, ou talvez em árabe, que soou ininteligível aos ouvidos de Arthur.

Com o pânico estampado no rosto e olhos nadando em lágrimas, foi a vez de as garotas chacoalharem positivamente as cacholas.

– Elas farão tudo o que quiser fazer... – esclareceu Khalil valendo-se novamente da língua inglesa. – E se não fizerem, pode descer o Krav Maga nessas duas vadias! – acrescentou ele com

PERIGOSAS NACIONAIS

um sorriso no canto da boca, ensinando a Zero-Um como proceder em caso de rebeldia das meninas.

Encerrada a breve e nada amena recomendação de como tratá-las, o comandante gritou por cima do ombro:

– Murat, venha aqui! – exigiu ele. – Ajude-o a subir com as duas e volte pra cá em seguida.

– Como quiser, comandante! – respondeu Murat depois de tomar pelo pulso uma das escolhidas de Zero-Um.

E tão logo agradeceu a benevolência de seu superior hierárquico, Arthur, tendo na mão esquerda a munheca de sua outra rapariga e na direita o gargalo da garrafa de bebida, liderou a comitiva rumo ao seu aposento.

■ ■ ■ ■ ■

Já à entrada do quarto de Zero-Um, Murat empurrou porta adentro do diminuto cômodo a menina que guiara até ali pelo braço. Cara de poucos amigos, possivelmente enciumado do que aquele novato da IRON havia angariado junto a Khalil, deu as costas ao instrutor de luta e se mandou dali.

PERIGOSAS ACHERON

Arthur, não muito impressionado com o princípio de faniquito daquele camarada, escoltou sua outra acompanhante ao interior do recinto.

Porta do cômodo trancada, lâmpada do teto acionada. Não era dia nem momento de se preocupar em acender velas para iluminar o aposento. Que se danem os geradores e a deficiência energética daquele centro de treinamento!

Sem muita pressa, passando a garrafa de *raki* de uma mão para a outra num malabarismo um tanto desengonçado, tirou o casaco camuflado da Ofensiva e jogou-o pela porta parcialmente aberta do roupeiro metálico. Meio sem graça ao avistar a cueca usada largada no chão, chutou a peça de roupa íntima para debaixo do armário.

Ao se virar de frente para as visitas, viu-as de pé, pertinho da cama, algo encolhidas.

Aproximou-se das pequenas donzelas.

Uma delas, a da esquerda, ciente do que estava ali para fazer, deixou cair o xale que a recobria e, em seguida, começou a desabotoar de cima para baixo, trêmula de medo, o traje que vestia.

De imediato, Arthur se abeirou e pousou sua mão sobre as da menina que se despia. Sorriso

sereno, discreto e nada malicioso no rosto, fechou os olhos e balançou a cabeça de um lado para o outro, deixando claro que não era isso que ele queria.

Na sequência, passou os dedos delicadamente pela face da outra mocinha, secando-lhe as bochechas marcadas pelo fluxo de lágrimas e mostrando, ou ao menos procurando mostrar, que não estava ali para maltratá-las.

Arthur então pôs o vidro de bebida no criado-mudo e removeu as cobertas que jaziam por cima do travesseiro e do colchão.

Catou silenciosa e gentilmente a menina da esquerda. Descalçou as sapatilhas da mocinha e fê-la deitar sobre o leito. Antes de repetir o procedimento com a outra garota, sacou do corpo dela o casaquinho que contribuía para mantê-la aquecida e deixou-o próximo à garrafa de *raki*, também sobre a mesinha de cabeceira.

E com as duas meio que espremidas sobre a estreita cama de solteiro, Arthur estendeu por cima delas as cobertas.

Foi quando a dupla de molecas começou a compreender que aquele indivíduo ali que as resguardava do frio, diferentemente de outros

homens com os quais tiveram o dissabor de se depararem noutras oportunidades, não se aproveitaria delas.

— Tentem dormir um pouco. — sussurrou ele em inglês, mesmo sem ter a convicção de que seria entendido por elas.

E as meninas realmente não entenderam uma palavra do que ele havia dito... Porém, do tom de voz ameno daquele sujeito, veio a legitimação daquilo que elas até então só conjecturavam, a certeza de que não seriam violadas naquela noite.

Daí, o apavoramento que breava a alma foi pouco a pouco se convertendo numa relativa sensação de segurança. A tormenta tão intensa que castigava o mar pelo qual navegavam aquelas duas dava uma trégua e proporcionava a elas um inesperado período de bonança.

Trégua muito bem-vinda aliás, já que, a contar do momento em que foram arrancadas de suas famílias pelas mãos da Ofensiva algumas semanas atrás numa cidadezinha mais ao norte de Siirt, esta seria uma das raríssimas noites de calma experimentadas por aquela dupla de mocinhas...

Arthur, que não fazia a mínima ideia de como elas vieram a se tornar prisioneiras da IRON,

apossou-se novamente do litro de bebida e afastou-se até dar com as costas na porta do quarto.

Sentou-se.

Mesmo que contra a sua vontade, acabou imaginando num relance as barbaridades suportadas por aquelas pobres coitadas.

Enojado, desenroscou a tampa da garrafa e deu um trago no *raki*. A careta foi inevitável ao sentir o álcool contido naquela bebida descer queimando goela abaixo.

Ele não sabia o que o futuro reservava àquelas duas, por quanto tempo mais seriam mantidas como escravas da Ofensiva... Só sabia que por uma noite, naquela noite, no que dependesse dele, nada de ruim aconteceria a elas.

E este foi o fito de Arthur desde o início, o seu objetivo desde que viu a fila de garotas se formar minutos antes ao lado de Khalil: livrar quantas daquelas raparigas pudesse de mais uma noite de violência incessante e de abusos repetitivos.

Quisera ter tido a chance de fazer o mesmo pelas outras garotas...

Na verdade, até cogitou a possibilidade de agir diferente, de partir com unhas e dentes pra cima de todos os colegas residentes a fim de defender a

honra de todas as vinte moçoilas, todavia calculou com o pequeno intervalo que teve para raciocinar que se assim procedesse acabaria invariavelmente vencido pela maioria e, por conseguinte, não teria conseguido ajudar nenhuma daquelas meninas.

Difícil é tentar explicar o que leva um cara que já não se importava com absolutamente nada a se sensibilizar com o drama vivido por duas dezenas de escravas.

Talvez Arthur achasse que através de uma boa ação pudesse atenuar seus pecados e encurtar o castigo e a temporada que já lhe estavam garantidos lá pelos quintos do inferno depois que morresse, ou quem sabe ainda houvessem sobrado um punhado de decência e um pingo de compaixão pelo próximo em sua mente desvairada. Vai saber...

Deitadas na cama, envoltas em cobertas e naquela tal sensação de segurança, as meninas se permitiram sentir o cansaço do corpo. As pestanas foram pesando, os músculos relaxando, as respirações desacelerando... E com o transcorrer de poucos minutos, não houve outra solução senão entregaram-se ao sono.

Arthur, entre as goladas no bico da garrafa, ficou ali velando o quanto pôde o repouso das

desventuradas.

■ ■ ■ ■ ■

Finalzinho da madrugada.

Quando Arthur abriu os olhos, escutou os autofalantes do centro de treinamento emitirem as últimas palavras melodiosas de seu alarme despertador de todos os dias: o chamamento à oração da alvorada.

À sua frente, bem diante dos olhos, a garrafa de *raki*, quase pela metade, parcamente iluminada pela lâmpada elétrica do aposento que permanecera ligada por toda a extensão da noite.

Encontrava-se ele deitado no chão, junto à porta do quarto, de lado, com as pernas dobradas e as mãos recolhidas dentro dos bolsos de seu casaco. O xale pertencente a uma das meninas servia de última barreira contra o frio e a toalha de banho embolada de qualquer jeito sob a sua cabeça fazia as vezes de um travesseiro improvisado.

O engraçado é que ele não se recordava de ter vestido novamente aquele capote camuflado que fazia parte do uniforme da IRON. Coisas da bebida, né? O álcool entra, a memória sai...

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao colocar-se sentado, percebeu imediatamente a ressaca: boca seca, uma leve tontura, mal-estar, estômago revirado... em resumo, todos os sintomas clássicos que costumeiramente acometem aqueles que enchem a cara...

O torcicolo era o sinal de que o travesseiro que arranjava para si não fora lá muito adequado... Como contramedida ao incômodo cervical, alongou o pescoço demoradamente para um lado e depois para o outro.

Só então percebeu as mocinhas já acordadas, ainda meio que deitadas, encarando-o do alto da cama.

Apesar da indisposição fisiológica e moral, Arthur tentou ser simpático:

– Bom dia! – disse ele baixinho na língua inglesa com um sorriso agradável nos lábios.

As duas mantiveram-se caladas.

Mesmo confiantes das boas intenções daquele homem, espremeram-se uma na outra sobre o leito ao avistarem o sujeito se colocar de pé com o xale e a toalha pendendo num dos braços.

Acompanharam algo ressabiadas o indivíduo se aproximando.

Arthur, convencido de que insistir no diálogo

PERIGOSAS ACHERON

não adiantaria de nada, apenas retirou de cima delas as cobertas e, mudo, ofereceu-lhes a mão para se levantarem.

Ergueu as duas.

Devolveu o xale a quem pertencia. Na sequência, pegou o casaquinho sobre a mesinha de cabeceira e entregou-o à outra moçoila.

Enquanto aguardava as duas se agasalharem, ouviu a barriga de uma delas reclamar da fome.

Foi aí que ele percebeu a completude dos maus-tratos a que aquelas mocinhas estavam sendo submetidas! Além de usurpadas de suas casas e reduzidas a meros brinquedos sexuais, também devia fazer uma data que não viam um copo d'água ou um prato de comida...

O ronco abdominal que partira o coração de Arthur em vários pedaços e que fizera molhar levemente seus olhos ainda serviu para que ele enxergasse, por um breve instante, o panorama geral que o cercava por uma outra perspectiva... E como consequência direta dessa epifania, veio a constatação repentina de que os seus problemas pessoais eram ínfimos quando comparados aos daquelas meninas...

Diante da desgraça daquelas duas, tão jovens e

já tão sofridas, chegou a se sentir envergonhado por um dia ter se revoltado com o avanço irrefreável de sua doença. É... em vez de ter perdido tanto de seu tempo amaldiçoando os céus e buscando justificativas para aquela coisa toda de câncer, deveria era estar muito agradecido pela sorte que teve em sua vida...

Condoído pela tragédia alheia, Arthur resolveu, por conta própria, estender em alguns minutos o prazo que lhe fora concedido ao lado das mocinhas. Sabia que estava expirado o período de empréstimo, que estava na hora de restituí-las à custódia exclusiva da Ofensiva, porém precisava dar um mínimo de dignidade àquela dupla de meninas.

Toalha rependurada no armário, abriu a porta do quarto. Apagou a luz.

Brando, agarrou cada uma das garotas por um dos braços e levou-as ao banheiro na outra ponta do corredor.

Lá, deixou-as à vontade para usarem os vasos sanitários. Em seguida, enquanto as prisioneiras da IRON serviam-se das pias, Arthur aproveitou para entrar numa das cabines privativas do toalete e aliviar a bexiga.

Após lavar as mãos e jogar uma água no rosto, seguiu ele com as meninas pelo caminho que os conduziria ao exterior da edificação.

Ao saírem do prédio, boa parte dos residentes da unidade já se reunia mais à direita, defronte ao centro de comando, para a primeira prece do dia. Pegado àquela aglomeração de pessoas, o mesmo caminhão-baú que trouxera o bando de prisioneiras àquele centro de instrução.

Ao chegarem mais perto da multidão, Arthur já percebeu Khalil, com um sorriso largo no rosto, vindo em sua direção.

– Olha quem finalmente apareceu! Zero-Um e suas duas mulheres! – exclamou o comandante ao instrutor de Krav Maga. – Já ia mandar alguém procurar vocês lá no seu quarto! Só faltavam essas duas aí para o transporte partir para Zakho...

Arthur, nesses últimos quatro meses, temporada em que esteve alocado àquela unidade de treinamento, já tinha ouvido falar muito de Zakho... Na verdade, já tinha escutado esse nome várias vezes nas manchetes dos noticiários antes mesmo de perder um dos parafusos de sua cabeça e de decidir fugir de casa para se juntar à IRON. Tratava-se de uma cidade situada no extremo norte

do Iraque, a pouquíssimos quilômetros da fronteira com a Turquia e também bastante perto da divisa com a Síria, que fora palco de uma sangrenta batalha pelo poder alguns anos atrás e que desde então se achava sob o controle da Ofensiva, cidade esta que mais recentemente ganhou importância dentro do califado e que atualmente funcionava quase como uma capital para o território controlado pelo grupo extremista.

O chefe local continuou:

– E aí? Revigorado para o trabalho?

Só que esses últimos questionamentos de Khalil ficaram no vácuo... O instrutor de Krav Maga só conseguia pensar na informação que lhe foi transmitida pouco antes pelo seu superior hierárquico, a de que aquele veículo de carga por ali estacionado estava prestes a zarpar com as vinte meninas para Zakho.

Daí a indignação floresceu na mente de Arthur. Ele nunca viajara de Siirt para a tal cidade iraquiana, no entanto tinha plena noção da distância a ser vencida na jornada. Aquele trajeto demandaria de três horas e meia a quatro horas de estrada!

Tá bom... Falando desse jeito até que não parece tanto tempo assim... mas com certeza era

tempo de mais para um punhado de jovens sedentas e esfomeadas passarem confinadas na traseira de um caminhão!

– Elas precisam comer e beber alguma coisa antes de partir. – disse Arthur numa tentativa de atenuar o péssimo tratamento despendido às meninas.

Insensível às necessidades básicas das garotas, Khalil retrucou:

– Só leve essas duas aí pro caminhão... O pessoal de Zakho cuida disso quando elas chegarem por lá.

Atentando para não cruzar a linha tênue que separa a insistência da insubordinação, Arthur persistiu na argumentação em favor das pequenas:

– Senhor, nossas despensas estão cheias. Não fará diferença nenhuma pra gente se elas comerem alguma coisa antes da viagem...

– Já que não fará diferença nenhuma pra gente, então que as nossas despensas permaneçam cheias... – retrucou o homem sustentando o seu posicionamento diante da situação. – Leve-as lá para o caminhão.

– Mas, comandante, elas...

O líder da unidade, meio incomodado com

aquela persistência de Zero-Um, interrompeu o subalterno:

– Será que não fui claro? Não me obrigue a repetir. – replicou ele de modo firme e enfático, já totalmente desprovido daquele sorriso quase simpático que trazia há pouco nos lábios.

O recado estava dado: a referida linha da insubordinação estava prestes a ser rompida por Arthur. Se ele não quisesse começar o domingo caçando confusão para si mesmo, era melhor baixar aquela bandeira que hasteara em defesa das mancebas e tratar de acatar os dizeres da autoridade máxima do lugar.

E foi o que ele fez...

Sem emitir mais um pio, e contentando-se com o fato de ter conseguido ao menos resguardar as duas meninas que segurava pelos braços de mais uma noite de orgias forçadas, Arthur acenou afirmativamente a cabeça e guiou suas acompanhantes até a rabeira do caminhão.

Às portas do baú de carga, Murat, com a mesma cara enciumada da noite anterior, tomou as garotas da posse de Zero-Um e fê-las adentrar a carroceria do veículo, no qual já se amontoavam as outras dezoito meninas.

E o sujeito nem sequer esperou pela realização da primeira oração do dia. Já foi logo passando as trancas no baú do cargueiro e tomando assento atrás do volante do caminhão. Bateu a porta, deu partida no motor e, sem demora, acelerou o veículo rumo à saída do centro de instrução.

A Arthur restou dar o assunto das prisioneiras como encerrado, retomar o seu estado de apatia com o mundo e se alocar no pátio, junto aos demais colegas de IRON, para a reza da alvorada que estava para começar.

■ ■ ■ ■ ■

Mais de cinco meses se passaram desde o sumiço do filho tão querido! Conscientes de que Arthur dificilmente resistiria tanto tempo assim sem o tratamento adequado, os pais do desaparecido lutavam bravamente para sustentarem as esperanças de encontrá-lo com vida.

Rostos chorosos pelos cantos...

Somente quem já experimentou algo semelhante é capaz de dizer o quão dolorosa e torturante pode ser a total privação de notícias.

Qualquer novidade neste momento seria bem-

vinda, ainda que negativa... Claro que descobrir que Arthur estava vivo seria maravilhoso, indescritível! Mas agora, pai e mãe, diante da contundência dos fatos, talvez até já se contentassem em poderem simplesmente enterrar o rebento que seguia desaparecido...

Igualmente assolados pela situação, Gabriel e Teresa tentavam tapar o buraco provocado pela ausência do irmão caçula: ele envolvido nos preparativos para a iminente chegada de seu primeiro filho, ela aplicada ao exercício profissional e absorvida pelos cuidados ao seu casal de crianças e ao marido.

Amanda, depois desses exatos cento e cinquenta e seis dias de suplício, preparava-se para desocupar o *loft* e retornar para a casa de seus pais.

Não que ela tivesse perdido completamente a fé, desistido categoricamente do noivo ou algo do tipo... É que a moça percebeu que permanecer sozinha e envolta em expectativas naquele ambiente repleto de lembranças já não contribuía em nada para a sua sanidade física e psíquica.

Entretanto, a ideia da família de Arthur não era a de se desfazer, ao menos por enquanto, do contrato de aluguel do pequeno apartamento... Com

a saída de Amanda, o lugar ficaria fechado por um tempo, do jeitinho que Arthur havia largado, abrigando todos os pertences dele, aguardando as cenas dos próximos capítulos.

Na contramão do entendimento extremamente realista dos sogros, Amanda não se contentaria apenas em sepultar o corpo de seu amado. De alguma forma, ela sentia que Arthur ainda estava vivo e, embora bastante improvável, acreditava piamente num retorno milagroso do noivo...

CAPÍTULO 49 – À ESPERA DO INEVITÁVEL?

Ao longo do domingo e da segunda-feira, foram chegando ao centro de treinamento de Siirt os novos aprendizes de soldado. E na terça-feira logo cedo, iniciou-se o adestramento daquele grupo de duzentos e quarenta novatos.

Acordar antes de o sol raiar, dar umas aulas de Krav Maga, rezar, comer, dormir...

Arthur, que já havia abdicado inteiramente do projeto desatinado que o trouxera até ali, ia tocando a lida, repetindo-a dia após dia, à espera do inevitável.

A golada caprichada na garrafa de *raki* pela manhã era o combustível para seguir encarando a rotina.

Cansado, fraco e ainda por cima destituído de seus objetivos, o instrutor de luta foi se entregando à obscuridade que nos últimos tempos já vinha constrangendo o espírito.

E nisso, com duas semanas do reinício das atividades de ensino, Arthur finalmente chegou ao fundo do poço.

Esmorecimento máximo, mente vazia. O homem outrora tão dedicado às suas incumbências diárias agora se achava quebrantado e dominado pela letargia.

A essa altura do campeonato, já tinha ele esgotado inteiramente a garrafa de bebida.

Mal-estar quase constante, dores de cabeça lancinantes. De uma hora pra outra, os analgésicos, parceiros de longa data, deixavam de fazer o efeito esperado, mesmo que tomados em doses abusivas...

E nesse ritmo Arthur foi perambulando por mais alguns dias perdido nesse verdadeiro purgatório pessoal.

Só que na reta final daquele mês de março, quando nada mais parecia fazer sentido para ele, sobreveio algo que poderia causar uma reviravolta nessa história e reincendiar o ímpeto de Arthur...

■ ■ ■ ■ ■

Última quinta-feira de março.

O inverno já tinha se encerrado. O frio

persistia sim, mas, principalmente no período da tarde, já não era assim mais tão extremado.

O dia vinha transcorrendo daquele jeitinho ao qual Arthur já estava acostumado: oração ao nascer do sol, desjejum, quatro aulas para ministrar pela manhã, reza do meio-dia...

Durante o horário do almoço, refeitório lotado.

Prato de comida à mão, dividiu a mesa do canto do lonado com um bando de aquartelados.

Calado, Arthur se preocupava apenas em mandar sua ração pra dentro da barriga.

Sentado onde estava, pouco antes de terminar sua refeição, viu Neo entrar na cozinha do refeitório e, momentos depois, sair de lá todo apressado com uma marmita debaixo do braço. E a ligeireza do camarada se justificava: pressionado por resultados, precisava retornar o mais breve possível ao seu posto de trabalho.

E por falar em Neo, fazia algumas semanas que Arthur não batia um papo com o seu vizinho de quarto... Pra falar a verdade, o perito em computação nem podia mais ser chamado de vizinho pelo professor de Krav Maga. O *nerd* ruivo raramente passava a noite no aposento adjacente ao de Arthur... Bem mais de um mês atrás, Neo tinha

praticamente se mudado para o prédio do centro de comando num esforço desesperado de fazer funcionar com maior confiabilidade o sistema de comunicação que havia implementado.

Arthur estava ciente do perrengue pelo qual passava o colega de IRON, porém, totalmente desinteressado nos dilemas alheios, concluiu ele em seus pensamentos:

Fazer o quê? Cada um com seus problemas...

Terminado o almoço, levantou-se da mesa, depositou os utensílios que usou no local adequado e deixou a tenda do refeitório.

Logo que alcançou o lado de fora, percebeu a virada brusca do tempo.

Impressionante como que em pouco menos de trinta minutos, o céu preponderantemente azul fora tomado pela nebulosidade. Nuvens mais densas e cinzentas a leste dali e um ventinho maroto prenunciavam a tempestade que se encaminhava para aquela unidade.

Mesmo diante da certeza de que o aguaceiro não iria tardar, optou ele por não buscar a capa de chuva no seu quarto.

E daí se ficasse todo ensopado? E daí se com isso viesse a facilitar a chegada de uma gripe ou de

um resfriado?

O que é um peido pra quem já tá cagado?, ironizou Arthur por dentro, meio que zombando de si mesmo.

E então, sem medo de se molhar, Arthur virou à direita e se dirigiu para o local onde costumava lecionar as lições de Krav Maga.

Ao som de trovões ainda algo distantes, ficou por ali, cabeça baixa, aguardando a chegada de seus alunos.

Instantes mais tarde, Arthur deu início às atividades.

E foi justamente durante essa primeira aula vespertina de luta que se instaurou um entra e sai frenético naquele prediozinho situado aos fundos do centro de instrução.

Menos vigilante que o de costume ao ambiente que o cercava, Arthur só veio a perceber aquela movimentação no decorrer da aula subsequente. E quando percebeu, soube ele imediatamente que aquilo só poderia significar uma coisa: Siirt receberia muito em breve a visita de um dos grandes da IRON.

Sem motivo aparente, num lampejo, Arthur se lembrou daqueles cinco recrutas que em meados de

PERIGOSAS ACHERON

dezembro, ao final do ciclo de ensino do qual participaram, haviam sido escolhidos para regressarem aos seus países de origem e atuarem secretamente em benefício da Ofensiva. E essa referida lembrança promoveu no instrutor de Krav Maga uma autêntica revolução, daquelas somente vistas nas cenas finais de um filme ou no desenlace de um livro de ficção!

De repente, o que já estava esquecido voltava a figurar com tudo na cabeça de Arthur, o plano ora impossível de ser concluído subitamente tornava a ser viável!

Embora fisicamente depauperado e emocionalmente castigado, o professor de luta teve a sagacidade necessária para identificar em meio à total desesperança dos últimos dias a oportunidade que tanto buscava!

Sob as gotas inaugurais da chuva que até então só ameaçava desabar sobre aquela unidade de instrução, Arthur revisou mentalmente o postimeiro e decisivo passo de sua empreitada que acabava de lhe ocorrer.

Sim! Ainda dava pra correr atrás! Ainda não era tempo de se entregar!

O parecer positivo foi suficiente para Arthur

reaver o foco, para resgatar o pouco de brilho que semanas antes ainda tinha nos olhos!

Que se foda o cansaço! Teria bastante tempo para descansar depois que desse o seu derradeiro suspiro. Um descanso eterno, aliás...

Não havia mais um segundo a se perder! Se ele realmente desejasse fazer algo de útil com o que restava de sua vida, se quisesse de fato retomar o caminho que se propôs a trilhar e dar uma chacoalhada no mundo por intermédio da Ofensiva, tinha que se mexer... e já!

E assim sendo, Arthur dispensou seus alunos de imediato e se mandou dali a passos céleres e largos cruzando os pátios da unidade de instrução com destino à sala do líder daquela instituição.

Prédio do centro de comando, segundo andar.

Sem bater à porta, invadiu o gabinete de Khalil, que se surpreendeu com a inesperada visita de Zero-Um.

Acomodado à sua mesa, rodeado de papéis a serem analisados, o homem, tomado por uma expressão de estranheza, foi logo tratando de despachar de lá o seu subordinado:

– Péssima hora. Estou muito ocupado.

Arthur, ligeiramente ofegante após subir

correndo o lance de escadas que o conduzira àquele pavimento, retrucou mantendo um ar de seriedade em seu semblante:

– Tenho algo muito importante pra te falar.

– Você não deveria estar treinando os recrutas a uma hora dessas? – rebateu o comandante atendo-se à ideia de se desvencilhar o quanto antes de seu comandado.

– Deveria sim, mas esse assunto não pode esperar.

Khalil logo deduziu que o sujeito de pé à entrada de sua sala não lhe daria sossego antes de externar o que o trouxera até ali.

– E o que é tão importante assim que não pode esperar? – interpelou o homem vindo em seguida a apoiar os cotovelos sobre a mesa e a segurar o queixo barbado com as mãos.

Arthur então se aproximou de seu superior hierárquico e, sem nenhuma vacilação, anunciou:

– Quero voltar pra casa.

CAPÍTULO 50 – O PEDIDO

– Voltar pra casa? – repetiu o comandante em tom interrogativo, incrédulo, como se quisesse confirmar o que tinha acabado de escutar.

– Isso mesmo. Voltar pra casa. – ratificou Arthur transbordando convicção em suas palavras.

Khalil, abarcado pela perplexidade, reiterou a questão ao seu subordinado, dessa vez interessado em descobrir o que levou seu instrutor de luta a formalizar um pedido tão inusitado:

– Mas por que voltar pra casa?

– Sabe o que é, comandante? – disse Arthur dando a si mesmo a deixa para a explicação. – Estou morrendo... e hoje finalmente entendi o que preciso fazer com o tempo que ainda tenho. Quero voltar pra casa e cometer um atentado por lá em nome da Ofensiva!

– Como assim morrendo? – espantou-se Khalil preso ao primeiro trecho da justificação.

Foi quando Arthur resolveu colocar todas as

cartas na mesa e terminar de abrir o jogo ao líder da unidade de instrução.

O advento do câncer, o longo tratamento, a primeira recaída e a cirurgia; o prognóstico pessimista após a segunda recidiva, a fuga para Paris e o alistamento no grupo extremista; a chegada à Turquia, o trabalho em Siirt, o agravamento recente dos sintomas, notadamente a fraqueza e as dores de cabeça, e a certeza de que lhe sobravam pouquíssimos dias de vida... Tudo isso condensado em seu breve relato, sem se esquecer, é claro, de mencionar a vontade latente que sempre guardou dentro de si de perpetrar algo extraordinário que pudesse retumbar pelo planeta e que tivesse força para chocar e transformar o mundo.

— Dores de cabeça, né? Isso explica os analgésicos que você tem retirado com certa frequência na nossa farmácia. — ponderou Khalil depois de escutar toda a fundamentação apresentada por seu subalterno para aquele pleito de regresso ao lar. — Tava dando mesmo pra ver nessas últimas semanas que tinha algo errado com você... Só não entendi por que não me contou antes dessa doença! Temos vários médicos no califado...

Poderíamos ter tentando te transferir para um lugar onde pudesse ser tratado!

– Como eu disse, no momento que me alistei, o câncer já estava num estágio muito avançado. Quando cheguei aqui, eu já sabia que não tinha mais nada a ser feito pra reverter o meu caso.

– Ainda assim poderíamos ter providenciado medicamentos mais apropriados para aliviar o seu sofrimento. – alegou Khalil.

– É... talvez pudessem ter providenciado... – concordou Arthur. – Mas agora não adianta chorar pelo leite derramado. Não dá mais pra mudar o passado... O que me interessa agora é saber se você me autoriza a voltar e a cumprir o destino que escolhi pra mim. Quero fazer um estrago realmente grandioso que ficará marcado pra sempre na história da humanidade e principalmente na história da IRON!

– Voltando pra casa ou não, pelo que você tá me dizendo aí, parece que muito em breve terei um desfalque no quadro de instrutores do meu centro de treinamento. – inferiu o chefe local já preocupado em avaliar o efeito prático de toda aquela novidade para a unidade sob sua responsabilidade. – Pelo visto, de um jeito ou de

outro, terei que arrumar alguém pro seu lugar.

Após um instante de reflexão, o comandante continuou:

– Apesar de essa sua vontade se encaixar perfeitamente numa estratégia mais global da Ofensiva, a de levar a insegurança e o medo a qualquer parte do mundo, não cabe a mim esse tipo de decisão... O que posso fazer por você é encaminhar essa conversa à cúpula da Ofensiva e ver o que eles acham dessa sua intenção.

– Agradeço se puder dar prioridade a esse assunto. Não sei quanto tempo mais posso esperar. Se eu realmente for voltar, preciso voltar o mais rápido possível. – proferiu Arthur reafirmando a gravidade de sua situação.

E o homem que com todo aquele papo de transferência para tratamento e de obtenção de remédios mais adequados a amenizar o padecimento chegou até a demonstrar certo apreço pelo subordinado de pé à sua frente mudou subitamente de comportamento:

– Tá... tá... Já entendi a urgência do seu pedido. Te aviso quando eu tiver um veredicto dos caras. – enunciou Khalil meio sem paciência. – Agora saia e volte às suas obrigações... Tenho

muito o que fazer até amanhã. – determinou ele na sequência pondo um ponto-final àquela reunião.

Arthur, que já não tinha outros argumentos a acrescentar a fim de embasar sua reivindicação, sujeitou-se à ordem de seu superior e deu meia-volta. Sem saber se seu pedido efetivamente extrapolava a alçada do comandante ou se tudo aquilo não se passava de um artifício de Khalil para indeferir sua solicitação, caminhou em direção à porta.

Antes porém que ele deixasse aquele gabinete, sobreveio uma última inquirição do dirigente:

– Não me lembro se já te perguntei isso, mas de onde você é mesmo?

Arthur então se virou novamente em direção ao mandachuva local e, absolutamente desprovido do receio que tinha até bem pouco tempo atrás, fez a outrora impensável revelação.

E a resposta dita ali por Arthur foi de encher os olhos da autoridade máxima daquela instituição...

CAPÍTULO 51 – A HORA DA VERDADE

Ao vislumbrar, bem no começo da sexta-feira, um punhado de soldados armados rondando o prediozinho aos fundos da unidade de Siirt, Arthur não teve dúvidas: um dos figurões da IRON havia chegado ao centro de treinamento durante a última madrugada.

Daí, tomando como certa a sua ilação, o instrutor de luta logo imaginou que Khalil, que não apareceu no pátio àquele dia para a prece da alvorada, já devia estar entocado no tal prediozinho junto com a honorável visita, prestando contas de sua administração, atualizando metas e debatendo os inumeráveis problemas da Ofensiva.

Torcendo para que seu comandante não se esquecesse de colocar em pauta o pedido de retorno à terra natal que fizera na véspera, Arthur ficou por ali, observando de longe toda a movimentação enquanto lecionava suas aulas de Krav Maga, PERIGOSAS ACHERON

vivendo a expectativa de topar a qualquer momento com Khalil e de, quem sabe, receber através dele um parecer favorável por parte da cúpula da IRON para o seu requerimento.

E a referida expectativa por uma resposta fez o dia transcorrer bastante devagar...

No período da manhã, que para Arthur durou quase que uma eternidade, vaivém de lacaios naquela edificação mais isolada, mas nada de Khalil, o capataz da unidade, se desenfurnar de lá de dentro...

À tarde, olhos ainda atentos e a mesmíssima morosidade na passagem do tempo... A cada lição de luta ensinada, a cada instrução transmitida aos alunos, uma espiadela nada discreta rumo àquela construção que ocupava o canto sudeste do centro de treinamento.

Até que no decorrer da penúltima aula do dia, numa dessas olhadelas, Arthur finalmente avistou quem ele tanto queria! Mesmo de longe, por conta da barba avantajada, já sabia que o sujeito que vinha caminhando lá de trás se tratava de Khalil.

E então, pra não perder a chance de abordar seu comandante, Arthur largou seus alunos se digladiando e deslocou-se alguns passos para o

lado, colocando-se no caminho de seu superior hierárquico.

O instrutor seguiu observando Khalil por cerca de um minuto, até que os diversos metros existentes entre eles se reduzissem a quase zero.

A fisionomia fechada e carrancuda de Khalil, típica de quem não está tendo um dia dos mais agradáveis, não impediu que Arthur interpelasse o chefe da unidade:

– Boa tarde, comandante. – disse ele sem deixar transparecer a ansiedade que o consumia desde cedo. – Alguma novidade sobre a nossa conversa de ontem?

E a pergunta de Arthur fazia total sentido... Se o fito do dirigente fosse realmente o de honrar o combinado e encaminhar o pleito de seu subordinado à liderança da Ofensiva, tivera ele uma excelente oportunidade para fazê-lo nessas várias horas em que esteve reunido com um dos cabeças do grupo fundamentalista.

Khalil, que tinha às mãos dois gordos envelopes de papel Kraft e à cintura o coldre com sua inseparável arma calibre nove milímetros, interrompeu sua marcha para dar a resposta a Zero-Um:

– Tenho sim. – disse ele preservando a feição sisuda no rosto.

Olhos do professor de Krav Maga arregalados! O barbudão havia de fato comentado com a diretoria da IRON a respeito do desígnio de Arthur!

E aí? Pleito aprovado ou rejeitado? Regresso assentido ou negado? Hora da verdade!

– Termine suas aulas de hoje e arrume suas malas. Os caras concordaram com seu retorno pra casa. – informou o comandante com seu costumeiro sotaque árabe. – Você parte amanhã de manhã cedo, mas não sem antes participar de uma reunião com a chefia e ouvir algumas recomendações para o bom andamento dessa sua iniciativa pró-Ofensiva.

Arthur não só encheu-se de júbilo com a informação que lhe fora dada como também tomou um susto com a proximidade da data ali declarada:

– Amanhã? – questionou o preceptor de luta naquela mistura de aprazimento com estupefação.

Não que ele estivesse amarelando de seguir adiante com o seu plano... Não era isso! O caso é que Arthur só agora se conscientizava do pouquíssimo espaço de tempo que disporia para se preparar para a etapa final de sua empreitada, etapa

PERIGOSAS NACIONAIS

esta que, em caso de sucesso, seria recheada de feitos truculentos e de condutas extremadas...

– Sim... Amanhã! – confirmou o comandante.

– Você não tinha pressa pra voltar?

– Ainda tenho! Só não esperava que tudo fosse acontecer assim tão rápido! – exclamou Arthur prontamente procurando dirimir qualquer hesitação que pudesse ter deixado escapar. – Aliás, obrigado por tratar do assunto.

Desinteressado nos agradecimentos, Khalil prosseguiu com mais um punhado de orientações:

– Acorde no horário habitual amanhã e se apronte. Faça sua oração da alvorada dentro do quarto mesmo e aguarde por lá. Quando tudo estiver pronto pra você participar da reunião, mando alguém te buscar.

– Ok. – falou Arthur demonstrando que havia entendido tudo o que lhe fora dito.

Antes de virar as costas e se mandar dali, o comandante completou:

– Seu café da manhã será com a gente amanhã... E vê se já traz a sua mala. Você parte em seguida pra Ancara.

■ ■ ■ ■ ■

PERIGOSAS ACHERON

E os minutos que até então vinham se arrastando, de repente mudaram de compasso e tomaram um ritmo acelerado.

Absorto em seus pensamentos desde que recebera da boca de Khalil a notícia da reunião com a chefia e de sua iminente partida de Siirt, Arthur nem sentiu o restante do dia passar.

A derradeira aula de Krav Maga, a oração logo após o pôr do sol, o asseamento diário no vestiário, o lanche sob a tenda do refeitório, a prece noturna no pátio, que encerrava oficialmente o expediente de atividades da unidade... Quando deu por si, já estava trancado lá pelas nove da noite no interior do seu quarto.

O momento era o de empacotar suas tralhas.

Abriu as portas do guarda-roupa, pegou sua mochila, a fiel companheira de viagem. Pousou-a sobre a cama, arreganhou a maior de suas divisórias e, vagaroso, foi entulhando-a com o que lhe pertencia.

Calças jeans, camisetas de malha, boné, casaco de frio e os demais itens que subtraíra dos armários de casa antes de iniciar sua jornada; cachecol, luvas e moletom cinza, apetrechos comprados em Paris para enfrentar as temperaturas

mais geladas... Em resumo, tudo o que já possuía antes de ingressar na Ofensiva, tudo dobrado e atochado naquela seção da mochila.

Durante esse processo de arrumação, meio distraído matutando como se desenrolaria o seu encontro com um dos grandes do grupo, Arthur acabou enfiando na bagagem algumas peças do kit de uniformes que recebera da IRON que estavam dando sopa nas prateleiras do roupeiro metálico: duas blusas beges de mangas compridas, meias, cuecas, uma calça camuflada...

A dificuldade que enfrentou para fechar os zíperes do maior dos compartimentos da mochila era a evidência de que chegara àquele centro de treinamento com muito menos coisas do que levaria embora consigo, só que, ainda aéreo, nem atinou para isso.

Sem espaço para o tênis azul-marinho de detalhes alaranjados que abrigou seus pés do instante que fugira de casa até os primeiros dias de Turquia, apanhou o par de calçados e amarrou-o pelos cadarços na alça de cima da mochila.

Conferiu a divisória menor. Óculos escuros, carteira com alguns trocados, carregador do *smartphone*, fones de ouvido, chaves do *loft* em

que costumava morar...

Chamou-lhe a atenção o celular largado fora de um dos bolsinhos internos deste compartimento da mochila, local no qual acreditava que o tinha guardado. Pelo mesmíssimo motivo, também estranhou o lugar em que achou a chave do escaninho do aeroporto de Ancara, aquele que alugara numa das lojas do saguão do referido aeródromo a fim de ocultar grande parte de seu dinheiro e a totalidade de seus documentos...

As suspeitas de Arthur de fato faziam sentido ou estaria ele manifestando a tal confusão mental listada meses atrás pela Dra. Julia, sua antiga oncologista, como um dos possíveis sintomas decorrentes de seu tumor cerebral? Difícil dizer...

Sem saco para ficar ponderando a respeito de chave e celular e dado o agravamento recente de sua condição de saúde, Arthur preferiu assumir a hipótese do novo sintoma, que a princípio lhe pareceu mais coerente, a ficar ali perdendo seu tempo com detalhes tão pequenos.

Feçou o zíper do repartimento menor da mochila encerrando o ritual de arrumação das malas.

Restaram nas prateleiras do guarda-roupas

apenas as vestimentas que julgou descartáveis à próxima fase do seu plano, bem como, separados num canto, a faca, devidamente acondicionada em sua bainha de nylon, e o capuz preto utilizados por ele na execução de um dos desertores da IRON.

Tudo pronto, cerrou as portas do armário.

Descalçou as botinas dos pés, desvestiu o casaco da Ofensiva e deixou-os de lado. Mochila transferida para o chão, apagou a luz do quarto.

Esticou-se na cama, meteu-se sob as cobertas e permaneceu ali deitado, angustiado, esperando a chegada do sábado.

CAPÍTULO 52 – BEIJO DE JUDAS

Acordou mais uma vez naquele quarto apertado e abafado. Desejou que essa fosse a derradeira vez que tivesse dormido ali. E realmente seria se tudo o que estava planejado para aquele dia desse certo. Também seria a última se tudo desse errado...

Ainda faltavam alguns minutos para o nascer do sol. Do lado de fora, os autofalantes já entoavam o melodioso e usual chamado para a oração.

Desabrigou-se das cobertas que resguardavam seu corpo do frio ainda meio imoderado que acometia as primeiras noites da primavera naquela região.

Sentou-se no colchão, plantou os pés sobre o chão.

Em vez de fazer funcionar a lâmpada elétrica que pendia do teto por um par de fios, optou por abrir a primeira gaveta do móvel contíguo e valer-

PERIGOSAS NACIONAIS

se de uma caixa de fósforos para acender o pavio de uma vela. Feito isso, com o lume numa das mãos, andou em direção à pia improvisada.

Já de frente para o conjunto formado por bacia e tamborete, olhou para o espelho diante dele, pendurado na parede por um prego e um pedaço de arame.

Não mais reconhecia a pessoa ali refletida. Era um rosto magro, de olhos cansados e rodeados por olheiras pronunciadas, de barba alongada e mal cuidada que não via havia pouco mais de cinco meses um aparador ou uma navalha, rosto que em nada lembrava o homem que já tinha sido um dia. Estava tão mudado que não ficaria surpreso se sua própria mãe não o reconhecesse mais. Sua aparência definhada indicava que o fim de fato estava próximo...

Tinha que agir de imediato! Não haveria outra chance! Se não agarrasse aquela oportunidade, se resolvesse adiar por qualquer razão a última etapa de sua empreitada, correria o risco de a sua estada naquele local não ter valido de nada...

Os autofalantes externos àquele cômodo emudeceram.

Despejou então uma boa quantidade de água

PERIGOSAS ACHERON

na bacia. Devolvida a jarra ao lugar de onde a havia retirado, inclinou o corpo para o lado, deu três pingos de cera quente sobre uma das quinas da mesinha de cabeceira e afixou ali a base da vela num movimento rápido.

Molhou o rosto e em seguida os cabelos, penteando-os para trás com as pontas dos dedos.

Nesse instante percebeu que a luz do sol começava a entrar pela pequenina janela basculante que havia quase junto ao teto do diminuto aposento, mais precisamente a uns oitenta centímetros acima do espelho.

Como tinha abandonado sua toalha de banho no vestiário na noite passada, secou as mãos ainda úmidas na blusa que usava.

Diferentemente dos outros dias, não se encaminhou para o pátio a fim de participar da prece da alvorada. Seguindo as ordens de seu comandante, apenas colocou-se mais ao centro do cômodo e iniciou por ali mesmo, dentro do quarto, quase que por força do hábito, a reza inerente àquele horário.

Vinha desenvolvendo meio que mecanicamente todo o ritual de oração, até que de repente, quando prostrado sobre o piso, substituiu

as súplicas que se acostumou a proferir pelas imagens das pessoas que outrora deixara para trás e que foram, e de alguma forma continuavam sendo, tão importantes para ele: o pai e a mãe, o irmão e a irmã, os sobrinhos, os amigos, a noiva tão querida... Sabia, desde que embarcara nessa loucura, que jamais os veria novamente, que aquele era um caminho sem volta.

A saudade, que andava reprimida pela violência que protagonizara algumas semanas antes, e também pelo pesaroso estado de espírito experimentado por ele nos últimos dias, libertava-se das amarras e agora regressava com tudo! Sentiu os olhos lacrimejarem debaixo das pálpebras, mas segurou a vontade de chorar...

Ali curvado no meio do aposento, viajando nas lembranças e completamente absorvido pelos seus pensamentos, chegou a perder a noção do tempo. Dez, quinze minutos ou talvez até um pouco mais tivessem se passado sem que ele notasse.

Foi quando batidas na porta o trouxeram de volta à dura realidade.

– Tá na hora! – disse alguém pelo lado de fora.
Levantou-se em silêncio.

Vestiu seu agasalho bege de detalhes

camuflados.

Calçou suas botinas e, enquanto amarrava os cadarços, ouviu novas batidas na porta.

– Já tô saindo. – respondeu ele.

Sem se apressar, abriu o armário.

Arregaçou para cima a barra direita da calça que vestia.

Pegou a faca que repousava numa das prateleiras do minguado guarda-roupa, aquela mesma faca que pelas mãos dele já tinha visto algum sangue em sua lâmina, e escondeu-a, inserida em sua bainha de nylon, por dentro do cano da botina, na parte interna do pé. Ato contínuo, cobriu o cabo da arma branca com a barra da calça que havia suspenso.

Tirou do interior do roupeiro o capuz preto, utilizado uma única vez por ele, e ficou ali por alguns segundos segurando-o entre seus dedos. Largá-lo para trás ou levá-lo junto consigo? Não sabia muito bem o que fazer com aquilo...

Sem querer perder mais tempo com uma decisão tão sem importância, simplesmente tacou o tal objeto de tecido que tinha nas mãos dentro do bolso lateral de sua calça.

Tudo pronto para partir!

Catou então sua mochila do chão, abarrotada com suas tralhas, e dependurou-a nas costas.

Imediatamente depois de apagar a chama da vela com a ponta dos dedos, seguiu em direção à porta.

Pousou sua mão sobre a maçaneta, fechou os olhos. Respirou profundamente, como se estivesse a ponto de pular em um abismo.

Vencido o breve momento de autoencorajamento, ciente de que se sacrificaria pelo bem maior, destravou o trinco e puxou a porta.

Escoltado por um soldado da IRON, Arthur seguiu por corredores e escadas até ganhar o exterior daquele prédio que desde o mês de novembro do ano anterior lhe servia de abrigo.

Avançaram os dois pelo pátio, rumo à parte posterior do centro de treinamento. Deixaram para trás o galpão do maquinário e, na sequência, o refeitório, que àquele horário se achava tomado por recrutas e também pelo pessoal operacional.

Pernadas aguerridas e decididas, mãos agarradas na altura do peito às alças da mochila.

À frente, o sol imperava majestoso no céu, ainda relativamente próximo ao horizonte.

Firme na caminhada, Arthur cerrou as

PERIGOSAS NACIONAIS

pálpebras e curtiu por um instante os raios do astro rei tocando e acalorando sua face.

Olhos reabertos, mirou o firmamento acima de sua cabeça e deparou-se com o que talvez fosse o azul celeste mais profundo e intenso que ele tivesse visto em toda a sua vida. Nenhuma nuvem no céu, nenhum resquício da chuva que dois dias antes caíra sobre aquela unidade de instrução da Ofensiva.

E a mente que vinha sendo dominada por sentimentos dos mais torpes e pessimistas subitamente tornou-se vazia...

Maravilhado por aquela vastidão azul, sorriu como há muitos séculos não fazia... um sorriso espontâneo e sincero que apesar de não extrapolar para o lado de fora trouxe uma bem-vinda leveza para o lado de dentro.

Todavia, não era hora para aquela ou para qualquer outra espécie de distração! Estava prestes a se encontrar com um dos líderes do grupo extremista! Precisava reaver a concentração que aquela ocasião exigia!

Baixou então o olhar e passou a encarar o local para o qual ele e o seu acompanhante de marcha se dirigiam.

PERIGOSAS ACHERON

Soldados armados reforçavam a segurança daquele prediozinho mais afastado que servia de hospedaria ao altíssimo escalão da IRON. Próximo à porta de entrada do lugar, encostados na traseira de um carro de passeio por ali estacionado, Khalil e Murat desenrolavam um bate-papo, bate-papo este que se deu por encerrado assim que Arthur e a sua escolta se juntaram a eles.

Em seguida aos breves cumprimentos, Khalil noticiou a Arthur algo que ele já havia imaginado:

– Depois do seu compromisso, Murat será seu motorista até a cidade de Ancara.

– Espero que dessa vez sem tiros na travessia e sem explosões no aeroporto... – retrucou Arthur ironicamente.

Sem dar muita trela ao colega, Murat abriu o porta-malas do veículo adjacente e interpelou:

– Isso é tudo que vai levar?

– É sim. – respondeu Arthur referindo-se à mochila que trazia consigo.

No exato momento em que Arthur retiraria a mochila das costas com o intuito de guardá-la no porta-malas do carro, Khalil interveio no diálogo recém-instaurado entre seus comandados:

– E você pretende viajar assim? – contestou

ele fitando a farda da Ofensiva trajada por Zero-Um. – Vai dar problema se forem parados na estrada por alguém fora do esquema.

Só aí o cidadão que ocupava até o dia anterior o cargo de instrutor de Krav Maga naquele centro de treinamento reparou que o motorista escalado para o trajeto não estava vestido com o uniforme da IRON.

A verdade é que Arthur não estava nem um pouco preocupado com a tal viagem em si e acabou não atinando para esse tipo de particularidade, no entanto concordou prontamente que não seria muito inteligente se um militante da IRON cruzasse vários e vários quilômetros de rodovias da Turquia vestido daquele jeito...

– Trouxe alguma roupa civil aí na sua bagagem? – perguntou o líder da unidade.

Arthur, sem graça com a mancada, chacoalhou a cabeça pra cima e pra baixo.

– Então venha com a mochila. – determinou o comandante. – Quando acabar a reunião, você já troca de roupa lá dentro pra ganhar tempo. – complementou o homem puxando Zero-Um pelo ombro a fim de conduzi-lo ao interior do prediozinho contíguo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Caminharam os dois, Khalil e Arthur, os poucos metros necessários para alcançarem a entrada daquela edificação.

Após ceder passagem para seu subalterno adentrar a porta, o líder da instituição virou-se para trás e enfatizou:

— Já sabem que não queremos ser incomodados!

E tão logo obteve as respostas positivas de Murat e do soldado que conduzira Zero-Um até ali, Khalil entrou no prediozinho e fechou a porta.

■ ■ ■ ■ ■

Do lado de dentro, um corredor não muito extenso cortava o prediozinho de uma ponta à outra. Uma janela basculante ao final daquele primeiro trecho do corredor, bastante semelhante à que havia no quarto de Arthur, trazia alguma luz ao ambiente.

A princípio, interior muito parecido com o das demais edificações daquele centro de instrução: as paredes brancas, o piso liso e acinzentado, o estilo das portas...

Arthur foi seguindo seu comandante.

PERIGOSAS ACHERON

Passaram direto pela escada que à direita, logo no início daquele corredor, ligava o andar térreo ao pavimento superior. Três portas à esquerda e uma outra no flanco oposto também ficaram para trás.

Chegando na já mencionada janela basculante, dobraram à direita e, três ou quatro metros depois, à direita de novo.

E para o assombro de Arthur, deram com uma escada que, ao contrário da primeira que avistara naquele prediozinho, apontava para baixo.

Estavam eles na iminência de descerem a um andar subterrâneo, andar este até então totalmente desconhecido de Arthur e do qual jamais tinha escutado sequer um comentário! Contudo, a existência de um pavimento abaixo do nível do solo não seria nem de longe a maior das surpresas reservadas para Arthur naquele início de manhã...

A partir dali, luzes artificiais ajudavam a quebrar a escuridão do restante do percurso.

– Não costumamos usar o porão nas visitas da chefia ao nosso centro de treinamento, mas dessa vez foi necessário... – confidenciou o comandante mesmo sem ser questionado.

No andar inferior, já vencidos os lances de degraus, a corriqueira alvenaria pintada de branco

cedia espaço a paredes nuas de concreto armado.

À frente deles, naquela espécie de antessala, uma porta de aço reforçado. Antes porém que se aproximassem dela, Khalil segurou Zero-Um pelo braço e dirigiu-lhe algumas rápidas orientações:

– De agora em diante, não fale nada a não ser que lhe seja perguntado... Seja objetivo. Nada de gracinhas ou ironias. Senso de humor não é o forte desses caras...

“*Caras*”?, indagou-se Arthur em seus pensamentos, admirado com o emprego do plural naquela palavra em particular. Será que ele teria a sorte de se reunir com mais de um dos cabeças da Ofensiva?

Concluído o *briefing*, Khalil sacou de um dos bolsos da calça um molho de chaves e, enquanto se abeirava da porta, selecionou uma delas. Inseriu-a na fechadura, girou-a no sentido anti-horário e garantiu o acesso dele próprio e de seu comandado ao cômodo fortificado.

Entraram os dois.

O lugar era um legítimo *bunker*. Toda a estrutura que alojava aqueles trinta e cinco ou talvez quarenta metros quadrados era feita em concreto: piso, paredes, teto...

Nenhuma janela. A aeração do ambiente ficava a cargo de dois vultosos dutos metálicos, um funcionando como ventilador e o outro como exaustor, instalados em paredes opostas do recinto. Lâmpadas fluorescentes distribuídas pelo teto forneciam a iluminação adequada.

Em síntese, um sofá de três lugares, um armário de tamanho mediano, uma ampla mesa retangular rodeada de cadeiras e um beliche, idêntico aos encontrados nos alojamentos dos recrutas, mobiliavam a área.

Num dos cantos, perto de um pequeno banheiro inacabado, achavam-se estocados alguns galões d'água e um punhado de pacotes de comida desidratada.

Mal ingressou na caixa de concreto, Arthur constatou a presença de três indivíduos no local. À esquerda de quem entra, um rosto conhecido: Neo. O perito em computadores estava de pé por ali, acompanhado de uma câmera de vídeo montada sobre um tripé. À direita, sentados à mesa, em cujo tampo bandejas com o café da manhã, notebook, vários papéis e alguns maços de dinheiro se misturavam entre si, dois sujeitos, um vestido todo de branco e o outro inteiramente de preto, atentos à

movimentação junto à porta do aposento.

Arthur ainda não tinha reconhecido quem eram aqueles dois homens barbudos de túnica e turbante, mas já sabia que a dupla até então não identificada justificava a utilização do plural tão chamativo na última frase dita pelo seu comandante.

Quase que ignorando a existência de Neo por ali, Khalil guiou Zero-Um à direita, rumo aos indivíduos acomodados à mesa.

Tão logo aqueles dois elementos se colocaram de pé, Arthur identificou um deles, o de branco, como sendo o vice-líder da Ofensiva, Mustafa Assad. O de preto, apesar de estranhamente familiar, seguiu por mais alguns décimos de segundo sem ser relacionado a um nome pelo especialista em Krav Maga.

Foi quando, de repente, veio o estalo!

Arthur ficou pálido!

Como pôde ele levar tanto tempo para reconhecer uma pessoa assim tão notável?

O sujeito de preto à sua frente era nada mais nada menos que Jamal Aziz, figura recorrente nas manchetes dos jornais mundiais no último quadriênio, o número um da IRON e prócere

absoluto de todo o califado!

O frio na espinha foi inevitável!

Putá merda! Jamal Aziz!, estupefez-se Arthur em seus pensamentos.

Khalil tinha razão... Tendo em vista tão ilustre visita, o uso do tal “porão” realmente se fazia necessário naquela ocasião específica. Todo cuidado era pouco quando se tratava da segurança do chefe supremo da Ofensiva! Jamal Aziz estaria significativamente mais protegido ali dentro daquele abrigo em caso de uma investida inimiga. Ou não...

Quando suficientemente próximos, Comandante Khalil procedeu com as apresentações:

– Senhores, esse é o nosso instrutor de luta de quem lhes falei ontem. – disse ele primeiro em árabe, idioma em que seus superiores hierárquicos preferiam se comunicar, para na sequência vir a usar a língua inglesa. – Zero-Um, estes são Jamal Aziz, o líder do califado, e Mustafa Assad, que já esteve com a gente no final do ano passado.

Arthur, visivelmente alvoroçado diante de uma personalidade de tamanha grandeza, ficou ali parado, meio sem reação.

Aziz por sua vez, ciente da inação que normalmente causava nas pessoas num primeiro encontro devido ao cargo de destaque que possuía na IRON, tomou a iniciativa de cumprimentar o subordinado que lhe fora apresentado.

E o cumprimento não se limitou a um simples e formal aperto de mão. O maioral do grupo extremista fez questão de dar um beijo em cada lado do rosto de seu subalterno, do mesmo modo que faria ao saudar qualquer uma das autoridades mais destacadas da Ofensiva, beijos estes devidamente retribuídos por Arthur.

Assad não demonstrou tanto apreço assim pelo instrutor daquela instituição de ensino e ofereceu-lhe apenas o aperto de mão.

Finalizadas as apresentações e as medidas entre eles, o número um e o número dois da Ofensiva se ajeitaram nas cadeiras que ocupavam anteriormente. Já Khalil e Arthur deram a volta para o outro flanco da mesa.

Mochila deixada no chão, Arthur tomou assento, tendo o Comandante Khalil acomodado à sua esquerda, a dupla de figurões à sua frente e Neo mais ao fundo, ainda de pé, quase junto à parede.

No instante em que daria início àquela

reunião, Khalil notou a bobeadas que cometera. Não muito habituado às medidas de segurança mais rigorosas que ele próprio se propôs a seguir em virtude da presença de Jamal Aziz por ali, acabou largando a porta do *bunker* aberta.

A fim de corrigir sua falha, o comandante do centro de treinamento olhou para Neo e ordenou-lhe que a porta do lugar fosse fechada.

Solícito, ou talvez sem outra opção, o ruivo *expert* em computação e em sistemas de comunicação, que, tal qual acontecera na última visita de Mustafa Assad àquela unidade de instrução, fora convocado à presente reunião para operar a câmara filmadora e registrar em vídeo o depoimento de um membro do grupo em favor da Ofensiva, acenou positivamente a cabeça.

E enquanto Neo se deslocava para cumprir a ordem que lhe fora dada, Arthur cruzou a perna direita sobre a esquerda e apoiou ambas as mãos sobre o tornozelo. Sentindo o cabo de sua faca sob a palma da mão direita, por baixo da barra da calça, analisou rapidamente a postura e o grau de atenção dos homens que com ele estavam sentados à mesa, bem como o nível de ameaça que cada um deles representava.

Concluído o brevíssimo diagnóstico do cenário ao seu redor, respirou fundo mais uma vez, exatamente como fizera minutos atrás, pouco antes de sair do seu quarto.

Porta do *bunker* cerrada.

Reencontrada dentro do peito a coragem que evocara mais cedo, Arthur se concentrou em seu objetivo. E então, mantendo em mente pais, irmãos e a noiva tão amada, e também todos aqueles com quem se importava e que motivavam de alguma maneira aquela sua jornada amalucada, transfigurou os beijos que dera no rosto de Jamal Aziz em legítimos beijos de Judas e atirou-se totalmente desprovido de receios dentro do abismo.

EPÍLOGO (TERROR AO TERROR)

Meio da tarde.

Pregada numa das várias portas de uma das maternidades da cidade, a plaquetinha de uma cegonha com o nome do bebê recém-chegado registrava a carinhosa homenagem: “ARTHUR”.

Gabriel e Sophia, respectivamente os mais novos papai e mamãe do pedaço, recebiam com bastante alegria algumas visitas dentro daquele quarto.

Ele, meio desnorteado com a novidade, sorriso prazenteiro e constante nos lábios, sentava-se no sofá ao lado de seu pai, que revezava olhares entre a tevê e o netinho neonato. Ela, cercada pela sogra, por uma de suas irmãs e também por Amanda, que àquele minuto carregava a criança no colo, achava-se deitada na cama, plena e satisfeita, ainda recuperando-se do parto.

Decerto, o nascimento do bochechudinho era
PERIGOSAS ACHERON

um alento para aquela família que vinha amargando ininterruptamente por tão longos meses o desaparecimento de um de seus membros. Claro que a chegada de um não tapava o vazio deixado pelo outro dentro do peito... Nada aliás seria capaz de fazê-lo... Mas o inebriante acontecimento servia para trazer alguma paz de espírito, para distrair os corações aflitos, ao menos por um momento...

Vinham eles nesse clima agradável até que a interrupção repentina na programação do canal em que estava sintonizada a televisão surrupiou de vez a atenção do vovô paterno.

Uma das âncoras do telejornalismo da emissora entrou ao vivo trazendo uma informação em primeiríssima mão. Disse ela:

“O porta-voz da Aliança Mundial Antiterrorismo, Christopher Johnson, em pronunciamento feito agora há pouco diretamente da sede da entidade, na Bélgica, acaba de confirmar a morte de Jamal Aziz, líder da Ofensiva Radical Islâmica, e de seu sucessor imediato, Mustafa Assad, o que encerra a caçada a dois dos nomes mais procurados do mundo. O fato já é considerado o mais duro golpe sofrido pela IRON em toda a sua história e põe em xeque a continuidade do grupo

extremista mais ativo e violento dos últimos tempos...”

O pai de Gabriel, atônito, deixou escapar pela boca o ceticismo com aquilo que acabava de escutar:

– Não acredito...

Curioso com o que poderia ter arrancado tais palavras de seu pai, Gabriel também voltou sua atenção rumo à televisão pendurada a meia altura, defronte à cama, numa das paredes do aposento.

Letras brancas rolavam sobre uma tarja preta no canto inferior da tela do aparelho destacando a principal manchete do dia à medida que a jornalista seguia com a notícia:

“...Um vídeo divulgado recentemente na internet, cuja autenticidade foi atestada pelas agências de inteligência alemã e norte-americana, fundamentou a afirmação de Johnson.

No vídeo, um homem encapuzado e ainda não identificado, que alega ter se infiltrado no grupo, manda um recado ao mundo pouco antes de executar os líderes da IRON...”

– Caraca! – exclamou Gabriel logo após roubar o controle remoto da mão de seu pai. – Alguém finalmente pegou esses caras! – completou

ele já de pé aumentando o volume do televisor.

A relevância daquela notícia ficou evidente a todos ali quando Gabriel, ignorando completamente o apelo que lhe foi feito por sua mãe para manejar com o som da tevê, puxou sua genitora pelo ombro para mais perto do aparelho. Daí então, Sophia e sua irmã também se prenderam à fala da teleapresentadora.

Amanda, na contramão dos demais adultos presentes naquele quarto, preocupada apenas em minimizar o desconforto que o som meio alto da televisão provocava no bebê que tinha no colo, virou-se de costas para a TV e acalentou a criancinha em seus braços.

Àquele instante, a âncora fazia aos espectadores do canal um breve resumo do que poderia ser visto em seguida no tal vídeo.

“...Jamal Aziz e Mustafa Assad aparecem de frente para a câmera, em primeiro plano, ajoelhados, amordaçados e com as mãos aparentemente amarradas às costas, enquanto o carrasco, de pé atrás deles, manda o seu recado.

Um terceiro homem, identificado pelas autoridades como Mohammed Khalil, reputado militante da IRON que também teria sido morto

pelo justiceiro misterioso, também aparece nas imagens.

Como poderão perceber, traduções e legendas não se fazem necessárias, pois a gravação foi toda feita na língua inglesa.

Vamos acompanhar...”

E nisso o referido vídeo começou a rodar...

Na tela, agora com toda a riqueza de detalhes, a exata cena que a jornalista da emissora acabara de relatar:

“Tá filmando?”, questiona o sujeito encapuzado, de agasalho e calça bege-camuflados, que ostenta uma faca meio ensanguentada numa das mãos e uma pistola nove milímetros na outra.

“Tá sim...”, responde alguém por trás da câmera.

“Vamo lá então...”, enuncia o cidadão se colocando bem atrás dos dois homens ajoelhados.

O indivíduo guarda a arma de fogo semiautomática na cintura e começa o seu discurso.

“Estou aqui hoje com os dois homens mais importantes na cadeia de comando da IRON: Jamal Aziz e Mustafa Assad... Ali na frente...”, diz ele apontando a faca para o chão, “...está o corpo de um dos encarregados por treinar soldados para a

Ofensiva, chamado por aqui de Comandante Khalil...”

A câmera é retirada de seu apoio e levada até o rosto do cadáver estendido no piso.

Nesse instante, por motivos óbvios, a imagem foi intencionalmente desfocada pelo canal de tevê.

“Aproveita e dá um *close* nesses aqui também...”, exige o homem de capuz preto.

O cinegrafista obedece a determinação e se aproxima dos dois elementos amordaçados. Aziz, o número um da IRON, ainda com seu turbante preto sobre a cabeça, resignado, encara as lentes da filmadora pelo tempo em que o equipamento de gravação lhe é apontado. Já Assad, cabelos desarrumados, supercílio cortado e face levemente amassada, como se tivesse acabado de levar umas porradas, vira o rosto para o lado incomodado pelo forte *flash* da câmera.

O comportamento arredo do vice-líder do califado faz com que ele tenha os cabelos segurados pelo encapuzado, que em seguida o obriga a também encarar a câmera.

O recado continua assim que a máquina de gravação recua e é reposicionada em sua base de filmagem:

PERIGOSAS NACIONAIS

“Sob as ordens desses dois aqui, a Ofensiva tem feito coisas horríveis a fim de atingir os seus objetivos. Sob o comando desses aqui, a Ofensiva vem espalhando o medo pelo mundo nesses últimos anos... Bombas, ataques armados, execuções, atropelamentos, atentados...

Já estava passando da hora disso tudo acabar... e foi justamente por isso que resolvi dar um jeito de me alistar na Ofensiva...”

E aquela voz que vinha da televisão foi atravessando aos poucos os ouvidos e entrando devagarzinho na cabeça de Amanda... Aquele timbre, aquele jeitinho de falar... tudo parecia tão estranhamente familiar...

Ainda de costas para a TV, a moça que ninava o bebê em seu colo começou a prestar atenção no discurso que irrompia das caixas de som do aparelho e que reverberava pelo quarto.

“...Não foi da noite pro dia... Esperei muito pelo momento certo chegar...

Depois do que vou fazer, acho que muitos tentarão repetir meus passos. Depois de hoje, tenho certeza que a Ofensiva nunca mais vai recrutar outra pessoa sem temer pelo seu futuro...

Sei que violência só gera mais violência, sei

PERIGOSAS ACHERON

que o método que escolhi não é o mais adequado, e por isso peço que não me julguem... Só tô tentando livrar a humanidade dessa ameaça maldita... só tô tentando fazer minha parte pra mudar o mundo...”

Foi quando Amanda arregalou os olhos toda assustada. Aquela última frase dita pelo justiceiro misterioso acertou os seus tímpanos como se fosse uma pedrada!

Será possível?, questionou-se ela em seus pensamentos.

A tal frase era praticamente a marca registrada dos discursos politicamente corretos do seu noivo há muito desaparecido!

E por conta disso, subitamente, a mente dela viajou nas memórias e revisitou as inúmeras ocasiões em que escutara da boca de Arthur frase similar àquela!

Sim, era plenamente possível!

E a partir daí não teve mais jeito... Amanda acabou relacionando definitivamente a voz do amor da sua vida à daquele sujeito!

Virou-se ela vagorosamente. Cravou seus olhos na tevê completamente pálida, como se estivesse de frente para um fantasma!

Respiração acelerada... Os músculos se

enrijeceram e já não respondiam mais aos comandos de embalar a criança que amparava em seus braços! Acompanhou ela os segundos finais da reprodução daquele vídeo estática feito uma estátua!

“Chegou a hora de fazer história!”, proclama o homem arrancando o turbante preto de cima da cabeça de Jamal Aziz.

Mão esquerda segurando o queixo do número um da Ofensiva, faca empunhada sob a barba do sujeito.

“Chegou a hora de fazer aqueles que amedrontam o mundo sentirem medo... chegou a hora de trazer terror ao terror!”, encerra ele seu discurso em meio à imagem novamente desfocada do televisor.

Amanda, impelida por um turbilhão de sentimentos, quase convicta da conclusão que arroubou seus pensamentos, gritou numa entonação predominantemente interrogativa, a plenos pulmões, o nome do seu amor:

– ARTHUR?

PERIGOSAS NACIONAIS

FIM

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

♥♥♥ Gostou do livro? Recomende a um amigo!



PERIGOSAS ACHERON